

O livro que inspirou o musical da Broadway

WICKED

A história
não contada
das Bruxas
de OZ

GREGORY
MAGUIRE

LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica Copyright © 1995, by Gregory Maguire Tradução para Língua Portuguesa © 2016, LeYa Editora Ltda., Tatiana Leão Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original: Wicked – The Life and Times of the Wicked Witch of the West
Preparação

Gabriel Demasi e Beatriz Sarlo

Revisão

Oliveira Editorial

Ilustrações: Douglas Smith

Capa: Rafael Nobre|Babilônia Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua
CRB-8/7057

Maguire, Gregory

Wicked: a história não contada das Bruxas de Oz / Gregory Maguire ; tradução de Tatiana Leão. – São Paulo : LeYa, 2016.

Título original: Wicked – the Life and Times of the Wicked Witch of the West
ISBN: 9789722059930

1. Literatura norte-americana 2. Contos de fada I. Título II. Leão, Tatiana
16-0239 CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana

Todos os direitos reservados à LEYA EDITORA LTDA.

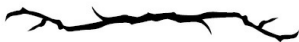
Av. Angélica, 2318 – 13º andar

01228-200 – São Paulo – SP

www.leya.com.br

WICKED

a história não contada
das Bruxas de Oz



GREGORY MAGUIRE

Tradução de Tatiana Leão



Este livro é dedicado a Betty Levin e a todos aqueles que me ensinaram a amar e temer a benevolência

*

É por demais estranho que os Homens apreciem tanto serem considerados mais malvados do que são.

– DANIEL DEFOE, *A SYSTEM OF MAGICK*

*

Nos eventos históricos, os – assim chamados – grandes homens nada são além de rótulos, cuja utilidade é dar um nome a um evento e, como rótulos, apresentam uma relação remota com o evento em si. Cada uma das ações deles, ainda que lhes pareça um ato nascido do seu próprio livre-arbítrio, de modo nenhum é voluntária em um sentido histórico, sendo, em contrapartida, aprisionada a todo o decorrer da história anterior a ela e nele predestinado por toda a eternidade.

– LEON NIKOLAEVICH TOLSTÓI, *GUERRA E PAZ*

*

E a cabeça respondeu:

– Pois bem, vou lhe dar a minha resposta. Você só pode me pedir que mande você de volta para o Kansas se fizer uma coisa para mim em troca. No meu país,

todo mundo precisa pagar pelo que recebe. Se quer que eu use o meu poder mágico para mandar você de volta para casa, antes precisa fazer uma coisa para mim. Se você me ajudar, eu ajudo você.

– E o que eu preciso fazer? – perguntou a menina.

– Matar a Bruxa Má do Oeste – respondeu Oz.

– L. FRANK BAUM, O MÁGICO DE OZ

PRÓLOGO

NA ESTRADA DE TIJOLOS AMARELOS

Aum quilômetro acima de Oz, a Bruxa se equilibrava no vento intenso como se fosse um pontinho verde da própria terra, que flutuava e era arremessada pelo ar turbulento. Nuvens de verão carregadas, brancas e roxas, se amontoavam em torno dela. Lá embaixo, a Estrada de Tijolos Amarelos se recurvava em torno de si mesma, como um laço frouxo. Embora as tempestades de inverno e as ferramentas dos agitadores tivessem danificado a estrada, ela continuava a rumar, incansável, à Cidade das Esmeraldas. A Bruxa conseguia observar os companheiros que marchavam com dificuldade, contornavam as partes tortuosas, ultrapassavam valas e saltitavam quando o caminho estava livre. Pareciam alheios ao destino deles, mas não cabia à Bruxa esclarecê-los quanto a isso.

Ela usava a vassoura como uma espécie de corrimão e descia do céu como um de seus macacos voadores. A descida acabou no galho mais alto de um salgueiro negro. Logo abaixo, escondida pelas folhas, sua presa havia parado para descansar. Rasteira e silenciosa, a Bruxa desceu aos poucos, agilmente, até ficar a meros seis metros acima deles. O vento agitava os ramos trepidantes da árvore. A Bruxa observou, prestando atenção.

Havia quatro deles. Ela podia ver um tipo de gato enorme – era um Leão, não era? – e um lenhador fulgurante. O Homem de Lata catava pulgas na juba do Leão e o felino resmungava e se contorcia, irritado. Um espantalho empolgado estava recostado próximo dali, enquanto soprava dentes-de-leão ao vento. Não dava para ver a menina, que estava oculta por trás do véu oscilante do salgueiro.

– É claro que, se levarmos em conta o que dizem, ela é a irmã que sobreviveu e ficou louca – disse o Leão. – Que bruxa. Psicologicamente deformada, possuída por demônios. Insana. Uma figura desagradável.

– Ela foi castrada ao nascer – respondeu o Homem de Lata. – Nasceu hermafrodita ou, quem sabe, completamente masculina.

– Ah, você vê castração por todos os lados – retrucou o Leão.

– Estou só repetindo o que as pessoas dizem – defendeu-se o Homem de Lata.

– Todo mundo tem direito a ter uma opinião – continuou o Leão alegremente. – Privaram a Bruxa do amor materno, como ouvi dizer. Foi uma

criança maltratada. Era viciada nos remédios que usava para tratar seu problema de pele.

– Ela foi infeliz no amor – falou o Homem de Lata. – Como todos nós. – O Homem de Lata fez uma pausa e colocou a mão no peitoral, como se estivesse angustiado.

– É uma mulher que prefere a companhia de outras mulheres – disse o Espantalho enquanto se sentava.

– Ela é a amante desprezada de um homem casado.

– Ela é um homem casado.

A Bruxa ficou tão atordoada que quase soltou o galho que segurava. A coisa com que ela menos se importava era fofoca. No entanto, esteve isolada por tanto tempo que ficou estarecida com as opiniões enérgicas daquelas criaturas insignificantes.

– Ela é uma déspota. Uma tirana perigosa – opinou o Leão, com convicção.

O Homem de Lata puxou um cacho da juba com mais força do que o necessário.

– Tudo é perigoso para você, seu medroso. Ouvi dizer que ela é uma senhora governanta para aqueles seres, os chamados winkies.

– Seja lá quem ela for, certamente deve estar de luto pela morte da irmã – disse a criança, com uma voz de desconsolo sofisticada demais, sincera demais para alguém tão jovem. A pele da bruxa ficou toda arrepiada.

– Não me venha sentir compaixão agora. Eu não consigo. – O Homem de Lata torceu o nariz, um tanto cínico.

– Mas Dorothy tem razão. Ninguém está livre do sofrimento – disse o Espantalho.

A Bruxa estava profundamente irritada com aquelas especulações condescendentes. Ela se remexia em cima do tronco da árvore e se esticava para espiar a criança. O vento começou a ficar mais forte e o Espantalho estremeceu. Enquanto o Homem de Lata continuava a zelar pelos cachos do Leão, se recostou nele, que o abraçou carinhosamente.

– Tempestade no horizonte – falou o Espantalho.

A quilômetros dali, um trovão ressoou.

– Tem... uma... Bruxa no horizonte – disse o Homem de Lata enquanto fazia cócegas no Leão. O animal ficou assustado e rolou para cima do Espantalho, choramingando, e o Homem de Lata desabou em cima de ambos.

– Queridos amigos, será que devemos tomar cuidado com essa tempestade? – quis saber a menina.

Os ventos crescentes finalmente movimentaram a cortina de vegetação e a bruxa avistou a menina. Ela estava sentada, com os pés enfiados debaixo de si e os braços em volta dos joelhos. Não era uma criatura graciosa, e sim uma menina de fazenda um tanto crescida, vestida de xadrez azul e branco e um avental. No colo dela, um cãozinho ordinário se encolhia e choramingava.

– A tempestade deixa as pessoas ariscas. Nada mais natural, depois do que você passou – comentou o Homem de Lata. – Relaxe.

Os dedos da Bruxa afundaram na casca da árvore. Ela ainda não conseguia ver o rosto da menina, somente os braços fortes e a nuca, onde o cabelo escuro

estava amarrado em maria-chiquinhas. Será que deveria levar a garota a sério ou seria ela apenas uma semente de dente-de-leão soprada para o lado errado pelo vento? Sentiu que saberia se conseguisse ver o rosto dela.

Mas, enquanto a Bruxa esticava o pescoço agarrada ao tronco, a menina girou o rosto ao mesmo tempo e se virou.

– Essa tempestade está se aproximando, e bem depressa. – O receio na voz dela crescia conforme o vento aumentava. Era uma veemência gutural, como a de alguém que argumenta diante da ameaça de lágrimas iminentes. – Eu conheço as tempestades, sei como elas pegam a gente!

– Nós estamos mais protegidos aqui – avisou o Homem de Lata.

– Claro que não estamos – respondeu a menina –, pois esta árvore é o ponto mais alto daqui e, se cair um raio, vai ser aqui. – Ela agarrou o cachorro. – Não vimos uma choupana mais adiante na estrada? Vamos, vamos. Espantalho, se cair um raio, você vai queimar mais rápido que todos nós! Vamos lá!

Ela já estava correndo, um tanto desajeitada, e seus companheiros a seguiram em pânico crescente. Enquanto caíam as primeiras gotas grossas de chuva, a Bruxa avistou não o rosto da menina, mas os sapatos. Os sapatos da irmã da Bruxa. Eles cintilavam, mesmo no entardecer. Brilhavam como diamantes amarelos e brasas de sangue e estrelas farpadas.

Se tivesse visto os sapatos primeiro, nunca teria sido capaz de prestar atenção na menina ou nos amigos dela. No entanto, as pernas da garota estavam escondidas debaixo da saia. Agora, a Bruxa se recordava da própria necessidade. Os sapatos tinham de ser dela! Ela não tinha padecido o suficiente, não os merecia? Cairia do céu em cima da menina e lutaria para tirar os sapatos daqueles pés impertinentes, se possível.

No entanto, a tempestade da qual os companheiros fugiam, cada vez mais rápido avançando pela Estrada de Tijolos Amarelos, preocupava mais a Bruxa do que a menina, que tinha encarado muita chuva, e o Espantalho a quem um raio poderia queimar. A Bruxa não poderia se aventurar em uma umidade tão odiosa e penetrante. Em vez disso, teve de se encolher entre algumas raízes expostas do salgueiro negro, onde água nenhuma poderia ameaçá-la, e esperar a tempestade passar.

Ela renasceria. Sempre renasceu. O clima político sofrido de Oz a abateu, a ressecou, a descartou – como uma semente, ela pairou a esmo, aparentemente seca demais para criar raízes, mas a maldição recairia no mundo de Oz, e não sobre ela. Embora Oz tivesse dado a ela uma vida árdua, tinha também a tornado independente, não tinha?

Não se importava que fugissem às pressas. Ela podia esperar. Eles se encontrariam novamente.



I

Munchkins

A RAIZDO MAL

Deitada na cama amarrotada, a esposa disse:

– Acho que é hoje o dia. Veja como a minha barriga está baixa.

– Hoje? Seria a sua cara, perversa e inconveniente – provocou o marido, de pé na porta e contemplando o lado de fora, o lago, os campos, as encostas arborizadas mais adiante. Ele mal conseguia enxergar as chaminés de Margens Agitadas, de onde emanava a fumaça do preparo do café da manhã. – O pior momento possível para o meu sacerdócio. Como era de se esperar.

A mulher bocejou.

– Não há muita escolha nesse caso, pelo que ouvi falar. O corpo fica deste tamanho e toma conta de tudo; se não consegue acomodá-lo, queridinha, é melhor simplesmente sair do caminho. Ele segue seu próprio caminho e nada vai detê-lo agora. – Ela levantou a cabeça e tentou ver por cima da protuberância da barriga. – Eu me sinto uma refém de mim mesma. Ou do bebê.

– Treine um pouco de autocontrole. – Ele veio até ela para ajudá-la a se sentar. – Pense nisso como um exercício espiritual. A tutela dos sentidos. Contenção corporal, bem como ética.

– Autocontrole? – Ela riu enquanto avançava aos poucos até a beirada da cama. – Eu não tenho mais nenhuma autonomia. Sou apenas um hospedeiro para o parasita. Onde está o meu eu, afinal? Onde deixei aquela coisa velha e desgastada?

– Pense em mim. – O tom dele havia mudado; ele falava sério.

– Frex – interrompeu ela –, quando o vulcão estiver pronto, sacerdote nenhum no mundo vai conseguir silenciá-lo, nem com reza forte.

– O que os meus camaradas sacerdotes vão pensar?

– Eles vão se reunir e dizer: “Irmão Frexpar, você permitiu que sua esposa desse à luz seu primeiro filho quando tinha um problema da comunidade a resolver? Que falta de consideração da sua parte. Isto demonstra uma ausência de autoridade. Você está demitido.” – Agora ela zombava dele, pois não havia ninguém para demiti-lo. O bispo mais próximo ficava distante demais para prestar atenção às idiossincrasias de um clérigo unionista que mora no fim do mundo.

– É que o momento é muito ruim, só isso.

– Eu realmente acho que você tem metade da culpa pelo momento. Quero dizer, no fim das contas, Frex...

– A lógica é mesmo esta, mas eu me pergunto...

– Você se pergunta? – Ela riu, jogando a cabeça para trás.

A linha que ia da orelha até o côncavo abaixo da garganta dela fazia Frex lembrar uma elegante concha de prata. Mesmo no desleixo matinal, com uma barriga que se parecia com uma barça, ela estava majestosamente bonita. O cabelo tinha o brilho de folhas de carvalho molhadas, reluzindo ao sol. Ele a acusava de ter nascido em berço de ouro e admirava os esforços dela para superar esse fato – e, ainda assim, a amava.

– Você quis dizer que se pergunta se é o pai – ela agarrou a cabeceira da cama e Frex segurou o outro braço e a endireitou com dificuldade – ou questiona a paternidade dos homens em geral? – Ela se levantou, imensa, uma ilha ambulante. Enquanto saía pela porta a passos de tartaruga, riu de tal ideia. Ele conseguia ouvi-la rir do lado de fora mesmo enquanto começava a se vestir para a labuta.

Frex penteou a barba e passou óleo no couro cabeludo. Passou uma fivela de osso e couro cru por cima do cabelo e prendeu as extremidades na nuca, como uma tiara, para manter o cabelo longe do rosto, porque hoje as expressões faciais dele tinham de ser identificáveis à distância: não poderia haver imprecisão quanto ao que ele queria dizer. Aplicou um pouco de pó de carvão nas sobrancelhas, para escurecê-las, um borrão de cera vermelha nas bochechas achatadas. Coloriu os lábios. Um sacerdote bonito atraía mais penitentes do que um mais desprezível.

No quintal dos fundos da cozinha, Melena flutuava, não com a gravidade normal da gravidez, mas como se estivesse inflada, um enorme balão que arrastava suas cordas pela sujeira. Carregava uma frigideira em uma mão e alguns ovos e maços finos de cebolinha outonal na outra. Cantarolava sozinha e em frases curtas. Frex não deveria ouvi-la.

Com o traje sóbrio abotoado até o colarinho, as sandálias amarradas por cima das calças justas, Frex tirou do esconderijo – embaixo de uma cômoda – o relatório que um camarada sacerdote, morador da aldeia de Três Árvores Mortas, enviara para ele. Ele escondeu as páginas marrons dentro da faixa. Ele as tinha mantido escondidas da esposa por temer que ela quisesse acompanhá-lo – para ver qual era a graça, se fosse divertido, ou para sofrer de emoção, se fosse aterrador.

Enquanto Frex respirava fundo e preparava os pulmões para um dia de discurso, Melena balançava uma colher de pau na frigideira e mexia os ovos. O tilintar dos sinos pendurados no pescoço das vacas ressoou por todo o lago. Ela não os ouviu, ou melhor, ouviu outra coisa, algo dentro dela. Era um som sem melodia, como a música dos sonhos, que é lembrada por seus efeitos, mas não pelos intervalos e reviravoltas da sua harmonia. Ela imaginava que era a criança dentro dela, a cantar de felicidade. Sabia que o menino gostaria de cantar.

Melena ouviu Frex lá dentro, começando a improvisar, se aquecendo, trazendo à mente as frases de efeito da sua argumentação, se convencendo novamente da própria retidão.

O que dizia mesmo aquele provérbio, o que Babá cantava para ela, anos atrás, no berçário?

*Nascido na madrugada,
Tragédia não anunciada;
Filho da tardinha,
Selvagem criancinha;
Ao cair da noite nascido,
Um luto garantido;
O bebê de uma noite
É como o da madrugada.*

Mas ela se lembrava da canção como uma anedota, com carinho. A infelicidade é o fim natural da vida, mas, ainda assim, continuamos a ter filhos.

“Não”, dizia Babá, um eco na mente de Melena (e influenciado pela impressão dela, como sempre), “não, não, sua garotinha atrevida e mimada. Nós não continuamos a ter bebês, é bem evidente. Só temos bebês quando somos jovens o suficiente para não saber o quanto a vida pode ficar sombria. Depois que entendemos a dimensão real da situação – somos lentas para aprender, nós, mulheres –, ressecamos de desgosto e, sensatamente, estancamos a produção”.

“Porém, os homens não ressecam”, contestou Melena. “Eles podem ter filhos até morrer.”

“Ah, nós somos lentas para aprender”, retrucou Babá. “Mas eles não conseguem aprender de jeito nenhum.”

– Café da manhã – avisou Melena enquanto despejava os ovos em um prato de madeira. O filho dela não seria tão sem graça quanto a maioria dos homens. Ela o educaria para desafiar o avanço inexorável da infelicidade.

– Este é um momento de crise para a nossa sociedade – recitou Frex. Para um homem que condenava os prazeres mundanos, ele comia com bastante elegância. Ela adorava ver o arabesco dos dedos e dos dois garfos. Melena suspeitava que, por trás daquele ascetismo virtuoso, ele possuía um desejo oculto por uma vida cômoda.

– Todos os dias há uma grande crise para a nossa sociedade. – Ela estava sendo insolente ao respondê-lo nos termos que os homens usam. Pobre criatura estúpida, ele não ouviu a ironia na voz dela.

– Estamos diante de uma encruzilhada. A idolatria se agiganta. Os valores tradicionais estão em perigo. A verdade está encurralada e a virtude, abandonada.

Ele não estava conversando com ela, mas sim ensaiando o discurso contra o espetáculo de violência e magia que estava para chegar. Havia um lado em Frex que beirava o desespero; diferente da maioria dos homens, ele era capaz de canalizá-lo para favorecer o trabalho da sua vida. Com alguma dificuldade, ela se sentou em um banco. Refrãos inteiros eram entoados, sem palavras, dentro da cabeça dela! Será que isso era normal em todos os trabalhos de parto? Ela gostaria de perguntar às intrometidas mulheres locais que chegariam esta tarde e murmurariam, de modo tímido, sobre a sua condição. No entanto, não se atreveria. Ela não tinha como perder seu lindo sotaque, que as mulheres

consideravam afetado, mas poderia evitar soar ignorante quanto a essas questões básicas.

Frex percebeu o silêncio dela.

– Você não está zangada por eu deixá-la sozinha hoje?

– Zangada? – Ela levantou as sobrancelhas, como se nunca tivesse esbarrado com este conceito antes.

– A história rasteja nas pernas vacilantes de insignificantes vidas individuais – disse Frex –, e, ao mesmo tempo, enormes forças eternas convergem. Não é possível estar em ambas as arenas simultaneamente.

– Nosso filho pode não ter uma vida insignificante.

– Agora não é hora de discutir. Você quer me distrair do santo trabalho de hoje? Estamos enfrentando a presença do verdadeiro mal em Margens Agitadas. Eu não conseguiria perdoar a mim mesmo se ignorasse isso. – Ele falava sério e com a tal intensidade que a fez se apaixonar por ele, mas ela o odiava por isso também, é claro.

– Ameaças acontecem; sempre. – A última palavra dela sobre o assunto. – O seu filho só vai nascer uma vez e, se estas reviravoltas líquidas aqui dentro servirem de sinal, acho que vai ser hoje.

– Vamos ter outros filhos.

Ela se virou para que ele não visse a fúria em seu rosto.

No entanto, Melena não conseguia ficar furiosa com ele por muito tempo. Talvez essa fosse a fraqueza moral dela. (Via de regra, ela não era muito dada a se preocupar com fraquezas morais. Ter um sacerdote como marido parecia tumultuar pensamentos religiosos o suficiente para um casal.) Sombriamente, ela caiu em silêncio. Frex mordiscava a refeição.

– É o diabo – disse Frex com um suspiro. – O diabo está próximo.

– Não diga uma coisa dessas no dia em que nosso filho está para nascer!

– Estou falando da tentação em Margens Agitadas! E você sabe o que quero dizer, Melena!

– Palavras são palavras e o que foi dito está dito! – respondeu ela. – Eu não exijo o monopólio da sua atenção, Frex, mas preciso de um pouco dela! – Com um estrondo, ela deixou a frigideira cair no banco que ficava encostado na parede do casebre.

– Bem, e, da mesma maneira, o que você acha que vou enfrentar hoje? Como posso convencer o meu rebanho a se afastar do espetáculo espalhafatoso da idolatria? Provavelmente, vou voltar esta noite depois de ser derrotado por uma atração mais espirituosa. Hoje, você pode conquistar um filho. O que antevejo para mim é o fracasso. – Ainda assim, conforme ele falava, parecia orgulhoso. Fracassar por causa de uma elevada preocupação moral era bastante gratificante para ele. Como comparar isso à carne, ao sangue, à sujeira e ao estardalhaço de dar à luz um bebê?

Por fim, ele se pôs de pé para ir embora. Agora, um vento pairava sobre o lago e borrava, no ponto mais alto, as colunas de fumaça que vinham da cozinha. Elas se pareciam, pensou Melena, com fios de água que descem escorrendo nos ralos, em espirais estreitas e concentradas.

– Fique bem, meu amor – disse Frex, embora exibisse, da cabeça aos pés, a

máscara austera que usava em público.

– Sim. – Melena suspirou. A criança a golpeava lá no fundo, e ela teria de correr para o banheiro de novo. – Seja sacro e meu pensamento vai estar com você, minha espinha dorsal, meu escudo. E também tente não ser assassinado.

– Que seja feita a vontade do Deus Inominável.

– A minha vontade também – disse ela em uma blasfêmia.

– Concentre a sua vontade naquilo que a merece – respondeu ele. Agora ele era o sacerdote e ela, a pecadora, uma dinâmica que ela, pessoalmente, não apreciava.

– Até breve – despediu-se Melena, e preferiu o fedor e o alívio do banheiro em vez de ficar ali e acenar até que ele sumisse de vista, em sua marcha pela estrada que levava a Margens Agitadas.

O RELÓGIO DO DRAGÃO DO TEMPO

Frex estava mais preocupado com Melena do que ela imaginava. Ele parou na cabana do primeiro pescador que avistou e conversou com o homem, diante da porta entreaberta. Será que uma ou duas moças poderiam passar o dia e, se necessário, a noite, com Melena? Seria muito gentil da parte delas. Frex acenou com a cabeça em uma rápida expressão de gratidão e reconheceu, sem precisar de palavras, que Melena não era bem-vista por aquelas bandas.

Portanto, antes de continuar a contornar Águas Podres para chegar a Margens Agitadas, ele parou perto de uma árvore caída e tirou duas cartas da faixa que carregava.

Quem as escreveu foi um primo distante de Frex, também sacerdote. Semanas antes, o primo tinha gastado seus valiosos tempo e tinta para descrever o que estava sendo chamado de Relógio do Dragão do Tempo. Frex se preparou para a campanha sacra do dia com a releitura do texto a respeito do idolatrado relógio.

Escrevo às pressas, Irmão Frexpar, para manifestar minhas impressões antes que elas desapareçam.

O Relógio do Dragão do Tempo se encontra em cima de um vagão e é tão alto quanto uma girafa. É nada mais do que um teatro cambaleante, improvisado, com vãos e proscênios em arco em todos os quatro lados. No telhado plano há um dragão mecânico, uma invenção de couro pintado de verde, garras prateadas, olhos de rubi lapidados. A pele é composta pela sobreposição de centenas de discos de cobre, bronze e ferro. Sob as dobras flexíveis das escamas, há uma armadura controlada mecanicamente. O Dragão do Tempo gira no próprio pedestal, flexiona as asas coriáceas e curtas (elas emitem um som parecido com o de um fole), e arrota bolas sulfúricas de uma fedentina laranja e flamejante.

Abaixo dele, em destaque nas dezenas de portas, janelas e varandas, há fantoches, marionetes, bonecos. Criaturas do folclore popular. Caricaturas tanto de camponeses quanto da realeza. Animais e fadas e santos – santos da nossa união, Irmão Frexpar, roubados debaixo de nossos narizes! Eu fico furioso. As figuras se movem sobre rodas dentadas. Elas rolam para entrar e sair das

portas. Dobram na cintura, dançam, se demoram e fazem baderna umas com as outras.

Quem havia engendrado este Dragão do Tempo, este oráculo falso, esta ferramenta de propaganda política para a maldade que desafiou o poder do unionismo e do Deus Inominável? Quem manipulava o relógio eram um anão e alguns subordinados de cintura fina que pareciam ter capacidade cerebral suficiente apenas para passar um chapéu. Quem mais se beneficiava com isso além do anão e dos jovens meramente decorativos?

A segunda carta do primo advertia que o relógio estava abrindo caminho próximo a Margens Agitadas. Ela contava uma história mais específica.

A diversão começou com um dedilhar de cordas e um chocallar de ossos. A multidão se aproximou aos empurrões, impressionada. Dentro da janela iluminada que servia de palco, vimos uma cama de casal, e, nela, fantoches de uma esposa e um marido. O marido estava dormindo e a esposa suspirou. Ela fez um movimento com as mãos talhadas para dar a entender que o tamanho diminuto do marido era decepcionante. O público explodiu em gritinhos e risadas. A esposa-fantoches foi dormir. Quando ela estava roncando, o marido-fantoches saiu furtivamente da cama.

A esta altura, o Dragão girou na base e apontou as garras para a multidão a fim de indicar – sem sombra de dúvida – um humilde escavador chamado Grine, que sempre fora um marido fiel, ainda que desatento. Em seguida, o Dragão recuou e estendeu dois dedos em um gesto convidativo, isolando uma viúva chamada Letta e sua filha, uma donzela de dentes encavalados. A multidão se calou e se afastou de Grine, Letta e da donzela ruborizada, como se eles tivessem sido subitamente infligidos com feridas purulentas.

O Dragão parou de novo, mas cobriu com uma asa outro arco, cuja luz se acendeu para revelar o marido-fantoches a vagar no meio da noite. Uma viúva-fantoches surgiu, com o cabelo enfeitado e vestida com cores berrantes, enquanto arrastava a filha de dentes podres, que protestava. A viúva beijou o marido-fantoches e tirou a calça de couro dele. Ele era equipado com dois conjuntos completos de atributos masculinos, um na frente e outro pendurado na base da coluna. A viúva posicionou a filha na pequena saliência da frente e tirou proveito do armamento mais ameaçador na parte traseira. Os três fantoches se encaixaram e balançaram enquanto soltavam gritinhos de alegria. Quando a viúva-fantoches e sua filha terminaram, saíram de cima e beijaram o marido-fantoches adúltero. Em seguida, elas deram nele uma joelhada, na frente e atrás, ao mesmo tempo. Ele girou sobre suas molas e dobradiças e tentou segurar todas as partes atingidas.

A plateia urrou. Grine, o escavador, suava gotas tão grandes quanto uvas. Letta fingiu dar gargalhadas, mas a filha já havia desaparecido de tanta vergonha. Antes que a noite caísse, Grine foi atacado por seus vizinhos desconcertados, que conferiram se ele apresentava a grotesca anomalia. Letta foi marginalizada. A filha parece ter desaparecido por completo. Nós suspeitamos que tenha acontecido o pior.

Pelo menos Grine não foi assassinado. No entanto, quem pode afirmar como nossas almas foram marcadas ao presenciar um drama tão cruel? Todas as almas são reféns de seus invólucros humanos, mas elas devem se deteriorar e sofrer com tal ultraje, não concorda?

Às vezes, Frex tinha a impressão de que todas as bruxas itinerantes, videntes desdentados e falastrões de Oz, que conseguiam executar até mesmo o mais óbvio dos feitiços, tinham tomado o distrito ermo de Pedras do Caminho para ganhar a vida. Ele sabia que o povo de Margens Agitadas era humilde. A vida deles era difícil e as esperanças, pequenas. À medida que a seca se arrastava, a costumeira fé que tinham pelo unionismo se desgastava. Frex tinha consciência de que o Relógio do Dragão do Tempo misturava os atrativos da criatividade e da magia, e ele teria de conclamar a mais profunda convicção religiosa para superá-lo. Se a congregação se mostrasse vulnerável à chamada fé no prazer e sucumbisse ao fingimento e à violência, ora, o que mais poderia acontecer?

Ele tinha de vencer. Era o sacerdote deles. Havia arrancado dentes, enterrado bebês e abençoado as caçarolas deles por muitos anos. Tinha se humilhado em nome deles. Andado com uma barba desgrenhada e uma tigela, de aldeia em aldeia, enquanto a pobre Melena ficava sozinha no alojamento sacerdotal por semanas a fio. Tinha se sacrificado por eles. Eles não podiam se deixar seduzir por esta criatura, o Dragão do Tempo. Eles lhe deviam isso.

Frex seguiu em frente, os ombros erguidos, a mandíbula retesada, o estômago em um alvoroço amargo. O céu estava marrom por conta da areia e da poeira no ar. O vento se remexia no alto das colinas emitindo o som de um pranto vacilante, como se forçasse passagem através da fissura de uma pedra, em um cume para além do alcance da visão de Frex.

O NASCIMENTO DE UMA BRUXA

Era quase noite quando Frex juntou coragem para adentrar a aldeia decrepita de Margens Agitadas. Ele suava profusamente. Bateu os calcanhares no chão e ergueu os punhos cerrados, e bradou em um tom rouco e retumbante:

– Tremei vós, cuja confiança é diminuta! Reuni-vos enquanto podeis, pois a tentação está lá fora a testar-vos gravemente! – As palavras eram arcaicas, até mesmo ridículas, mas funcionaram. Lá vieram os pescadores macambúzios, que arrastavam as redes vazias do cais. Lá vieram os lavradores da subsistência, cujos terrenos inférteis pouco tinham rendido neste ano seco. Antes que ele sequer tivesse começado, todos pareciam tão culpados quanto o pecado.

Eles o seguiram até a soleira bamba do estaleiro. Frex sabia que todos estavam à espera da chegada do relógio maligno a qualquer instante: a fofoca era contagiosa como a peste. A ansiedade sedenta dos homens o fez gritar com eles.

– Vós sois estúpidos como crianças que esticam as mãos para tocar lindas brasas! Sois como a cria do ventre de um dragão, pronta para mamar tetas de fogo! – Estas eram maledicências das Escrituras, desgastadas pelo tempo, e que hoje soavam vazias; ele estava cansado e não era em um bom dia.

– Irmão Frexpar – disse Bfee, o prefeito de Margens Agitadas –, talvez você pudesse abrandar a sua longa-lenga até a gente ter a chance de ver a novíssima forma que a tentação pode tomar.

– Vocês não têm determinação para resistir às novas formas – disparou Frex.

– Não foi você o nosso competente professor por todos estes anos? – indagou Bfee. – Mal tivemos a oportunidade de nos colocar à prova do pecado! Estamos ansiosos por isto: pela provação espiritual contida nisso tudo.

Os pescadores riram e zombaram, e Frex intensificou sua carranca, mas, ao som desconhecido de rodas nos sulcos de pedra da estrada, todos viraram as cabeças e se calaram. Ele havia perdido a atenção deles antes de sequer começar.

O relógio se aproximava puxado por quatro cavalos e escoltado pelo anão e sua tropa de jovens brutamontes. O teto amplo era coroado pelo Dragão. Mas que monstro! Parecia equilibrado como se estivesse pronto para saltar, como se de fato fosse cheio de vida. A parte externa da casa era decorada com cores carnavalescas e folheada a ouro. Os pescadores ficaram de queixo caído conforme ela se aproximava.

Antes que o anão conseguisse anunciar a hora do espetáculo, antes que a multidão de jovens conseguisse puxar suas clavas, Frex pulou no degrau mais baixo do treco – um tablado móvel, com dobradiças.

– Por que chamam este troço de relógio? A única face que um relógio apresenta é simplória, sem-graça, e se perde em meio a tantos detalhes desconcertantes. Além disso, os ponteiros não se mexem. Olhem, vejam com os próprios olhos! Foram pintados para ficarem sempre a um minuto da meia-noite! Só o que se vê aqui é a mecânica, meus amigos: disso eu tenho certeza. Vocês verão crescer milhares mecânicos, luas que encham e minguem, um vulcão a expelir um pano macio e vermelho feito de lantejoulas pretas e vermelhas. Para quê tanto tique-taque, se não há dois ponteiros a circular na face do relógio? Por que não há? Eu pergunto a você, estou perguntando a você, sim, você, Gawnette, e a você, Stoy, e a você, Perippa. Por que não há um relógio de verdade aqui?

Eles não prestavam atenção, Gawnette, Stoy e Perippa, nem os outros. Estavam ocupados demais olhando o relógio com ansiedade.

– A resposta, é claro, é que o relógio não se destina a medir o tempo terreno, mas o tempo da alma. A hora da redenção e da condenação. Para a alma, cada instante sempre é um minuto mais próximo do julgamento. Um minuto mais próximo do julgamento, meus amigos! Se você morresse nos próximos sessenta segundos, gostaria de passar a eternidade nas profundezas asfixiantes reservadas aos idólatras?

– A vizinhança está muito barulhenta esta noite – disse alguém por entre as sombras, e os espectadores riram.

Acima de Frex, que se virou para ver, surgiu, de dentro de uma portinhola, um cãozinho-fantoches a latir, o pelo escuro e tão encaracolado quanto o cabelo do próprio Frex. O cão coicou sobre uma mola e o tom da fala dele era irritantemente estridente. As risadas aumentaram. A noite caiu com rigidez, e ficou mais difícil para Frex distinguir quem ria e quem o afastava aos berros para conseguir ver a coisa.

Ele não se mexia, por isso foi posto para fora sem cerimônia. O anão os saudou poeticamente.

– Nossa vida inteira é constituída de atividades sem significado. Nós cavamos pela vida e sofremos ao longo dela feito ratos, e somos jogados em nossos túmulos no fim. Por que, de vez em quando, não podemos ouvir a voz de uma profecia ou assistir à peça de um milagre? Por trás da aparente farsa e ultraje das nossas vidas de ratos, ainda há um padrão e um significado humildes! Chegue mais perto, minha boa gente, e veja os agouros que um pouco de conhecimento a mais traz para a sua vida! O Dragão do Tempo vê antes, além e por dentro da verdade do seu triste amontoado de anos nesta terra! Veja o que ele mostra!

A multidão avançou. A lua tinha se erguido, e sua luz era como o olho de um deus colérico e vingativo.

– Parem com isso, me soltem – gritou Frex. A situação era pior do que ele imaginava. O sacerdote nunca tinha sido maltratado pela própria congregação.

O relógio revelou a história de um homem notoriamente religioso, com uma barba parecida com a lã de um cordeiro e cachos escuros, que pregava a

simplicidade, a pobreza e a generosidade, ao mesmo tempo que escondia um cofre de ouro e esmeraldas – entre os seios de uma delicada filha da nobreza de sangue azul. O canalha foi trespassado por uma longa estaca de ferro da maneira mais indelicada possível e servido para o rebanho faminto como Costela de Pastor Assada.

– Isso instiga seus instintos mais primitivos! – gritou Frex, com os braços cruzados e o rosto rubro de fúria.

No entanto, com a escuridão quase total, alguém veio por trás dele para silenciá-lo. Um braço envolveu o pescoço. Ele se contorceu para ver quem era o maldito paroquiano que tomara tal liberdade, mas todos os rostos estavam encapuzados. Frex levou uma joelhada na virilha e se dobrou, com o rosto no chão. Um pé o chutou bem no meio das nádegas e as entranhas dele se remexeram. O resto da multidão, entretanto, não prestava atenção: uivava de júbilo diante de algum outro entretenimento exibido pelo Dragão do Relógio. Uma mulher solidária vestida com um xale de viúva agarrou o braço dele e o tirou dali – ele estava imundo demais, sofrendo demais para se pôr de pé e ver quem ela era.

– Vou deixar você no porão, debaixo de uma estopa – entou a dona de casa –, pois do jeito que esse dragão está se comportando, eles vão perseguir você com forçados esta noite! Vão procurá-lo no alojamento, mas não vão examinar o meu quarto de empregada.

– Melena... – murmurou ele. – Eles vão achá-la...

– Vamos cuidar dela – disse a vizinha. – Nós, mulheres, conseguimos cuidar disso, eu acho!

No alojamento do sacerdote, Melena lutava para se manter consciente enquanto via duas parteiras desaparecerem e ressurgirem diante de sua visão nublada. Uma era mercadora de peixes e a outra, uma velha encarquilhada. Elas se revezavam para pôr a mão na testa dela, olhar entre as suas pernas e lançar olhares furtivos para os lindos bibelôs e tesouros que Melena conseguiu trazer quando deixou Solos de Colwen.

– Mastigue esta pasta de folhas de alfineteiro, docinho, mastigue bem. Você vai desmaiar bem rapidinho – disse a mercadora. – Você vai relaxar, a fofurinha vai nascer e tudo ficará bem pela manhã. Pensei que você ia cheirar a água de rosas e orvalho de fadas, mas você fede como o resto de nós. Mastigue, docinho, mastigue.

Ao som de uma batida na porta, a velha ergueu o olhar cheio de culpa do baú diante do qual estava ajoelhada e que tinha revirado meticulosamente. Ela deixou a tampa se fechar com um estrondo e fingiu estar rezando de olhos fechados.

– Entre – gritou ela.

Uma moça de pele macia e corada entrou no aposento.

– Ah, eu esperava que houvesse alguém aqui – disse ela. – Como ela está?

– Quase pronta, e o bebê também – respondeu a mercadora. – Mais uma

hora, eu acho.

– Bem, me mandaram avisá-las. Os homens estão bêbados e à espreita. O Dragão do Relógio Mágico os incitou, sabem como é, e eles estão em busca de Frex para matá-lo. O relógio mandou. Eles provavelmente vão cambalear até aqui. É melhor a gente levar a mulher para um lugar seguro. Ela pode ser transportada?

“Não, não posso ser transportada”, pensou Melena. “E, se os camponeses acharem Frex, diga a eles para matá-lo bem direitinho por mim, pois nunca senti uma dor tão intensa a ponto de me fazer ver o sangue detrás dos meus próprios olhos. Matem-no por ter feito isso comigo.” Com este pensamento, ela sorriu, em um momento de alívio, e desmaiou.

– Temos de deixá-la aqui e fugir! – gritou a moça. – O relógio disse para matá-la também, e ao pequeno dragão que ela vai parir. Eu não quero ser capturada.

– Nós temos as nossas próprias reputações a zelar – retrucou a mercadora. – Não podemos abandonar a digníssima senhora no meio do parto. Não me importo com o que disse o relógio.

A velha, com a cabeça de volta no baú, perguntou:

– Alguém aí quer um laço genuíno de Gillikin?

– Tem um carrinho de carregar feno lá embaixo, no campo, mas temos de ir agora – falou a mercadora. – Venha, me ajude a pegá-lo. Você, sua velha megera, tire a cara dos lençóis de linho e venha umedecer o rostinho rosado dela. Certo, lá vamos nós.

Poucos minutos depois, a velha, a mercadora e a moça empurravam o carrinho de feno ao longo de uma trilha pouco usada, que abria caminho por entre hastes e folhagens da floresta outonal. O vento estava mais forte. Ele assobiava sobre os cumes nus das Colinas de Pano. Melena, esparramada por cima dos cobertores, se agitava e gemia, inconsciente de tanta dor.

Elas ouviram passar uma turba embriagada, com forcados e tochas, e as mulheres ficaram em silêncio e apavoradas enquanto ouviam as maldições arrastadas. Em seguida, se apressaram ainda mais até chegarem a um bosque nebuloso – a margem do cemitério para cadáveres não consagrados. Lá dentro, elas viram a silhueta embaçada do relógio.

Ele fora deixado ali para que o anão o vigiasse. Ele não era bobo, percebia que este canto específico do mundo era o último lugar que os aldeões alterados vasculhariam esta noite.

– O anão e seus subordinados também estavam bebendo na taberna – falou a moça, sem fôlego. – Não há ninguém aqui para nos impedir!

– Então você espia os homens pelas janelas da taberna, sua vagabunda? – concluiu a velha, abrindo a porta na parte de trás do relógio.

Ela achou um espaço por onde poderiam rastejar. Pêndulos pairavam, ameaçadoras, na escuridão. Enormes rodas dentadas pareciam preparadas para dilacerar qualquer invasor.

– Vamos, arrastem-na para dentro – ordenou a velha.

A noite de tochas e nevoeiro deu lugar, na madrugada, a enormes e ameaçadoras nuvens carregadas, esqueletos dançantes de raios. Por breves

momentos, surgiam vislumbres do céu azul, embora algumas vezes chovesse tão forte que as gotas que caíam pareciam mais feitas de lama do que de água. As parteiras, que saíam rastejando de quatro da parte de trás do relógio-vagão, finalmente puderam respirar aliviadas. Elas protegeram o bebê da sarjeta úmida.

– Olhem, um arco-íris – comentou a velha enquanto balançava a cabeça. Uma faixa esmaecida de luz colorida pairava no céu.

O que elas viram, enquanto limpavam a pele do bebê, cheia de sujeira e sangue do parto, teria sido somente um truque de luz? Afinal, após a tempestade, a grama parecia pulsar em suas próprias cores, as rosas se agitavam e flutuavam com um esplendor louco em suas hastes. No entanto, mesmo com esses efeitos de luz e atmosfera, as parteiras não tinham como negar o que viram. Sob a cusparada de fluidos maternos, a criança reluzia em um tom escandaloso de esmeralda pálido.

Não houve choro, nenhum berro da indignação comum aos recém-nascidos. A criança abriu a boca, respirou, e depois continuou a ficar quieta.

– Chore, seu diabinho – disse a velha. – É o seu primeiro trabalho.

O bebê fugia às suas obrigações.

– Outro garoto temperamental – comentou a mercadora em um suspiro. – Vamos matá-lo?

– Não seja tão maldosa com o treco – respondeu a velha. – É uma menina.

– Olhe direito, tem certeza? – falou a moça, com os olhos turvos.

Elas passaram um minuto em controvérsia, mesmo com a criança nua diante delas. Só depois de um segundo e um terceiro esfregões, ficou claro que a criança era realmente uma menina. Talvez, durante o trabalho de parto, um pouco de matéria orgânica tenha ficado presa e secado rapidamente na fenda. Depois de limpa, observou-se que a criança era bem-formada, com uma cabeça longa e elegante, antebraços bem acabados, nádegas pequenas e boas de apertar, dedos habilidosos com pequenas unhas afiadas.

E um inegável tom de verde na pele. Havia um rubor salmão nas bochechas e na barriga, um efeito bege ao redor das pálpebras cerradas, uma faixa amarelada no couro cabeludo, que mostrava a cor do cabelo que nasceria ali. Porém, parecia que estavam diante de um legume.

– Veja a recompensa pelos nossos apuros – disse a moça. – Um amontoado verde de manteiga. Por que não a matamos? Você sabe o que as pessoas vão dizer.

– Eu acho que ela está podre – falou a mercadora de peixes, e foi conferir se havia uma cauda na criança e contar os dedos das mãos e dos pés. – Tem cheiro de esterco.

– O cheiro que você está sentindo é de esterco, sua idiota. Você está agachada em cocô de vaca.

– Ela está doente, está fraca, por isso tem essa cor. Deixe-a sufocar na poça, afogue a coisa. A moçoila nunca vai saber. Vai ficar desmaiada por horas em seu desfalecimento cheio de frescura.

Elas riram. Embalaram a criança na dobra dos braços e a passaram de mão em mão para conferir o peso e o equilíbrio. Matá-la era a linha de ação mais benevolente a se seguir. A questão era como fazê-lo.

Então a criança bocejou e a mercadora, distraída, deu a ela um dedo para chupar, e a criança o arrancou fora com uma mordida na segunda junta e quase engasgou com o jato de sangue. O pedaço do dedo caiu da boca dela direto na lama como uma bobina. As mulheres foram catapultadas a entrar em ação. A mercadora de peixes se lançou para estrangular a garota, e a velha e a moça irromperam em sua defesa. O dedo foi desenterrado da lama e enfiado em um bolso do avental, possivelmente para ser costurado de volta na mão que o perdeu.

– É um piru, ela acabou de perceber que não tem um – gritou a moça, e caiu no chão de tanto rir. – Ah, coitado do garoto imbecil que primeiro tentar ter prazer com ela! Ela vai cortar o jovem broto fora e guardar de lembrança!

As parteiras rastejaram de volta para dentro do relógio e deixaram o treco no seio da mãe, receosas de cogitar um assassinato misericordioso por medo de que o bebê mordesse outra coisa.

– Talvez ela corte fora uma teta, isso vai trazer a Dona Sonolenta Frescura à realidade bem rapidinho. – A velha riu. – Mas que criança, que engole sangue antes mesmo da primeira mamada do leite materno!

Elas deixaram uma chaleirinha com água por perto e, ocultas pela tempestade seguinte, foram embora chapinhando na lama para encontrar seus filhos, maridos e irmãos, e repreendê-los e espancá-los se estivessem vivos, ou enterrá-los em caso contrário.

Por entre as sombras, a criança olhava para cima e observava os dentes lubrificados e uniformes do relógio do tempo.

MOLÉSTIAS E REMÉDIOS

Melena passou dias sem conseguir suportar olhar para o treco. Ela o embalava, como uma mãe deve fazer. Ficou à espera de que o manancial de afeto maternal irrompesse e a dominasse. Não chorou. Mastigou folhas de alfineteiro, para flutuar para bem longe do desastre.

Era uma ela. Era uma menina. Melena praticou conversas em pensamento quando estava sozinha. O pacote agitado e infeliz não era do sexo masculino, não era castrado, era uma fêmea. Ela dormia, parecendo um monte de folhas de couve lavadas e deixadas sobre a mesa para secar.

Em pânico, Melena escreveu para Solos de Colwen para arrastar Babá de volta de seu descanso. Frex foi na frente em uma carruagem para pegar Babá na estação de trem no Cume de Stonespar. Na viagem de volta, Babá perguntou a Frex o que havia de errado.

– O que há de errado! – Ele suspirou e se perdeu em pensamentos.

Babá percebeu que tinha escolhido mal as palavras e agora Frex estava distraído. Ele começou a murmurar de maneira generalizada sobre a natureza do mal. Um vácuo criado pela ausência inexplicável do Deus Inominável e no qual o veneno espiritual deve circular. Um vórtice.

– Estou perguntando qual é o estado da criança! – retrucou Babá em uma explosão. – Não é sobre o universo, mas sim sobre uma única criança que preciso saber, se vou ser de alguma ajuda! Por que Melena chamou a mim e não à mãe? Por que não mandou uma carta para o avô? Ele é o Eminente Thropp, pelo amor de Deus! Melena não pode ter se esquecido dos deveres dela tão completamente, ou a vida lá no campo é pior do que pensávamos?

– É pior do que pensávamos – disse Frex com gravidade. – O bebê... É melhor você se preparar, Babá, para que não grite. O bebê está estragado.

– Estragado? – A mão de Babá apertou ainda mais a valise que levava, e ela olhou para as árvores de fruto-de-perdiz e suas folhas avermelhadas que ladeavam a estrada. – Frex, conte-me tudo.

– É uma menina – começou Frex.

– Estragada mesmo – disse Babá em tom de zombaria, mas Frex, como sempre, não achou graça. – Bem, pelo menos o título de família será preservado por mais uma geração. Ela tem todos os membros?

– Sim.

– Algum além do necessário?

– Não.

– Ela está mamando?

– Não podemos permitir. Tem dentes extraordinários, Babá. Dentes de tubarão ou algo parecido.

– Bem, não vai ser a primeira criança a crescer mamando em uma madeira ou em um pedaço de pano em vez de uma teta, não se preocupe com isso.

– A cor dela está errada.

– Qual cor é a cor errada?

Por alguns momentos, Frex só conseguiu balançar a cabeça. Babá não gostava e nem passaria a gostar dele, mas amainou o tom.

– Frex, não pode ser tão ruim assim. Há sempre uma saída. Conte.

– É verde – falou ele, enfim. – Babá, o treco é verde como musgo.

– Ela é verde, você quer dizer. É uma menina, pelo amor de Deus.

– Não é pelo amor de Deus. – Frex começou a chorar. – Deus não vai se tornar melhor graças ao troço, Babá, e Deus não o aprova. O que vamos fazer?

– Calma. – Babá detestava homens chorões. – Não pode ser tão ruim assim. Não há sequer um traço de sangue ruim nas veias de Melena. Qualquer que seja a praga da criança, ela vai reagir ao tratamento de Babá. Confie em Babá.

– Eu confiava no Deus Inominável – soluçou Frex.

– Nem sempre nós trabalhamos com o mesmo objetivo, Deus e Babá – disse Babá. Ela sabia que era uma blasfêmia, mas não resistia humilhá-lo enquanto a guarda dele estivesse baixa. – Mas não se preocupe, não vou sussurrar uma palavra sequer à família de Melena. Vamos resolver tudo isso em um piscar de olhos e ninguém precisa saber. O bebê tem um nome?

– Elfaba – disse ele.

– Em homenagem à santa Aelphaba da Cachoeira?

– Sim.

– Um belo nome antigo. Vocês vão chamá-la pelo apelido comum, Fabala, imagino.

– Quem é que sabe se ela vai viver tempo suficiente para receber um apelido ao crescer... – Frex souou como quem tinha esperanças de que este fosse o caso.

– Que região interessante, já estamos em Pedras do Caminho? – perguntou Babá, mudando de assunto.

No entanto, Frex se ensimesmou, mal se preocupando em guiar os cavalos na trilha certa. A região era imunda, desolada, infestada de camponeses. Babá começou a desejar não ter vestido seu melhor traje de viagem. Os ladrões de beira de estrada poderiam achar que encontrariam ouro com uma senhora mais idosa e de aparência tão requintada, e estariam certos, pois Babá ostentava uma liga de ouro, subtraída anos antes do *boudoir* de Vossa Senhoria. Que vergonha seria se a liga aparecesse tantos anos depois na coxa bem torneada, ainda que envelhecida, de Babá! Porém, os temores de Babá eram infundados, pois a carruagem chegou, sem incidentes, no quintal da cabana do sacerdote.

– Deixe-me ver o bebê primeiro – pediu Babá. – Será mais fácil e mais justo com Melena se eu souber com o que lidamos. – E isso não era complicado de acontecer, pois Melena estava desmaiada graças às folhas de alfineteiro,

enquanto o bebê gemia baixinho em uma cesta sobre a mesa.

Babá puxou uma cadeira para não se machucar caso desmaiasse.

– Frex, coloque a cesta no chão, onde possa olhar para ela. – Frex obedeceu e depois saiu para devolver os cavalos e a carruagem a Bfee, que raramente precisava deles para suas obrigações de prefeito, mas as emprestava para ganhar um pouco de capital político.

O bebê estava envolto em lençóis de linho, observou Babá, e a boca e os ouvidos estavam amarrados com uma atadura. O nariz parecia um broto de cogumelo estragado, projetado para tomar ar, e os olhos estavam abertos.

Babá se inclinou para chegar mais perto. A criança não devia ter mais do que, sabe-se lá, três semanas de idade? No entanto, conforme Babá andava de um lado para o outro e observava o perfil da testa desse e daquele ângulo para julgar o formato da mente, os olhos da menina a acompanhavam para lá e para cá. Eles eram castanhos e vivos, da cor de terra revirada e salpicada com mica. Havia uma rede de frágeis fios vermelhos em cada suave ângulo onde as pálpebras se uniam, como se a menina irrompesse os fios de sangue por conta do esforço de observar e compreender.

E a pele, ah sim, a pele era verde como o pecado. Não era uma cor feia, pensou Babá. Só não era a cor de um ser humano.

Ela estendeu a mão e deixou o dedo deslizar pela bochecha do bebê. A criança se encolheu, e a atadura, que a envolvia firmemente do pescoço aos pés, se abriu como uma casca. Babá rangeu os dentes e estava decidida a não se deixar intimidar. O bebê se expôs, do esterno à virilha, e a pele em seu peito tinha a mesma cor inesquecível.

– Vocês já tocaram esta criança, vocês dois? – murmurou Babá. Ela colocou a palma da mão sobre o peito arfante da criança, os dedos a cobrir os mamilos quase invisíveis do bebê, depois deslizou a mão para baixo para poder conferir o aparato que lá ficava.

A criança estava molhada e suja, mas a aparência estava de acordo com a concepção tradicional. A pele era o mesmo milagre de dócil maciez que Melena possuía quando criança.

– Venha com Babá, seu trocinho horrendo. – Babá se inclinou para pegar o bebê, com a sujeira e tudo o mais.

O bebê desviou para evitar o toque. A cabeça dele se chocou no fundo da cesta de junco.

– Você dançava no ventre, pelo que vejo – falou Babá. – Com qual música terá sido? Que músculos tão bem desenvolvidos! Não, você não vai fugir de mim. Venha cá, seu demoniozinho. Babá não se importa. Babá gosta de você. – Era uma mentira descarada, mas, ao contrário de Frex, ela acreditava que algumas mentiras tinham a aprovação dos céus.

E ela pôs as mãos em Elfaba e a colocou no colo. Assim, esperou enquanto cantarolava e, de vez em quando, contemplava o lado de fora pela janela, para se recuperar e evitar vômitos. Ela esfregou a barriga do bebê para amansar a menina, mas não havia como acalmá-la, não por enquanto, de qualquer forma.

Melena se apoiou nos cotovelos no final da tarde, quando Babá trouxe uma bandeja com chá e pão.

– Eu fiquei à vontade – disse Babá – e fiz amizade com a sua queridinha. Agora volte a si, doçura, e deixe-me dar um beijo em você.

– Ah, Babá! – Melena se permitiu o mimo. – Obrigada por ter vindo. Você já viu o monstrinho?

– Ela é adorável – comentou Babá.

– Não minta e não seja benevolente – pediu Melena. – Se vai ajudar, você tem de ser sincera.

– Se eu vou ajudar, você tem de ser sincera – disse Babá. – Nós não precisamos tocar neste assunto agora, mas vou precisar saber de tudo, meu doce. Assim, vamos poder decidir o que deve ser feito.

Elas bebiam o chá e, com Elfaba enfim dormindo, por alguns momentos tudo pareceu como nos velhos tempos em Solos de Cowen, quando Melena voltava para casa depois das caminhadas vespertinas com os jovens nobres e ágeis com quem flertava, e se gabava da beleza masculina deles para uma babá que fingia não ter percebido.

Na realidade, com o passar das semanas, Babá notou algumas características perturbadoras do bebê.

Por exemplo, ela tentou remover as ataduras da criança, mas Elfaba parecia disposta a arrancar as próprias mãos fora com mordidas, e os dentes dentro daquela boca bonita e de lábios finos eram monstruosos. Ela faria um buraco de um lado a outro do cesto com os dentes se a deixassem desimpedida. A menina foi atrás do próprio ombro e o arranhou até que ele ficasse em carne viva. Ela parecia estar sufocando.

– Não podemos chamar um barbeiro para arrancar os dentes fora? – perguntou Babá. – Pelo menos até o bebê aprender a ter um pouco de autocontrole?

– Você enlouqueceu – disse Melena. – O vale inteiro vai ficar sabendo que a criatura é verde. Vamos deixar a mandíbula amarrada até resolvermos o problema da pele.

– Como diabos a pele dela foi nascer verde? – Babá se perguntou, estupidamente, pois Melena ficava branca e Frex ficava corado, e o bebê prendia a respiração, como se tentasse ficar azul para agradar a todos. Babá teve de dar um tabefe nela para fazê-la voltar a respirar.

Babá questionou Frex no quintal. Após o golpe duplo do nascimento e do constrangimento público, ele ainda não estava preparado para compromissos profissionais, e ficava sentado lá fora enquanto esculpia contas de reza em um carvalho, entalhando e inscrevendo nelas emblemas do Deus Inominável. Babá deixou Elfaba lá dentro – ela tinha um medo irracional de ser ouvida por esta criança, e pior ainda, de ser entendida por ela – e se sentou para apanhar uma abóbora para o jantar.

– Eu não imagino, Frex, que haja verde no histórico da sua família – começou ela, com plena consciência de que o poderoso avô de Melena teria confirmado tal predisposição antes de concordar em permitir que a neta se casasse com um sacerdote unionista, entre todas as escolhas que ela tinha!

– Na nossa família, não damos importância ao dinheiro ou ao poder terreno – respondeu Frex, desta vez sem se ofender. – Porém, sou descendente direto de

seis sacerdotes que nasceram antes de mim, de pai para filho. Somos tão benquistos nos círculos espirituais quanto a família de Melena o é nos salões e na corte de Ozma. E não, não há verde em ponto nenhum. Nunca antes ouvi falar de tal situação em família alguma.

Babá concordou com a cabeça.

– Pois bem, só estava perguntando. Eu sei que você é melhor do que os mártires dos duendes.

– No entanto – continuou Frex humildemente –, Babá, acho que provoqueei este acontecimento. Minha língua escorregou no dia do nascimento. Eu anunciei que o diabo estava por vir. Eu me referia ao Relógio do Dragão do Tempo, mas e se essas palavras tiverem aberto espaço para o diabo...?

– A criança não é um demônio! – explodiu Babá. “Também não é nenhum anjinho...”, ela pensou, mas guardou a ideia para si.

– Por outro lado – continuou Frex, soando mais seguro –, ela pode ter sido amaldiçoada sem querer por Melena, que interpretou mal a minha observação e chorou por causa dela. Talvez Melena tenha aberto dentro de si uma janela através da qual um espírito desgarrado entrou e coloriu a criança.

– Bem no dia em que o bebê ia nascer? – indagou Babá. – Tai um espírito competente. Será que a sua benevolência é tão elevada que você atrai os mais poderosos dentre os Espíritos da Aberração?

Frex deu de ombros. Algumas semanas antes, ele teria concordado, mas a confiança dele estava em frangalhos depois do fracasso abjeto em Margens Agitadas. Ele não se atreveu a sugerir o que temia: que a anormalidade da criança fosse um castigo pelo fracasso em proteger o rebanho dele da fé no prazer.

– Bem... Se o fardo se estragou através de uma maldição, então através do quê o mal pode ser aniquilado? – perguntou Babá de maneira pragmática.

– Um exorcismo.

– Você está capacitado para isso?

– Se eu for bem-sucedido em mudar a criança, vamos saber se estou capacitado – disse Frex. Entretanto, agora que ele tinha uma meta, o espírito dele se iluminou. Passaria alguns dias em jejum, praticaria orações e reuniria materiais para o ritual misterioso.

Quando ele foi para a floresta e Elfaba tirava um cochilo, Babá se empoleirou na lateral do duro colchão de casal de Melena.

– Frex se pergunta se a previsão dele, de que o diabo estava por vir, fez com que uma janela se abrisse dentro de você e desse passagem para um diabrete estragar o bebê – contou Babá. Desajeitada, ela tecia uma borda rendada de crochê. A mulher nunca foi muito boa em trabalhos manuais, mas gostava de lidar com a agulha de crochê de marfim polido. – Já eu me pergunto se você abriu outra janela.

Melena, como sempre gagueja por causa das folhas de alfineteiro, arqueou uma sobrancelha, confusa.

– Você dormiu com mais alguém além de Frex? – perguntou Babá.

– Não seja maluca!

– Eu conheço você, querida – disse Babá. – Não estou dizendo que você não

é uma boa esposa. Porém, quando os garotos zuniam em torno de você no pomar dos seus pais, você trocava suas perfumadas roupas de baixo mais de uma vez por dia. Era lasciva e sorradeira, e boa no que fazia. Não estou fazendo pouco caso de você, mas não finja para mim que os seus apetites eram saudáveis.

Melena afundou o rosto no travesseiro.

– Ah, aquela época – lamentou ela. – Não é que eu não ame Frex! Mas odeio ser superior aos idiotas dos camponeses daqui!

– Bem, agora que esta criança verde rebaixa você ao nível deles deve estar satisfeita – disse Babá, maldosa.

– Babá, eu amo Frex, mas ele me deixa tanto tempo sozinha! Eu mataria para que algum funileiro passasse por aqui e me vendesse mais do que uma cafeteira de latão! Eu daria um bom dinheiro para ter alguém menos divino e mais criativo!

– Esta é uma questão para o futuro – falou Babá de forma sensata. – Estou perguntando a você sobre o passado. O passado recente. Do casamento para cá.

Entretanto, o rosto de Melena estava vago e obscuro. Ela concordou com a cabeça, deu de ombros, balançou a cabeça de um lado para o outro.

– A teoria óbvia envolve um elfo – disse Babá.

– Eu não faria sexo com um elfo! – gritou Melena.

– Nem eu mesma faria, mas o verde dá mesmo no que pensar. Existem elfos na vizinhança?

– Há um bando agitado deles, elfos das árvores, em algum lugar lá em cima da colina, mas é provável que sejam mais tapados do que os honrados cidadãos de Margens Agitadas. Na verdade, Babá, nunca vi um, ou vi somente de longe. A ideia é repulsiva. Elfos riem de tudo, sabia disso? Um deles cai de um carvalho e esmaga o crânio como um nabo podre e eles se reúnem e riem e depois se esquecem dele. É um insulto você sequer cogitar a hipótese.

– Vai ter de se acostumar com ela se não descobrirmos uma forma de sairmos desta barafunda.

– Bem, a resposta é não.

– Então outra pessoa. Alguém bonito o bastante por fora, mas que carregue um germe que possa ter transmitido a você.

Melena parecia chocada. Ela não tinha pensado na própria saúde desde que Elfaba nasceu. Será que ela estava em risco?

– A verdade – disse Babá. – Nós temos de saber.

– A verdade – disse Melena friamente. – Bem, é incognoscível.

– O que você está tentando dizer?

– Eu não sei a resposta para a sua pergunta. – E Melena explicou. Sim, o casebre ficava em uma área remota e, claro, ela nunca ofereceu mais do que saudações das mais secas aos lavradores, pescadores e imbecis que moravam aqui. No entanto, havia mais viajantes de passagem por aquelas colinas e bosques do que era possível imaginar. Muitas vezes ela ficava parada lá, apática e solitária, quando Frex estava fora de casa para pregar, e encontrava conforto em oferecer aos transeuntes uma refeição simples e uma conversa animada.

– E mais alguma coisa?

Porém, naqueles dias modorrentos, Melena murmurou, ela pegou o hábito

de mascar folhas de alfineteiro. Quando despertava, porque o sol estava se pondo ou Frex estava lá com uma carranca ou um sorriso para ela, de pouco ela se lembrava.

– Você quer dizer que se entregou ao adultério e sequer tirou proveito de uma recordação bem picante? – Babá ficou escandalizada.

– Eu não sei se fiz alguma coisa! – confessou Melena. – Não teria sido minha escolha, quero dizer, se estivesse pensando claramente. No entanto, me lembro de uma vez, quando um funileiro com um sotaque curioso me deu uma dose de alguma bebida inebriante em uma garrafa de vidro verde. E tive vastos sonhos excepcionais, Babá, do Outro Mundo, cidades de vidro e fumaça, ruído e cor, dos quais tentei me lembrar.

– Então, você pode muito bem ter sido estuprada por elfos. Seu avô vai ficar muito satisfeito em saber como Frex cuida bem de você.

– Pare com isso! – gritou Melena.

– Bem, não sei o que deve ser feito! – Babá finalmente perdeu a paciência. – Todos estão sendo irresponsáveis! Se você não consegue lembrar se quebrou seus votos matrimoniais, não adianta nada agir como uma santa ofendida.

– Sempre se pode afogar o bebê e começar tudo de novo.

– Tente você afogar aquele troço – murmurou Babá. – Tenho pena do pobre lago que tiver de recebê-la.

Mais tarde, Babá vasculhou o pequeno acervo de medicamentos de Melena: ervas, raízes, xaropes, aguardentes, folhas. Ela se perguntava, sem muita esperança, se conseguiria inventar algo que pudesse alvejar a pele da menina. Na parte de trás do baú, encontrou a garrafa de vidro verde que Melena havia mencionado. A luz estava fraca e os olhos dela não eram bons, mas ela conseguiu distinguir as palavras ELIXIR MILAGROSO em um pedaço de papel colado na frente da garrafa.

Embora tivesse um dom natural para a cura, Babá foi incapaz de chegar a uma poção branqueadora da pele. Banhar a criança em leite de vaca também não deixou a pele branca. No entanto, a criança não se deixava ser mergulhada em um balde de água do lago: ela se retorcia como um gato em pânico. Babá continuou com o leite de vaca, que deixava um fedor azedo horrendo se ela não o enxugasse cuidadosamente com um pano.

Frex organizou um exorcismo. A cerimônia envolveu velas e louvores. Babá assistia de longe. O homem estava com os olhos brilhando e suave de tanto esforço, embora as manhãs ficassem cada vez mais frias. Elfaba dormia em suas ataduras no meio do tapete, alheia ao sacramento.

Nada aconteceu. Frex desmoronou, exausto e desgastado, e embalou a filha verde na dobra do braço, como se finalmente acolhesse a prova de algum pecado secreto. O rosto de Melena endureceu.

Havia somente mais uma tentativa a fazer. Babá criou coragem para trazer a ideia à tona no dia em que deveria voltar para Solos de Colwen.

– Vimos que os tratamentos dos camponeses não funcionam e que a interferência espiritual falhou. Você tem coragem de pensar em feitiçaria? Existe alguém por aqui que poderia usar a magia para remover o veneno verde da criança? – quis saber Babá.

Frex se levantou e foi para cima de Babá enquanto sacudia os punhos. Babá caiu para trás do banco onde estava e Melena se agitava sobre ela aos berros.

– Como você se atreve! – gritou Frex. – Dentro desta casa! Esta menina verde já não é ultraje o suficiente? Feitiços são o refúgio dos amorais. Quando não se trata de puro charlatanismo, é um perigo malévolo! Contratos com os demônios!

– Ah, me poupe! Você, um homem tão refinado, não sabe que o melhor é devolver na mesma moeda?

– Chega, Babá – ordenou Melena.

– Bater em uma idosa fraca que só tenta ajudar... – falou Babá, machucada.

Na manhã seguinte, Babá arrumou a valise. Não havia mais nada que pudesse fazer e ela não estava disposta a viver o resto da vida com um eremita fanático e um bebê arruinado, nem mesmo pelo bem de Melena.

Frex levou Babá de volta para a estalagem em Pedras do Caminho, de onde uma carruagem a levaria para casa. Babá sabia que Melena talvez ainda pensasse em matar a criança, mas, de alguma forma, ela duvidava que o fizesse. Babá segurou a mala no peito farto, mais uma vez por temer os bandidos. Dentro da valise estava escondida a liga de ouro (ela sempre poderia alegar que aquilo havia sido plantado ali sem que ela soubesse, ao passo que seria difícil alegar que foi plantada na perna dela na mesma situação). Ela também afanou a agulha de crochê de marfim, três contas de reza de Frex, por ter gostado dos entalhes, e a bela garrafa de vidro verde deixada para trás por algum vendedor ambulante que, aparentemente, vendia sonhos, paixão e sonolência.

Ela não sabia o que pensar. Será que Elfaba era uma cria do diabo? Seria ela metade elfo? Seria ela um castigo pelo fracasso do pai como pregador ou pela moral desleixada e memória ruim da mãe? Ou seria ela somente uma doença física, uma praga, como uma maçã podre ou um bezerro de cinco patas?

Babá sabia que a visão de mundo dela era nebulosa e caótica, infestada de demônios, fé e ciência popular. Não escapou à atenção dela, no entanto, que tanto Melena quanto Frex acreditaram resolutamente que o bebê seria um menino. Frex era o sétimo filho de um sétimo filho e, para piorar ainda mais essa equação poderosa, era descendente de seis sacerdotes consecutivos. Qual criança, de qualquer sexo que fosse (ou mesmo de nenhum), ousaria dar seguimento a uma linhagem tão promissora?

Talvez, pensou Babá, a pequena e verde Elfaba tenha escolhido o próprio sexo e a própria cor, e os pais que fossem para o inferno.

O SOPRADOR DE VIDRO DE QUADLING

Durante um mês curto e úmido no início do ano seguinte, a seca desapareceu. A primavera transbordou como a água verde de um poço e espumou nas sebes, borbulhou à beira da estrada, espalhou-se pelos telhados dos casebres em guirlandas de hera e flores de trepadeira. Melena perambulava pelo quintal em um estado de seminudez para que pudesse sentir o sol na pele pálida e o calor profundo do qual sentiu falta por todo o inverno. Amarrada à sua cadeira na soleira da porta, Elfaba, agora com 1 ano e meio, batia no peixe que lhe serviram de café da manhã com o bojo da colher.

– Ah, coma esse treco em vez de esmagá-lo – falou Melena, mas com carinho. Depois que a atadura que prendia o queixo da criança foi removida, mãe e filha começaram a prestar atenção uma à outra. Para sua surpresa, Melena às vezes achava Elfaba cativante, como um bebê deve ser.

Esta paisagem era tudo o que ela havia visto desde que deixou a elegante mansão da sua família, tudo o que ela iria contemplar na vida – a superfície de Águas Podres, varrida pelo vento, os distantes casebres de pedras escuras e as chaminés de Margens Agitadas do outro lado, as colinas mais além, banhadas em torpor. Ela ia enlouquecer: o mundo não era nada além de água e carência. Se um bando de elfos traquinas corresse pelo jardim, ela pularia em cima deles para ter companhia, para fazer sexo, para cometer assassinatos.

– O seu pai é uma fraude – disse a Elfaba. – Ausente para encontrar a si mesmo durante todo o inverno enquanto me deixa aqui, só com você como companhia. Toma o café da manhã, pois não vai ter mais comida se jogá-lo no chão.

Elfaba pegou o peixe e o atirou no chão.

– O seu pai é um charlatão – prosseguiu Melena. – Antigamente, ele era bom demais na cama para um homem religioso, e foi assim que fiquei sabendo o segredo dele. Homens santos devem estar acima de prazeres terrenos, mas o seu pai gostava de uma farra de madrugada. Nunca devemos dizer a ele que sabemos que ele é uma farsa, pois iria partir o coração dele. Nós não queremos fazer isso, não é? – E então Melena explodiu em uma gargalhada ruidosa.

O rosto de Elfaba não sorria, imutável. Ela apontou para o peixe.

– Café da manhã. O café da manhã caiu no chão. Agora é dos insetos – disse Melena. Ela soltou um pouco mais a gola do robe de primavera e a elevação rosa dos ombros nus girava. – Vamos passear na beira do lago hoje e então talvez você se afogue?

No entanto, Elfaba nunca se afogaria, nunca, porque ela não chegava nem perto do lago.

– Talvez nós possamos passear de barco e afundar! – gritou Melena.

Elfaba inclinou a cabeça para o lado, como se ouvisse uma parte da mãe que não estava intoxicada de folhas e vinho.

O sol se espalhava por trás de uma nuvem. Elfaba fez uma careta. O robe de Melena escorregou um pouco mais. Os seios dela abriam caminho por entre os babados sujos da gola.

“Olhe só para mim”, pensou Melena, “mostrando os seios para a criança que não pude amamentar por medo de ser amputada. Eu, que era a rosa de Pedras do Ninho, eu que era a beldade da minha geração! E agora fui reduzida a uma companhia que sequer desejo, minha própria menininha torta e espinhosa. Ela é mais um gafanhoto do que uma menina, com aquelas pequenas coxas angulosas, aquelas sobranceiras arqueadas, aqueles dedos pontudos. Ela está na fase do aprendizado, como qualquer criança, mas não se delicia com o mundo: ela empurra, espatifa e remexe as coisas sem nenhum prazer. Como se tivesse a missão de saborear e medir todas as decepções da vida, as quais Margens Agitadas tem de sobra. Piedade do Deus Inominável, ela é uma aberração, ela é”. Ela é”.

– Ou podemos dar um passeio no bosque hoje e pegar as últimas das bagas de inverno. – Melena estava cheia de culpa pela ausência de afeto maternal da sua parte. – Nós podemos usá-las em uma torta. Podemos colocá-las em uma torta? Vamos lá, querida?

Elfaba ainda não sabia falar, mas concordou com a cabeça e começou a se agitar para descer. Melena começou uma brincadeira de bater palmas à qual Elfaba não deu bola. A criança resmungou e apontou para o chão, e arqueou as longas pernas elegantes para ilustrar o seu desejo. Em seguida, apontou para o portão que levava da horta para o galinheiro.

Havia um homem encostado nas estacas do portão, com uma aparência tímida e faminta, com a pele da cor de rosas no crepúsculo: um vermelho escuro e sombrio. Ele tinha um par de bolsas de couro a tiracolo nos ombros e nas costas, uma bengala e um rosto perigosamente bonito e inexpressivo. Melena gritou de susto e se recompôs, a voz em um tom mais baixo. Fazia tanto tempo que não falava com ninguém além de uma criança lamentosa.

– Pela glória do Senhor, você nos assustou! – gritou ela. – Está à procura de um café da manhã? – Ela tinha perdido o traquejo social. Por exemplo, os seios dela não deveriam estar desse jeito. No entanto, ela não fechou o robe.

– Por favor, perdoar a aparição súbita de um estranho desconhecido no portão da senhora.

– Está perdoado, é claro – disse ela, impaciente. – Entre aqui, onde consigo vê-lo, entre, entre!

Elfaba tinha visto tão poucas pessoas na vida que escondeu um olho atrás da colher e, com o outro, espiou o estranho.

O homem se aproximou. O gestual dele demonstrava o quanto a exaustão o deixou desajeitado. Ele tinha o tornozelo largo e pés grandes, era esbelto na cintura e nos ombros, e largo novamente no pescoço, como se tivesse sido

moldado em um torno mecânico e pouco trabalhado nas extremidades. As mãos, que largaram as bolsas no chão, pareciam animais com mentes próprias. Eram desconumais e esplêndidas.

– O viajante não saber onde está – falou o homem. – Duas noites para atravessar as colinas de Baixada Salobra. Para procurar a estalagem em Três Árvores Mortas. Para descansar.

– Você está perdido, se enganou de caminho – explicou Melena enquanto decidia não se impressionar com as palavras embaralhadas que ele dizia. – Não importa. Deixe-me preparar uma refeição para você e me conte a sua história. – As mãos dela passavam no cabelo, que antes era considerado tão precioso quanto metal trabalhado. Pelo menos estava limpo.

O homem era polido e de bom feitio. Quando tirou o gorro, o cabelo dele caiu em novelos oleosos, vermelhos como o pôr do sol. Ele se lavou na bomba d'água enquanto tirava a camisa, e Melena se deu conta de que era bom ver a cintura de um homem novamente (Frex, Deus o abençoe, tinha engordado no ano e pouco desde o nascimento de Elfaba). Será que todos os nativos de Quadling ostentavam esta deliciosa cor de rosa escurecida? O nome do homem, Melena ficou sabendo, era Coração de Tartaruga, e ele era um soprador de vidro de Ovvels, na pouca conhecida província de Quadling.

Por fim, ela cobriu os seios com relutância. Elfaba gritou para ser solta e, sem nem mesmo pestanejar, o visitante a soltou, a atirou no ar e a pegou novamente. A criança gritou de surpresa, até mesmo de prazer, e Coração de Tartaruga repetiu o truque. Melena tirou proveito da concentração dele na pirralha para recolher do chão as sobras do peixe e limpá-las. Ela as jogou entre os ovos e o purê de raízes de alcatrão, na esperança de que Elfaba não aprendesse subitamente a falar e a envergonhasse. Seria a cara da criança fazer algo assim.

No entanto, Elfaba estava encantada demais por este homem para fazer malcriações ou birras. Ela nem sequer reclamou quando Coração de Tartaruga finalmente foi até o banco e se sentou para comer. Ela engatinhou entre as panturrilhas elegantes e sem pelos dele (que havia se livrado das calças justas) e gemeu alguma melodia particular com um sorriso satisfeito no rosto. Melena se viu com cílios de uma mulher que ainda não havia chegado aos 2 anos de idade. Ela não teria se importado em se sentar no chão entre as pernas de Coração de Tartaruga.

– Nunca conheci um quadling antes – disse ela, alto demais, espalhafatosa demais. Os meses de solidão a fizeram esquecer das boas maneiras. – Minha família nunca convidava quadlings para jantar, não que fossem muitos ou sequer que houvesse algum, até onde sei, nas terras em torno da propriedade da minha família. As histórias afirmam que os quadlings são dissimulados e incapazes de dizer a verdade.

– Como pode um quadling responder a tal acusação se um quadling é considerado sempre um mentiroso? – Ele sorriu para ela.

Ela derreteu como manteiga no pão quente.

– Vou acreditar em tudo o que você disser.

Ele contou a ela sobre a vida nos cafundós de Ovvels, as casas que

apodrecem suavemente dentro do pântano, a colheita de caracóis e ervas daninhas sombrias, os costumes da vida comunitária e do culto aos antepassados.

– Então vocês acreditam que os seus ancestrais estão com vocês? – incitou ela. – Não quero ser intrometida, mas acabei por me interessar em religiões, ainda que a contragosto.

– A dama acreditar que antepassados estão com ela?

Ela mal conseguia se concentrar na pergunta de tão brilhantes que eram os olhos dele e tão maravilhoso que era ser chamada de dama. Os ombros dela se endireitaram.

– Meus ancestrais mais próximos não poderiam estar mais distantes – admitiu ela. – Quero dizer, os meus pais. Eles ainda estão vivos, mas são tão desinteressantes para mim que poderiam muito bem estar mortos.

– Quando mortos, eles podem visitar a dama muitas vezes.

– Eles não são bem-vindos. Vão embora. – Ela riu enquanto espantava os tais mortos. – Você fala de fantasmas? É melhor eles não fazerem isso. É o que eu chamaria de o pior de dois mundos, se é que existe mesmo um Outro Mundo.

– Existe um outro mundo – afirmou ele com segurança.

Ela sentiu calafrios. Pegou Elfaba e a abraçou com força. Elfaba cedeu aos braços dela como se não tivesse ossos, sem fazer birra nem devolver o abraço, somente com uma moleza devida à novidade de ser tocada.

– Você é um vidente? – perguntou Melena.

– Coração de Tartaruga soprar vidro – respondeu ele. Esta parecia ser realmente a resposta que ele pretendia dar.

Melena subitamente se lembrou dos sonhos que costumava ter, de lugares exóticos que ela sabia ser modorrenta demais para inventar.

– Sou casada com um sacerdote e não sei se acredito em um outro mundo – admitiu ela. Ela não teve a intenção de dizer que era casada, embora a criança teoricamente a denunciasse.

Mas Coração de Tartaruga tinha terminado de falar. Ele largou o prato (onde deixou as sobras do peixe) e tirou das bolsas um pequeno pote, uma zarabatana e alguns sacos de areia e carbonato de sódio e cal e outros minerais.

– Coração de Tartaruga pode agradecer à dama pela acolhida? – perguntou ele.

Ela concordou com a cabeça.

Ele acendeu o fogo da cozinha e separou e misturou os ingredientes, organizou os utensílios e limpou o forninho da zarabatana com um pano especial que ficava dobrado dentro de uma bolsa própria. Elfaba estava imóvel como uma moita, as mãos verdes em cima dos dedos verdes, com curiosidade em seu rosto afilado e magro.

Melena nunca tinha visto vidro sendo soprado, como também nunca tinha visto papel sendo feito, panos sendo tecidos nem madeira sendo arrancada a machadadas das árvores. Tudo aquilo parecia tão maravilhoso para ela quanto as histórias locais do relógio itinerante, que enfeitiçaram o marido dela em uma paralisia profissional da qual ele ainda não tinha escapado, embora tentasse.

Coração de Tartaruga cantarolou uma nota através do nariz ou da zarabatana, conforme inflava um bulbo irregular de gelo esverdeado e quente. O

bulbo fumegava e sibilava no ar. Ele sabia o que fazer com aquilo, ele era um mestre dos vidros. Melena teve de segurar Elfaba para evitar que ela queimasse as mãos ao esticá-las para tentar tocar o vidro.

No que pareceu ser pouquíssimo tempo ou um passe de mágica, o vidro passou de semilíquido e abstrato para uma realidade endurecida e resfriada.

Era um círculo liso e impuro, tal qual um prato ligeiramente oblongo. Ao mesmo tempo que Coração de Tartaruga trabalhava nele, Melena pensava em sua própria personalidade, que foi do éter da juventude a uma casca endurecida, visivelmente vazia. E também quebrável. No entanto, antes que ela pudesse se perder em remorsos, Coração de Tartaruga pegou as mãos dela e as passou perto, mas sem tocar, da superfície plana do vidro.

– A dama conversar com os antepassados – disse ele.

Mas ela não se esforçaria para se conectar aos mortos velhos e chatos do Outro Mundo, não com estas mãos enormes por cima das dela. Ela respirava pelo nariz para suprimir o cheiro de café da manhã em uma boca suja (frutas e um copo de vinho, ou teriam sido dois?). Ela achava que iria desmaiar.

– Olhe no vidro – insistiu ele. Ela só conseguia olhar para o pescoço e para o queixo cor de framboesa e mel que ele tinha.

Ele olhou para ela. Elfaba se aproximou e se equilibrou com uma pequena mão no joelho dele, e também olhou para dentro do vidro.

– Marido estar próximo – disse Coração de Tartaruga. Será que esta era uma profecia proclamada pelo prato de vidro ou ele fazia a ela uma pergunta? Mas ele prosseguiu: – O marido viajar em um jumento e trazer mulher idosa para visitar você. O ancestral vem visitar?

– Ser a velha babá, provavelmente – comentou Melena. Ela começava a resvalar na sintaxe avariada dele, em uma afinidade descarada. – Você realmente ver isso aí dentro?

Ele concordou com a cabeça. Elfaba também acenou com a cabeça, mas por quê?

– Quanto tempo temos antes que ele chegue aqui? – perguntou Melena.

– Até esta noite.

Eles não disseram outra palavra até o anoitecer. Cuidaram do fogo e amarraram Elfaba com arreios, e a deixaram sentada diante do vidro que resfriava, o qual penduraram em uma corda, como uma lente ou um espelho. Aquilo parecia hipnotizá-la e acalmá-la; ela sequer roía distraidamente os pulsos ou os pés. Eles deixaram a porta do casebre aberta para que, de tempos em tempos, pudessem espiar da cama e vigiar a criança que, na claridade de um dia ensolarado, não conseguiria concentrar o olhar para enxergar por entre as sombras da casa e que, de qualquer forma, nunca se virava para observar. A beleza de Coração de Tartaruga era tanta que beirava o insuportável. Melena se enroscou nele como uma cobra, cobriu-o com a boca, derramou as mãos sobre ele, aqueceu, resfriou e moldou sua luminosidade. Ele preencheu o vazio dela.

Eles estavam banhados e vestidos, com o jantar quase pronto, quando o burro zurrou a um quilômetro dali, perto do lago. Melena corou. Coração de Tartaruga havia voltado à zarabatana e soprava novamente. Elfaba se virou e olhou na direção da declaração chamativa do burro. Os lábios dela, que sempre

pareciam quase pretos em contraste com a cor de maçã recém-formada da pele, se retorciam em um aperto enquanto ela os mastigava.

Elfaba mordeu o lábio inferior como se estivesse pensando, mas não tirou sangue. Tinha aprendido a ter certos cuidados com os dentes através de tentativas e erros. Ela pôs a mão no disco brilhante. O círculo de vidro captou o último azul do céu, até ficar parecido com um espelho mágico, que não mostrava nada além da água, fria como prata, dentro dele.

GEOGRAFIA DO VISÍVEL DO INVISÍVEL

Ao longo de todo o caminho desde o Cume de Stonespar, onde Frex encontrou a carruagem, Babá reclamou. Dor na lombar, rins fracos, coluna entrevada, gengivas doloridas, ancas desgastadas. Frex queria dizer: e como vai o seu ego inflado? Embora estivesse fora de circulação há um tempo, ele sabia que essa observação seria grosseira. Babá se agitava e tentava se acalmar enquanto se agarrava, resoluta, ao assento onde estava, até chegarem à estalagem perto de Margens Agitadas.

Melena saudou Frex com uma timidez patética:

– Meu escudo, minha espinha dorsal – murmurou ela. A mulher estava magra depois de um inverno rigoroso, as maçãs do rosto mais proeminentes. A pele parecia polida como se tivesse sido pincelada por um artista, mas ela sempre teve a aparência de uma escultura entalhada. Normalmente, os beijos dela eram ousados, e ele achou a reticência alarmante, até que percebeu que havia um estranho por entre as sombras. Então, depois das apresentações, Babá e Melena se afobaram para servir uma refeição à mesa, e Frex deixou um pouco de aveia para o pobre cavalo que teve de puxar a carruagem. Quando terminou, foi se sentar sob a luz noturna e primaveril para reencontrar a filha.

Elfaba estava cautelosa perto do pai. Ele achou na bolsa uma lembrancinha que havia talhado para ela, um pardalzinho com um bico engenhoso e asas abertas.

– Olhe, Fabala – sussurrou ele (Melena odiava o apelido, por isso ele o usava: era o vínculo particular entre ele e Elfaba, o pacto entre pai e filha contra o mundo). – Veja o que encontrei na floresta. Um passarinho de madeira.

A criança pegou o presente. Tocou nele com carinho e colocou a cabeça na boca. Frex se preparou para ouvir o inevitável ruído enquanto ela o despedaçava, e também para suprimir o suspiro de decepção. No entanto, Elfaba não o mordeu. Ela chupou a cabeça e olhou para ele novamente. Assim, molhado, o pássaro tinha mais vida.

– Você gostou – constatou Frex.

Ela concordou com a cabeça e começou a acariciar as asas. Agora que a criança estava distraída, Frex pôde colocá-la entre os joelhos. Ele esfregou o queixo com barba encaracolada no cabelo dela – a menina cheirava a sabão, fumaça de lenha e torradas queimadas, um cheiro gostoso e saudável – e fechou os olhos. Era bom estar em casa.

Ele passou o inverno na cabana abandonada de algum pastor na encosta de

barlavento da Cabeça do Grifo. O sacerdote orou e jejuou para se aprofundar cada vez mais para dentro de si e, depois, para fora de si. E por que não? Em casa, ele sentiu o desprezo do povo de todo o vale claustrofóbico de Águas Podres. Eles relacionaram a história caluniosa do Dragão do Tempo sobre um sacerdote corrupto com a chegada de uma criança deformada. Tiraram as próprias conclusões. Evitaram os serviços religiosos dele. Portanto, uma espécie de vida eremita, ao menos em pequenos intervalos, pareceu ser tanto uma penitência quanto uma preparação para algo mais, algo por vir – mas o quê?

Ele sabia que esta não era a vida que Melena esperava ao se casar com ele. Com as linhagens das quais descendia, Frex parecia perfeito para uma posição de procurador ou até mesmo bispo, no devido tempo. Ele imaginou a felicidade de Melena como uma dama da sociedade, presidindo banquetes festivos, bailes de caridade e chás episcopais. Em vez disso – ele conseguia vê-la à luz da fogueira a grelhar a última cenoura murcha de inverno em uma frigideira –, aqui ela definhava, como parceira em um casamento difícil, em um lago frio e sombrio. Frex tinha noção de que ela não ficava triste ao vê-lo ir embora de vez em quando, para que ela pudesse ficar feliz ao vê-lo retornar.

Enquanto ele se remoía, a barba fez cócegas no pescoço de Elfaba e ela partiu as asas do pássaro de madeira. Ela o chupava como se fosse um apito. Ao se desviar do pai, ela correu até uma lente de vidro pendurada no beiral saliente e deu um tapa nela.

– Não, você vai quebrar isto! – disse o pai.

– Ela não conseguir quebrar isso. – O viajante quadling veio da pia onde havia se lavado.

– Ela acabou de deixar o brinquedo aleijado – disse Frex enquanto apontava para o passarinho dilacerado.

– Ela ficar contente com coisas pela metade – disse Coração de Tartaruga. – Eu acho. A menininha brincar com os pedaços quebrados melhor.

Frex não compreendeu muito bem, mas concordou. Sabia que tantos meses distante da voz humana o deixavam desajeitado no início. O rapaz da estalagem, que havia subido até Cabeça do Grifo para entregar o pedido de Babá, que desejava ser apanhada em Cume de Stonespar, obviamente pensou que Frex era um homem selvagem que grunhia e não se cuidava. Frex teve de citar alguns trechos da *Oziada* para indicar ter algum tipo de humanidade – “Terra de verde abandono, terra da folha sem fim” –; foi só o que passou na cabeça dele.

– Por que ela não consegue quebrá-lo? – perguntou Frex.

– Porque eu não fazer ele para ser quebrado – respondeu Coração de Tartaruga. Mas ele sorriu para Frex, não de forma agressiva. E Elfaba vagava pelo cômodo como se o vidro brilhante fosse um brinquedo, capturando sombras, reflexos, luzes na superfície imperfeita, quase como se estivesse brincando.

– Aonde você vai? – perguntou Frex ao mesmo tempo que Coração de Tartaruga dizia:

– De onde você é?

– Sou um munchkin – disse Frex.

– Eu achar que todos os munchkins serem mais baixos do que eu ou você.

– Os camponeses, os lavradores, sim, mas qualquer um com linhagens

dignas de nota se casou com pessoas mais altas pelo caminho. E você? Você é de Quadling – observou Frex.

– Sim – respondeu o quadling. O cabelo avermelhado dele tinha sido lavado, e secava formando um halo arejado. Frex estava contente de ver Melena tão generosa a ponto de oferecer um banho a um transeunte. Talvez ela estivesse se adaptando à vida no interior, no fim das contas. Porque, misericórdia, um quadling estava tão baixo na hierarquia social quanto era possível estar e ainda ser um humano.

– Mas eu entender – disse o quadling. – Ovvels é um mundo pequeno. Até eu ir embora, não conhecer as colinas, uma depois da outra e das espinhas pontudas de um mundo com uma volta tão comprida. O distante embaçado ferir os meus olhos, pois não consigo o tornar visto. Por favor, senhor, descrever o mundo que você conhece.

Frex pegou um pedaço de pau. No solo, ele desenhou um ovo de lado.

– Foi o que me ensinaram nas aulas – disse ele. – Dentro do círculo fica Oz. Faça um X. – Ele o fez, através do símbolo oval. – E, a grosso modo, você tem uma torta dividida em quatro. A parte de cima é Gillikin. Cheia de cidades, universidades e teatros, vida civilizada, como dizem. E indústrias. – Ele caminha na direção horária. – A leste, fica Munchkinlândia, onde estamos agora. Uma terra agrícola, o manancial de alimentos de Oz, exceto lá embaixo no montanhoso sul. Estas pinceladas, no distrito de Pedras do Caminho, são as colinas que você está subindo. – Ele batia a vareta e rabiscava. – Bem ao sul do centro de Oz fica a província de Quadling. Terra ruim, foi o que me disseram: pantanosa, inútil, infestada de insetos e ares febris. – Coração de Tartaruga parecia perplexo diante disto, mas concordou com a cabeça. – Então, a oeste, fica o que chamam de Província de Winkie. Não sei muito a respeito do lugar, exceto que é seco e deserto.

– E em volta? – perguntou Coração de Tartaruga.

– Desertos de arenito ao norte e a oeste, desertos de pedras sarapintadas a leste e ao sul. Antigamente, diziam que as areias do deserto eram um veneno mortal, o que é somente uma propaganda comum. Impede que os invasores de Ev e Quox tentem entrar. Munchkinlândia é um rico e cobiçável território agrícola e Gillikin também não é de todo mal. Nos Glikkus, aqui em cima – ele rascunhou linhas no nordeste, na fronteira entre Gillikin e Munchkinlândia –, ficam as minas de esmeraldas e os famosos canais de Glikkus. Pelo que entendo, há uma discórdia sobre o fato de os glikkus serem munchkins ou gillikins, mas não tenho opinião formada a respeito.

Coração de Tartaruga passou as mãos sobre o desenho no chão enquanto flexionava as palmas, como se estivesse lendo o mapa de cima.

– Mas aqui? – perguntou ele. – O que está aqui?

Frex se perguntou se ele se referia ao ar, acima de Oz.

– O reino do Deus Inominável? – indagou ele. – O Outro Mundo? Você é um unionista?

– Coração de Tartaruga é soprador de vidro – disse Coração de Tartaruga.

– Me refiro à sua religião.

Coração de Tartaruga abaixou a cabeça e não olhou nos olhos de Frex.

– Coração de Tartaruga não saber o nome para isso.

– Não sei quanto aos quadlings – disse Frex enquanto fazia um aquecimento para uma possível conversão. – Mas a maioria dos gillikins e munchkins são unionistas. Desde que o paganismo lurlinista saiu de moda. Por séculos os santuários e as capelas unionistas se espalharam por todos os lados de Oz. Não há nenhum em Quadling?

– Coração de Tartaruga não reconhecer o que é isso – falou ele.

– E agora respeitáveis unionistas se convertem aos borbotões à fé no prazer – continuou Frex, bufando –, ou até mesmo ao tiquetaquismo, que dificilmente pode ser considerado uma religião. Para o ignorante, tudo é um espetáculo hoje em dia. Os antigos monges e monjas unionistas sabiam o lugar deles no universo e reconheciam que a fonte da vida é sublime demais para ser nomeada, e agora cheiramos as saias de qualquer mago bolorento que apareça. Hedonistas, anarquistas, solipsistas! A liberdade individual e a diversão são tudo! Como se a feitiçaria apresentasse algum componente moral! Encantos, magias de rua, exibições de sons e luzes bem produzidos, falsos ilusionistas! Charlatães, nababos da necromancia, sabedorias químicas e herbáceas, hedonistas farsantes! Que vendem suas receitas lamacentas e aforismos velhacos e magias infantiloides! Essas bobagens me deixam doente.

– Coração de Tartaruga deve trazer água para você, Coração de Tartaruga deve ajudar você a deitar? – quis saber Coração de Tartaruga. Ele colocou os dedos, macios como pele de bezerro, na lateral do pescoço de Frex. Frex estremeceu e percebeu que estava aos berros. Babá e Melena estavam de pé na soleira da porta com a frigideira, em silêncio.

– É uma figura de linguagem, não estou doente – explicou ele, mas ficou comovido com a preocupação que o estranho havia demonstrado. – Eu acho que nós vamos comer.

E comeram. Elfaba ignorou a comida, exceto para cutucar os olhos do peixe cozido e tentar encaixá-los no pássaro sem asas. Babá resmungava, com bom humor, sobre o vento do lago, os calafrios, a coluna dela, a sua digestão. Era possível sentir os gases que ela soltava a mais de alguns metros de distância e Frex se moveu, tão discretamente quanto possível, para ficar contra o vento. Ele se viu sentado ao lado do quadling no banco.

– Então, tudo ficou claro para você? – Frex apontou um garfo para o mapa de Oz.

– A Cidade das Esmeraldas ser para onde? – indagou o quadling enquanto os ossos de peixe se projetavam por entre os lábios.

– Bem no meio – respondeu Frex.

– E lá está Ozma – disse Coração de Tartaruga.

– Ozma, a designada Rainha de Oz, ou ao menos é o que dizem, embora o Deus Inominável deva ser o monarca de tudo nos nossos corações.

– Como uma criatura sem nome pode reinar... – começou Coração de Tartaruga.

– Sem teologia na hora do jantar – gritou Melena. – Esta é uma regra da casa que data do início do nosso casamento, Coração de Tartaruga, e nós a obedecemos.

– Além disso, eu ainda nutro uma devoção por Lurline. – Babá fez uma careta na direção de Frex. – Aos anciãos como eu, isto é permitido. Você sabe algo sobre Lurline, forasteiro?

Coração de Tartaruga balançou a cabeça.

– Se não podemos falar de teologia, então certamente não podemos falar de nenhum notório absurdo pagão... – começou Frex, mas Babá, por ser uma hóspede e invocar uma certa surdez quando era conveniente, seguiu em frente.

– Lurline é a Rainha das Fadas que pairava sobre os desertos de areia e via a terra verde e bonita de Oz por baixo deles. Ela deixou a filha Ozma para governar o país em sua ausência e prometeu voltar a Oz em seu momento mais sombrio.

– Ha! – disse Frex.

– Sem *has* na minha frente – bufou Babá. – Tenho tanto direito a ter as minhas crenças quanto você, Frexpar, o Divino. Pelo menos elas não me metem em encrenca como as suas.

– Babá, controle o seu temperamento – pediu Melena enquanto se deleitava com a situação.

– Pura bobagem – disse Frex. – Ozma reina na Cidade das Esmeraldas e, qualquer um que já tenha visto a própria ou as pinturas dela, sabe que ela é da estirpe gillikins. Tem a mesma testa larga, os dentes da frente ligeiramente separados, o furor de cabelos loiros e ondulados, as mudanças rápidas de humor; propensas à raiva. Tudo isso é característico do povo gillikins. Você a viu, Melena, diga a ele.

– Ah, ela é elegante à maneira dela – admitiu Melena.

– A filha de uma Rainha das Fadas? – disse Coração de Tartaruga.

– Mais disparates – falou Frex.

– Não são disparates! – repreendeu Babá.

– Acham que ela renasce infinitamente, como uma fênix – argumentou Frex. – Ha e mais ha. Passaram-se três séculos de Ozmas bastante diferentes. Ozma, a Falsa, era uma monja dedicada, que ditava vereditos descendo um balde da câmara mais alta na torre de um claustro. Era tão louca quanto um besouro rola-bosta. Ozma, a Guerreira, conquistou os glikkus, ao menos por algum tempo, e confiscou as esmeraldas com as quais decorou a Cidade das Esmeraldas. Ozma, a Bibliotecária, nada fez além de ler genealogias a vida inteira. Em seguida, veio Ozma, a Mal-Amada, que tinha arminhos como animais de estimação. Ela sobrecarregou os lavradores de impostos para dar início ao sistema de estradas de tijolos amarelos que ainda lutam para concluir, e muito boa sorte para eles, é o que eu digo.

– Quem é Ozma agora? – perguntou Coração de Tartaruga.

– Na verdade, tive o prazer de conhecer a Ozma mais recente em um feriado na Cidade das Esmeraldas. O meu avô, Eminent Thropp, tinha uma casa lá. No inverno em que eu tinha 15 anos, fui levada para a sociedade de lá. Ela era Ozma, a Biliosa, por causa de uma doença no estômago. Ela tinha o tamanho de um narval de lago, mas se vestia muito bem. Eu a vi com o marido dela, Pastorius, no Festival da Canção e do Sentimento de Oz – disse Melena.

– Ela não é mais a Rainha? – perguntou Coração de Tartaruga, confuso.

– Ela morreu em um lastimável acidente que envolveu veneno de rato – contou Frex.

– Morreu ou o espírito dela passou em seguida para a filha, Ozma Tippetarius – falou Babá.

– A Ozma atual tem somente a idade de Elfaba, mais ou menos. Portanto, o pai dela, Pastorius, é o Regente de Ozma. O homem de bem vai governar até que Ozma Tippetarius tenha idade o suficiente para assumir o trono – explicou Melena.

Coração de Tartaruga balançou a cabeça. Frex estava aborrecido porque eles passaram tempo demais conversando sobre o governante do mundo e ignoraram o reino eterno, e Babá teve um ataque de indigestão, que deixou a todos desconsolados, olfativamente falando.

De qualquer forma, mesmo irritado, Frex estava contente de estar em casa. Graças à beleza de Melena, que quase reluzia nesta noite, conforme o sol deixava o céu, e graças à surpresa de Coração de Tartaruga, que sorria e parecia não estar constrangido ao lado dele. Talvez por causa do vazio religioso de Coração de Tartaruga, que Frex achava desafiador e atraente, quase tentador.

– Além disso, há o dragão debaixo de Oz, em uma caverna escondida – dizia Babá a Coração de Tartaruga. – O dragão que sonhou o mundo e que vai incendiá-lo em chamas quando acordar...

– Cala esta boca cheia de asneiras supersticiosas! – berrou Frex.

Elfaba, de quatro, avançava pelas tábuas irregulares do piso. Ela mostrou os dentes, como se soubesse o que era um dragão, como se fingisse ser um, e rugiu. A pele verde a tornou mais convincente, como se ela fosse a filha de um dragão. Ela rugiu mais uma vez.

– Ah, querida, não faça isso – disse Frex, e ela fez xixi no chão, e cheirou a urina com satisfação e repugnância.

BRINCADEIRA DE CRIANÇA

Durante uma tarde mais próxima do fim do verão, Babá disse:

– Há uma fera lá fora. Já a vi várias vezes no crepúsculo, à espreita entre as samambaias. Que tipos de criaturas são naturais nestas colinas, afinal?

– Não se vê nada maior do que um esquilo – garantiu Melena. Elas estavam ao lado do riacho para lavar roupas. A exígua umidade primaveril havia muito cessara e a seca mais uma vez cerrou o seu punho. A corrente era apenas um fiapo de água. Elfaba, que não chegava perto da água, arrancava de uma pereira selvagem sua safra atrofiada. Ela se agarrou ao tronco com as mãos e os pés, tortos para fora, e balançou a cabeça no ar para pegar o fruto azedo com os dentes e, em seguida, cuspir as sementes e a haste no chão.

– Aquilo é maior do que um esquilo – disse Babá. – Acredite em mim. Aqui há ursos? Pode ter sido um filhote de urso, embora se movimentasse extremamente rápido.

– Não há ursos aqui. Corre o boato de que existem tigres no topo das colinas, mas me disseram que não se vê nenhum há eras. E os tigres são conhecidos por serem ariscos e tímidos. Eles não chegam perto das moradas humanas.

– Um lobo, então? Há lobos? – Babá deixou o lençol afundar na água. – Pode ter sido um lobo.

– Babá, você pensa que está no deserto. Pedras do Caminho é ermo, concordo, mas é uma esterilidade domesticada, nesse caso. Você me assusta com esta conversa de lobos e tigres.

Elfaba, que ainda não sabia falar, soltou um rosnado baixo do fundo da garganta.

– Não gosto nada disso – falou Babá. – Vamos terminar aqui e pôr estas roupas para secar lá na casa. Já chega. Além disso, há outros assuntos que quero conversar com você. Vamos deixar a criança com Coração de Tartaruga e ir para algum lugar. – Ela estremeceu. – Algum lugar seguro.

– O que você tiver a dizer pode dizer com Elfaba por perto – falou Melena. – Você sabe que ela não entende nem uma palavra.

– Você confunde não falar com não ouvir – explicou Babá. – Acho que ela entende bastante.

– Olha, ela está lambuzando o pescoço com uma fruta, como se fosse um perfume...

– Como se fosse uma pintura de guerra, você quer dizer.

– Ah, quanta austeridade, Babá, deixe de pirraça e esfregue melhor esses

lençóis. Estão imundos.

– Não preciso nem perguntar de quem são este suor e estes fluidos...

– Ah, não, você não precisa mesmo perguntar, mas não comece com esta conversa moralista para cima de mim...

– Mas você sabe que, mais cedo ou mais tarde, Frex acabará por perceber. Estes cochilos revigorantes que você tira à tarde... Bem, você sempre teve um bom olho para o sujeito com a porção de linguiça e ovos cozidos mais decente...

– Babá, chega, isto não é da sua conta.

– O que é uma pena – disse Babá enquanto soltava suspiros. – A velhice não é mesmo um embuste cruel? Eu trocaria as pérolas da minha sabedoria, que conquistei a duras penas, por uma boa farra com o titio Mastro a qualquer momento.

Melena espirrou um punhado de água no rosto da Babá para que ela se calasse. A idosa pestanejou:

– Bem, é o seu jardim, plante nele o que escolher e colha o que conseguir. De qualquer maneira, é sobre a criança que quero falar.

A menina estava agachada atrás da pereira, com olhos apertados concentrados em algo distante. Melena pensou que ela parecia uma esfinge, um animal de pedra. Uma mosca até mesmo pousou no rosto dela e atravessou o dorso do nariz sem que a criança se mexesse ou contorcesse. Então, de repente, ela pulou e atacou, um gatinho verde e nu atrás de uma borboleta invisível.

– O que tem ela?

– Melena, ela precisa se acostumar com outras crianças. Ela vai começar a falar um pouquinho se perceber que as outras garotas conversam.

– A conversa entre crianças é um conceito supervalorizado.

– Não seja simplista. Você sabe que ela precisa se acostumar com outras pessoas além de nós. Não vai ser fácil para ela de qualquer maneira, a menos que ela descasque a pele esverdeada conforme crescer. Ela precisa do hábito de conversar. Olha, eu passo tarefas para ela fazer, cantarolo canções infantis para ela. Melena, por que ela não reage como as outras crianças?

– Ela é chata. Algumas crianças simplesmente o são.

– Ela precisa ter outros filhotes com quem brincar. Eles iriam contagiá-la com algum senso de diversão.

– Francamente, Frex não espera que um filho dele se interesse em diversão – disse Melena. – A diversão leva crédito até demais nesse mundo, Babá. Concordo com ele sobre isso.

– Então o seu enroscamento serpenteante com Coração de Tartaruga é o quê? Um exercício de devoção?

– Eu disse para você não ser maldosa, por favor! – Melena se concentrou na lavagem da toalha, esfregando-a com irritação. Babá continuou com o assunto; ela estava tramando algo. E acertou na mosca. Lá rastejava Coração de Tartaruga até as sombras frescas da casa, quando Melena estava cansada de trabalhar a manhã inteira na horta. Ele a cobria com um senso de santidade, e ela perdia muito mais do que as roupas de baixo quando ambos caíam ofegantes sobre os lençóis. Ela perdia o próprio senso de pudor.

Ela sabia que isso não condizia com a lógica convencional. No entanto, se

um tribunal de sacerdotes unionistas a conclamassem a comparecer ao tribunal por adultério, ela diria a verdade. De alguma forma, Coração de Tartaruga a salvou e restaurou o senso de virtude, de esperança no mundo. A crença dela na bondade das coisas se espatifou em pedacinhos quando a pequena e verde Elfaba rastejou para a existência. A criança era uma punição extravagante para um pecado tão secundário que ela sequer sabia se o havia cometido.

Não foi o sexo que a salvou, embora o sexo fosse altamente vigoroso, até mesmo assustador. Foi o fato de Coração de Tartaruga não ter corado quando Frex apareceu, não ter recuado diante da pequena e bestial Elfaba. Ele se estabeleceu no pátio lateral, onde soprava e moía vidro, como se a vida o tivesse levado até ali apenas para redimir Melena. Qualquer que fosse a direção para onde ele se encaminhava antes, foi esquecida.

– Muito bem, sua vaca velha e intrometida. Só para continuarmos a conversa: o que você propõe?

– Temos de levar Elfinha para Margens Agitadas e encontrar algumas crianças pequenas para brincar com ela.

Melena ficou de cócoras.

– Você só pode estar de brincadeira! – gritou ela. – Lenta e cautelosa como Elfaba é, pelo menos aqui ela está protegida! Posso não ser capaz de evocar tanto calor maternal assim, mas eu a alimento, Babá, e a impeço de se machucar! Como seria cruel infligir o mundo lá fora à menina! Uma criança verde será um convite aberto ao desprezo e ao escárnio. E as crianças são muito mais malvadas do que os adultos, não têm senso de moderação. Seria melhor atirá-la no lago, de que ela morre de medo.

– Não, não, não – disse Babá enquanto pousava as mãos gordas sobre os próprios joelhos. A voz dela estava densa de determinação. – Agora vou discutir sobre isso, Melena, até você ceder. O tempo, em toda a sua sabedoria, vai convencê-la da minha linha de pensamento. Escute-me. Você é apenas uma menininha mimada e rica que pairava das aulas de música para as aulas de dança com as crianças da vizinhança, tão ricas e idiotas quanto você. Claro que há crueldade lá fora, mas Elfaba precisa aprender quem ela é e enfrentar a crueldade desde cedo. E esta crueldade será menor do que você imagina.

– Não banque a Deusa Babá para cima de mim. Não vou cair nessa.

– Babá não vai desistir – afirmou Babá, com a mesma ferocidade de Melena. – Tenho uma visão a longo prazo da sua felicidade, bem como da dela, e acredite, se você não der a ela as armas e as armaduras para conseguir se defender do desprezo, ela vai tornar a sua vida infeliz, pois a dela será infeliz.

– E que armas e armaduras são estas que ela vai aprender com os moleques imundos de Margens Agitadas?

– Risos. Diversão. Brincadeiras. Sorrisos.

– Ah, faça-me o favor!

– Eu não sou incapaz de chantageá-la para isso, Melena – disse Babá. – Posso ir até Margens Agitadas esta tarde e descobrir onde Frex está tentando realizar a reunião de reavivamento dele, e sussurrar algumas palavras no ouvido dele. Será que, mesmo que Frex esteja ocupado tentando fazer o ardor religioso dos preguiçosos de Margens Agitadas pegar no tranco, ele se interessaria em

saber o que sua esposa apronta com Coração de Tartaruga?

– Sua velha demoníaca e miserável! Sua tirana grosseira e antiética! – berrou Melena.

Babá sorriu com orgulho.

– O mais tardar amanhã – disse ela. – Nós vamos até lá amanhã e dar início à vida dela.

Pela manhã, um vento intenso e implacável descia galopando das alturas. Ele erguia as folhas velhas e os restos de colheitas e hortas fracassadas. Babá passou um xale sobre os ombros arredondados e meteu um gorro até a testa. Os olhos dela estavam cheios de feras marginais. Toda vez que ela se virava, via um felino ou uma raposa sorradeira se dissolver em coágulos de esqueletos de folhas e ruínas.

Babá pegou um pau de abrunheiro como se ele fosse ajudá-la a passar entre as pedras e os buracos, mas tinha esperanças de estar preparada para empunhá-la contra alguma besta faminta.

– A terra está seca e fria – observou ela, quase que somente para si mesma. – E tão pouca chuva! Claro que as grandes feras seriam expulsas das colinas. Vamos andar juntas, não corra na minha frente, sua verdinha.

Elas abriram caminho em silêncio: Babá cheia de medo, Melena com raiva por ter de perder o namorico da tarde e Elfaba como um brinquedo de corda, um pé firme na frente do outro. As margens do lago haviam desaparecido e algumas das docas toscas agora pareciam mais com passarelas, passando por cima de seixos e mato apodrecido, e a água lá atrás, fora do alcance.

O casebre de Gawnette era feito de pedras escuras, com um telhado de palha embolorada. Por causa de um problema no quadril, Gawnette não era boa em puxar as redes de pesca ou se ajoelhar para trabalhar nas hortas arrasadas. Ela tinha uma confusão de criancinhas em vários estágios de nudez, que urravam, faziam birra e se agitavam em um pequeno bando espalhado pelo quintal emporcalhado. Ela ergueu o olhar conforme a família do sacerdote se aproximava.

– Bom dia, e você deve ser Gawnette – disse Babá com alegria. Ela estava satisfeita de ter aberto o portão e estar em segurança dentro do jardim, mesmo neste pardieiro. – O Irmão Frexpar nos disse que a encontraríamos aqui.

– Doce Lurline, então é verdade o que dizem! – exclamou Gawnette enquanto fazia um sinal sagrado na direção de Elfaba. – Achei que fossem calúnias maldosas, e aqui está ela!

As crianças aos poucos pararam de brincar. Eram meninos e meninas, de cara marrom e branca, todas imundas, todas interessadas em algo novo. Embora continuassem a andar, enquanto brincavam em algum jogo de resistência ou faz de conta, os olhos delas jamais se afastaram de Elfaba.

– Você sabe que esta é Melena, claro que sabe, e eu sou Babá – apresentou-se Babá. – Prazer em conhecê-la, Gawnette. – Ela deslizou um olhar até Melena, mordeu o lábio superior e acenou com a cabeça.

– Muito prazer, com certeza – falou Melena friamente.

– E nós precisamos de alguns conselhos, pois você nos foi muito bem recomendada – comentou Babá. – A menina tem problemas e nem o melhor do nosso raciocínio simplesmente pareceu não nos ajudar com boas ideias.

Gawnette se inclinou para a frente, desconfiada.

– A criança é verde – segredou Babá. – Talvez você não tenha notado, atraída pelo charme e pela ternura dela. Claro, sabemos que a boa gente de Margens Agitadas não iria se deixar incomodar por isto. No entanto, por ser verde, ela é tímida. Olhe para ela. Uma tartaruguinha primaveril assustada. Precisamos trazê-la à vida, fazê-la feliz, e não sabemos como.

– Ela é verde mesmo – disse Gawnette. – Não é de se admirar que o inútil do Irmão Frexpar tenha aposentado a pregação por tanto tempo! – Ela jogou a cabeça para trás e riu de forma barulhenta e indelicada. – E só agora ele teve a coragem de recomeçar! Bem, isso é o que eu chamo de ter culhões!

– O Irmão Frexpar – interrompeu Melena secamente – nos lembra das Escrituras: “Ninguém sabe qual é a cor de uma alma.” Gawnette, ele me sugeriu que a lembrasse deste texto.

– Sugeriu, é? – resmungou Gawnette, como se tivesse sofrido uma punição.

– Bem, nesse caso, o que você quer comigo?

– Que você a deixe brincar, a deixe aprender, a deixe vir aqui e que você tome conta dela. Você tem mais sabedoria do que nós – disse Babá.

A velha espertalhona, pensou Melena. Ela se vale da mais rara das estratégias: dizer a verdade e fazer com que ela soe plausível. Elas se sentaram.

– Não sei se eles vão aceitá-la – explicou Gawnette, um pouco hesitante. – E você sabe que o meu quadril não me permite partir para cima deles e detê-los quando começam a fazer birra.

– Veremos. E é claro que oferecemos um pagamento, um dinheiro, Melena concorda plenamente – disse Babá. A horta estéril chamou a atenção dela. Isto era a *pobreza*. Babá deu um empurrãozinho em Elfaba. – Bem, vá em frente, criança, e veja como são as coisas.

A menina não se moveu, não pestanejou. As crianças se aproximaram dela. Havia cinco meninos e duas meninas.

– Que cachorro feioso – disse um dos meninos mais velhos. Ele tocou o ombro de Elfaba.

– Brinque direitinho agora – falou Melena, prestes a dar um salto, mas Babá manteve a mão esticada, como se dissesse “sossegue o facho”.

– Pique-pegas, vamos brincar de pique-pegas – disse o menino. – Com quem está?

– Comigo não, comigo não! – As outras crianças deram gritinhos e correram para passar as mãos em Elfaba, depois correram para se afastar. Ela parou por um minuto, em dúvida, com as próprias mãos cerradas ao lado do corpo, e então deu alguns passos e parou.

– Este é o caminho, um exercício saudável – garantiu Babá enquanto balançava a cabeça. – Gawnette, você é um gênio.

– Conheço os meus filhotes – disse Gawnette. – Não diga que não conheço.

Como um rebanho, as crianças começaram a correr de novo, dando

tapinhas umas nas outras e disparando, mas a menina não corria atrás deles. Então, eles se aproximaram mais uma vez.

– É verdade que tem um quadling encardido feito um sapo morando com você também? – disse Gawnette. – É verdade que ele só come grama e esterco?

– O que foi que você disse? – gritou Melena.

– É o que dizem... é verdade? – disse Gawnette.

– Ele é um homem bom.

– Mas é um quadling?

– Bem, é.

– Nesse caso, não o traga até aqui, eles espalham a peste – disse Gawnette.

– Não espalham coisa nenhuma – retrucou Melena.

– Não jogue as coisas nos outros, querida Elfinha – gritou Babá.

– Só disse o que ouvi falar. Dizem que, à noite, os quadlings caem no sono e a alma deles sai pela boca e vaga por aí.

– Gente idiota diz muita coisa idiota – falou Melena de maneira ríspida e alta demais. – Nunca vi a alma dele sair pela boca enquanto ele dormia, e tive muitas oportunida...

– Querida, sem pedras – guinchou Babá. – Nenhuma das outras crianças tem pedras na mão.

– Agora tem – observou Gawnette.

– Ele é a pessoa mais sensível que já conheci – afirmou Melena.

– Sensibilidade não tem muita serventia para uma mercadora de peixes. E para um sacerdote e a esposa de um sacerdote?

– Agora está sangrando, que vexame – disse Babá. – Crianças, saiam de cima de Elfinha para que eu possa limpar esse corte. E eu não trouxe um pedaço de pano. Gawnette?

– Sangrar faz bem para eles, os deixa menos famintos – explicou Gawnette.

– Eu tenho sensível em muito mais alta conta do que idiota – falou Melena, fumegante.

– Sem morder – disse Gawnette a um dos meninos, e depois, ao ver Elfaba abrir a boca para retaliar, se ergueu sobre os pés, com quadril doente ou sem, e gritou: – Sem mordidas, pelo amor de Deus!

– Crianças não são mesmo divinas? – indagou Babá.

ESCURIDÃO À FRENTE

Acada dois ou três dias Babá pegava Elfaba pela mão e cambaleava através do caminho sombrio que levava a Margens Agitadas. Lá, Elfaba se misturava com as crianças sebosas, sob o olhar carrancudo de Gawnette. Frex havia saído de casa novamente (por confiança ou desespero?): se ocupava agora em assustar aldeolas miseráveis com sua barba frenética e suas opiniões calculistas sobre a fé. Ele se isolava por oito, dez dias a fio. Melena praticava arpejos de piano em um teclado falso e mudo que Frex esculpiu para ela, em uma escala perfeita.

Coração de Tartaruga parecia definhar e esmorecer com a chegada do outono. As tardes de namoricos começaram a perder o calor da urgência e a se desdobrarem em algo mais terno. Melena sempre valorizou a atenção de Frex e a retribuiu igualmente, mas, de alguma forma, o corpo dele não era tão maleável quanto o de Coração de Tartaruga. Ela caía no sono com a boca de Coração de Tartaruga colada em um dos seios e as mãos – as grandes mãos dele – perambulando pelo corpo dela como animais sencientes. Ela imaginava que o corpo de Coração de Tartaruga se dividia quando os olhos dela se fechavam: a boca vagava, o pau se erguia, pressionava e se curvava, a respiração estava em outro lugar que não a boca e assobiava com elegância no ouvido dela, sem dizer uma palavra, os braços dele como duas perneiras.

Ainda assim, ela não o conhecia, não da maneira como conhecia Frex. Melena não o via com a mesma transparência com que via a maioria das pessoas. Ela atribuía o fato ao seu porte majestoso, mas Babá, sempre vigilante, comentou em uma noite que isso se dava somente porque os modos dele eram os modos de um quadling e Melena nunca sequer havia se dado conta de que ele vinha de uma cultura diferente da dela.

– Cultura, o que é cultura? – questionou Melena, tomada de preguiça. – Pessoas são pessoas.

– Você não se lembra das canções de ninar? – Babá deixou de lado o bordado (aliviada) e cantarolou.

*Meninos estudam, meninas nascem sabendo,
E com estas lições vão crescendo.
Meninos aprendem, meninas esquecem,
E com estas lições permanecem.
Gillikins são espertos demais,*

*Munchkins têm vidas banais,
Glikkus batem nas esposas feiasas,
Winkies formam enxames em colmeias pegajosas.
Mas os quadlings, ah, que povo é este,
Idiota, viscoso e herege como a peste,
A comer os jovens e aos velhos enterrar
Um dia antes que o corpo possa esfriar.
Dê-me uma maçã e digo tudo de novo.*

– O que você sabe a respeito dele? – perguntou Babá. – Ele é casado? Por que ele deixou Fossa Lamacenta ou seja lá de onde veio? Naturalmente, não estou no lugar de fazer perguntas tão pessoais...

– Desde quando algum dia você soube o seu lugar ou se pôs nele?

– Quando Babá sair do lugar dela, acredite, você vai saber – retrucou Babá.

Em uma noite no início do outono, apenas por diversão, eles montaram uma fogueira no quintal. Frex estava em casa e de bom humor, e Babá pensava em voltar para Solos de Colwen, o que deixou Melena bem-humorada também. Coração de Tartaruga organizou uma ceia, um goulache de sabor medonho, feito com pequenas maçãs frescas e azedas, queijo e bacon.

Frex se sentia efusivo. O efeito daquela maldita arapuca tiquetaqueante, o Relógio do Dragão do Tempo, começava finalmente a enfraquecer, graças ao Deus Inominável, e os pobres coitados voltavam aos poucos a dar ouvidos à lenga-lenga de Frex. A missão de duas semanas em Três Árvores Mortas foi um sucesso. O povo retribuiu com uma pequena carteira de moedas de bronze e também moedas de troca, e com o brilho da devoção ou até mesmo da luxúria no rosto de mais de um penitente.

– Talvez o nosso tempo aqui seja limitado – disse Frex enquanto suspirava de satisfação e unia os braços atrás da cabeça. A típica reação masculina à felicidade, pensou Melena: prever a sua ruína. O marido continuou: – Talvez a estrada de Margens Agitadas nos leve a questões mais elevadas, Melena. Posições mais grandiosas na vida.

– Ah, faça-me o favor. A minha família lutou para se erguer de suas origens humildes há nove gerações, para que eu acabasse aqui, com os meus tornozelos na lama, no meio do nada. Não acredito em questões mais elevadas.

– Eu me refiro às ambições sublimes do espírito. Não pretendo invadir a Cidade das Esmeraldas e me tornar o confidente particular da rainha Ozma.

– Por que você não se apresenta como confidente particular de Ozma Tippetarius? – perguntou Babá. A mulher se via ascender na aristocrática sociedade da Cidade das Esmeraldas, se Frex ocupasse tal posição. – E daí que o bebê real tem somente, o que, 2 anos? Três? Seremos governados por um regente macho mais uma vez. É somente um compromisso limitado, como a maioria das convergências masculinas. Você ainda é jovem, ela vai crescer, e você estará bem posicionado para influenciar as políticas...

– Não me interessa em pregar para os nobres, nem mesmo para Ozma, a

Fanática Devota. – Frex acendeu um cachimbo com folhas de salgueiro cinzento.
– A minha missão é para com os oprimidos e humildes.

– O Benevolente devia viajar para a terra dos quadling – disse Coração de Tartaruga. – Tem oprimidos lá.

Não era frequente que Coração de Tartaruga falasse do próprio passado, e Melena se lembrou da provocação de Babá sobre a falta de curiosidade dela. Ela fez um gesto para afastar a fumaça do cachimbo.

– Por que você deixou Ovvels, afinal? – perguntou Melena.

– Horrores – disse ele.

Elfaba, que estava à espera de as formigas atravessarem a mó para poder esmagá-las com uma pedra, olhava atentamente para a bacia rasa. Os outros aguardavam que Coração de Tartaruga continuasse. O coração de Melena disparou, inquieto. Ela teve uma premonição repentina de que tudo mudaria aqui mesmo, nesta mesma noite, tão esplêndida e suave, tudo daria errado justo agora que eles conseguiriam se acalmar.

– Que tipo de horrores? – indagou Frex.

– Sinto um calafrio. Vou pegar um xale – disse Melena.

– Ou sacerdote de Pastorius! O rei de Ozma! Por que não, Frex? – interrompeu Babá. – Estou certa de que, com as conexões que a família de Melena tem, você poderia arranjar um convite...

– Horrores – falou Elfaba.

Foi a primeira palavra que ela disse e foi recebida com o silêncio. Até a lua, uma tigela que bruxuleava entre as árvores, parecia ter feito uma pausa.

– Horrores? – repetiu ela enquanto olhava ao redor. Embora a boca dela tivesse uma expressão séria, os olhos brilhavam; ela se deu conta da própria feição. A menina tinha quase 2 anos. Os dentes enormes e afiados em sua boca não conseguiam mais manter as palavras trancadas dentro dela. – Horrores – sussurrou ela, em mais uma tentativa. – Horrores.

– Venha para a Babá, lindinha. Venha se sentar no meu colo e ficar quieta um tempinho.

A criança obedeceu, mas se sentou à frente, longe do peito macio de Babá, permitindo que os braços a enlaçassem pela cintura, mas sem contato algum além disso. Ela olhou para Coração de Tartaruga e esperou.

E Coração de Tartaruga disse em uma voz cheia de reverência:

– Coração de Tartaruga achar que a criança falar pela primeira vez.

– É – disse Frex, e exalou um anel de fumaça. – E ela perguntou sobre os horrores. A menos que você não queira nos contar...?

– Coração de Tartaruga falar pouco. Coração de Tartaruga trabalhar o vidro e deixar as palavras para O Benevolente e a Dama e Babá. E agora para a menina.

– Fale um pouco, mesmo assim. Já que você tocou no assunto.

Melena tremia. Ela não tinha ido buscar o xale e não conseguia se mexer. Estava paralisada como uma pedra.

– Os trabalhadores da Cidade das Esmeraldas e de outros lugares, eles ir para Quadling. Eles olhar e saborear e experimentar o ar, a água, o solo. Eles planejar a estrada. Quadlings saber que é desperdício de tempo e de esforços.

Eles não ouvir as vozes dos quadlings.

– Os quadlings não são engenheiros rodoviários, imagino – disse Frex calmamente.

– A província ser delicada – continuou Coração de Tartaruga. – Em Ovvels, as casas flutuam entre as árvores. Plantações crescer em pequenas plataformas ligadas por cordas. Meninos mergulhar em águas rasas para colher pérolas. Árvores demais e sem luz suficiente para as plantações e a saúde. Árvores de menos e a água encher e as raízes das plantas que flutuar por cima não conseguir se esticar até o solo. Quadling ser província pobre, mas rica em beleza. Só precisar abrigar a vida com planejamento e cooperação cuidadosos.

– Então a resistência à Estrada de Tijolos Amarelos...

– Ser só um lado da história. Os quadlings não conseguir convencer os construtores da estrada, que querem construir diques de lama e pedra e retalhar a terra dos quadlings em pedaços. Os quadlings argumentar e orar, e provar, e não conseguir vencer com palavras.

Frex segurava o cachimbo com as duas mãos e observava Coração de Tartaruga falar. Ele se sentia atraído; afinal, sempre era atraído pela intensidade.

– Quadlings considerar brigar – prosseguiu Coração de Tartaruga. – Porque acham que isso ser só o começo. Quando os construtores testar solo e peneirar a água, ficar sabendo de coisas que quadlings já saber há muito tempo, mas quadlings ficar quietos.

– Coisas que vocês sabem?

– Coração de Tartaruga falar de rubis – falou ele com um grande suspiro. – Rubis debaixo da água. Vermelho como sangue de pombo. Engenheiros dizer: corindon¹ vermelho em estrias de calcário cristalino sob pântano. Quadlings dizer: o sangue de Oz.

– Como o vidro vermelho que você faz? – indagou Melena.

– Vidro cor de rubi surgir da adição de cloreto de ouro – disse Coração de Tartaruga. – Mas terra dos quadlings ficar em cima de depósitos de verdade de rubis de verdade. E a notícia com certeza vai chegar na Cidade das Esmeraldas junto com os construtores. O que acontecer depois é horror atrás de horror.

– Como você sabe? – retrucou Melena.

– Ver no vidro – disse Coração de Tartaruga ao mesmo tempo que apontava para o disco que fez como brinquedo para Elfaba – é ver o futuro, em sangue e rubis.

– Não acredito em ver o futuro. Isso me cheira a fé no prazer – replicou Frex, feroz. – O fatalismo do Dragão do Tempo. Pffff. Não, o Deus Inominável apresenta uma história desconhecida para nós e profecias são meras conjecturas e assombros.

– Conjecturas e assombros ser o suficiente para fazer Coração de Tartaruga deixar terra dos quadlings, então – respondeu o quadling soprador de vidro, sem pedir desculpas. – Quadlings não chamar a religião deles de fé no prazer, mas prestar atenção nos sinais e observar as mensagens. Como a água correr vermelha com os rubis, vai correr com o sangue dos quadlings.

– Bobagem! – protestou Frex, ele mesmo todo vermelho. – Eles precisam é

de um bom sermão.

– Além do mais, Pastorius não é um simplório? – disse Melena, que era a única entre eles que poderia declarar uma opinião embasada sobre a casa real. – O que ele vai fazer até Ozma ser maior de idade além de promover caçadas, comer doces munchkins e foder a criada nas horas vagas?

– O perigo ser um estrangeiro – falou Coração de Tartaruga –, não um rei ou rainha nascido e criado lá. As mulheres idosas, os xamãs e os moribundos: eles ver um rei estrangeiro, cruel e poderoso.

– O que o rei de Ozma está fazendo ao planejar obras rodoviárias naquele lamaçal esquecido por Deus, afinal? – perguntou Melena.

– O progresso – disse Frex. – Como a Estrada de Tijolos Amarelos que atravessa Munchkinlândia. Progresso e controle. O movimento de tropas. A regularização dos impostos. Proteção militar.

– Proteção contra quem? – quis saber Melena.

– Ah, sempre a pergunta mais importante – falou Frex.

– Ah – disse Coração de Tartaruga, quase em um sussurro.

– Então, para onde você vai? – indagou Frex. – Não que você precise ir embora daqui, é claro. Melena adora ter você por perto. Todos nós adoramos.

– Horrores – disse Elfaba.

– Fique quietinha – ordenou Babá.

– A Dama ser bondosa e o Benevolente ser bondoso com Coração de Tartaruga. Que não teve intenção de ficar mais de um dia. Coração de Tartaruga estava a caminho para a Cidade das Esmeraldas e se perder. Coração de Tartaruga ter esperança de pedir audiência com Ozma...

– Rei de Ozma – interferiu Frex.

– E implorar misericórdia para quadling. E alertar sobre o estrangeiro desumano...

– Horrores – repetia Elfaba enquanto batia palmas de alegria.

– A criança lembrar Coração de Tartaruga das suas funções – disse ele. – Falar disso traz os deveres de volta da dor do passado. Coração de Tartaruga esquecer, mas, quando as palavras são faladas no ar, as ações devem as acompanhar.

Melena olhou com ódio para Babá, que havia deixado a menina no chão e começado a se ocupar em recolher a louça do jantar. “Viu só no que dá tanta curiosidade e bisbilhotice, Babá? Viu só? Leva apenas à dissolução da minha felicidade terrena, mais nada.” Melena virou o rosto para a filha horrenda, que parecia sorrir, ou seria uma careta? Ela olhou para o marido com desespero. “Faça alguma coisa, Frex!”

– Talvez esta seja a aspiração mais elevada que buscamos – concluiu ele em um murmúrio. – Devemos viajar até a terra dos quadlings, Melena. Devemos deixar o luxo de Munchkinlândia e passar pela prova de fogo que uma situação verdadeiramente carente apresenta.

– O luxo de Munchkinlândia? – A voz de Melena estava estridente.

– Quando o Deus Inominável fala por meio de um receptáculo inferior – Frex dizia enquanto apontava para Coração de Tartaruga, que parecia estar novamente desesperado –, podemos optar por ouvi-lo ou por enrijecer o nosso

coração...

– Bem, neste caso, ouça isto. Estou grávida, Frex. Não posso viajar. Não posso me mudar. E, com um bebê novo para cuidar, além de Elfaba, é demais sugerir que eu perambule pela Terra do Lodaçal.

Depois que o silêncio perdeu um pouco do vigor, ela continuou:

– Bem, eu não tinha a intenção de contar para você deste jeito.

– Parabéns – falou Frex friamente.

– Horrores – disse Elfaba para a mãe. – Horrores, horrores, horrores.

– Já chega de conversa fiada para uma noite – concluiu Babá ao assumir o controle da situação. – Melena, você vai pegar um resfriado parada aí. As noites de verão estão esfriando de novo. Vamos entrar e deixar tudo como está.

No entanto, Frex se levantou e foi beijar a esposa. Não ficou claro para ninguém se ele suspeitava que Coração de Tartaruga era o pai, nem ficou claro para Melena quem era o pai, o marido ou o amante. Na verdade, ela não se importava. Só não queria que Coração de Tartaruga fosse embora e o odiava furiosamente por estar dividido pelo sentimento moral em relação ao povo miserável dele.

Frex e Coração de Tartaruga conversavam em um tom de voz tão baixo que Melena não conseguia entendê-los. Eles se sentaram perto da fogueira, ambos de cabeça baixa, e Frex estava com o braço sobre os ombros trêmulos de Coração de Tartaruga. Babá preparou Elfaba para dormir, deixou-a lá fora com os dois homens e veio se sentar na cama de Melena, trazendo um copo de leite quente em uma bandeja e uma pequena tigela de cápsulas medicinais.

– Ora, eu sabia que isso ia acontecer – comentou Babá com tranquilidade. – Beba o leite, querida, e pare de choramingar. Você está se comportando como uma criança de novo. Há quanto tempo você sabe?

– Ah, seis semanas – disse Melena. – Não quero tomar leite, Babá, eu quero o meu vinho.

– Você vai beber leite. Sem vinho até o bebê nascer. Você quer que aconteça mais um desastre?

– Beber vinho não muda a cor da pele deles. Posso ser uma idiota, mas eu entendo um pouco de biologia.

– É ruim para o seu estado de espírito, nada mais, nada menos. Beba o leite e tome uma destas cápsulas.

– Para quê?

– Eu fiz o que disse a você que ia fazer. No outono passado, me meti nos ermos do Baixo Mundo da nossa capital para ajudá-la...

A jovem se interessou abruptamente na conversa.

– Babá, o que você fez! Que esperta! Não ficou apavorada?

– Como que fiquei. No entanto, Babá ama você, mesmo que você seja uma idiota. Encontrei um armazém marcado com a insígnia secreta do comércio alquimista. – Ela franziu o nariz ao se lembrar do cheiro de gengibre podre e mijo de gato. – Tive uma conversa com uma anciã falastrona e de jeito impertinente de Shiz, uma velha chamada Yackle, e bebi um chá e virei a caneca para que ela pudesse ler as folhas. Yackle mal conseguia enxergar a própria mão, quanto mais ler o futuro.

– Uma verdadeira profissional – ironizou Melena, ríspida.

– O seu marido não acredita em previsões, então fale baixo. De qualquer maneira, expliquei o tom verde da sua primeira filha e a dificuldade de saber com precisão por que isso aconteceu. Não queremos que aconteça de novo, foi o que eu disse. Então Yackle esmagou algumas ervas e minerais, assou com óleo de gomba, entouo algumas orações pagãs e, até onde eu sei, cuspiu aí, não observei muito de perto. Mas paguei por um estoque de nove meses, a ser tomado assim que houver certeza da concepção. Nós estamos um mês atrasadas, talvez, mas vai ser melhor do que nada. Tenho total confiança nessa mulher, Melena, e você também deveria ter.

– Por que deveria? – perguntou Melena enquanto engolia a primeira das nove cápsulas. Tinha gosto de tutano cozido.

– Porque Yackle previu a magnanimidade para os seus filhos – disse Babá. – Ela disse que Elfaba irá ser mais do que você espera e que o seu segundo filho vai seguir o exemplo. Ela disse para você não desistir da sua vida. Disse que a história está para ser escrita e que esta família vai fazer parte dela.

– O que ela disse sobre o meu amante?

– Você é uma peste – brincou Babá. – Ela disse que você deve descansar e não se preocupar. Deu a bênção dela. A mulher é uma vagabunda suja, mas sabe do que está falando. – Babá não mencionou que Yackle tinha certeza de que a próxima criança também seria uma menina. Havia grandes chances de que Melena tentasse abortá-la e Yackle parecia certa de que a história pertencia a duas irmãs e não a uma única menina.

– E você chegou em casa em segurança? Será que alguém suspeitou de algo?

– Quem iria suspeitar que a velha e inocente Babá iria se meter no comércio de substâncias ilegais no Baixo Mundo? – Babá riu. – Teço o meu tricô e cuido da minha própria vida. Agora vou dormir, meu amor. Corte o vinho pelos próximos meses e continue a tomar os remédios, e vamos ter para você e Frex uma criança decente, e saudável, que não vai acabar com as chances de recuperação do seu casamento.

– Meu casamento vai ficar perfeitamente bem – falou Melena enquanto se aconchegava debaixo dos cobertores; a cápsula causou um impacto, mas ela não queria que Babá soubesse disso. – Desde que nós não tenhamos que perambular na lama até o pôr do sol.

– O sol se põe no oeste, não no sul – comentou Babá com ternura. – Foi um golpe de mestre abrir o jogo sobre a gravidez esta noite, minha querida. Eu não iria visitá-la se você fosse chapinhar até a terra dos quadlings, por sinal. Faço 50 anos este ano, você sabe. Tem certas coisas que Babá está realmente velha demais para fazer.

– Bem, é melhor ninguém ir a lugar nenhum – concluiu Melena e começou a cair no sono.

Babá, satisfeita consigo mesma, olhou pela janela mais uma vez enquanto se preparava para descansar. Frex e Coração de Tartaruga ainda estavam absortos em uma conversa. Babá foi mais esperta do que deixou transparecer: ela observou o rosto de Coração de Tartaruga enquanto o rapaz se lembrava da

ameaça que o povo dele sofria. Ele se abriu como o ovo de uma galinha e a verdade saiu esvoaçante e cambaleante, da mesma maneira ingênua de um pintinho amarelo. E com a mesma fragilidade. Não é de se admirar que Frex estivesse mais próximo do quadling sitiado do que Babá considerava ser uma distância decente. No entanto, as esquisitices dessa família pareciam não ter fim.

– Tragam a menina aqui para dentro para que eu a ponha para dormir – gritou ela da janela, em parte para interromper a intimidade deles.

Frex olhou em volta.

– Ela já está aí, não está?

Babá olhou em volta. A criança não era dada a brincadeiras de esconde-esconde, nem aqui nem com os pirralhos da aldeola.

– Não, ela não está com vocês?

Os homens se viraram e observaram. Babá pensou ter visto um borrão em movimento por entre as sombras azuis do teixo selvagem. Ela se levantou e se apoiou no parapeito da janela.

– Bem, encontrem a garota. Está na hora de os bichos saírem à caça.

– Não há nada aqui, Babá, só a sua imaginação fértil – falou Frex com a voz arrastada, mas os homens se ergueram rapidamente e começaram a olhar ao redor.

– Melena, querida, não durma ainda, você sabe onde Elfaba está? Você a viu sair lá para fora? – perguntou Babá.

Melena lutou para se apoiar em um cotovelo. Ela observou por entre o cabelo e a embriaguez.

– Do que você está falando? – indagou ela, engolindo as palavras. – Quem foi lá para fora?

– Elfaba – disse Babá. – Vamos, é melhor você se levantar. Onde ela poderia estar. Onde ela poderia estar. – Ela começou a ajudar Melena a se levantar, mas tudo acontecia devagar demais e o coração de Babá começava a acelerar. Ela prendeu as mãos de Melena às pernas da cama enquanto dizia: – Agora vamos, Melena, isso não é bom. – E estendeu a mão para pegar o pau de abrunheiro.

– Quem? – disse Melena. – Quem está perdido?

Os homens gritavam em meio ao crepúsculo arroxado.

– Fabala! Elfaba! Elfinha! Rãzinha! – Eles davam voltas e se afastavam cada vez mais do quintal, das brasas mortíferas da fogueira do jantar, e perscrutavam e golpeavam os galhos baixos dos arbustos. – Serpentina! Menina-lagarto! Onde você está?

– É a coisa, a coisa desceu das colinas, seja lá o que ela for! – gritou Babá.

– Não há coisa nenhuma, sua besta velha – xingou Frex que, no entanto, saltava com cada vez mais vigor de pedra em pedra atrás do casebre, enquanto estalava os galhos ao parti-los.

Coração de Tartaruga ficou parado, as mãos viradas para o céu, como se tentasse captar a luz tênue das primeiras estrelas nas próprias palmas.

– É Elfaba – gritou Melena da porta do quarto, finalmente concentrada na situação enquanto caminhava de camisola. – A criança se foi?

– Ela se afastou, foi levada – informou Babá com violência –, estes dois

imbecis flertavam feito duas colegiais e a fera das colinas está lá fora!

– Elfaba! Elfaba, me escute! Venha para cá agora mesmo! Elfaba! – gritou Melena, bem alto e com um acúmulo de terror na voz.

Somente o vento a respondeu.

– Ela não estar longe daqui – disse Coração de Tartaruga depois de um instante. Em meio à escuridão crescente, ele estava quase invisível, enquanto Melena, em sua roupa de popelina branca, reluzia como um anjo, como se brilhasse de dentro para fora. – Ela não estar longe daqui, só não estar aqui.

– O que diabos você quer dizer com seus enigmas e seus jogos? – perguntou Babá enquanto chorava.

Coração de Tartaruga se virou. Frex havia voltado para perto dele, para passar um braço em volta dele e segurá-lo, e Melena se aproximou pelo outro lado. Ele sucumbiu por um minuto, como se tivesse desmaiado. Melena berrou de susto. No entanto, Coração de Tartaruga se endireitou e começou a ir em frente, na direção do lago.

– O lago não, não para esta menina, ela não suporta a água, você sabe disso – gritou Babá, que agora corria mesmo assim, com a ajuda do pau para tatear o chão à frente e não tropeçar.

“É o fim”, pensou Melena. O cérebro dela estava nebuloso demais para pensar qualquer outra coisa, e ela repetiu várias vezes, como se fazer isso impedisse que a ideia se tornasse realidade.

“É o início”, pensou Frex, “mas de quê?”

– Ela não estar longe, ela não estar aqui – repetiu Coração de Tartaruga.

– É o castigo pelo estilo de vida podre de vocês, seus hedonistas de duas caras! – gritou Babá.

O terreno se inclinava em direção à margem tranquila e recuada do lago. Primeiro na altura dos pés, depois das cinturas e cada vez mais alta, a doca arraigada surgia, como uma ponte que não leva a lugar nenhum, que termina no ar.

Sob a doca, por entre as sombras secas, havia olhos.

– Ah, doce Lurline – sussurrou Babá.

Elfaba estava sentada debaixo da doca, com o espelho que Coração de Tartaruga tinha feito. Ela o segurava com as duas mãos e o observava com um olho fechado. Ela perscrutava, apertava os olhos: o olho aberto estava distante e vazio.

“É o reflexo da luz das estrelas na água”, pensou Frex, mas ele sabia que o olho brilhante e inexpressivo não era iluminado pela luz das estrelas.

– Horrores – murmurou Elfaba.

Coração de Tartaruga caiu de joelhos.

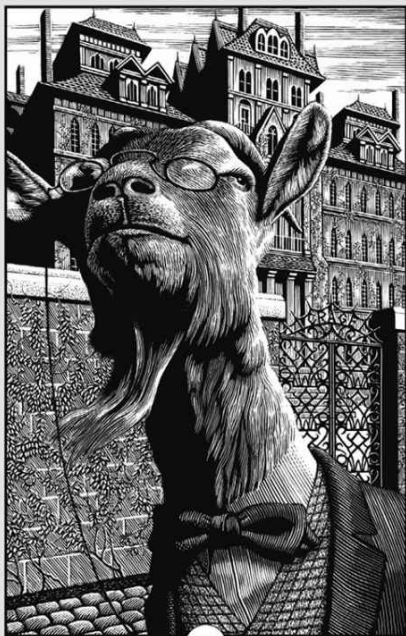
– Ela ver a chegada dele – comentou ele com a voz enrouquecida. – Ela ver que ele se aproxima. Ele há de vir pelo ar, estar chegando. Um balão do céu, da cor de uma bolha de sangue: um globo enorme, cor de carmim, um globo de rubi: ele cai do céu. O rei está arruinado. A Dinastia de Ozma está arruinada. O

relógio estava certo. Um minuto para o julgamento.

Ele desabou, quase no colo da pequena Elfaba. Ela parecia não prestar atenção nele. Atrás dela havia um rosnado baixo. Não era uma besta, um tigre das colinas nem um estranho híbrido de tigre e dragão, com olhos brilhantes e alaranjados. Elfaba estava sentada em seus braços cruzados como se estivesse em um trono.

– Horrores – repetiu ela enquanto observava com um olho aberto o vidro no qual os pais e Babá não conseguiam ver nada além de escuridão. – Horrores.

1 Mineral à base de óxido de alumínio, do qual o rubi é uma variação. (N. da T.)



II

Gillikins

GALINDA

– Wittica, Settica, Travessa de Wiccasand, Areias Vermelhas, Casa de Dixxi, baldeação em Casa de Shiz. Siga a bordo deste vagão para chegar a todos os pontos do leste. Tenniken, Brox Hall e todos os destinos até Traum. – O motorista fez uma pausa para recuperar o fôlego. – Próxima parada, Wittica, Wittica é a próxima!

Galinda apertou o embrulho de roupas contra o peito. O velho bode esparramado no assento em frente a ela ia perder a parada em Wittica. Ela se sentia satisfeita em perceber que os trens deixavam os passageiros com sono. Não queria continuar a evitar os olhares. No último minuto antes que ela embarcasse no trem, a aia dela, Ama Clutch, pisou em um prego enferrujado e, apavorada com a síndrome da face paralisada, suplicou permissão para ir até o médico mais próximo para arrumar medicamentos e feitiços calmantes.

– É claro que consigo chegar sozinha a Shiz – disse Galinda com frieza. – Não se preocupe comigo, Ama Clutch. – E Ama Clutch não se preocupou. Galinda esperava que ela sofresse uma pequena paralisia na mandíbula antes de estar boa suficiente para aparecer em Shiz e acompanhá-la em seja lá o que for que estivesse por vir.

O queixo dela própria estava tenso, ela acreditava, o que indicava o tédio mundano que viagem de trem lhe causava. Na verdade, um dia de viagem em uma carruagem foi o mais distante que ela já havia estado da casa da família dela, na pequena cidade comercial de Frottica. A linha ferroviária, construída uma década antes, fez com que as antigas fazendas de laticínios fossem divididas em propriedades rurais para os comerciantes e produtores de Shiz. No entanto, a família de Galinda continuou a preferir a Gillikin rural, com seus covis de raposas, seus vales alagados, seus templos pagãos, antigos e isolados, dedicados a Lurline. Para eles, Shiz era uma ameaça urbana distante, e até mesmo a conveniência do transporte ferroviário não os deixou tentados a assumir os riscos de todas as complicações, curiosidades e maus hábitos da cidade.

Galinda não via o mundo verdejante através do vidro do vagão. Em vez disso, ela via o próprio reflexo. Tinha a miopia da juventude. Argumentava que, como era bonita, também era significativa, embora o que ela significava e para quem ainda não estivesse claro. O balanço da cabeça sacudiu os cachos sedosos dos seus cabelos, que captaram a luz como pilhas e pilhas de moedas que se chocam umas com as outras. Seus lábios eram perfeitos, carnudos como uma flor que desabrocha e coloridos de um vermelho intenso. O vestido verde de viagem, com seus painéis brocados de musselina ocre, sugeria riqueza, enquanto o xale preto que descortinava tão bem seus ombros apontava para as inclinações acadêmicas dela. Afinal, ela estava a caminho de Shiz porque era inteligente.

Entretanto, havia mais de uma maneira de ser inteligente.

Ela tinha 17 anos. Toda a cidade de Frottica presenciou a partida dela. A primeira garota de Colinas de Perth a ser aceita em Shiz! Ela escreveu bem nos exames de admissão, uma reflexão sobre a Ética na Aprendizagem do Mundo

Natural. (“As flores se arrependem de serem colhidas para um buquê? As chuvas exercitam a abstinência? Os animais podem mesmo ter a escolha de serem bons? Ou: uma filosofia moral da primavera.”) Ela usou citações demais da *Oziada* e sua prosa arrebatadora cativou a banca examinadora. Uma bolsa de três anos em Crag Hall. Não era uma das melhores universidades, pois estas ainda eram fechadas para estudantes do sexo feminino. No entanto, era mesmo a Universidade de Shiz.

Seu companheiro de cabine, que acordou com a volta do condutor, esticou os calcanhares enquanto bocejava.

– Poderia me fazer a bondade de pegar o meu bilhete, está na parte de cima do bagageiro – pediu ele. Galinda se levantou e achou o bilhete, ciente de que o bode olhava atentamente para sua figura graciosa.

– Aqui está.

– Não o entregue para mim, queridinha, mas sim para o condutor. Sem polegares opositores, não tenho condições de lidar com um pedaço tão minúsculo de papelão.

O condutor perfurou o bilhete e disse:

– Você é um dos raros Animais que podem se dar ao luxo de viajar de primeira classe.

– Ah, tenho objeções contra o termo “Animal” – falou. No entanto, a lei ainda permite que eu viaje na primeira classe, eu presumo?

– Dinheiro é dinheiro – disse o condutor, sem má vontade, enquanto perfurava o bilhete de Galinda e o entregava de volta a ela.

– Não, dinheiro não é dinheiro – disse o bode. – Não quando o meu bilhete custou o dobro do desta jovem moça. Neste caso, o dinheiro é um visto. Por acaso, eu o tenho.

– Você vai para Shiz, não é? – perguntou o condutor para Galinda, ignorando a observação do bode. – Dá para perceber pelo xale acadêmico.

– Ah, bem, é algo a se fazer – falou Galinda. Ela não se preocupava em dar conversa para condutores. No entanto, quando ele continuou seu caminho ao longo do vagão, Galinda se deu conta de que gostava menos ainda do olhar sinistro que o bode lhe dirigia.

– Você espera aprender alguma coisa em Shiz? – perguntou ele.

– Já aprendi a não falar com estranhos.

– Então vou me apresentar e não seremos mais estranhos. Sou Dillamond.

– Estou pouco inclinada a conhecê-lo.

– Sou um colega da Universidade de Shiz, no curso de Artes Biológicas.

“Você se veste feito um pedinte, mesmo para um bode”, pensou Galinda. “Dinheiro não é tudo.”

– Então devo superar minha timidez natural. Meu nome é Galinda. Sou do clã Arduenna pela linhagem da minha mãe.

– Permita-me ser o primeiro a lhe dar as boas-vindas a Shiz, Glinda. Este é o seu primeiro ano?

– Por favor, é Galinda. A pronúncia correta do antigo gillikins, se não se importa. – Ela não teve coragem de chamá-lo de senhor. Não com aquele cavanhaque horrível e aquele colete esfarrapado, que parecia ter sido feito com

o tapete de alguma repartição pública.

– Eu me pergunto o que você acha da proibição de viagens proposta pelo Mágico.

Os olhos do bode eram melifluos e ternos, além de assustadores. Galinda nunca tinha ouvido falar de nenhuma proibição. Ela disse isso. Dillamond (seria doutor Dillamond?) explicou em um tom casual que o Mágico pensava em restringir a presença de Animais nos meios de transporte públicos, exceto nos veículos designados para tal. Galinda respondeu que os animais sempre desfrutaram dos serviços à parte.

– Não, estou falando de Animais – disse Dillamond. – Dos que têm um espírito.

– Ah, estes – falou Galinda de forma grosseira. – Bem, eu não vejo qual é o problema.

– Oh, céus. É mesmo?

O cavanhaque dele tremia, pois o bode estava irritado. Ele começou a passar um sermão sobre os Direitos dos Animais. Na situação atual, nem mesmo a velha mãe dele podia pagar a viagem na primeira classe e teria de viajar em um curral se quisesse visitá-lo em Shiz. Se a proibição do Assistente fosse aprovada pela Câmara de Aprovação, como parecia que aconteceria, o próprio bode seria obrigado por lei a abrir mão dos privilégios que conquistou com anos de estudo, educação e economia.

– Está certo obrigar uma criatura com um espírito a passar por algo assim? – argumentou ele. – Daqui até lá, de lá para cá, em um curral?

– Concordo plenamente, viajar amplia tanto os horizontes – respondeu Galinda. Eles passaram o resto da viagem, incluindo a baldeação na plataforma na Casa de Dixxi, em um silêncio gélido.

Ao vê-la espantada com o tamanho e a agitação do terminal em Shiz, Dillamond ficou com pena dela e se ofereceu para arrumar uma carruagem que a levasse até Crag Hall. Ela o seguiu, enquanto tentava parecer o menos envergonhada que conseguia. A bagagem dela vinha atrás, nas costas de um par de carregadores.

Shiz! Ela tentou não ficar boquiaberta. Todos ali lutavam em seus negócios, riam, corriam e se beijavam, se desviavam das carruagens, enquanto os edifícios da Praça da Ferrovia, de arenito marrom e azul e cobertos de vinhas e musgos, fumegava delicadamente sob a luz do sol. Os animais, e que Animais! Foram raras as vezes em que ela se deparou com um frango que gritava filosofias em Frotica, mas aqui havia um quarteto de tzebras em um café ao ar livre, vestidas de maneira chamativa, com listras de cetim preto e branco à maneira da sua aparência natural, e um elefante erguido sobre as patas traseiras para orientar o trânsito, e um tigre vestido com uma espécie de traje religioso exótico, algo como um monge ou monja ou freira, ou algo assim. Sim, sim, eram Tzebras e Elefantes e Tigres, e também Bode, ela supôs. A garota precisava se acostumar a enunciar as letras maiúsculas ou então deixaria claras suas origens caipiras.

Felizmente, Dillamond conseguiu uma carruagem com um motorista humano, ensinou-o a chegar até Crag Hall e pagou adiantada a corrida, gesto que Galinda agradeceu com um sorriso esmaecido e forçado.

– Os nossos caminhos vão se cruzar novamente – avisou Dillamond de forma galante, embora breve, como quem lança uma profecia, e desapareceu conforme a carruagem seguia em frente aos solavancos. Galinda afundou nas almofadas. Ela começou a lamentar que Ama Clutch tenha furado o pé em um prego.

Crag Hall ficava a somente vinte minutos da Praça da Ferrovia. Por trás dos próprios muros de arenito azul, o complexo se erguia com amplas janelas de vidro translúcido em forma de arco ogival. Um mosaico de quadrifólios e multifólios cortinados formava uma margem confusa no telhado. A apreciação da arquitetura era uma paixão particular de Galinda, e ela se pôs a admirar as características que conseguia identificar, embora as vinhas e o musgo escamoteassem muitos dos detalhes mais sofisticados dos edifícios. A menina foi arrastada para dentro bem rápido.

A diretora de Crag Hall, uma gillikin com cara de peixe, que pertencia à classe alta e usava um monte de pulseiras esmaltadas, cumprimentava os recém-chegados no átrio. A diretora evitou a monotonia das vestimentas femininas formais que Galinda esperava encontrar. Em vez disso, a imponente mulher era embelezada por um vestido cor de groselha, com estampas de um preto azulado que serpenteavam o corpete como marcações dinâmicas em partituras.

– Eu sou Madame Morrorosa. – A voz dela era um baixo profundo, o aperto de mão, paralisante, a postura, militar, os brincos, como enfeites de árvore de Natal. – Passeiem por onde quiserem e tomem uma xicarazinha de chá no salão. Depois vamos nos reunir no Salão Principal e designar quem será a coleguinha de quarto de vocês.

O salão estava cheio de mulheres lindas e jovens, todas vestindo verde ou azul e carregando xales negros como sombras exaustas atrás delas. Galinda estava contente com a vantagem natural oferecida por seus cabelos louros, e ficou perto de uma janela para que a luz pudesse dançar através dos seus cachos. Ela quase não bebeu o chá. Em uma sala ao lado, as Amas presentes se serviam de uma chaleira, e já riam e tagarelavam como se fossem velhas amigas vindas da mesma aldeia. Era um pouco grotesco, todas aquelas mulheres atarracadas sorrindo umas para as outras, em uma barulheira digna de uma feira.

Galinda não tinha lido as letras miúdas com muita atenção. Não tinha percebido que haveria a necessidade de ter “coleguinhas de quarto”. Ou talvez os pais dela tenham pagado a mais para que a moça tivesse um quarto só para ela? E onde Ama Clutch ficaria? Ao olhar em volta, ela percebia que algumas destas bonequinhas vinham de famílias bem melhores do que a dela. As pérolas e os diamantes que ostentavam? Galinda estava feliz por ter escolhido um colar de prata simples com enfeites de metanito. Havia algo de vulgar em viajar ornada por joias. Quando se deu conta desta verdade, ela o transformou em um ditado. Na primeira oportunidade perfeita que tivesse, o apresentaria como prova de que tinha opiniões – e de que era viajada.

– O viajante que se veste com pompa denuncia ter mais interesse em ser

visto do que em ver – murmurou ela para experimentar a expressão. – Enquanto o verdadeiro viajante sabe que o novo mundo à sua volta é o acessório mais adequado. Bom, muito bom.

Madame Morrorosa contou as cabeças, pegou uma xícara de chá e enxotou todos para o Salão Principal. Ali Galinda percebeu que ter permitido Ama Clutch sair em busca de um médico havia sido um erro colossal. Ao que parecia, toda aquela conversa entre as Amas não foi somente frívola e social. Elas foram instruídas a escolher entre elas quem dividiria o quarto com quem. As Amas foram convocadas para chegar ao cerne da questão mais depressa do que as próprias alunas. Ninguém falou por Galinda – ela ficou sem representação!

Depois das boas-vindas ordinárias, as alunas e as Amas saíram em duplas para localizar os alojamentos e se acomodarem. Galinda se viu empalidecer de vergonha. Ama Clutch, a besta velha, teria lhe arranjado uma ótima companheira, apenas um ou dois níveis acima na hierarquia social! Próxima o suficiente para que Galinda não sofresse nenhuma humilhação e acima o suficiente para fazer o tempo gasto na socialização valer a pena. No entanto, agora todas as melhores jovens estavam vinculadas entre si. Diamante com diamante, esmeralda com esmeralda, pelo que ela conseguia notar! Quando a sala começou a esvaziar, Galinda se perguntou se deveria interromper Madame Morrorosa e explicar o problema. Ela era, afinal, uma Arduenna das Terras Altas, ao menos de um lado da família. Era um acidente terrível. Os olhos dela começaram a encher de lágrimas.

No entanto, ela não tinha coragem. A menina continuou sentada na beira da cadeira frágil e estúpida. Exceto por ela, todo o centro da sala estava sem ninguém agora, e as garotas mais tímidas e dispensáveis ficaram para trás, encostadas nas paredes, nas sombras. Rodeada por uma pista de obstáculos de cadeiras douradas vazias, Galinda estava sozinha como uma valise que ninguém recolheu.

– Bem, o resto de vocês está aqui sem Amas, pelo que entendo – comentou Madame Morrorosa com um certo desprezo. – Como nós exigimos acompanhantes, vou designar cada uma de vocês a um dos três dormitórios para calouras, que acomodam quinze meninas cada. Não há nenhum estigma social associado aos dormitórios, devo acrescentar. Nenhum. – Mas ela estava mentindo e sequer conseguia ser convincente.

Galinda finalmente se levantou.

– Por favor, Madame Morrorosa, houve um erro. Eu sou Galinda, dos Arduennas. Minha Ama furou o pé em um prego na viagem e precisou ficar por mais um ou dois dias. Não sou da classe de dormitórios, entende?

– Que triste para você – disse Madame Morrorosa com um sorriso. – Tenho certeza de que a sua Ama ficará satisfeita de ser sua acompanhante no, digamos, Dormitório Rosa? Quarto andar, do lado direito...

– Não, não, ela não ficaria satisfeita – interrompeu Galinda, de maneira bastante valente. – Não estou aqui para ficar em um dormitório, rosa ou qualquer outro. Você entendeu mal.

– Eu não entendi mal, senhorita Galinda – retrucou Madame Morrorosa, parecendo cada vez mais com um peixe conforme os olhos dela começavam a

arregalar. – Há acidentes, há atrasos, há decisões a serem tomadas. Como você não foi provida, na pessoa da sua Ama, para tomar a própria decisão, estou autorizada a fazer isso por você. Por favor, estamos ocupados e ainda tenho de escolher as outras garotas que vão acompanhá-la no Dormitório Rosa...

– Eu gostaria de ter uma conversa particular com você, Madame – pediu Galinda, em desespero. – Para mim, não importa se são colegas de quarto ou de dormitório. No entanto, não posso recomendar que você peça à minha Ama para supervisionar outras meninas, por razões que não podem ser declaradas em público. – Ela mentia o mais rápido que conseguia e melhor do que Madame Morrorosa, que parecia no mínimo intrigada.

– Você me impressiona com esta impertinência, Galinda – falou ela de maneira delicada.

– Eu ainda não impressionei a senhora, Madame Morrorosa. – Galinda embrulhou a fala ousada com o sorriso mais doce que conseguiu dar.

Madame Morrorosa escolheu rir. “Obrigada, Lurline!”

– Uma centelha de coragem! Venha aos meus aposentos esta noite e me conte a história das deficiências da sua Ama, pois preciso saber quais são. Mas vou me comprometer com você, senhorita Galinda. A menos que você se oponha, terei de pedir à sua Ama que supervisione você e outra menina, que veio sem uma Ama. Pois, veja você, todas as outras alunas com Amas já têm um par e você foi a única que sobrou.

– Tenho certeza de que a minha Ama conseguirá lidar com isso, no mínimo. Madame Morrorosa vasculhou as páginas de nomes.

– Muito bem. Para acompanhar a senhorita Galinda dos Arduennas em um quarto duplo, devo convidar a terceira descendente dos Thropp, vinda de Pedras do Ninho, Elfaba?

Ninguém se mexeu.

– Elfaba? – repetiu Madame Morrorosa, enquanto arrumava as pulseiras e apertava com dois dedos a parte inferior da garganta.

A menina estava no fundo da sala, uma indigente de vestido vermelho com arabescos berrantes e botas pesadas, do tipo usado por gente velha. A princípio, Galinda pensou que o que via era algum truque da luz, um reflexo dos edifícios ao lado, cobertos de videiras e musgo. No entanto, quando Elfaba avançou trazendo a própria bagagem, ficou evidente que ela era verde. Uma mocinha de cara manchada, com a pele de um verde apodrecido e longos cabelos negros que pareciam pertencer a uma estrangeira.

– Uma munchkin de nascimento, embora tenha passado muitos anos da infância em Quadling – completou Madame Morrorosa ao ler as anotações que tinha em mãos. – Que fascinante para todas nós, senhorita Elfaba. Vamos esperar ansiosas para ouvir os contos de climas e épocas excêntricas. Senhoritas Galinda e Elfaba, aqui estão as chaves. Vocês podem ocupar o quarto 22, no segundo andar.

Ela deu um largo sorriso para Galinda quando as meninas se aproximaram.

– Viajar amplia tanto os horizontes – proferiu ela. Galinda se apavorou, a praga das suas próprias palavras se voltava contra ela. Ela fez uma reverência e saiu correndo. Elfaba, com o olhar no chão, seguiu atrás dela.

No momento em que Ama Clutch chegou no dia seguinte, com uma atadura que deixava o pé dela três vezes maior que o tamanho natural, Elfaba já havia tirado da mala os poucos pertences que trouxera. Estavam pendurados como trapos em ganchos no armário: peças finas e disformes jogadas com vergonha em um canto, cintos espalhafatosos, anquinhos engomadas, ombreiras almofadadas e cotoveleiras acolchoadas do guarda-roupa de Galinda.

– Estou feliz à beça de ser a sua Ama também, não faz diferença para mim – comentou Ama Clutch, enquanto dirigia um sorriso largo para Elfaba, antes que Galinda tivesse a chance de pegar a Ama sozinha e exigir que ela recusasse ser a aia da menina.

– É claro que papai paga a você para ser a minha Ama – disse Galinda incisivamente.

– Não tanto assim, docinho, não tanto assim. Posso tomar minhas próprias decisões.

– Ama, você é cega? Esta menina munchkin é verde. – falou Galinda quando Elfaba saiu para usar as instalações bolorentas.

– Estranho, não é? Pensei que todas as munchkins fossem baixinhas. Ela tem uma boa altura, no entanto. Acho que elas existem de vários tamanhos. Ah, está incomodada com o verde? Bem, talvez seja algo bom, se você deixar. Se deixar. Está dando uma de quem conhece o mundo, Galinda, mas não o conhece ainda. Eu acho que é uma brincadeira. Por que não? Por que não mesmo?

– Não cabe a você organizar a minha educação, viajada ou não, Ama Clutch!

– Não, minha querida, você se meteu nesta confusão por si mesma. Estou simplesmente prestando um serviço – respondeu Ama Clutch.

Então Galinda não tinha opção. A breve entrevista da noite anterior com Madame Morrorosa também não ofereceu saída alguma. Galinda chegou na hora certa, em uma saia de morfeline de bolinhas com um corpete de renda, um verdadeiro sonho, como disse para si mesma, de roxos noturnos e azuis madrugada. Madame Morrorosa mandou que ela entrasse na sala de recepção, onde um pequeno aglomerado de cadeiras de couro e um sofá estavam posicionados diante de uma fogueira desnecessária. A diretora serviu o chá de hortelã e ofereceu gengibre cristalizado coberto de folhas de fruto-de-perdiz. Apontou uma cadeira para Galinda se sentar, mas ficou de pé ao lado da lareira, como uma grande caçadora.

Na melhor tradição dos privilegiados da classe alta que desfrutaram de seus luxos, a princípio elas apenas bebericaram e mordiscaram em silêncio. Isso deu a Galinda a chance de observar que Madame Morrorosa parecia um peixe não apenas na aparência, mas no jeito de se vestir: o sobretudo de pele de raposa, cor de creme e folgado, fluía como uma enorme bexiga inflada do decote cheio de babados até os joelhos, onde se juntava, firme, e depois seguia até o chão, abraçando as pernas e os tornozelos em plissados puros e anticlimáticos. Sob

todos os aspectos, ela parecia uma carpa gigante em um clube de cavalheiros. E uma carpa enfadonha e entediada, ainda por cima, em vez de uma carpa senciente.

– Agora vamos falar sobre a sua Ama, minha querida. A razão pela qual ela não pode supervisionar um dormitório. Sou toda ouvidos.

Galinda levou a tarde inteira para se preparar.

– Veja, diretora Madame, não gosto de dizer isso em público, mas Ama Clutch sofreu uma queda terrível no verão passado, quando estávamos em um piquenique em Colinas de Perth. Ela esticou a mão para pegar um punhado de tomilho selvagem da montanha e acabou rolando de um penhasco. Ela estava há semanas em coma e, quando acordou, não se recordava do acidente em absoluto. Se você perguntar a respeito, ela não saberá sequer do que está falando. Amnésia por trauma.

– Compreendo. Que cansativo deve ter sido para você. Mas por que isso a desqualifica para o trabalho que propus?

– Ela perdeu o juízo. Às vezes, fica confusa ao tentar distinguir o que tem vida do que não tem. Ela se senta e conversa, ah, digamos, com uma cadeira, e depois relata a história do objeto para nós. Suas aspirações, suas reservas...

– Suas alegrias, suas dores – completou Madame Morrorosa. – Que grandes novidades. A vida emocional da mobília. Nunca ouvi nada igual.

– No entanto, por mais bobo que pareça, e mesmo sendo motivo para horas de risadas, a doença que resultou disso é mais alarmante. Madame Morrorosa, devo dizer que Ama Clutch às vezes se esquece que as pessoas estão vivas. Ou os animais. – Galinda fez uma pausa e acrescentou: – Ou até mesmo os Animais.

– Continue, minha querida.

– Para mim não é problema, pois ela é minha Ama a vida inteira e eu a conheço. Conheço o jeito dela. No entanto, ela pode, por vezes, esquecer que uma pessoa está lá ou que precisa dela, ou que é uma pessoa. Uma vez, ela esvaziou um guarda-roupa e o jogou em cima de um criado, quebrando as costas dele. Ela não se deu conta do rapaz que gritava bem ali, bem aos pés dela. Ela dobrou as roupas de dormir e teve uma conversa com a camisola da minha mãe, para quem fez todo tipo de perguntas impertinentes.

– Que distúrbio fascinante – comentou Madame Morrorosa. – E que vergonhoso deve ser para você, realmente.

– Não poderia permitir que ela aceitasse a responsabilidade de cuidar de mais catorze meninas – segredou Galinda. – Para mim, sozinha, não há problema. Eu amo a velha boboca, de certo modo.

– Mas e a sua colega de quarto? Pode colocar em risco o bem-estar dela?

– Eu não escolhi ficar com *ela*. – Galinda olhou dentro dos olhos vidrados da diretora. – A pobre munchkin parece estar acostumada com a vida sofrida. Ela vai se acostumar ou, suponho, vai pedir a você que a tire do meu quarto. A menos, é claro, que você sinta que é seu dever tirá-la de lá para a segurança dela.

– Acredito que, se a senhorita Elfaba não conseguir viver com aquilo que nós oferecemos a ela, vai deixar Crag Hall por vontade própria. Não acha?

Foi o “nós” em “aquilo que nós oferecemos a ela”: Madame Morrorosa

forçava Galinda a se comprometer. Ambas sabiam disso. Galinda se esforçou para manter a própria autonomia. No entanto, a menina tinha somente 17 anos e havia sofrido a mesma exclusão indigna no Salão Principal poucas horas antes. Ela não sabia o que Madame Morrorosa poderia ter contra Elfaba, exceto a aparência dela, mas havia algo, claramente havia algo. O quê? Ela sentiu que, de alguma forma, algo estava errado.

– Você não acha, querida? – repetiu Madame Morrorosa enquanto se curvava ligeiramente para a frente, como um peixe que arqueia o corpo em um salto em câmera lenta.

– Bem, é claro, devemos fazer o que pudermos – concordou Galinda da maneira mais vaga possível. Entretanto, ao que parecia, ela era o peixe, fogado em um anzol dos mais inteligentes.

De dentro das sombras da sala de recepção se projetava uma coisinha tiquetaqueante, com cerca de um metro de altura, feita de bronze polido e com uma placa de identificação aparafusada na frente. A placa dizia Homem Mecânico de Smith e Tinker, em uma fonte floreada ornada. O criado mecânico recolheu as xícaras vazias e foi embora com um zumbido. Galinda não sabia há quanto tempo aquilo estava lá ou o que ouviu, mas nunca gostou de criaturas tiquetaqueantes.

Elfaba apresentava um caso grave do que Galinda chamava de chatice por excesso de leitura. Elfaba não se encolhia, pois era ossuda demais para se encolher, mas dobrava o corpo todo, o curioso nariz verde e pontiagudo a cutucar as folhas mofadas de um livro. Ela brincava com o cabelo enquanto lia, enrolava-o para cima e para baixo em torno dos dedos tão finos e tão parecidos com pequenos ramos que chegavam a ser quase um exoesqueleto. O cabelo dela nunca formava cachos, não importava quantas vezes Elfaba o torcia nas mãos. Era um cabelo bonito, de uma forma estranha e horripilante, com um brilho semelhante ao da pele de um animal dourado e saudável. Seda preta. Café em fios. Chuva da noite. Galinda, que não era dada a metáforas de um modo geral, achava fascinante o cabelo de Elfaba, ainda mais porque, de resto, a menina era horrorosa.

Elas não conversavam muito. Galinda estava ocupada demais forjando alianças com as melhores alunas, aquelas que foram suas potenciais colegas de quarto legítimas. Sem dúvida, ela conseguiria trocar de quarto ao fim do semestre ou ao menos no outono seguinte. Por isso, Galinda deixava Elfaba sozinha e voava pelo corredor para fofocar com as novas amigas. Milla, Pfannee, Shenshen. Assim como nos livros infantis sobre a escola, cada nova amiga era mais rica do que a anterior.

A princípio, Galinda não mencionou quem era a colega de quarto dela. E Elfaba não demonstrou nenhum sinal de que contava com a companhia de Galinda, o que era um alívio. No entanto, a fofoca se espalharia mais cedo ou mais tarde. A primeira onda de discussões sobre Elfaba tratava das vestimentas e da pobreza evidente da menina, como se suas colegas de classe estivessem

acima de perceber a cor doentia e repugnante que ela ostentava.

– Alguém me contou que a madame diretora disse que a senhorita Elfaba é a terceira descendente dos Thropp de Pedras do Ninho – falou Pfannee, que também era munchkin, mas da descendência diminuta, não de tamanho natural como a família Thropp. – Os Thropp são altamente conceituados em Pedras do Ninho, e até mesmo mais além. O Eminente Thropp reuniu a milícia da área e destruiu a Estrada de Tijolos Amarelos que o Rei Ozma havia construído quando todos nós éramos pequenas, antes da Revolução Gloriosa. O Eminente Thropp não era insensível, nem a esposa ou a família dele, inclusive a neta, Melena, pode ter certeza. – Por insensível, Pfannee queria dizer verde, é claro.

– Mas como ruíram os poderosos! Ela é tão esfarrapada quanto um cigano – observou Milla. – Você já viram vestidos de pior gosto na vida? A Ama dela deveria ser demitida.

– Ela não tem Ama, eu acho – comentou Shenshen. Galinda, que tinha certeza disso, não abriu a boca.

– Dizem que ela passou um tempo na terra dos quadlings – continuou Milla. – Talvez a família dela tenha sido exilada por seus crimes?

– Ou então eram contrabandistas de rubis – disse Shenshen.

– Então onde está toda a riqueza? – retrucou Milla. – Contrabandistas de rubis se dão muito bem, senhorita Shenshen. A nossa senhorita Elfaba não tem duas moedas de troca para tilintar e se orgulhar.

– Talvez seja alguma espécie de vocação religiosa? Uma pobreza por opção? – sugeriu Pfannee e, diante deste absurdo, todas jogaram a cabeça para trás e gargalharam.

Elfaba, que entrava na cantina para tomar uma xícara de café, fez com que elas elevassem a gargalhada a rugidos ainda mais altos de risadas. Elfaba não olhou para elas, mas todas as outras alunas direcionaram o olhar naquela direção, cada menina com o desejo de se unir àquela alegria, o que fez as quatro novas amigas se sentirem muito bem.

Galinda era lenta para entender de verdade o que era o aprendizado. Ela havia considerado a própria admissão na Universidade de Shiz uma espécie de prova do seu brilhantismo e acreditava que adornaria as salas de aula com sua beleza e seus ocasionais ditados engenhosos. Ela supôs, de maneira taciturna, que estava destinada a ser um tipo de busto de mármore vivo: Esta é a Inteligência Juvenil; admire-a. Ela não é adorável?

Ainda não havia ocorrido a Galinda que havia mais a aprender e que, além disso, ela deveria fazê-lo. A educação que todas as meninas novas desejavam, principalmente, não tinha nada a ver com Madame Morrorosa ou com os Animais tagarelas em palestras e palanques, é claro. O que as meninas queriam não eram equações, citações ou orações – elas queriam Shiz em si. A vida na cidade. A panóplia ampla e ofensiva de vida e de Vida, perfeitamente entrelaçadas.

Galinda ficava aliviada por Elfaba nunca participar das excursões

organizadas pelas Amas. Como elas frequentemente faziam paradas em uma lanchonete para obter uma refeição modesta, a brigada semanal se tornou conhecida informalmente como a Sociedade da Sopa e da Caminhada. O bairro da universidade estava radiante com as cores do outono, e não apenas por causa das folhas que caíam, mas também graças às bandeirolas das fraternidades que balançavam penduradas nos telhados e nas torres.

Galinda absorvia a arquitetura de Shiz. Aqui e ali, principalmente nos pátios e nas ruas laterais protegidas da faculdade, a mais velha arquitetura doméstica sobrevivente ainda perdurava, estruturas antigas de pau a pique e barroto exposto se erguiam como velhotas paralíticas apoiadas em parentes mais novos e mais fortes de ambos os lados. Depois, em uma sucessão vertiginosa, glórias incomparáveis: a Hematita Medieval, o Mértico (tanto o Recente quanto o ainda mais fantástico Inicial), Galantine com suas simetrias e contenções, Galantine Reformado com todos aqueles cimácios apodrecidos e frontões despedaçados, Arenito Azul da Renascença, Imperial Enfático e Industrial Moderno ou, como os críticos da imprensa liberal o chamavam, Alto Estilo Bruto Adverso, a forma propagada pelo Assistente de Oz e seu espírito modernoso.

Tirando a arquitetura, o entusiasmo era apenas razoável, a bem da verdade. Em uma ocasião extraordinária que nenhuma das garotas do Crage Hall presentes jamais esqueceu, os veteranos da Faculdade Três Rainhas, que fica do outro lado do canal, por pura galhofa e diversão, encheram a cara de cerveja no meio da tarde, contrataram um Urso Branco violinista e desceram para dançar juntos debaixo dos salgueiros, vestidos com nada mais do que ceroulas justas de algodão e os cachecóis da faculdade. Foi uma situação deliciosamente pagã, pois os meninos ergueram uma velha estátua desgastada de Lurline, a Rainha das Fadas, em cima de um banquinho de três pernas, e ela parecia sorrir para a gaiatice dos corpos saltitantes. As meninas e as Amas fingiram estar chocadas, mas nem tanto: elas ficaram por perto e observaram até que os inspetores horrorizados da Três Rainhas saíram correndo para cercar e levar de volta os bagunceiros. A seminudez era um problema, mas o lurlinismo público, mesmo que de brincadeira, beirava um retrocesso intolerável, quase monarquista. E isso não seria tolerado no reinado do Mágico.

Em uma noite de sábado, quando as Amas passaram uma de suas raras noites fora da Universidade e foram a uma reunião da fé no prazer em Ticknor Circus, Galinda teve uma briguinha boba com Pfannee e Shenshen, e em seguida se retirou mais cedo para o quarto, alegando uma dor de cabeça. Elfaba estava sentada na cama dela, enrolada no seu velho cobertor marrom. Ela estava debruçada sobre um livro, como sempre, e os cabelos fluíam como uma moldura dos dois lados do rosto. Para Galinda, ela parecia uma daquelas gravuras que lotavam os livros de história natural, de mulheres Winkie estranhas, que moravam nas montanhas e escondiam a própria esquisitice cobrindo a cabeça com um xale. Elfaba mastigava as sementes de uma maçã, depois de ter devorado todo o resto.

– Você parece estar bem confortável, senhorita Elfaba – disse Galinda de maneira desafiadora. Em três meses, esta era a primeira observação social que conseguiu dirigir à colega de quarto.

– Aparências são só aparências – respondeu Elfaba sem erguer o olhar.

– Será que a sua concentração vai se desfazer se eu me sentar na frente da lareira?

– Você vai fazer sombra caso se sente aí onde está.

– Ah, perdão – comentou Galinda e mudou de lugar. – Não devemos fazer sombras, não é mesmo, quando palavras urgentes esperam para serem lidas?

Elfaba já estava de volta à leitura e não a respondeu.

– O que diabo você tanto lê, noite e dia?

Era como se Elfaba emergisse para tomar ar de dentro de um lago imóvel e isolado.

– Embora eu não leia as mesmas coisas todos os dias, sabe como é, esta noite estou lendo alguns dos discursos dos primeiros sacerdotes unionistas.

– Por que alguém iria querer fazer isso algum dia na vida?

– Não sei. Não sei nem se quero lê-los. Apenas os leio.

– Mas por quê? Senhorita Elfaba, a Delirante, por quê, por quê?

Elfaba olhou para Galinda e sorriu.

– Elfaba, a Delirante. Gostei.

Antes que a garota tivesse a oportunidade de retrucar, Galinda devolveu o sorriso e, ao mesmo tempo, um vento violento atirou um punhado de granizo contra o vidro da janela e quebrou a fechadura. Galinda deu um salto para fechar a janela, mas Elfaba se afundou no canto oposto do quarto, longe da umidade.

– Me passe o fecho de couro da minha bagagem, senhorita Elfaba, que está dentro da minha mochila, lá em cima da prateleira atrás das caixas de chapéus, e vou fixar isto assim até conseguirmos chamar o porteiro para consertá-la amanhã.

Elfaba encontrou o fecho, mas, ao fazê-lo, derrubou todas as caixas de chapéus no chão, e três chapéus coloridos rolaram pelo chão frio. Enquanto Galinda se engalfinhava com uma cadeira para manter a janela fechada novamente, Elfaba guardava os chapéus nas respectivas caixas.

– Ah, experimente o chapéu, experimente um deles – sugeriu Galinda. Ela queria ter algo do qual rir, algo para contar às senhoritas Pfannee e Shenshen e, assim, trilhar o caminho de volta às boas graças das garotas.

– Ah, não me atrevo a isso, Galinda – falou Elfaba, e continuou a guardar o chapéu.

– Não, por favor, eu insisto. Só de brincadeira. Nunca vi você usando algo bonito.

– Não uso coisas bonitas.

– Qual é o problema? É só aqui. Ninguém mais precisa vê-la.

Elfaba ficou parada diante da lareira, mas virou a cabeça sobre os ombros para olhar longamente e sem pestanejar para Galinda, que ainda não havia descido da cadeira. A munchkin estava de camisola, uma sacola insossa sem os benefícios de viés de renda nem fitilhos. O rosto verde acima do tecido

acinzentado parecia quase reluzente e o glorioso cabelo liso, longo e preto, pendia bem por cima de onde haveria seios se algum dia a menina revelasse qualquer evidência de possuí-los. Elfaba parecia algo entre um animal e um Animal, como algo maior do que a vida, mas que não era bem a Vida. Havia uma expectativa, mas nenhuma intuição, seria isso? Como uma criança que jamais se lembrava de um sonho a ouvir alguém lhe desejar bons sonhos. Talvez se pudesse dizer que ela estava em estado bruto, não em um sentido social, mas sim como se a natureza não tivesse feito um trabalho completo com Elfaba, como se não tivesse conseguido exatamente torná-la parecida o bastante consigo própria.

– Ah, coloque logo o maldito chapéu – disse Galinda, para quem até mesmo a introspecção tinha limites.

Elfaba obedeceu. O adorno era um círculo adorável, comprado da melhor modista de Colinas de Perth. Tinha bordas alaranjadas e uma rede de renda amarela que poderia ser usada para atingir diferentes graus de disfarce. Aquilo ficaria medonho na cabeça errada e Galinda esperava ter de morder a parte de dentro do lábio para segurar uma risada. Era o tipo de coisa superfeminina que os meninos usavam quando se fantasiavam e fingiam ser garotas.

No entanto, Elfaba meteu o chapéu inteiro de uma só vez na estranha cabeça pontuda e olhou para Galinda novamente de baixo da aba larga. Ela parecia uma flor rara, a pele semelhante a uma haste com seu suave brilho perolado, o chapéu como um motim botânico.

– Ah, senhorita Elfaba, sua malvadinha terrível, você está linda.

– Ah, e agora você mentiu, então vá se confessar ao sacerdote unionista. Tem um espelho aqui?

– Claro que sim, no banheiro do corredor.

– Lá não. Eu é que não vou ser vista usando isso por aquelas chatonildas.

– Bem, nesse caso, você acha que consegue encontrar um ângulo, sem tapar a luz da lareira, e se ver no reflexo da janela escura? – decidiu Galinda.

Ambas olharam para o espectro verde e florido refletido no velho vidro semitransparente, cercado pela escuridão, sacudido pela tempestade forte lá fora. Uma folha de bordo, no formato de uma estrela com pontas arredondadas ou de um coração que cresceu de maneira desigual, subitamente girou de dentro da noite e foi arremessada no reflexo do vidro, um vermelho brilhante e que refletia a luz da lareira, bem onde fica o coração, ou assim parecia do ângulo em que Galinda se encontrava.

– Fascinante. Tem alguma característica exótica e curiosa na sua beleza. Nunca imaginei.

– Surpresa – disse Elfaba, e depois quase ficou ruborizada, se é que um verde mais escuro pode ser considerado um rubor. – Quero dizer, é surpresa, não beleza. É só surpresa. – “Bem, como você sabe?”

– Quem sou eu para discutir – disse Galinda enquanto jogava os cachos de cabelo para o lado e fazia uma pose, e Elfaba até riu daquilo, e Galinda também riu de volta, em parte horrorizada por tê-lo feito. Elfaba arrancou o chapéu da cabeça neste momento, colocou-o de volta na caixa e pegou o livro de novo.

– Então, o que é que a Beleza lê, afinal? Quero dizer, sério, me diga, por que ler os antigos sermões?

– Meu pai é um pastor unionista. Só tenho curiosidade de saber do que se trata, nada mais.

– Por que você não pergunta para ele?

Elfaba não respondeu. O rosto dela assumiu um aspecto sólido e ansioso, como o de uma coruja prestes a atacar um rato.

– Então sobre o que os sermões falam? Algo interessante? – quis saber Galinda. Não fazia sentido desistir agora, não havia mais nada para fazer e ela estava agitada demais pela tempestade para conseguir dormir.

– Este aqui faz uma reflexão sobre o bem e o mal. Se existem de verdade ou não.

– Ah, que chatice. O mal existe, sei disso, e o seu nome é Tédio, e os sacerdotes são a turma mais culpada de todas.

– Você não pensa assim de verdade.

Galinda não ponderava com frequência se realmente acreditava no que dizia. O sentido de uma conversa era o seu *fluxo*.

– Bem, não quis ofender seu pai. Até onde sei, ele é um pregador divertido e animado.

– Não, quero dizer, você acha que o mal realmente existe?

– Ora, como vou saber o que eu penso?

– Ora, pergunte a si mesma, Galinda. O mal existe?

– Eu não sei. Diga *você*. O mal existe?

– Não tenho esperanças de saber. – O olhar de Elfaba mudou para algo um tanto oblíquo e introspectivo, ou seria o cabelo, que balançava de novo para a frente como um véu?

– Por que você não pergunta ao seu pai? Não entendo. Ele deveria saber, este é o trabalho dele.

– Meu pai me ensinou muitas coisas. Ele recebeu uma educação excelente, sem dúvidas. Me ensinou a ler, escrever e pensar, e muito mais. No entanto, não foi o suficiente. Só acho que, assim como nossos professores aqui, se os sacerdotes forem eficientes, vão ser bons em fazer perguntas que nos fazem pensar. Não acho que eles deveriam ter as respostas. Não necessariamente.

– Ah, bem, diga isso ao sacerdote chato lá da minha cidade. Ele tem todas as respostas e até cobra por elas.

– Mas talvez haja algum sentido no que você fala. Quero dizer, o mal e o tédio. O mal e o enfado. O mal e a falta de estímulos. O mal e um sangue preguiçoso.

– Parece que você está escrevendo um poema. Por que uma menina iria se interessar pelo mal?

– Não estou interessada no mal. Só que os primeiros sermões só falam disso. Então penso sobre o que eles pensam, nada demais. Às vezes os sermões falam sobre dietas e sobre não comer Animais, então eu penso nisso. Apenas gosto de pensar sobre o que leio. Você não?

– Não sei ler direito. Então acho que não sei pensar direito também. – Galinda sorriu. – No entanto, eu me visto para matar.

Elfaba não esboçou uma reação. Galinda, que geralmente ficava satisfeita por saber a forma correta de direcionar todas as conversas em um hino para si

mesma, estava confusa. Ela continuou a se aventurar de maneira desajeitada, irritada por ter de fazer tanto esforço.

– Bem, o que estes broncos antigos pensavam sobre o mal, então?

– É difícil dizer com precisão. Pareciam obcecados com a tarefa de localizá-lo em algum lugar. Quero dizer, uma nascente má nas montanhas, uma fumaça má, sangue mal nas veias a passar de pai para filho. Eles eram mais ou menos como os primeiros exploradores de Oz, embora os mapas que fizeram descrevessem substâncias invisíveis, bem incoerentes umas com as outras.

– E onde está localizado o mal? – perguntou Galinda, que se debatia na cama e fechava os olhos.

– Bem, eles não chegaram a um consenso, não é? Ou então o que discutiriam nos sermões que escreveram? Alguns dizem que o mal original era o vácuo que o abandono de Lurline, a Rainha das Fadas, causou quando ficamos sozinhos aqui. Quando a bondade se retira, o espaço que ela ocupava se corrói e se transforma no mal, e talvez se divida e se multiplique. Então, todo o mal é um sinal da ausência da divindade.

– Bem, eu não reconheceria algo mau nem se caísse em cima de mim.

– Os primeiros unionistas, que eram muito mais lurlinistas do que os unionistas de hoje em dia, argumentavam que havia um bolsão invisível de corrupção flutuando pela vizinhança, um descendente direto da dor que o mundo sentiu quando Lurline se foi. Como uma corrente de ar frio em uma noite quente e tranquila. Uma alma perfeitamente íntegra poderia atravessá-lo e ser contagiado, e depois matar um vizinho. Entretanto, a culpa é sua por ter atravessado um trecho de maldade? Mesmo que não conseguisse enxergá-lo? Nenhum conselho de unionistas jamais se decidiu por um lado ou por outro, e hoje em dia tanta gente sequer acredita em Lurline.

– Mas ainda assim acreditam no mal – completou Galinda, com um bocejo. – Não é curioso que a divindade seja coisa do passado, mas que os atributos e as implicações da divindade ainda permaneçam...

– Você está pensando! – falou Elfaba em um gritinho. Galinda se apoiou nos cotovelos diante do entusiasmo na voz da colega de quarto.

– Estou quase caindo no sono, porque o assunto é um tédio profundo para mim – respondia Galinda, mas Elfaba sorria de orelha a orelha.

Na manhã seguinte, Ama Clutch apresentou as duas meninas com as histórias da noite que passou fora. Havia uma bruxa jovem e talentosa que vestia nada além de lingerie rosa-choque, adornada com penas e miçangas. Ela cantou para o público e recolheu no decote as fichas de alimentos oferecidas pelos rapazes envergonhados nas mesas mais próximas. Fez um pouco de magia doméstica ao transformar água em suco de laranja, repolhos em cenouras e passar facas na pele de um leitão apavorado, que jorrou champanhe em vez de sangue. Todos tomaram um gole. Um homem gordo e barbudo se aproximou e atacou a bruxa como se fosse beijá-la – ah, foi muito engraçado, muito engraçado! No final, todo o elenco e o público se levantaram juntos e cantaram “O que não é

permitido em locais públicos (na verdade está à venda nas bancas mais vulgares)”. As Amas se divertiram à beça, todas elas.

– Realmente – disse Galinda de maneira esnobe. – A fé no prazer é tão... tão ordinária.

– Vejo que a janela está quebrada – falou Ama Clutch. – Espero que não tenham sido os meninos ao tentar escalar até aqui.

– Você está maluca? – indagou Galinda. – Naquela tempestade?

– Que tempestade? – perguntou Ama Clutch. – Isso não faz sentido. A noite passada estava calma como o luar.

– Ha, foi um espetáculo e tanto – brincou Galinda. – A senhora estava tão envolvida na fé e no prazer que perdeu o rumo, Ama Clutch.

Elas desceram para tomar café da manhã juntas e deixaram Elfaba ainda dormindo, ou fingindo estar dormindo, quem sabe. Embora o sol atravessasse as amplas janelas e formasse faixas de luz no chão de ardósia fria enquanto as moças caminhavam pelos corredores, Galinda pensava a respeito dos caprichos do tempo. Seria mesmo possível que uma tempestade se lançasse contra uma parte da cidade enquanto esquecia a outra? Havia tantas coisas sobre o mundo que ela não sabia.

– Ela não fez nada além de tagarelar sobre o mal – contou Galinda para as amigas enquanto comiam biscoitos amanteigados com geleia. – Alguma torneira se abriu dentro dela e o papo furado transbordou. E, meninas, quando ela experimentou o meu chapéu, quase morri. Parecia a tia solteira de alguém que tinha acabado de sair do túmulo, quero dizer, desleixada como uma Vaca. Só suportei tudo isto por vocês, para poder contar a vocês, caso contrário eu teria falecido alegremente ali mesmo. Foi demais mesmo!

– Coitadinha de você, ter de ser nossa espiã e aguentar a vergonha de ter um gafanhoto como colega de quarto! – disse Pfannee com uma sinceridade entusiasmada enquanto apertava a mão de Galinda. – Você é tão generosa!

Em uma noite, a primeira na qual nevou, Madame Morrorosa realizou um sarau de poesia. Os rapazes da Três Rainhas e Torres de Ozma foram convidados. Galinda tirou do armário o vestido de cetim cor de cereja, com um xale e sapatilhas da mesma cor, e um leque de herança gillikín, ornado com uma estampa de samambaias e fênicas. Ela chegou adiantada para pegar a poltrona que melhor realçasse os trajes dela e a arrastou até as estantes de livros para que a luz das velas da biblioteca caísse delicadamente sobre ela. O resto das meninas, não somente as calouras como também as segundanistas e as veteranas, entraram em um coágulo sussurrante e se acomodaram nos sofás e poltronas do salão mais agradável de Crage Hall. Os rapazes que compareceram eram um pouco decepcionantes: não eram muitos e pareciam estar apavorados ou rindo entre si. Em seguida, chegaram os professores e os médicos, não somente os Animais de Crage Hall, mas também os professores dos rapazes, que eram humanos em sua maioria. As meninas começaram a ficar satisfeitas por terem se vestido bem, pois, embora o grupo dos garotos fosse um borrão irregular, os professores exibiam sorrisos solenes e encantadores.

Até mesmo algumas Amas compareceram ao sarau, embora estivessem sentadas atrás de um biombo na parte dos fundos do salão. De alguma forma, o ruído que as agulhas de tricô delas produzia ao trabalhar rapidamente tranquilizava Galinda. Ela sabia que Ama Clutch estava lá.

As portas duplas no final do salão foram abertas com um estrondo pelo pequeno caranguejo de bronze industrial que Galinda conheceu em sua primeira noite em Crage Hall. A coisa foi reformada especialmente para a ocasião. Ainda era possível perceber o cheiro cortante de tinta para metal. Logo depois, Madame Morrorosa fez a sua entrada séria e marcante em uma capa preta como o carvão, que deixou cair no chão (a coisinha a pegou e a atirou nas costas de um sofá). O vestido dela era de um laranja flamejante, com conchas de abalone bordadas ao longo de todo o tecido. Mesmo a contragosto, Galinda tinha de admirar o efeito. Em tons ainda mais bajuladores que os de costume, Madame Morrorosa deu as boas-vindas aos visitantes e provocou aplausos educados ao falar da Poesia e Seus Efeitos Civilizatórios.

Em seguida, ela falou sobre o novo formato de versos que tomava conta dos salões sociais e recantos de poesia de Shiz.

– É conhecido como Brandura – disse Madame Morrorosa, em seu sorriso de diretora, que exibia um conjunto impressionante de dentes. – A Brandura é um poema breve de natureza edificante. Combina uma sequência de treze versos curtos com uma máxima conclusiva e sem rima. A graça do poema reside no contraste revelador entre o argumento rimado e o dito que o arremata. Às vezes, eles podem ser contraditórios, mas sempre trazem a iluminação e, como toda poesia, enaltecem a vida. – A diretora reluzia como um farol em meio à neblina. – Nos dias de hoje em especial, uma Brandura pode servir como um paliativo para a desagradável desordem, sobre a qual temos ouvido falar, na capital da

nossa nação. – Os garotos pareceram entrar em alerta, no mínimo, e todos os professores concordaram com a cabeça, embora Galinda conseguisse notar que nenhuma das alunas fazia ideia do que se tratava a “desagradável desordem” sobre a qual falava Madame Morrorosa.

Depois que uma garota do terceiro ano improvisou algumas notas em um xilofone, os convidados pigarrearam e baixaram o olhar para os próprios sapatos. Galinda viu Elfaba chegar na parte de trás do salão, vestida com o trapo vermelho de sempre, dois livros debaixo do braço e um lenço enrolado na cabeça. A menina se afundou na última cadeira vazia e mordeu uma maçã bem na hora em que Madame Morrorosa enchia os pulmões com uma respiração dramática para começar.

*Cantai um hino à retidão,
Vós de progressista visão.
Avançai em humilde gratidão
Às restritivas regras da razão.
Para exaltar o Bem Comum
Na irmandade de todos como um,
Nós celebramos a autoridade.
A fraternidade, a irmandade
Unidas contra a tempestade
Limitam os males da liberdade.
Não há tanta espiritualidade
Como do Poder a generosidade
Ao ajudar a conter a atrocidade.
Rigidez na palmatória e elevação nas crianças.*

Madame Morrorosa abaixou a cabeça para indicar que tinha terminado. Houve um murmúrio de comentários indistintos. Galinda, que não entendia muito de poesia, pensou que talvez esta fosse uma maneira aceitável de apreciá-la. A garota resmungou um pouco para Shenshen, que estava sentada de lado em uma cadeira e parecia estar de saco cheio. A cera da vela estava prestes a escorrer sobre o vestido branco com ombreiras de seda e plissados verde-limão de Shenshen, o que provavelmente o arruinaria, mas Galinda decidiu que a família da amiga poderia se dar ao luxo de substituir uma roupa. Ela ficou imóvel.

– Mais um – disse Madame Morrorosa. – Outra Brandura.

O salão ficou em silêncio, embora de maneira um tanto desconfortável.

*Ah! Para a impropriedade,
A guilhotina da piedade.
Para remediar a sociedade*

*Não se entregue à saciedade
Da desavergonhada felicidade.
Escolha a grave sobriedade.
Comporte-se como se a divindade
Revelasse sua misteriosa verdade,
E a saúde com sonoridade.
Deixe a sua história de bondade
Basear-se na fraternidade
Cujas Virtudes servem de idealidade
Para multiplicar do Bem Comum a sublimidade.
Animais devem ser vistos e não ouvidos.*

Mais uma vez os murmúrios foram ouvidos, mas estes eram de uma natureza diferente, em um tom mais maldoso. O doutor Dillamond pigarreou e bateu com um casco fendido no chão, dizendo:

– Bem, isso não é poesia, é propaganda, e não é sequer uma boa propaganda, ainda por cima.

Elfaba se esgueirou até Galinda com a cadeira debaixo do braço e a posicionou com um estrondo entre Galinda e Shenshen. Baixou o traseiro ossudo no assento de tábuas, inclinou o corpo na direção de Galinda e perguntou:

– O que você acha disso?

Foi a primeira vez que Galinda foi abordada por Elfaba em público. O desgosto se abateu sobre ela.

– Não sei – disse ela baixinho enquanto olhava para outra direção.

– É um ardil, não é? Quero dizer, naquele último verso não dava para distinguir, com aquele sotaque sofisticado, se era para ser animais ou Animais. Não é de se estranhar que Dillamond esteja furioso.

E ele estava. O doutor Dillamond olhou ao redor como se tentasse convocar a oposição.

– Estou chocado, chocado. Profundamente chocado – acrescentou ele e saiu pisando forte do salão. O professor Lenx, o Javali que ensinava matemática, saiu junto e esmagou acidentalmente um antigo aparador dourado ao tentar se desviar da cauda de renda amarela da senhorita Milla. O senhor Mikko, o Macaco que ensinava história, ficou parado de um jeito melancólico sob as sombras, muito confuso e pouco à vontade para tomar providências.

– Bem – disse Madame Morrorosa, dando continuidade ao evento –, é de se esperar que a poesia, se for Poesia, ofenda. É o direito da Arte.

– Acho que ela está maluca – falou Elfaba.

Galinda achou isso absolutamente terrível. E se um único rapaz espinhento tivesse visto Elfaba sussurrar para ela! Ela nunca mais conseguiria erguer a cabeça na sociedade. A vida dela estaria arruinada.

– Shhh, estou prestando atenção, amo poesia – disse Galinda com gravidade para a garota. – Não fale comigo, você está estragando a minha noite.

Elfaba se recostou na cadeira e terminou a maçã, e ambas continuaram a

ouvir. O burburinho e os murmúrios aumentavam após cada poema, e os meninos e as meninas começaram a relaxar e a olhar em volta uns para os outros.

Quando a última Brandura da noite ressoou em seu mau agouro (ao aforismo enigmático “Uma bruxa acertada vale por nove”), Madame Morrorosa se retirou sob aplausos hesitantes. Ela permitiu que o seu criado de bronze oferecesse chá para os convidados, em seguida para as meninas e, finalmente, para as Amas. Em um amontoado de seda farfalhante que fazia tilintar as conchas de abalone, a diretora recebeu elogios dos professores e de alguns rapazes mais corajosos, e pediu para que eles se sentassem perto dela para que usufruísse das críticas deles.

– Digam a verdade. Fui exageradamente dramática, não fui? É a minha maldição. O palco me chama, mas escolhi servir às jovens nesta vida. – Ela baixou as pálpebras, cheia de modéstia, enquanto seu público cativo murmurava um protesto indiferente.

Galinda ainda tentava se livrar da companhia embaraçosa de Elfaba, que continuou a falar acerca das Branduras, do que significavam e se eram boas.

– Como vou saber, como é que vou saber, estamos no primeiro ano, lembra? – falou Galinda, que ansiava escapar para o lugar onde Pfannee, Milla e Shenshen espremiam limões nas xícaras de chá de alguns meninos nervosos.

– Bem, a sua opinião é tão válida quanto a dela, eu acho – disse Elfaba. – Este é o verdadeiro poder da arte, é o que acho. Não passar sermões, mas ser desafiadora. Caso contrário, para que se dar ao trabalho de escrevê-las?

Um rapaz veio até elas. Galinda achou que ele não valia uma boa olhada, mas qualquer coisa era melhor do que a sanguessuga verde ao lado dela.

– Como vai você? – disse Galinda, sem sequer esperar que ele reunisse coragem. – Prazer em conhecê-lo. Você deve ser de, deixe-me ver...

– Bem, sou de Briscoe Hall, na verdade. No entanto, sou de origem munchkin. Como se pode perceber. – E ela percebeu, pois ele não chegava sequer a bater no ombro dela. Nem por isso o rapaz era feio. Cabelos dourados em um penteado malfeito que lembrava um algodão-doce, um sorriso cheio de dentes, uma pele melhor do que muitas. A túnica formal que ele usava era de um azul provinciano, mas havia pintinhas de fio de prata em toda a sua extensão. O rapaz era boa-pinta, à própria maneira. As botas dele eram polidas e as pernas eram um pouco tortas, com os pés apontados para fora.

– É isso que amo, conhecer estranhos. Esta é Shiz em sua melhor forma. Eu sou gillikin. – Galinda mal conseguiu evitar acrescentar, é claro, pois acreditava que o fato ficava evidente nos trajes que usava. As garotas munchkins estavam acostumadas a se vestir de maneira mais sóbria, tão discretas que muitas vezes eram confundidas, em Shiz, com criados.

– Bem, neste caso, olá para você – disse o rapaz – O meu nome é mestre Boq.

– Senhorita Galinda dos Arduennas das Terras Altas.

– E você? – perguntou Boq ao se virar para Elfaba. – Quem é você?

– Estou de saída – falou Elfaba. – Tenham bons sonhos, todos vocês.

– Não, não vá embora – pediu Boq. – Eu acho que a conheço.

– Você não me conhece. – Ela fez uma pausa ao se virar. – Como poderia me conhecer?

– Você é a senhorita Elfinha, não é?

– Senhorita Elfinha – gritou Galinda alegremente. – Que encantador!

– Como você sabe quem eu sou? Mestre Boq de Munchkinlândia? Não o conheço.

– Você e eu brincávamos juntos quando éramos pequenos – explicou Boq. – O meu pai era o prefeito da aldeia onde você nasceu. Eu acho. Você nasceu em Margens Agitadas, em Pedras do Caminho, não foi? É filha do sacerdote unionista, esqueci o nome dele.

– Frex – disse Elfaba. Os olhos dela pareciam oblíquos e receosos.

– Frexpar, o Divino! É isso mesmo. Saiba que ainda se fala a respeito dele e da sua mãe, e da noite em que o Relógio do Dragão do Tempo chegou em Margens Agitadas. Eu tinha 2 ou 3 anos e me levaram para vê-lo, mas não me recordo disso. Eu me recordo que você chegou para brincar comigo quando eu ainda usava calças curtas. Se lembra de Gawnette? Era a mulher que tomava conta de nós. E de Bfee? Ele é o meu pai. Você se lembra de Margens Agitadas?

– Tudo isso não passa de fumaça e adivinhação – começou Elfaba. – Como poderia contradizer? Deixe-me contar a você o que aconteceu na sua vida antes que *you* conseguisse se lembrar dela. Quando nasceu, você era um sapo. – (Isto foi uma crueldade, pois Boq tinha mesmo uma aparência anfíbia.) – Ofereceram-no em sacrifício para o Relógio do Dragão do Tempo e o transformaram em um menino. No entanto, na sua noite de núpcias, quando a sua mulher abriu as pernas, você vai voltar a ser um girino e...

– Senhorita Elfaba – gritou Galinda enquanto abria o leque com uma sacudidela para espantar o rubor da vergonha do rosto com o vento. – Que língua!

– Ah, bem, eu não tenho infância – falou Elfaba. – Por isso, você pode descrevê-la como quiser. Cresci na terra dos quadlings, junto com o povo do pântano. Faço um barulho úmido quando ando. Você não quer conversar comigo. Converse com a senhorita Galinda, ela é muito melhor companhia para uma festa do que eu. Tenho de ir agora. – Elfaba se despediu com uma saudação de boa-noite e escapou, quase correndo.

– Por que ela disse tudo aquilo? – perguntou Boq, sem nenhum constrangimento na voz, apenas curiosidade. – É claro que me lembro dela. Quantas pessoas verdes existem no mundo?

– É bem possível – considerou Galinda – que ela não goste de ser reconhecida por causa da cor da pele. Não sei ao certo, mas talvez esse seja um assunto delicado para ela.

– Ela deve imaginar que é disso que as pessoas se lembram.

– Bem, até onde eu sei, você está certo sobre quem ela é – continuou Galinda. – Dizem que o bisavô dela é o Eminente Thropp, de Solos de Colwen, em Pedras do Ninho.

– É ela mesma. Elfinha. Nunca imaginei que a veria novamente.

– Não quer um pouco mais de chá? Vou chamar o criado. Vamos sentar aqui para você me contar tudo sobre Munchkinlândia. Estou trêmula de

curiosidade. – Ela se empoleirou de volta na cadeira em tons solidários e tentou parecer o mais encantadora possível. Boq se sentou e sacudiu a cabeça, como se estivesse perplexo com a aparição de Elfaba.

Quando Galinda foi para o quarto naquela noite, Elfaba já estava na cama, com os cobertores cobrindo a cabeça e emitindo um ronco claramente artificial. Galinda bufou de raiva e se atirou na cama enquanto soltava uma rabugice, irritada por ser *ela* a rejeitada por aquela garota verde.

Na semana seguinte, muito se falou sobre a noite de Branduras. O doutor Dillamond interrompeu a aula de biologia para exigir uma reação dos alunos. As meninas não entenderam qual deveria ser a reação biológica à poesia e continuaram em silêncio diante das principais questões. O professor finalmente explodiu:

– Será que ninguém percebe a relação entre a expressão destes pensamentos e o que vem acontecendo na Cidade das Esmeraldas?

A senhorita Pfannee, que não achava que as mensalidades que pagava a obrigavam a levar broncas, também explodiu.

– Não temos a menor noção do que está acontecendo na Cidade das Esmeraldas! Pare de nos confundir! Se você tem algo a dizer, diga. Não choramingue assim.

O doutor Dillamond olhou pelas janelas e parecia tentar manter a calma. Os alunos se empolgaram com aquele pequeno drama. Em seguida, o Bode se voltou para eles e, em uma voz mais branda do que o esperado, contou a eles que o Mágico de Oz instituiu Proibições contra a Mobilidade Animal, que haviam entrado em efeito semanas antes. Isso significava não apenas que o acesso aos meios de transporte de viagem, alojamentos e serviços públicos dos Animais havia sido restringido. A Mobilidade à qual a Proibição se referia também era profissional. Todos os Animais adultos foram proibidos de trabalhar profissionalmente ou no setor público. Com efeito, eles seriam conduzidos de volta para as fazendas e florestas se desejassem sequer receber algum dinheiro pelo seu trabalho.

– O que vocês acham que Madame Morrorosa quis dizer quando fechou aquela Brandura com o epigrama “Animais devem ser vistos e não ouvidos” – perguntou o Bode de maneira sucinta.

– Bem, qualquer um ficaria chateado – respondeu Galinda. – Quero dizer, qualquer Animal. Mas não é como se o seu emprego estivesse ameaçado, não é? Aqui está você, ainda nos ensinando.

– E os meus filhos? E as minhas crianças?

– Você tem filhos? Não sabia que o senhor era casado.

O Bode fechou os olhos.

– Não sou casado, senhorita Galinda, mas poderia ser. Ou poderei ser. Ou talvez eu tenha sobrinhos e sobrinhas. Eles já foram proibidos efetivamente de estudar em Shiz porque não conseguem segurar um lápis para escrever uma redação. Quantos Animais você já viu neste paraíso da educação?

Bem, isso era verdade. Não havia nenhum.

– Ora, acho que é realmente terrível – concordou Galinda. – Por que o Mágico de Oz faria algo assim?

– Realmente. Por quê? – disse o Bode.

– Não, falo sério, por quê? É uma pergunta de verdade. Não sei o motivo.

– Eu também não sei. – O Bode se voltou para o palanque e revirou alguns papéis aqui e ali, e depois foi visto pegando com a pata um lenço de uma prateleira mais baixa e assoando o nariz. – Os meus avós eram cabras de ordenha em uma fazenda em Gillikin. Graças ao trabalho e aos sacrifícios que fizeram, conseguiram pagar o auxílio de um professor local para me educar e tomar ditados quando fui prestar os meus exames. Os esforços deles estão prestes a ir para o lixo.

– Mas você ainda pode dar aulas! – disse Pfannee de maneira petulante.

– Isso é só o começo, minha querida – falou o Bode, que liberou a turma mais cedo. Galinda se viu olhando na direção de Elfaba, que tinha um olhar estranho e concentrado. Quando Galinda saiu correndo da sala de aula, Elfaba foi até a frente da sala, onde o doutor Dillamond tremia em espasmos descontrolados, com a cabeça chifruda abaixada.

Poucos dias depois, Madame Morrorosa deu uma de suas eventuais palestras abertas sobre Hinos Antigos e Panegíricos Pagãos. Ela abriu espaço para perguntas e todos os presentes ficaram surpresos ao ver Elfaba desabrochar da posição fetal de sempre, na parte de trás da sala, e enfrentar a diretora.

– Madame Morrorosa, com sua licença. Nós nunca tivemos a oportunidade de discutir as Branduras que você recitou na semana passada no salão.

– Discutir – disse Madame Morrorosa, com um aceno generoso, mas também presunçoso, das mãos cheias de pulseiras.

– Bem, me pareceu que o doutor Dillamond achou que eles eram de gosto duvidoso, dadas as Proibições Contra a Mobilidade Animal.

– O infeliz doutor Dillamond é um médico. Ele não é um poeta. É também um Bode, e eu gostaria de perguntar às meninas se algum dia houve um Bode que fosse grande sonetista baladista? Ai, querida senhorita Elfaba, o doutor Dillamond não entende a convenção poética da ironia. Gostaria de definir ironia para a turma, por favor?

– Não acredito que consiga, madame.

– A ironia, dizem alguns, é a arte de justapor noções contraditórias. É preciso observar uma distância consciente. A ironia presume que haja um distanciamento, a ausência do qual, no caso dos Direitos dos Animais, podemos perdoar no doutor Dillamond.

– Então o verso contra o qual ele se opôs, “Animais devem ser vistos e não

ouvidos”, foi irônico? – prosseguiu Elfaba, enquanto analisava seus papéis e sem olhar para Madame Morrorosa. Galinda e suas colegas estavam enfeitiçadas, pois era evidente que cada uma das fêmeas nos lados opostos da sala adoraria ver a outra se contrair em um ataque súbito do baço.

– Pode-se considerá-lo um estilo irônico, se assim escolher.

– Qual é a sua escolha?

– Que impertinente!

– Ora, mas não foi a minha intenção ser impertinente. Estou tentando aprender. Se a senhora, se qualquer pessoa, acha que esta afirmação é verdadeira, então ela não entra em conflito com a parte chata e autoritária que a precedeu. São somente um argumento e uma conclusão, e não enxergo a ironia.

– Você não enxerga muita coisa, senhorita Elfaba – disse Madame Morrorosa. – Tem de aprender a se colocar na pele de alguém mais sábio do que você e olhar por este ângulo. Estar preso à ignorância, restrito às paredes da própria perspicácia simplista, bem, é tristíssimo em alguém tão jovem e *inteligente*. – Ela cuspiu a última palavra e, de alguma forma, aquilo pareceu ser, para Galinda, um comentário vulgar sobre a cor da pele de Elfaba, que hoje estava reluzente por conta do esforço que a menina fazia para falar em público.

– Mas eu tentei me colocar na pele do doutor Dillamond – disse Elfaba, quase em um choramingo, mas sem desistir.

– No caso de uma interpretação poética, me atrevo a sugerir, pode realmente ser verdade. Animais não devem ser ouvidos – retrucou Madame Morrorosa.

– Você disse isso ironicamente? – indagou Elfaba, mas se sentou com as mãos sobre o rosto e não levantou a cabeça pelo resto da sessão.

Quando o segundo semestre começou, Galinda reclamou com Madame Morrorosa por ainda ter Elfaba como colega de quarto. Mas a diretora não permitiria mudanças, nem reorganizações.

– Seria preocupante demais para as minhas outras meninas – disse ela. – A menos que você prefira ser transferida para o Dormitório Rosa. A sua Ama Clutch parece, ao meu olhar atento, estar se recuperando das enfermidades que você descreveu quando nos conhecemos. Talvez agora ela seja capaz de supervisionar quinze garotas?

– Não, não. Às vezes acontecem recorrências, mas eu não falo a respeito. Não gosto de dar trabalho.

– Quanta consideração. Deus a abençoe, doçura. Agora, minha cara, me pergunto se poderíamos tirar um momento, já que você apareceu para conversar, para discutir seus planos acadêmicos para o próximo outono. Como sabe, é no segundo ano que as garotas escolhem no que vão se especializar. Já pensou a respeito?

– Muito pouco. Francamente, achei que meus talentos simplesmente dariam as caras e deixariam claro se devo tentar as ciências naturais, as artes ou a feitiçaria, quem sabe até mesmo a história. Não acho que eu leve jeito para o trabalho religioso.

– Não me surpreende que alguém como você esteja em dúvida – disse Madame Morrorosa, o que não era muito encorajador para Galinda. – No entanto, posso sugerir a feitiçaria? Você pode ser muito boa nisso. Eu me orgulho de entender deste tipo de assunto.

– Vou pensar sobre isso – respondeu Galinda, embora o apetite anterior da menina pela feitiçaria tenha diminuído depois de ouvir falar da trabalhadora terrível que era aprender feitiços e, pior ainda, entendê-los.

– Caso você opte pela feitiçaria, talvez, apenas talvez, seja possível encontrar uma nova colega de quarto para você – sugeriu Madame Morrorosa. – Pois a senhorita Elfaba já me informou que os interesses dela residem nas ciências naturais.

– Ah, bem, certamente levarei isto na mais alta consideração.

Ela lutou com conflitos inomináveis dentro de si mesma. Madame Morrorosa, com toda aquela dicção de classe alta e figurino fabuloso, parecia só um pouquinho... ah... perigosa. Como se o grande sorriso que usava em público fosse composto da luz refletida por facas e lanças, como se a voz grave mascarasse o estrondo de explosões distantes. Galinda sempre sentiu que não conseguia ver a mulher por inteiro. Era desconcertante e, ao menos no que lhe dizia respeito, Galinda sentia dentro de si o rasgar de algum tecido valioso – seria a integridade? – quando se sentava na sala de Madame Morrorosa e bebia aquele chá perfeito.

– Pois a irmã dela, pelo que ouvi dizer, acabará por vir estudar em Shiz – concluiu Madame Morrorosa alguns minutos e vários biscoitos deliciosos depois,

como se o silêncio não tivesse interferido –, porque não há nada que eu possa fazer para impedi-la. E isso, pelo que entendo, seria *terrível*. Você não iria apreciar. A irmã do jeito que é. Sem dúvida, passando muito tempo no quarto de senhorita Elfaba, aos seus cuidados. – Ela deu um sorriso pálido. Uma nuvem de aroma empoeirado saiu da lateral do pescoço dela, quase como se Madame Morrorosa conseguisse, de alguma maneira, liberar um agradável odor corporal pessoal quando lhe desse vontade.

“A irmã do jeito que é.” Madame Morrorosa estalou a língua em desaprovação e sacudia a cabeça para trás e para a frente enquanto guiava Galinda até a porta.

– Uma infelicidade, realmente, mas acho que todos devem se unir e enfrentar esta situação. Isto sim é a fraternidade, não é mesmo? – A diretora agarrou o xale e apoiou uma mão amiga no ombro de Galinda, que estremeceu. Tinha certeza de que Madame Morrorosa percebeu isso, mas a diretora jamais deu sinal algum a respeito. – Por outro lado, a maneira como uso a palavra fraternidade... Que irônico. Muito espirituoso. Depois de um tempo longo o bastante, é claro, um intervalo grande o suficiente, nunca há nada dito ou feito que não seja irônico no final. – Ela apertou a escápula de Galinda como se fosse o guidão de uma bicicleta, um pouco mais forte do que seria adequado a uma mulher. – Podemos somente ter a esperança de que a irmã traga os próprios véus! No entanto, ainda falta um ano. Enquanto isso, temos tempo. Pense na feitiçaria, está bem? Faça isto. Agora adeus, gracinha, e bons sonhos.

Galinda caminhou vagorosamente de volta para o quarto enquanto imaginava como devia ser a irmã de Elfaba para provocar tais comentários maliciosos sobre véus. A menina quis perguntar a respeito para Elfaba, mas não conseguiu pensar em um jeito de fazê-lo. Ela não tinha coragem.

BOQ

– Venha – disseram os meninos. – Venha para fora. – Eles estavam recostados na entrada do quarto de Boq, um coágulo desordenado de garotos, iluminados por uma lamparina a óleo na mesa mais adiante. – Estamos cansados dos livros. Venha com a gente.

– Não posso – falou Boq. – Estou atrasado em teoria da irrigação.

– Que se foda a teoria da irrigação quando os bares estão abertos – replicou o parrudo fanfarrão gillikin chamado Avaric. – Você não vai melhorar suas notas a uma altura destas, pois os exames estão quase no fim e os próprios avaliadores estão meio acabados.

– Não se trata das notas – disse Boq. – Só que ainda não consegui entender a matéria.

– Nós vamos para o bar, nós vamos para o bar – cantarolavam alguns meninos que, aparentemente, já tinham começado os trabalhos. – Porra, Boq, a cerveja está à nossa espera e já envelheceu o suficiente!

– Para qual bar vão, me digam e talvez eu vá me juntar a vocês daqui a uma hora – comentou Boq, que se sentou de volta na cadeira de maneira resoluta e não levantou os pés para apoiá-los em um banquinho, pois sabia que isso poderia incitar os colegas a erguê-lo pelos ombros e levá-lo com eles para uma farra noturna. O tamanho diminuto do rapaz parecia inspirar tal banditismo. Os pés cravados no chão o faziam parecer mais fixo, pensou ele.

– No Javali e Funcho – informou Avaric. – Há uma bruxa nova se apresentando lá. Dizem que ela é gostosa. É uma bruxa kumbric.

– Há – disse Boq, pouco convencido. – Bem, vão em frente e peguem um bom lugar. Vou também quando conseguir.

Os meninos deram no pé e sacudiram as portas de outros amigos, entortando os retratos dos antigos garotos que agora já eram augustos patronos. Avaric ficou um minuto a mais na entrada do quarto.

– Talvez pudéssemos nos livrar de alguns desses broncos e levar um grupo selete entre nós para o Clube de Filosofia – sugeriu ele de maneira sedutora. – Mais tarde, quero dizer. Afinal, é um fim de semana.

– Ah, Avaric, vá tomar uma ducha fria – disse Boq.

– Você admitiu que estava curioso. Você admitiu. Então por que não se presentear com um agrado pelo fim do semestre?

– Lamento ter dito que estava curioso. Também tenho curiosidade em relação à morte, mas posso esperar para descobrir, obrigado. Se manda, Avaric. É melhor ir alcançar seus amigos. Divirta-se com as bizarrices de Kumbric que, aliás, acho que são propaganda enganosa. Os talentos da Bruxa de Kumbric saíram de moda centenas de anos atrás. Se é que algum dia existiram.

Avaric levantou o segundo colarinho da jaqueta-túnica que vestia. O interior era revestido por uma pelúcia de veludo vermelho-escuro. Encostado no pescoço elegante e liso do rapaz, o forro parecia uma única fita de privilégio. Boq se viu, mais uma vez, fazendo comparações mentais entre ele mesmo e o belo Avaric, e

chegando... Bem, chegando à conclusão de que ia se decepcionar.

– O que foi, Avaric? – perguntou ele, tão impaciente consigo próprio quanto com o amigo.

– Algo aconteceu com você – respondeu Avaric. – Não sou tão chato. O que há de errado?

– Não há nada de errado.

– Fale para eu não me meter onde não sou chamado, fale para eu ir me foder, não encher o saco, vá em frente, fale, mas não me diga que não há nada de errado. Porque você não é um bom mentiroso e eu não sou tão burro. Mesmo para um desperdício de gillikins de nobreza decadente.

A expressão dele era carinhosa e Boq ficou tentado a falar por um momento. A boca dele se abriu enquanto pensava no que dizer, mas, ao som dos sinos em Torres de Ozma, que informava a hora, a cabeça de Avaric girou apenas alguns graus. Em todo o caso, Avaric não estava ali por inteiro. Boq fechou a boca, pensou um pouco mais.

– Pode chamar de apatia munchkin. Não vou mentir, Avaric, você é um amigo bom demais para que eu minta. No entanto, não tenho nada a dizer agora. Vá em frente e divirta-se, mas tenha cuidado. – Ele quase acrescentou um aviso contra o Clube de Filosofia, mas se segurou. Se Avaric ficasse suficientemente irritado, então a preocupação maternal de Boq poderia sair pela culatra e incitar Avaric a ir para lá.

Avaric se aproximou e o beijou em ambas as bochechas e na testa, um costume da classe alta do norte que sempre deixou Boq profundamente constrangido. Depois, com uma piscadela e um gesto vulgar, ele desapareceu.

A vista do quarto de Boq dava para um beco de pedras, pelo qual Avaric e seus comparsas desciam. Boq ficou para trás, entre as sombras, mas não precisava ter se preocupado, pois os amigos não pensavam mais nele agora. Chegaram na metade do caminho das provas e tinham uma folga de alguns dias. Depois das provas, o campus ficaria vazio, exceto pela presença dos professores mais bobos e dos alunos mais pobres. Boq já tinha sentido esta situação na pele antes. No entanto, ele preferia estudar a ter de passar uma escova quase careca de pelos de gambá em manuscritos antigos, que seria o emprego dele na biblioteca da Três Rainhas durante todo o verão.

Do outro lado do beco, havia a parede de arenito azul de um estábulo particular, ligado a alguma mansão algumas ruas abaixo, em uma praça badalada. Mais adiante do telhado do estábulo, era possível ver os topos arredondados de algumas árvores frutíferas na horta de Crage Hall, e, acima delas, brilhavam as janelas em lanceta dos dormitórios e das salas de aula. Quando as meninas se esqueciam de fechar as cortinas – o que acontecia com uma frequência surpreendente –, era possível vê-las em diversos estágios de nudez. Nunca inteiramente nuas, é claro, pois neste caso ele teria desviado o olhar ou dito a si mesmo, com severidade, que era melhor desviá-lo. No entanto, a coloração rosa e embranquecida das saias de baixo, o rebuscamento das roupas de baixo, o farfalhar das anquinhas e o agito dos bustos... Era uma educação sobre as lingerie, no mínimo. Boq, que não tinha irmãs, apenas observava.

O dormitório de Crage Hall ficava distante o suficiente para que ele não

conseguisse distinguir quem era quem entre as meninas. E Boq ficava vermelho de desejo de ver novamente a sua paixonite. Maldição! Maldição dupla! Ele não conseguia se concentrar. O menino seria dispensado se fosse mal nas provas! Decepcionaria o velho pai, Bfee e toda a sua aldeia, e as outras aldeias também.

Inferno e mais inferno. A vida era difícil e a cevada não dava conta. Boq se viu pulando sobre o banquinho, agarrando a capa de estudante, correndo pelos corredores e despencando nos degraus das escadas de pedra em espiral abaixo na torre da esquina. Ele não conseguia mais esperar. Tinha de fazer alguma coisa e uma ideia lhe ocorreu.

Ele acenou para o porteiro de plantão, virou à esquerda ao sair do portão e correu ao longo da estrada, no crepúsculo, evitando o quanto podia as pilhas generosas de estrume de cavalo. Ao menos ele não faria papel de bobo sob as vistas dos colegas, que perambulavam por aí. Não havia mais uma alma sequer em Briscoe. Então, virou à esquerda, depois à esquerda novamente, e logo passava pelo beco ao longo do estábulo. Um monte de lenha, a borda saliente de uma persiana estragada, o suporte de ferro de um guincho. Boq era pequeno, mas também era ágil e, quase sem arranhar os nós dos dedos, conseguiu pular na calha de latão do estábulo e, em seguida, lutar como um caranguejo para subir o telhado íngreme.

Ahá! Ele poderia ter pensado nisso semanas antes, meses antes! No entanto, na noite em que todos os rapazes saíram para celebrar, na noite em que tinha certeza de que ele próprio não seria visto de Briscoe Hall: esta era a noite de hoje e, talvez, só hoje. Algum destino insistiu para que ele resistisse ao convite de Avaric para sair, pois agora ele estava em cima do telhado do estábulo, e o vento que passava rápido por entre as folhas molhadas das macieiras e pereiras fazia um barulho suave. E lá seguiam as meninas para a sala, como se estivessem esperando no corredor até que ele se posicionasse, como se soubessem que ele estava a caminho!

Mais de perto, elas não eram, no geral, tão bonitas...

Mas onde estava a paixonite dele?

E, bonitas ou não, elas estavam nítidas. Os dedos que mergulhavam nos montes de laços de cetim para desatá-los, os dedos que despiam as luvas e com os quais trabalhavam em linhas sagazes de quarenta botões de pérolas em miniatura, os dedos que elas emprestavam umas às outras, nos laços internos e nos lugares privados que os meninos da faculdade conheciam somente através da mitologia! Os tufo inesperados de pelos – que delicados! Como são maravilhosamente animais! As mãos dele abriam e fechavam por vontade própria, mas famintas pelo que ele mal conhecia – e onde estava ela?

– O que diabos você está fazendo aí?

Então ele escorregou, é claro, porque se assustou e porque o destino, depois da gentileza de conceder a ele este êxtase, ia retribuir agora com a sua morte. Ele perdeu o equilíbrio e tentou se agarrar à chaminé, mas não conseguiu. Com a cabeça entre as coxas, ele rolou como um brinquedo infantil, se chocou contra os galhos protuberantes da maldita pereira, o que provavelmente salvou a vida dele ao amaciar a queda. O garoto aterrissou com estrondo em um canteiro de alfices e perdeu o fôlego em um nocaute, de maneira mortificante, por todos os

orifícios disponíveis.

– Ah, que genial – disse a voz – As frutas estão caindo das árvores mais cedo este ano.

Ele tinha uma última e perdida esperança de que a dona da voz fosse a amada dele. Tentou parecer recomposto, embora os óculos dele tivessem caído em algum lugar por ali.

– Como vai você? – perguntou ele, hesitante, ao se levantar. – Não era assim que eu pretendia chegar.

Descalça e de avental, ela saiu de trás de um caramanchão de uvas rosadas de Perth. Não era ela, não era a amada dele. Era outra. Ele conseguia perceber mesmo sem os óculos.

– Ah, é você – disse ele enquanto tentava não parecer arrasado.

Ela carregava uma peneira cheia de minúsculas uvas, daquelas azedas, usadas em saladas primaveris.

– Ah, é você – falou ela enquanto se aproximava. – Eu conheço você.

– Mestre Boq, ao seu dispor.

– Você quer dizer mestre Boq nas minhas alfaces. – Ela pegou os óculos do canteiro dos feijões e os entregou de volta.

– Como vai você, senhorita Elfinha?

– Nem tão ácida quanto uma uva e nem tão esmagada quanto uma alface. Como vai você, mestre Boq?

– Estou consideravelmente envergonhado. Será que vou arrumar uma confusão aqui?

– Posso arrumar uma para você, se quiser.

– Não faça o esforço. Vou sair pelo caminho por onde entrei. – Ele olhou para a pereira. – Coitadinha, quebrei alguns membros de bom tamanho.

– Pobre da árvore. Por que você faria isso com ela?

– Bem, eu estava assustado e tinha uma escolha: me virar como uma ninfa da floresta por entre as folhas ou descer calmamente do outro lado do estábulo até a rua e voltar para a minha vida. Qual seria a sua escolha?

– Ah, esta é a questão, mas sempre aprendi que a primeira coisa a se fazer é negar a validade da questão. Eu mesma, se estivesse assustada, não subiria silenciosamente na direção da rua e nem escalaria ruidosamente na direção da árvore para depois cair na direção das alfaces. Eu me viraria do avesso para ficar mais leve, pairaria até que a pressão do ar fora de mim estivesse estabilizada. Depois, deixaria a parte de dentro da minha pele pousar, um dedo de cada vez, de volta no telhado.

– E depois você reverteria a sua pele?

– Depende de quem estivesse lá embaixo e do que quisesse comigo, e se eu me importasse com isso. Depende também da cor que o lado de dentro da minha pele acabasse por apresentar. Sem ter me invertido, sabe como é, não dá para ter certeza. Sempre achei que deve ser horrível ser rosa e branco como um leitão.

– Muitas vezes é. Ainda mais no banho. Você se sente malpassado... – No entanto, ele parou. As tolices começam a ficar pessoais demais. – Peço perdão, eu a assustei e não pretendia.

– Você observava as copas das árvores frutíferas para conferir a nova safra,

imagino? – perguntou ela, se divertindo com a situação.

– Exatamente.

– Viu a árvore dos seus sonhos?

– A árvore dos meus sonhos pertence aos meus sonhos, e não falo a respeito para os meus amigos nem para você, que mal conheço.

– Ah, mas você me conhece. Brincamos juntos na infância, você me lembrou disso quando nos conhecemos no ano passado. Ora, somos quase irmãos. Com certeza, pode descrever a sua árvore preferida para mim e eu vou dizer a você se sei onde ela cresce.

– Você está zombando de mim, senhorita Elfinha.

– Bem, não é a minha intenção, Boq. – Ela usou o nome dele sem o título de honra carinhosamente, como se desejasse enfatizar o comentário sobre os dois serem como irmãos. – Suspeito que você queira saber da senhorita Galinda, a garota gillikin que conheceu no abatedouro poético da Madame Morrorosa no outono passado.

– Talvez você me conheça melhor do que eu imaginava. – Ele suspirou. – Devo ter esperanças de que ela pense em mim?

– Bem, esperanças você pode ter. Seria mais eficiente perguntar a ela e acabar com isso. Ao menos assim você saberia.

– Mas você é amiga dela, não é? Não sabe responder?

– Você não vai querer confiar no que eu sei ou deixo de saber, ou no que digo que sei. Eu poderia mentir. Poderia estar apaixonada por você e trair a minha colega de quarto ao mentir a respeito dela...

– Ela é sua colega de quarto?

– Você está tão surpreso assim de saber?

– Bem... não... só... só satisfeito.

– Os cozinheiros devem estar se perguntando que diálogos estou tendo com os aspargos agora. Posso dar um jeito de trazer a senhorita Galinda até aqui à noite, se você quiser. Quanto mais cedo melhor, de modo a acabar com a sua alegria da maneira mais organizada e completa possível. Se assim for para acontecer, mas, como sempre digo, como vou saber? Se não posso prever qual vai ser a sobremesa, como poderia prever os afetos de alguém?

Marcaram um encontro dali a três noites e Boq agradeceu Elfaba fervorosamente, balançando a mão dela com tanta força que os óculos dele saltitavam no nariz.

– Você é uma amiga querida e antiga, Elfinha, ainda que não a tenha visto por quinze anos – disse ele ao devolver a ela o nome sem o título. Ela se recolheu sob os galhos das pereiras e desapareceu ao longo da passarela. Boq conseguiu sair da horta, voltar para o quarto e revisar os livros, mas o problema não havia sido resolvido, não, não havia. Foi exacerbado. O garoto não conseguia se concentrar. Ele ainda estava acordado quando os meninos bêbados voltaram a Briscoe Hall com seus estardalhaços, clamores por silêncio e cantarolar murmurado.

Avaric saiu para as férias de verão depois que as provas terminaram, e Boq superestimou suas chances ou fracassou; em ambos os casos, ele tinha pouco a perder agora. Este primeiro encontro com Galinda poderia ser o último. Boq se preocupou mais do que o normal com o que vestiria e arrumou uma dica sobre como arrumar o cabelo de acordo com a nova moda que circulava nos cafés (uma fina faixa branca em torno do cocuruto, puxando o cabelo direto do topo para que caísse em cachos, como a espuma que transborda de uma bacia de leite derramado). Limpou as botas várias vezes. Estava quente demais para usar as botas, mas ele não tinha sandálias para usar à noite. As botas teriam de servir.

Na noite marcada, ele refez o caminho e, no telhado do estábulo, descobriu que uma escada para colher frutas fora deixada encostada na parede para que ele não precisasse descer por entre as folhas, como um chimpanzé com vertigem. Ele desceu com cuidado os primeiros degraus, depois saltou corajosamente pelo resto do caminho abaixo, desta vez evitando as alfices. Em um banco debaixo das castanheiras estava Elfaba, os joelhos dobrados de forma casual e os pés descalços apoiados no assento do banco, e Galinda, cujos tornozelos estavam cruzados com delicadeza, se escondia atrás de um leque de cetim e contemplava a direção oposta, de qualquer maneira.

– Ora, pela graça divina, um visitante – disse Elfaba. – Que grande surpresa.

– Boa noite, senhoras.

– A sua cabeça parece um ouriço em estado de choque, o que você fez consigo próprio? – perguntou Elfaba.

Finalmente Galinda se virou para olhar, mas em seguida desapareceu por trás do leque mais uma vez. Será que ela estava tão nervosa assim? Será que o coração dela era fraco?

– Bem, eu sou meio Ouriço, não contei? Por parte do meu avô. Ele acabou seus dias como costeletas servidas para o séquito de Ozma em uma temporada de caça, e uma memória saborosa para todos. A receita é transmitida pela família, colada no álbum de fotos. É servido com molho de queijo e nozes. Uma delícia.

– É sério? – indagou Elfaba. Ela colocou o queixo nos joelhos. – Você é mesmo um Ouriço?

– Não, era uma brincadeira. Boa noite, senhorita Galinda. Que bom que concordou em me encontrar.

– Isto é altamente inadequado – disse Galinda. – Por uma série de razões, como você bem sabe, mestre Boq. No entanto, a minha colega de quarto não descansaria até que eu concordasse. Não posso dizer que é um prazer vê-lo novamente.

– Oh, diga, repita, talvez assim se torne realidade – comentou Elfaba. – Experimente. Ele não é tão ruim. Para um menino pobre.

– Estou contente que esteja tão interessado em mim, mestre Boq – falou a senhorita Galinda enquanto tentava trabalhar a própria cortesia. – Estou

lisonjeada. – Era óbvio que ela não estava lisonjeada, mas sim humilhada. – No entanto, é preciso observar que não pode haver uma amizade especial entre nós. Além da questão dos meus sentimentos, há muitos impedimentos sociais para darmos seguimento a isto. Só concordei em vir para dizer isso pessoalmente. Era o mínimo que poderia fazer.

– Era o mínimo e também poderia ser divertido – disse Elfaba. – É por isso que estou aqui.

– Há o problema de sermos de culturas diferentes, para começar – continuou Galinda. – Sei que você é munchkin. Eu sou gillikin. Terei de me casar com alguém da minha própria cultura. É o único caminho, me desculpe. – Ela baixou o leque e ergueu a mão, com palma para a frente, para impedi-lo de protestar. – E, além disso, você é um fazendeiro da escola rural, e eu preciso de um estadista ou um banqueiro de Torres de Ozma. A vida é assim. Além do mais, você é muito baixinho.

– Não vai falar da insubordinação aos costumes em vir aqui desta maneira, nem da burrice dele? – disse Elfaba.

– Chega – concluiu Galinda. – Assim está bom, senhorita Elfaba.

– Por favor, você está segura demais. Se me permite ter a ousadia de dizer...

– Você não é nem um pouco ousado – comentou Elfaba. – É tão ousado quanto o chá feito de folhas usadas. Você me envergonha com esta hesitação toda. Vamos lá, diga algo interessante. Começo a desejar ter ido para a igreja.

– Você está interrompendo – falou Boq. – Senhorita Elfinha, você fez algo maravilhoso ao incentivar a senhorita Galinda a me encontrar, mas devo pedir que nos deixe a sós para resolvermos as coisas.

– Nenhum de vocês dois vai entender o que o outro está dizendo – argumentou Elfaba calmamente. – Sou uma munchkin de nascimento, de qualquer maneira, mesmo sem ter sido criada lá, e eu sou uma menina por acaso, e não por escolha. Sou o intermediário natural entre vocês. Não acredito que consigam se entender sem mim. De fato, se eu sair da horta, vocês vão deixar de decifrar a linguagem um do outro por inteiro. Ela fala a língua dos ricos, você fala pobres esfarrapado. Além disso, paguei por este espetáculo ao passar três dias seguidos convencendo a senhorita Galinda. Tenho direito de assistir.

– Seria ótimo se você ficasse aqui, senhorita Elfaba – disse Galinda. – Preciso de uma acompanhante quando estou com um rapaz.

– Viu o que quero dizer? – indagou Elfaba para Boq.

– Então, se precisa ficar, ao menos me deixe falar – pediu Boq. – Por favor, me deixe falar, nem que seja por alguns minutos. Senhorita Galinda. O que diz é verdade. Você é bem nascida e eu sou um qualquer. Você é gillikin e eu, munchkin. Você tem um padrão social no qual se encaixar e eu também. E o meu não inclui casar com uma menina rica demais, estrangeira demais, expectante demais. Não foi para propor casamento que vim aqui.

– Viu só, estou feliz de não ter ido embora, agora começou a ficar bom – interrompeu Elfaba, mas se calou quando ambos olharam para ela.

– Vim aqui para propor que nos encontremos de vez em quando, e só – disse Boq. – Que nos vejamos como amigos. Que, sem expectativas, possamos

conhecer um ao outro como bons amigos. Não nego que a sua beleza me fascina. Você é a lua na estação das sombras, é o fruto da cerejeira, é a fênix em círculos de voo...

– Isso parece ensaiado – comentou Elfaba.

– Você é o lendário oceano – concluiu ele, com todos os ovos na mesma cesta.

– Não sou muito de poesia – explicou Galinda. – No entanto, você é muito gentil. – Ela pareceu ter se animado um pouco com os elogios. De qualquer forma, o leque se movia mais rápido. – Realmente não entendo o objetivo de uma amizade, como você a chama, mestre Boq, entre pessoas da nossa idade que não são casadas. Parece... uma distração. Consigo imaginar que possa causar problemas, especialmente quando você confessar uma paixão que não tenho esperanças de retribuir. Nem daqui a um milhão de anos.

– É a idade do atrevimento – falou Boq. – É o único momento que temos. Devemos viver o presente. Somos jovens e estamos vivos.

– Não sei se vivo abrange muito bem – ironizou Elfaba. – Para mim, tudo isso parece decorado.

Galinda bateu na cabeça de Elfaba com o leque, que se encolheu de forma inteligente e se abriu perfeitamente mais uma vez, um gesto elegante e treinado que impressionou a todos.

– Você está sendo cansativa, senhorita Elfinha. Aprecio a sua companhia, mas não solicitei uma faixa de comentários. Sou perfeitamente capaz de decidir o mérito do discurso de mestre Boq por mim mesma. Deixe-me considerar a ideia idiota dele. Lurline do céu, mal consigo me ouvir pensar!

Quando perdia a paciência, Galinda ficava mais bonita do que nunca. Então aquele velho ditado estava certo também. Boq estava aprendendo tanto a respeito das garotas! O leque estava abaixado. Seria isso um bom sinal? Se ela não sentisse afeto por ele, teria usado um vestido com um decote que mostrasse um pouco mais do que ele ousara esperar? E havia também a essência de água de rosas que ela estava usando. Ele sentiu uma onda de possibilidades, uma tendência a esfregar os lábios dele no local onde o ombro se tornou o pescoço dela.

– Seus méritos – ela estava dizendo. – Bem, você é corajoso, eu suponho, e inteligente, para ter arranjado isso. Se Madame Morrorosa algum dia o encontrasse aqui, nós estaríamos em uma confusão séria. Claro que talvez você não saiba disso, então esqueça a parte da coragem. Apenas esperto. Você é esperto e é, de alguma forma, ah, bem, quero dizer, parece...

– Bonito? – sugeriu Elfaba. – Vistoso?

– Você é divertido de se ver – decidiu Galinda.

A expressão de Boq despençou.

– Divertido?

– Eu daria um mundo para chegar a ser divertida – falou Elfaba. – Geralmente, o máximo que consigo é perturbadora, e quando as pessoas dizem isso, se referem à digestão...

– Bem, eu posso ter todos ou nenhum dos méritos que você citou – disse Boq com firmeza –, mas você vai perceber que sou persistente. Não vou deixar você

negar a nossa amizade, Galinda. Significa muito para mim.

– Eis o macho bestial rugindo na selva em busca da parceira – comentou Elfaba. – Vejam como a fera feminina dá risadinhas por trás de um arbusto, enquanto organiza a expressão para dizer “Perdão, querido, você disse algo”?

– Elfaba! – gritaram os dois para ela.

– Minha vez de falar, docinho! – disse uma voz atrás deles e os três se viraram. Era uma aia de meia-idade em um avental listrado, o cabelo cinza e cada vez mais ralo torcido em um coque na cabeça. – No que você está se metendo?

– Ama Clutch! – gritou Galinda. – Como você pensou em vir me procurar aqui?

– Aquela tzebra cozinheira me contou que tinha algum falatório acontecendo aqui fora. Você acha que eles são cegos lá dentro? Agora, quem é este? Isso não parece nada bom, não para mim.

Boq se levantou.

– Sou o mestre Boq de Margens Agitadas, Munchkinlândia. Sou um aluno quase no terceiro ano de Briscoe Hall.

Elfaba bocejou.

– O espetáculo já acabou?

– Bem, estou chocada! Um convidado não deveria ser conduzido à horta, então acredito que você tenha chegado sem ser convidado! Senhor, saia daqui antes que eu chame os porteiros para colocá-lo para fora!

– Ah, Ama Clutch, não faça escândalo – pediu Galinda, aos suspiros.

– Ele mal se desenvolveu o suficiente para causar preocupação – destacou Elfaba. – Olhe, ele sequer tem barba. E disso podemos deduzir...

Boq disse apressadamente:

– Talvez tudo isto esteja errado. Não vim até aqui para sofrer abusos. Perdoe-me, senhorita Galinda, se falhei até mesmo em diverti-la. Quanto a você, senhorita Elfaba – a voz dele estava o mais fria que ele conseguia entoar e ainda mais fria do que ele próprio já ouvira –, eu estava errado em confiar na sua compaixão.

– Espere e verá – disse Elfaba. – Os erros demoram um tempão para serem postos à prova, na minha experiência. Enquanto isso, por que você não volta um dia desses?

– Não haverá uma segunda vez – disse Ama Clutch ao puxar Galinda, que se mostrava mais sedentária do que cimento seco. – Senhorita Elfaba, é uma vergonha que tenha incentivado este absurdo.

– Galhofa foi só o que aconteceu aqui, e uma galhofa ruim, ainda por cima – replicou Elfaba. – Senhorita Galinda, você está sendo terrivelmente teimosa. Está plantada na horta na esperança de que a visita deste garoto possa acontecer de novo? Será que entendemos mal o seu interesse?

Finalmente, Galinda se empertigou com uma certa dignidade.

– Meu querido mestre Boq – disse ela, como se ditasse algo –, a minha intenção sempre foi dissuadi-lo de me procurar, em um vínculo romântico ou até mesmo uma amizade, como você colocou. Não tinha a intenção de magoá-lo. Não é da minha natureza. – Diante disto, Elfaba revirou os olhos, mas, desta vez,

manteve a boca fechada, talvez porque Ama Clutch cravou as unhas no cotovelo de Elfaba. – Não vou me dignar a marcar outro encontro como este. Como Ama Clutch me lembrou, seria indigno de mim. – Ama Clutch não tinha dito exatamente isto, mas, mesmo assim, concordou tristemente com a cabeça. – No entanto, se os nossos caminhos se cruzarem de maneira legítima, mestre Boq, terei a cortesia de ao menos não ignorá-lo. Confio que você vá se satisfazer com isso.

– Jamais – respondeu Boq com um sorriso –, mas é um começo.

– E, agora, boa noite – disse Ama Clutch em nome de todos e levou as meninas embora. – Bons sonhos, mestre Boq, e não volte!

– Senhorita Elfinha, você foi horrível. – Ele ouviu Galinda dizer, enquanto Elfaba virava e acenava um adeus com um sorriso que ele não conseguia interpretar com clareza.

Eassim começou o verão. Como havia passado nas provas, Boq estava livre para planejar o último ano em Briscoe Hall. Todos os dias, ele corria até a biblioteca da Três Rainhas, onde, sob o olhar atento do bibliotecário do arquivo principal, um Rinoceronte colossal, o garoto limpava os manuscritos antigos que claramente não eram consultados mais do que uma vez a cada século. Quando o Rino saía da sala, Boq se distraía conversando com os dois meninos que ficavam cada um de um lado, garotos típicos da Três Rainhas, cheios de fofocas mal contadas e referências obscuras, zombeteiros e leais. Gostava deles quando estavam de bom humor e detestava o mau humor de ambos. Croke e Tibbett. Tibbett e Croke. Boq fingia estar confuso quando se tornavam travessos ou maliciosos demais, o que parecia acontecer uma vez por semana, mas eles voltavam atrás bem rápido. Na parte da tarde, todos levavam seus sanduíches de queijo até as margens do Canal do Suicídio e observavam os cisnes. Os garotos musculosos que formavam grupos e iam para cima e para baixo do canal para praticar esportes de verão faziam Croke e Tibbett desfalecerem de vergonha e esconderem os rostos na grama. Boq ria deles, não de uma maneira maldosa, e esperava que o destino fizesse com que Galinda cruzasse mais uma vez o caminho dele.

A espera não foi das mais longas. Cerca de três semanas após o encontro na horta, em uma manhã de verão e ventania, um pequeno terremoto causou alguns danos menores na biblioteca da Três Rainhas e o edifício teve de ser fechado para receber alguns reparos. Tibbett, Croke e Boq pegaram os sanduíches e alguns copos de chá da cantina e se afundaram no local preferido deles às margens verdejantes do canal. Quinze minutos depois, Ama Clutch surgiu com Galinda e outras duas meninas.

– Acredito que o conhecemos – disse Ama Clutch enquanto Galinda ficava parada a um passo de distância, recatada. Em casos como este, era dever do criado obter os nomes dos estranhos no grupo, para que pudessem cumprimentar uns aos outros diretamente. Ama Clutch observou em voz alta que se tratava dos mestres Boq, Croke e Tibbett, que foram apresentados às senhoritas Galinda, Shenshen e Pfannee. Em seguida, Ama Clutch se afastou alguns passos para permitir que os jovens se dirigissem uns aos outros.

Boq saltou e fez uma ligeira reverência, e Galinda disse:

– Seguindo a minha promessa, mestre Boq, posso saber como vai você?

– Muito bem, obrigado.

– Ele está maduro como um pêssego – comentou Tibbett.

– É absolutamente delicioso, deste ângulo aqui – completou Croke, parado a alguns passos dali, mas Boq se virou e lançou um olhar tão selvagem que Croke e Tibbett se sentiram repreendidos e fingiram ficar aborrecidos.

– E você, senhorita Galinda? – Boq prosseguiu enquanto analisava o rosto bem feito da menina. – Você está bem? Que emocionante vê-la em Shiz durante o verão.

No entanto, não foi a coisa certa a dizer. As melhores garotas passavam o verão em casa e Galinda, enquanto gillikin, devia lamentar profundamente estar presa aqui, como um munchkin ou um plebeu! O leque surgiu. Os olhos baixaram. As senhoritas Shenshen e Pfannee tocaram os ombros dela em uma compaixão muda. No entanto, Galinda reagiu em um rompante.

– As minhas caras amigas, as senhoritas Pfannee e Shenshen, alugaram uma casa para passar o mês no Alto Verão, nas margens do lago Chorge. Uma pequena casa decorada, perto da aldeia de Neverdale. Decidi passar as férias lá em vez de fazer a cansativa jornada de volta para Colinas de Perth.

– Que delícia. – Ele observou os cantos chanfrados das unhas pintadas, os cílios cor de mariposa, a maciez vítrea e dourada das bochechas, a dobra delicada de pele bem na fenda do lábio superior. Sob a luz da manhã de verão, a fissura ficava ainda mais destacada, de maneira perigosa e inebriante.

– Fique parado – disse Croke, e ele e Tibbett se ergueram em um salto e pegaram Boq pelos cotovelos, um de cada lado. Foi então que ele se lembrou de respirar. No entanto, o rapaz não conseguia pensar em mais nada a dizer e Ama Clutch girava a bolsa sem parar nas mãos.

– Bem, nós arrumamos trabalho – falou Tibbett para socorrer o amigo. – Na biblioteca da Três Rainhas. Fazemos a manutenção da literatura. Somos as faxineiras da cultura. Você trabalha, senhorita Galinda?

– Acho que não – respondeu Galinda. – Preciso de um descanso dos estudos. Este ano foi desgastante, muito desgastante. Meus olhos ainda estão exaustos de tanto ler.

– E quanto a vocês, meninas? – quis saber Croke, com uma casualidade ultrajante. No entanto, elas apenas riram e se afastaram de forma reservada. Este era o encontro da amiga e não delas.

Boq, ao recuperar a compostura, sentiu que o grupo começava a entrar em movimento novamente.

– E senhorita Elfinha? – perguntou ele com a intenção de que todos continuassem ali. – Como vai sua colega de quarto?

– Obstinada e complicada – respondeu Galinda com gravidade, falando pela primeira vez em uma voz normal em vez do leve sussurro social. – No entanto, graças a Lurline, ela tem um emprego, por isso consigo algum alívio. Ela está trabalhando no laboratório e na biblioteca sob a supervisão do nosso doutor Dillamond. Você o conhece?

– O doutor Dillamond? Se eu o conheço? Ele é o tutor de biologia mais influente de Shiz.

– A propósito – completou Galinda –, ele é um Bode.

– Sim, sim. Bem que eu queria que ele desse aula para *nós*. Até mesmo os nossos professores reconhecem a importância dele. Ao que parece, anos atrás, na época do reinado do Rei e mesmo antes, ele costumava ser convidado todos os anos para lecionar em Briscoe Hall. No entanto, as restrições alteraram até este esquema, então realmente nunca o conheci. Simplesmente vê-lo naquela noite de poesia, no ano passado, tão brevemente, foi um prazer...

– Bem, ele não para – falou Galinda. – Ele pode até ser brilhante, mas não tem noção de quando se torna chato. De qualquer forma, a senhorita Elfinha está

trabalhando duro nisso ou naquilo. Ela também não para. Acho que é contagioso!

– Bem, um laboratório gera coisas – comentou Croke.

– Sim – concluiu Tibbett – e, por falar nisso, devo acrescentar que você é mesmo tão adorável quanto Boq diz. Nós atribuímos o exagero a uma imaginação fértil nascida da frustração afetiva e física...

– Você sabe que, entre a sua senhorita Elfinha e os meus ex-amigos aqui, não temos nenhuma esperança verdadeira de selar uma amizade. Devemos organizar um duelo e matar uns aos outros em vez disso? Contar dez passos, virar e atirar? Iria nos poupar tanto constrangimento – sugeriu Boq.

No entanto, Galinda não aprovava esse tipo de brincadeira. Ela sacudiu a cabeça para desmanchar o encontro, e o grupo de fêmeas saiu andando ao longo do caminho de cascalho, seguindo a curva do canal. Eles ouviram a senhorita Shenshen dizer, em uma voz profunda e ofegante:

– Ah, minha querida, ele é um doce, como um brinquedo.

A voz sumiu aos poucos e Boq se virou para reclamar com Croke e Tibbett, mas os garotos decidiram fazer cosquinhas nele e todos desabaram sobre um amontoado das sobras do almoço. E, uma vez que era impossível modificá-los, Boq abandonou o impulso de corrigir os amigos. Na verdade, que diferença aquela chacota infantil faria, se a senhorita Galinda o achava assim tão impossível?

Uma ou duas semanas mais tarde, durante uma tarde de folga, Boq foi até a Praça da Ferrovia. Ele fez hora em um quiosque, contemplativo. Cigarros, imitações de amuletos de amor, desenhos picantes de mulheres se despindo e pergaminhos com pinturas de crepúsculos lígubres, nos quais pairavam frases inspiradores de uma só linha. “Lurline vive dentro de cada coração.” “Proteja bem as leis do Mágico e as leis do Mágico o protegerão.” “Imploro ao Deus Inominável que a justiça impere em Oz.” Boq observou a variedade: os princípios pagãos, autoritários e também os obsoletos unionistas.

Entretanto, não havia nenhuma menção de simpatia aos monarquistas, que caíram na clandestinidade durante os dezesseis árduos anos desde que o Mágico tirou o poder das mãos do Rei de Ozma pela primeira vez. A linhagem de Ozma era originalmente gillikin e certamente havia grupos ativos de resistência ao Mágico. No entanto, Gillikin tinha, de fato, prosperado sob o comando do Mágico, por isso os monarquistas ficaram de bico fechado. Além disso, todo mundo ouviu falar dos boatos sobre medidas legais rigorosas contra vira-casacas e rebeldes.

Boq comprou um jornal que era publicado fora da Cidade das Esmeraldas – várias semanas antes, mas era o primeiro que ele via nos últimos tempos – e parou em uma cafeteria. Ele leu que a Guarda Interna da Cidade das Esmeraldas tinha reprimido alguns Animais dissidentes, que provocavam um transtorno nos jardins do palácio. O rapaz procurou pelas notícias sobre as províncias e encontrou um calhau a respeito de Munchkinlândia, que continuava a passar pela calamidade de uma seca quase total. Tempestades ocasionais encharcavam o solo, mas a água escoava ou afundava no barro sem trazer nenhum benefício.

Diziam que havia lagos subterrâneos ocultos na região de Vinkus, que os recursos hídricos de lá poderiam servir a toda Oz. No entanto, a ideia de um sistema de canais que cruzasse todo o país fazia todo mundo cair na gargalhada. Que despesa! Os Eminentes e a Cidade das Esmeraldas discordavam fortemente quanto ao que deveria ser feito.

“É a secessão”, pensou Boq de maneira subversiva, e ergueu o olhar para ver Elfaba, sozinha, sem nem mesmo uma babá ou Ama, de pé ao lado dele.

– Que expressão deliciosa você tem no rosto, Boq. É muito mais interessante do que o amor.

– É o amor, de certa forma – disse Boq, que depois caiu em si e ficou de pé em um pulo. – Não vai me acompanhar? Por favor, sente-se. A menos que esteja preocupada em estar sem uma Ama.

Ela se sentou, com uma aparência um tanto doentia, e permitiu que ele pedisse uma xícara de chá mineral para ela. A garota trazia um pacote embrulhado em papel pardo e barbante debaixo do braço.

– São bugigangas para a minha irmã – explicou ela. – Ela é como a senhorita Galinda, adora o exterior pomposo das coisas. Encontrei um xale de Vinkus no bazar, rosas vermelhas em um fundo preto, com franjas pretas e verdes. Vou enviá-lo para ela junto com um par de meias listradas que Ama Clutch tricotou para mim.

– Eu não sabia que você tem uma irmã. Ela ficava com a gente no jardim de Gawnette?

– Ela é três anos mais nova do que eu. Vai estudar em Crage Hall em breve.

– Ela é tão problemática quanto você?

– Ela é problemática de uma maneira diferente. Ela é aleijada, muito seriamente, a minha Nessarose, então dá bastante trabalho. Nem mesmo Madame Morrorosa sabe direito a extensão do problema. No entanto, quando ela chegar, eu vou estar no terceiro ano e vou ter a coragem de enfrentar a diretora, acho. Se há algo que me irrita são as pessoas que tornam a vida de Nessarose mais difícil. A vida já é difícil o suficiente para ela.

– É a sua mãe quem a cria?

– A minha mãe morreu. O meu pai está no comando, oficialmente.

– Oficialmente?

– Ele é religioso – respondeu Elfaba, e fez o gesto de girar as palmas em um círculo, que indicava que você poderia esfregar uma na outra o quanto quisesse, mas não havia moinho algum na face da terra que produzisse farinha se não houvesse um grão sequer para triturar.

– Parece uma situação muito difícil para todos vocês. Como a sua mãe morreu?

– Ela morreu no parto, e este é o fim deste interrogatório sobre a minha vida pessoal.

– Conte-me sobre o doutor Dillamond. Ouvi dizer que você está trabalhando para ele.

– Conte-me sobre a sua cômica campanha para conquistar o coração de Galinda, a Rainha do Gelo.

Boq queria muito ouvir a respeito do doutor Dillamond, mas se distraiu pela

observação de Elfaba.

– Eu vou persistir, Elfinha, eu vou! Quando a vejo, fico tão encantado de desejo, é como se as minhas veias pegassem fogo. Não consigo falar e tudo o que penso parecem visões. É como sonhar. É como flutuar em sonhos.

– Eu não sonho.

– Diga-me, há alguma esperança? O que ela diz? Será que ela sequer imagina que os sentimentos dela por mim possam mudar?

Elfaba apoiou os dois cotovelos sobre a mesa, as mãos cruzadas na frente do rosto, os dois dedos indicadores encostados um no outro e contra os lábios finos e cinzentos dela.

– Sabe, Boq, o negócio é que eu mesma tomei afeição por Galinda. Por trás do amor deslumbrado que ela demonstra por si própria, há uma mente que luta para funcionar. Ela pensa sobre as coisas. Quando a mente dela está efetivamente em funcionamento, ela poderia, se fosse levada a tal, pensar em você. Até mesmo com um certo carinho, suspeito eu. Eu falei “suspeito”. Eu não sei. No entanto, quando Galinda volta a ser ela mesma, quero dizer, a ser a menina que gasta duas horas por dia para encaracolar aquele cabelo lindo, é como se o raciocínio dela se metesse em algum armário dentro dela e fechasse a porta. Ou como se ela corresse histericamente daquilo que é grande demais para a compreensão dela. Eu a amo, qualquer que seja o caso, mas acho uma característica estranha. Não me importaria de deixar tudo isso fora da nossa amizade, mas não sei como.

– Proponho que você está sendo muito rígida com ela e certamente muito radical – disse Boq com severidade. – Se ela estivesse aqui, acho que ficaria surpresa ao ouvi-la falar tão francamente.

– Simplesmente tento me comportar como penso que uma amiga deva se comportar, embora seja verdade que eu não tenho muita experiência nisso.

– Bem, me faz questionar a sua amizade comigo se você considera a senhorita Galinda como sua amiga e se é assim que você destroça um amigo durante a ausência dele.

Embora Boq estivesse irritado, percebeu que esta era uma discussão mais animada do que o papo convencional que ele e Galinda levaram até então. Ele não queria assustar Elfaba com suas críticas.

– Vou pedir outro chá mineral para você – sugeriu ele com uma voz autoritária, a voz do pai dele, na verdade – e depois você pode me contar mais a respeito do doutor Dillamond.

– Dispense o chá, ainda estou bebendo o primeiro e você não tem mais dinheiro do que eu, aposto, mas vou falar sobre o doutor Dillamond. A menos que você considere a forma e o foco das minhas opiniões como uma afronta.

– Por favor, talvez eu esteja errado. Veja, o dia está bonito e nós dois estamos fora do campus. Como conseguiu sair sozinha, falando nisso? A saidinha foi autorizada pela Madame Morrorosa?

– Tente adivinhar – disse ela com um sorriso. – Quando ficou claro que você conseguia entrar e sair de Crag Hall através da horta e do telhado do estábulo ao lado, concluí que também conseguiria. Ninguém nunca sente a minha falta.

– Para mim é difícil acreditar nisso – disse ele, atrevido –, pois você não é

do tipo que costuma gostar de pular árvores. Agora, conte-me sobre o doutor Dillamond. Ele é meu ídolo.

Ela suspirou, largou o pacote em cima da mesa, e eles começaram uma longa conversa. Ela contou a Boq sobre o trabalho do doutor Dillamond nas essências naturais, na tentativa de determinar, através do método científico, quais eram as diferenças reais entre os tecidos dos animais e os dos Animais e entre os tecidos dos Animais e os dos humanos. A literatura sobre o assunto, ela aprendeu ao fazer sozinha o trabalho braçal, era toda redígida em termos unionistas, e, antes disso, em termos pagãos, não passava pelo crivo científico.

– Não se esqueça de que a Universidade de Shiz era, no início, um mosteiro unionista – pediu Elfaba –, portanto, apesar da postura vale-tudo vigente na elite culta, ainda há fundações de preconceitos unionistas.

– Mas eu sou um unionista e não enxergo o conflito. O Deus Inominável é complacente com as várias extensões do ser, não apenas a humana. Você está falando de um preconceito sutil contra Animais, arraigado em algumas características unionistas antigas e que continuam a vigorar hoje em dia?

– Certamente é assim que o doutor Dillamond pensa. E ele mesmo é um unionista. Explique este paradoxo e eu ficarei feliz em me converter. Admiro profundamente o Bode, mas, para mim, o verdadeiro interesse desta pesquisa é o viés político. Se ele conseguir isolar um pedacinho que seja da arquitetura biológica para provar que não há diferença nenhuma, no âmago dos bolsões invisíveis de nossa carne e da de Animal, que não há diferença entre nós, nem mesmo entre todos nós, se você levar em conta a carne animal também, bem... Dá para imaginar os desdobramentos.

– Não. Acho que não consigo imaginar.

– Como manter as Proibições contra a Mobilidade Animal se o doutor Dillamond conseguir provar cientificamente que não há nenhuma diferença inerente entre humanos e Animais?

– Ah, isso sim é o esquema de um futuro incrivelmente otimista.

– Pense a respeito. Pense, Boq. Que base o Mágico poderia ter para continuar a perpetrar as Proibições?

– Como convencê-lo a parar? O Mágico dissolveu a Câmara de Aprovação por tempo indeterminado. Não creio, Elfinha, que o Mágico esteja aberto a analisar argumentos, nem mesmo se vierem de um Animal distinto como o doutor Dillamond.

– Mas é claro que ele deve estar. É um homem que está no poder, é o trabalho dele analisar mudanças no conhecimento. Quando o doutor Dillamond tiver a prova, vai escrever para o Mágico e começar a fazer uma campanha a favor das mudanças. Sem dúvida, ele vai fazer o possível para comunicar a todos os Animais o que pretende também. Ele não é bobó.

– Bem, eu não disse que ele era um bobó. Mas você acha que ele está tão perto assim de obter provas concretas?

– Sou uma criada-aluna. Sequer compreendo o que ele quer dizer. Sou apenas uma secretária, uma secretária. Você sabe que ele não consegue sozinho, não consegue segurar uma caneta com os cascos. Ele dita e eu redijo e corro até a biblioteca de Crage Hall para pesquisar tudo.

– A biblioteca de Briscoe Hall é um lugar melhor para vasculhar esse tipo de material. Até mesmo a da Três Rainhas, onde estou trabalhando neste verão, tem pilhas de documentos a respeito das observações dos monges sobre a vida animal e vegetal.

– Sei que não tenho uma aparência lá muito tradicional, mas acredito que, por ser uma garota, não tenho permissão para frequentar a biblioteca de Briscoe Hall. E, também por ser um Animal, ao menos por enquanto, o mesmo se dá com o doutor Dillamond. Portanto, estes recursos valiosos estão fora do nosso alcance.

– Bem – disse Boq de maneira displicente –, se vocês soubessem exatamente o que queriam... Eu tenho acesso às estantes de ambas as coleções.

– E quando o bom doutor terminar de esmiuçar a diferença entre Animais e pessoas, vou propor que ele aplique os mesmos argumentos para as diferenças entre os sexos – contou Elfaba. Logo depois, ela percebeu o que Boq havia dito e estendeu a mão, quase como se fosse tocar nele. – Ah Boq. Boq. Em nome do doutor Dillamond, aceito a sua generosa oferta de ajuda. Levarei a você a primeira lista de fontes até o fim desta semana. Basta deixar o meu nome fora dela. Não ligo de provocar a ira de Horrerosa Morrorosa contra mim mesma, mas não quero que ela desconte sua irritação na minha irmã, Nessarose.

Ela bebeu o que restava do chá, pegou o pacote e foi embora quase antes que Boq conseguisse se pôr de pé. Vários clientes, que comiam suas refeições sem pressa, acompanhados de seus próprios jornais ou romances, olharam para a menina desajeitada que saía pelas portas. Conforme Boq se recostava, mal percebendo no que havia se metido, se deu conta, lenta, porém inteiramente, de que esta manhã não havia Animais tomando o chá matinal por aqui. Nenhum Animal, em absoluto.

No futuro – e Boq teria uma vida longa –, ele se lembraria do resto do verão com o perfume do mofo dos livros antigos, quando a escrita antiga pairava diante dos seus olhos. Ele vasculhou sozinho as pilhas emboloradas, pairou sobre as gavetas de mogno lotadas de pergaminhos. Durante o que pareceu ser toda a temporada, as janelas envidraçadas em forma de losangos, entre fasquias e vigas de arenito azul, ficavam embaçadas sem descanso com pequenas, porém constantes, partículas de chuva, quase tão frágeis e irritantes quanto areia. Aparentemente, a chuva nunca foi muito além de Munchkínlândia, mas Boq tentou não pensar nisso.

Crope e Tibbett foram coagidos a pesquisar para o doutor Dillamond também. No início, foi preciso dissuadi-los de realizar as incursões em disfarces: pincenês falsos, perucas empoeiradas, capas de gola alta, tudo encontrado no armário abarrotado da Sociedade Estudantil de Teatro e Dança da Três Rainhas. No entanto, depois de convencidos da gravidade da missão, eles a assumiram com gosto. Uma vez por semana, eles encontravam Boq e Elfaba no café na Praça da Ferrovia. Elfaba apareceu, durante estas semanas enevoadas, totalmente envolta em um manto marrom com capuz e um véu que ocultava todo o rosto, exceto os olhos. A menina usava luvas cinza, longas e esfarrapadas, que se gabava de ter comprado de um agente funerário local a um preço insignificante, por terem sido usadas em serviços funerários. Cobria as pernas, finas como varas de bambu, com meias de algodão duplamente espessas. A primeira vez que Boq viu Elfaba vestida assim disse:

– Mal consegui convencer Crope e Tibbett a desistirem do disfarce de espíões e você me surge parecendo a Bruxa de Kumbria original.

– Não me visto para obter a aprovação de vocês, meninos – retrucou ela ao se descobrir do manto e dobrando-o de dentro para fora, para que a lã molhada nunca a tocassem.

Nas vezes em que outro frequentador do café entrava pelas portas e sacudia a água de um guarda-chuva, Elfaba sempre recuava e se esquivava mesmo que fosse atingida somente por algumas gotas.

– É uma convicção religiosa, Elfinha, que faz com que você se mantenha tão seca? – quis saber Boq.

– Eu já disse antes, não compreendo a religião, embora convicção seja um conceito que começo a entender. Em todo caso, alguém com uma convicção religiosa de verdade está, assim por dizer, condenado à religião, e merece ir para a cadeia.

– É daí que vem a sua aversão total à água – observou Crope. – Sem que você soubesse, poderia levar um respingo de batismo, e então a sua liberdade enquanto agnóstica livre-pensadora estaria perdida.

– Achei que você fosse egocêntrico demais para notar a minha patologia espiritual – comentou Elfaba. – Agora, meninos, o que temos para hoje?

Em todos os encontros, Boq pensava “Seria tão bom se Galinda estivesse

aqui”, pois o companheirismo casual que cresceu entre eles durante essas semanas era tão revigorante, um modelo de conforto e até mesmo de inteligência. A despeito das convenções, eles deixavam de lado os títulos de honra. Interrompiam uns aos outros e riam e se sentiam ousados e importantes por conta do sigilo da missão. Croke e Tibbett não se preocupavam tanto assim com os Animais ou com as Proibições – ambos eram crias da Cidade das Esmeraldas, filhos de uma cobradora de impostos e de um assessor de segurança do palácio, respectivamente –, mas a crença apaixonada de Elfaba naquele trabalho os empolgava. O próprio Boq se envolveu mais com a causa também. Ele imaginava Galinda puxando uma cadeira para se sentar com eles, sem a crosta superficial de recato, permitindo que os olhos dela brilhassem com um propósito comum e secreto.

– Achei que conhecia todas as formas de paixão – disse Elfaba uma tarde luminosa. – Quero dizer, depois de ter sido criada com um sacerdote unionista como meu pai. Você aprende a esperar que a teologia seja o alicerce no qual se baseiam todos os outros pensamentos e crenças. Mas, meninos! Esta semana, o doutor Dillamond fez alguma espécie de avanço científico. Não tenho certeza do que era, mas envolveu a manipulação de lentes, um par delas, para que fosse possível perscrutar pedaços de tecido que ele colocou sobre um vidro transparente e iluminado por trás pela luz de velas. Ele começou a ditar a descoberta e estava tão animado que cantou as conclusões, compôs árias sobre o que via! Recitativos sobre a estrutura, sobre a cor, sobre as formas básicas da vida orgânica. Ele tem uma voz áspera e horrível, como vocês podem imaginar que seja a voz de um Bode, mas como cantarolava! *Tremolo* nas anotações, *vibrato* nas interpretações, sustentido nas implicações, longas, triunfantes vogais abertas da descoberta! Eu tinha certeza de que alguém o ouviria. Cantei com ele, li as anotações para ele como um aluno de composição musical.

O bom doutor foi encorajado pelas descobertas e exigiu que a investigação se tornasse cada vez mais concentrada. Ele não queria anunciar qualquer progresso até ter descoberto o caminho politicamente mais vantajoso para apresentá-lo. Mais para o fim do verão, o esforço era para encontrar dissertações dos lurlinistas e dos primeiros unionistas sobre como os Animais e os animais foram criados e diferenciados.

– Não se trata de descobrir uma teoria científica de um grupo pré-científico de monges unionistas ou sacerdotes e sacerdotisas pagãos – explicou Elfaba. – No entanto, doutor Dillamond quer reconhecer como nossos antepassados pensavam a questão. O direito do Assistente em impor leis injustas pode ser desafiado com mais eficiência se soubermos como os velhacos explicavam tudo isso a si mesmos.

Era um exercício interessante.

– De um jeito ou de outro, só conhecemos alguns dos mitos originais que antecedem a *Oziada* – disse Tibbett, enquanto jogava a franja loira para trás com um floreio teatral. – O mais coerente fala da nossa querida e hipotética Lurline, Rainha das Fadas em uma viagem. Ela estava cansada de viajar pelo ar. Ela parou e conclamou, das areias do deserto, uma fonte de água escondida nas profundezas das dunas secas da Terra. A água obedeceu, em tal abundância que o

mundo de Oz, em toda a sua variedade febril, transbordou quase que instantaneamente. Lurline bebeu até ficar em um estado de torpor e se retirou para um longo descanso no topo do Monte Runcible. Quando acordou, ela se aliviou copiosamente, e assim foi gerado o rio Gillikin, que corre em torno das vastas extensões da Grande Floresta de Gillikin, contorna as fronteiras orientais dos Vinkus e desemboca em Águas Plácidas. Os animais eram terrícolas e, portanto, de uma ordem inferior a Lurline e ao séquito dela. Não olhe assim para mim, eu sei o que essa palavra significa, procurei no dicionário. Significa viver sobre ou por dentro do chão.

“Os animais passaram à existência como coágulos de terra enrolados que foram deslocados do exuberante cultivo vegetal. Quando Lurline se aliviou, os animais pensaram que a corrente violenta era um dilúvio, enviado para afogar o mundo inteiramente novo deles, e ficaram desesperados com a própria existência. Em pânico, eles se atiraram na torrente e tentaram nadar na urina de Lurline. Aqueles que se sentiram intimidados e deram para trás continuaram a ser animais, bestas de carga, abatidos por sua carne, caçados por diversão, contados como lucro, admirados como inocentes. Aqueles que nadaram em frente e chegaram à outra margem receberam os dons da consciência e da linguagem.”

– Que presentão, ser capaz de imaginar a própria morte – resmungou Crope.

– Portanto, Animais. A convenção, há tanto tempo quanto a história pode recordar, divide os animais dos Animais.

– Batismo de mijo – falou Elfaba. – Seria esta uma maneira sutil de explicar os talentos dos Animais e denegri-los ao mesmo tempo?

– E o que dizer dos animais que se afogaram? – perguntou Boq. – Eles sim foram os verdadeiros perdedores.

– Ou os mártires.

– Ou os fantasmas que vivem agora no subsolo e interrompem o abastecimento de água para que os campos de Munchkinlândia sejam secos até hoje.

Todos riram e mais chá chegou à mesa.

– Eu encontrei algumas escrituras posteriores com uma tendência mais unionista – comentou Boq. – Elas contam uma história que acho que era derivada da narrativa pagã, mas foi um tanto resumida. A enchente, que ocorreu em algum momento após a criação e antes do advento da humanidade, não foi um longo xixi de Lurline, e sim o mar de lágrimas chorado pelo Deus Inominável em sua única visita a Oz. O Deus Inominável percebeu a tristeza que iria tomar conta daquela terra ao longo do tempo e berrou de dor. Todo o mundo de Oz estava submerso debaixo de um quilômetro de água salgada. Os animais conseguiram flutuar ao se segurarem em troncos soltos, árvores arrancadas. Aqueles que engoliram lágrimas o suficiente do Deus Inominável foram imbuídos de uma compaixão servil por seus parentes e começaram a construir jangadas com os destroços. Eles salvaram a própria espécie por misericórdia e, graças à bondade deles, se tornaram uma turma nova e senciente: os Animais.

– Outro tipo de batismo, que vem de dentro – ironizou Tibbett. – Da ingestão.

Gostei.

– Mas e a fé no prazer? – perguntou Croke. – Será que uma bruxa ou um bruxo podem pegar um animal e, com algum feitiço, gerar um Animal?

– Bem, é isso que *eu* tenho pesquisado – contou Elfaba. – Os crentes no prazer, os prentes, dizem que se alguém, Lurline ou o Deus Inominável, fez isso uma vez, a magia pode repetir o feito. Insinuam até que a distinção original entre Animais e animais foi um feitiço da Bruxa de Kumbric, tão forte e duradouro que nunca se esgotou. É uma propaganda perigosa, uma encarnação da maldade. Ninguém sabe se essa tal de Bruxa de Kumbric existe, menos ainda se algum dia existiu. Eu, pessoalmente, acho que se trata de uma parte do ciclo lurlinista que se desligou e se desenvolveu de forma independente. Uma grande bobagem. Não temos nenhuma prova de que a magia seja tão forte...

– Não temos nenhuma prova de que deus seja tão forte – interrompeu Tibbett.

– O que me parece ser um ótimo argumento tanto contra deus quanto contra a magia – disse Elfaba –, mas não se preocupem com isso. O importante é que, se realmente houver um feitiço Kumbric duradouro, de séculos atrás, ele pode ser reversível. Ou pode parecer ser reversível, o que é tão ruim quanto. Nesse interim, enquanto os feiticeiros trabalham fazendo experimentos com encantos e magias, os Animais perdem os seus direitos, um a um. Devagar o suficiente para que seja difícil enxergar isso como uma campanha política coerente. É um cenário arriscado e o doutor Dillamond ainda não o compreendeu...

Nesta hora, Elfaba passou o albornoz do manto por cima da cabeça, e desapareceu por entre as sombras das dobras.

– O que foi? – quis saber Boq, mas ela colocou um dedo nos lábios. Croke e Tibbett, como se seguissem uma deixa, começaram a conversar bobagens sobre os objetivos profissionais deles, que se traduziam em serem sequestrados por piratas do deserto e obrigados a dançar o fandango vestidos somente com algemas para escravos. Boq não viu nada de errado: alguns funcionários que liam os tabloides, algumas senhoras requintadas com suas limonadas e seus romances, uma criatura tiquetaqueante comprando grãos de café por quilo, um arremedo de um velho professor tentando entender algum teorema ao organizar e reorganizar alguns cubos de açúcar ao longo do fio da faca de manteiga.

Poucos minutos depois, Elfaba relaxou.

– Aquele treco tiquetaqueante trabalha em Crage Hall. Acho que se chama Grommetik. Em geral, ele fica atrás de Madame Morrorosa como um cachorrinho carente. Acho que ele não me viu.

No entanto, ela estava nervosa demais para continuar a conversa e, depois de cuidar para que as próximas tarefas estivessem claras, a equipe se desfez nas ruas enevoadas.

Duas semanas antes que Briscoe Hall retornasse ao trabalho para o novo semestre, Avaric voltou de casa, o sítio do Margrave de Dez Prados. Ele estava bronzado pelo lazer do verão e ansioso para se divertir. Zombou de Boq por ter feito amizade com os meninos da Três Rainhas e, sob outras circunstâncias, Boq provavelmente teria deixado a nova aliança com Croke e Tibbett de lado. No entanto, agora todos estavam envolvidos na investigação do doutor Dillamond e Boq só aturou os insultos de Avaric.

Elfaba comentou, um dia, que tinha uma carta de Galinda, que estava com as amigas no lago Chorge.

– Dá para acreditar que ela propôs que eu pegasse um cabriolé e fosse visitá-la durante um fim de semana? – indagou Elfaba. – Ela deve estar fora de si de tanto tédio com aquelas meninas da sociedade.

– Mas ela mesma faz parte da sociedade, como poderia estar entediada? – perguntou Boq.

– Não me peça para explicar as nuances deste círculo – falou Elfaba –, mas suspeito que a nossa Galinda não é tão sociedade quanto faz parecer.

– Bem, Elfinha, quando você vai para lá?

– Nunca. Este trabalho é muito importante.

– Deixe-me ver a carta.

– Não estou com ela aqui.

– Traga-a para mim.

– Do que você está falando?

– Talvez ela precise de você. Ela parece sempre precisar de você.

– Ela precisa de mim? – Elfaba riu de maneira rude e em voz alta. – Bem, sei que você está inebriado de amor e me sinto um pouco responsável. Vou lhe mostrar a carta na semana que vem, mas não vou viajar só para lhe dar um barato por tabela, Boq. Quer sejamos amigos ou não.

Na semana seguinte, ela revelou a carta.

Minha querida senhorita Elfaba,

As minhas anfitriãs, as senhoritas Pfannee de Pfann Hall e Shenshen do clã Minkos, solicitaram que eu escrevesse para você. Nosso verão no lago Chorge tem sido muito agradável. O ar é calmo e doce e tudo é tão delicioso quanto possível. Se quiser, venha nos visitar por três ou quatro dias antes que as aulas recomecem, sabemos que você tem trabalhado arduamente durante todo o verão e tudo o mais. Seria uma pequena mudança de ares. Se quiser vir, não precisa escrever, se quiser nos visitar. Basta chegar de ônibus em Neverdale e vir a pé ou alugar um cabriolé, pois o lugar fica a apenas um ou dois quilômetros da

ponte. A casa é linda, coberta de rosas e hera, e se chama “Capricho nos Pinhais”.

Quem não adoraria isso aqui? Espero mesmo que possa vir! E espero muito especialmente por razões que não me atrevo a escrever. Não posso dar conselhos para você escolher uma acompanhante, pois Ama Clutch já está aqui, bem como Ama Clipp e Ama Vimp. Você decide. Espero que possamos passar longas horas conversando, animadas. Com amor da sua eterna amiga,

Senhorita Galinda
dos Arduennas das Terras Altas
Alto Verão, 33, meio-dia
em Capricho nos Pinhais

– Mas você tem de ir! – gritou Boq. – Veja só como ela escreve para você!

– Ela escreve como alguém que não costuma escrever com frequência – observou Elfaba.

– “Espero mesmo que possa vir!”, diz ela. Ela precisa de você, Elfinha. Insisto que você vá!

– Ah, é mesmo? Por que você não vai, então?

– Fica difícil ir sem ter sido convidado.

– Ora, isso é bem fácil. Vou escrever e dizer a ela para convidá-lo. – Elfaba pegou um lápis no bolso.

– Não me trate de maneira condescendente, senhorita Elfaba – disse Boq com gravidade. – Isto deve ser levado a sério.

– Você está apaixonado e iludido. E eu não gosto quando você me chama de “senhorita Elfaba” para me castigar por discordar de você. Além disso, não posso ir. Não tenho uma acompanhante.

– Eu vou ser o seu acompanhante.

– Ha! Como se a Madame Morrorosa fosse permitir uma coisa destas!

– Bem, e que tal... – sugeriu Boq – Que tal o meu amigo Avaric? Ele é filho de um margrave. Em virtude de tal posição, ele é impecável. Até mesmo Madame Morrorosa cederia diante do filho de um margrave.

– Madame Morrorosa não cederia nem diante de um furacão. Além disso, você não se preocupa comigo? Não me sentiria bem em viajar com este tal de Avaric.

– Elfinha, você está em dívida comigo. Tenho lhe ajudado o verão inteiro e coloquei Croke e Tibbett para ajudarem também. Agora tem de me pagar. Peça ao doutor Dillamond alguns dias de folga e eu vou perguntar a Avaric, que está doido para fazer alguma coisa. Nós três vamos para o lago Chorge. Avaric e eu vamos alugar um quarto em uma estalagem e ficar lá por pouco tempo, só o tempo suficiente para termos certeza de que a senhorita Galinda está bem.

– É você que me preocupa, não ela – falou Elfaba, e Boq conseguia perceber que ele havia vencido.

Madame Morrorosa não queria deixar Elfaba aos cuidados de Avaric.

– O seu querido pai jamais me perdoaria. No entanto, não sou a Horrorosa Morrorosa que você pensa que sou. Ah sim, conheço os apelidinhos pelos quais me chama, senhorita Elfaba. Tão divertidos e juvenis! Estou preocupada com o seu bem-estar. E, com todo o trabalho duro que tem feito durante todo o verão, vejo que você tem ficado cada vez mais, ah, digamos assim, verde-acinzentada? Portanto, farei uma proposta de compromisso. Desde que consiga convencer o mestre Avaric e o mestre Boq a viajarem com você e com o meu querido Grommetik, que deixarei emprestado sob sua responsabilidade e para cuidar de você, vou autorizar a sua diversão de verão.

Elfaba, Boq e Avaric viajaram em uma carruagem e Grommetik foi obrigado a ficar na parte de cima, junto com a bagagem. Elfaba olhava nos olhos de Boq de vez em quando e fazia uma cara feia, mas ignorava Avaric, por quem sentiu uma antipatia instantânea.

Quando terminou de ler as páginas do tabloide, Avaric implicou com Boq por causa da viagem.

– Eu já devia saber quando parti para as férias de verão que você ficaria sonhando acordado nas garras do amor! Você desenvolveu aquele queixo carrancudo e ele me enganou. Achei que fosse uma tuberculose, no mínimo. Tinha de ter me acompanhado naquela noite antes que eu viajasse! Uma visita ao Clube de Filosofia teria sido exatamente do que você precisava.

Boq ficou aflito pelo amigo ter mencionado tal ousadia na presença de uma garota. No entanto, Elfaba não parecia ter levado a mal. Talvez ela não soubesse do que se tratava o tal clube. Ele tentou desviar Avaric do assunto.

– Você não conhece a senhorita Galinda, mas vai achá-la encantadora, isso eu garanto.

“E ela provavelmente vai achar que você é encantador”, pensou ele, um pouco mais tarde naquele dia. Ainda assim, ele estava disposto até mesmo a conviver com este fato, se fosse o preço para ajudar Galinda a sair de uma situação complicada.

Avaric observava Elfaba com desprezo.

– Senhorita Elfaba – disse ele, cheio de formalidade –, o seu nome implica que há sangue élfico na sua família?

– Que ideia original – respondeu ela. – Se houvesse, acredito que meus membros seriam tão frágeis quanto macarrão cru e se partiriam com a mais leve pressão. Gostaria de fazer força? – Ela ofereceu um antebraço, verde como uma lima primaveril. – Tente, eu lhe peço, para darmos a questão por resolvida de uma vez por todas. Devemos concluir que a força relativa necessária para quebrar o meu braço, em comparação a outros braços que você quebrou, é proporcional à quantidade relativa de sangue humano em contraste ao sangue élfico nas minhas veias.

– Pode ter certeza de que não vou tocar em você – disse Avaric, que conseguiu dar à fala vários significados ao mesmo tempo.

– O elfo que há em mim lamenta por isso – retrucou Elfaba. – Se você tivesse me desmembrado, eu poderia ter sido mandada de volta para Shiz em pequenos pedaços e seria poupada do tédio destas férias forçadas. E desta companhia também.

– Ah, Elfaba. – Boq suspirou. – Este não é um bom começo, você sabe.

– Eu acho excelente – disse Avaric com um olhar penetrante.

– Não acho que amizades exijam tanto assim – comentou Elfaba com Boq.

– Eu estava bem melhor antes.

Era fim de tarde no momento em que eles chegaram em Neverdale e se acomodaram na estalagem, e caminharam a pé ao longo do lago até Capricho nos Pinhais.

Duas senhoras pegavam sol no pórtico enquanto descascavam feijão-fradinho e torce-pulso. A que Boq reconheceu era Ama Clutch, a acompanhante de Galinda. A outra provavelmente era a aia da senhorita Shenshen ou da senhorita Pfannee. Elas levaram um susto ao verem a procissão chegar à entrada e Ama Clutch inclinou o corpo para a frente, os feijões caindo do colo dela.

– Ora, vejamos só – começou ela, enquanto a trupe se aproximava –, é a senhorita Elfinha em pessoa. Pelas barbas do profeta. Nunca teria imaginado.

Ela se levantou com algum esforço e apertou Elfaba nos braços, que ficou rígida como uma estátua de gesso.

– Dê-nos um minuto para recuperarmos o fôlego, docinhos – disse Ama Clutch. – O que, pelos céus do paraíso, você está fazendo aqui, senhorita Elfaba? Não parece ser possível.

– Fui convidada pela senhorita Galinda e os meus companheiros de viagem aqui insistiram que desejavam me acompanhar. Portanto, me vi obrigada a aceitar.

– Não sei nada a este respeito – disse Ama Clutch. – Senhorita Elfaba, deixe-me pegar esta bolsa pesada e achar algo limpo para você vestir. Deve estar acabada da viagem. Os cavalheiros vão ficar na aldeia, é claro. Mas, por agora, as meninas estão na casa de veraneio, à beira do lago.

Os viajantes seguiram caminho ao longo de uma via interrompida por degraus de pedra nas partes mais íngremes. Grommetik levou mais tempo para subir os degraus e foi deixado para trás, e ninguém estava inclinado a ficar e dar uma mãozinha para uma figura com uma pele tão dura e pensamentos mecânicos. Ao contornar o último trecho de arbustos de azevinho-do-céu, eles deram de cara com o mirante.

Era uma casa-esqueleto feita de troncos rústicos, os seis lados expostos às brisas, com arabescos de galhos ornamentais, e o lago Chorge como um imenso campo azul mais adiante. As meninas estavam sentadas em degraus e em cadeiras de vime, e Ama Clipp estava distraída com algum trabalho manual que envolvia três agulhas e linhas de muitas cores.

– Senhorita Galinda! – irrompeu Boq, que precisava ter a voz ouvida primeiro.

As meninas ergueram as cabeças. Em vestidos de verão evanescentes, livres de cintas e anquinhas, elas pareciam pássaros prestes a levantar voo.

– Credo! – disse Galinda, de queixo caído. – O que está você fazendo aqui?!

– Não estou decente! – gritou Shenshen ao chamar a atenção para os próprios pés descalços e pálidos tornozelos expostos.

Pfannee mordeu um canto do lábio e tentou transformar o riso de escárnio em um sorriso de boas-vindas.

– Não vou passar muito tempo aqui – disse Elfaba. – Aliás, meninas, este é o mestre Avaric, o descendente de Margreave de Dez Prados, Gillikin. E este é o mestre Boq de Munchkinlândia. Os dois estudam em Briscoe Hall. Mestre Avaric, caso não consiga perceber pela expressão apaixonada no rosto de Boq, esta é a senhorita Galinda dos Arduennas, e as senhoritas Shenshen e Pfannee, que podem destacar os próprios *pedigrees* perfeitamente bem.

– Mas que encantador e que impertinente – comentou a senhorita Shenshen. – Senhorita Elfaba que-nunca-nos-dirige-a-palavra, você se redimiuiu pelo resto dos tempos com esta agradável surpresa. Como vão vocês, senhores?

– Mas... – gaguejou Galinda. – Mas por que você está aqui? O que há de errado?

– Estou aqui porque cometi a estupidez de mencionar o seu convite para o mestre Boq, que viu nele um sinal do Deus Inominável de que deveria visitá-la.

No entanto, diante disto, a senhorita Pfannee não conseguiu mais se controlar e caiu no chão do mirante, se contorcendo em gargalhadas.

– O que foi? – perguntou Shenshen. – O que foi?

– Mas de que convite que você está falando? – quis saber Galinda.

– Não preciso mostrá-lo a você – disse Elfaba. Pela primeira vez desde que Boq a conheceu, ela parecia confusa. – Certamente eu não preciso revelar...

– Tenho a impressão de que caí em uma armadilha para passar vergonha – disse Galinda enquanto encarava a indefesa Pfannee. – Estou sendo humilhada por diversão. Não é engraçado, senhorita Pfannee! Estou a ponto de... A ponto de dar um chute em você!

Só então Grommetik conseguiu dar a volta nos arbustos de azevinho-do-céu. A visão daquele treco idiota de cobre cambaleando na beira de um degrau de pedra fez com que Shenshen desabasse em uma coluna e se juntasse à Pfannee nas risadas incontroláveis. Até mesmo Ama Clipp sorriu para si mesma conforme começava a guardar os materiais que havia usado.

– Mas o que está acontecendo? – falou Elfaba.

– Você nasceu para me atormentar? – disse Galinda, entre lágrimas, para a colega de quarto. – Por acaso pedi pela sua companhia?

– Não – disse Boq. – Não, senhorita Galinda, por favor, não diga mais uma palavra. Você está transtornada.

– Fui eu... que escrevi... a carta... – Pfannee disparou entre gargalhadas. Avaric começou a dar risadas e os olhos de Elfaba se arregalaram e ficaram um pouco embaçados.

– Você quer dizer que não escreveu me convidando para visitá-la aqui? – perguntou Elfaba para Galinda.

– Ah, querida, não, não convidei – foi a resposta. Mesmo com raiva, a

menina começava a recuperar um pouco do controle, embora, achava Boq, agora fosse tarde demais para reparar os danos. – Minha querida senhorita Elfaba, jamais teria sonhado em expor você às crueldades impensadas que essas meninas perpetram uma na outra e em mim por pura diversão. Além disso, você não combina com um ambiente como este.

– Mas eu fui convidada. Senhorita Pfannee, foi você quem escreveu essa carta, em vez da senhorita Galinda?

– Você a engoliu! – gargalhou Pfannee.

– Bem, esta casa é sua e eu aceito o convite, mesmo que tenha sido escrito sob alegações falsas – falou Elfaba, a voz inteiramente convicta enquanto olhava fixamente para os olhos semicerrados da senhorita Pfannee. – Vou subir e desfazer as minhas malas.

Ela se afastou a passos largos. Somente Grommetik a seguiu. O ar ficou pesado com tudo o que não foi dito. Aos poucos, a histeria de Pfannee ficou cada vez mais silenciosa e ela apenas bufava e resfolegava, depois ficou ainda mais quieta, deitada despenteada no chão de pedra do mirante.

– Bem, vocês não precisam me atravessar com esse olhar torto – concluiu ela. – Foi uma brincadeira.

Elfaba passou um dia dentro do quarto. Galinda entrava e saía com o jantar. Às vezes, ela ficava lá por alguns minutos. Com isso, os meninos pegaram o hábito de nadar e remar no lago com as meninas. Boq tentou insuflar em si mesmo um interesse em Shenshen ou Pfannee, que, sem dúvida, eram adoráveis o suficiente para tal. No entanto, ambas pareciam obcecadas com Avaric.

Por fim, Boq colocou Galinda contra a parede na varanda e implorou para conversar com ela. A garota concordou, apesar do retorno de uma leve medida do seu comportamento recatado, e eles se sentaram a uma distância curta em um balanço.

– Acho que sou o culpado por ter me deixado enganar por este artifício. Elfinha não ia aceitar o convite. Eu a forcei.

– O que significa isso, Elfinha? Onde foi parar a decência neste verão, eu lhe pergunto?

– Nós ficamos amigos.

– Bem, eu juro que entendi isso. Por que você a fez aceitar o convite? Será que não sabia que eu jamais iria escrever uma coisa dessas?

– Como eu iria saber? Você é a colega de quarto dela.

– Por ordem expressa da Madame Morrorosa, não por escolha minha! Faço questão de lembrar!

– Eu não sabia. Vocês pareciam se dar bem.

Ela fungou e retorceu um lábio, mas estes gestos pareceram ser uma observação para ela própria.

– Se você foi tão terrivelmente humilhada assim, por que não vai embora?

– Talvez eu vá. Estou considerando a ideia. Elfaba diz que ir embora é o mesmo que admitir a derrota. No entanto, se sair daquele esconderijo e começar

a curtir a viagem junto com todos vocês, a brincadeira vai se tornar insuportável. Estas garotas não gostam dela.

– Bem, nem você, se quer saber! – disse Boq, em um sussurro explosivo.

– É diferente, eu tenho um direito e um motivo. Sou forçada a aturá-la! E tudo porque a minha Ama imbecil pisou em um prego enferrujado na estação de trem em Frottica e perdeu a orientação! Toda a minha carreira acadêmica foi para o belezinho por causa do descuido da minha Ama! Quando eu for uma feiticeira, vou me vingar dela por isso!

– Pode-se dizer que Elfaba nos uniu – disse Boq com tranquilidade. – Estou mais próximo dela e, portanto, mais próximo de você.

Galinda pareceu desistir. Ela recostou a cabeça nas almofadas de veludo do balanço.

– Boq, sabe que, mesmo contra a minha vontade, acho você um tiquinho adorável. É um tiquinho adorável e é um tiquinho charmoso e é um tiquinho irritante e é um tiquinho viciante.

Boq prendeu a respiração.

– Mas você é baixinho! – concluiu ela. – Você é um munchkin, pelo amor de Deus!

Ele a beijou, beijou, beijou, de pedacinho em pedacinho em pedacinho.

No dia seguinte, Elfaba, Galinda, Boq e Grommetik – e, claro, Ama Clutch – viajaram seis horas de volta para Shiz sem trocar mais do que dez comentários entre si. Avaric ficou para trás para se divertir com Pfannee e Shenshen. A maldita chuva desabava na periferia de Shiz e as augustas fachadas de Crag Hall e Briscoe Hall foram quase obliteradas pela névoa quando eles chegaram em casa.

Boq não teve tempo nem vontade de tecer comentários sobre seu romance quando viu Croke e Tibbett. O Rinoceronte bibliotecário, depois de ter passado o verão inteiro prestando pouca atenção nos meninos ou nos avanços que faziam, de repente se deu conta do pouco progresso que foi feito, era todo cheio de bufadas reumáticas e olhos atentos. Os garotos conversavam pouco, escovavam e poliam velinos, e esfregavam óleo de picaparra nas encadernações de couro e nas fivelas de latão polido. Faltavam somente mais alguns dias até o fim deste tédio.

Certa tarde, Boq deixou os olhos boiarem pelo códice que manuseava. Normalmente, ele trabalhava sem atentar para o tema dos materiais com os quais lidava, mas o olhar dele foi atraído para a tinta vermelho intensa utilizada na ilustração. Era um retrato – que tinha, quem sabe, quatrocentos ou quinhentos anos? – de uma Bruxa de Kumbic. O zelo ou a ansiedade em relação à magia inspirou o pincel de algum monge visionário. A Bruxa estava de pé sobre um istmo que conectava dois terrenos rochosos e, de ambos os lados, se estendiam trechos do mar azul cerúleo, com suas ondas de lábios brancos e vigor e singularidade surpreendentes. Tinha nas mãos um animal de uma espécie irreconhecível, embora tivesse nitidamente se afogado ou quase se afogado. Ela o embalava em um braço que, sem dar atenção à flexibilidade de um esqueleto real, amorosamente rodeava o pelo pontudo e molhado das costas do animal. Com a outra mão, ela abria o manto para mostrar um seio e o oferecia de mamar à criatura. A expressão dela era difícil de interpretar, ou será que a mão do monge fez uma mancha, ou o tempo e a sujeira tinham conferido a ela uma simpatia esfumada? Ela era quase maternal, com uma criança miserável. O olhar era ensimesmado, triste, ou algo nesta linha. No entanto, os pés dela não combinavam com a expressão, pois estavam agarrados firmemente na costa estreita, algo evidente mesmo através dos sapatos cor de prata, cujo brilho de moeda real foi a primeira característica a chamar a atenção de Boq. Além disso, os pés formavam um ângulo de noventa graus com as canelas. Estavam de perfil, como reflexos de um espelho, saltos unidos e dedos que apontavam em direções opostas, como uma posição de balé. O vestido era de um azul semelhante ao de um amanhecer nublado. Ele adivinhou, pelos tons de joia do trabalho, que o documento não tinha sido aberto por séculos.

Dramática ou teologicamente, esta imagem parecia ser algum tipo de híbrido dos mitos da criação dos Animais. Aqui estavam as águas da inundação, quer derivassem da lendas a respeito de Lurline ou do Deus Inominável, quer estivessem emergindo ou submergindo. Será que a Bruxa de Kumbic interferiu ou concretizou o destino traçado para os animais? Embora estivesse em uma letra rabiscada e arcaica demais para Boq decifrar, talvez este documento sustentasse a fábula que dizia que foi um feitiço da Bruxa de Kumbic que deu aos Animais os dons da fala, da memória e do remorso. Talvez ele a refutasse, mas de uma forma cintilante. De qualquer ângulo que se observasse, lá estava o sincretismo

do mito, o apetite animado do mito em crescer ao devorar variações narrativas. Talvez esta pintura fosse a sugestão de um monge alarmado de que os Animais receberam seus pontos fortes através de uma outra espécie de batismo, ao mamar em na teta da Bruxa de Kumbic? Introduzidos por meio do leite da Bruxa?

Este nível de análise não era o ponto forte do rapaz. Ele teve muita dificuldade para aprender os nutrientes e pragas comuns da cevada. Tinha de fazer o impensável e entregar o próprio pergaminho para o doutor Dillamond. Seria algo valioso de se ter em mãos.

Ou quem sabe, pensou ele enquanto corria para encontrar Elfaba, o papel protegido no fundo do bolso da capa dele e fora da biblioteca da Três Rainhas, quem sabe a Bruxa não estivesse alimentando o animal encharcado, mas sim o matando? Sacrificando-o para resistir à enchente?

Arte ia muito além da compreensão dele.

Ele se deparou com Ama Clutch no bazar e implorou que ela entregasse um bilhete para Elfaba. A boa mulher pareceu a ele mais simpática do que o habitual. Será que Galinda cantava louvores a ele na privacidade do próprio quarto?

Era a primeira vez que ele veria o feijão verde saltitante desde que voltou para Shiz. E lá estava ela, bem na hora, chegando ao café conforme solicitado, em um vestido que mais parecia um fantasma cinza, com um pulôver de tricô esfarrapado nas mangas e um guarda-chuva masculino, enorme, preto e com um formato que lembrava uma lança quando estava fechado. Elfaba se sentou com um estouro deselegante e examinou o pergaminho. Ela o observou com mais atenção do que se prestava a dar a Boq. No entanto, ouviu a interpretação dele e a achou um tanto medíocre.

– O que impede que esta seja Lurline, a Rainha das Fadas? – perguntou ela.

– Bem, falta a indumentária, os apetrechos de feitiçaria. Quero dizer, a auréola dourada de cabelo. A elegância. As asas transparentes. A varinha.

– Os sapatos de prata são bastante espalhafatosos. – Ela mastigava um biscoito seco.

– Não parece ser o retrato de uma determinação ou, como posso dizer, uma gênese. Parece algo reativo em vez de proativo. Esta imagem é, no mínimo, confusa, não acha?

– Você tem passado tempo demais na companhia de Crope e Tibbett, volte para a sua cevada – disse ela enquanto guardava o troço. – Você está se tornando vago e artístico. No entanto, vou entregar isto ao doutor Dillamond. Aproveito para dizer que ele continua a fazer avanços. Esse negócio de lentes opostas revelou um novo mundo na arquitetura corpuscular. Ele me deixou olhar uma

vez, mas não consegui distinguir nada além da ênfase e do viés, cor e pulso. Ele está muito empolgado. O problema que percebo agora é conseguir fazê-lo parar, pois acho que ele está prestes a fundar todo um novo ramo do conhecimento, e as descobertas de cada dia provocam uma centena de novas perguntas. Clínicas, teóricas, hipotéticas, empíricas, até mesmo ontológicas, creio eu. Ele tem ficado até tarde da noite nos laboratórios. Dá para ver as luzes acesas quando fechamos as cortinas à noite.

– Bem, ele precisa que façamos mais alguma coisa? Tenho só mais dois dias nesta biblioteca e depois começam as aulas.

– Não consigo obrigá-lo a se concentrar. Acho que ele está somente juntando o material que já tem.

– E quanto a Galinda, então, já que chega de espionagem acadêmica por enquanto? Como ela está? Ela pergunta sobre mim?

Elfaba se permitiu olhar para Boq.

– Não. Galinda realmente não disse nada a seu respeito. Para lhe dar uma esperança que você não merece, devo acrescentar que ela mal fala comigo também. Ela está com um mau humor das trevas.

– Quando vou vê-la de novo?

– Isso significa tanto assim para você? – Ela deu um sorriso pálido. – Boq, ela realmente significa tanto assim para você?

– Ela é o meu mundo.

– Seu mundo é muito pequeno, caso se resuma a ela.

– Não se pode criticar o tamanho de um mundo. Não tenho como evitar, não consigo parar e não posso negar.

– Eu deveria dizer que você parece ridículo – comentou ela, enquanto drenava as últimas gotas de chá morno da xicara. – Deveria dizer que você vai relembrar este verão e morrer de vergonha. Ela pode ser linda, Boq... Não, ela é linda, concordo, mas você vale uma dezena de Galindas. – Diante da expressão de choque no rosto dele, ela ergueu as mãos para o ar. – Não para mim! Não estava falando de mim! Por favor, que olhar aflito! Poupe-me!

No entanto, ele não tinha certeza se acreditava. Ela recolheu suas coisas às pressas e saiu correndo, derrubando a escarradeira com um estrondo, rasgando o jornal de alguém com o enorme guarda-chuva. Ela não olhou para os dois lados ao atravessar disparada a Praça da Ferrovia e quase foi atropelada por um Boi velho que dirigia um triciclo inconveniente.

Quando Boq viu Elfaba e Galinda novamente, todos os pensamentos de romance lhe fugiram. Foi no pequeno parque triangular do lado de fora do portão de Crage Hall. Ele estava de passagem, desta vez com Avaric como companhia. Os portões estavam abertos e Ama Vimp passou por ele pulando para lá e para cá, com a cara branca e o nariz escorrendo, e uma enxurrada de meninas se esparramava atrás dela. Entre elas estavam Elfaba, Galinda, Shenshen e Pfannee e Milla. Livres dos muros, as meninas se amontoavam em círculos de conversinhas ou ficavam debaixo das árvores em estado de choque, ou se abraçavam, gemiam e enxugavam os olhos umas das outras.

Boq e Avaric correram até as amigas. Elfaba estava com os ombros erguidos, como o jugo ossudo de um gato, e o dela era o único rosto seco. Ela guardava uma certa distância de Galinda e das outras garotas. Boq desejava tomar Galinda nos braços, mas ela não olhou para ele mais de uma vez antes de mergulhar o rosto na gola de pele de gambá de Milla.

– O que é isso? O que aconteceu? – disse Avaric. – Senhorita Shenshen, senhorita Pfannee?

– É horrível demais – gritaram elas, e Galinda concordou com a cabeça. O nariz dela escorreu e sujou a linha da costura da blusa de Milla. – A polícia está aí, e também um médico, mas parece que...

– O quê? – indagou Boq, e se virou para Elfaba. – Elfinha, o que há, o que foi?

– Eles descobriram – respondeu ela. Os olhos da menina estavam vidrados como uma porcelana shiziana antiga. – De algum jeito, os canalhas descobriram.

O portão se abriu mais uma vez com um rangido e pétalas das flores de trepadeira nascidas no início do outono, azuis e roxas, dançavam com o vento por cima do muro da universidade. Elas pairavam e dançavam feito borboletas, e caíam devagar conforme três policiais de capa e um médico com um gorro escuro surgiram carregando uma maca. Um cobertor vermelho cobria o paciente, mas o vento que movimentava as pétalas pegou um canto da manta e a carregou de volta a uma dobra triangular. As garotas guincharam de horror e Ama Vimp correu para endireitar o cobertor, mas, sob a luz do sol, todos tinham baixado o olhar e visto os ombros retorcidos e a cabeça jogada para trás do doutor Dillamond. A garganta dele ainda estava atada por cordas congeladas de sangue negro onde um corte a retalhou como se ele tivesse passado por um matadouro.

Boq se sentou, enojado e amedrontado, com a esperança de não ter visto a morte, somente uma ferida horrível, mas tratável. No entanto, a polícia e o médico não agiam com pressa, não havia razão para correr agora. Boq se recostou no muro, e Avaric, que nunca tinha visto o Bode na vida, segurou as mãos de Boq com força com uma mão e cobriu o rosto com a outra.

Logo Galinda e Elfaba se afundaram ao lado dele e houve um choro, um choro prolongado, antes que as palavras pudessem ser ditas. Por fim, Galinda

contou a história.

*

– Fomos dormir ontem à noite e Ama Clutch se levantou para fechar as cortinas. Como ela sempre faz. E ela baixou o olhar e disse, quase para si mesma: “Ora, as luzes estão acesas, o doutor Bode está em ação de novo.” Depois ela espiou com um pouco mais de concentração na direção do quintal. “Ora bolas, não é engraçado?” E eu não prestei atenção, fiquei parada, olhando, mas Elfaba disse: “O que é engraçado, Ama Clutch?” E Ama Clutch deixa a cortina bem fechadinha e diz com uma voz esquisita: “Ah, nada não, meus docinhos. Vou descer para dar uma olhada e ter certeza de que está tudo bem, desde que vocês duas estejam na cama.” Ela nos dá boa-noite e sai, e eu não sei se ela foi até lá ou o que, mas nós duas caímos no sono e, de manhã, ela não trouxe o chá. Ela sempre traz o chá! Ela sempre traz!

Galinda se entregou às lágrimas, afundou e, em seguida, se ergueu, apoiada nos joelhos, e tentou rasgar o vestido de seda preta com palas e rendas brancas. Elfaba, de olhos secos como uma pedra do deserto, continuou a história.

– Esperamos até depois do café da manhã, mas fomos até Madame Morrorosa e contamos a ela que não sabíamos onde Ama Clutch estava. E Madame Morrorosa disse que Ama Clutch tivera uma recaída durante a noite e estava se recuperando na enfermaria. No início ela não nos deixou visitá-la, mas depois, quando o doutor Dillamond não apareceu para dar a nossa primeira aula do semestre, fomos até lá e demos um jeito de entrar. Ama Clutch estava em uma cama de hospital. O rosto dela parecia esquisito, como se fosse a última panqueca a ser feita, aquela que sai toda errada. “Ama Clutch, Ama Clutch, o que aconteceu com você?” Ela não disse nada, embora os olhos dela estivessem abertos. Ela parecia não nos ouvir. Achamos que talvez ela estivesse dormindo ou em estado de choque, mas a respiração estava normal e a cor dela estava boa, apesar do rosto parecer torto. Depois, quando estávamos indo embora, ela se virou e olhou para a mesa de cabeceira.

“Ao lado de um vidro de remédios e de um copo de água morna com limão havia um prego comprido e enferrujado em uma bandeja de prata. Ela estendeu a mão trêmula até o prego, o pegou e o segurou na palma da mão com carinho. Conversou com ele. Ela disse algo como “Ah, tudo bem então, sei que você não teve a intenção de ferir o meu pé no ano passado. Você só estava tentando chamar minha atenção. O mau comportamento é assim mesmo, apenas um pedido por um pouco mais de amor. Bem, não se preocupe, Prego, porque vou lhe amar o tanto que precisar. E depois que eu tiver tirado um cochilinho, você pode me contar como foi parar na plataforma da estação ferroviária de Frottica, pois parece um grande salto desde os seus primeiros anos como um gancho comum que segurava uma placa de FECHADO PARA A TEMPORADA naquele hotel sombrio sobre o qual falava.”

No entanto, Boq não conseguia dar ouvidos a este disparate. Ele não

conseguia engolir a história de um prego vivo, enquanto um Bode morto recebia as orações dos integrantes histéricos do corpo docente. Boq não conseguia ouvir o barulho das orações que pediam o descanso do espírito do Animal. Não conseguiu assistir à partida do cadáver quando o levaram para fora, pois ficava evidente, com uma breve olhadela para o rosto imóvel do Bode, que tudo o que dava a ele sua vivacidade já havia desaparecido.

O CÍRCULO ENCANTADO

Não havia dúvida alguma na mente de qualquer pessoa que tivesse visto o corpo que a palavra, a palavra correta, era assassinato. A forma como a pele em volta do pescoço estava amontoada, toda endurecida como o pincel de um trabalhador que não foi limpo adequadamente, o oco âmbar brutal no olho. A história oficial era de que o médico quebrou uma lente de aumento, tropeçou em cima dela e cortou uma artéria durante o processo, mas ninguém acreditou.

A única pessoa para quem se podia pensar em perguntar, Ama Clutch, só fazia sorrir quando iam visitá-la com punhados de folhas em pleno amarelamento ou um prato de uvas Perthas recém--colhidas. Ela devorava as uvas e conversava com as folhas. Era uma doença que ninguém jamais tinha visto antes.

Como alguma espécie de pedido de desculpas tardio por sua rispidez inicial para com o Bode, que se tornou um mártir, agora Glinda se chamava como ele uma vez a chamou, Glinda. Ela parecia ter sido atingida por uma mudez diante do que aconteceu a Ama Clutch. Não ia visitar nem discutir a condição da pobre mulher, por isso Elfaba se infiltrava furtivamente uma ou duas vezes por dia. Boq pressupôs que Ama Clutch sofria de uma doença passageira. No entanto, depois de três semanas, Madame Morrorosa começou a expressar sua preocupação por Elfaba e Glinda – que continuavam a ser colegas de quarto – estarem sem uma acompanhante. Ela sugeriu que ambas passassem para o dormitório comum. Glinda, que não ia mais encontrar Madame Morrorosa desacompanhada, concordou com a cabeça e aceitou o rebaixamento. Foi Elfaba que surgiu com uma solução, em grande parte para salvar um pinga da dignidade de Glinda.

Foi assim que, dez dias depois, Boq se viu na cervejaria Galo e Abóbora, à espera do cabriolé que vinha da Cidade das Esmeraldas no meio da semana. Madame Morrorosa não permitiu que Elfaba e Glinda o acompanhassem, então ele teve de decidir sozinho quais dos sete passageiros que desembarcavam eram Babá e Nessarose. Elfaba o tinha avisado que as deformidades de sua irmã ficavam muito bem escondidas. Nessarose conseguia até mesmo descer de uma carruagem de maneira graciosa, desde que o degrau fosse firme e o terreno, plano.

Ele as encontrou, as cumprimentou. A mulher, Babá, era uma compota de ameixa, vermelha e frouxa, a pele velha parecia prestes a arrastar pelo chão, exceto pelas dobras dos cantos da boca, os rebites carnudos ao longo da margem dos olhos. Mais de vinte anos no fim do mundo da terra dos quadlings a deixou letárgica, descuidada e abarrotada de ressentimento. Na idade dela, ela deveria ter podido repousar em algum canto aquecido por uma chaminé.

– É bom ver um pequeno munchkin – murmurou ela para Boq. – É como nos velhos tempos. – Em seguida, ela se virou e disse para as sombras: – Venha, minha bonequinha.

Se ele não tivesse sido avisado, Boq não teria reconhecido Nessarose como a irmã de Elfaba. Ela não era verde em absoluto, nem mesmo branco azulado

como uma pessoa da alta sociedade com má circulação. Nessarose saltou da carruagem com elegância e cautela, e de modo estranho, descendo o calcanhar para tocar o degrau de ferro ao mesmo tempo que o dedão do pé. Com um caminhar estranho como o dela, ela chamava a atenção para os pés, o que afastava os olhos do tronco, pelo menos a princípio.

Os pés pousaram no chão, impulsionados até ali pela firme intenção de a equilibrarem, e lá estava Nessarose diante dele. Ela era como Elfaba dissera: linda, rosa, delgada como um talo de trigo e sem os braços. O xale acadêmico por cima dos ombros foi engenhosamente dobrado para amenizar o choque.

– Olá, bom senhor – disse ela, enquanto sacudia muito de leve a cabeça. – As malas estão lá em cima. Você consegue tirá-las? – A voz dela era tão suave e afinada quanto a de Elfaba era áspera. Babá impulsionou Nessarose com delicadeza na direção do cabriolé que Boq havia conseguido para eles. Ele viu que Nessarose não se movimentava muito bem quando não tinha uma mão firme contra a qual se recostar.

– Então agora Babá tem de cuidar das meninas ao longo da vida escolar – disse Babá para Boq enquanto viajavam juntos. – Fazer o quê se a santa mãe delas está em um túmulo encharcado por todos esses longos anos e o pai está fora de si? Bem, a família sempre foi brilhante, e brilhante, como você sabe, entra em declínio de forma brilhante. A loucura é a forma mais brilhante. O velho homem, o Eminente Thropp, ainda está vivo e é tão lúcido quanto a lâmina de um arado. Sobreviveu à própria filha e à neta. Elfaba é a Terceira Descendente dos Thropp. Ela será a Eminência um dia. Como um munchkin, você sabe dessas coisas.

– Babá, não faça fofoca, dói na minha alma – falou Nessarose.

– Ah, meu bem, não se preocupe. Este Boq aqui é um velho amigo, ou é como se fosse – comentou Babá. – Lá nos pântanos do inferno de Quadling, meu amigo, a arte de conversar foi perdida. Nós coaxamos em coro com o que sobrou do povo-rã.

– Vou acabar tendo uma dor de cabeça de tanta vergonha – disse Nessarose de maneira encantadora.

– Mas eu conheci Elfínha quando ela era pequenininha – contou Boq. – Venho de Margens Agitadas, em Pedras do Caminho. Devo ter conhecido você também.

– Basicamente, eu preferia morar em Solos de Colwen – confessou Babá. – Eu era um conforto essencial para a senhora Partra, a Segunda Descendente dos Thropp. Mas, ocasionalmente, visitava Margens Agitadas. Portanto, talvez eu tenha lhe conhecido quando você era jovem o suficiente para andar por aí sem calças.

– Como vai você? – perguntou Nessarose.

– O meu nome é Boq.

– Esta é Nessarose – disse Babá, como se fosse doloroso demais para a menina se apresentar. – Ela só viria para Shiz no ano que vem, mas ficamos sabendo que há um problema com uma aia gillikin que ficou maluca. Por isso Babá aqui foi chamada para intervir, e Babá lá consegue deixar a gracinha dela? Dá para ver por que não.

– Um mistério triste, que esperamos esclarecer – concluiu Boq.

Em Crag Hall, Boq testemunhou o reencontro das irmãs, que foi caloroso e gratificante. Madame Morrorosa mandou aquele treco dela, Grommetik, servir o chá e petiscos para as mulheres da família Thropp e para Babá, Boq e Glinda. Boq, que começava a se preocupar com o silêncio que Glinda agora tinha como subterfúgio, ficou aliviado ao vê-la lançar um olhar rígido e aprovador para o vestido elegante de Nessarose. Como poderia haver, ele se perguntou se era o que Glinda estava pensando, duas irmãs, ambas desfiguradas, e que se vestiam de maneiras tão diferentes? Elfaba usava o mais humilde dos vestidos escuros: hoje usava um roxo profundo, quase preto. Nessarose, equilibrada em um sofá ao lado de Babá, que a auxiliava erguendo xícaras e amassando pedaços gordurosos de bolo, estava vestida com sedas verdes das cores do musgo, da esmeralda e de rosas verde-amareladas. A verde Elfaba, sentada do outro lado de Babá e dando apoio à menina por entre os ombros enquanto ela inclinava a cabeça para trás para tomar o chá, parecia um acessório de moda.

– Toda esta disposição é altamente incomum – dizia Madame Morrorosa –, mas nós não temos espaço ilimitado para acomodar peculiaridades, infelizmente. Vamos deixar a senhorita Elfaba e senhorita Galinda... agora é Glinda, queridinha? Que original... vamos deixar as duas velhas amigas como estão e vamos acomodá-la, senhorita Nessarose, junto com sua Babá no quarto ao lado do que era ocupado pela pobre Ama Clutch. É pequeno, mas você deve vê-lo como sendo acolhedor.

– Mas e quando Ama Clutch se recuperar? – perguntou Glinda.

– Ah, mas minha querida – disse Madame Morrorosa –, que convicção os jovens têm! É realmente comovente. – Ela continuou com uma voz mais maledicente. – Você já me contou a respeito das duradouras recorrências desta condição médica incomum. Posso apenas supor que é possível ela ter uma recaída permanente. – Ela comia um biscoito de jeito lento, parecendo um peixe, com as bochechas a expandir e recolher como as abas de couro de um fole. – É claro que todos nós podemos ter esperanças. Não muito mais do que isso, infelizmente.

– E nós podemos rezar – disse Nessarose.

– Ah, bem, sim, isso também – concordou a diretora. – Isso fica subentendido entre as pessoas de boa educação, senhorita Nessarose.

Boq observou tanto Nessarose quanto Elfaba corarem. Glinda pediu licença e foi embora. A pontada de pânico que Boq sempre sentia quando ela partia foi atenuada por saber que a veria na aula de Ciências da Vida na semana seguinte, pois com as novas proibições contra a contratação de Animais, as universidades tinham decidido dar palestras conjuntas para todos os alunos de todas as faculdades de uma só vez. Boq veria Glinda na primeira palestra coeducativa realizada em Shiz. Ele mal conseguia conter a ansiedade.

Embora ela tivesse mudado. Ela certamente havia mudado.

Glinda estava mudada. Ela mesma tinha consciência do fato. Veio para Shiz como uma coisinha fútil, tola, e agora se via em um covil de víboras. Talvez fosse culpa dela. A menina inventou uma doença absurda para Ama Clutch, e Ama Clutch adoeceu dela. Será que era a evidência de um talento inerente para a feitiçaria? Glinda optou por se especializar em feitiçaria este ano e aceitou tudo como castigo por Madame Morrorosa não ter trocado a sua colega de quarto como havia prometido. Glinda não ligava mais. Perto da morte do doutor Dillamond, um monte de outras questões agora parecia insignificante.

No entanto, ela também não confiava em Madame Morrorosa. Glinda não havia contado a mais ninguém esta mentira estúpida e extravagante. Por isso, não permitiria mais que Madame Morrorosa metesse um dedo sequer na vida dela. E Glinda ainda não tinha coragem de confessar o seu crime involuntário não intencional a ninguém. Enquanto ela se remoía, Boq, aquela pulguinha travessa, continuava a zumbir em torno dela em busca de atenção. Ela estava arrependida de tê-lo deixado beijá-la. Que erro! Bem, tudo isso ficou para trás agora, aquele temor à beira do desastre social. Ela tinha visto as senhoritas Pfannee *et cetera* pelo que eram – esnobes, superficiais e egoístas – e não era mais amiga delas.

Portanto, Elfaba, que não era mais um risco social, tinha todo o potencial de se tornar uma amiga de verdade, se estar atrelada à irmãzinha, aquela boneca quebrada, não atrapalhasse muito. Somente depois de muita insistência Glinda conseguiu fazer com que Elfaba abrisse a boca para falar da irmã, para que pudesse estar preparada para a chegada de Nessarose e o alargamento do seu círculo social.

– Ela nasceu em Solos de Colwen, quando eu tinha uns 3 anos. – contara Elfaba. – Minha família tinha voltado para Solos de Colwen para visitar. Era uma dessas épocas de seca intensa. Nosso pai nos contou, tempos mais tarde, depois que a nossa mãe morreu, que o nascimento de Nessarose coincidiu com o ressurgimento temporário de água potável nas cercanias. O povo andava fazendo danças pagãs e houve um sacrifício humano.

Glinda tinha fixado os olhos em Elfaba, que parecia ao mesmo tempo relutante e espontânea.

– Um amigo deles, um quadling soprador de vidro. A multidão, incitada por alguns prentes agitadores da ralé e por um relógio profético, se atirou em cima dele e o matou. Um homem chamado Coração de Tartaruga. – Elfaba tinha pressionado as palmas das mãos na parte superior dos rígidos sapatos preto de segunda mão que usava, e manteve os olhos concentrados no chão. – Acho que foi por isso que os meus pais se tornaram missionários do povo de Quadling, o motivo pelo qual nunca voltaram para Solos de Colwen ou para Munchkinlândia.

– Mas a sua mãe morreu no parto? Como ela poderia ter sido uma missionária?

– Ela só morreu depois de cinco anos – falou Elfaba, enquanto observava as pregas do próprio vestido, como se a história fosse uma vergonha. – Ela morreu

quando o nosso irmão mais novo nasceu. Meu pai o chamou de Casco, em homenagem a Coração de Tartaruga, eu acho. Então, Casco, Nessarose e eu vivíamos uma vida cigana, passando de um povoado quadling para o outro com Babá e nosso pai, Frex. Ele pregava e Babá nos educava, nos criava e cuidava da casa como ela era, o que não era muito. Enquanto isso, os homens do Mágico começaram a drenar o pântano para chegar aos depósitos de rubi. Nunca deu certo, é claro. Eles deram um jeito de perseguir os quadlings e matá-los, encurralá-los em campos de concentração para sua própria proteção e matá-los de fome. Eles saquearam a terra, juntaram os rubis e foram embora. Meu pai pirou por causa disso. Nunca houve rubis o suficiente para valer a pena tanto esforço. Ainda não temos um sistema de canais para que a água lendária dos Vinkus atravessasse todo o país até Munchlândia. E a seca, depois de algumas interrupções promissoras, continua inabalável. Os Animais são conclamados a retornar às terras dos ancestrais deles, uma manobra para oferecer aos fazendeiros uma sensação de controlar algo, enfim. É uma marginalização sistemática das populações, Glinda, esse é o objetivo do Mágico.

– Nós estávamos falando sobre a sua infância.

– Bem, é isso, tudo faz parte desta situação. Não se pode separar as particularidades da sua vida da política. Você quer saber o que comíamos? Como brincávamos?

– Eu quero saber como são Nessarose e Casco.

– Nessarose é uma semi-inválida com muita força de vontade. Ela é muito inteligente e pensa que é santa. Herdou o gosto do meu pai pela religião. Não é boa em cuidar de outras pessoas, porque nunca aprendeu a cuidar de si mesma. Ela não tem como. Meu pai exigia que eu ficasse de babá dela durante a maior parte da minha infância. O que ela vai fazer quando Babá morrer, eu não sei. Acho que vou ter de tomar conta dela mais uma vez.

– Ah, que perspectiva horrível para uma vida – falou Glinda, antes que pudesse se conter.

No entanto, Elfaba concordou com a cabeça de forma sombria.

– Eu não poderia concordar mais com você.

– E quanto a Casco... – Glinda continuou enquanto se perguntava qual dor nova iria remexer.

– Homem e branco e inteiro. Agora ele tem uns 10 anos, acho. Fica em casa e cuida do nosso pai. Ele é um garoto como qualquer outro. Um pouco sem graça, talvez, mas não teve as vantagens que tivemos.

– Quais são?

– Mesmo que por um período curto de tempo, nós tivemos uma mãe. Uma mulher leviana, alcoólatra, imaginativa, inconstante, desesperada, corajosa, teimosa, protetora. Nós a tivemos. Melena. Casco não teve outra mãe além de Babá, que fez o possível.

– E quem era o favorito da sua mãe?

– Isso não tenho como dizer, eu não sei. Teria sido Casco, provavelmente, já que ele é um menino. Mas ela morreu sem vê-lo, então não teve nem mesmo esse pequeno consolo.

– O favorito do seu pai?

– Ah, essa é fácil – falou Elfaba enquanto ficava de pé com um salto, procurava seus livros na estante e se preparava para sair correndo para acabar com a conversa de repente. – É Nessarose. Você vai ver a razão quando a conhecer. Ela seria a favorita de qualquer um. – Ela saiu do quarto voando sem oferecer mais do que uma breve agitação dos dedos verdes, um adeus.

Glinda não tinha tanta certeza sobre considerar a irmã de Elfaba como favorita. Nessarose parecia tão carente. Babá era excessivamente atenciosa e Elfaba vivia sugerindo adaptações no ambiente doméstico para aperfeiçoar o que pudesse. Prender as cortinas neste ângulo em vez daquele, para afastar o toque do sol da pele bonita de Nessarose. “Será que podemos deixar a lamparina acesa bem forte para que Nessarose consiga ler?” “Silêncio, sem conversas tarde da noite, Nessarose foi se deitar e tem o sono muito leve.”

Glinda ficou um pouco impressionada pela beleza bizarra de Nessarose. Nessarose se vestia bem (ainda que de maneira extravagante). Ela desviava a atenção de si mesma, porém, por meio de um sistema de tiques sociais quase imperceptíveis: a cabeça abaixada em um ataque repentino de devoção, os olhos a piscar. Era especialmente comvente – e irritante – ter de enxugar uma gota de lágrima provocada por alguma epifania na agitada vida espiritual interior de Nessarose, da qual as outras pessoas não tinham a menor noção. O que se poderia dizer?

Glinda começou a se refugiar nos estudos. As aulas de feitiçaria estavam sendo ministradas por uma nova professora de má reputação, chamada senhorita Greyling. A menina tinha um respeito fervoroso pelo assunto, porém, como logo ficou evidente, pouca habilidade natural.

– Em sua forma mais elementar, um feitiço não é nada além de uma receita para a mudança – cantarolava ela para as pessoas. No entanto, quando o frango que ela tentou transformar em um pedaço de pão virou uma bagunça de borra de café dentro de uma folha de alface em forma de xícara, todos os alunos fizeram uma anotação mental de nunca aceitar um convite para jantar com ela.

No fundo da sala, se esgueirando e fingindo ser invisível para conseguir observar, Madame Morrorosa balançava a cabeça e fazia um ruído estridente. Uma ou duas vezes, ela não se conteve e interferia.

– Sem querer dar palpites na aula da feiteiceira – protestava ela –, mas não teria você, senhorita Greyling, omitido as etapas de ligação e persuasão? É apenas uma pergunta. Deixe-me tentar. Você sabe que tenho uma predileção especial pelo treinamento das nossas feiteiceiras. – Inevitavelmente, a senhorita Greyling assistia ao que havia sobrado da demonstração que tinha iniciado ou deixava cair a bolsa, desabando em um amontoado de vergonha e humilhação. As meninas riam e sentiam que não estavam aprendendo muita coisa.

Ou estavam? A parte boa da falta de jeito da senhorita Greyling era que eles não tinham receio de fazer tentativas por si mesmos, e ela não continha o entusiasmo quando um aluno conseguia realizar a tarefa do dia. A primeira vez em que Glinda foi capaz de mascarar um carretel de linha usando um feitiço de

invisibilidade, ainda que somente por alguns segundos, a senhorita Greyling bateu palmas, deu saltinhos e quebrou o salto de um dos sapatos. Era gratificante e encorajador.

– Não que eu faça alguma objeção – disse Elfaba, um dia, quando ela, Glinda e Nessarose (e, inevitavelmente, Babá) se sentaram debaixo de uma árvore de fruto-de-perdiz perto do Canal do Suicídio. – Mas eu me pergunto como é que a universidade consegue se safar de ensinar feitiçaria quando o estatuto original era de um unionismo tão absoluto?

– Bem, não existe nada intrinsecamente religioso ou não religioso na feitiçaria – disse Glinda. – Existe? Não há nada intrinsecamente prente também.

– Feitiços, transformações, aparições? É tudo entretenimento – explicou Elfaba. – É um teatro.

– Bem, pode parecer teatro, e nas mãos da senhorita Greyling muitas vezes parece teatro ruim – admitiu Glinda. – No entanto, a ideia central não se trata da sua aplicação. É uma habilidade prática, como... Como ler e escrever. Não é o que se consegue fazer, é o quê se lê ou escreve. Ou, com o perdão do trocadilho, o seu encantamento pelo que faz.

– Papai reprovava vigorosamente – lembrou Nessarose, no tom meigo dos fiéis inabaláveis. – Sempre disse que a magia era o ilusionismo do diabo. Que a fé no prazer não era nada além de um exercício para distrair as massas do verdadeiro objeto da devoção delas.

– Esta é a fala de um unionista – falou Glinda, sem se ofender. – Uma opinião sensata, se o que se enfrenta são charlatães ou artistas de rua. No entanto, a feitiçaria não precisa ser assim. E quanto às bruxas comuns nos Glikkas? Dizem que elas encantam as vacas que importaram de Munchkinlândia para que elas não se dirijam, com seus mugidos, até a beira de um precipício. Quem poderia se dar ao luxo de colocar uma cerca em cada beira de lá? A magia é uma habilidade local, uma contribuição para o bem-estar da comunidade. Ela não precisa suplantar a religião.

– Pode não precisar – comentou Nessarose –, mas se tende a suplantar, então será que temos o dever de desconfiar dela?

– Ah, bem, desconfiar eu desconfio da água que bebo, pode estar envenenada – disse Glinda. – Isso não significa que eu tenha parado de beber água.

– Bem, eu não acho sequer que seja uma questão tão importante – confessou Elfaba. – Penso que a feitiçaria é algo trivial. Só diz respeito a si mesma em grande parte, não leva a lugar algum.

Glinda se concentrou com toda a força e tentou fazer o sanduíche de Elfaba levantar sobre o canal. Ela só conseguiu explodir o treco em uma pequena combustão de maionese, cenoura ralada e azeitonas picadas. Nessarose perdeu o equilíbrio por conta das risadas e Babá teve de escorá-la de novo. Elfaba ficou coberta de pedaços de comida, que ela mesma catou e comeu, para desgosto e gargalhadas de todos os outros.

– São só efeitos especiais, Glinda. Não há nada ontologicamente interessante na magia. Não que eu acredite no unionismo também – protestou Elfaba. – Sou uma atea e uma aespíritualista.

– Você diz isso só para chocar e escandalizar – acusou Nessarose de maneira afetada. – Glinda, não ouça nem uma palavra do que ela diz. Elfaba sempre faz isso, geralmente para provocar papai.

– Papai não está aqui. – Elfaba lembrou à irmã.

– Eu assumo o lugar dele e fiquei ofendida – disse Nessarose. – É bem fácil empinar o nariz para o unionismo quando você ganhou um do Deus Inominável. É muito engraçado, não é, Glinda? Que imaturo. – Ela parecia extremamente zangada.

– Papai não está aqui – repetiu Elfaba, em um tom que beirava o laudatório. – Você não precisa correr em defesa pública das obsessões dele.

– O que vocês chamam de obsessões são os artigos da minha fé – comentou ela com uma objetividade fria.

– Bem, você não é uma má feiticeira para uma iniciante – falou Elfaba ao se virar para Glinda. – Você fez uma boa zona com o meu almoço.

– Obrigada. Não pretendia atirá-lo em você. Mas estou cada vez melhor, não é? E melhor em público.

– Uma demonstração chocante. É exatamente o que papai teria lamentado a respeito da feitiçaria. O apelo fica todo na superfície – argumentou Nessarose.

– Concorde, ainda tem gosto de azeitonas – concluiu Elfaba ao encontrar um bocado de azeitonas pretas na manga da própria roupa e o segurando, bem na ponta do dedo, diante da boca da irmã. – Quer experimentar, Nessa?

Mas Nessarose virou o rosto e se perdeu em uma oração silenciosa.

Poucos dias depois, Boq conseguiu chamar a atenção de Elfaba no intervalo da aula de Ciências da Vida, e eles se encontraram em uma alcova perto do corredor principal.

– O que você acha deste novo professor, o doutor Nikidik? – perguntou ele.

– Acho que é difícil prestar atenção nele, mas isso é porque ainda quero ouvir o doutor Dillamond e não consigo acreditar que ele se foi. – No rosto dela havia um olhar de submissão lúgubre à impossível realidade.

– Bem, isso é algo sobre o qual estou curioso. Você me contou tudo sobre os avanços do doutor Dillamond. Sabe se o laboratório dele já foi liberado? Talvez haja algo lá que valha a pena procurar. Você levou as anotações para ele, será que elas não poderiam servir de base para alguma proposta ou pelo menos para um estudo mais aprofundado?

Ela olhou para ele com uma expressão rígida e intensa.

– Você acha que já não pensei nisso? É claro que dei uma passadinha lá no dia em que o corpo dele foi encontrado. Antes que alguém pudesse lacrar a porta com um cadeado e magias de ligação. Boq, você acha que sou boba?

– Não, não acho, portanto me diga o que encontrou.

– As descobertas dele estão bem escondidas e, apesar de existirem furos colossais na minha formação, estou estudando isso por conta própria.

– Quer dizer que você não vai me mostrar nada? – Ele ficou pasmo.

– Você nunca teve um interesse específico nisso. Além do mais, até que haja algo a provar, qual é o sentido? Não acho que o doutor Dillamond tinha chegado lá ainda.

– Sou um munchkin – respondeu ele com orgulho. – Olha, Elfinha, você meio que me convenceu do que o Assistente está aprontando. O confinamento dos Animais de volta às fazendas, para dar aos fazendeiros munchkins insatisfeitos a impressão de que algo está sendo feito por eles, e também para fornecer mão de obra escrava para a escavação de poços novos e inúteis. É desprezível. No entanto, isso afeta Pedras do Caminho e as cidadezinhas de onde vim. Tenho o direito de saber o que você sabe. Talvez possamos descobrir juntos, trabalhar para mudar a situação.

– Você tem muito a perder. Vou enfrentar isso sozinha.

– Enfrentar o quê?

Ela apenas sacudiu a cabeça.

– Quanto menos você souber, melhor, e digo isso para o seu bem. Quem quer que tenha matado o doutor Dillamond não quer que as descobertas dele sejam divulgadas. Que tipo de amiga seria eu se o colocasse em risco também?

– Que tipo de amigo seria eu se não insistisse?

No entanto, ela não ia contar nada. Quando o rapaz se sentou ao lado dela durante o resto da aula e lhe passou bilhetinhos, ela ignorou todos. Mais tarde, ele pensou que talvez tivessem desenvolvido um verdadeiro impasse na amizade deles se o estranho ataque ao recém-chegado não tivesse ocorrido durante aquela

mesma ocasião.

O doutor Nikidik discursava sobre a Força da Vida. Entrelaçando ao redor de cada mão os dois cachos da longa barba rala, ele falava em um tom decrescente, de modo que somente a primeira metade de cada frase ecoava até o fundo da sala. Nem um aluno sequer conseguia acompanhar o que ele dizia. Quando o doutor Nikidik pegou um pequeno frasco do bolso do colete e murmurou algo sobre “Extrato da Intenção Biológica”, apenas os alunos na primeira fileira se endireitaram e arregalaram os olhos. Para Boq, Elfaba e todos os outros, aquilo seguia o padrão – “Um pouco de tempero na sopa *blá blá blá*, como se a criação não fosse a conclusão de *blá blá blá*, não obstante as obrigações de todos os seres sencientes *blá blá blá*, e portanto, como um pequeno exercício para acordar os que estão cochilando na parte de trás *blá blá blá*, eis um pequeno milagre mundano, cortesia de *blá blá blá*.”

Uma onda de empolgação acordou todo mundo. O doutor abriu o frasco esfumado e fez um movimento brusco. Todos conseguiram ver uma pequena nuvem de poeira, como a agitação de um monte de talco, colidir contra si mesma em uma coluna flutuante acima do gargalo do frasco. O doutor girou as mãos algumas vezes para dar início às correntes de ar, que se moviam para cima em um redemoinho. Mantendo alguma espécie rara de coerência espacial, a nuvem começou a se espalhar para cima e para os lados. Os *aaahs* que os alunos sentiam vontade de soltar foram todos adiados. O doutor Nikidik apontou um dedo para que eles se calassem e eles conseguiam perceber o porquê. Uma grande ingestão de ar mudaria o padrão das correntes de ar e desviaria o aglomerado flutuante de pó. Entretanto, os alunos começaram a sorrir a contragosto. Acima do palanque, em meio aos símbolos uniformes de chifres de veado e trombetas de bronze entremeados, ficavam pendurados quatro retratos a óleo dos fundadores de Torres de Ozma. Em suas vestes antigas e expressões sérias, eles observavam os alunos de hoje. Se esta “intenção biológica” fosse aplicada a um dos fundadores, o que ele diria ao ver meninos e meninas estudando juntos no grande salão? O que ele teria a dizer sobre qualquer questão que fosse? Era um momento de muita expectativa.

No entanto, quando uma porta lateral do palco foi aberta, a mecânica das correntes de ar foi perturbada. Um aluno olhava para dentro, intrigado. Um aluno novo, vestido de maneira esquisita com calças justas de camurça e uma camisa de algodão branco com uma estampa de diamantes azuis tatuada na pele escura do rosto e das mãos. Ninguém o tinha visto antes, nem mesmo alguém como ele. Boq apertou a mão de Elfaba com força e sussurrou:

– Olhe! Um winkie!

E era o que parecia, um estudante vindo de Vinkus, em um traje cerimonial estranho, que chegou atrasado para a aula, abriu a porta errada, confuso e cheio de desculpas, mas a porta se fechou atrás dele e o trancou dentro da sala, e não havia lugares vazios nas primeiras fileiras de assentos. Então, ele se jogou no chão onde estava e se sentou com as costas contra a porta, na esperança, sem dúvida, de passar despercebido.

– Mas que droga, a coisa toda perdeu o rumo – comentou o doutor Nikidik – Seu idiota, por que não chegou na hora certa da aula?

A névoa brilhante, mais ou menos do tamanho de um buquê de flores, deu uma guinada para o alto em uma corrente e contornou as fileiras de dignatários há muito falecidos que esperavam por uma oportunidade imprevista para falar novamente. Em vez disso, a nuvem encobriu uma das prateleiras de chifres e pareceu, por alguns momentos, se pendurar nas pontas retorcidas.

– Bem, mal posso esperar para ouvir uma palavra de sabedoria deles, e me recuso a perder ainda mais deste bem precioso em demonstrações em sala de aula – disse o doutor Nikidik. – A pesquisa ainda está incompleta e eu tinha pensado que *blá*. Vocês que descubram por contra própria se *blá blá*. Eu não tenho mesmo a intenção de prejudicar o seu *blá blá*.

De repente, os chifres se retorceram convulsivamente na parede e se lançaram para fora dos painéis de carvalho. Eles caíram e se estatelaram no chão, para gritos e gargalhadas dos alunos, em especial porque, por um minuto, o doutor Nikidik não sabia o motivo da algazarra. Ele se virou a tempo de ver os chifres se endireitarem e aguardarem, trêmulos e agitados, em cima do palanque, como um galo de briga empertigado e pronto para entrar no ringue.

– Ah, ora, não olhem para mim – falou o doutor Nikidik enquanto recolhia os próprios livros. – Não pedi nada de vocês. Ponham a culpa naquele ali se quiserem. – E casualmente apontou para o estudante de Vinkus, que se encolhia com os olhos tão arregalados que o mais cínico dos alunos mais antigos começou a suspeitar de que toda a situação fosse uma armação.

Os chifres ficaram de pé sobre suas pontas e deslizaram feito caranguejos ao longo do palanque. Conforme os alunos se erguiam em um grito unânime, os chifres se atiraram sobre o corpo do menino de Vinkus e o prenderam contra a porta trancada. Um grupo o pegou pelo pescoço, prendendo-o pela camisa, e o outro recuou no ar para golpeá-lo no rosto.

O doutor Nikidik tentou se mover com rapidez e caiu em cima dos joelhos artríticos, mas, antes que conseguisse se pôr mais uma vez de pé, dois rapazes estavam em cima do palanque, saídos da fileira da frente, agarrando os chifres e lutando para contê-los no chão. O menino de Vinkus soltou um grito em uma língua estrangeira.

– São Croke e Tibbett! – disse Boq ao sacudir Elfaba pelo ombro. – Veja!

Todos os alunos de feitiçaria pularam das cadeiras e tentaram jogar feitiços nos chifres assassinos, e Croke e Tibbett os agarravam, soltavam, agarravam e os soltavam de novo, até que finalmente conseguiram quebrar a ponta de um deles, outro em seguida, e os pedaços, ainda se debatendo, caíram no chão do palanque sem demonstrar novos ímpetos.

– Ah, pobre garoto – falou Boq, pois o aluno de Vinkus desmoronou e chorava copiosamente por trás das mãos azul-diamantadas. – Nunca tinha visto um aluno de Vinkus na vida. Que modo horripilante de receber as boas-vindas a Shiz.

O ataque ao aluno de Vinkus provocou fofocas e especulações. Na aula de feitiçaria do dia seguinte, Glinda pediu que a senhorita Greyling explicasse um

detalhe.

– Como o Extrato de Intenção Biológica, ou o que quer que fosse aquilo, trazido pelo doutor Nikidik, como aquilo foi entrar no currículo de Ciências da Vida, quando se comportou como um feitiço dos bons? Qual é a diferença entre a ciência e a feitiçaria?

– Ah – murmurou a senhorita Greyling, que havia escolhido este momento para se dedicar a cuidar dos cabelos. – A ciência, meus queridos, é a dissecação sistemática da natureza, para reduzi-la a partes funcionais que obedeçam mais ou menos às leis universais. A feitiçaria é direcionada no sentido oposto. Ela não rasga, ela remenda. É síntese, em vez de análise. Gera o novo em vez de revelar o antigo. Nas mãos de alguém verdadeiramente qualificado – neste ponto, ela se espetou com um grampo de cabelo e soltou um gritinho – é Arte. Pode-se dizer que é, de fato, a arte mais superior ou refinada. Ela supera as Belas Artes da pintura, do teatro e da recitação. Não se apresenta ou representa o mundo. Ela se torna o mundo. É uma vocação muito nobre. – Ela começou a chorar baixinho graças à intensidade da própria retórica. – Pode haver um desejo maior do que mudar o mundo? Não para falar de projetos utópicos, mas realizar mudanças? Aprimorar o deformado, reformular o equivocado, justificar as margens deste erro esfarrapado que chamamos de universo? Sobreviver por meio da feitiçaria?

Na hora do chá, ainda impressionada e entretida, Glinda comentou o pequeno e sincero discurso da senhorita Greyling com as duas irmãs Thropp.

– Só o Deus Inominável tem o poder da criação, Glinda. Se a senhorita Greyling confunde a feitiçaria com a criação, corre o sério perigo de corromper a sua moral – comentou Nessarose.

– Bem – começou Glinda enquanto pensava em Ama Clutch, de cama, acometida pela dor mental que Glinda imaginara para ela –, a minha moral não está na sua melhor forma, para início de conversa, Nessa.

– Neste caso, se a feitiçaria pretende ser um auxílio de alguma forma, deve servir para reconstruir o seu caráter – falou Nessarose com firmeza. – Se você se dedicar neste sentido, acredito que tudo vai dar certo no final. Use o seu talento para a feitiçaria, não seja usada por ela.

Glinda suspeitou que Nessarose estava desenvolvendo um jeito para ser superior de maneira arrasadora. Ela estremeceu com antecedência, embora tivesse levado a sério a sugestão de Nessarose.

– Glinda, esta foi uma boa pergunta. Gostaria que a senhorita Greyling a tivesse respondido. Esse pequeno pesadelo com aqueles chifres pareceu mais mágica do que ciência para mim também. Pobre do rapaz de Vinkus! Será que devemos repetir a pergunta para o doutor Nikidik na semana que vem?

– Quem teria a coragem de fazer isso? – gritou Glinda. – A senhorita Greyling é, no mínimo, ridícula. O doutor Nikidik, com aquele jeito adorável de resmungar incoerências que ele tem... É tão distinto.

Na aula de Ciências da Vida da semana seguinte, todos os olhos se voltavam para o novo garoto de Vinkus. Ele chegou cedo e se sentou na sacada, o mais distante

do palanque que conseguiu. Boq desconfiava dos nômades como todos os outros agricultores assentados. Entretanto, teve de admitir que a expressão nos olhos do menino novo era inteligente. Avaric, ao deslizar para o assento ao lado de Boq, disse:

– Dizem que ele é um príncipe. Um príncipe sem uma bolsa nem um trono. Um mendigo da nobreza. Na tribo dele, quero dizer. Ele está em Torres de Ozma e o nome dele é Fiyero. Ele é um winkie de verdade, puro-sangue. Eu me pergunto o que ele acha da civilização.

– Se aquilo que aconteceu na semana passada foi civilizado, ele deve sentir muita saudade da espécie bárbara dele – ironizou Elfaba, do assento do outro lado de Boq.

– Por que ele está usando essa tinta besta no corpo? – indagou Avaric. – Só faz chamar a atenção para ele. E para aquela pele. Eu não gostaria de ter a pele da cor de merda.

– Que coisa para se dizer – comentou Elfaba. – Se você quer saber, esta é uma opinião de merda.

– Ah, faça-me o favor – interrompeu Boq. – Vamos calar a boca.

– Eu esqueci, Elfinha, que você também tem problemas com a pele – falou Avaric.

– Me deixe fora desta – disse ela. – Nós acabamos de almoçar e você está me provocando azia, Avaric. Você e os feijões que comemos no almoço.

– Vou mudar de lugar – alertou Boq, mas o doutor Nikidik entrou bem na hora e a turma ficou de pé em sinal de respeito como sempre, depois se acomodou de forma ruidosa, comunicativa, tagarelando.

Por alguns minutos, Elfaba acenou com a mão para chamar a atenção do doutor, mas estava sentada muito lá trás e ele balbuciava algum outro assunto. Por fim, a menina se aproximou de Boq e disse:

– No recreio, vou mudar de lugar e ir mais para a frente para que ele consiga me ver.

Então, a turma observou enquanto o doutor Nikidik terminava o preâmbulo inaudível e chamava um aluno para abrir a mesma porta lateral que Fiyero atravessou aos tropeços na semana anterior.

Um menino da Três Rainhas entrou empurrando uma mesa parecida com uma bandeja de chá. Em cima dela, agachado como se pretendesse se tornar o menor possível, havia um filhote de leão. Mesmo da sacada era possível perceber o terror da fera. A cauda dele, uma pequena chibata da cor de amendoins triturados, chicoteava para trás e para a frente, e os ombros estavam curvados. O bicho ainda não tinha uma juba, por dizer assim, era tão minúsculo. No entanto, a cabeça castanho-amarelada virava para um lado e para o outro como se contasse as ameaças ao redor. Ele abriu a boca em um gritinho aterrorizado, a forma infantil de um rugido adulto. Por toda a sala, os corações se derreteram e as pessoas disseram “nhóiiiiiii”.

– Um pouco maior do que um gatinho – disse o doutor Nikidik – Pensei em chamá-lo de Prrrr, mas ele treme mais do que ronrona, por isso o chamo de Brrr.

A criatura olhou para o doutor Nikidike se encolheu na borda do carrinho.

– Agora, a questão desta manhã é a seguinte – continuou o doutor Nikidik –

Aproveitando os interesses um tanto quanto distorcidos de doutor Dillamond, que blá blá blá. Quem saberia me dizer se este é um Animal ou um animal?

Elfaba não esperou ser chamada. Ela se ergueu na sacada e lançou a resposta em uma voz nítida e forte.

– Doutor Nikidik, a pergunta que você fez foi quem saberia dizer se este é um Animal ou um animal. Parece-me que a resposta é que a mãe dele sabe. Onde está a mãe dele?

Ouvuiu-se um alvoroço de alunos que se divertiam.

– Presa no pântano da semântica sintática, pelo que vejo – respondeu o doutor alegremente. Ele falou mais alto, como se só agora tivesse percebido que havia uma sacada na sala. – Muito bem, senhorita. Deixe-me reformular a pergunta. Será que alguém aqui arriscaria conjecturar a natureza deste espécime? E dar uma razão para tal avaliação? Vemos perante nós uma fera em idade delicada, muito antes que qualquer fera conseguisse dominar a linguagem, caso a linguagem fizesse parte de seu feitio. Antes da linguagem, supondo que existisse, ele continua a ser um Animal?

– Repito a minha pergunta, doutor – proclamou Elfaba. – Este é um filhote muito novo. Onde está a mãe dele? Por que foi tirado da mãe em uma idade tão precoce? Como sequer consegue se alimentar?

– Essas são perguntas irrelevantes para a questão acadêmica apresentada. Ainda assim, coração dos jovens sangra com facilidade. A mãe, digamos assim, morreu em uma explosão, ocorrida em um momento infeliz. Vamos presumir, para efeito de argumentação, que não havia como saber se a mãe era uma Leoa ou uma leoa. Afinal, como devem ter ouvido falar, alguns Animais estão voltando ao mundo selvagem para escapar dos desdobramentos das leis atuais.

Elfaba se sentou, perplexa.

– Não me parece correto – falou ela para Boq e Avaric. – Arrastar um filhote até aqui sem a mãe por causa de uma aula de ciências. Veja como ele está aterrorizado. Está tremendo. E não tem como ser de frio.

Outros alunos começaram a arriscar opiniões, mas o doutor as desbancou uma a uma. O objetivo era, aparentemente, expor que, sem a linguagem ou indícios contextuais, nos primeiros estágios da infância, não era possível distinguir se uma fera tinha origem Animal ou animal.

– Isso tem uma implicação política – comentou Elfaba bem alto. – Achei que esta era uma aula de Ciências da Vida e não de Atualidades.

Boq e Avaric a obrigaram a se calar. Ela começava a ter uma reputação pavorosa.

O doutor prolongou o episódio por bastante tempo mesmo depois que todos tinham digerido a questão, mas, por fim, se virou e disse:

– Agora vocês acham que, se pudéssemos cauterizar a parte do cérebro que desenvolve a linguagem, conseguiríamos eliminar a noção de dor e, assim, a própria existência? Testes preliminares realizados neste leãozinho mostraram resultados interessantes. – Ele pegou um pequeno martelo com uma cabeça de borracha e uma seringa. O animal se ergueu, soltou um silvo, depois recuou e caiu no chão, se arrastando na direção da porta, que estava fechada e trancada por dentro do mesmo jeito que na semana anterior.

No entanto, não foi só Elfaba que estava de pé aos berros. Meia dúzia de alunos gritava com o doutor.

– Dor? Eliminar a dor? Olhe para o bichinho, ele está apavorado! Ele já entende o que é dor! Não faça isso, o que há com você, está maluco?

O doutor fez uma pausa enquanto apertava visivelmente o cabo do martelo.

– Não vou presidir uma recusa tão chocante a aprender! – disse ele, ofendido. – Vocês estão tirando conclusões precipitadas com base em sentimentos e não em observação. Traga a fera aqui. Traga-o de volta. Mocinha, eu insisto. Vou ficar muito zangado.

Ainda assim, duas meninas de Briscoe Hall o desobedeceram e saíram correndo da sala com o filhote de leão assustado a tiracolo, carregando-o em um avental entre as duas. A turma virou um tumulto só e o doutor Nikidik desceu do palanque a passos largos. Elfaba encarou Boq.

– Bem, acho que não vou conseguir fazer a ótima pergunta de Glinda sobre a diferença entre a ciência e a feitiçaria, não é? Definitivamente, iamos seguir um caminho bem diferente hoje. – No entanto, a voz dela estava trêmula.

– Você sentiu pena do animal, não foi? – Boq ficou comovido. – Elfinha, você está tremendo. Não tenho a intenção de lhe ofender ao dizer isso, mas você quase ficou branca de fúria. Vamos, vamos dar uma volta e tomar um chá no café da Praça Ferroviária, como nos velhos tempos.

Talvez todo grupo de pessoas reunido ao acaso tenha um curto período de graça entre a timidez e o preconceito iniciais em um extremo, e a subsequente repugnância e traição no outro. Para Boq, parecia que sua obsessão de verão com a então Glinda fazia sentido somente para dar início ao conforto mais maduro que veio a seguir, com um círculo de amigos que tinham começado a se sentir conectados de maneira inevitável e permanente.

Os meninos continuavam a não ter acesso a Crage Hall, nem as meninas às escolas dos meninos, mas a área do centro da cidade de Shiz se transformou em uma extensão das salas de estar e de aula nas quais tinham autorização para se misturar. Em uma tarde no meio da semana, em uma manhã de fim de semana, eles se encontravam próximo ao canal com uma garrafa de vinho ou em um café ou boteco de estudantes, ou passeavam a pé e debatiam sobre os melhores pontos da arquitetura de Shiz, ou riam dos excessos dos professores deles. Boq e Avaric, Elfaba e Nessarose (com Babá), Glinda e, de vez em quando, Pfannee, Shenshen e Milla, e às vezes Croke e Tibbett. E Croke trouxe Fiyero consigo e o apresentou, o que paralisou Tibbett por uma semana, mais ou menos, até a noite em que Fiyero disse, do seu jeito tímido e formal:

– É claro, fui casado por um tempo. Em Vinkus nos casamos bem cedo. – Os outros acharam a ideia curiosa e se sentiram imaturos.

Só para garantir, Elfaba e Avaric trocavam alfinetadas sem piedade. Nessarose testava a paciência de todo mundo com seus devaneios religiosos. A torrente de comentários picantes de Croke e Tibbett os fez serem atirados no canal mais de uma vez. No entanto, Boq ficou aliviado ao descobrir que sua paixão por Glinda tinha se abrandado um pouco. Ela ficava sentada na beira da toalha de piquenique com um ar de independência e desviava a conversa de si mesma. Ele amava a garota que amava o glamour que tinha em si, e esta menina parecia ter desaparecido. Ainda assim, ele estava feliz por ter Glinda como amiga. Bem, em poucas palavras: ele amava *Glinda* e, agora, esta era *Glinda*. Alguém que ele não conseguia mais compreender. Caso encerrado.

Era um círculo encantado.

Todas as meninas evitavam Madame Morrorosa o quanto podiam. Em uma noite gelada, no entanto, Grommetik veio em busca das irmãs Thropp. Babá bufou, amarrou os cordões de um avental limpo ao redor da cintura e arrastou Nessarose e Elfaba até a sala da diretora.

– Eu odeio esse troço... Grommetik – falou Nessarose. – Como isso funciona, afinal? É mecânico ou enfeitiçado, ou alguma combinação de ambos?

– Sempre imaginei algo meio sem sentido. Que dentro havia anão ou uma família de elfos acrobatas que movem cada membro – contou Elfaba. – Sempre que Grommetik aparece, as minhas mãos ficam estranhamente famintas por um

martelo.

– Não consigo imaginar – disse Nessarose. – Uma mão com fome, quero dizer.

– Silêncio, vocês duas, a coisa tem ouvidos – comentou Babá.

Madame Morrorosa espiava por entre os papéis da contabilidade enquanto fazia algumas anotações nas margens antes de se dignar a reconhecer a presença das alunas.

– Não vou levar mais que um momentinho – falou ela. – Tenho uma carta do seu querido pai e um pacote para vocês. Achei que seria mais atencioso eu mesma dar a notícia.

– Notícia? – indagou Nessarose, empalidecendo.

– Ele poderia ter escrito para nós, assim como para a senhora – ponderou Elfaba.

Madame Morrorosa a ignorou.

– Ele escreveu para perguntar sobre a saúde e os progressos de Nessarose, e para contar a ambas que ele vai fazer um jejum e pagar uma penitência pelo retorno de Ozma Tippetarius.

– Ah, a menininha abençoada – interrompeu Babá para dar vida a um dos assuntos preferidos dela. – Quando o Mágico assumiu o Palácio muitos anos atrás e prendeu a Regente Ozma, todos nós pensamos que a santa criança Ozma jogaria uma praga na cabeça do Mágico. Mas dizem que ela se refugiou e está congelada em uma caverna, como Lurlina. Será que Frexpar teve a coragem de derretê-la, será que esta é a sua hora de voltar?

– Por favor – disse Madame Morrorosa para as irmãs enquanto lançava um olhar azedo para Babá. – Não as chamei aqui para que a Babá de vocês discutisse estes apócrifos contemporâneos, nem para caluniar nosso glorioso Assistente. A transição do poder foi pacífica. Foi uma mera coincidência a saúde do Regente Ozma ter se deteriorado durante a prisão domiciliar, nada mais. Quanto ao poder do pai de vocês para despertar a filha real desaparecida de um estado de sonolência que nunca foi comprovado, bem, você, Elfaba, já chegou a me confessar que o seu pai é instável, ou até mesmo louco. Só o que posso fazer é desejar que tenha saúde em suas empreitadas. No entanto, sinto que é meu dever ressaltar para vocês, meninas, que não vemos aliciaimentos com bons olhos aqui em Cragge Hall. Espero que não tenham importado os anseios monarquistas do seu pai para os dormitórios daqui.

– Nós nos devotamos ao Deus Inominável, não ao Assistente nem a qualquer possível membro remanescente da Família Real – disse Nessarose com orgulho.

– Não tenho nenhum sentimento especial pelo assunto – murmurou Elfaba –, exceto que o papai ama causas perdidas.

– Muito bem – falou a diretora. – É assim que deve ser. Agora, tenho um pacote para você. – Ela o entregou a Elfaba, mas acrescentou: – Eu acho que é para Nessarose.

– Abra, Elfinha, por favor – pediu Nessarose. Babá se aproximou para assistir.

Elfaba desamarrou o barbante e abriu a caixa de madeira. Do meio de um

monte de lascas de madeira, ela retirou um sapato e depois outro. Eram de prata? Ou azuis? Ou, agora, vermelhos? Envernizados com um acabamento brilhante, parecido com a embalagem de um doce? Era difícil dizer e não importava; o efeito era deslumbrante. Até mesmo Madame Morrorosa engasgou com tanto esplendor. A superfície dos sapatos parecia pulsar com centenas de reflexões e refrações. Sob a luz da lareira, era como olhar para corpúsculos efervescentes de sangue sob uma lupa.

– Ele escreveu dizendo que os comprou para você de uma funileira desdentada nos arredores de Ovvels – disse Madame Morrorosa – e que ele os revestiu com contas de vidro prateadas que ele mesmo fez.. Que alguém o ensinou a fazer...?

– Coração de Tartaruga – comentou Babá de maneira obscura.

– ... E... – Madame Morrorosa virou a carta e apertou os olhos – ele diz que tinha esperanças de lhe dar algo especial antes que você viesse para a universidade, mas, sob as circunstâncias repentinas da doença de Ama Clutch... Blá blá blá... Ele não estava preparado. Então, agora os enviou para sua Nessarose para que fique com os seus lindos pés quentinhos, secos e bonitos, e os enviou com todo seu amor.

Elfaba vasculhou com os dedos por entre as curvas das aparas. Não havia mais nada na caixa, nada para ela.

– Eles não são deslumbrantes? – exclamou Nessarose. – Elfinha, você poderia calçá-los nos meus pés, por favor? Ah, como reluzem!

Elfaba ficou de joelhos na frente da irmã. Nessarose se sentou com a mesma magnificência de Ozma, a coluna ereta e o rosto brilhante. Elfaba levantou os pés da irmã, tirou os chinelos comuns e os substituiu pelos esplêndidos sapatos.

– Como ele é atencioso! – disse Nessarose.

– Que bom que você consegue se firmar sobre seus próprios pés, menina – murmurou Babá, e colocou a velha mão condescendente nas costas de Elfaba, que se encolheu para escapar do toque.

– Eles são lindíssimos – comentou Elfaba com rispidez – Nessarose, eles foram feitos para você. Se encaixam como um sonho.

– Ah, Elfinha, não se zangue – falou Nessarose enquanto olhava para os pés. – Não estrague a minha pequena felicidade com ressentimentos, está bem? Ele sabe que você não precisa deste tipo de coisa...

– Claro que não – disse Elfaba. – É claro que não.

Naquela noite, os amigos se arriscaram a desrespeitar o toque de recolher pedindo outra garrafa de vinho. Babá desaprovou e se irritou, mas, conforme bebia impecavelmente sua parte com os outros, ela perdeu a moral. Fyero contou a história de ter sido casado aos 7 anos com uma menina de uma tribo vizinha. Todos ficaram de boca aberta com sua aparente falta de vergonha. Ele só tinha visto a noiva uma vez, por acaso, quando ambos tinham cerca de 9 anos.

– Não vou me casar de verdade com ela até termos 20 anos, e agora só

tenho 18 – acrescentou. Com o alívio de imaginar que ele ainda devia ser tão virgem quanto o restante, eles pediram mais uma garrafa de vinho.

As velas derretiam, uma chuvinha outonal caía. Embora o cômodo estivesse seco, Elfaba colocou sua capa nas costas, como que antecipando a caminhada para casa. Ela superara a dor de ter sido ignorada por Frex. Ela e Nessarose começaram a contar histórias engraçadas sobre o pai, como se quisessem provar a si mesmas e a todos os outros que nada estava errado. Nessarose, que não era muito de beber, se permitiu uma risada.

– Apesar da minha aparência, ou talvez por causa dela, ele sempre me chamou de seu bichinho lindo – contou, mencionando sua falta de braços pela primeira vez em público. – Ele dizia “Venha cá, meu bichinho, e lhe dou um pedacinho de maçã”. E eu caminhava até ele do melhor jeito possível, balançando e cambaleando se Babá, Elfinha ou Mamãe não estivessem por perto para me apoiar, e caía no colo dele, olhava para cima sorrindo e ele deixava cair pedacinhos de fruta na minha boca.

– Como ele chamava você, Elfinha? – perguntou Glinda.

– Ele a chamava de Fabala – interrompeu Nessarose.

– Em casa, só em casa – comentou Elfaba.

– É verdade, você é a pequena Fabala de seu pai – sussurrou Babá, quase para si mesma, fora do círculo de rostos sorridentes. – Pequena Fabala, pequena Elfaba, pequena Elfinha.

– Ele nunca me chamou de bichinho – falou Elfaba, erguendo a taça para a irmã. – Mas todos sabemos que ele dizia a verdade, já que Nessarose é o bichinho da família. Por isso esses sapatos maravilhosos.

Nessarose corou e aceitou um brinde.

– Ah, mas, embora eu tivesse a atenção dele por causa da minha condição, você conquistava o coração dele quando cantava – disse ela.

– Conquistava o coração dele? Ah, você quer dizer que eu realizava uma função necessária.

Mas os outros disseram a Elfaba:

– Ah, você canta? Que ótimo! Cante, cante, você deve! Outra garrafa, outra taça, puxe uma cadeira e, antes de irmos embora, você precisa cantar! Vamos lá!

– Só se os outros também cantarem – pediu Elfaba, mandona. – Boq? Uma canção da Munchkinlândia? Avaric, uma balada gillikin? Glinda? Babá, uma canção de ninar?

– Conhecemos uma ronda de baixo nível, cantaremos depois de você – disseram Croke e Tibbett.

– E eu entoarei uma canção de caça dos Vinkus – disse Fiyero. Todos gargalharam de prazer e deram tapinhas nas costas dele. Então Elfaba teve de ficar de pé, empurrar a cadeira para o lado, pigarrear e soltar uma nota entre as mãos fechadas, para depois começar. Como se ela estivesse cantando para o pai, outra vez, depois de tanto tempo.

A dona do bar sacudiu seu pano para silenciar alguns homens mais velhos, e os jogadores de dardos deixaram as mãos repousarem. O ambiente silenciou. Elfaba criou uma canção ali mesmo, uma música sobre saudade e diversidade,

distâncias e dias futuros. Os desconhecidos fecharam os olhos para ouvir.

Boq também. Elfaba tinha uma voz legal. Ele via o local imaginário que ela conjurava, uma terra onde a injustiça, a crueldade comum, a regra tirânica e o punho esgotante da sede não funcionavam em conjunto para manter todos sob controle. Não, ele não estava dando crédito a ela: Elfaba tinha uma boa voz. Era controlada, sentida, e não histriônica. Ele ouviu até o final, e a canção se desmanchou no ruído de um pub respeitável. Mais tarde, ele avaliou a melodia se desmanchou como um arco-íris depois da tempestade, ou como ventos que finalmente se acalmam; e o que restou foi calma, possibilidade e alívio.

– Sua vez, você prometeu – gritou Elfaba, apontando para Fiyero, mas ninguém cantaria agora, porque ela o fez tão bem. Nessarose fez sinal para Babá enxugar uma lágrima do canto do olho.

– Elfaba diz que não é religiosa, mas vejam como ela canta com sentimento sobre a vida após a morte – comentou Nessarose, e, pela primeira vez, ninguém teve vontade de discutir.

Certa manhã bem cedo, quando o mundo estava salpicado de geada, Grommetik chegou com um bilhete para Glinda. Ama Clutch, ao que parecia, estava de saída. Glinda e suas companheiras de quarto correram para a enfermaria.

A diretora as encontrou ali e as levou a uma alcova sem janelas. Ama Clutch estava rolando na cama e conversando com o travesseiro.

– Não me enfrente – dizia desenfreadamente –, pois o que posso fazer com você? Vou abusar da sua boa natureza, docinho, pousar meus cachos oleosos sobre sua trança bem feita e atíçar com meus dentes seu corte com aplicação de renda! Você é uma perturbação estúpida por permitir isso, eu digo! Não me importo com as noções de serviço! É tudo besteira, estou lhe dizendo, besteira!

– Ama Clutch, Ama Clutch, sou eu – falou Glinda. – Ouça, querida, sou eu! Sua pequena Galinda.

Ama Clutch virou a cabeça de um lado para outro.

– Seu protesto é um insulto para seus ancestrais! – continuou, girando os olhos para o travesseiro outra vez. – Aquelas plantações de algodão nas margens de Águas Plácidas não se permitiram ser colhidas para que você pudesse se deitar como em um tapete e deixar qualquer pessoa nojenta cobrir você de baba noturna! Não faz o menor sentido!

– Ama! – chorou Glinda. – Por favor! Você está delirando!

– Ahá, estou vendo que você não tem nada a dizer sobre isso – comentou Ama Clutch com satisfação.

– Volte, Ama, volte mais uma vez antes de ir!

– Ah, doce Lurline, isso é terrível – disse Babá. – Queridas, se algum dia eu ficar assim, me envenenem, sim?

– Ela está indo, posso ver – contou Elfaba. – Vi isso muitas vezes na província de Quadling, conheço os sinais. Glinda, diga o que precisa dizer, rápido.

– Madame Morrorosa, posso ter um pouco de privacidade? – indagou Glinda.

– Ficarei ao seu lado para apoiá-la. É meu dever com as minhas meninas – disse a diretora, pousando determinadamente as mãos de presunto na cintura. Mas Elfaba e Babá se levantaram, a levaram pelos cotovelos para fora da alcova, descendo o corredor e através da porta, a fecharam e trancaram. Babá cacarejou o tempo todo.

– Olha, que delicadeza sua, madame diretora, mas não é necessário. Não é necessário mesmo.

Glinda apertou a mão de Ama Clutch. Gotas de suor branco estavam se formando como água de batata na testa da servente. Ela lutou para afastar a mão, mas suas forças estavam se esgotando.

– Ama Clutch, você está morrendo – disse Glinda –, e a culpa é minha.

– Ah, pare – pediu Elfaba.

– É, sim – assumiu Glinda de modo intenso –, é, sim.

– Não estou falando disso – continuou Elfaba. – Eu quis dizer para você sair

da conversa; é a morte dela, e não sua entrevista com o Deus Inominável. Ande. Faça alguma coisa!

Glinda apertou as mãos dela, as duas, com mais força ainda.

– Vou trazê-la de volta com mágica – disse ela entre os dentes cerrados. – Ama Clutch, faça o que estou dizendo! Ainda sou sua patroa e sua superior, e você tem que me obedecer! Agora ouça este encanto e comporte-se!

Os dentes de Ama rangeram, os olhos reviraram e o queixo se retorceu, como se tentasse empalar algum demônio invisível no ar sobre sua cama. Os olhos de Glinda se fecharam e sua mandíbula trabalhou. E um conjunto de sons, sílabas incoerentes até mesmo para ela, saíram encantados de seus lábios pálidos.

– Espero que você não a exploda como um sanduíche – murmurou Elfaba.

Glinda ignorou. Ela sussurrava e trabalhava, ela se balançava e arquejava. As pálpebras de Ama Clutch se moviam tão freneticamente sobre os olhos fechados que parecia que as órbitas dos olhos estavam mastigando os próprios olhos.

– *Magicordium senssus ovinda clenx* – concluiu Glinda em voz alta – e, se isso não funcionar, eu desisto; nem os cheiros e sinos de um kit completo ajudariam, acho eu.

No colchão de palha, Ama Clutch caiu para trás. Um pouco de sangue escorreu do canto exterior de cada olho. Mas o movimento feroz de virada do foco tinha terminado.

– Oh, minha querida – murmurou ela –, você está bem ou estou morta?

– Ainda não – respondeu Glinda. – Sim, querida Ama, sim, estou bem. Mas, querida, acho que você está indo.

– Claro que estou, o Vento está aqui, não consegue ouvi-lo? – perguntou Ama Clutch. – Não importa. Ah, aí está Elfinha também. Adeus, meus docinhos. Fiquem longe do Vento até a hora certa ou vocês serão levadas na direção errada.

– Ama Clutch – disse Glinda –, tenho algo a lhe dizer... tenho que pedir perdão...

Mas Elfaba se inclinou para a frente, tirando Glinda da linha de visão de Ama Clutch.

– Ama Clutch, antes de ir, conte-nos quem matou o doutor Dillamond.

– É claro que você sabe isso – respondeu Ama Clutch.

– Precisamos ter certeza – falou Elfaba.

– Bem, eu vi, ou melhor, quase vi. Tinha acabado de acontecer e a faca ainda estava lá – Ama Clutch se esforçou para respirar –, manchada com o sangue que não teve chance de secar.

– O que você viu? Isso é importante.

– Vi a faca no ar, vi o Vento chegar para afastar o doutor Dillamond, vi o relógio girar e o tempo do Bode parar.

– Foi Grommetik, não foi? – murmurou Elfaba, tentando fazer a mulher dizer as palavras.

– Bem, é isso que estou dizendo, docinho – explicou Ama Clutch.

– E ele a viu, ele se virou contra você? – gritou Glinda. – Isso a fez ficar doente, Ama Clutch?

– Era minha hora de ficar doente – argumentou Ama Clutch com gentileza –, então eu não podia reclamar. E é minha hora de morrer, então me deixem. Apenas segure minha mão, querida.

– Mas a culpa é minha... – começou Glinda.

– Você me faria um bem se ficasse quieta, doce Galinda, meu docinho – disse Ama Clutch de um jeito suave, dando um tapinha na mão de Glinda. Depois ela fechou os olhos, inspirou e expirou algumas vezes. Elas ficaram ali em um silêncio que parecia especialmente gillikin da classe de serventes, embora fosse difícil explicar por que mais tarde. Do lado de fora, Madame Morrorosa andava de um lado para o outro. Então elas imaginaram ouvir o eco de um Vento, e Ama Clutch se foi, e o travesseiro extremamente subordinado recebeu um pequeno vazamento de suco humano do canto de sua boca relaxada.

Ofuneral foi modesto, um caso de ame-a e deixe-a partir. Os amigos mais próximos de Glinda compareceram, ocupando dois bancos da igreja, e no segundo andar da capela uma multidão de Amas formava um grupo profissional. O resto da capela estava vazio.

Depois que o corpo, em sua mortalha, deslizou pela calha lubrificada para o forno, os enlutados e colegas se retiraram para a sala particular da Madame Morrorosa, onde ela mostrou ter economizado nas despesas com o lanche. O chá era de um estoque antigo, envelhecido como serragem, os biscoitos eram duros e não havia creme de açafrão nem marmelada de tamorna.

– Nem um potinho de creme? – perguntou Glinda, com reprovação.

– Minha criança, tento proteger meus custos da pior escassez de alimentos fazendo compras criteriosas e cuidando de mim, mas não sou totalmente responsável pela sua ignorância. Se ao menos as pessoas obedecessem totalmente ao Mágico, haveria abundância. Não percebe que estamos à beira da fome e que as vacas estão morrendo a trezentos quilômetros daqui? O creme de açafrão está muito valorizado no mercado. – Glinda começou a se afastar, mas Madame Morrorosa esticou um monte de dedos acolchoados, bolbosos e cheios de joias. O toque fez o sangue de Glinda gelar. – Eu gostaria de ver você, a senhorita Nessarose e a senhorita Elfaba, depois que os convidados saírem. Por favor, me aguardem. – E se afastou em seguida.

– Vamos receber uma lição de moral – sussurrou Glinda para as irmãs Thropp. – Alguém tem que gritar conosco.

– Nem uma palavra sobre o que Ama Clutch contou... nem que ela voltou – falou Elfaba com urgência. – Entendeu, Nessa? Babá?

Todas concordaram com a cabeça. Boq e Avaric, se despedindo, disseram que o grupo se reuniria no pub em Regent's Parade. As meninas concordaram em encontrar com eles depois da entrevista com a diretora. Elas fariam uma homenagem mais honesta a Ama Clutch no Peach and Kidneys.

Quando a pequena multidão se dispersou, sobrando apenas Grommetik retirando os copos e as migalhas, a própria Madame Morrorosa fez um fogo – um gesto de companheirismo perdido – e mandou Grommetik embora.

– Mais tarde, coisinha, mais tarde. Vá se lubrificar em algum armário por aí.

Grommetik se afastou sobre rodas com, se isso era possível, um ar ofendido. Elfaba teve que reprimir uma vontade súbita de chutá-lo com a ponta de sua bota preta pesada.

– Você também, Babá – ordenou Madame Morrorosa. – Uma pequena pausa nas suas tarefas.

– Oh, não – respondeu Babá. – Babá não se afasta de Nessa.

– Se afasta, sim. A irmã dela é perfeitamente capaz de cuidar dela – retrucou a diretora. – Não é, senhorita Elfaba? A própria alma da caridade.

Elfaba abriu a boca – a palavra *alma* sempre a provocava, Glinda sabia –,

mas a fechou outra vez. Ela fez um sinal com a cabeça indicando a porta. Sem uma palavra, Babá se levantou para sair, mas, antes de a porta se fechar atrás dela, comentou:

– Não é tarefa minha reclamar, mas, sério: nada de creme? Em um funeral?

– Socorro – disse Madame Morrorosa quando a porta se fechou, mas Glinda não teve certeza se era uma crítica aos serventes ou um pedido de simpatia.

A diretora se recuperou arrumando as saias, as aberturas e as fitas de sua jaqueta. Em lantejoulas de cobre laranja, ela parecia uma deusa dos peixinhos dourados enorme, estufada e erguida. “Como foi que ela conseguiu ser diretora?”, Glinda se perguntou.

– Agora que Ama Clutch virou cinzas, precisamos, não, devemos continuar com bravura – começou Madame Morrorosa. – Minhas meninas, posso pedir que me contem a triste história de suas últimas palavras? É uma terapia essencial na sua recuperação do luto.

As meninas não se entreolharam. Glinda, que nestas situações era porta-voz, inspirou e disse:

– Ah, ela só falou bobagens até o fim.

– Não é de surpreender, pobre velhinha... Mas que tipo de bobagem?

– Não conseguimos entender – respondeu Glinda.

– Imaginei se ela falou algo sobre a morte do Bode.

– Oh, o Bode? Bem, eu não saberia dizer... – disse Glinda.

– Suspeitei que, em sua condição demente, ela pudesse retornar àquele momento crítico. Pessoas que estão morrendo muitas vezes tentam achar um sentido, no último momento possível, para os enigmas de suas vidas. Um esforço inútil, claro. Sem dúvida Ama Clutch estava intrigada pelo que viu: o corpo do Bode, o sangue. E Grommetik

– É? – indagou Glinda em um tom fraco. As irmãs ao lado dela tomaram cuidado para não se mexer.

– Naquela manhã terrível eu acordei cedo... estava nas minhas meditações espirituais... e percebi a luz no laboratório do doutor Dillamond. Por isso, enviei Grommetik com um animado bule de chá para o velho Bode. Grommetik encontrou o animal caído sobre uma lente quebrada; ele aparentemente tropeçou e feriu a própria veia jugular. Um acidente muito triste, provocado pelo zelo acadêmico, para não dizer excesso de confiança, e uma lamentável falta de bom senso. Descanso, todos nós precisamos de descanso, os mais brilhantes de nós precisam de descanso. Grommetik, confuso, tentou sentir o pulso, mas não havia nenhum, e suponho que foi bem nessa hora que Ama Clutch chegou. E viu o querido Grommetik salpicado com o jorro de um forte pulso circulatório. Ama Clutch chegou do nada e não era da conta dela, devo acrescentar, mas não vamos amaldiçoar sua morte, não é mesmo?

Glinda engoliu novas lágrimas e não mencionou que Ama Clutch havia dito que viu alguma coisa incomum na noite anterior e saiu para verificar.

– Eu sempre achei que o choque de todo aquele sangue pode ter sido a última gota que provocou o retorno da doença de Ama Clutch. Incidentalmente, vocês podem ver por que dispensei Grommetik agora mesmo. Ele ainda está

muito sensível e suspeita, creio eu, que Ama Clutch pensava que *ele* era responsável pelo assassinato do Bode.

– Madame Morrorosa – começou Glinda hesitante –, deveria saber que Ama Clutch nunca teve essa doença que descrevi para a senhora. Eu a inventei. Mas não a determinei. Eu não a atribuí a ela, nem ela à doença.

Elfaba olhava para Madame Morrorosa com firmeza, mantendo discreto seu interesse. As pestanas de Nessarose piscavam. Se a Madame Morrorosa já sabia disso, seu rosto não demonstrou. Ela parecia plácida como um barco a remo acorrentado.

– Bem, isso só reforça minhas observações – soltou ela. – Há um poder imaginativo, até mesmo profético, no seu pequeno cérebro destacado, senhorita Glinda.

A diretora se levantou, com as saias farfalhando, como o vento num campo de trigo.

– O que vou dizer agora é na mais estrita confiança. Espero que minhas meninas obedeçam ao meu comando. Estamos combinadas? – Ela pareceu aceitar o silêncio atônito como concordância. Olhou, superior, para as meninas. “É por isso que ela se parece tanto com um peixe”, pensou Glinda de repente. Ela quase nunca pisca. – Por uma autoridade alta demais para ser identificada, fui incumbida de uma tarefa crucial. Uma tarefa essencial para a segurança interna de Oz. Tenho trabalhado para cumprir essa tarefa há alguns anos, e o momento é adequado, e os bens estão à minha disposição. – A diretora as examinou. Elas eram os bens. – Vocês não repetirão o que ouvirem nesta sala. Vão querer, vão decidir falar e não conseguirão. Envolvi cada uma de vocês num casulo de prisão em relação a este assunto. Não – ela ergueu uma das mãos ao protesto de Elfaba –, você não tem o direito de contestar. O ato já foi consumado e vocês devem ouvir e estar abertas ao que vou dizer.

Glinda tentou examinar a si mesma para ver se estava se sentindo embolada ou presa ou com algum encanto. Mas só se sentiu assustada e jovem, o que pode ser a mesma coisa. Ela olhou para as irmãs. Nessarose, em seus sapatos ofuscantes, estava recostada na cadeira, com as narinas dilatando de medo ou empolgação. Elfaba, por outro lado, parecia impassível e irritada como sempre.

– Vocês vivem em um abrigo seguro aqui, um pequeno ninho apertado, menina com menina. Ah, eu sei que vocês têm seus garotos estúpidos lá fora, coisas sem importância. Só servem para uma coisa e nem são confiáveis nisso. Mas estou divagando. Devo dizer que sabem pouco ou nada sobre a situação da nação hoje. Vocês não têm ideia da intranquilidade à qual as coisas chegaram. Comunidades no limite, grupos étnicos se enfrentando, banqueiros contra fazendeiros e fábricas contra lojistas. Oz é um vulcão borbulhante ameaçando entrar em erupção e nos queimar com seu pus venenoso.

“Nosso Mágico parece forte o suficiente. Ah, mas será que ele é? De verdade? Ele tem o domínio da política interna. Ele não é negligente para negociar taxas com os sanguessugas de Ev ou Jemmicoe ou Fliaan. Ele governa a Cidade das Esmeraldas com uma dedicação e uma capacidade que a linhagem decadente e esnobe de Ozma jamais imaginou. Sem ele, teríamos sido varridos na explosão, anos atrás. Só podemos ser gratos. Um pulso firme faz maravilhas

em situações podres. Ande suavemente, mas carregue uma vara. Bem, um homem é sempre bom para a face pública do poder, não?

“Sim. Mas as coisas nem sempre são como parecem. E está claro há algum tempo que a sacola de truques do Mágico não vai funcionar para sempre. Estão para acontecer revoltas populares, do tipo estúpido e sem sentido, no qual pessoas burras e fortes gostam de morrer em nome de mudanças políticas que serão implementadas depois de uma década. Isso dá sentido a vidas sem sentido, não acham? Não dá para imaginar outro motivo para isso. De qualquer maneira, o Mágico precisa de alguns agentes. Ele exige alguns gerais. No longo prazo. Pessoas com habilidades gerenciais. Pessoas com iniciativa.

“Em uma palavra: mulheres. Chamei vocês três aqui. Vocês ainda não são mulheres, mas a situação está se fechando sobre vocês, mais rápido do que imaginam. Apesar da minha opinião sobre seu comportamento, tive de escolhê-las. Vocês têm mais do que aparentam. Senhorita Nessarose, sendo a mais nova, você é a mais escondida de mim, mas, depois de se livrar desse hábito encantador da fé, vai demonstrar uma autoridade cruel. Seu problema físico não é significativo aqui. Senhorita Elfaba, você é uma solitária, e mesmo com meu encanto de aprisionamento, fica sentada aí desprezando cada palavra que eu digo. Isso é uma prova de um grande poder interno e força de vontade, algo que respeito profundamente, mesmo quando voltado contra mim. Você não demonstrou nenhum interesse em feitiçaria, e não acredito que tenha alguma aptidão natural. Mas seu esplêndido espírito de lobo solitário pode ser canalizado, ah, pode, sim, e você não vai precisar ter uma vida de fúria não realizada. E, senhorita Glinda: você se surpreendeu com os talentos de feitiçaria que tem. Eu sabia que isso ia acontecer. Tive esperanças de que suas inclinações pudessem influenciar a senhorita Elfaba, mas o fato de não ter influenciado só é mais uma prova do caráter de ferro dela.

“Vejo nos olhos de vocês que estão questionando meus métodos. Pensam, com certa selvageria: será que Madame Morrorosa fez aquele prego entrar no pé da minha Ama Clutch, me obrigando a ficar no quarto com Elfaba? Será que ela fez Ama Clutch descer as escadas e encontrar o Bode morto, no mínimo para tirá-la do caminho e fazer com que Babá e, portanto, Nessarose aparecessem na cena? É muito lisonjeiro vocês acharem que tenho tal poder.”

A diretora fez uma pausa e quase corou, o que, no caso dela, era algo como a nata do creme em uma chama muito alta.

– Sou uma criada a serviço de superiores – continuou ela – e meu talento especial é encorajar o talento. Do meu jeitinho, fui chamada para a vocação da educação, e aqui eu dou minhas pequenas contribuições para a história. Agora, sendo mais específica. Quero que vocês pensem em seus futuros. Eu gostaria de nomeá-las, de batizá-las como um trio de Adeptas. No longo prazo, eu gostaria de atribuir a vocês tarefas ministeriais por baixo dos panos em diferentes partes do país. Recebi poder para isso, lembrem-se, daqueles cujas botas não sou digna de lambar.”

Mas ela parecia orgulhosa, como se se achasse bem digna, na verdade, da atenção dessas forças misteriosas.

– Digamos que vocês serão parceiras secretas do mais alto nível do

governo. Serão embaixadoras anônimas da paz, ajudando a contar os elementos perturbadores entre nossas populações menos civilizadas. Nada está decidido ainda, claro, e vocês têm direito a opinar sobre o assunto, para mim, e não uma para outra nem ninguém mais, graças ao encanto, mas eu gostaria que pensassem nisso. Preciso, em algum momento, colocar uma Adepta em algum lugar de Gillikin. Senhorita Glinda, com sua posição social de classe média e suas ambições transparentes, você pode se esgueirar em salões de baile de nobres e ainda estar em casa nos currais. Ah, não se *contorça* tanto, seu sangue bom é só de um lado, e não é de uma linhagem terrivelmente refinada, de qualquer maneira. A Adepta de Gillikin, senhorita Glinda? O que acha?

Glinda só podia ouvir.

– Senhorita Elfaba – continuou Madame Morrorosa –, cheia do desprezo adolescente pela posição herdada, apesar de tudo você é a Terceira Descendente dos Thropp, e seu bisavô, o Eminent Thropp, está senil. Um dia você vai herdar o que restou de Solos de Colwen, aquela pilha pretensiosa em Pedras do Ninho, e pode ser a Adepta de Munchkinlândia. Apesar de sua infeliz condição na pele, ou na verdade, talvez por causa dela, você desenvolveu uma agressividade e uma iconoclastia que é apenas ligeiramente atraente quando não provoca náuseas. Isso será de grande utilidade. Acredite em mim.

“E, senhorita Nessarose, tendo crescido na província de Quadling, vai querer voltar para lá com Babá. A situação social na província está uma bagunça, apesar da dizimação da população de sapos esmagados, mas pode retornar, em proporção menor, e deve haver alguém para supervisionar as minas de rubi. Precisamos de alguém para cuidar das coisas no Sul. Depois que você se recuperar da mania religiosa, será perfeita. Você não espera uma vida na alta sociedade, de qualquer maneira; não sem ter os braços. Afinal, como é possível dançar sem braços?

“Quanto a Vinkus, não imaginamos precisar de uma Adepta alocada lá, pelo menos não no nosso tempo de vida. Os planos gerais erradicaram qualquer população apreciável naquele local esquecido.”

Neste momento, a diretora fez uma pausa e olhou ao redor.

– Ah, meninas, sei que vocês são jovens. Sei que isso as entristece. Não devem pensar nisso como uma sentença de prisão, no entanto, e sim como uma oportunidade. Perguntem a si mesmas: como posso crescer em uma posição de proeminência e responsabilidade, apesar de silenciosa? Como meus talentos podem florescer? Como, minhas queridas, como posso ajudar minha Oz?

Os pés de Elfaba se torceram, alcançando a borda de uma mesinha lateral, e uma xícara com pires caiu no chão e se espatifou.

– Você é tão previsível – comentou Madame Morrorosa, suspirando. – É isso que torna meu trabalho tão fácil. Agora, meninas, presas como estão a um encanto de aprisionamento, peço que saiam e pensem no que eu disse. Por favor, nem tentem discutir isso juntas, pois terão dores de cabeça e cólicas. Vocês não vão aguentar. Em algum momento do próximo semestre, vou trazê-las aqui para me darem uma resposta. E, se escolherem não ajudar seu país neste momento de necessidade... – Ela cruzou as mãos fingindo desespero. – Bem, vocês não são os únicos peixes no mar, não é mesmo?

A tarde tinha se tornado escura, com nuvens roxas ao norte, além das torres e campanários de arenito azul-acinzentado. A temperatura havia caído vinte graus desde a manhã, e as meninas mantinham seus xales junto ao corpo enquanto caminhavam até o pub. Babá, tremendo no vento sujo, gritou:

– E o que a velha bisbilhoteira tinha a dizer que eu não tinha permissão para ouvir?

Mas não havia nada que elas pudessem dizer. Glinda não conseguiu nem encarar o olhar das outras.

– Vamos brindar a Ama Clutch com uma taça de champanhe – disse Elfaba finalmente –, quando chegarmos ao Peach and Kidneys.

– Vou pedir um pote de creme de verdade – ironizou Babá. – Aquela velha é muito pão-dura. Não respeita os mortos.

Mas Glinda descobriu que o encanto de aprisionamento era mais profundo e mais sério do que ela imaginava. Não era apenas que elas não conseguiam falar no assunto. Ela já havia começado a perder as palavras sobre o assunto, a falhar no raciocínio, a não conseguir se lembrar da entrevista. Havia uma proposta. Era uma proposta, não era? De uma oferta questionável (será?) no serviço civil? Fazer alguma coisa – dançar no salão de baile, o que não fazia sentido. Algumas risadas, uma taça de champanhe, um homem bonito falando em roupas elegantes e pressionando os punhos engomados contra o pescoço dela, mordiscando os rubis em forma de gota nas orelhas dela... Fale com suavidade, mas carregue uma vara. Ou não era uma proposta, e sim uma profecia? Um pequeno encorajamento amigável sobre o futuro? E ela havia estado sozinha, as outras não estavam ouvindo. A Madame Morrorosa tinha falado diretamente com ela. Uma agradável declaração sobre o potencial de Glinda. A chance de crescer. Ande com suavidade, mas se case com um varão idiota. Um homem drapeando sua gravata da noite sobre o estrado da cama e rolando suas abotoaduras de diamante, cutucando-as com o nariz, pelo declive do pescoço dela... Era um sonho, a Madame Morrorosa não podia ter dito aquilo! Ela devia estar confusa com o luto. Pobre Ama Clutch. Tinha recebido apenas uma palavra silenciosa da querida e discreta diretora, que achou difícil falar em público. Mas a língua de um homem entre suas pernas, um pote de creme de açafrão...

– Pegue-a, não consigo, estou... – falou Nessarose e afundou contra o seio da Babá, e Glinda desmaiou ao mesmo tempo.

Elfaba estendeu seus braços fortes e a agarrou no meio do colapso. Glinda não perdeu a consciência de fato, mas a proximidade física desconfortável de Elfaba com seu rosto de falcão depois do indesejado ato de desejo a fez querer estremecer de repulsa e ronronar ao mesmo tempo.

– Firme, garota, aqui não, resista, vamos! – Resistir era exatamente o que Glinda não queria fazer. Mas, afinal, na sombra de um carrinho de maçã, à beira do mercado onde comerciantes estavam vendendo barato os últimos peixes do dia, bem, este não era o local. – Pele dura, dura – falou Elfaba, aparecendo para arrancar as palavras de sua garganta. – Vamos lá, Glinda... você tem um cérebro melhor... vamos! Eu te amo tanto, saiba disso, sua idiota!

– Sério? – perguntou ela quando Elfaba a derrubou sobre uma pilha de palha de embalagem. – Não precisa ser tão romântica! – Mas ela se sentia melhor,

como se uma onda de mal-estar tivesse acabado de passar.

– Garotas, estou falando, os desmaiados, eles vêm desses sapatos apertados – comentou Babá, bufando e soltando o glamoroso sapato de Nessarose. – Pessoas sensíveis usam couro ou madeira.

Ela massageou o peito do pé de Nessarose por um minuto, e Nessarose gemeu e arqueou as costas, mas em poucos instantes começou a respirar mais normalmente.

– Bem-vinda de volta a Oz – disse Babá depois de um tempo. – Que gostosuras vocês estavam beliscando, lá dentro com a diretora?

– Vamos, eles estão esperando – desconversou Elfaba. – Não faz sentido perder tempo. Além do mais, acho que pode chover.

No Peach and Kidneys, o restante do grupo havia conseguido uma mesa em uma alcova vários degraus acima do piso principal. Todos já estavam apegados aos copos, e estava claro que algumas lágrimas tinham sido derramadas. Avaric estava sentado de um jeito desengonçado contra a parede de tijolos da caverna dos estudantes, um braço pendurado em Fiyero e as pernas esticadas no colo de Shenshen. Boq e Crope estavam argumentando sobre alguma coisa, qualquer coisa, e Tibbett estava cantando uma música interminável para Pfannee, que parecia querer enfiar um dardo na coxa dele.

– Ah, as meninas – anunciou Avaric com a língua enrolada, e fez que ia se levantar.

Eles cantaram, conversaram e pediram sanduíches, e Avaric jogou um punhado de moedas sobre a mesa para exigir uma bandeja de creme de açafrão em homenagem a Ama Clutch. O dinheiro fazia milagres, e o creme foi encontrado na despensa, o que deixou Glinda desconfortável, embora não soubesse por quê. Eles serviram o creme aerado nas bocas uns dos outros, fizeram esculturas com ele, misturaram no champanhe, jogaram pequenos pedaços uns nos outros até que o gerente se aproximou e os mandou embora. Eles reclamaram, grunhindo. Não sabiam que era a última vez que todos estariam juntos, senão teriam ficado um pouco mais.

Uma chuva refrescante tinha chegado e sumido, mas as ruas ainda estavam ruidosas com o escoamento, e as luzes cintilavam e dançavam nas curvas negras prateadas de água presa nas pedras. Imaginando possíveis bandidos nas sombras ou um mendigo faminto espreitando por ali, eles ficaram bem próximos.

– Tenho uma ideia – disse Avaric, colocando um pé numa direção e outro na direção oposta, como se fosse flexível como um espantalho. – Quem é macho o suficiente para o Clube de Filosofia hoje à noite?

– Ah, não, nada disso – respondeu Babá, que não tinha bebido muito.

– Eu quero ir – reclamou Nessarose, balançando mais do que o normal.

– Você nem sabe o que é – comentou Boq, dando risadinhas e soluçando.

– Não me importa, eu não quero ir embora hoje à noite – argumentou Nessarose. – Só temos uns aos outros, e não quero ser deixada de fora, e não quero ir para casa!

– Calma, Nessa, calma, minha linda – falou Elfaba. – Esse não é um lugar para você, nem para mim. Venha, vamos para casa. Glinda, vamos.

– Não tenho Ama agora – retrucou Glinda com os olhos arregalados,

apontando um dedo em direção a Elfaba. – Sou minha própria agente. Quero ir ao Clube de Filosofia e ver se é verdade.

– O resto pode fazer o que quiser, mas nós vamos para casa – concluiu Elfaba.

Glinda desviou em direção a Elfaba, que estava mirando em um Boq com aparência muito incerta.

– Então, Boq, você não quer ir àquele lugar nojento, quer? – perguntava Elfaba. – Vamos lá, não deixe os meninos obrigarem você a fazer algo que não quer.

– Você não me conhece – disse ele, parecendo se dirigir ao poste. – Elfinha, como você sabe o que eu quero? Se nem eu sei? Hein?

– Venha com a gente – insistiu Fyiero. – Por favor, se pedirmos com educação?

– Eu também quero ir – reclamou Glinda.

– Ah, vamos, Glindinha – pediu Boq –, talvez eles nos escolham. Pelos velhos tempos, como nunca.

Os outros já tinham combinado com um motorista de táxi.

– Boq, Glinda, Elfinha, vamos – chamou Avaric pela janela. – Onde está sua coragem?

– Boq, pense bem – alertou Elfaba.

– Sempre penso, nunca sinto, nunca vivo – reclamou ele. – Não posso viver de vez em quando? Só uma vez? Só porque sou baixinho não quer dizer que sou uma criança, Elfinha!

– Não até agora – respondeu Elfaba.

Um tanto bajuladora hoje à noite, pensou Glinda, e se afastou para entrar no táxi. Mas Elfaba a agarrou pelo cotovelo e a fez rodopiar.

– Você não pode – sussurrou. – Vamos à Cidade das Esmeraldas.

– Vou ao Clube de Filosofia com meus amigos...

– Hoje à noite – sibilou Elfaba. – Sua idiota, não temos tempo para desperdiçar com sexo!

A Babá já havia afastado Nessarose, e o motorista de táxi puxou as rédeas e o comboio partiu. Glinda tropeçou e disse:

– O que você pensa que estava prestes a dizer? Hein?

– Eu já disse e não vou dizer outra vez – retrucou Elfaba. – Minha querida, eu e você vamos voltar a Crag Hall apenas para fazer as malas. E partiremos.

– Mas os portões estarão trancados...

– Por cima dos muros do jardim. E vamos ver o Mágico, aconteça o que acontecer e dane-se.

Boq não acreditava que finalmente estava indo ao Clube de Filosofia. Ele esperava não vomitar em um momento crucial. Esperava se lembrar da coisa toda amanhã, ou pelo menos de uma parte, apesar da dor de cabeça que se formava vingativamente em suas têmporas.

O local era discreto, apesar de ser a espelunca mais conhecida de Shiz. Ficava escondido atrás de uma fachada de janelas almofadadas. Alguns Macacos vagavam pela rua em frente, afastando encenqueiros. Avaric contou o grupo com cuidado quando eles caíram do táxi.

– Shenshen, Crope, eu, Boq, Tibbett, Fiyero e Pfannee. Sete. Nossa, comooubemos no táxi, acho que mal cabia todo mundo. – Ele pagou ao motorista e lhe deu uma gorjeta, em uma obscura homenagem a Ama Clutch, e liderou o silencioso grupo de companheiros. – Venham, temos a idade certa e estamos no nível certo de bebedeira. – Depois se dirigiu ao rosto obscuro na janela: – Sete. Somos sete, bom senhor.

O rosto se aproximou do vidro e o olhou de soslaio.

– O nome é Yackle, e não sou senhor nem sou bom. Que tipo deseja hoje, mestre Companheiro? – Falando através da tela estava uma velha encarquilhada, com dentes esparsos e uma peruca rosa esbranquiçada brilhante caindo para o lado de seu escalpo perolado.

– Tipo? – indagou Avaric, depois continuou com mais coragem: – Qualquer tipo.

– Estou falando dos ingressos, pãozinho. Pavonear-se e desafinar no piso inferior ou caçar prostitutas nas velhas adegas?

– Tudo a que tenho direito – respondeu Avaric.

– Vocês conhecem as regras da casa? As portas trancadas, a política de pagou-levou?

– Pode nos dar sete, e rápido. Não somos tolos.

– Vocês nunca são tolos – falou a mulher bruta. – Bem, aqui está, e seja o que quiser. Ou quem quiser. – Ela adotou uma posição virtuosa, como a pintura de uma santa virgem conservadora. – Entrem e cuidem-se.

A porta se abriu e eles desceram um lance de degraus de tijolo desiguais. Na parte de baixo havia um anão com um manto roxo. Ele olhou os bilhetes e disse:

– De onde vocês, molengos, são? De fora da cidade?

– Somos todos da universidade – respondeu Avaric.

– Um grupo variado. Bem, vocês têm bilhetes de sete de ouros. Estão vendo aqui, os sete símbolos de ouros impressos aqui e aqui. Tomem um drinque por conta da casa, assistam ao show das meninas e dancem um pouco, se quiserem. A cada hora, mais ou menos, eu fecho esta porta para a rua e abro a próxima. – Ele apontou para uma enorme porta de carvalho, trancada com duas toras monstruosas sobre ferrolhos de ferro. – Vocês todos entram juntos ou ninguém entra. Essa é a regra da casa.

Havia uma cantora entoando uma versão de “O que é Oz sem Ozma”, e fazendo movimentos provocantes com um boá de penas de papagaio coloridas. Uma pequena banda de elfos – elfos de verdade! – tocava para acompanhá-la. Boq nunca tinha visto um elfo, embora houvesse uma colônia deles não muito longe de Margens Agitadas.

– Que estranho – disse ele, se aproximando devagar. Eles pareciam macacos sem pelos, nus exceto por pequenas boinas vermelhas, e sem nenhuma característica sexual apreciável. Eram verdes como o pecado. Boq se virou para dizer “Olhe, Elfinha, é como se fossem bebês”, mas não a viu e se lembrou que ela não tinha ido com eles. Nem Glinda, aparentemente. Que droga.

Eles dançaram. A multidão era a mais misturada que Boq já viu desde algum tempo atrás. Havia Animais, seres humanos, anões, elfos e várias coisas de gênero incompleto ou experimental. Um esquadrão de rapazes louros fortões circulava com barris de vinho de abóbora de má qualidade, que os amigos beberam porque era grátis.

– Não sei se quero ousar mais do que isso – comentou Pfanee em certo momento. – Quero dizer, olhe aquela babuína atrevida que está quase sem o vestido. Talvez devêssemos parar por aqui.

– Você acha? – indagou Boq. – Quero dizer, estou caçando, mas, se você estiver desconfortável... – Ufa, até que enfim, um jeito de escapar. Ele também estava se sentindo desconfortável. – Bem, vamos chamar Avaric. Ele está ali xeretando com Shenshen.

Mas, antes que eles conseguissem atravessar a pista de dança lotada, os elfos começaram a emitir um grito agudo de banshees, e a cantora inclinou os quadris e disse:

– Esse é o grito de acasalamento, queridos! Senhoras e senhores! Nós vamos fazer, e realmente quero dizer fazer – ela olhou para um bilhete na mão – cinco de paus preto, três de paus preto, seis de copas vermelho, sete de ouros vermelho e... em sua lua de mel, que fofo... – ela fingiu vomitar – dois de espadas preto. Dirijam-se à felicidade eterna, moranguinhos e galinhos.

– Avaric, não – falou Boq.

Mas a anciã da frente, que se chamava Yackle, veio agitando pelo salão – aparentemente depois de trancar a porta da frente por um tempo – e se lembrava de todos os proprietários das cartas designadas, provocando-os com um sorriso.

– Todos os jogos, todos os jogadores, estejam prontos – anunciou ela –, pois aqui estamos, na parte inferior da noite! Relaxem, companheiros, não é um funeral, é diversão!

Boq lembrou que tinha sido um funeral, tentando invocar o espírito aconchegante e discreto de Ama Clutch. Mas o momento de recuar, se é que existia, tinha passado.

Eles foram empurrados pela porta de carvalho e ao longo de uma passagem ligeiramente inclinada, cujas paredes eram acolchoadas com veludo vermelho e azul. Uma música alegre vinha de longe, uma melodia dançante. Um cheiro de folhas assando – doce e suave, quase dava para ouvi-las encurvando as pontas arroxeadas. Yackle ia na frente, e os 23 festeiros seguiam em procissão, em um estado confuso de apreensão, euforia e imaginação. O anão ia atrás. Boq

avaliava os companheiros da melhor maneira que sua mente trôpega conseguia. Um Tigre ereto em botas até a coxa e uma capa. Alguns banqueiros e suas consortes da noite, todos usando máscaras negras: como proteção contra chantagem ou como afrodisíaco? Um grupo de mercadores de Ev e Fliaan, na cidade a trabalho. Algumas mulheres com dentes um tanto longos, enfeitadas com joias falsas. O casal da lua de mel era de Glikkus. Boq esperava que a multidão não estivesse tão de boca aberta quanto os glikkus. Quando olhou ao redor, apenas Avaric e Shenshen pareciam entusiasmados – e Fiyero, possivelmente porque ainda não tinha entendido o que estava acontecendo. Os outros pareciam mais do que um pouco melindrados.

Eles entraram em um pequeno anfiteatro escuro, com espaço para o público dividido em seis cabines. Acima, o teto estava perdido em uma escuridão empedrada. Velas finas tremulavam, e uma música deprimente saía de fissuras na parede, aumentando o ar sobrenatural de perturbação e afastamento. As cabines circulavam e eram viradas para o palco central, que estava envolto em cortinas pretas. As cabines eram separadas umas das outras por tiras verticais de madeira e lâminas de espelho. Todos os grupos foram misturados, todos os amigos e parceiros separados. Havia incenso no ar também? Parecia dividir a mente de Boq ao meio, como uma casca, e permitir que uma mente mais delicada e complacente emergisse. O aspecto mais suave, mais vulnerável, a intenção mais privada, o eu rendido.

Ele sentia que sabia cada vez menos, e era cada vez mais bonito fazer isso. Por que tinha se preocupado? Ele estava sentado em um banquinho e, ao redor dele, na cabine, também estavam, de modo quase sobrenatural, um homem de máscara negra, uma Serpente que ele não tinha notado antes, o Tigre cujo hálito estava quente e substancial no seu pescoço, uma bela estudante – ou será que era a noiva em lua de mel? A cabine inteira se moveu para a frente, como uma caçamba gentilmente balançada? De qualquer maneira, eles se inclinaram juntos em direção ao palco central, um altar de véus e sacrifícios. Boq soltou o colarinho e depois o cinto, sentiu o apetite picante entre o coração e o estômago e o resultante endurecimento do aparato abaixo deles. A música de flautas e apitos estava diminuindo, ou será que, conforme ele observava e esperava e respirava tão, tão devagar, a área secreta dentro dele se libertou, onde nada mais importa?

O anão, com um capuz mais escuro, apareceu no palco. Ele podia ver, de seu ponto privilegiado, todas as cabines, mas os festeiros em cabines separadas não conseguiam ver uns aos outros. O anão se inclinou e estendeu uma das mãos aqui, ali, dando boas-vindas, acenando. Ele encorajou, de uma cabine, a figura de uma mulher, de outra um homem (seria Tibbett?) e da cabine onde Boq estava, ele gesticulou para o Tigre. Boq ficou apenas um pouco triste por não ser escolhido, enquanto observava o anão passar um frasco de fumar sob as narinas dos três acólitos e ajudá-los a tirarem as roupas. Havia algemas e uma bandeja com óleos aromáticos e emolientes, e um baú cujo conteúdo ainda estava nas sombras. O anão amarrou vendas negras ao redor da cabeça dos escolhidos.

O Tigre estava andando de um lado para outro sobre as quatro patas e rosnando suavemente, jogando a cabeça para os lados em agonia ou excitação. Tibbett – porque era ele, apesar de estar quase inconsciente – foi obrigado a

deitar sobre as costas no chão do palco. O Tigre passou por cima dele e ficou parado enquanto o anão e seus assistentes levantavam Tibbett e amarravam seus pulsos juntos, ao redor do peito do Tigre, e seus tornozelos ao redor da pélvis do Tigre, de modo que Tibbett ficou pendurado sob a barriga do Tigre, como um porco atado, com o rosto perdido no pelo do peito do Animal.

A mulher foi colocada em um banco em declive, quase como uma enorme tigela inclinada, e o anão enfiou algo aromático e líquido nas regiões sombrias. Então o anão apontou para Tibbett, que estava começando a se revirar e gemer no peito do Tigre.

– Que X seja o Deus Inominável – anunciou o anão, cutucando Tibbett nas costelas. O anão então bateu no flanco do Tigre com um chicote, e o Tigre se esticou para a frente, posicionando a cabeça entre as pernas da mulher. – Que Y seja o Dragão do Tempo em sua caverna. – O anão bateu de novo no Tigre.

Quando ele amarrou a mulher na meia concha, esfregando os bicos dos peitos com um unguento brilhante, lhe deu um chicote com o qual ela podia bater nos flancos e no rosto do Tigre.

– E que Z seja a Bruxa Kumbric, e que possamos descobrir se ela existe hoje à noite...

A multidão se aproximou, quase virando participantes, e o sentido almiscarado de aventura fez com que arrancassem os próprios botões e mordessem os próprios lábios, se aproximando cada vez mais.

– Essas são as variáveis da nossa equação – falou o anão quando o cômodo ficou ainda mais escuro. – Então, agora, que o verdadeiro estudo clandestino do conhecimento comece.

Os industriais de Shiz, de um cauteloso estágio inicial do crescente poder do Mágico, tinham decidido não instalar as linhas ferroviárias de Shiz à Cidade das Esmeraldas conforme planejado originalmente. Portanto, era uma jornada de uns três dias de Shiz à Cidade das Esmeraldas – e isso era com o melhor clima, pois os ricos podiam pagar por uma mudança constante de cavalos. Para Glinda e Elfaba, levou mais de uma semana. Uma semana sombria e fria, conforme os ventos do outono arrancavam as folhas das árvores com um grito seco e uma rajada dos ramos secos que protestavam.

Elas descansavam, como outros viajantes da terceira classe, nos quartos de fundos sobre as cozinhas das estalagens. Em uma única cama irregular, elas se enroscavam juntas para se aquecer e ter coragem e, Glinda disse a si mesma, proteção. Os cavaleiros arrulhavam e gritavam no estábulo abaixo, as serventes da cozinha iam e vinham fazendo barulho em horários estranhos. Glinda começava como se estivesse em um terrível pesadelo e se aninhava perto de Elfaba, que parecia nunca dormir à noite. Durante o dia, nas longas horas passadas em carruagens com molas defeituosas, Elfaba recostava a cabeça no ombro de Glinda. A terra do lado de fora ficava menos succulenta e variada. As árvores estavam amargas, como se tentassem conservar suas forças.

E então o cerrado arenoso foi domesticado pela vida rural. Campos cheios de pastos estavam pontilhados de vacas, as plantas murchas e quebradiças, o mugido desesperado. Um vazio repousava sobre as fazendas. Certa vez, Glinda viu uma fazendeira de pé à porta, as mãos enfiadas fundo nos bolsos do avental, o rosto alinhado com pesar e raiva ao céu inútil. A mulher observou a carruagem passar, e seu rosto demonstrou um anseio de estar ali, de estar morta, de estar em qualquer lugar diferente daquela carcaça de terra.

As fazendas deram lugar a moinhos desertos e granjas abandonadas. Então, abrupta e decidida, a Cidade das Esmeraldas se elevou diante delas. Uma cidade de insistência, de declaração universal. Não fazia sentido, ocupando o horizonte, surgindo como uma miragem nas planícies sem personalidade do centro de Oz. Glinda a odiou no instante em que a viu. Uma cidade com ímpeto arrogante. Ela supôs que fosse sua superioridade gillikin se afirmando. Ficou satisfeita com isso.

A carruagem passou por um dos portões ao norte, e a mistura de vida surgiu outra vez, mas com um toque urbano, menos restrita e autopiadosa do que em Shiz. A Cidade das Esmeraldas não distraía a si mesma, nem considerava a distração uma atitude apropriada a uma cidade. Sua grande autoapreciação brotava nos espaços públicos, praças cerimoniais, parques, fachadas e piscinas espelhadas.

– Que juvenil, que falta de ironia – murmurou Glinda. – A pompa, a pretensão!

Mas Elfaba, que só havia passado pela Cidade das Esmeraldas uma vez, a caminho de Shiz, não tinha interesse na arquitetura. Seus olhos estavam grudados nas pessoas.

– Nenhum Animal à vista – comentou ela. – Talvez estejam todos no subsolo.

– Subsolo? – indagou Glinda, pensando em ameaças lendárias, como o Rei Nome e sua colônia subterrânea, ou anões em suas minas em Glikkus, ou no Dragão do Tempo dos velhos mitos, sonhando o mundo de Oz em sua tumba sem ar.

– Escondidos – disse Elfaba. – Veja, os pobres, quero dizer, eles são os pobres? Os famintos de Oz? Das fazendas fracassadas? Ou são apenas os... os excedentes? Os selvagens humanos descartáveis? Olhe para eles, Glinda, esta é uma pergunta real. Os quadlings não tinham nada, pareciam... mais... que esses...

A margem do bulevar onde elas caminhavam, com becos ramificados, onde prateleiras de lata e papelão serviam de telhados para a inundação de indigentes. Muitos eram crianças, embora alguns fossem os minúsculos munchkins e alguns fossem anões e alguns fossem gillikins encolhidos de fome e tensão. A carruagem se movia lentamente e os rostos se destacavam. Um jovem glikku sem dentes e sem pés nem cabelo, sobre os joelhos atarracados em uma caixa, pedindo esmola. Um quadling.

– Veja, um quadling! – falou Elfaba, agarrando o punho de Glinda.

Glinda viu de relance uma mulher morena avermelhada com um xale, erguendo uma pequena maçã para a criança pendurada num lenço em seu pescoço. Três meninas gillikins vestidas como mulheres para contratar. Mais crianças em bando, correndo e se esgoelando como porquinhos, empurrando um mercador para roubar seus bolsos. Mercadores maltrapilhos com carroças. Vendedores em quiosques cujas mercadorias ficavam trancadas debaixo de grades de ferro. E um tipo de exército civil, se é que se pode chamar assim, marchando em grupos de quatro a cada duas ou três ruas, brandindo porretes e espadas.

Elas pagaram ao condutor da carruagem e caminharam com seus pacotes de roupas em direção ao palácio. Ele se destacava, de maneira altiva: uma montanha de cúpulas e minaretes, escoras altas reluzentes em mármore verde, grades de ágata azul nas janelas recuadas. Centrais e mais proeminentes, as amplas abóbadas sutilmente encurvadas do pagode se erguiam sobre a Sala do Trono, cobertas com escadas de ouro virgem batido, brilhante na penumbra do fim de tarde.

Cinco dias depois, elas tinham conseguido passar pelo guardião, pelas recepcionistas e pela secretária social. Elas ficaram sentadas por horas, esperando uma entrevista com o Comandante-Geral de Audiências. Elfaba, com um olhar duro e torto no rosto, conseguira expulsar as palavras “Madame Morrorosa” através dos lábios travados.

– Amanhã às onze – disse o Comandante-Geral. – Vocês terão quatro minutos entre o Embaixador de Ix e a Matrona da Brigada de Cuidados Sociais do Lar de Proteção às Senhoras. O traje exigido é formal. – Ele estendeu para elas um cartão de regulamentos; se não estivessem equipadas com vestidos da corte,

seriam ignoradas.

Às três horas da tarde do dia seguinte (com tudo atrasado), o Embaixador de Ix deixou a Sala do Trono parecendo agitado e rabugento. Glinda afogou as penas amassadas de seu chapéu de viagem pela décima vez e suspirou.

– Agora é você quem vai dizer o que deve ser dito.

Elfaba concordou com a cabeça. Para Glinda, ela parecia cansada, apavorada mas forte, como se fosse formada por ferro e uísque, em vez de ossos e sangue. O Comandante-Geral de Audiências apareceu na porta do salão de espera.

– Vocês têm quatro minutos – avisou ele. – Não se aproximem até que sejam orientadas. Não falem até que sejam solicitadas. Não arrisquem uma observação a não ser que seja para responder a um comentário ou pergunta. Vocês podem se dirigir ao Mágico como “Vossa Alteza”.

– Isso parece bem real para mim. Achei que a realeza tinha sido... – Mas Glinda acotovelou Elfaba para calá-la. No fundo, Elfaba às vezes não tinha bom senso. Elas não tinham chegado tão longe para serem rejeitadas por causa de radicalismo adolescente.

O Comandante-Geral não deu atenção. Quando se aproximaram de um conjunto de portas duplas altas, esculpidas com selos oficiais e outros hieróglifos ocultos, ele mencionou:

– O Mágico não está de bom humor hoje devido a relatos de um tumulto no distrito de Ugabu, no norte da Província de Winkie. Se eu fosse vocês, estaria preparado para o que vou encontrar. – Dois homens austeros abriram as portas e elas atravessaram.

Mas o trono não estava à frente delas. Em vez disso, a antecâmara levava para a esquerda, e através de um arco havia outra, mas em um eixo para a direita, e outra além desta, e mais outra. Era como olhar através do reflexo de um corredor de espelhos opostos uns aos outros; ele se desviava para dentro. Ou, pensou Glinda, como processar as câmaras desviadas de um náutilo. Elas fizeram um circuito por oito ou dez salões, cada um ligeiramente menor que o outro, cada um envolto em uma luz coagulada que caía de painéis chumbados acima. Por fim, as antecâmaras terminavam em um arco que dava em um salão circular cavernoso, mais alto do que largo, e escuro como uma capela. Suportes antigos de ferro fundido apoiavam zigurates de cera moldada queimando com uma profusão de pavios, e o ar estava sufocante e levemente enfarinhado. O Mágico estava ausente, embora elas vissem o trono em um balcão circular, com insetos de esmeralda reluzindo à luz das velas.

– Ele saiu para usar o toalete – disse Elfaba. – Bem, vamos esperar.

Elas ficaram sob o arco, sem ousar ir em frente sem serem convidadas.

– Se temos apenas quatro minutos, espero que estes não contem – disse Glinda. – Quero dizer, precisamos de dois minutos só para chegar até aqui.

– Neste ponto... Shhhhh.

Glinda se calou. Não achava ter ouvido alguma coisa, mas depois não tinha certeza. Não houve mudança que ela pudesse identificar na penumbra, mas Elfaba parecia alerta. Seu queixo estava esticado, o nariz elevado e as narinas abertas, os olhos escuros se estreitando e se arregalando.

– O quê – perguntou Glinda –, o quê?

– O som de...

Glinda não ouvia qualquer som, a menos que fosse o ar quente saindo das chamas para as sombras frias entre abrigos escuros. Ou era o farfalhar de roupões de seda? Será que o Mágico estava se aproximando? Ela olhou para um lado e para outro. Não... havia um farfalhar, uma espécie de sibilo, como fatias de bacon em uma frigideira. As chamas das velas subitamente se dobraram, obedecendo a um vento irritado que saía da área do trono.

Então o balcão ficou salpicado de gotas grossas de chuva, e um tremor de trovão autóctone se insinuou, mais como chaleiras derrubadas do que tímpanos. No trono estava um esqueleto de luzes dançantes; primeiro, Glinda achou que era um relâmpago, mas depois percebeu que eram ossos luminescentes amarrados juntos para parecer vagamente humano, ou pelo menos mamífero. A caixa torácica se abriu como duas mãos irritadas, e uma voz falou na tempestade, não do esqueleto, mas no olho escuro da tempestade, onde o coração da criatura de relâmpago deveria estar, no tabernáculo da caixa torácica.

– Sou Oz, o Grande e Terrível – falou a caixa, e sacudiu a sala com sua tempestade. – Quem são vocês?

Glinda olhou de relance para Elfaba.

– Vá em frente, Elfinha – disse ela, cutucando-a. Mas Elfaba parecia apavorada. Bem, é claro, a chuva. Ela tinha aquela coisa com tempestades.

– Queeeeem sãaaaaaoo vocêeeeees? – urrou a coisa, o Mágico de Oz, o que fosse.

– Elfinha – sibilou Glinda. Depois: – Ah, sua inútil, é só garganta e nenhuma... sou Glinda, de Frottica, se me dá licença, Vossa Alteza, descendente matricialmente dos Arduennas das Terras Altas, e esta, se me dá licença, é Elfaba, a Terceira Descendente dos Thropp de Pedras do Ninho. Se nos dá licença.

– E se eu não der licença? – indagou o Mágico.

– Ah, sério, que criancice – disse Glinda entredentes. – Elfinha, vamos lá, não posso dizer por que estamos aqui!

Mas o comentário banal sobre o Mágico pareceu afastar Elfaba de seu pavor. De pé onde estava, à margem da sala, apertando a mão de Glinda para ter apoio, Elfaba disse:

– Somos alunas da Madame Morrorosa no Crage Hall em Shiz, Vossa Alteza, e estamos de posse de informações vitais.

– Estamos? – indagou Glinda. – Obrigada por me dizer.

A chuvinha pareceu dar uma trégua, embora a sala permanecesse escura como um eclipse.

– Madame Morrorosa, aquele paradigma de paradoxos – falou o Mágico. – Informações vitais sobre ela?

– Não – respondeu Elfaba. – Ou melhor, não devemos interpretar o que ouvimos. A fofoca não é confiável. Mas...

– A fofoca é instrutiva – replicou o Mágico. – Ela nos diz para que lado o vento está soprando. – O vento então soprou na direção das meninas, e Elfaba recuou para evitar os respingos. – Vão em frente, meninas, fofoque.

– Não – enfatizou Elfaba. – Estamos aqui para um negócio mais importante.
– Elfinha! – disse Glinda. – Você quer nos jogar na prisão?
– Quem é você para decidir o que é importante? – rosnou o Mágico.
– Mantenho os olhos abertos – respondeu Elfaba. – Não nos chamou aqui para pedir nossa fofoca; viemos com nossas intenções.

– Como sabem que eu não as chamei?

Bem, elas não sabiam, especialmente depois do que quer que tenha acontecido no chá com a Madame Morrorosa.

– Menos, Elfinha – sussurrou Glinda –, você o está irritando.

– E daí? – perguntou Elfaba. – Eu estou irritada. – E falou alto de novo: – Tenho notícias sobre o assassinato de um grande cientista e um grande pensador, Vossa Alteza. Tenho notícias sobre descobertas importantes que ele estava fazendo, e sua supressão. Tenho muito interesse na busca da justiça e sei que Vossa Alteza também, de modo que as revelações fantásticas do doutor Dillamond o ajudarão a reverter seus recentes julgamentos sobre os direitos dos Animais...

– Doutor Dillamond? – indagou o Mágico. – É disso que vamos tratar?

– Vamos tratar de uma população inteira de Animais sistematicamente privados de seus...

– Conheço o doutor Dillamond e conheço seu trabalho – disseram os ossos reluzentes do Mágico, bufando. – Lixo derivado, não comprovado e enganoso. O que se pode esperar de um Animal acadêmico? Baseado em ideias políticas duvidosas. Empirismo, charlatanismo, tolice. Hipocrisia, desvarios e retórica. Vocês foram levadas pelo entusiasmo dele? Sua paixão Animal? – O esqueleto dançou ou talvez fosse um retorcido de desprezo. – Conheço seus interesses e suas descobertas. Sei pouco do que vocês chamam de “assassinato dele” e não me importo nem um pouco.

– Não sou escrava das emoções – falou Elfaba com firmeza. Ela estava puxando um papel da manga, onde aparentemente ela havia escondido. – Isso não é propaganda, Vossa Alteza. É uma bem-fundamentada Teoria da Inclinação Consciente, é assim que ele chama. E Vossa Alteza ficaria surpresa de conhecer suas descobertas! Nenhum legislador de direita pode se dar ao luxo de ignorar as implicações...

– É tocante que você ache que eu sou de direita – comentou o Mágico. – Pode largar as coisas onde você está. A menos que prefira se aproximar. – A marionete de trovão riu e estendeu os braços. – Minha bichinha?

Elfaba largou os papéis.

– Muito bem, meu Senhor – falou ela em uma voz aguda e pretenciosa. – Devo considerá-lo de direita ou, caso contrário, eu seria obrigada a me unir a um exército contra Vossa Alteza.

– Ah, que inferno, Elfinha – sussurrou Glinda, depois mais alto: – Ela não fala por nós duas, Vossa Alteza, sou uma pessoa independente.

– Por favor – começou Elfaba, ao mesmo tempo rígida e suave, orgulhosa e humilde. Glinda percebeu que nunca havia testemunhado Elfaba querer alguma coisa. – Por favor, senhor. A provação dos Animais é mais do que se imagina. Não é só o assassinato do doutor Dillamond. É essa repatriação forçada, essa...

essa coisificação das Feras livres. Vossa Alteza precisa sair e ver a tristeza. Há rumores de... há uma preocupação de que a próxima etapa seja massacre e canibalismo. Isso não é apenas indignação juvenil. Por favor, senhor. Isso não é uma emoção reprimida. O que está acontecendo é imoral...

– Eu escuto quando qualquer pessoa usa a palavra *imoral* – comentou o Mágico. – Na juventude é ridículo, nos velhos é sentencioso e reacionário e um sinal de alerta precoce de apoplexia. Nos de meia-idade, que mais amam e temem a ideia de vida moral, é hipócrita.

– Se não for imoral, que outra palavra eu poderia usar para dizer errado? – perguntou Elfaba.

– Tente misterioso e depois relaxe um pouco. O importante, minha menininha verde, é que uma menina ou uma aluna ou uma cidadã não deve avaliar o que é errado. Essa é uma tarefa dos líderes, e o motivo pelo qual existimos.

– Mas então nada me impediria de assassiná-lo, se eu não soubesse o que é errado.

– Não acredito em assassinato, nem sei o que significa – gritou Glinda. – *Uhuu*. Vou sair daqui agora, enquanto ainda estou viva.

– Espere – disse o Mágico. – Tenho algo a lhes perguntar.

Elas ficaram paradas. Permaneceram em pé por minutos. O esqueleto cutucou as próprias costelas, brincando com elas como se fossem cordas de uma harpa. Uma música parecida com pedras rolando em um leito de rio. O esqueleto catou os dentes iluminados do maxilar e os sacudiu. Então os jogou no assento do trono, onde eles explodiram em flashes com cores de doces. A chuva escoava por um ralo no chão.

– Madame Morrorosa – começou o Mágico. – Agente provocadora e fofoqueira, amiga e companheira, professora e ministra. Digam-me por que ela as enviou aqui.

– Ela não nos enviou – disse Elfaba.

– Você por acaso sabe o significado da palavra “peão”? – guinchou o Mágico.

– Você sabe o que significa resistência? – devolveu Elfaba.

Mas o Mágico simplesmente riu em vez de matá-las.

– O que ela quer de vocês?

Glinda resolveu falar; já era hora.

– Uma educação decente. Apesar de seus métodos bombásticos, ela é uma administradora capacitada. Não deve ser fácil. – Elfaba a encarava com um olhar esquisito, distorcido.

– Ela já as levou a...?

Glinda não entendeu muito bem.

– Somos apenas secundanistas. Acabamos de começar a especialização. Eu em Feitiçaria, Elfaba em Ciências Naturais.

– Entendo. – O Mágico pareceu pensar. – E depois que vocês se formarem no próximo ano?

– Acho que vou voltar a Frottica e me casar.

– E você?

Elfaba não respondeu.

O Mágico se virou, arrancou os fêmures e batucou no assento do trono como se fosse um tambor.

– Sinceramente, isto está ficando ridículo, é um espetáculo enganoso de fé – comentou Elfaba. Ela deu um ou dois passos à frente. – Com licença, Vossa Alteza? Antes que nosso tempo acabe?

O Mágico se virou de novo. Seu crânio estava em chamas, um fogo que não era reprimido pela cortina de fogo que engrossava.

– Devo dizer uma última coisa – arriscou o Mágico, em uma voz que parecia um lamento, uma voz de alguém sofrendo. – Vou citar o *Oziadas*, a lenda de herói da antiga Oz.

As meninas esperaram.

*Então mancando como uma geleira, velha Kumbricia
Esfrega o céu nu até que chova sangue.
Ela rasga a pele do sol e a come quente.
Ela enfia a lua falciforme na bolsa paciente.
Ela confirma tudo, uma pedra trocada adulta.
Fragmento a fragmento ela rearruma o mundo.
Ele parece igual, diz ela, mas não é.
Ele parece o que eles esperam, mas não é.*

– Cuidado com quem vocês servem – disse o Mágico de Oz. E então sumiu, e as gotas de vela no chão borbulharam e as velas instantaneamente se apagaram. Não havia nada que elas pudessem fazer, a não ser retornar pelo mesmo caminho.

Na carruagem, Glinda tinha se acomodado e feito um pequeno ninho para elas no desejado assento voltado para a frente, guardando o lugar de Elfaba contra três outros passageiros.

– Minha irmã – mentiu ela –, estou guardando este assento para minha irmã.

“E como eu mudei”, pensou ela. “Em mais ou menos um ano. De desprezar a menina colorida para alegar que temos o mesmo sangue! Então a vida universitária realmente muda as pessoas de maneiras impensáveis. Posso ser a única pessoa em toda Colinas de Perth a jamais conhecer nosso Mágico. Não por conta própria, não por minha iniciativa... ainda assim, eu estava lá. Eu consegui. E não estamos mortas. Mas não conseguimos muito.”

Então, Elfaba finalmente apareceu, vindo em alta velocidade pelas pedras pavimentadas com os cotovelos destacados e o torno fino e ossudo envolto contra os elementos, como sempre, em uma capa. Ela surgiu no meio da multidão,

esbarrando em passageiros mais refinados para passar, e Glinda abriu a porta com violência.

– Graças aos céus, achei que você ia se atrasar. O condutor está ansioso para partir. Você pegou um lanche para nós?

Elfaba jogou algumas laranjas no colo dela, um naco de queijo e um pão que encheu o compartimento com um cheiro pungente de velho.

– Isso vai ter de servir até sua parada hoje à noite.

– Eu, eu? – indagou Glinda. – Como assim, eu? Você conseguiu algo melhor para comer?

– Algo pior, espero, mas precisa ser feito. Vim dizer adeus. Não vou voltar com você para Crag Hall. Vou encontrar um lugar para estudar por conta própria. Não serei parte da... universidade... da Madame Morrorosa... de novo...

– Não, não – gritou Glinda –, não posso deixá-la! Babá vai me comer viva! Nessarose vai morrer! A Madame Morrorosa vai... Elfinha, não. Não!

– Diga que eu a sequestrei e obriguei a vir aqui, elas vão acreditar nisso. – Ela ficou de pé no estribo. Uma anã glikku gorda, percebendo a essência do drama, mudou para o assento mais confortável perto de Glinda. – Eles não precisam me procurar, Glinda, porque eu não serei achável. Vou descer.

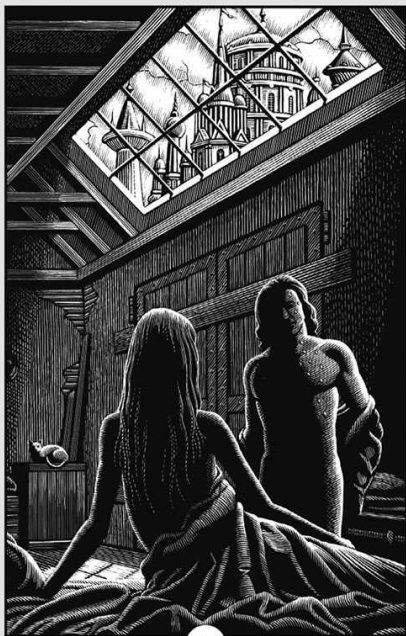
– Descer para onde? De volta à província de Quadling?

– Isso me entregaria. Mas não vou mentir para você, minha querida. Não há necessidade. Ainda não sei aonde vou. Ainda não decidi para não ter de mentir.

– Elfinha, entre nesta cabine, não seja tola – gritou Glinda. O condutor estava ajeitando as rédeas e gritando para Elfaba se afastar.

– Você vai ficar bem, agora você é uma viajante experiente. Este é apenas o retorno de uma viagem que já conhece. – Ela encostou o rosto no de Glinda e a beijou. – Resista, se conseguir – murmurou ela e a beijou outra vez. – Resista, minha querida.

O condutor estalou as rédeas e soltou um grito de partida. Glinda esticou o pescoço para ver Elfaba voltar às multidões. Com toda a sua singularidade física, era impressionante ver como ela rapidamente se camuflou na variedade popular da vida urbana da Cidade das Esmeraldas. Ou talvez fossem as lágrimas tolas de Glinda embaçando a visão. Elfaba não havia chorado, é claro. Sua cabeça tinha virado assim que desceu, não para esconder as lágrimas, mas para suavizar o fato de sua ausência. Porém, a ferroada, para Glinda, foi real.



III

Cidade das Esmeraldas

III – Cidade das Esmeraldas

Em um fim de tarde pegajoso de verão, cerca de três anos depois da formatura na Universidade de Shiz, Fiyero parou na capela unionista na Praça de santa Glinda para passar o tempo antes de encontrar um amigo da zona rural na ópera.

Fiyero não tinha sido unionista na época em que estudava, mas tinha desenvolvido um olhar para os afrescos que muitas vezes adornavam os cubículos das capelas mais antigas. Ele esperava encontrar um retrato de santa Glinda. Não via Glinda dos Arduennas das Terras Altas desde sua graduação – ela havia terminado um ano antes dele. Mas ele esperava que não fosse um sacrilégio acender uma vela em frente à representação de santa Glinda e pensar na sua homônima.

Uma missa estava terminando, e a congregação de garotos adolescentes reservados e avós com véus negros saía lentamente. Fiyero aguardou até que a tocadora de lira na nave terminasse de dedilhar um *diminuto* difícil e se aproximou dela.

– Perdoe-me... sou um visitante do oeste. – Bem óbvio, com essa cor de pele ocre escuro e marcas tribais. – Não vejo um clérigo... um bedel... um sacristão, qualquer que seja o nome... nem consigo encontrar um panfleto que me diga... Estou procurando um ícone de santa Glinda.

O rosto dela continuou sério.

– Você terá sorte se não tiver sido coberto com um pôster do Nosso Glorioso Mágico. Sou uma musicista itinerante, só estou por aqui de vez em quando. Mas acho que você pode procurar na última fileira; há um oratório de santa Glinda, ou havia. Boa sorte.

Ao localizá-lo – um espaço semelhante a uma tumba, com uma fenda em arco em vez de uma janela de verdade –, Fiyero viu, iluminada por uma luz de santuário rosada, uma imagem enevoada da santa, ligeiramente inclinada para a direita. O retrato era meramente sentimental e não primitivo, uma decepção. Os danos da água tinham gerado grandes manchas brancas, como erros de uso de sabão na lavanderia, nas roupas sagradas da santa. Ele não se lembrava de sua lenda específica nem da maneira edificante pela qual ela havia amordaçado a morte pelo bem de sua alma e para a edificação de seus admiradores.

Mas então ele viu, sob sombras afogadas, que o oratório estava habitado por um penitente. A cabeça estava inclinada rezando, e ele estava prestes a se afastar quando percebeu que sabia quem era.

– Elfaba! – disse ele.

Ela virou a cabeça devagar; um xale de renda cobria seus ombros. O cabelo estava preso no alto da cabeça e espetado com espirais de marfim. Os olhos dela piscaram uma ou duas vezes devagar, como se ela estivesse vindo em direção a ele de muito longe. Ele a interrompera nas orações – não se lembrava de ela ser religiosa –, talvez ela não o reconhecesse.

– Elfaba, é Fiyero – falou ele, indo em direção à porta, bloqueando a saída dela, e também a luz; de repente ele não via mais o rosto dela, e se perguntou se tinha ouvido bem quando ela disse:

– Como, senhor?

– Elfinha... sou Fiyero... estudamos em Shiz. Minha esplêndida Elfinha... como você está?

– Senhor, acredito que esteja me confundindo com outra pessoa – respondeu ela, com a voz de Elfaba.

– Elfaba, Terceira Descendente dos Thropp, se me lembro corretamente da nomenclatura – explicou ele, rindo. – Não estou enganado de jeito nenhum. Sou Fiyero de arjikis... você me conhece, você se lembra de mim! Das aulas do doutor Nikidik de ciências naturais!

– Está confuso, senhor. – A última palavra soou um pouco irritada, totalmente Elfaba. – Agora, se não se importa, eu gostaria de terminar minhas orações em paz. – Ela puxou o xale sobre a cabeça, de modo a cobrir as têmporas. O queixo, de perfil, poderia fatar um salame, e mesmo à meia-luz, ele sabia que não estava errado.

– O que foi? Elfinha... bem, senhorita Elfaba, se assim deseja... não me enxote desse jeito. É claro que é você. Não há como disfarçar. Qual é a brincadeira?

Ela não respondeu a ele em palavras, mas, ao mostrar ostensivamente o terço para ele, estava claro que o estava enxotando.

– Não vou embora.

– Está interrompendo minha meditação, senhor – disse ela com suavidade. – Preciso chamar o sacristão para afastá-lo?

– Vejo você lá fora. Por quanto tempo você precisa rezar? Meia hora? Uma hora? Eu espero.

– Daqui a uma hora, então, do outro lado da rua; há uma pequena fonte pública com alguns bancos. Falo com o senhor durante cinco minutos, apenas cinco minutos, e mostro que está enganado. Não é um erro sério, mas cada vez mais irritante para mim.

– Perdão pela intromissão. Daqui a uma hora, então... Elfaba. – Ele não ia deixá-la escapar nesse joguinho. Mas ele se afastou e foi até a musicista no fundo da nave. – Há alguma outra saída neste prédio além das portas principais? – perguntou, sobre os arroubos de arpejos. Quando foi conveniente responder a ele, ela inclinou a cabeça e moveu os olhos.

– Porta lateral para o claustro das monjas, não é aberto ao público, mas você pode sair para o beco de entrega dos serventes por ali.

Ele ficou parado na sombra de uma pilastra. Em cerca de quarenta minutos, uma figura encapada entrou na capela e se movimentou, mancando com uma bengala, diretamente até o oratório que Elfinha ocupava. Ele estava longe demais para ouvir se eles trocaram palavras ou qualquer outra coisa. (Talvez o recém-chegado fosse apenas mais um discípulo de santa Glinda e quisesse a solidão para rezar.) A figura não se demorou, saiu novamente tão rápido quanto suas juntas enferrujadas permitiam.

Fiyero colocou uma oferta na caixa dos pobres – uma nota, para evitar o barulho de uma moeda. Com um quarto da cidade tão infestado de pobres urbanos, sua situação de riqueza comparativa exigia a oferta penitencial, embora sua motivação fosse mais caracterizada pela culpa do que pela caridade. Então

ele saiu pela porta lateral, para um jardim de claustro com excesso de plantas. Um senhoras idosas em cadeiras de rodas estavam gargalhando do outro lado e não perceberam sua presença. Ele se perguntou se Elfaba pertencia a esta comunidade de freiras monásticas – monjas, como as chamavam. Agora ele lembrava que eram mulheres vivendo na mais paradoxal das instituições: uma comunidade de eremitas. Aparentemente, no entanto, seus votos de silêncio tinham sido revogados no declínio da idade avançada. Ele decidiu que Elfaba não poderia ter mudado tanto em cinco anos. Assim, passou pela entrada dos serventes e entrou em um beco.

Três minutos se passaram, e Elfaba surgiu da mesma entrada dos serventes, como ele tinha suspeitado que ela faria. Ela tinha a intenção de evitá-lo! Por quê, por quê? A última vez em que a vira – ele se lembrava bem! – foi no dia do funeral de Ama Clutch e na festa regada a bebidas no pub. Ela fugira para a Cidade das Esmeraldas em uma missão obscura e jamais retornara, enquanto ele foi arrastado para as alegrias e os terrores esclarecedores do Clube de Filosofia. Os rumores diziam que seu bisavô, o Eminent Thropp, tinha contratado agentes para procurá-la em Shiz, na Cidade das Esmeraldas. De Elfaba não chegou nem um cartão-postal, uma mensagem, uma pista. Nessarose ficou inconsolável no início, depois passou a se ressentir com a irmã por ter provocado a dor da separação. Nessa havia se perdido mais fundo na religião, a ponto de seus amigos começarem a evitá-la.

No dia seguinte, Fiyero pediria desculpas por perder a ópera e por furar com o amigo de negócios. Naquela noite, ele não perderia Elfaba. Conforme ela corria pelas ruas, olhando por cima dos ombros mais de uma vez, ele pensou: “Se você estivesse tentando despistar alguém, se achasse que alguém estava no seu rastro, esta é a hora do dia para fazer isso – não por causa das sombras, mas por causa da luz.” Elfaba continuava virando esquinas em direção ao sol de verão que, ao se pôr, emitia raios de luz cegantes nas ruas laterais, através de arcadas, sobre os muros de jardins.

Mas ele tinha muitos anos de prática vigiando animais sob condições semelhantes – em nenhum lugar de Oz o sol era um adversário tão forte quanto nos Pastos de Mil Anos. Ele sabia estreitar os olhos e seguir a persistência do movimento, se esquecendo de identificar a forma. Ele também sabia como se inclinar para os lados sem tropeçar ou perder o equilíbrio, como se agachar de repente, como procurar outras pistas de que a presa tinha começado a se mover outra vez – os pássaros assustados, a alteração nos sons, o vento interrompido. Ela não poderia despistá-lo e não saberia que ele estava no seu rastro.

E assim ele atravessou metade da cidade, desde o elegante centro da cidade até o distrito de armazéns de baixo custo, em cujas portas sombreadas os destituídos instalavam seus lares fedorentos. À distância de um cuspe de uma barraca do exército, Elfaba parou diante de um comércio de cereais, puxou uma chave de um bolso interno e abriu a porta.

Ele chamou de uma distância curta, em uma voz comum:

– Fabala!

No próprio ato de se virar ela se entregou e tentou mudar sua expressão. Mas era tarde demais. Ela havia mostrado que o reconhecia, e percebeu isso. O

pé dele bloqueou a entrada antes que ela conseguisse bater a porta pesada.

– Você está com problemas?

– Me deixe em paz, por favor. Por favor.

– Você está com problemas, me deixe entrar.

– Você é o problema. Afaste-se!

Pobre Elfaba. As últimas dúvidas dele sumiram. Ele abriu a porta com o ombro.

– Você está me transformando em um monstro – disse ele, gemendo com o esforço; ela era forte. – Não vou roubar nem estuprar você. Só... não vou... ser ignorado desse jeito. Por quê?

Ela desistiu, e ele encostou no muro de tijolos expostos da escadaria, como um bobo da corte em uma comédia.

– Eu me lembro de você sendo cheio de delicadeza e graça. Pegou algo por acidente ou estudou para ter pouco jeito?

– Ah, você obriga as pessoas a agirem como grosseiras, não dá chance a elas. Não fique surpresa. Ainda sou gracioso. Ainda sou delicado. Por meio minuto.

– Shiz pegou você – disse ela, com as sobrancelhas erguidas, mas de um jeito zombeteiro; ela não estava surpresa. – Preste atenção nessa afetação da universidade. Onde está o garoto nativo que demonstrava aquela ingenuidade como um almíscar bem escolhido?

– Você também parece ótima – disse ele, um pouco magoado. – Você mora nesta escadaria ou vamos a algum lugar com uma leve aparência de lar?

Ela praguejou e subiu as escadas; elas estavam cobertas de fezes e restos de palha. Uma densa luz noturna penetrava pelas janelas de vidro cinza sujo. Em uma virada da escada, um gato branco estava aguardando, arrogante e insatisfeito como todos da sua espécie.

– Malky, Malky, miau, miau – disse Elfaba quando passou por ele, que se dignou a segui-la até a porta de arco pontudo no topo da escada.

– Seu parente? – perguntou Fiyero.

– Ah, que gracinha – respondeu Elfaba. – Bem, eu ia me tornar uma bruxa de qualquer maneira. Por que não? Aqui, Malky, um pouco de leite.

O cômodo era amplo e parecia apenas casualmente arrumado para se viver ali. Originalmente um depósito, tinha portas duplas de barragem que podiam ser abertas para fora, para receber ou despachar sacos de grãos alçados por um guindaste na rua. A única luz natural passava por alguns painéis de vidro rachados em uma claraboia aberta dez ou doze centímetros. Penas de pombos e um fluxo branco e sangrento no piso abaixo. Oito ou dez caixotes em um círculo, como se fossem para sentar. Um saco de dormir. Roupas dobradas em um baú. Umhas penas estranhas, pedaços de ossos, dentes amarrados e uma pata de dodô ressecada, marrom e retorcida como uma carne conservada: tudo isso estava pendurado em pregos na parede e arrumado como arte ou para um encanto. Uma mesa de madeira amarelada – um belo móvel! – cujas três pernas arqueadas se estreitavam para baixo se transformando em patas de corça elegantemente esculpidas. Alguns pratos de lata, vermelhos com pontinhos brancos, algumas comidas embrulhadas em panos e cordas. Uma pilha de livros

na cabeceira da cama. Um brinquedo de gato amarrado a um fio. Mais evidente, e nojento, era o crânio de um elefante pendurado em uma viga, e um buquê de rosas cor-de-rosa secas surgia do buraco central na tampa do crânio – como o cérebro explodindo de um animal à beira da morte, ele não pôde evitar de pensar, lembrando-se das preocupações juvenis de Elfaba. Ou talvez uma homenagem aos talentos supostamente mágicos dos elefantes?

Sob ele havia uma elipse de vidro bruto, arranhada e lascada, usada talvez como lupa, embora suas qualidades reflexivas parecessem duvidosas.

– Então este é seu lar? – perguntou ele enquanto Elfaba colocava comida para o gato e ignorava Fiyero um pouco mais.

– Não me faça perguntas e eu não mentirei – respondeu ela.

– Posso me sentar?

– Isso é uma pergunta – mas ela estava sorrindo. – Ah, bem, sente-se por dez minutos e me fale de você. Como você, entre tantas pessoas, se tornou um indivíduo sofisticado?

– As aparências enganam – disse ele. – Posso pagar pela roupa e afetar a linguagem, mas ainda sou um garoto da tribo arjiki por dentro.

– Como é sua vida?

– Tem algo para beber? Nada de álcool... estou com sede.

– Não tenho água corrente. Não uso. Tem um leite duvidoso... pelo menos Malky ainda o bebe. Ou talvez tenha uma garrafa de cerveja ali na prateleira. Pode pegar.

Ela tomou um pouco de cerveja em uma caneca e deixou o resto para ele.

Ele contou a ela a mais breve descrição de eventos. A esposa, Sarima, a noiva de infância que cresceu e ficou fértil – os três filhos. A sede aquática do velho Escritório de Obras Públicas em Kiamo Ko, que, por meio de emboscada e ocupação, seu pai havia transformado em um trono de chefe da tribo e em uma fortaleza tribal na época da Regente Ozma. A estonteante vida esquizofrênica de se mudar todo ano dos Pastos de Mil Anos na primavera e no verão, onde o clã caçava e festejava, para um outono e inverno mais arrumados em Kiamo Ko.

– Um príncipe arjiki tem interesses comerciais aqui na Cidade das Esmeraldas? – indagou Elfaba. – Se fosse um banco, você estaria em Shiz. Os negócios desta cidade são militares, meu velho amigo. O que está aprontando?

– Você já ouviu o suficiente de mim – respondeu ele. – Também sei ser reticente e iludir, mesmo que seja tudo de mentira e não haja segredos ocultos para mencionar. – Ele achou que os negócios secretos dos acordos comerciais não impressionariam a velha amiga; ele tinha vergonha de seus assuntos não serem mais audaciosos ou emocionantes. – Mas já falei demais. E você, Elfinha?

Ela não disse nada por alguns minutos. Desenrolou um pouco de linguiça seca e pão acinzentado, e encontrou algumas laranjas e um limão, colocando-os com cerimônia sobre a mesa. Na atmosfera antiga, ela parecia mais uma sombra do que uma pessoa; a pele verde parecia estranhamente suave, como folhas primaveris em sua extrema maciez, e desgastada, como cobre. Ele teve uma ânsia sem precedentes de agarrar o pulso dela e fazê-la parar de se mexer – se não para fazê-la falar, pelo menos para fazê-la ficar quieta, de modo que ele pudesse observá-la.

– Coma essas coisas – disse ela por fim. – Não estou com fome. Pode comer, ande.

– Me diga uma coisa – implorou ele. – Você nos deixou em Shiz... você desapareceu como a neblina da manhã. Por quê, para onde e o que aconteceu depois?

– Como você é poético. Tenho uma noção de que a poesia é a forma mais alta de autoengano.

– Não mude de assunto.

Mas ela estava agitada. Seus dedos se retorciam; ela chamou o gato, depois o irritou e fez com que ele saísse voando de seu colo. Por fim, ela disse:

– Ah, está bem. Mas você jamais deve voltar aqui outra vez. Não quero ter de encontrar outro lugar, este aqui é bom demais para mim. Promete?

– Concordo que vou pensar em prometer, só isso. Como posso prometer mais do que isso? Ainda não sei nada.

– Bem, eu estava cansada de Shiz – disse ela, apressada. – A morte do doutor Dillamond me irritou, e todo mundo ficou de luto, mas ninguém se importou. Não de verdade. Não era o lugar certo para mim, de qualquer maneira, com todas aquelas meninas bobas. Se bem que eu gostava muito de Glinda. Como ela está?

– Não tenho contato. Fico esperando encontrar com ela por acaso em alguma recepção no Palácio. Ouvi dizer que ela se casou com um baronete de Paltos.

Elfaba pareceu chateada, e suas costas se endureceram.

– Apenas um baronete? Não um barão nem um visconde, pelo menos? Que decepção! Sua promessa nunca se cumpriu, então. – Querendo fazer uma piada, sua observação foi grosseira e sem graça. – Ela é mãe?

– Não sei. Sou eu que estou fazendo as perguntas agora, lembra?

– Sim, mas recepções no Palácio? – indagou ela. – Você está mancomunado com Nosso Glorioso Mágico?

– Ouvi dizer que ele praticamente se tornou recluso. Nunca o vi – respondeu Fiyero. – Ele aparece nas óperas e fica ouvindo atrás de uma tela portátil. Em seus próprios jantares formais, ele janta sozinho, em uma câmara adjacente atrás de uma grade de mármore esculpido. Já vi o vulto de um homem majestoso andando por uma alameda. Se esse for o Mágico, isso é tudo que eu vi dele. Mas você... Por que se afastou de nós?

– Eu os amava demais para manter contato.

– O que isso significa?

– Não me pergunte – disse ela, reclamando um pouco, os braços como remos no crepúsculo de uma noite azul de verão.

– Sim, estou perguntando. Você morou aqui desde então? Por cinco anos? Você estuda? Você trabalha? – Ele esfregou os braços nus enquanto tentava decifrá-la: o que ela estava aprontando? – Você é conectada à Liga de Socorro aos Animais ou uma dessas pequenas organizações humanitárias desafiadoras?

– Eu nunca uso as palavras *humanista* ou *humanitário*, pois me parece que ser humano significa ser capaz dos crimes mais hediondos da natureza.

– Você está divagando outra vez.

– Esse é o meu trabalho. Pronto, aí está uma pista para você, caro Fiyero.

– Desenvolva.

– Fui para o submundo – disse ela com suavidade – e ainda estou no submundo. Você é o primeiro a revelar meu anonimato desde que me despedi de Glinda cinco anos atrás. Então agora sabe que não posso falar mais nada e por que não pode me ver de novo. Pelo que sei, você me entregará à Força Gale.

– Há! Esses autocratas! Você me considera muito pouco se acha que eu vou...

– Como eu posso saber, como eu poderia saber? – Ela retorceu os dedos, uma confusão de palitos verdes. – Eles marcham com aquelas botas por cima dos pobres e dos fracos. Aterrorizam as casas às três da manhã, arrastam os dissidentes, quebram máquinas de prensa com seus machados, fazem tribunais de mentira por traição à meia-noite e execuções ao amanhecer. Vasculham cada canto desta bela e falsa cidade. Fazem uma colheita de vítimas mensal. É o governo pelo terror. Eles podem estar se concentrando na rua agora mesmo. Nunca me seguiram, mas podem ter seguido você.

– Você não é tão difícil de seguir quanto pensa. Você é boa, mas não tão boa. Eu poderia lhe ensinar algumas coisas.

– Aposto que sim, mas não vai, porque não vamos nos encontrar de novo. É perigoso demais, tanto para você quanto para mim. É isso que quero dizer quando digo que amo vocês demais para manter contato. Você acha que a Força Gale está acima de torturar amigos e familiares para conseguir informações delicadas? Você tem uma esposa e filhos, e eu sou apenas uma velha amiga da faculdade que encontrou uma vez. Foi inteligente ao me seguir. Nunca mais, está me ouvindo? Eu vou me mudar se descobrir que você está me rastreando. Posso pegar minhas coisas agora mesmo e partir em trinta segundos. Fui treinada para isso.

– Não faça isso.

– Somos velhos amigos, mas nem somos amigos tão especiais. Não transforme isto em um encontro sentimental. É bom ver você, mas não quero vê-lo nunca mais. Cuide de si mesmo e tome cuidado com altas conexões com canalhas, pois, quando a revolução chegar, não haverá perdão para puxa-sacos bajuladores.

– Aos... 23 anos? Você está bancando a rebelde? Não é conveniente.

– É inconveniente – concordou ela. – Uma palavra perfeita para minha nova vida. Inconveniente. Eu, que sempre fui inconveniente, estou me tornando uma. Embora eu deva notar que você tem a mesma idade que eu, e é arrogante como um príncipe. Mas você comeu o suficiente? Temos que nos despedir, agora.

– Não temos – disse ele com firmeza. Ele queria pegar as mãos dela... não se lembrava se algum dia a havia tocado. Ele se corrigiu... sabia que nunca a tocara.

Foi quase como se ela lesse a mente dele.

– Você sabe quem você é – disse ela –, mas não sabe quem eu sou. Não pode, quero dizer que não pode e não pode, por um lado, não é permitido, e, por outro, você não é capaz disso. Boa sorte, se eles usam essa frase no Vinkus... se

não for uma maldição. Boa sorte, Fiyero.

Ela lhe estendeu a capa de ópera e esticou a mão para apertar a dele. Fiyero agarrou a mão dela e olhou para o rosto, que, apenas por um segundo, estava aberto. O que ele viu ali o fez congelar e esquentar, simultaneamente, com a forma e a escala de sua necessidade.

– O que você sabe de Boq? – perguntou ela na próxima vez em que se encontraram.

– Você não vai me responder nada sobre si mesma, não é? – indagou ele. Ele estava com os pés apoiados na mesa dela. – Por que concordou em me deixar voltar se continua trancada como uma prisioneira?

– Eu gostava muito de Boq, só isso. – Ela riu. – Deixei você voltar para ter notícias dele e dos outros.

Ele contou a ela o que sabia. Boq tinha se casado com a senhorita Milla, de todas as reviravoltas surpreendentes. Ela tinha sido arrastada para as Pedras do Ninho e odiava. Vivia tentando suicídio.

– As cartas dele, enviadas durante Lurlinemas todo ano, são histéricas; eles anotam as tentativas fracassadas dela de se matar como um tipo de relatório familiar anual.

– Fico me perguntando, nas mesmas circunstâncias, o que a minha mãe deve ter passado. A infância privilegiada na grande casa da ascendência, depois o choque violento de uma vida dura naquela terra perdida. No caso de mamãe, de Solos de Colwen para Margens Agitadas, depois o vale quadling. Na verdade, é uma penitência do tipo mais grave.

– Tal mãe tal filha. Você não abandonou um certo privilégio para viver aqui como um caracol? Escondida e anônima?

– Eu me lembro da primeira vez que vi você – disse ela, sacudindo gotas de vinagre sobre raízes e vegetais que preparava para o jantar. – Foi na sala de aula dele... doutor...

– Doutor Nikidik – respondeu Fiyero. E corou.

– Você tinha umas belas marcas no rosto... eu nunca tinha visto nada assim. Você planejou aquela entrada para conquistar nossos corações?

– Em minha defesa, se eu pudesse fazer qualquer outra coisa, eu teria feito. Eu estava mortificado e apavorado. Você sabe, achei que aqueles chifres fossem me matar! E foram o arrogante Croke e o libertário Tibbett que me salvaram.

– Croke e Tibbett! Tibbett e Croke! Eu tinha me esquecido deles. Como eles estão?

– Tibbett nunca mais foi o mesmo depois daquela escapada para o Clube de Filosofia. Croke, acho que entrou para uma casa de leilão de artes e ainda passeia pelo ambiente teatral. Eu o vejo de tempos em tempos. Não nos falamos.

– Nossa, você é desagradável! – Ela riu. – É claro que eu sempre imaginei como tinha sido no Clube de Filosofia. Sabe, em outra vida, eu gostaria de ver todo mundo de novo. E Glinda, a querida Glinda. E até mesmo o asqueroso Avaric. O que aconteceu com ele?

– Com Avaric eu falo. A maior parte do ano ele está instalado em Margreavate, mas tem uma casa em Shiz E, quando vamos à Cidade das Esmeraldas, ficamos no mesmo clube.

– Ele ainda é um grosseirão presunçoso?

– Nossa, agora você está sendo desagradável.

– Acho que sim.

Eles jantaram. Fiyero esperou que ela perguntasse mais sobre sua família. Mas, aparentemente, eram suas respectivas famílias que eles estavam escondendo um do outro: a esposa winkie e o filho dele, o círculo de agitadores e rebeldes.

Na próxima vez que ele viesse, pensou Fiyero, devia usar uma camisa aberta no pescoço, para que ela pudesse ver que o padrão de diamantes azuis de seu rosto continuava intacto pelo peito... Já que ela parecia gostar disso.

– Você não vai passar o outono inteiro na Cidade das Esmeraldas? – perguntou ela uma noite, quando o frio estava se aproximando.

– Enviei um bilhete a Sarima explicando que os negócios vão me manter aqui indefinidamente. Ela não se importa. Como poderia se importar? Foi arrancada de uma hospedaria nojenta e se casou ainda criança com um príncipe arjiki? A família dela não era burra. Ela tem comida, serventes e as sólidas paredes de pedra de Kiamo Ko para se defender contra as outras tribos. Ela está engordando um pouco depois do terceiro filho. Na verdade, não percebe se estou ou não em casa... Bem, ela tem cinco irmãs que se mudaram para lá. Eu me casei com um harém.

– Não! – Elfaba souu intrigada e um pouco envergonhada com a ideia.

– Você está certa: na verdade, não. Sarima propôs uma ou duas vezes que suas irmãs mais novas poderiam e certamente ocupariam com alegria minhas energias à noite. Depois que passamos pelos Grandes Kells, o tabu contra esse tipo de atividade não é tão forte quanto parece ser no resto de Oz, então pare com essa cara de chocada.

– Não consigo evitar. Você fez isso?

– Se eu “fiz isso”? – Ele a estava provocando.

– Você dormiu com suas cunhadas?

– Não. Não por padrões morais elevados nem por falta de interesse. Só que Sarima é uma esposa perspicaz, e tudo no casamento é uma disputa. Já estive sob o domínio dela mais do que estou agora.

– É tão ruim assim?

– Você não é casada, não tem como saber... sim, é muito ruim.

– Eu sou casada, mas não com um homem.

Ele ergueu as sobrancelhas. Ela colocou as mãos no rosto. Ele nunca a vira com aquela aparência – as palavras dela a tinham chocado. Elfaba teve de virar o rosto por um instante, limpar a garganta, assoar o nariz.

– Ai, droga, lágrimas, elas queimam como fogo – chorou ela, subitamente furiosa, e correu até um velho lençol para enxugar os olhos antes que a umidade

salgada escorresse pelo rosto.

Ela ficou de pé encurvada como uma velha senhora, um braço na bancada, o lençol caindo de seu rosto até o chão.

– Elfinha, Elfinha – disse ele, horrorizado, e correu até ela e a abraçou. O lençol ficou pendurado entre os dois, do queixo até o tornozelo, mas parecia prestes a virar chamas ou rosas ou uma fonte de champanhe e incenso. Estranho como as imagens mais ricas surgiam na mente quando o corpo em si estava bem alerta...

– Não – chorou ela –, não, não, não sou um harém, não sou uma mulher, não sou uma pessoa, não. – Mas os braços dela agiram por conta própria, como velas ao vento, como chifres encantados, não para matá-lo, mas para enchê-lo de amor, para imprensá-lo contra a parede.

Malky, em uma rara demonstração de discrição, subiu para o peitoril da janela e olhou para o outro lado.

Eles conduziram o caso de amor no cômodo acima do comércio abandonado de milho enquanto o clima do outono vinha devagar do leste: hoje um dia quente, depois um dia ensolarado, quatro dias de ventos gelados e chuva fina.

Houve dias seguidos em que eles não puderam se encontrar.

– Tenho negócios, tenho trabalho, confie em mim ou eu desapareço – alertou ela. – Vou escrever para Glinda e pedir para ela compartilhar o feitiço de como sumir na fumaça. Estou brincando, mas também estou falando sério, Fiyero.

Ele escreveu “FIYERO + FAE” na farinha que derramou quando ela abriu uma massa de torta. Fae, ela havia sussurrado, como se quisesse esconder até do gato. Era seu codinome. Ninguém na célula podia saber os nomes verdadeiros uns dos outros.

Ela não o deixava vê-la nua na luz, mas, como ele também não tinha permissão para visitá-la durante o dia, isso não chegava a ser um problema. Ela esperava por ele nas noites marcadas, sentada nua sob o lençol, lendo ensaios sobre teoria política ou filosofia moral.

– Não sei se entendo, eu leio como poesia – admitiu ela uma vez. – Gosto do som das palavras, mas nunca espero que minha impressão lenta e distorcida do mundo mude com o que eu leio.

– Está mudando pelo modo como você vive? – perguntou ele, apagando a luz e tirando as roupas.

– Você acha que tudo isso é novo para mim – disse ela, suspirando. – Achava que eu era virgem?

– Você não sangrou na primeira vez. O que devo pensar a respeito?

– Eu sei o que você pensa. Mas qual é a sua experiência, senhor lorde Fiyero, príncipe arjiki de Kiamo Ko, poderoso caçador dos Pastos de Mil Anos, chefe dos chefes nos Grandes Kells?

– Sou uma massa nas suas mãos – falou ele com sinceridade. – Eu me casei com uma noiva criança e, para preservar meu poder, não fui infiel. Até agora.

Você não é como ela. Não parece com ela, não é a mesma coisa. Você é mais misteriosa.

– Eu não existo, então você também não está sendo infiel.

– Não sejamos infiéis agora, então. Não consigo esperar – e correu as mãos ao longo das costelas dela, descendo pelo plano rígido da barriga. Ela sempre levava as mãos dele até os seios macios e expressivos; ela não era tocada por mãos abaixo da cintura. Eles se moveram juntos, diamantes azuis em um campo verde.

Ele não tinha muito a fazer durante os dias. Sendo chefe do povo arjiki, ele sabia que era de interesse político deles serem inevitavelmente ligados ao centro comercial da Cidade das Esmeraldas. Ainda assim, as preocupações comerciais dos arjikis só exigiam que Fiyero mostrasse seu rosto em eventos sociais, reuniões de conselhos e salões financeiros. O resto do tempo ele ficava vagando, buscando afrescos de santa Glinda e outros santos. Elfaba-Fabala-Elfinha-Fae nunca contou a ele o que estava fazendo na capela de santa Glinda junto ao monastério na Praça de santa Glinda.

Um dia ele procurou Avaric e eles almoçaram juntos. Avaric sugeriu um show de mulheres depois, e Fiyero escapou. Avaric estava teimoso, cínico, corrupto e bonito como sempre. Não houve muita fofoca para levar a Elfaba.

O vento arrancava as folhas das árvores. A Força Gale continuava a expulsar Animais e colaboradores da cidade. As taxas de juros nos bancos gillikins estavam explodindo – bom para os investidores, péssimo para quem tinha empréstimos com taxas ajustáveis. Houve embargos em muitas propriedades valiosas no centro da cidade. Em pouco tempo, as empresas começaram a pendurar as luzes verdes e douradas de Lurlinemas, tentando enfiar os cidadãos cautelosos e deprimidos nas lojas.

Mais do que tudo, ele queria andar pelas ruas da Cidade das Esmeraldas com Elfaba – não havia lugar mais bonito para se estar amando, especialmente no crepúsculo, quando as luzes das lojas se acendiam, douradas contra o céu noturno azul-arroxeadado. Ele nunca tinha amado antes, percebia agora. Isso o mortificava e o assustava. Ele não aguentava quando a distância forçada entre os dois durava quatro ou cinco dias.

“Beijos para Irji, Maneke e Nor”, escreveu ele no fim da carta para Sarima, que não podia escrever de volta porque, dentre outras coisas, ela nunca havia aprendido o alfabeto. De alguma forma, o silêncio dela parecia uma aprovação tácita de seu interlúdio rompedor de votos. Ele não escreveu beijos para ela, também. Esperava que os chocolates fossem suficientes.

Ele rolou na cama, puxando o lençol; ela puxou de volta. O ar no quarto estava tão frio que parecia viscoso. Malky aguentava as pernas em movimento para

ficar perto deles, receber calor e dar o que poderia parecer afeição felina.

– Minha querida Fae, talvez, saiba disso, e não estou prestes a me tornar um coconspirador no que quer que você esteja trabalhando, reduzindo muitas de biblioteca ou eliminando a necessidade de coleiras para gatos ou o que for. Mas mantenho os ouvidos atentos. Os quadlings estão novamente sob o domínio da milícia montada. Pelo menos é o que estão dizendo no salão do clube, em jornais e pelos cantos. Aparentemente, uma divisão do exército entrou na província de Quadling, chegando até Qhoyre, em algum tipo de missão de derrubada e queimada. Seu pai, seu irmão e Nessarose: eles ainda estão lá?

Elfaba não respondeu por um tempo. Parecia estar pensando não apenas no que queria dizer, mas talvez até no que ela conseguia lembrar. Sua expressão era de confusão, até mesmo mau humor.

– Vivemos em Qhoyre por um tempo – disse ela –, quando eu tinha uns 10 anos. É uma cidadezinha baixa engraçada, construída sobre solo pantanoso. Metade das ruas são canais. Os tetos são baixos, as janelas têm grades ou persianas para oferecer privacidade e ventilação, o ar é vaporoso e a flora é excessiva, com enormes janelas de folhas de palmeiras, quase como almofadas finas quiltadas, fazendo um som como se estivessem batendo umas contra as outras no vento: tírrr, tírrr, tírrr.

– Não sei se restou muito de Qhoyre – comentou Fiyero com cuidado. – Se o boato que me contaram for verdadeiro.

– Não, papai não está lá agora, agradeça... agradeça a quem quer que seja, o que quer que seja, agradeça a ninguém – continuou Elfaba. – A menos que as coisas tenham mudado. O povo bom de Qhoyre não reagia muito bem aos esforços missionários. Eles convidavam papai e eu, nos serviam bolinhos molhados e um chá quentinho de menta vermelha. Todos nos sentávamos em almofadas baixas mofadas, com lagartixas e aranhas assustadoras nas sombras mais profundas. Papai falava de um jeito monótono sobre a natureza generosa do Deus Inominável, com sua inclinação xenófila básica. Ele me apontava como prova. Eu sorria com uma doçura terrível e cantava um hino, que era a única música que papai aprovava. Eu era extremamente tímida e tinha vergonha da minha cor, mas papai me convencera do valor de seu trabalho. Invariavelmente, os cidadãos de Qhoyre se rendiam à hospitalidade. Eles se permitiam ser levados em orações ao Deus Inominável, mas não se podia dizer que seus corações estavam devotos. Acho que eles sentiam muito mais, mais desencorajadamente do que papai, como éramos realmente inúteis.

– Então, onde eles estão agora? Seu pai, Nessarose e o garoto... seu irmão, como era o nome dele?

– Casco, esse é o nome dele. Bem, papai achou que seu trabalho era mais ao sul, na província de Quadling, no verdadeiro sertão. Vivemos em uma série de pequenas casas apertadas perto de Ovvels; as Hovels de Ovvels, era como as chamávamos... aquela região rural sombria e brutal, cheia de uma beleza sangrenta.

Ao ver a expressão questionadora dele, ela continuou:

– Quero dizer, quinze, vinte anos atrás, Fiyero, os especuladores da Cidade das Esmeraldas descobriram os depósitos de rubi lá. Primeiro sob a Regente

Ozma, depois após o golpe, sob o Mágico: as mesmas práticas comerciais vergonhosas. Apesar de, sob a Regente Ozma, a exploração não exigir assassinatos e brutalidade. Usando elefantes, os engenheiros arrastavam o cascalho, construíam represas nos rios, aperfeiçoavam um sistema complicado de mineração a céu aberto sob um metro de lençóis freáticos salgados. Papai achou que essa desordem na sua pequena sociedade úmida era uma situação preparada para o trabalho missionário. E estava certo. Os quadlings lutaram contra o Mágico com proclamações mal fundamentadas, recorreram a totens, mas suas únicas armas militares eram estilingues. Então eles se reuniram ao redor do meu pai. Ele os converteu, e eles foram à luta com o zelo dos recém-castigados. Eles foram descartados e desapareceram. Tudo com o benefício da graça unionista.

– Minha nossa, você é amarga.

– Eu era uma ferramenta. Meu querido pai me usou, e um pouco menos a Nessarose, por causa da dificuldade dela de se movimentar. Ele me usou como uma lição-objeto. Com a minha aparência, mesmo cantando como eu canto, eles confiavam nele, em parte, como uma resposta à minha esquisitice. Se o Deus Inominável podia me amar, quão mais responsável ele seria em relação a eles, que não eram adúlteros.

– Então, minha querida, você não se importa onde ele está nem com o que acontecer a ele?

– Como você pode dizer isso? – Ela se ergueu e se sentou. – Eu amo o imbecil embotado, velho e louco. Ele realmente acreditava no que pregava. Até achava que um defunto quadling encontrado com o rosto para cima em uma lagoa salgada estava melhor do que um sobrevivente, se tivesse uma tatuagem de convertido em algum lugar do corpo. Ele achava que tinha dado um bilhete só de ida para a assembleia do Outro Lado do Deus Inominável. Acho que ele considerava um trabalho bem-feito.

– E você não? – Fiyero tinha uma vida espiritual um tanto anêmica; ele se sentia desqualificado para expressar uma opinião sobre a vocação do pai dela.

– Talvez fosse um trabalho bem-feito – reconheceu ela com tristeza. – Como posso saber? Mas não para mim. De acampamento em acampamento nós conseguíamos convertidos. De acampamento em acampamento as divisões de engenheiros civis chegavam para detonar a vida na vila. Não havia protesto propriamente dito em Oz. Ninguém estava ouvindo. Quem se importava com os quadlings?

– Mas o que o levou lá no início?

– Ele e mamãe tinham um amigo, um quadling, que morreu na casa da minha família. Um quadling itinerante, um soprador de vidro. – Elfaba franziu a testa e fechou os olhos, e não disse mais nada. Fiyero beijou os dedos dela. Ele beijou o V entre o dedão e o indicador, e chupou como se fosse uma fatia de limão. Ela se reclinou para trás com o objetivo de permitir a ele uma visão melhor.

Um pouco depois, ele disse:

– Mas Elfinha-Fabala-Fae... você realmente não está preocupada com seu pai e Nessarose, e seu pequeno irmãozinho?

– Meu pai busca causas sem esperança. Isso dá alguma legitimidade a seu fracasso na vida. Por um tempo, ele se autoproclamou um profeta do retorno da última linhagem perdida de Ozma. Isso acabou agora. E meu irmão Casco talvez esteja com 15 anos. Olhe, Fiyero, como posso me preocupar com eles e me preocupar com a campanha da estação também? Não posso andar por Oz naquela vassoura ali, como uma bruxa de livros infantis! Escolhi entrar para a resistência para não ter que me preocupar. Além disso, sei o que vai acontecer a Nessarose finalmente. Mais cedo ou mais tarde.

– O quê?

– Quando meu bisavô finalmente morrer, ela será a próxima Eminente Thropp.

– Achei que você seria a herdeira. Você não é mais velha?

– Eu sumi, querido, sumi magicamente em um sopro de fumaça. Pode esquecer. E você sabe, isso vai ser bom para Nessarose. Ela será um tipo de rainha local em Pedras do Ninho.

– Ela aparentemente fez um curso de feitiçaria, sabia? Em Shiz?

– Não sabia. Bem, que bom para ela. Se algum dia ela descer daquele pedestal, que tem palavras escritas em todas as faces em ouro, dizendo SUPERIOR EM RETIDÃO MORAL, se algum dia ela se permitir ser a perversa que realmente é, ela será a Perversa do Leste. Babá e os funcionários dedicados em Solos de Colwen a apoiarão.

– Achei que você gostava dela!

– Você não reconhece o afeto quando o vê? – zombou Elfaba. – Eu amo Nessa. Ela é uma chata, é intoleravelmente íntegra, é uma peça detestável. Sou devota a ela.

– Ela será a Eminente Thropp.

– Melhor ela do que eu – disse Elfaba com indiferença. – Pelo menos, ela tem um ótimo gosto para sapatos.

Certa noite no céu, a lua cheia caiu pesada sobre Elfaba, que dormia. Fiyero tinha acordado e estava fazendo xixi no penico. Malky estava perseguindo ratos na escada. Ao voltar, Fiyero olhou a forma de sua amante, mais parecendo uma pera à noite. Ele tinha trazido para ela um tradicional xale dos Vinkus de seda com franjas – rosas sobre um fundo preto – e tinha amarrado na cintura dela, e desde então era uma fantasia para a hora do sexo. Hoje, ao dormir, ela o tinha enrolado para cima, e ele admirou a curva dos flancos dela, a fragilidade suave do joelho, o tornozelo magro. Havia um aroma de perfume pairando no ar, o cheiro animal de resina, o cheiro do mar místico, o cheiro doce oculto do cabelo todo bagunçado pelo sexo. Ele se sentou à beira da cama e olhou para ela. Os pelos púbicos dela cresciam, quase mais roxos do que pretos, em pequenos cachos brilhantes, um padrão diferente do de Sarima. Havia uma sombra esquisita perto da virilha – por um instante sonolento, ele pensou se algum de seus diamantes azuis tinham, no calor do sexo, se transferido para a pele dela – ou era uma cicatriz?

Mas ela acordou bem naquela hora e, à luz da lua, ela se cobriu com um lençol. Ela sorriu para ele com preguiça e chamou:

– Yero, meu herói. – E isso derreteu o coração dele.

Mas ela podia ficar tão irritada!

– Eu não me surpreenderia se o enrolado de porco que você está devorando com uma perfeita fartura despreocupada fosse cortado de um Porco – falou ela de repente certa vez.

– Só porque você já comeu, não precisa estragar meu apetite – protestou ele com suavidade. Animais livres não estavam muito em evidência no território natal dele, e as poucas criaturas conscientes que ele conheceria em Shiz tinham, exceto no Clube de Filosofia naquela noite, causado pouca impressão. O problema dos Animais não o tocara muito.

– É por isso que não se deve ficar apaixonado, a gente fica cego. O amor é uma distração malvada.

– Agora você me fez desistir do almoço. – Ele deu o resto de enrolado de porco para Malky. – O que você sabe sobre maldade? Você é uma jogadora fraca nessa rede de renegados, não é? É uma principiante.

– Eu sei isto: a maldade dos homens é que seu poder cultiva a estupidez e a cegueira.

– E a das mulheres?

– As mulheres são mais fracas, mas sua fraqueza é cheia de perspicácia e de uma certeza moral igualmente rígida. Como a arena delas é menor, sua capacidade de causar dano real é menos alarmante. Embora, sendo mais íntimas, elas sejam as mais traiçoeiras.

– E minha capacidade para o mal? – indagou Fiyero, se sentindo envolvido e desconfortável. – E a sua?

– A capacidade de Fiyero para o mal está em acreditar arduamente em uma capacidade para o bem.

– E a sua?

– A minha está em pensar em epigramas.

– Você escapou com facilidade – disse ele, subitamente um pouco irritado. – É isso que sua rede secreta pede para você fazer? Gerar epigramas inteligentes?

– Ah, muitos feitos estão por vir – comentou ela, de maneira atípica. – Eu não estarei no centro deles, mas estarei às margens ajudando, pode acreditar.

– Do que você está falando? Um golpe?

– Não se preocupe, e permanecerá sem culpa. Bem como você deseja. – Isso foi malvado da parte dela.

– Um assassinato? E daí se você matar um General Açogueiro? O que isso a torna? Uma santa? Uma santa da revolução? Ou uma mártir se você for morta na campanha?

Ela não respondeu. Sacudiu a cabeça fina, irritada, e depois sacudiu o xale rosado pelo cômodo como se ele a enfurecesse.

– E se um transeunte inocente for morto quando você mirar no General

Açougueiro de Porcos?

– Não conheço nem me importo muito com mártires. Tudo isso leva a um plano maior, uma cosmologia... algo em que não acredito. Se não conseguimos compreender o plano em mãos, como um plano superior pode fazer mais sentido? Mas, se eu acreditasse no martírio, acho que se poderia dizer que só é possível ser mártir se você souber por que está morrendo, e escolher isso.

– Ah, então existem vítimas inocentes nessa transação. Aqueles que não escolhem morrer, mas estão na linha de tiro.

– Existem... Vão existir... acidentes, creio eu.

– Pode haver luto, arrependimento, em seu círculo exaltado? Existe algo que pode ser considerado um erro? Existe um conceito de tragédia?

– Fyero, seu tolo insatisfeito, a tragédia está em toda parte ao nosso redor. Preocupar-se com qualquer coisa menor é uma distração. Qualquer casualidade da luta é erro deles, não nosso. Nós não adotamos a violência, mas não negamos sua existência. Como podemos negá-la, se seus efeitos estão ao nosso redor? Esse tipo de negação é um pecado, se é que isso existe...

– Ah... agora eu ouvi a palavra que nunca esperei ouvir você dizer.

– Negação? Pecado?

– Não. Nós.

– Não sei por quê...

– A dissidente solitária de Crag Hall se torna institucional? Uma garota das empresas? Uma jogadora da equipe? Nossa antiga senhorita rainha da solidão?

– Você entendeu mal. Existe uma campanha, mas nenhum agente, existe um jogo, mas nenhum jogador. Eu não tenho colegas. Não tenho ego. Eu nunca tive, na verdade, mas isso não importa. Sou apenas uma contração muscular no organismo maior.

– Há! Você, a mais individual, a mais separada, a mais real...

– Como todo mundo, você está se referindo à minha aparência. E está zombando dela.

– Eu adoro sua aparência e a reconheço. Fae!

Eles se separaram naquele dia sem se falarem, e ele passou a noite no salão de apostas, perdendo dinheiro.

Na próxima vez em que ele a viu, levou três velas verdes e três velas douradas e decorou o cômodo para Lurlinemas.

– Não acredito em festas religiosas – disse ela, e admitiu, cedendo: – Mas elas são bonitas.

– Você não tem alma – provocou ele.

– Correto – respondeu ela com sobriedade. – Achei que não era nitido.

– Agora você está apenas brincando com as palavras.

– Não que prova eu tenho de ter uma alma?

– Como você pode ter consciência se não tem uma alma? – perguntou ele apesar de não querer, pois preferia manter as coisas leves, voltar a um entendimento melhor, ainda mais depois do último episódio de briga e

estranhamento moral.

– Como um pássaro pode alimentar seus filhotes se não tiver consciência de antes e depois? Uma consciência, Yero, meu herói, é apenas consciência em outra dimensão, a dimensão do tempo. O que você chama de consciência eu prefiro chamar de instinto. Os pássaros alimentam os filhotes sem entender o motivo, sem reclamar que tudo que nasce deve morrer, que peninha. Eu faço meu trabalho com uma motivação semelhante: o movimento interior em direção ao alimento, à justiça e à segurança. Sou um animal de bando caminhando com o rebanho, só isso. Sou uma folha esquecível em uma árvore.

– Como seu trabalho é terrorismo, esse é o argumento mais extremo para o crime que eu já ouvi. Você está evitando toda a responsabilidade pessoal. Isso é tão ruim quanto aqueles que sacrificam seu desejo pessoal nos lamaçais sombrios do desejo desconhecido de um deus inominável. Se você anula a ideia de pessoa, anula a ideia da culpabilidade individual.

– O que é pior, Fiyero? Anular a ideia de pessoa ou anular, através da tortura, da prisão e da fome, pessoas reais e vivas? Olhe: você se preocuparia em salvar um retrato sentimental precioso em um museu de belas artes quando a cidade ao seu redor está em chamas e as pessoas de verdade estão queimando até morrer? Você precisa ter um pouco de perspectiva nisso tudo!

– Mas mesmo um transeunte inocente, digamos, uma desagradável dama da sociedade, é uma pessoa real, não um retrato. Sua metáfora é perturbadora e depreciadora, é uma desculpa cega para o crime.

– Uma dama da sociedade escolheu se mostrar como um retrato vivo. Ela deve ser tratada como tal. É sua obrigação. Essa negação disso, esse é o seu mal, voltando à conversa de outro dia. Salve o transeunte inocente se conseguir, mesmo que seja uma dama da sociedade ou um capitão da indústria progredindo poderoso com todas essas movimentações repressoras, mas não, não, não à custa de outras pessoas, mais reais. E, se não conseguir salvá-los, não conseguiu. Tudo tem seu preço.

– Não acredito nesse conceito de pessoas “reais” ou “mais reais”.

– Não? – Ela sorriu, mas não foi de um jeito agradável. – Quando eu sumir de novo, queridinho, certamente serei menos real do que sou agora.

Ela fingiu simular sexo com ele; ele virou o rosto, surpreso com a força de sua aversão.

Mais tarde naquela noite, quando eles já tinham feito as pazes, Elfaba teve um ataque súbito e suores dolorosos. Ela não deixou que ele a tocasse.

– É melhor você ir embora, não sou digna de você – lamentou ela e, algum tempo depois, quando estava mais calma, murmurou antes de voltar a dormir: – Eu te amo tanto, Fiyero, você não entende: nascer com um talento ou uma inclinação para o bem é uma aberração.

Ela estava certa. Ele não entendia. Fiyero secou a testa dela com uma toalha seca e continuou por perto. Havia uma geada no céu, e eles dormiram sob os casacos de inverno para se manterem aquecidos.

Numa tarde refrescante, ele enviou um pacote conciliatório de brinquedos de madeira clara para os filhos e um colar de joias para Sarima. O trem de carga ia contornar os Grandes Kells pela rota norte. Ele não entregaria os presentes de Lurlinemas em Kiamo Ko antes da primavera, mas ele podia fingir que os tinha enviado antes. Se a neve recuasse, ele estaria em casa então, incansável e irritado nos cômodos estreitos e altos da fortaleza da montanha, mas talvez recebesse crédito pela consideração. E talvez merecesse, por que não? Certamente, Sarima estaria com a depressão de inverno (diferente de seus humores da primavera, seu tédio do verão e sua condição congênita de outono). Uma joia talvez a alegrasse, pelo menos um pouco.

Ele parou em uma cafeteria para tomar café em um bairro bem à margem dos trilhos gastos para ser ao mesmo tempo boêmio e caro. A gerência se desculpou: o jardim de inverno, normalmente aquecido com braseiros e enfeitado com flores caras, tinha sido explodido na noite anterior.

– O bairro está com problemas. Quem diria? – indagou o gerente, tocando no cotovelo de Fiyero. – Nosso Glorioso Mágico deveria ter erradicado a agitação civil. Não era esse o objetivo dos toques de recolher e das leis de detenção?

Fiyero não se sentiu inclinado a comentar, e o gerente tomou seu silêncio como concordância.

– Levei algumas mesas para meu salão particular no segundo andar, se não se importar de ficar entre as memórias da minha família – continuou ele, conduzindo pelo caminho. – Encontrar um bom ajudante munchkin para consertar os danos também está ficando mais difícil. O toque tiquetaqueante munchkin, não há nada como ele. Mas vários amigos nossos do setor de serviços voltaram para suas fazendas no leste. Com medo da violência contra eles... Bem, muitos deles são tão pequenos, não acha que eles parecem provocar? São todos covardes. – Ele se interrompeu para explicar: – Posso dizer que não tem parentes munchkins, ou eu não faria esses comentários.

– Minha esposa é de Pedras do Ninho – respondeu Fiyero, mentindo sem convencer, mas deixando clara sua posição.

– Recomendo o frapê de chocolate com cerejas hoje, fresco e delicioso – mudou de assunto o gerente, se retraindo para uma formalidade repentina e puxando uma cadeira em uma mesa perto de velhas janelas altas.

Fiyero se sentou e olhou para fora. Uma persiana corroída tinha entortado e não podia se fechar contra a janela externa como projetado, mas ainda havia uma certa vista. Telhados, chaminés ornamentais, a estranha armação da janela estofada com plantas de inverno escuras, e pombos se precipitando e cortando os céus como lordes.

O gerente era daquele tipo peculiar; depois de tantas gerações na Cidade das Esmeraldas, parecia de uma tendência étnica separada. Os retratos de sua família mostravam os olhos de mel brilhantes, e testas grandes tanto em homens quanto em mulheres (e arrancavam os escalpos das crianças também, à moda

da nostálgica classe média em ascensão). Ao ver os garotos afetados em cetim cor-de-rosa com cachorros pequenos de pelos arrepiados e as meninas em decotes profundos e vermelho-escuros como se fossem mulheres (revelando a inocente ausência de seios), Fiyero sentiu a súbita saudade, outra vez, de seus filhos frios e distantes. Embora feridos pela vida particular específica – e quem não era? –, na memória dele, Irji, Maneke e Nor tinham mais integridade que essa prole de estufa de projeto de família.

Mas isso era cruel, e ele estava reagindo à convenção artística, e não às crianças de fato. Ele voltou o olhar para a janela quando o pedido chegou, para evitar as outras pessoas no salão.

Em geral, tomar café no jardim de inverno abaixo oferecia uma vista de muros de tijolos cobertos de hera, arbustos e a ocasional estátua de mármore de um improvavelmente belo e vulnerável jovem nu. No entanto, do andar de cima, era possível ver sobre o muro o interior da área de uma cavalaria. Uma parte era um estábulo, outra parecia um banheiro do bairro e quase fugindo do campo de visão havia o muro destruído pela explosão. Algum tipo de rede de arame farpado retorcido foi erguido através da abertura, que levava ao pátio de uma escola.

Conforme ele observava, uma das portas da escola adjacente foi aberta com um empurrão, e uma pequena multidão surgiu, agitada e se alongando à luz do sol. Parecia haver um casal de senhoras quadlings e alguns meninos adolescentes quadlings, rapazes com bigodes precoces formando uma sombra azulada na macia pele rosada. Cinco, seis, sete quadlings – e dois homens robustos que poderiam ser parte gillikin, era difícil dizer – e uma família de ursos. Não: Ursos. Ursos Vermelhos pequenos, uma mãe, um pai e um filhote.

O Ursinho foi decidido até umas bolas e cordas sob as escadas. Os quadlings fizeram um círculo e começaram a cantar e dançar. Os mais velhos, com passos artríticos, davam as mãos aos adolescentes e se moviam em padrões anti-horários, para dentro e para fora, como se fizessem um relógio que revertia o movimento horário do tempo. Os homens gillikins truncados dividiam um cigarro e observavam a barreira de arame atravessada no muro quebrado. Os Ursos Vermelhos estavam mais desanimados. O macho estava sentado na ponta de madeira de um canteiro de areia, esfregando os olhos e alisando o pelo debaixo do queixo. A fêmea se movimentava de um lado para o outro, chutando a bola apenas com a frequência suficiente para manter o filhote ocupado, depois acariciando a cabeça abaixada de seu companheiro.

Fiyero deu um gole na bebida e se inclinou um pouco para a frente. Se havia, o que, uns doze prisioneiros e apenas uma cerca de arame entre eles e a liberdade, por que eles não a rompiam? Por que eles estavam separados em grupos raciais e de espécies?

Depois de dez minutos, as portas se abriram outra vez, e um soldado da Força Gale saiu, todo enfeitado e – sim, Fiyero teve de admitir por fim – apavorante. Apavorante no uniforme vermelho-tijolo com botas verdes, e a cruz esmeralda que dividia em quatro a camisa, uma linha vertical da virilha até o colarinho engomado, a outra linha de axila a axila cruzando o peitoral. Era apenas um jovem cujo cabelo cacheado era tão loiro que parecia quase branco

no sol de inverno. Ele ficou de pé com as pernas afastadas no degrau da varanda da escola.

Embora Fiyero não conseguisse ouvir nada através da janela fechada, o soldado aparentemente deu uma ordem. Os Ursos se entesaram e o filhote começou a choramingar e agarrar a bola para si. Os homens gillikins se aproximaram e ficaram de pé, prontos. Os quadlings ignoraram a ordem e continuaram a dançar. Eles balançavam os quadris e mantinham os braços na altura dos ombros, movendo as mãos em uma mensagem simbólica, embora Fiyero só conseguisse adivinhar o significado. Ele nunca tinha visto um quadling antes.

O soldado da Força Gale elevou a voz. Ele tinha um cassete em uma correia pendurada na cintura. O filhote se escondeu atrás do pai, e a mãe pareceu rosnar.

“Trabalhem juntos”, Fiyero se pegou pensando, sem perceber que poderia ter um pensamento desses. “Trabalhem em equipe – vocês são doze e ele é apenas um. São suas diferenças entre si que os mantêm dóceis? Ou há parentes lá dentro que serão torturados se vocês tentarem escapar?”

Era tudo especulação: Fiyero não conhecia a dinâmica da situação, mas estava fascinado. Ele percebeu que sua mão estava aberta, com a palma contra o vidro da janela. Abaixo, como os Ursos não ficaram de pé para entrar na fila, o soldado ergueu o porrete e o desceu na cabeça do filhote. O corpo de Fiyero deu um solavanco, ele cuspiu a bebida e a xícara quebrou, com cacos de porcelana se espalhando pelo piso de carvalho amanteigado colocado em zigue-zague.

O gerente apareceu de trás de uma porta de pano verde e desaprovou, fechando as cortinas, mas não antes de Fiyero ter visto uma última coisa. Recuando como se nunca tivesse caçado e matado nos Pastos de Mil Anos, ele desviou os olhos e os virou para cima, onde avistou as faces pálidas – vinte ou trinta crianças em idade escolar nas janelas superiores da escola, encarando com fascinação e bocas abertas a cena no pátio de recreio.

– Eles não têm consideração pelos vizinhos que têm um negócio para administrar, contas para pagar e pessoas queridas para alimentar – soltou o gerente. – Não precisa ver essas coisas grotescas enquanto desfruta seu café, senhor.

– O rompimento no seu jardim de inverno – disse Fiyero. – Isso foi alguém querendo quebrar seu muro para entrar nesse pátio e tirá-los de lá vivos.

– Nem sugira isso – disse o gerente em voz baixa. – Existem mais ouvidos neste cômodo do que os seus e os meus. Como sei quem queria o quê, ou por quê? Sou um cidadão particular e cuido dos meus próprios assuntos.

Fiyero não aceitou uma xícara substituta de chocolate com cereja. Ouvia gritos de protesto da mãe Urso, e depois um silêncio no mundo externo às pesadas cortinas de tecido adamascado. “Foi um acidente eu ter visto aquilo?”, pensou Fiyero, olhando para o gerente com outros olhos. Ou o mundo simplesmente se descortina aos seus olhos, repetidas vezes, assim que você está pronto para vê-lo de maneira diferente?

Ele queria contar a Elfinha o que tinha visto, mas se controlou por motivos que não soube elaborar. De alguma forma, no equilíbrio de seus afetos, ele percebia que ela precisava de uma identidade separada da dele. Se ele se convertesse à causa dela, talvez ela se afastasse. Ele não ousou arriscar. Mas a visão do filhote Urso machucado o assombrava. Ele abraçou Elfinha com mais força, tentando transmitir uma paixão mais profunda sem falar nada.

Ele também percebeu que, quando Elfaba estava mais agitada, era mais liberal para fazer amor. Ele começou a conseguir perceber quando ela ia dizer “Só na próxima semana”. Ela parecia mais entregue, mais lasciva, talvez como um exercício purificador antes de desaparecer por alguns dias. Certa manhã, enquanto ele roubava um pouco de leite do gato para colocar no café, ela esfregava um óleo na pele, estremecendo de sensibilidade.

– Quinze dias, meu querido. Meu bichinho, como meu pai costumava dizer. Preciso de quinze dias de privacidade agora.

Ele sentiu uma pontada súbita, uma premonição, de que ela ia deixá-lo. Era um jeito de ela conseguir duas semanas de vantagem.

– Não! Isso não é certo, Fae-Fae. Não está tudo bem, é tempo demais.

– Precisamos disso. Não você e eu, quero dizer o outro nós. Obviamente não posso lhe dizer o que vamos fazer, mas os últimos planos para a campanha de outono estão se aproximando. Haverá um acontecimento e devo ficar disponível para a rede o tempo todo. Não posso dizer mais nada.

– Um golpe? Um assassinato? Uma bomba? Um sequestro? O quê? Me diga apenas a natureza, não os detalhes, o quê?

– Não apenas não posso lhe contar, como nem sei o que é. Só saberei do meu pequeno papel, e vou executá-lo. Só sei que é uma manobra complicada com várias peças interligadas.

– Você é o dardo? É a faca? O fusível?

Ao que ela respondeu (embora ele não tenha se convencido):

– Meu querido, meu boneco, sou verde demais para entrar num local público e fazer alguma coisa errada. Seria muito óbvio. Guardas de segurança me observam como uma coruja observa um rato. Minha presença em si provoca alarme e aumento de vigilância. Não, não, a parte que vou executar será a parte de uma criada, uma pequena ajuda nas sombras.

– Não faça isso – pediu ele.

– Você é egoísta e é um covarde. Eu te amo, meu doce, mas seus protestos são equivocados. Você só quer preservar a minha vida insignificante, nem tem um sentimento moral sobre eu estar fazendo algo certo ou errado. Não que eu queira que faça isso, não que eu me importe com o que pensa a respeito. Mas só observo que suas objeções são do tipo mais fraco. Isso não é algo a discutir. Daqui a duas semanas, volte aqui.

– A... ação... estará terminada então? Quem decide?

– Ainda não sei o que é, e nem sei quem decide, então não me pergunte.

– Fae... – De repente, ele não gostava mais do apelido dela. – Elfaba. Você

não sabe quem está controlando as cordas que a conduzem? Como sabe que não está sendo manipulada pelo Mágico?

– Você é novato nisso, com todo o seu status de príncipe tribal! Por que eu não saberia se eu fosse peão do Mágico? Consegui perceber quando estava sendo manipulada por aquela megera, Madame Horrrosa. Aprendi algumas coisas sobre mentiras e conversas francas no Crage Hall. Me dê algum crédito por ter passado alguns anos nisso, Fiyero.

– Você não sabe me dizer com certeza quem é ou não é seu chefe.

– Papai não sabia o nome de seu Deus Inominável – disse ela, levantando-se e passando óleo no estômago e entre as pernas, mas virando as costas para ele de modo discreto. – Nunca é o quem, não é? É sempre o porquê.

– Como você escuta? Como eles lhe dizem o que deve fazer?

– Você sabe que eu não posso dizer.

– Eu sei que você pode.

Ela se virou.

– Passe óleo nos meus seios, por favor.

– Não sou um macho estúpido, Elfaba.

– É, sim – ela riu, mas com amor –, vamos lá.

Era de dia, o vento rugia e até sacudia os pisos. O céu frio sobre o vidro estava de um raro azul rosado. Elfaba deixou cair a vergonha como se fosse uma camisola, e no brilho líquido da luz do sol sobre tábuas velhas, ergueu as mãos – como se, no terror do combate que estava por vir, finalmente entendesse que era bonita. Do jeito dela.

O colapso da reticência dela o assustou mais do que qualquer coisa.

Fiyero pegou um pouco de óleo de coco e o aqueceu entre as palmas das mãos. Ele as deslizou como animais de veludo curtido sobre os seios pequenos que respondiam. Os mamilos se endureceram, a cor ruborizou. Ele já estava totalmente vestido, mas de forma imprudente pressionou o corpo contra a forma pouco resistente dela. Uma das mãos deslizou pelas costas dela; Elfaba a arqueou contra ele, gemendo.

As mãos dele desceram para as nádegas dela, continuaram, sentiram o local que um músculo repuxou de um jeito deformado, afetuoso, sentiu os pelos começando a formar sombras entrecruzadas, seu redemoinho em direção ao vórtice. Ele brincou com a mão inteligente, sentindo os sinais da resistência dela.

– Tenho quatro companheiros – disse ela de repente, se retorcendo em um movimento suave o suficiente para se soltar, mas não desencorajar. – Ah, coração, tenho quatro camaradas; eles não sabem quem é o líder da nossa célula, é tudo feito no escuro, com um encanto de disfarce para distorcer a voz e sombrear as características. Se eu soubesse mais, a Força Gale poderia me capturar e me torturar para saber de tudo, entende?

– Qual é seu objeto? – suspirou ele, beijando-a, abrindo as calças de novo, com a língua traçando o funil retorcido da orelha dela.

– Matar o Mágico – respondeu ela, envolvendo as pernas ao redor dele. – Não sou a ponta da lança, não sou o dardo, sou apenas a lança, a aljava... – Ela colocou mais óleo na mão enquanto os dois deslizavam e caíam na luz, ela o fez ficar brilhante e aflito de óleo, e o aceitou mais fundo do que nunca. – Mesmo

depois de todo esse tempo, você poderia ser um agente do Palácio.

– Não sou.

Um pouco de neve caiu numa semana, depois mais um pouco na outra. A festividade de Lurlinemas se aproximava. As capelas unionistas, tendo se apropriado e transformado as partes mais visíveis das velhas crenças pagãs, se enfeitaram desavergonhadamente de verde e dourado: colocaram velas verdes e gongos dourados, e guirlandas de frutas verdes e outras pintadas de dourado. Ao longo da Rua dos Mercadores, as lojas (e as igrejas) se superavam na decoração, com mostruários de roupas da moda e quinquilharias inúteis e caras. Nas vitrines, figuras de papel machê evocavam a boa Fada Rainha Lurline em sua carruagem com asas, e sua assistente, a fada inferior Preenella, que distribuía delícias embrulhadas para presente de sua ampla cesta mágica.

Ele se perguntava, repetidas vezes, se amava Elfaba.

Também se perguntava por que demorou tanto para chegar a esta questão, depois de dois meses de caso apaixonado; e se sabia o que significavam aquelas palavras; e se isso importava.

Escolheu mais presentes para as crianças e para a rabugenta Samira, aquela infeliz mal alimentada, aquele monstro. Ele sentia um pouco de saudade dela; seus sentimentos por Elfaba não pareciam competir com o que ele sentia por Sarima, mas sim complementar. Não poderia haver duas mulheres mais diferentes. Elfaba demonstrava a orgulhosa independência das mulheres da montanha arjiki que Sarima, casada tão cedo, nunca havia desenvolvido. E Elfínha não era apenas um tipo provincial diferente (para não dizer original); ela parecia avançar no gênero, às vezes parecia uma espécie diferente. Ele se pegou com uma ereção gigantesca só de lembrar a última vez, e teve de se esconder atrás de alguns xales femininos em uma loja até diminuir.

Ele comprou três, quatro, seis xales para Sarima, que não usava xales. E comprou seis xales para Elfaba, que os usava.

A garota da loja, uma anã munchkin desinteressante que tinha de ficar sobre uma cadeira para alcançar a caixa registradora, disse sobre os ombros dele:

– Só um minuto, madame.

Ele se virou para fazer espaço no balcão para a outra cliente.

– Mestre Fiyero! – gritou Glinda.

– Senhorita Glinda – disse ele, estupefato. – Que surpresa!

– Uma dúzia de xales. Veja, Croke, veja quem está aqui!

E lá estava Croke, com uma pequena papada, embora não pudesse ter mais de 25 anos ainda, olhando de um jeito culpado por cima de um mostruário de coisas emplumadas.

– Precisamos tomar um chá – falou Glinda –, precisamos. Vamos agora. Pague à senhorinha simpática e vamos embora. – Em suas saias volumosas, ela farfalhava como um grupo de bailarinas.

Ele não se lembrava de ela ser tão eufórica; talvez fosse a vida de casada. Ele deu uma olhadela para Croke, que estava revirando os olhos atrás dela.

– Coloque isto na conta do Sir Chuffrey, e isto, e mais isto – pediu Glinda, amontoando coisas sobre o balcão. – E envie para nossos quartos no Florinthwaite Club. Vou precisar dessas coisas para o jantar, então peça para alguém levá-las agora mesmo, por favor. Que amor. Tão gentil. Obrigada. Meninos, vamos.

Ela agarrou Fiyero com a mão forte e o arrastou para longe; Crope os seguiu como um cachorrinho. O Florinthwaite Club ficava a apenas uma ou duas ruas de distância e eles poderiam facilmente ter carregado as compras sozinhos. Glinda saltava e tagarelava descendo as escadarias até o Salão de Carvalho, fazendo barulho suficiente para que todas as mulheres residentes olhassem para cima em um tipo recompensador de desaprovação.

– Agora, você, Crope, aí, para poder ser Mãe e servir quando tivermos pedido, e o querido Fiyero, aqui, bem ao meu lado, mas só se você não estiver muito casado.

Eles pediram chá; Glinda se acalmou um pouco.

– Mas, sério, quem poderia imaginar? – disse ela, pegando um biscoito e colocando de volta, cerca de oito vezes seguidas. – Nós éramos os melhores em Shiz, de verdade. Olhe para você, Fiyero, você é um príncipe, não é? Devemos chamá-lo de Vossa Alteza? Eu jamais conseguiria. E você ainda está casado com aquela menina?

– Ela agora está crescendo, e temos uma família – contou Fiyero com cuidado. – Três filhos.

– E ela está aqui? Preciso conhecê-la.

– Não, ela está na nossa casa de inverno nos Grandes Kells.

– Então você está tendo um caso – comentou Glinda –, porque você parece muito feliz. Com quem? Alguém que eu conheça?

– Só estou feliz de encontrar vocês – disse ele; e de fato estava. Ela estava linda. Tinha engordado um pouco. Aquela beleza espectral tinha florescido, mas não se tornou grosseira. Ela era mais mulher do que largada, e mais esposa do que mulher. Seu cabelo estava cortado em um estilo meio masculino, muito apropriado, e havia um tipo de tiara em seus cachos. – E agora você é uma feiticeira.

– Ah, dificilmente – retrucou ela. – Eu ao menos consigo fazer a maldita garçonne correr com os pães e a geleia? Não consigo. Sim, eu consigo assinar cem cartões de felicitações de uma só vez. Mas é um talento bem modesto, devo lhe dizer. A feitiçaria é muito exagerada na imprensa popular. De outra forma, por que o Mágico não conseguiria usar magia contra seus adversários? Não, estou contente de tentar ser uma boa parceira para meu Chuffrey. Ele está na bolsa hoje, fazendo umas coisinhas financeiras. Ah, você sabe quem mais está na cidade? É bom demais, conte a ele, Crope.

Crope, surpreso de ter uma abertura, engasgou com a boca cheia de chá. Glinda se apressou a falar:

– Nessarose! Acredita nisso? Ela está na casa da família na Rua Lower Mennipin, um endereço que apareceu bastante na década passada, devo acrescentar. Onde a vimos mesmo, Crope? Foi no Café Empório...

– Foi no Jardim de Gel...

– Não, eu me lembro, foi no Cabaré Spangletown! Fiyero, você sabe, fomos

visitar aquela velha Sillipede, se lembra dela? Não, estou vendo no seu rosto que você não se lembra. Ela era a cantora que estava se apresentando no Festival da Canção e do Sentimento de Oz no dia em que nosso Glorioso Mágico chegou dos céus em um balão e orquestrou aquele golpe! Ela está fazendo mais uma daquelas inumeráveis turnês de retorno. Está um pouco antiquada agora, mas e daí, foi muito divertido. E lá, em uma mesa melhor que a nossa, devo dizer, estava Nessa! Ela estava com o avô, ou será que era o bisavô? O Eminente Thropp? Ele deve ter uns 100, 120 anos, agora. Fiquei chocada ao vê-la até perceber que ela só estava ali para acompanhá-lo. Ela não gostou muito da música – estava de cara feia e rezando durante todo o ato inicial. E Babá também estava lá. Quem poderia imaginar, Fiyero: você é um príncipe, Nessarose está quase confirmada como a próxima Eminente Thropp, Avaric, é claro, o Marquês de Dez Prados, e euzinha, humilde, casada com Sir Chuffrey, que detém o título mais inútil e o maior portfólio de ações de Colinas de Perth? – Glinda quase parou para respirar, mas continuou com delicadeza: – E Croke, claro, o querido Croke. Croke, conte a Fiyero tudo sobre você, ele está louco para saber, estou vendo isso.

Na verdade, Fiyero estava interessado, no mínimo para ter uma pausa no tagarelar estacado.

– Ele é tímido – Glinda provocou –, tímido, tímido, tímido, sempre foi. – Fiyero e Croke trocaram olhares e tentaram evitar que as bocas formassem um sorriso. – Ele tem um palacete inovador, um loft no último andar de um consultório de cirurgia, consegue imaginar? Uma vista de tirar o fôlego, dos melhores lugares da Cidade das Esmeraldas, e nesta época do ano! Ele se interessa um pouco por pintura, não é, querido? Pintar um cenário para uma opereta musical aqui e ali. Quando éramos jovens, pensávamos que o mundo girava ao redor de Shiz. Você sabe que agora há um teatro de verdade lá? O Mágico a tornou uma cidade muito mais cosmopolita, não acha?

– É bom ver você, Fiyero – disse Croke –, diga algo sobre você, rápido, antes que seja tarde demais.

– Seu mal-educado, você está brincando comigo sem dó – cantou Glinda. – Vou contar a ele sobre seu casinho com... Bem, esqueça. Não sou tão má.

– Não há nada a dizer – explicou Fiyero, se sentindo ainda mais taciturno e winkie do que quando chegou pela primeira vez em Shiz – Eu gosto da minha vida, lidero meu clã quando eles precisam, o que não é muito frequente. Meus filhos são saudáveis. Minha esposa é... Bem, não sei...

– Fértil – interrompeu Glinda.

– Isso. – Ele riu. – Ela é fértil e eu a amo, e não vou ficar muito tempo porque preciso me encontrar com uma pessoa para uma reunião de negócios do outro lado da cidade.

– Precisamos nos encontrar – disse Glinda, de repente melancólica, parecendo solitária. – Ah, Fiyero, ainda não somos velhos, mas somos velhos o suficiente para já sermos velhos amigos, não? Olhe, eu falei sem parar como uma debutante que se esqueceu de passar a Colônia da Discrição. Sinto muito. Só que foi uma época tão maravilhosa, mesmo com toda a estranheza e a tristeza... e a vida não é a mesma, agora. É maravilhosa, mas não é igual.

– Eu sei, mas acho que não posso me encontrar de novo com vocês. Tenho muito pouco tempo e preciso voltar a Kiamo Ko. Estou afastado de lá desde o fim do verão.

– Olhe, estamos todos aqui, eu e Chuffrey, Croke, Nessarose, você... Avaric está por perto, conseguimos trazê-lo? Poderíamos nos encontrar, poderíamos jantar juntos em nossos aposentos lá em cima. Prometo não ser tão eufórica. Por favor, Fiyero, por favor, Vossa Alteza. Seria uma honra para mim. – Ela inclinou a cabeça e colocou um dedo no queixo, elegante, e ele percebeu que ela estava lutando com a linguagem de sua classe para dizer algo real.

– Se eu achar que consigo, mando avisar, mas, por favor, não conte com isso. Teremos outros momentos. Normalmente não estou na cidade até o fim da estação... isso é uma anomalia. Meus filhos estão me esperando... você tem filhos, Glinda?

– Chuffrey é seco como duas nozes cozidas – disse Glinda, fazendo Croke engasgar com o chá outra vez – Antes que você vá, estou vendo que está se preparando para correr, querido, querido Fiyero. O que você sabe de Elfaba?

Mas ele estava preparado para isso. Tinha preparado o rosto para ficar inexpressivo e apenas disse:

– Esse é um nome que eu não ouço todos os dias. Ela voltou a aparecer? Certamente Nessarose deve ter dito algo.

– Nessarose disse que, se a irmã algum dia aparecer, ela vai cuspir na cara dela – destacou Glinda –, então é melhor rezarmos para ela nunca perder a fé, pois isso significaria a evaporação de tanta tolerância e delicadeza. Acho que ela mataria Elfaba. Nessa foi abandonada, rejeitada, deixada para trás para cuidar do pai maluco, do avô, daquele irmão, da enfermeira, da casa, dos criados – e não se pode nem dizer que foi com uma das mãos, pois ela não tem mãos!

– Acho que vi Elfaba uma vez – disse Croke.

– É? – perguntaram Fiyero e Glinda ao mesmo tempo.

– Você nunca me disse isso, Croke.

– Eu não tinha certeza – respondeu ele. – Eu estava no bonde que passa ao longo do espelho d'água no Palácio. Estava chovendo – alguns anos atrás – e eu vi uma figura lutando contra um grande guarda-chuva. Achei que ela estava prestes a ser levada pelo vento. Uma lufada inverteu o guarda-chuva e o rosto, um rosto esverdeado, e foi isso que chamou minha atenção, se abaixou para evitar os pingos de chuva – vocês se lembram de como Elfaba odiava se molhar.

– Ela era alérgica à água – opinou Glinda. – Eu nunca soube como ela se mantinha tão limpa, e eu era sua colega de quarto.

– Óleo, acho. – Ambos olharam para ele. – Quero dizer, nos Vinkus – gaguejou ele –, os mais velhos esfregam óleo na pele em vez de água... sempre imaginei que Elfaba fazia isso. Não sei. Glinda, se eu fosse me encontrar de novo com vocês, que dia seria o ideal?

Ela revirou a carteira em busca de um diário. Croke aproveitou a oportunidade para se inclinar e dizer a Fiyero:

– É realmente bom ver você.

– Você também – disse Fiyero, surpreso de realmente achar isso. – Se algum dia você for aos Grandes Kells do centro, venha ficar em Kiamo Ko

conosco. Apenas avise um pouco antes, pois só estamos lá durante metade do ano.

– É a sua cara, Croke, as feras selvagens do Vinkus indomado – comentou Glinda. – Acho que as possibilidades da moda, todas aquelas correias e franjas de couro e tal, podem interessar a você, mas não o vejo como mister garoto das montanhas.

– Não, provavelmente não – concordou Croke. – A menos que haja cafés fabulosos a cada quatro ou cinco quadras, não acho que seja uma paisagem desenvolvida o suficiente para a habitação humana.

Fiyero apertou a mão de Croke e, depois, lembrando-se dos rumores sobre a deterioração do pobre Tibbett, o beijou; jogou os braços ao redor de Glinda e a abraçou com força. Ela entrelaçou o braço no dele e o acompanhou até a porta.

– Deixe-me afastar Croke e ter você de volta só para mim – murmurou ela, a falação evaporando em seriedade. – Não posso lhe dizer, Fiyero. O passado parece mais misterioso e, ao mesmo tempo, mais compreensível com você aqui na minha frente. Sinto que existem coisas que eu ainda poderia aprender. Não quero reclamar, querido, nunca! Mas temos uma história antiga. – Ela segurou a mão dele entre as dela. – Algo está acontecendo na sua vida. Não sou tão burra quanto pareço. Algo bom e ruim ao mesmo tempo. Talvez eu possa ajudar.

– Você sempre foi um doce – falou ele, e acenou para o porteiro chamar uma carruagem. – Como me arrependo de não poder conhecer Sir Chuffrey.

Ele saiu pela porta, atravessando a entrada de mármore, e se virou para dar um tapinha no chapéu na direção dela. Nas portas (os porteiros as mantinham abertas para melhorar a visão da partida), ela era uma mulher calma, resignada, nem transparente nem inútil – até mesmo, poderia se dizer, uma mulher muito graciosa.

– Se você a vir – disse Glinda com leveza –, diga que ainda sinto falta dela.

*

Ele não voltou a ver Glinda. Não apareceu no Florinthaite Club. Não passou pela casa da família Thropp na Rua Lower Mennipin (embora tenha ficado muito tentado). Não parou um cambista para tentar conseguir um ingresso para a triunfante turnê de retorno de Sillipede. Ele se descobriu na capela de santa Glinda, de onde às vezes podia ouvir monjas enclausuradas ao lado cantando e sussurrando como um enxame de abelhas.

Quando as duas semanas finalmente se passaram, e a cidade estava fervilhando com o Lurlinema, ele foi visitar Elfaba, meio que esperando que ela tivesse sumido.

Mas ela estava lá, séria, amorosa e no meio da confecção de uma torta de vegetais para ele. O precioso Malky estava colocando as patas na farinha e deixando marquinhas por todo o quarto. Eles se falaram de um jeito esquisito até que Malky sacudiu o pote de vegetais, e isso fez os dois rirem.

Ele não contou a ela sobre Glinda. Como poderia? Elfaba tinha trabalhado

tanto para manter todos afastados, e agora estava envolvida na principal campanha de sua vida, aquilo em que ela vinha trabalhando durante cinco anos. Ele não aprovava a anarquia (bem, ele sabia que tinha dúvidas sobre tudo; a dúvida consumia muito mais energia do que a convicção). Mas, depois de ver o filhote de Ursos ser abatido, ele tinha de manter uma relação cuidadosa e imparcial com o Poder no trono – pelo bem da sua tribo.

Além disso, não queria tornar a vida de Elfaba mais difícil do que já era. E sua necessidade egoísta de estar confortável com ela superava a necessidade de fofocar. Então, ele também não contou que Nessarose e Babá estavam na cidade, ou tinham estado. (Pelo que ele sabia, avaliou em silêncio, elas já tinham partido.)

– Eu me pergunto – disse ela naquela noite, quando as estrelas espiavam através do louco padrão de gelo na claraboia – se você deveria sair da cidade antes da Noite de Lurlinemas.

– O inferno todo vai se libertar?

– Eu já disse que não sei tudo; não posso e não devo saber. Mas talvez algum inferno se liberte. Talvez fosse melhor você partir.

– Não vou embora, e você não pode me obrigar.

– Tenho feito cursos de feitiçaria por correspondência, faço *puf* e transformo você em pedra.

– Quer dizer que vai me deixar duro? Eu já estou duro.

– Pare. Pare.

– Ah, sua mulher malvada, você me enfeitiçou de novo, veja, ele tem vontade própria...

– Fiyero, pare. Pare. Olhe, estou falando sério. Quero saber onde você estará na Noite de Lurlinemas. Só para garantir que você não vai se machucar. Me diga.

– Quer dizer que não estaremos juntos?

– É uma noite de trabalho para mim. Vejo você no dia seguinte.

– Espero por você aqui.

– Não. Acho que ocultamos nossos rastros muito bem, mas ainda há a possibilidade, mesmo nesse dia, de alguém vir aqui me interceptar. Você vai ficar no seu clube e tomar um banho. Tome um longo banho frio. Entendeu? Nem mesmo saia nas ruas. De qualquer maneira, dizem que vai nevar de novo nesse dia.

– É Noite de Lurlinemas! Não vou passar a festa em uma banheira sozinho.

– Bem, contrate uma companheira, veja se me importo.

– Como se você não se importasse.

– Apenas fique longe de qualquer coisa social, quero dizer teatro ou multidões, ou até mesmo restaurantes, por favor, me prometa isso?

– Se puder ser mais específica, posso ser mais cuidadoso.

– Você poderia ser muito cuidadoso se sáisse da cidade.

– Você poderia ser muito cuidadosa se me contasse...

– Desista disso, pare. Acho que nem quero saber onde você vai estar, nem pensar nisso. Só quero que fique em segurança. Vai ficar em segurança? Vai ficar quieto, longe de celebrações pagãs embriagadas?

– Posso ir à capela e rezar por você?

– Não. – Ela pareceu tão feroz que ele nem a provocou sobre isso outra vez.

– Por que preciso me manter tão seguro? – perguntou ele, mas estava praticamente perguntando a si mesmo. “O que há na minha vida que vale ser preservado? Com uma boa esposa nas montanhas, prestativa como uma colher velha, seca no coração por ter medo do casamento desde que tinha 6 anos? Com três filhos tão assustados com o pai, o príncipe de arjilis, que mal chegam perto dele? Com um clã preocupado se movimentando para aqui e para ali, passando pelas mesmas disputas, pastoreando os mesmos rebanhos, fazendo as mesmas preces, como faziam quinhentos anos antes? E eu, com uma mente superficial e desgovernada, sem astúcia nas palavras ou nos hábitos, nenhuma delicadeza especial em relação ao mundo? O que há nisso tudo que torna minha vida preservável?”

– Eu te amo – falou Elfaba.

– Então é isso, e isso é aquilo – respondeu ele a ela e a si mesmo. – E eu te amo. Assim, prometo ser cuidadoso.

“Cuidadoso com nós dois”, pensou ele.

Então ele a seguiu outra vez. O amor faz de todos nós caçadores. Ela tinha se enfiado em longas saias escuras, como um tipo de mulher religiosa, e enfiado o cabelo dentro de um chapéu de aba larga com uma coroa parecida com um cone. Usava um xale escuro, roxo e dourado, envolto no pescoço e puxado sobre a boca, embora ela precisasse de mais do que um xale para mascarar aquele nariz. Ela usava luvas elegantes e justas, um tipo de acessório mais interessante do que ela costumava usar, embora ele temesse que fosse para ter um controle mais ágil das mãos. Seus pés estavam perdidos em botas grandes com ponteira de aço, do tipo usado pelos mineiros nos Glikkus.

Se não soubesse que ela era verde, seria difícil dizer – nesta tarde escura, nesta neve fina.

Ela não olhou para trás; talvez não se importasse ser seguida. Seu circuito a levou por algumas das principais praças da cidade. Ela se infiltrou por um minuto na capta de santa Glinda próxima ao monastério, aquela em que ele a vira pela primeira vez. Talvez ela fosse receber instruções de última hora, mas ela não tentava se esconder dele (nem de mais ninguém). Ela surgiu em um ou dois minutos.

Ou talvez – que absurdo – ela estivesse de fato rezando por orientação e força?

Ela atravessou a Ponte dos Tribunais, vagou pela Barragem de Ozma e cortou diagonalmente os jardins de rosas abandonados do Royal Mall. A neve a incomodava; ela ficava retorcendo a capa para envolvê-la melhor; a silhueta de suas pernas finas e com meias pretas naquelas enormes botas cômicas se destacava contra a brancura da neve no Parque das Gazelas de Oz (agora, evidentemente, desprovido de Gazelas e gazelas). Ela marchava, com a cabeça abaixada, passando pelos cenotáfios, obeliscos e tábuas memoriais para o

Magnífico Morto de uma aventura ou outra. As décadas, pensou Fiyero, amando-a ou pelo menos tão apavorado por ela que poderia confundir com amor, as décadas observavam e não percebiam a passagem dela. Elas fitavam de seus montes fixos de frente uma para a outra e não viam a revolução passando entre elas, no caminho do destino.

Mas o Mágico não devia ser o alvo dela. Ela deve ter falado a verdade quando disse que era muito inexperiente – e muito óbvia – para ser escolhida como assassina do Mágico. Ela devia estar envolvida em uma tática diversiva ou em transportar um possível sucessor ou aliado de alto nível. Porque hoje à noite o Mágico irá inaugurar a Exibição de Luta e Virtude antimonarquista e revisionista na Academia Popular de Arte e Mecânica perto do Palácio. Ainda no topo da Estrada de Shiz, Elfaba saiu para a lateral, se afastando do distrito do Palácio, atravessando o pequeno distrito elegante de Goldhaven. Os lares dos podres de ricos eram guardados por mercenários, e ela passou por eles nas calçadas, pelos cavaliços que varriam a neve das calçadas com suas vassouras. Ela não olhava para cima, para baixo nem para trás por sobre os ombros. Fiyero imaginou que ele era a figura mais ostensiva, andando a passos largos com sua capa de ópera pela neve cem passos atrás.

Nos limites de Goldhaven havia uma pequena joia de pedra azul de teatro, o Lady's Mystique. Na praça sem graça mas elegante à frente, luzes brancas e lantejoulas douradas e verdes estavam penduradas em profusão, de um poste de luz até o outro. Um oratório de festas ou outra coisa estava agendado – ele só conseguia ler ESGOTADO no cartaz em frente – e as portas ainda não estavam abertas. A multidão estava se reunindo, alguns comerciantes vendiam chocolate quente em copos compridos de cerâmica, e uma multidão de jovens convencidos se divertiam e perturbavam os mais velhos cantando uma paródia de um antigo hino unionista da estação. A neve caía sobre tudo: as luzes, o teatro, as multidões; sobre o chocolate quente, se transformava em gosma e gelo sobre os tijolos.

Com bravura e tolice – sem decidir ou escolher, simplesmente achou que devia –, Fiyero subiu os degraus de uma biblioteca particular próxima, para manter os olhos em Elfaba, que se perdera na multidão. Haveria um assassinato no teatro? Haveria um incêndio, os inocentes sibiritas assados como castanhas? Seria uma marca única, uma vítima escolhida, ou seria caos e desastre, quanto mais, quanto pior, melhor?

Ele não sabia se estava ali para evitar o que ela estava prestes a fazer, ou para salvar quem quer que ele pudesse da catástrofe, ou para cuidar de alguém acidentalmente ferido, ou, ainda, apenas para testemunhar o fato, de modo que pudesse saber mais sobre ela. E saber se a ama ou não.

Ela estava circulando pela multidão, como se tentasse localizar alguém. Ele acreditava que ela não sabia que ele estava ali – será que ela estava tão concentrada em encontrar a vítima certa, e ele não se encaixava no perfil? Será que ela não sentia o amante dela na mesma praça a céu aberto enquanto o vento movia as cortinas de neve?

Uma falange de soldados da Força Gale apareceu de um beco entre o teatro e a escola ao lado. Eles tomaram seus lugares diante do conjunto de portas de vidro na frente. Elfaba subiu os degraus de um velho mercado de lã, um tipo de

gazebo de pedra. Fiyero viu que ela tinha algo sob a capa. Explosivos? Algum componente mágico?

Será que havia colegas dela na praça? Será que eles estavam se alinhando uns com os outros? A multidão continuava a aumentar conforme o horário do oratório se aproximava. Dentro das portas de vidro, o gerente da casa estava ocupado alinhando suportes e colocando cordas de veludo para promover uma entrada refinada no saguão. Fiyero sabia que ninguém empurrava e se amontoava em um espaço público como os muito ricos.

Uma carruagem chegou virando a esquina de um prédio na parte mais distante da praça. Ela não podia chegar até as portas do teatro, pois a multidão estava muito densa, mas continuou até onde conseguiu. Sentindo a presença de alguém com autoridade, a multidão ficou um pouco quieta. Poderia ser o ardiloso Mágico, em uma visita não anunciada? Um cocheiro com chapéu de pele de teca abriu a porta e estendeu a mão para ajudar o passageiro a descer.

Fiyero prendeu a respiração; Elfaba se endureceu e virou madeira petrificada. Esse era o alvo.

Saindo na rua nevada, em uma onda de seda negra e lantejoulas prateadas, surgiu uma mulher enorme; ela era magistral e imponente, era Madame Morrorosa, ninguém mais; até mesmo Fiyero a reconheceu, apesar de só tê-la visto uma vez.

Ele viu que Elfaba sabia que era essa pessoa que devia matar; ela sabia disso e, em um instante, tudo ficou muito claro. Se ela fosse pega e capturada, sua motivação não poderia ser mais maravilhosa – era apenas uma aluna maluca do Crage Hall da Madame Morrorosa, carregava um rancor, nunca tinha se esquecido. Era perfeito demais.

Mas como Madame Morrorosa poderia estar envolvida nessa intriga com o Mágico? Ou será que ela era apenas uma distração, para roubar a atenção das autoridades de um alvo mais urgente?

A capa de Elfaba se agitou; sua mão se movia para cima e para baixo dentro dela, como se estivesse preparando algo. Madame Morrorosa estava rosnando um cumprimento para a multidão, que, não sabendo quem era, apreciava o espetáculo, senão a maior parte de sua chegada.

A diretora do Crage Hall deu quatro passos em direção ao teatro, nos braços de um anão tiquetaqueante, e Elfaba se inclinou um pouco para a frente sob o mercado de lã. Seu queixo agora estava saltando nitidamente do xale, o nariz mirando à frente; parecia que ela poderia retalhar a Madame Morrorosa em pedaços, apenas usando as lâminas serradas de suas feições naturais. Suas mãos continuavam a fazer coisas sob a capa.

Mas então se abriram as portas da frente do prédio pelo qual a Madame Morrorosa estava passando – não as do teatro, mas da escola adjacente, Seminário Feminino da Madame Teastane. Pelas portas saiu um enxame de meninas ricas da escola. O que elas estavam fazendo na escola na Noite de Lurlinemas? Fiyero percebeu o olhar de grande surpresa em Elfaba. Eram seis ou sete meninas, pequenos pedaços cremosos de feminilidade oculta, emboladas em agasalhos peludos, enfiadas em xales peludos e em botas com bordas peludas. Elas estavam rindo e cantando, estridentes e brutas como as adultas de

elite que se tornariam, e no meio delas havia um mímico, alguém fazendo o papel de Fada Preenella. Era um homem, como mandava a convenção, um homem com maquiagem tola parecendo um palhaço, um bumbum falso que pulava, uma peruca e saias extravagantes, um chapéu de palha e uma enorme cesta com quinquilharias e tesouros se derramando.

– Ula-lá, sociedade – assoviou ele para Madame Morrorosa –, até a Fada Preenella pode ter um presente para a Pedestre Sortuda.

Por um instante, Fiyero achou que o homem travestido ia puxar uma faca e matar Madame Morrorosa bem na frente das crianças. Mas não, a espionagem era organizada, mas não tão organizada – esse era um verdadeiro acidente, um contratempo. Eles não tinham imaginado que poderia haver uma festividade na escola nessa noite, nem um grupo de meninas que gritavam com ganância rebocando um ator usando saias e fazendo falsete.

Fiyero se virou para olhar para Elfaba. O rosto dela lutava contra a descrença. As crianças estavam no caminho do que quer que ela deveria fazer. Era um pequeno grupo desordenado, perseguindo a diretora, provocando Preenella, pulando nela, agarrando os presentes. As crianças eram o contexto accidental – barulhentas, filhas inocentes de milionários, déspotas e generais assassinos.

Ele via Elfaba trabalhando, via as mãos dela lutando uma com a outra, para fazer o que deveria, para não fazer, o que quer que fosse.

Madame Morrorosa forçou a passagem, como um enorme bote em uma parada do Dia da Memória, e as portas do teatro se abriram para ela. Ela passou com grandiosidade para ficar em segurança. Do lado de fora, as crianças dançavam e cantavam na neve, a multidão engrossava aqui e ali. Elfaba se dobrou e afundou contra uma pilastra, tremendo com tanta violência que Fiyero podia ver à distância de cinquenta metros. Ele começou a forçar a passagem em direção a ela, não importa o que acontecesse, mas, quando chegou aos degraus ela tinha, pela primeira e única vez, conseguido despistá-lo.

O público entrou no teatro. As crianças berravam a música na rua, cobertas de ganância e alegria. A carruagem que havia levado a Madame Morrorosa conseguiu parar na frente do teatro e teria uma longa espera até ela sair. Fiyero parou, inseguro, para o caso de haver um plano substituto, no caso de Elfaba ter algo na manga, no caso de o teatro explodir.

Depois ele começou a temer que, nos poucos minutos que a perdeu de vista, Elfaba fora cercada pela Força Gale. Será que eles poderiam arrancá-la de vista tão rápido? O que ele deveria fazer se ela se tornasse um dos desaparecidos?

De repente, ele voltou para a cidade. Felizmente encontrou um táxi à espera e pediu que o motorista o conduzisse diretamente à rua de armazéns próxima à guarnição militar no nono distrito da cidade.

Em estado de profunda agitação, ele voltou ao pequeno ninho de Elfaba sobre o comércio de milho. Ao subir as escadas, suas tripas viraram água, e só com muito esforço ele conseguiu chegar até o penico. Suas entranhas caíram fazendo

barulho, molhadas, e ele segurava o rosto suado nas mãos. O gato estava agachado sobre o armário, olhando para ele. Defecado e vazio, e pelo menos um pouco recomposto, ele tentou atrair Malky com uma tigela de leite, que não quis.

Ele encontrou alguns biscoitos secos e os comeu, depois puxou a corrente para abrir a claraboia e ajudar a arejar o cômodo. Alguns pedaços de neve caíram e ficaram lá sem derreter, pois estava frio nesse nível na porcaria do lugar. Ele resolveu acender um fogo e puxou a porta de ferro do fogão.

O fogo pegou, depois se ampliou e as sombras se separaram e se moveram como vultos, mas essas sombras se moviam rapidamente pelo cômodo, antes que ele conseguisse registrar o que eram. Eram três, quatro, ou cinco homens, vestindo roupas pretas, com carvão negro no rosto e as cabeças envolvidas em xales coloridos como os que ele havia comprado para Elfaba e para Sarima. No ombro de um deles, ele viu o brilho de uma dragona dourada: um membro do alto escalão da Força Gale. Um porrete o acertou, como o chute de um cavalo, como um galho de árvore atingido por um raio. Ele devia sentir dor, mas estava surpreso demais para perceber. Aquilo devia ser o sangue dele, jorrando uma mancha rubi no gato branco, fazendo-o recuar. Ele viu os olhos do gato abertos, duas luas verdes douradas, condizentes com a estação, e o gato pulou pela claraboia aberta e se perdeu na noite coberta de neve.

A monja mais jovem era obrigada a atender à porta do convento se a campanha tocasse durante o horário da refeição. Na verdade, ela estava limpando os restos de sopa de abóbora e pão de centeio, as outras monjas já flutuando, de modo cerimonioso, em direção à capela da clausura no andar de cima. Ela hesitou antes de responder à campanha – dali a três minutos, ela também estaria mergulhada em devoções, e a campanha teria sido ignorada. Ela preferia levar os pratos para lavar. Mas a alegria da estação a empurrou para a caridade.

Ela abriu a enorme porta e encontrou uma figura encurvada como um macaco no canto escuro da varanda de pedra. Atrás, a neve estava enrugando a fachada da adjacente igreja de santa Glinda, fazendo-a parecer um reflexo na água, mas de cabeça para cima. As ruas estavam vazias e um som de corais vinha filtrado da igreja iluminada por velas.

– O que foi? – perguntou a noviça, lembrando-se de acrescentar: – Feliz Lurlinemas, amigo.

Ela decidiu, ao ver o sangue nos estranhos punhos verdes e o olhar rápido, que a decência das festas pedia que ela arrastasse a criatura para dentro. Mas ela ouviu as irmãs monjas se reunindo na capela particular, e a madre monja começando a cantar um prelúdio em sua voz ressonante de contralto. Este era o primeiro grande evento litúrgico da noviça como membro desta comunidade, e ela não queria perder nem um segundo.

– Venha comigo, boneca – disse ela, e a criatura, uma mulher jovem, um ou dois anos mais velha, conseguiu se endireitar o suficiente para andar, ou mancar, como um aleijado, como uma pessoa tão malnutrida que os músculos não conseguem flexionar e que os ossos parecem que estão prestes a quebrar.

A noviça parou em um lavatório para tirar o sangue dos pulsos dela e para se assegurar de que era, na verdade, uma bagunça respingada ao se cortar a cabeça de uma galinha para o jantar de festas, e não uma triste tentativa de suicídio. Mas a estranha recuou ao ver a água e pareceu tão desconcertada e infeliz que a noviça parou. Ela usou uma toalha seca em vez disso.

As monjas estavam começando os cantos antifonais no andar de cima! Que enlouquecedor! A noviça tomou o caminho da menor resistência. Ela arrastou a coisa miserável até o salão de inverno, onde as velhas faladeiras aposentadas viviam suas vidas em um labirinto de amnésia e as moitas discretamente colocadas de plantas de marginium, cujo doce miasma ajudava a mascarar os odores das velhas e incontinentes. As anciãs viviam em uma época própria, elas não podiam ser levadas em cadeiras de rodas para a capela sagrada no andar de cima.

– Olhe, vou deixar você sentada aqui. Não sei se você precisa de santuário, alimento, um banho ou perdão, não importa. Mas pode ficar aqui, aquecida, seca e quieta. Volto aqui depois da meia-noite. É o dia da festa, sabe. É o serviço de vigília. Observe e aguarde, e tenha esperança.

Ela empurrou a mulher perseguida e assombrada até uma cadeira macia e encontrou uma coberta. A maioria das anciãs estava roncando, as cabeças penduradas sobre os esternos, babando suavemente em babadores ornados com frutas e folhas verdes e douradas. Algumas delas estavam rezando o terço. O pátio, aberto no verão, agora estava fechado com painéis de vidro para o inverno, de modo que parecia um tanque de peixes num aquário; a neve caindo nele sempre as acalmava.

– Olhe, você pode ver a neve, branca como a graça do Deus Inominável – disse a noviça, lembrando-se de suas exigências pastorais. – Pense nisso, descanse e durma. Aqui está um travesseiro. Aqui está um banquinho para os seus pés. No andar de cima, estaremos cantando e louvando o Deus Inominável. Vou rezar por você.

– Não... – disse a hóspede verde fantasmagórica, depois deixou a cabeça cair contra o travesseiro.

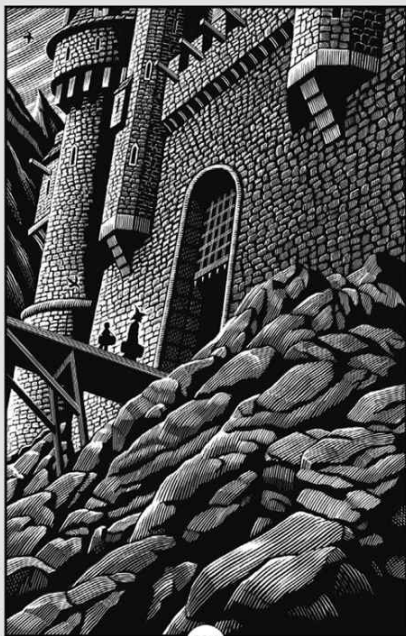
– Será um prazer – falou a noviça, um pouco agressiva, e saiu correndo, bem a tempo de pegar o hino processional.

Por um tempo, o salão de inverno ficou parado. Era como um aquário no qual alguém acabara de colocar um novo peixe. A neve se movia como se fosse feita por uma máquina, delicada e hipnotizante, com um som suave. As flores das plantas de marginium se fecharam um pouco no frio cada vez mais forte do ambiente. Luminárias a óleo lançavam suas fitas de crepe funéreas no ar. Do outro lado do jardim – pouco visível através da neve e das duas janelas – uma monja decrepita, com uma percepção mais acurada do calendário do que suas irmãs, começou a cantarolar um antigo hino pagão impertinente a Lurline.

Uma das anciãs se aproximou lentamente da figura trêmula da recém-chegada em uma cadeira de rodas. Ela se inclinou para a frente e inspirou. Por baixo de uma capa de manta azul e marfim, ela arrastou as mãos velhas pelo apoio de braço. Estendeu a mão e tocou a mão de Elfaba.

– Bem, a pobrezinha está doente, está cansada – falou a velha. Suas mãos,

assim como as da noviça tinham feito, tatearam em busca de feridas abertas nos pulsos. – Embora intacta, a pobrezinha está sentindo dor. – Um domo de escalpo quase careca ficou à vista sob o capuz da manta. – A pobrezinha está fraca, insegura – continuou. Ela se balançou um pouco e pressionou as mãos de Elfaba entre as dela, como se quisesse aquecê-las, mas era duvidoso que o velho sistema circulatório anêmico e incompetente conseguisse aquecer uma estranha quando mal conseguia aquecer a si mesma. – A pobrezinha é a imagem do fracasso – murmurou. – Boas Festas para todos. Venha, minha querida, pouse seu peito no seio da velha madre. A velha madre Monja vai acertar tudo. – Ela não conseguia arrancar Elfaba de sua posição de pesar sem sonho e sem sono. Só conseguia manter as mãos de Elfaba apertadas nas próprias, como uma sépala segura as dobras de uma jovem pétala. – Venha, minha preciosa, e tudo vai ficar bem. Descanse no seio da louca madre Yackle. A madre Yackle vai levá-la para casa.



IV

Nos Vinkus

A VIAGEM DE PARTIDA

No dia em que a monja ia partir, a Irmã Bursar pegou a enorme chave de ferro de seus seios e destrancou a câmara de depósito, dizendo:

– Entre.

Ela pegou da prensa três vestidos pretos, seis camisolas, luvas e um xale. Ela também lhe deu a vassoura. Por fim, para emergências, uma cesta de ervas medicinais – plantas e raízes, tinturas, sementes, pomadas e bálsamos.

Também havia papel, mas não muito: doze páginas, mais ou menos, em diferentes formas e gramaturas. O papel estava mais escasso do que nunca em Oz.

– Faça durar, faça com que seja importante – alertou a Irmã Bursar. – Você é brilhante, por todos os seus aborrecimentos e silêncios. – Ela encontrou uma caneta. Uma pena de fênix, conhecida pela durabilidade e pela força da cerda. Três potes de tinta preta, selados com cera.

Oatsie Mão Deformada estava esperando no ambulatório com a velha madre superiora. O convento estava pagando um dinheiro decente por este serviço, e Oatsie precisava do salário. Mas ela não gostava do olhar da monja mal-humorada que a Irmã Bursar conduziu para dentro.

– Esta é sua passageira – falou a madre superiora. – O nome dela é irmã santa Aelfaba. Ela passou muitos anos numa vida solitária e na enfermaria. O hábito da fofoca desapareceu. Mas é hora de ela seguir em frente, e é isso que ela vai fazer. Ela não dará trabalho.

Oatsie olhou para a passageira.

– O Trem da Trilha Gramada não promete a sobrevivência de seus passageiros, madre. Já liderei mais de vinte viagens nos últimos dez anos, mais ou menos, e houve mais casualidades do que eu gosto de admitir.

– Ela está partindo por vontade própria – falou a madre superiora. – Se desejar voltar a qualquer momento, nós a aceitaremos. Ela é uma de nós.

Ela não parecia ser nada a Oatsie, nem uma coisa nem outra, nem idiota nem intelectual. A irmã santa Aelfaba só olhava para o chão. Embora parecesse ter uns 30 anos, tinha um olhar adolescente.

– E ali está a bagagem. Consegue levá-la? A madre superiora apontou para a pequena pilha de suprimentos no átrio imaculado em frente ao monastério. Depois se voltou para a monja que estava partindo. – Doce criança do Deus Inominável, você se afasta de nós para realizar um exercício de expiação. Acha que há uma penalidade a pagar antes de encontrar a sua paz. O silêncio inquestionável do claustro não é mais o que você precisa. Você está voltando para si mesma. Por isso a enviamos com nosso amor e nossas expectativas do seu sucesso. Vá em paz, minha boa irmã.

A passageira manteve os olhos grudados no chão e não respondeu.

A madre superiora suspirou.

– Precisamos sair para nossas preces. – Ela pegou algumas notas de um rolo de dinheiro nos recessos de seus véus e as deu a Oatsie Mão Deformada. – Isso

deve dar, e ainda vai sobrar um pouco.

Era uma quantia saudável. Oatsie recebeu muito dinheiro para acompanhar essa mulher taciturna através dos Kells – mais do que todo o resto do grupo junto.

– A senhora é boa demais, madre Monja – disse ela. E pegou o dinheiro com a mão forte, fazendo um gesto de deferência com a mão fraca.

– Ninguém é bom demais – respondeu a Monja Superiora, mas com delicadeza, e se retirou com uma velocidade surpreendente para trás das portas do claustro.

– Você está por conta própria agora, Irmã Elfinha, e que todas as estrelas sorriam no seu caminho! – falou a irmã Bursar também desapareceu. Oatsie levou a bagagem e os suprimentos para a carroça. Havia um pequeno garoto de rua gordo dormindo atrás, no bagageiro.

– Saia daqui – ordenou Oatsie.

– Devo ir também, foi o que me disseram – resmungou o menino. Como a irmã santa Aelfaba não confirmou nem negou o plano dele, Oatsie começou a entender por que o pagamento para levar a monja verde tinha sido mais do que generoso.

O convento de santa Glinda se localizava nas Planícies de Xisto, a vinte quilômetros a sudoeste da Cidade das Esmeraldas. Era um monastério distante, sob a égide do que ficava na cidade. A irmã santa Aelfaba passou dois anos na cidade e cinco anos aqui, de acordo com a madre Monja.

– Ainda quer ser chamada de irmã, agora que se libertou daquela prisão sagrada? – perguntou Oatsie enquanto sacudia as rédeas e instigava os cavalos de carga.

– Elfinha está bom – respondeu a passageira.

– E o menino, como se chama?

Elfinha deu de ombros.

A cocheira encontrou o restante da caravana poucos quilômetros depois. Havia quatro carroças ao todo, e quinze viajantes. Elfinha e o garoto foram os últimos a chegar. Oatsie Mão Deformada delineou a rota proposta: sul ao longo das margens do Kellswater, oeste através da Passagem de Kumbria, noroeste através dos Pastos de Mil Anos, parando em Kiamo Ko, e depois hibernando um pouco mais a noroeste. Os Vinkus eram uma terra não civilizada, Oatsie contou a eles, e havia grupos tribais com que se preocupar: os yunamatas, os scrows, os arjikis. E havia animais. E espíritos. Eles precisavam ficar bem juntos. Eles precisavam confiar uns nos outros.

Elfinha não demonstrou escutar. Ela brincava com a pena de fênix e desenhava padrões no solo entre seus pés, formas enroladas como dragões retorcidos ou fumaça subindo. O garoto estava agachado a uns oito ou dez metros de distância, desconfiado e fechado. Ele parecia ser pajem dela, pois cuidava de suas malas e atendia às suas necessidades, mas eles não se olhavam nem se falavam. Oatsie achou extremamente estranho, e esperava que isso não fosse um presságio do mal.

O Trem da Trilha Gramada partiu ao nascer do sol, e percorreu apenas alguns quilômetros antes do primeiro acampamento em um leito de riacho. O grupo – na maioria, gillikins – tagarelava com admiração inquieta por sua coragem de ir tão longe da segurança do centro de Oz! Todos por motivos diferentes: a trabalho, por necessidades familiares, para pagar uma dívida, para matar um inimigo. Os Vinkus eram uma fronteira, e os winkies um povo ignorante e sedento de sangue que conhecia pouco sobre encanamento interno ou regras de etiqueta, por isso o grupo se alegrou com uma canção. Oatsie participou por pouco tempo, mas ela sabia que dificilmente havia um deles que não preferiria ter ficado onde estava e evitado totalmente as profundezas dos Vinkus. Exceto, talvez, aquela Elfinha, que continuava calada.

Eles deixaram a rica fronteira de Gillikin para trás. Os Vinkus começavam com uma trama de cascalho espalhado pelo solo marrom molhado. À noite, a Estrela Lagarto apontava a direção: sul, sul ao longo das margens dos Grandes Kells, para o abismo perigoso da Passagem de Kumbricia. Pinheiros pareciam dentes em cada barragem. Durante o dia eram acolhedores, às vezes proporcionando uma sombra. À noite eles cresciam e abrigavam corujas e morcegos.

Elfinha com frequência ficava acordada à noite. O pensamento estava voltando a ela, talvez se expandindo sob a amplidão feroz, onde as aves gritavam com vozes que oscilavam e os meteoros costuravam presságios no céu. Às vezes ela tentava escrever com a pena de fênix; às vezes ficava sentada e pensava em palavras, mas não as colocava no papel.

A vida fora do convento parecia ser obscurecida com tanta particularidade – a forma de seus últimos sete anos já estava sendo comprimida. Todo aquele tempo indiferenciado, lavando pisos de terracota sem mergulhar as mãos no balde – levava horas para limpar um único cômodo, mas nenhum piso jamais esteve tão limpo. Fazendo vinho, acolhendo os doentes, trabalhando na ala da enfermaria, o que a lembrava brevemente de Cragge Hall. O benefício de um uniforme era que ninguém precisava se esforçar para ser singular – quantas singularidades o Deus Inominável ou a natureza poderia criar? Era possível mergulhar no padrão diário sem pensar em si, era possível encontrar o seu caminho sem procurar. As pequenas mudanças – o pássaro vermelho pousando no peitoril da janela, e era primavera, as folhas para recolher do terraço, e era outono – eram suficientes. Três anos de silêncio absoluto, dois anos de sussurros e, depois, transferida (e excluída) pela decisão da madre superiora, dois anos na ala dos incuráveis.

Ali, por nove meses, pensou Elfinha sob as estrelas, vendo a si mesma como se estivesse contando a outra pessoa, ela cuidou dos moribundos e daqueles que eram incapazes demais para morrer. Ela cresceu vendo a morte como um padrão, bela ao seu jeito. Uma forma humana é como uma folha; ela morre em uma ordem, a menos que algo interfira: primeiro isso, depois aquilo e então isso. Ela poderia ter continuado como enfermeira para sempre, arrumando pulsos em um padrão agradável sobre lençóis engomados, lendo palavras sem sentido das

escrituras que pareciam ajudar. Ela conseguia lidar com os moribundos.

Então, um ano atrás, o pálido e inválido Tibbett foi carregado para o Lar dos Incuráveis. Ele não demorou muito para reconhecê-la mesmo por trás do véu e do silêncio. Fraco, incapaz de fazer cocô ou xixi sem ajuda, a pele caindo em trapos, ele estava melhor na vida do que ela. Ele egoisticamente exigiu que ela fosse um indivíduo, e a chamava pelo nome. Ele brincava, se lembrava de histórias, criticava os velhos amigos por tê-lo abandonado, percebia as diferenças em como ela se movia de um dia para outro, em como ela pensava. Ele lembrou a ela que ela de fato pensava. Sob o escrutínio da estrutura cansada de Tibbett, ela foi recriada, contra a própria vontade, como um indivíduo. Ou quase isso.

Ele finalmente morreu, e a madre superiora tinha dito que era hora de ela sair e expiar os seus erros, embora nem mesmo ela soubesse quais eram. Quando isso terminaria? Bem, ela ainda era uma mulher jovem, podia constituir uma família. Leve a vassoura e lembre-se: obediência e mistério.

– Você não consegue dormir – comentou Oatsie uma noite, quando Elfinha estava sentada sob as estrelas.

Mas, embora seus pensamentos fossem profundos e complicados, suas palavras eram mediocres, e ela mal grunhiu. Oatsie fez algumas piadas das quais Elfinha tentou rir, mas Oatsie ria o suficiente pelas duas. Risadas altas e encorpadas. Isso cansou Elfinha.

– Aquele cozinheiro não é um pedaço de mau caminho? – perguntou Oatsie e contou algum episódio que parecia sem sentido, gargalhando da própria história. Elfinha tentou aproveitar, tentou sorrir, mas acima dela as estrelas engrossavam, mais como ovas de peixes do que sal; elas se viraram com um som amaldiçoado, opressivo, se ela conseguisse ouvir. Ela não conseguia ouvir; Oatsie era grosseira e barulhenta demais.

Havia ódio demais neste mundo, e amor demais.

Eles logo chegaram às margens de Kellswater, uma fatia de água assassina repousada como se fosse uma fissura na lateral de uma nuvem de tempestade. Estava tudo cinza, sem nenhuma luz.

– Esse é o motivo pelo qual os cavalos não bebem dali, nem os viajantes; é por isso que ele nunca foi preso em aquedutos e conduzido à Cidade das Esmeraldas. É água morta. E você achou que tinha visto de tudo – falou Oatsie.

Ainda assim, os viajantes ficaram impressionados. Um peso de lavanda surgia na margem oeste – a primeira pista dos Grandes Kells, as montanhas que separavam os Vinkus do resto de Oz. Daqui, as montanhas pareciam finas como gás.

Oatsie demonstrou o uso do encantamento de neblina caso houvesse o ataque de um bando de caçadores yunamatas.

– Vamos ser atacados? – perguntou o garoto que parecia ser o pajem de Elfinha. – Vou matá-los antes que vocês percebam o que está acontecendo. – O medo evaporou dele e capturou os outros.

– Normalmente nos saímos bem – disse Oatsie –, só precisamos estar preparados. Eles podem ser amigáveis. Se nós formos amigáveis.

A caravana se movimentava durante o dia, quatro carroças mantendo distância, acompanhadas de nove cavalos, duas vacas, um touro, um novilho e várias galinhas sem muita personalidade. O cozinheiro tinha um cachorro chamado Mata Alegria, que mais parecia à Elfinha um Provoca Alegria, uma coisa que arquejava e cheirava. Algumas pessoas pensaram por um tempo que ele, na verdade, podia ser um Cachorro disfarçado, mas desistiram dessa ideia.

– Há! – disse Elfinha aos outros. – Vocês falam tão raramente com Animais que não conseguem mais saber a diferença? – Não, ele era apenas um cachorro, mas um cachorro muito glorioso, cheio de fúrias e devoções exageradas. Mata Alegria era uma raça das montanhas, meio collie, meio terrier, e talvez meio lobo. O nariz era empinado como uma curva de manteiga, com sulcos e costelas cinza e pretas. Não era possível impedi-lo de caçar, mas ele não pegava muita coisa. À noite, quando as carroças se juntavam formando um quadrado, com o fogo de cozinhar no meio, os animais ficavam ali perto, isolados e a cantoria finalmente começava, Mata Alegria se escondia sob a carroça.

Oatsie ouviu o garoto dizer seu nome ao cachorro.

– Sou Liir – disse ele. – Você meio que pode ser meu cachorro. – Ela teve de sorrir. O gordinho não era muito bom em fazer amizades, e uma criança solitária deveria ter um cachorro.

Kellswater ficou para trás, fora de visão. Alguns se sentiram mais seguros longe dele. Praticamente a cada hora, os Grandes Kells se avolumavam e engrossavam, a cor agora parecendo a casca marrom de um melão manteiga. A trilha ainda serpenteava pelo vale, com o rio Vinkus à direita, as montanhas à frente. Oatsie conhecia vários locais para cruzar o rio, mas eles não eram claramente definidos. Enquanto eles procuravam, Mata Alegria pegou um animal do vale. Ele sangrava e gemia, e recebeu remédio contra veneno. Liir o deixou andar nos seus braços, o que deixou Elfinha com um pouco de ciúme. Ela quase ficou feliz de perceber em si mesma um sentimento tão inflado e antigo quanto o ciúme.

O cozinheiro ficou chateado de Mata Alegria preferir a companhia de outra pessoa à dele – ele sacudiu a concha sobre a cabeça, como se invocasse a ira dos chefs-anjos entre as estrelas. Elfinha o considerava um cozinheiro assassino, pois ele não aparentava ter escrúpulos para atirar em coelhos e comê-los.

– Como você sabe que não são Coelhos? – perguntou ela, e não comia nem um pedacinho.

– Fique quieta ou vou cozinhar esse garotinho no lugar – respondeu ele.

Ela tentou instigar em Oatsie a ideia de despedir o cozinheiro, mas ela nem a ouvia.

– Estamos chegando à Passagem de Kumbricia, minha mente está em outros assuntos.

Eles não podiam evitar sentir o erotismo desconcertante da paisagem. Pelo lado leste, a Passagem de Kumbria parecia uma mulher deitada de costas, com as pernas abertas, lhes dando boas-vindas.

No alto das escarpas, os ramos de pinheiro ocultavam o sol, as peras selvagens embolavam seus galhos como se lutassem. Uma umidade súbita, um novo clima particular – as cascas das árvores ficaram molhadas, o ar afundava pesado sobre a pele como uma toalha mal lavada. Quando entraram nas florestas, os viajantes não puderam mais ver as montanhas. Tudo cheirava a peridófitas e samambaias. E, às margens de um pequeno lago, havia uma árvore morta. Ela abrigava uma comunidade de abelhas, trabalhando em música de câmara e mel.

– Quero levá-las conosco – disse Elfinha. – Vou falar com elas para ver se nos acompanham.

Havia abelhas no jardim da cozinha em Crage Hall, e de novo no convento de santa Glinda nas Planícies de Xisto. Elfinha ficava hipnotizada por elas. Mas Lirr estava apavorado, e o cozinheiro ameaçou desaparecer e deixar o grupo traumatizado pela incapacidade de fazer um maravilhoso molho bechamel no mato. Foi travada uma discussão. Um velho do grupo, que ia para oeste para morrer por causa de uma visão à meia-noite, argumentou que um pouco de mel melhoraria a falta de sabor do chá de folha de papagaio. Uma noiva glikku concordou. Oatsie, que tinha arroubos sentimentais quando menos se esperava, votou a favor do mel. Então, Elfinha subiu na árvore e conversou com as abelhas, e elas vieram em um enxame, mas a maioria dos viajantes permaneceu em outras carroças, assustados com cada farelo de poeira que roçava a pele.

Eles enviaram uma solicitação, usando tambores e fumaça, para atrair a atenção de um rafigi contratado, pois as caravanas não tinham autorização para se movimentar pelas terras de diferentes tribos dos Vinkus sem um guia para negociar permissões e tarifas. Entediados por uma noite, e reagindo à penumbra, os viajantes acabaram discutindo a lenda da Bruxa Kumbric. Quem veio primeiro: a Fada Rainha Lurline ou a Bruxa Kumbric?

Igo, o velho doente, citou as *Oziadas*, e lembrou a todos como a criação funcionava: o Dragão do Tempo criou o sol e a lua, e Lurline os amaldiçoou e disse que seus filhos não conheceriam os próprios pais, e depois veio a Bruxa Kumbric e a enchente, a batalha e o derramamento de ódio pelo mundo.

Oatsie Mão Deformada discordou:

– Seus tolos, as *Oziadas* é apenas um poema romântico e inútil cheio de lendas mais velhas e cruéis. O que vive na memória do povo é mais verdadeiro do que um poeta rebuscado diz. Na memória do povo, o mal sempre antecedeu o bem.

– Será que isso é verdade? – perguntou Igo, interessado.

– Claro que existem muitos contos de fada que começam com “Era uma vez, no meio de uma floresta onde morava uma velha bruxa” ou “O diabo estava andando certo dia e encontrou uma criança” – continuou Oatsie, que estava demonstrando ter alguma educação, além de determinação. – Para os pobres desgostosos, não há necessidade de um conto *pour quoi* sobre onde nasce o mal; ele simplesmente nasce; ele sempre é. As pessoas nunca descobrem como a

bruxa se tornou malvada ou se essa foi a escolha certa para ela. Será que essa é a escolha certa em algum momento? Será que o diabo já se esforçou para ser bom de novo ou, se fizer isso, não é um demônio? No mínimo, é uma questão de definições.

– É verdade que os contos sobre a Bruxa Kumbric são muitos – concordou Igo. – Todas as outras bruxas são apenas uma sombra, uma filha, uma irmã, uma descendente decadente; a Bruxa Kumbric é um modelo há muito mais tempo do que parece possível retroceder.

Elfinha se lembrou da ambígua pintura em pergaminho da Bruxa Kumbric – será que era ela? – encontrada na biblioteca da Três Rainhas, naquele verão há tanto tempo: de pé sobre sapatos brilhantes, envolvendo um continente, cuidando ou afogando uma fera.

– Não acredito na Bruxa Kumbric, nem mesmo na Passagem de Kumbricia – ostentou o cozinheiro.

– Você também não acredita em Coelho – reclamou Elfinha, irritada. – A pergunta é: será que a Bruxa Kumbric acredita em você?

– Calma – cantarolou Oatsie, e transformou isso em uma música.

Elfinha saiu batendo os pés. Isso se parecia demais com sua infância, as discussões com o pai e com Nessarose sobre onde o mal começava. Como se alguém pudesse saber! Seu pai costumava orquestrar provas sobre o mal como um jeito de persuadir seu rebanho a se converter. Elfinha acabou descobrindo, em Shiz, que, assim como as mulheres usavam colônia, os homens usavam provas: para defender os próprios sentimentos em relação a si mesmos e, assim, ser atraentes. Mas certamente o mal estava além das provas, assim como a Bruxa Kumbric estava além da compreensão da história conhecida.

Orafiqi chegou: um homem magro e meio careca com cicatrizes de batalha. Podia haver problemas com os yunamatas este ano, disse ele.

– A caravana está chegando depois de uma estação de forasteiros imundos a cavalo vindos da Cidade das Esmeraldas – reclamou ele. Não estava claro se ele falava de uma discussão local sobre um insulto bêbado a uma mulher dos Vinkus ou sobre o comércio de escravos e campos de assentamento.

O acampamento foi desfeito, o lago foi deixado para trás e a floresta silenciosa continuou por metade de um dia. A luz do sol espiava sobre a copa das árvores de tempos em tempos, mas era uma luz fraca, como uma gema de ovo, e sempre parecia estar na lateral, nunca mostrando o caminho adiante. Era lúgubre, como se Kumbricia em si estivesse se movendo ao lado deles, escondida, intrusa, passando de árvore em árvore, deslizando para trás de pedras, aguardando em profundezas sombrias, observando e ouvindo. O velho moribundo gemia pelo nariz e rezava para sair da floresta misteriosa antes de morrer, ou seu espírito jamais encontraria o caminho para sair. O garoto chorava como uma menina. O cozinheiro arrancou o pescoço de uma galinha.

Até as abelhas pararam de zumbir.

No meio da noite, o cozinheiro desapareceu. Houve consternação entre todos, menos Elfinha, que não se importava. Teria sido um sequestro, um episódio de sonambulismo, ou um suicídio? Os yunamatas raivosos estavam por perto, observando? Kumbricia em si estava se vingando deles por terem discutido sobre ela com tanta loquacidade? Havia muitas opiniões, e os ovos do café da manhã estavam crus e intragáveis.

Mata Alegria não percebeu o sumiço do cozinheiro. Ele se aninhou, sorrindo em seu sono de coma, mais perto de Liir.

As abelhas entraram em algum tipo misterioso de hibernação dentro da junta de tronco de árvore que eles levaram para fazê-las felizes. Mata Alegria, ainda sofrendo com o veneno do bicho, dormia 22 horas por dia. Os viajantes, com medo de serem ouvidos, pararam de falar.

Ao entardecer, os pinheiros começaram a rarear, e a florestas, a mudar para carvalhos cheios de fungos, que, com seus ramos mais amplos permitiam ver mais céu – um céu amarelo pastoso, mas um céu – e então apareceu a margem de um penhasco. Eles tinham subido mais do que qualquer um tinha percebido; abaixo e além se estendia o resto da Passagem de Kumbricia, uma jornada de quatro ou cinco dias. Além disso estava o começo dos Pastos de Mil Anos.

Ninguém ficou triste com a luz e a amplidão que o céu proporcionava. Até Elfinha se sentiu com o coração leve, inesperadamente.

No meio da noite, os yunamatas apareceram. Eles levaram presentes de frutas secas e cantaram canções tribais, fazendo os que gostavam de dançar se levantarem e dançarem. Os viajantes ficaram mais apavorados com a hospitalidade do que com o ataque que esperavam.

Quando Elfinha pensou no assunto, os yunamatas pareciam um povo gentil e submisso, apenas assustados e corajosos como meninas em idade escolar – pelo menos era só isso que eles demonstravam. Eram animados, obstinados; lembravam a ela dos quadlings com quem tinha crescido. Talvez etnicamente eles fossem primos distantes. Cílios longos. Cotovelos finos. Pulsos flexíveis como os de um bebê. Cabeças oblongadas e lábios finos concentrados – mesmo com a linguagem estrangeira, eles a fizeram se sentir em casa.

Os yunamatas partiram pela manhã, reclamando de modo grosseiro dos ovos crus no café da manhã. O rafiqi disse que os yunamatas não provocariam mais confusão. Até ele pareceu desapontado, como se seu trabalho não fosse necessário.

Não houve uma palavra sobre o cozinheiro. Os yunamatas não pareciam saber nada sobre ele.

Conforme a caravana continuou a descer, o céu se abriu de novo, refrescante e outonal, amplo como o remorso. De lá até lá! – os olhos mal conseguiam vê-lo. A planície abaixo, em comparação com as montanhas, parecia lisa como um lago. O vento lhe dava lufadas, como se soletrasse as coisas em uma linguagem de cachos e faixas. Nenhuma vida selvagem era vista a esta distância, embora houvesse fogueiras tribais aqui e ali. A Passagem de Kumbricia ficou para trás, ou quase isso.

Então, um mensageiro Yunamata chegou com passadas rápidas de couro, vindo da Passagem atrás deles, para dar a notícia de que um corpo havia sido encontrado na base de um penhasco. Talvez fosse o cozinheiro; achavam que era um homem, mas a superfície do corpo estava tão inchada com as lesões que os detalhes foram perdidos.

– Foram as abelhas – disse alguém, cheio de raiva.

– Ah, foram? – veio a voz calma de Elfinha. – Elas estão dormindo faz tempo. Não teríamos ouvido gritos se elas atacassem um homem no meio da noite? Será que as abelhas morderam primeiro a garganta dele, para calar suas cordas vocais? Abelhas muito talentosas, essas.

– Foram as abelhas – continuou o murmúrio, e a implicação era clara. Você também.

– Ah, eu me esqueci do tamanho da imaginação humana – comentou Elfinha com maldade. – Afinal, ela é enorme!

Mas ela não estava preocupada, não de verdade. Pois Mata Alegria finalmente estava de volta ao normal, e as abelhas também despertaram. Talvez as grandes altitudes no topo da Passagem de Kumbricia tivessem provocado tanto sono. Elfinha começou a preferir a companhia delas à do resto dos viajantes. Quando elas acordaram, saindo das alturas, ela também se sentiu mais e mais

desperta.

O rafiqi apontou no horizonte várias espirais de fumaça. No início, os viajantes acharam que eram tempestades de vento, mas Oatsie os tranquilizou e assustou ao mesmo tempo: eram fogueiras noturnas de um acampamento grande. *Scrows*. Era a estação de caça do outono, embora ninguém tivesse visto uma caça maior do que uma lebre ou uma raposa (seu rabo uma pancada de bronze sobre um prado dourado derretido, suas patas em meias pretas como uma serviçal). Mata Alegria estava extático com as possibilidades do encontro; ele mal conseguia descansar à noite. Mesmo nos sonhos ele se agitava com a caçada.

Os viajantes temiam os *scrows* mais do que os *yunamatas*. O rafiqi não disse muita coisa para aliviar seus medos. Ele estava mais vacilante do que parecia no início; talvez a tarefa de negociar com povos suspeitos exigisse cuidado. Liir o idolatrava, depois de poucos dias de viagem. Elfinha pensou: que coisas mais tolas, as crianças – e tão vergonhosas – porque ficam mudando a si mesmas por causa da vergonha, de uma necessidade de serem amadas ou coisa parecida. Enquanto os animais já nasciam como eram, aceitavam isso e pronto. Eles vivem mais em paz do que as pessoas.

Ela sentiu em si um jorro de expectativa prazerosa ao pensar na aproximação dos *scrows*. Junto com tantas outras coisas, ela havia se esquecido do que era uma expectativa prazerosa. Conforme a noite caía, todos pareciam mais alertas, com medo e empolgação. Os céus pulsavam em turquesa, mesmo à meia-noite. A luz das estrelas e dos rabos de cometas queimavam as pontas do gramado sem fim e os transformavam em prateado. Como milhares de velas finas na capela, recém-apagadas, mas ainda brilhando.

Se fosse possível se afogar no gramado, pensou Elfinha, talvez fosse a melhor maneira de morrer.

Era meio-dia quando a caravana chegou às margens do acampamento scrow. Um comitê de scrows tinha viajado até a própria margem, onde as tendas cor de areia sumiam no gramado virgem – homens e mulheres estavam sentados sobre cavalos, cerca de sete ou oito, com medalhas azuis e braceletes de marfim. Além disso, obviamente anciã, havia uma enorme mulher velha carregada em um tipo de palanque com a estrutura cheia de tambores e amuletos barulhentos e véus transparentes pendurados. Ela deixou o rafiqi e os paladinos tribais trocarem cumprimentos ou insultos. Depois de um tempo, ela grunhiu uma ordem e as cortinas foram abertas para que pudesse ver. Ela tinha um lábio pendurado demais, tão grande que se dobrava sobre si mesmo como um bico de cabeça para baixo num jarro. Seus olhos eram circulados com kohl. Sobre seus ombros pousavam dois corvos com aparência de dispepsia. Seus pés estavam presos a correntes de ouro e ao colar ornamental da velha mulher, no qual ela havia derrubado pedaços da fruta que estava comendo enquanto esperava. Seus ombros eram respingados de cocô de corvos.

– A princesa Nastoya – disse por fim o rafiqi.

Era a princesa mais nojenta e mal-educada que jamais se tinha visto, mas tinha alguma dignidade; até mesmo o mais ardente democrata entre os viajantes se curvou. Ela riu de modo ruidoso. Depois fez os carregadores a levarem para algum lugar menos entediante.

O acampamento scrow era arrumado em círculos concêntricos, com a tenda da princesa no meio, enfeitada com extensões de baldaquinos desbotados em tiras em todos os lados. Era um pequeno palácio arejado em seda e musselina de algodão. Seus conselheiros e maridos concubinos pareciam morar no círculo mais próximo (e os maridos eram um lote magricelo, pensou Elfinha, mas talvez eles fossem escolhidos pela timidez e pela magreza, para fazê-la parecer ainda maior). Além do assentamento da princesa se estendiam quatrocentas tendas, o que significava talvez umas mil pessoas ao todo. Mil seres humanos, com sua pele de salmão escaldado, os olhos protuberantes úmidos (mas sensíveis, com olhares abaixados, para evitar o encontro), os belos narizes generosos e grandes seios, e quadris amplos e roliços, tanto em homens quanto em mulheres.

A maioria dos viajantes da caravana permaneceu colada às portas de suas carroças, imaginando o crime bem ao lado da tenda mais próxima. Mas Elfinha achava impossível ficar quieta, com toda essa novidade chamando. Quando Elfinha caminhava, as pessoas ofegavam, e os adultos timidamente se afastavam de seu caminho. Mas apenas dez minutos tinham se passado antes que houvesse sessenta crianças em uma multidão barulhenta, seguindo atrás, correndo na frente, como uma nuvem de moscas.

O rafiqi aconselhou ter cuidado, aconselhou retornar ao acampamento; mas a infância nas terríveis terras dos quadlings tinham tornado Elfaba não apenas ousada, mas também curiosa. Havia mais modos de se viver do que os ensinados

pelos superiores.

Depois da refeição noturna, uma delegação de altos dignatários scrows se aproximou do Trem da Trilha Gramada e entraram em uma conferência prolongada com o rafiqi. No fim, o rafiqi traduziu a mensagem: um pequeno grupo foi convidado – solicitado (ordenado?) – para ir até o santuário dos scrows. Levaria uma hora de camelo. Pelo pecado da cor de sua pele, ou talvez por ter tido a coragem de fazer uma caminhada solitária pela cidade de tendas dos scrows, Elfinha foi ordenada a se unir a Oatsie, rafiqi, e Igo, por sua idade venerável, e um dos aventureiros financeiros – chamado Erva Ladra, ou talvez este fosse apenas um apelido sacana.

À luz das tochas de madeira amarelada, os camelos, ornados com tecidos brilhantes, sacudiam e balançavam sobre uma trilha desgastada. Era como subir e descer uma escada ao mesmo tempo. Elfinha se sentou sobre a grama, um ponto de vantagem sobre a grande superfície cintilante. Embora o oceano fosse apenas uma ideia sugerida pela mitologia, ela quase podia ver de onde ele vinha – havia pequenas libélulas se lançando como peixes pulando na espuma, mordiscando vaga-lumes, guardando-os e depois caindo de novo num mergulho seco. Morcegos passavam, emitindo um som degradante e explosivo que terminava em um *fish* que se extinguiu. A planície em si parecia provocar as cores da noite: primeiro um heliotrópio, depois um verde bronzado, agora uma cor parda entremeada com vermelho e prata. A lua nasceu, uma deusa opalescente entornando luz de sua cruel cimitarra maternal. Nada mais precisava ter acontecido; parecia suficiente para Elfaba se ver capaz de uma resposta tão estranha à cor suave e ao espaço seguro. Mas não, continuavam, e continuavam.

Em determinado momento, Elfinha notou uma plantação de árvores, cultivadas com cuidado nessa amplitude devastadora. Primeiro uma proteção de abetos raquíticos, contorcidos pelos ventos em figuras enroscadas de cascas rachadas e folhas que assobiavam – e o odor pagão de seiva. Adiante, uma elevação de sebes mais altas, depois, árvores ainda mais altas. Era o padrão circular do acampamento scrow de novo. O grupo entrou ali em silêncio, como se atravessasse um labirinto, ao longo de corredores encurvados de mato sussurrante, movendo-se dos círculos externos para os internos, iluminados por luminárias a óleo presas a postes entalhados.

Dentro, no centro, estava a princesa Nastoya rodeada por uma roupa nativa de couro e grama tornada mais eficaz por uma extensão de toalhas roxas e brancas em tiras que ela deve ter barganhado com um ou outro viajante. Ela se levantou, distraída e respirando com dificuldade, se apoiando em bengalas robustas; ao redor dela, pedras de arenito como dentes espalhados se assemelhavam a uma caverna de pedras através da qual ela mal conseguia passar, devido ao seu tamanho.

Os convidados se uniram aos anfitriões para comer, beber e fumar um cachimbo com uma tigela esculpida como a cabeça de um corvo. Corvos se estendiam nos topos das pedras de arenito: vinte, trinta, quarenta? A cabeça de Elfinha girava, a lua subiu, a planície à noite, invisível a partir do jardim secreto do labirinto verde, girava como a cabeça de uma criança. Ela quase conseguia ouvir o giro. Os anciãos scrows entoavam uma canção monótona.

Quando a canção acabou, a princesa Nastoya ergueu a cabeça.

Os enormes ramos de carne velha sob o queixo pequeno balançaram. Suas toalhas caíram no chão. Ela estava nua. Era velha e forte; o que tinha parecido tédio se revelou como paciência, memória, controle. Ela sacudiu o cabelo e ele caiu pelas costas dela e desapareceu. Seus pés se moviam com força, como se buscassem a melhor compra, como colunas, como pilares de pedra. Ela soltou os braços para a frente e suas costas eram um domo; mas sua cabeça ainda estava levantada, os olhos mais brilhantes, o nariz trabalhando com energia; ela era um Elefante.

Uma deusa Elefante, pensou Elfinha, sua mente recuando em terror e deleite, mas a princesa Nastoya disse: “Não.” Ela ainda falava através do rafiqi; ele já tinha visto isso, embora, com o álcool, gaguejasse e tivesse de buscar as palavras.

Um por um ela perguntou as intenções dos viajantes.

– Dinheiro e comércio – falou Erva Ladra, chocado com a honestidade: dinheiro, comércio, pilhagem e roubo a qualquer custo.

– Um lugar para morrer onde eu possa descansar e meu espírito possa seguir adiante – arriscou Igo.

– Segurança e movimento, fora do caminho do perigo – respondeu Oatsie com ousadia, e era claro o que ela queria dizer: fora do caminho dos homens.

O rafiqi indicou que ainda faltava a resposta de Elfinha.

Na presença de tal Animal, Elfinha não conseguia ficar indiferente. Então ela falou da melhor maneira que conseguiu.

– Desaparecer do mundo depois de ter certeza que os parentes do meu amante estão em segurança. Enfrentar a viúva dele, Sarima, com culpa e responsabilidade, e depois me retirar do mundo escurecido.

A Elefante disse a todos os outros, exceto o rafiqi, para se retirarem.

A Elefante ergueu a tromba e sentiu o cheiro do vento. Seus velhos olhos reumosos piscaram devagar e as orelhas se moveram para a frente e para trás, varrendo o ar em busca de nuances. Ela fez um xixi enorme, num fluxo potente, com dignidade e indiferença, os olhos firmemente engatados em Elfaba.

Através do rafiqi, a Elefante então disse:

– Filha do dragão, eu também estou enfeitada. Sei como o feitiço pode ser quebrado, mas prefiro viver como uma criança trocada. Um Elefante é algo muito caçado nessa época. Os scrows me aprovam. Eles adoram os elefantes desde o tempo anterior à linguagem, o tempo antes de a história começar. Eles sabem que não sou uma deusa. Eles sabem que sou uma fera que prefere o encarceramento mágico como ser humano à perigosa liberdade de minha própria forma poderosa.

“Quando os tempos são cruciais, quando o ar está cheio de crise, aqueles que são mais parecidos consigo mesmos são as vítimas.”

Elfinha só conseguia olhar, não conseguia falar.

– Mas a oportunidade de salvar a si mesmo pode ser mortal – disse a princesa Nastoya.

Elfinha assentiu com a cabeça, olhou para longe e voltou o olhar.

– Eu lhe darei três corvos como seus familiares – falou a princesa. – Você

está escondida como uma bruxa, agora. Esse é o seu disfarce. – Ela falou uma palavra para os corvos, e três coisas asquerosas com olhar maligno se aproximaram e aguardaram por perto.

– Uma bruxa? – indagou Elfaba. O que seu pai pensaria! – Estou me escondendo do quê?

– Temos o mesmo inimigo – retrucou a princesa. – Ambas estamos em perigo. Se precisar de ajuda, me envie os corvos. Se eu ainda estiver viva, como uma velha monarca matriarcal ou como uma Elefante livre, vou até você para ajudar.

– Por quê? – perguntou Elfinha.

– Porque nenhuma fuga do mundo pode mascarar o que está no seu rosto.

A princesa disse mais. Havia anos – mais de uma década – desde que Elfinha tinha podido falar com um Animal. Quem, Elfinha perguntou à princesa, a tinha enfeitiçado? Mas a princesa Nastoya não respondeu – em parte para proteger a si mesma, pois a morte de quem enfeitiça às vezes poderia significar a anulação de encantos de aprisionamento, e sua maldição era sua segurança.

– Mas vale a pena viver a vida na forma errada? – indagou Elfinha.

– O interior não muda, exceto pelo autoenvolvimento. Do qual você não deve ter medo, mas com o qual deve ter cuidado.

– Não tenho interior.

– Algo disse àquelas abelhas para matarem o cozinheiro – falou a princesa Nastoya, com um brilho no olhar. Elfaba sentiu que ficou pálida.

– Não fui eu! Não, não pode ter sido eu! E como você saberia?

– Você fez isso, em algum nível. Você é uma mulher forte. E consigo ouvir as abelhas, sabe? Meus ouvidos são aguçados.

– Eu gostaria de ficar aqui com você. A vida tem sido muito difícil. Se você consegue me ouvir quando eu não consigo me ouvir, algo que a madre superiora jamais conseguiu, pode me ajudar a não fazer mal ao mundo. É tudo que eu quero: não fazer mal.

– Por suas próprias palavras, você tem uma missão – disse a princesa. Ela encurvou a tromba ao redor do rosto de Elfaba, sentindo seus contornos e suas verdades. – Vá cumpri-la.

– Posso voltar para você?

Mas a princesa não respondeu. Ela estava ficando cansada – era muito velha até mesmo para um Elefante. A tromba se balançava como um pêndulo num relógio. Então o enorme nariz-mão se estendeu e repousou com peso e precisão absurdos sobre os ombros de Elfaba, se encurvando um pouco ao redor do pescoço.

– Ouça-me, irmã – disse ela. – Lembre-se disto: nada está escrito nas estrelas. Nem nestas estrelas nem em outras. Ninguém controla o seu destino.

Elfaba não conseguiu responder, pois estava chocada com o toque. Ela recuou quando foi dispensada, sua mente concentrada em si mesma.

Então o retorno sobre camelos através das cores tremeluzentes da grama noturna: hipnótico, vago e penoso.

Mas havia uma bênção nesta noite. Elfaba também tinha se esquecido das bênçãos – como de tantas outras coisas.

Eles deixaram o acampamento scrow e a princesa Nastoya para trás. O Trem da Trilha Gramada se movimentava em um círculo em direção ao norte, agora, um arco amplo.

Igo morreu e foi enterrado em um monte arenoso.

– Dê a seu espírito movimento e voo – disse Elfinha na cerimônia.

O rafiqi admitiu mais tarde que ele achava que um dos convidados para a reunião com a princesa Nastoya deveria ser sacrificado em um assassinato ritual. Já tinha acontecido antes. A princesa, embora lidasse com seu dilema, não estava acima de um sentimento de vingança. Foi a honestidade de Erva Ladra que o salvou, pois ele era a escolha óbvia. Ou talvez Igo vestisse a perspectiva da morte mais perto da superfície do que os seres humanos conseguiam enxergar, e a Elefante tenha ficado com pena.

Os corvos eram irritantes; eles perturbavam as abelhas, cagavam em toda a carroça, provocavam Mata Alegria. A glikku, Raraynee, parou em um poço, encontrou seu viúvo isolado e futuro marido e deixou o Trem da Trilha Gramada. O novo marido desdentado já tinha seis filhos sem mãe, e eles aceitaram Raraynee como patinhos órfãos atrás de um cachorro de fazenda. Só sobraram dez viajantes.

– Agora vamos entrar nas terras tribais dos arjikis – avisou o rafiqi.

*

O primeiro grupo arjiki se aproximou alguns dias depois. Eles não usavam nada tão esplêndido quanto Fiyero usava sobre as marcas azuis – eram nômades, pastores, conduzindo as ovelhas dos vales a oeste dos Grandes Kells para a contagem anual e, parecia, para a venda para o Leste. Ainda assim, a mera aparência formosa deles rasgou o coração de Elfinha em pedaços. A imensidão deles. A diversidade deles. “Isso pode ser uma punição até a hora da minha morte”, pensou ela.

O Trem da Trilha Gramada agora estava reduzido a duas carroças: em uma, o rafiqi, Oatsie, o garoto Liir, Erva Ladra, o empreendedor e um mecânico gillikin chamado Kowpp. Na outra, Elfinha, as abelhas, os corvos e Mata Alegria. Parecia que ela já tinha sido aceita como uma bruxa. Não era um disfarce totalmente desagradável.

Kiamo Ko estava a apenas uma semana de distância.

O Trem da Trilha Gramada virou para leste, para as passagens cinza de aço dos ingremes Grandes Kells. O inverno estava quase chegando, e os últimos viajantes estavam gratos por a neve não ter chegado. Oatsie pretendia parar durante o inverno em um acampamento arjiki a cerca de trinta quilômetros. Na primavera, ela retornaria à Cidade das Esmeraldas, fazendo a rota a norte através de Ugabu, e as Colinas de Perth de Gillikin. Elfinha pensou em mandar um bilhete para Glinda, se ela ainda estivesse por lá depois de tantos anos – mas, incapaz de decidir pelo sim, optou pelo não.

– Amanhã – disse Oatsie – veremos Kiamo Ko. A fortaleza das montanhas do clã governante dos arjikis. Você está pronta, Irmã Elfinha?

Ela estava provocando, e Elfinha não gostou.

– Não sou mais uma irmã, sou uma bruxa – retrucou ela e tentou enviar pensamentos envenenados a Oatsie. Mas Oatsie era uma pessoa tão forte quanto o cozinheiro, aparentemente, pois ela simplesmente riu e continuou seu caminho.

O Trem da Trilha Gramada parou ao lado de um pequeno lago. Os outros disseram que a água estava refrescante, apesar de gelada; Elfinha não sabia nem se importava com aquilo. Mas no meio havia uma ilha – uma coisa minúscula, do tamanho de um colchão, com uma única árvore sem folhas como um guarda-chuva sem tecido.

Antes que Elfaba percebesse – a luz da noite chegava mais cedo nesta época do ano, e ainda mais cedo nas montanhas –, Mata Alegria tinha mergulhado com fervor na água, respingando e nadando até a ilha, focado em um pequeno movimento ou aroma interessante que tinha captado. Ele bisbilhotou nos caniços, depois prendeu seus dentes – sua característica mais lupina – gentilmente ao redor do crânio de uma pequena fera na grama.

Elfinha não conseguia ver, mas parecia um bebê.

Oatsie gritou, Liir estremeceu como uma bolha de gelatina, Mata Alegria afrouxou o aperto, mas apenas para pegar melhor; ele estava babando no escalpo da coisa que havia capturado.

Não havia como atravessar a água... isso seria a morte...

Mas os pés dela seguiram mesmo assim...

Eles bateram com força na água, e a água bateu com força de volta...

A água se tornou gelo enquanto ela corria... pé ante pé de gelo sob pé ante pé de pressa. Uma plataforma de prata se formou instantaneamente, balançando adiante, fazendo uma ponte fria segura até a ilha...

Onde Mata Alegria poderia ser repreendido e o bebê salvo, embora ela não ousasse esperar chegar a tempo. Ela forçou as mandíbulas de Mata Alegria e pegou a coisa, que tremia de pavor e de frio. Seus brilhantes olhos negros

estavam alertas e observando, prontos para reprovar, condenar ou amar, o mesmo que qualquer coisa adulta capaz.

Os outros ficaram surpresos de ver, assim como ficaram surpresos de ver o gelo se formar, talvez por algum feitiço mágico deixado no lago por um mágico ou bruxa que passou por ali. Era um pequeno macaco – da espécie chamada de macaco da neve. Um bebê abandonado pela mãe e pela tribo, ou talvez separado por acidente.

Ele não gostava muito de Mata Alegria, mas adorou o calor da carroça.

*

Eles montaram acampamento a meio caminho do perigoso abismo até Kiamo Ko. O castelo se assomava em ângulos agudos negros de pedra preta. Elfinha via que ele se avolumava sobre eles como uma águia com asas dobradas; suas torres com telhado em forma de cone, suas ameias e muralhas, suas portas corrediças e janelas com fendas em forma de setas – tudo isso camuflava sua intenção original como topo de um sistema de distribuição de águas. Abaixo dele passava um poderoso afluente do rio Vinkus no qual a Regente Ozma certa vez quis construir uma represa e canalizar a água para o centro de Oz – quando as secas eram mais ameaçadoras. O pai de Fiyero havia tomado essa fortaleza com um cerco e um ataque e a tornado o trono dos príncipes arjiki, antes de morrer e deixar a liderança do clã para seu único filho, se Elfaba se lembrava corretamente.

A pequena bagagem foi descarregada, as abelhas zumbiram (suas melodias eram cada vez mais prazerosas semana a semana), Mata Alegria ainda estava aborrecido por terem retirado sua caça, os corvos sentiram que uma mudança estava por vir e não quiseram jantar. O macaco, que foi chamado de Chistery pelo som que emitia, tagarelava muito, agora que estava aquecido e em segurança.

Ao redor da fogueira, eles se despediram, houve alguns brindes, até mesmo algumas tristezas. O céu estava mais escuro do que antes: talvez fosse o contraste da brancura dos picos enevoados ao redor. Liir apareceu com um embrulho de roupas e um tipo de instrumento musical, e também se despediu.

– Ah, você vai parar aqui, é? – indagou Elfinha.

– Sim – respondeu ele –, com você.

– Com os corvos, o macaco, as abelhas, o cachorro e a Bruxa? Comigo?

– Aonde mais posso ir?

– Não faço ideia.

– Posso tomar conta do cachorro – sugeriu ele com calma. – Posso recolher o mel para você.

– Não faz diferença para mim.

– Está bem – disse ele, e se preparou para entrar na casa do pai.

OS PORTÕES DE JASPE DE KIAMO KO

– Sarima – chamou sua irmã mais nova –, acorde. Acabou a hora do cochilo. Temos visita para o jantar e preciso saber se precisamos matar uma galinha. Há tão poucas, e o que demos aos viajantes perdemos durante o inverno na forma de ovos... O que você acha?

A princesa Dowager dos arjikis gemeu.

– Detalhes, detalhes – disse ela –, não consigo treiná-la para resolver as coisas sozinha?

– Muito bem – falou a irmã, irritada –, vou decidir e depois você vai ficar sem o ovo matinal quando faltar um.

– Ah, Seis, não se preocupe comigo, é só que mal estou acordada. Quem é? Algum patriarca com mau hálito que planeja nos entediar com histórias sobre as caçadas que fez cinquenta anos atrás? Por que nos sujeitamos a isso?

– É uma mulher... mais ou menos.

– Isso é inesperado – disse Sarima, se sentando. – Nenhuma de nós é mais o tipo de ninfa envergonhada que já fomos, Seis. – Do outro lado do quarto, ela se viu refletida no espelho do armário: pálida como pudim de leite, o rosto ainda belo aninhado na poça de gordura que caía obedecendo às leis da gravidade. – Só porque você é a mais nova, Seis, e ainda consegue localizar sua cintura, não há necessidade de ser indelicada.

Seis fez um bico.

– Bem, é só uma mulher, então: galinha ou não? Diga-me agora para que Quatro possa arrancar a cabeça e depená-la, ou não vamos comer antes da meia-noite.

– Teremos frutas e queijos e pão e peixe. Há peixes no poço de peixes, imagino eu?

Sim, havia. Seis se virou para ir embora, mas se lembrou de dizer:

– Trouxe um copo de chá doce para você, está na sua mesinha.

– Abençoada seja. Agora me diga, sem sarcasmo, se possível, como é nossa convidada, de verdade?

– Verde como o pecado, magra e encurvada, mais velha que qualquer uma de nós. Vestida de preto como uma velha monja, mas não tão velha. Eu diria cerca de, hmmm, 30 anos? Ela não quis dizer o nome.

– Verde? Que divino!

– Divino não é a palavra que me vem à mente.

– Você não quis dizer verde de inveja... quis dizer verde de verdade?

– Talvez seja de inveja, não sei dizer, mas ela certamente é verde. Genuinamente verde como a grama.

– Uau. Bem, vou vestir branco hoje à noite para não contrastar. Ela está sozinha?

– Ela veio com a caravana que vimos no vale ontem. Ela parou aqui com um pequeno grupo de feras: um cachorro-lobo, uma colmeia de abelhas, um jovem, alguns corvos e um macaco bebê.

- O que ela vai fazer com todos eles nas montanhas durante o inverno?
- Pergunte a ela. – Seis torceu o nariz. – Ela me deu arrepios.
- Gelatina mole lhe dá arrepios. Que horas é o jantar hoje?
- Sete e meia. Ela revira meu estômago.

Seis saiu, tendo ficado sem expressões de repulsa, e Sarima bebeu o chá na cama até que sua bexiga reclamou. Seis tinha coberto o fogo e fechado as cortinas, mas Sarima as abriu de novo para observar o pátio. Kiamo Ko ostentava torres, construído sobre enormes protuberâncias circulares apontadas para cima a partir da pedra da própria montanha. Depois que o clã arjiki arrancou à força o prédio da comissão de distribuição de águas, eles acrescentaram ameias dentadas para aumentar a defesa. Apesar das reformas, o plano da casa ainda era simples. Era construído na forma de U, um salão central com duas longas alas estreitas voltadas para cima ao redor de um pátio erguido de forma inclinada. Quando chovia, a água se agitava sobre as pedras e passava sob os portões entalhados de carvalho e painéis de jaspe, passando pela concentração simples de casas de vila agrupadas contra os muros externos do castelo. A esta hora, o pátio era cinza carvão. Frio e sujo com restos de feno e algumas folhas voando ao vento. Havia uma luz na cabana do velho sapateiro, e fumaça se enroscando da chaminé que precisava de uma pintura... como tudo o mais nesta mansão decadente. Sarima ficou feliz de a convidada não ter sido levada à casa apropriadamente. Como princesa Dowager dos arjikis, ela tinha o privilégio de receber os viajantes nas salas privadas de Kiamo Ko.

Depois do banho, ela vestiu um vestido folgado branco com ornamentos da mesma cor e colocou o belo colarinho que havia chegado, como uma mensagem do Outro Mundo, de seu falecido marido vários meses depois do Incidente. Por hábito, Sarima derramou algumas lágrimas admirando a si mesma no abraço frio do colarinho de joias segmentado. Se fosse exagerado para esta viajante, Sarima poderia colocar um guardanapo sobre ele. Mas ela ainda sabia que ele estava lá. Antes mesmo de as lágrimas secarem, ela estava cantarolando, ansiosa pela novidade de uma convidada.

Ela deu uma olhada nas crianças antes de descer. Elas estavam inquietas; estranhos sempre provocavam isso nelas. Irji e Manek, com 12 e 11 anos, quase tinham idade suficiente para querer escapar desse ninho de pombos perversos. Irji era frágil e chorava muito, mas Manek era um pequeno galo de briga, sempre foi. Se ela os deixasse ir aos Pastos com o clã, na migração do verão, ambos poderiam ter a garganta cortada – havia muitos homens querendo tomar a liderança para si mesmos ou para seus filhos. Por isso Sarima mantinha os meninos por perto.

Sua filha, Nor, com pernas longas e chupando dedo aos 9 anos, ainda precisava de um colo onde se aninhar antes de dormir. Vestida para a refeição, Sarima era inclinada a proibir isso, mas sempre cedia. Nor tinha um ceceio delicado e dizia “couendo na ua” em vez de “correndo na rua”. Ela era amiga de pedras, velas e folhas que cresciam contra toda a lógica nas fendas das pedras ao redor das janelas. Ela suspirou e esfregou o rosto contra o colarinho.

– Tem um menino também, Mamãe. Brincamos com ele no pátio do moinho.

– Como ele é? Também é verde?
– Não. Ele é normal. É um bebezão, gordo e forte, e Manek estava jogando pedras nele para ver até onde conseguia espantá-lo. Ele deixou o Manek fazer isso. Talvez não doa tanto por ele ser gordo.
– Duvido. Qual é o nome dele?
– Liir. Não é um nome estranho?
– Parece estrangeiro. E a mãe dele?
– Não sei o nome dela e não sei se ela é mãe dele. Ele não respondeu quando a gente perguntou. Irji disse que ele deve ser um bastardo. Liir disse que não se importa. Ele é legal. – Ela levou o dedo direito até a boca e, com a mão esquerda, tateou o tecido do vestido de Sarima sob o colarinho, até encontrar um mamilo e ficou passando o dedo sobre ele com carinho, como se fosse um pequeno animal de estimação. – Manek fez ele tirar as calças para a gente ver que a coisa dele não era verde.

Sarima desaprovou – no mínimo, em nome da hospitalidade –, mas se sentiu compelida a perguntar:

– E o que você viu?
– Ah, você sabe. – Nor virou a cabeça para o pescoço da mãe e espirrou com o talco que Sarima usava para evitar que a papada ficasse irritada pelo atrito. – A coisa esquisita dos meninos. Menor do que Manek e Irji. Mas não era verde. Eu estava tão entediada que não olhei muito.
– Eu também não olharia. Isso foi muito grosseiro.
– Não fui eu que obriguei ele a isso. Foi Manek!
– Bem, já basta disso. Agora vamos ouvir uma história antes de dormir. Preciso descer logo, então tem de ser curta. O que você quer ouvir, minha pequenina?

– Quero ouvir a história da Bruxa e dos bebês-raposa.

Com menos drama do que o normal, Sarima contou a história de como três bebês-raposa foram sequestrados, enjaulados e alimentados até engordar, em preparação para uma caçarola de queijo e raposa, e como a Bruxa foi pegar fogo no sol para cozinhá-los. Mas, quando ela voltou para sua caverna, exausta e de posse da chama, os filhotinhos a enganaram cantando uma música para ela dormir. Quando o braço da Bruxa caiu, a chama do sol queimou a porta da jaula e os filhotinhos fugiram correndo. Então eles uivaram para a velha mãe lua para que ela viesse e fizesse o papel de uma porta imóvel na entrada da caverna. Sarima terminou com o fim tradicional.

– E lá a velha Bruxa má ficou por um bom tempo.
– Algum dia ela saiu? – perguntou Nor, quase em estado hipnótico.
– Ainda não – respondeu Sarima, beijando e mordiscando a filha no pulso, o que fez as duas rirem, e apagou as luzes.

As escadas do apartamento particular de Sarima não tinham corrimão para descer até a fortaleza do castelo. Elas abraçavam uma parede e, depois de virar, outra. Ela desceu a primeira cheia de graça e confiança, as saias brancas formando ondas, o colarinho como uma canga de cores suaves e metais preciosos, o rosto uma composição cuidadosa de boas-vindas.

No térreo, ela viu a viajante, sentada em um banco em uma alcova,

olhando para cima em direção a ela.

Ela desceu o segundo lance até o nível de ladrilhos, consciente do desprezo que fervilhava sob a lembrança fiel de Fiyero, consciente de seus dentes salientes; de sua beleza perdida; de seu peso; da tolice de ser a decana de nada além de crianças irritantes e irmãs mais novas fofas; da fina pretensão de autoridade que mal mascarava seu medo do presente, do futuro e até mesmo do passado.

– Como vai? – conseguiu dizer.

– Você é Sarima – disse a mulher, ficando de pé, seu queixo parecido com uma estalactite apontado para a frente.

– Provavelmente sim! – respondeu ela, feliz por usar o colarinho; ele parecia um escudo, protegendo seu coração de ser espetado por aquele queixo. – Meus cumprimentos a você, amiga. Sim, sou Sarima, senhora de Kiamo Ko. De onde você vem, e como se chama?

– Venho de trás do vento e já dei meu nome com tanta frequência que não vou dizê-lo de novo a você.

– Bem, você é bem-vinda aqui – falou Sarima com o máximo de suavidade que conseguiu –, mas, se não tivermos um nome para chamá-la, você terá de ser Titia. Quer entrar para jantar? Vamos servir em breve.

– Não vou comer antes de conversarmos. Nem ficarei sob seu teto com falsas pretensões por uma noite; prefiro me deitar no fundo de um lago. Sarima, eu sei quem você é. Estudei com seu marido. Sei sobre você há uns doze anos ou mais.

– Claro – disse Sarima então, entendendo as coisas. Os velhos detalhes guardados da vida do marido vieram à tona. – É claro que Fiyero falou de você. E de sua irmã. Nessa, não é? Nessarose. E a glamourosa Glinda, por quem acho que ele foi um pouco apaixonado, os meninos invertidos engraçados, Avaric, o velho e sólido Boq! Fiquei imaginando se essa época feliz da vida dele ficaria para sempre guardada, sempre dele e nunca minha. Foi bom você aparecer para visitar. Eu teria gostado de passar uma ou duas estações em Shiz, mas eu não tinha cabeça para isso, nem minha família tinha o dinheiro. Eu teria me lembrado de você em um minuto, bem, a cor da sua pele, não há nada igual, não é? Ou estou sendo muito provinciana?

– Não, ela é exclusiva. Antes de falarmos dez frases de bobagens educadas uma para a outra, preciso lhe contar uma coisa, Sarima. Acho que eu fui a causa da morte de Fiyero...

– Bem, você não é a única – interrompeu Sarima –, é um passatempo nacional aqui se culpar pela morte de um príncipe. Uma oportunidade de pesar e reparação públicos, algo que eu acredito em segredo que as pessoas gostam um pouquinho.

A convidada retorceu os dedos, como se quisesse abrir espaço para si mesma nas opiniões de Sarima.

– Não sei dizer como, quero lhe dizer...

– A não ser que eu queira ouvir, essa é minha prerrogativa. Esta é a minha casa, e escolho ouvir o que quero.

– Você precisa ouvir, para que eu possa ser perdoada – falou a mulher,

virando-se de um lado para o outro, quase como se fosse uma fera com um fardo invisível sobre ela.

Sarima não gostava de ser emboscada na própria casa. Tempo demais para considerar tais implicações súbitas. Quando ela se sentisse pronta para isso. E não antes. Ela se lembrou que estava no controle. Por isso podia se dar ao luxo de ser educada.

– Se me lembro bem – começou Sarima, sua mente estava vasculhando a memória –, você é aquela, Fiyero me falou de você, claro... Elfaba, é isso! Você é aquela que não acreditava na alma. Eu me lembro disso, então o que há para perdoar, querida? Sei que você está cansada da viagem, pois é impossível chegar até aqui sem ficar, e precisa de uma boa refeição quente e umas boas noites de sono, e podemos conversar em uma manhã da próxima semana?

Sarima prendeu o braço no de Elfaba.

– Mas vou preservar seu nome dos outros, se preferir – continuou Sarima. Ela conduziu Elfaba através das altas portas de carvalho distorcidas em direção ao salão de jantar. – Vejam quem está aqui: Titia Convidada. – As irmãs estavam de pé ao lado das cadeiras, famintas, curiosas e impacientes. Quatro estava com a concha na terrina, mexendo; Seis estava vestida em castanho-escuro hostil; Dois e Três, as gêmeas, olhavam piamente para seus cartões de reza; Cinco estava fumando e soprando círculos concêntricos em direção à bandeja de peixe amarelo sem olhos pescado no lago no subsolo. – Irmãs, alegrem-se, uma velha amiga de Fiyero veio compartilhar memórias agradáveis e alegrar nossas vidas. Recebam-na como se fosse eu. – Talvez uma péssima escolha de palavras, pois todas as irmãs se ressentiam e desprezavam Sarima. Por que ela havia se casado com alguém que ia morrer tão cedo e condená-las não apenas à solteirice, mas também à privação e à negação?

Elfaba não falou durante toda a refeição nem ergueu os olhos do prato. Mas devorou o peixe, o queijo e as frutas. Sarima deduziu, pelos seus hábitos alimentares, que ela tinha vivido sob um voto de silêncio durante as refeições, e não ficou surpresa, depois, de ouvir sobre o convento.

Elas tomaram uma taça de licor precioso no salão de música, e Seis as entreteve com um noturno indeciso. A convidada parecia miserável, o que deixou as irmãs felizes. Sarima suspirava. A única coisa que se podia dizer sobre a convidada era: ela era mais velha que Sarima. Talvez, na pequena duração de sua estada, Elfaba saísse do mau humor e desse ouvidos a como a vida de Sarima era perturbada e difícil. Seria agradável conversar com alguém de fora da família.

Uma semana se passou antes que Sarima dissesse a Três:

– Por favor, diga à nossa Titia Convidada que eu gostaria de vê-la amanhã no lanche das onze horas no Solar. – Sarima achava que Elfaba já tivera tempo suficiente para entender as coisas. A mulher verde sofredora estava em algum tipo de servidão em câmera lenta ou de surto. Ela se movimentava aos solavancos, vigiando no pátio ou batendo os pés durante as refeições como se quisesse fazer buracos no chão com seus saltos. Seus cotovelos estavam sempre dobrados nos mesmos ângulos, e as mãos se uniam e se separavam o tempo todo.

Sarima se sentia mais forte do que nunca, o que não era muito frequente. Fez algum bem a ela ter uma contemporânea por perto, por mais frustrante que ela fosse. As irmãs desaprovavam a cordialidade de Sarima, mas as passagens mais altas da montanha já estavam fechadas para o inverno, e não era possível enviar um estranho para os perigosos vales. As irmãs confabulavam no salão delas, enquanto se ocupavam tricotando descansos de pratos cinza horrorosos para os pobres desprezíveis em Lurlinemas. Ela está doente, disseram; ela é inerte, incompleta (ainda mais do que elas, era o corolário implícito, uma ideia imensamente gratificante); ela é amaldiçoada. E será que aquele bolo fofo de garoto é filho dela, um escravo infantil ou alguém da família? Por trás de Sarima, elas chamavam a mulher morando na cabana de pedras de Titia Bruxa, ecoando as velhas lendas de Kumbricia, que eram mais desprezíveis – e mais persistentes – nos Kells do que em qualquer outro lugar de Oz.

Mas Manek, filho do meio de Sarima, era o mais curioso. Certa manhã, enquanto todos os garotos estavam de pé sobre uma ameia mijando pelas laterais (um jogo pelo qual a pobre Nor tinha de fingir não ter interesse), ele disse:

– E se a gente mijasse na Titia? Ela gritaria?

– Ela o transformaria em um sapo – respondeu Liir.

– Não, quero saber se isso a machucaria. Parece que a água provoca dores e tremores nela. Ela pelo menos bebe água? Ou isso a machuca por dentro?

– Acho que ela não bebe água. Às vezes ela lava coisas, mas usa madeiras e escovas. É melhor a gente não mijar nela – falou Liir, que não era uma criança observadora.

– E o que ela faz com todas aquelas abelhas e o macaco? Eles são mágicos?

– São – respondeu Liir.

– Que tipo de magia?

– Não sei.

Eles se afastaram do abismo estonteante e Nor veio correndo.

– Eu tenho palha mágica – disse ela, segurando uma cerda marrom. – Da vassoura da Bruxa.

– A vassoura é mágica? – perguntou Maneka Liir.

– É. Pode varrer o chão muito rápido.

– Ela fala? É encantada? O que ela diz?

Eles ficaram mais interessados, e Liir floresceu e corou diante da

curiosidade deles.

– Não posso contar. É segredo.

– Ainda é segredo se a gente empurrar você da torre?

Liir pensou no assunto.

– O que quer dizer?

– Você conta ou vamos fazer isso.

– Não me empurrem da torre, seus imbecis.

– Se a vassoura for mágica, ela vai vir voando e salvar você. Além do mais, você é tão gordo que é capaz de quicar.

Irji e Nor riram disso. Foi uma imagem mental muito engraçada.

– Só queremos saber que segredos a vassoura conta para você – disse Manek com um grande sorriso. – Então fale. Ou vamos empurrar você.

– Você não está sendo legal, ele é uma companhia – disse Nor. – Venham, vamos encontrar uns ratos na despensa e fazer amizade.

– Daqui a pouco. Antes vamos empurrar Liir do telhado.

– Não – disse Nor, começando a chorar. – Vocês, meninos, são muito maus.

Tem certeza que a vassoura é mágica, Liir?

Mas Liir agora não queria dizer mais nada.

Manek jogou uma pedrinha do telhado e pareceu um tempo muito longo antes de se ouvir o barulho do impacto.

O rosto de Liir tinha, em questão de segundos, desenvolvido olheiras profundas sob os olhos. Ele manteve as mãos abaixadas nas laterais, como um traidor na corte marcial.

– A Bruxa vai ficar tão irritada com vocês que vai odiá-los – avisou Liir.

– Acho que não – disse Manek, dando um passo à frente. – Ela não vai se importar. Ela gosta mais do macaco do que de você. Ela nem vai notar se você morrer.

Liir respirou fundo, buscando ar. Embora ele já tivesse mijado, a frente de suas calças largas ficaram molhadas.

– Olhe, Irji – disse Manek, e o irmão mais velho olhou. – Ele nem é muito bom em estar vivo, não é? Não seria uma perda muito grande. Vamos lá, Liir, conte. O que a maldita vassoura lhe disse?

O torso superior de Liir estava subindo e descendo como um fole. Ele sussurrou:

– A vassoura me disse... que... que... vocês todos vão morrer!

– Ah, isso é tudo? – perguntou Manek – Já sabíamos. Todo mundo morre. Já sabíamos disso.

– Sabiam? – indagou Liir, que não sabia.

– Venham – falou Irji –, venham, vamos pegar uns ratos na despensa e podemos cortar os rabos deles e usar a palha mágica de Nor para furar os olhos deles.

– Não! – gritou Nor, mas Irji já havia arrancado a palha das mãos dela. Manek e Irji saíram tagarelando, com os membros frouxos como marionetes, ao longo do parapeito e descendo as escadas.

Com um suspiro longo e aflito, Liir se recompôs e arrumou as roupas, seguindo-os como um trabalhador anão condenado nas minas de esmeraldas.

Nor ficou para trás, os braços cruzados de maneira desafiadora, o queixo se mexendo em frustração. Então ela cuspiu pela borda e se sentiu melhor, e saiu correndo atrás dos meninos.

*

No meio da manhã, Seis conduziu a convidada até o Solar. Com um sorriso forçado pelas costas de Titia, ela depositou uma bandeja de cruéis biscoitinhos, duros como ardósia, sobre uma mesa coberta com um carpete que estava marrom e sem padrões. Sarima, depois de passar pelas abluções diárias, se sentia pronta.

– Você está aqui há uma semana e deve ficar mais tempo – disse Sarima, permitindo que Seis servisse um pouco de café antes de dispensá-la. – A trilha ao norte está coberta de neve no momento, e não há um porto seguro entre aqui e as planícies. Os invernos são rigorosos nas montanhas e, embora a gente consiga sobreviver com nossas lojas e nossa própria companhia, desejamos uma mudança. Leite? Não sei exatamente quais eram suas... intenções. Quero dizer, depois de ter nos visitado por tempo suficiente.

– Existem rumores de que há cavernas nos Kells – falou Elfaba, quase mais para si mesma do que para Sarima. – Vivi por alguns anos no convento de santa Glinda nas Planícies de Xisto, fora da Cidade das Esmeraldas. Dignitários nos visitavam, e embora muitas vezes estivéssemos sob um voto de silêncio, as pessoas assim mesmo falavam de coisas que sabiam. Células monásticas. Eu pensei que, quando terminasse aqui, poderia ir até uma caverna e... e...

– E montar residência – concluiu Sarima, como se isso fosse normal, igual a casar e ter filhos. – Sei que alguns fazem isso. Há um velho ermitão na encosta oeste da Garrafa Quebrada, um pico aqui perto, e dizem que ele está lá há anos, e retornou a um estado mais primitivo da natureza. Da natureza dele, quero dizer.

– Uma vida sem palavras – disse Elfinha, olhando para o café sem bebê-lo.

– Dizem que esse ermitão se esqueceu da higiene pessoal, o que, pelo modo como os garotos fedem quando ficam sem banho por algumas semanas, me parece uma defesa da natureza contra feras larápias.

– Eu não esperava ficar aqui por muito tempo – comentou Elfinha, girando a cabeça sobre o pescoço como um papagaio e olhando para Sarima de um jeito esquisito. “Ah, cuidado”, pensou Sarima preocupada, embora tivesse a tendência a gostar dessa convidada. “Cuidado, ela está tomando as rédeas da conversa. Isso não vai dar certo.” Mas a convidada continuou: – Eu havia pensado em ficar uma noite ou duas, talvez três, e encontrar um buraco para mim antes de o inverno se estabelecer. Eu estava usando o calendário errado, pensando em como e quando o inverno chegava a Shiz e à Cidade das Esmeraldas. Mas aqui vocês estão seis semanas à frente.

– À frente no outono e atrás na primavera, infelizmente – falou Sarima. Ela tirou os pés da almofada e os colocou no chão, direto, para indicar seriedade. – Agora, minha nova amiga, tenho algumas coisas que preciso lhe dizer.

– Eu também – disse Elfinha, mas desta vez Sarima continuou.

– Você vai me achar uma pessoa mal-educada, e estará certa, é claro. Ah, quando fui escolhida para ser uma noiva criança, uma boa governanta foi contratada em Gillikin para ensinar a mim e às minhas irmãs a usar verbos, pronomes e garfos de salada. E ultimamente tenho começado a dominar a leitura. Mas a maioria do que aprendi sobre comportamento educado foi com o que Fiyero foi gentil o suficiente para me instruir quando ele retornou dos estudos. Sem dúvidas eu cometo erros sociais. Você tem todo o direito de rir escondido pelas minhas costas.

– Não costumo rir escondido – soltou Elfaba.

– Pode ser. Mas ainda tenho opiniões, e sou observadora, apesar de não ser instruída. Apesar da minha vida protegida, casada aos sete anos, como você deve saber, criada e mantida atrás dos muros do castelo. Confio no meu próprio sentido das coisas e não serei dissuadida. Então, deixe-me continuar – pediu ela, enquanto Elfaba tentava interromper. – Há tempo suficiente e o sol é agradável aqui, não é? Meu pequeno refúgio.

“Me parece que você veio aqui para, digamos, aliviar a si mesma de algum assunto triste. Você transmite isso. Não fique surpresa, minha querida, se há um olhar que eu reconheço é o olhar de quem carrega um fardo. Lembre-se: eu ouço minhas irmãs, todos os anos, quando elas compartilham graciosamente todas as maneiras como elas me odeiam e por quê. – Ela sorriu, satisfeita com a própria sagacidade. – Você quer largar seu fardo, jogá-lo aos meus pés ou sobre meus ombros. Talvez queira chorar um pouco, dizer adeus e depois partir. E, quando sair daqui, vai andar diretamente para fora do mundo.”

– Não vou fazer isso.

– Vá, sim, mesmo que não saiba. Você não terá mais nada que a prenda ao mundo. Mas eu conheço meus limites, Titia Convidada, e sei para que você está aqui. Você me contou. Você me contou no saguão, quando disse que se sentia responsável pela morte de Fiyero...

– Eu...

– Não. Não faça isso. Esta é a minha casa, sou uma princesa Dowager da Bosta nomeada, mas tenho o direito de ouvir e tenho o direito de não ouvir. Nem que seja para fazer um viajante se sentir melhor.

– Eu...

– Não.

– Mas não quero colocar um fardo sobre você, Sarima, quero tirar o fardo de você com a verdade. Se me permitir, você é a maior, a mais leve; o perdão abençoa o doador assim como o recebedor.

– Vou fingir que não ouvi essa observação sobre eu ser a maior. Mas ainda tenho o direito de escolher. E acho que você me deseja o mal. Você me deseja o mal e nem sabe disso. Quer me punir por algo. Talvez por não ter sido uma esposa boa o suficiente para Fiyero. Você me deseja o mal e se engana de pensar que é o curso terapêutico dos remédios.

– Você sabe como ele morreu, pelo menos?

– Sei que foi uma ação violenta, sei que o corpo nunca foi encontrado, sei que foi em um ninho de amor – respondeu Sarima, por um minuto perdendo sua

determinação. – Não me importa saber quem foi exatamente, mas ouvi o suficiente sobre esse detestável Sir Chuffrey para ter uma opinião fort...

– Sir Chuffrey!

– Eu disse não. Chega. Agora tenho uma oferta para lhe fazer, Titia, se quiser. Você e o garoto podem se mudar para a torre sudeste se quiserem. Há alguns cômodos redondos espaçosos com pé-direito alto e boa iluminação. Você sairia daquela cabana de pedras úmida e ficaria mais aquecida. Teria sua própria escada para entrar e sair do saguão principal, e não perturbaria as garotas e elas não incomodariam você. Você não pode ficar o inverno todo naquela cabana de pedras. O garoto está pálido e inchado, acho que ele sempre está com frio. Vocês estão lá sob as condições, temo dizer, de aceitar minha palavra mais firme sobre esses assuntos. Não quero discutir meu marido nem os assuntos da morte dele com você.

Elfaba parecia tomada de pavor e derrotada.

– Não tenho escolha senão aceitar – disse ela –, pelo menos por enquanto. Mas aviso que tenho a intenção de ser tão amigável com você que vai mudar de ideia. E realmente acho que você precisa ouvir as coisas, precisa falar sobre elas, como eu – e não posso partir para o descampado antes de ter sua promessa solene de...

– Chega! – exclamou Sarima. – Chame o carregador da portaria e peça que ele leve sua bagagem para a torre. Venha, vou lhe mostrar. Você não tocou no seu café. – Ela se levantou. Por um instante constrangedor, houve respeito e suspeita, em igual medida, pousando sobre o carpete como poeira sob os raios de sol. – Venha – disse Sarima com mais suavidade –, pelo menos você precisa ficar aquecida. Você precisa ser capaz de dizer isso de nós, ratos do campo aqui em Kiamo Ko.

Pelo que Elfaba sabia, era o quarto de uma bruxa, e ela se deleitou ali. Como todos os bons quartos de bruxa nas histórias infantis, era um quarto com paredes encurvadas, seguindo a forma essencial de uma torre. Tinha uma janela ampla que, como estava virada para leste, longe do vento, poderia ficar aberta sem soprar tudo e todos para o vale nevado. Além, os Grandes Kells eram uma fileira de sentinelas, preto-arroxeadas quando o sol de inverno nascia sobre eles, se transformando em proteções branco-azuladas quando a luz do sol se movia para baixo, e ficando douradas e avermelhadas no fim da tarde. Às vezes havia um escoamento ruidoso de neve e pedras.

O inverno envolveu a casa. Elfaba aprendeu bem cedo a ficar onde estava a menos que tivesse certeza de que outro cômodo tinha uma fogueira mais quente. E, exceto por Sarima, ela não se importava com as outras companhias humanas que a casa oferecia. Sarima vivia na ala oeste, com os filhos: os meninos Irji e Manek, a menina Nor. As cinco irmãs de Sarima viviam na ala leste – elas se chamavam números Dois a Seis, e, se algum dia tiveram outros nomes, eles tinham desaparecido com o desuso. Pelo direito da incasabilidade, as irmãs ficaram com os melhores cômodos do local, embora Sarima tivesse o Solar. Elfaba não sabia onde Liir se enroscava para dormir, mas ele reaparecia toda manhã para trocar os trapos sob os poleiros dos corvos. Ele também levava chocolate para ela.

Lurlinemas estava se aproximando, e surgiram umas decorações desgastadas cujo dourado tinha quase desaparecido. As crianças passaram um dia inteiro amarrando bugigangas e brinquedos aos arcos, fazendo os adultos baterem a cabeça e reclamar. Manek e Irji pegaram um serrote e, sem permissão, foram além dos muros do castelo para pegar alguns galhos de abeto e ramos de azevinho. Nor ficou para trás e pintou cenas da vida feliz no castelo em folhas de papel que ela e Liir tinham encontrado no quarto da Titia Bruxa. Liir disse que não sabia desenhar, então saiu e desapareceu, talvez para ficar longe de Manek e Irji. A casa ficou silenciosa até que houve uma agitação de painéis de cobre derrubadas na cozinha. Nor foi correndo ver o que era, e Liir chegou de algum cubículo-esconderijo para ver.

Era Chistery. O macaco estava tendo um surto, e todas as irmãs, que estavam fazendo biscoito de gengibre, estavam jogando pedaços de massa nele, tentando tirá-lo da estrutura pendurada, barulhenta com os utensílios balançando, sobre a mesa de trabalho.

– Como ele entrou aqui? – perguntou Nor.

– Tire ele daqui, Liir, chame-o! – mandou Dois. Mas Liir não tinha mais autoridade sobre Chistery do que elas. O macaco voou para o topo de um armário, depois para uma enorme caixa de produtos secos, abriu uma gaveta e encontrou um precioso estoque de passas, que ele enfiou na boca.

– Vão pegar a escada no saguão, vocês dois, e tragam para cá – ordenou Seis, mas, quando eles fizeram isso, Chistery estava de volta na estrutura,

fazendo-a girar e produzir barulhos como um carrossel numa feira.

Quatro colocou um pedaço de melão amassado em uma tigela. Cinco e Três tiraram seus aventais, prontas para espantá-lo quando ele descesse. Chistery ainda estava de olho nas frutas quando a porta se abriu e Elfaba entrou cheia de preguiça.

– Toda essa comoção, como conseguem ouvir seus pensamentos? – gritou ela e depois viu Chistery, de repente abjeto e arrependido, e as irmãs, prontas para capturá-lo nos aventais enfarinhados. – Que diabos é isso?

– Não precisa gritar – disse Dois de mau humor, em voz baixa, mas todas abaixaram os aventais.

– Quero dizer, o que é isso? O que realmente está acontecendo aqui? Vocês todas parecem Mata Alegria, com desejo de sangue nos olhos! Estão brancas de raiva dessa pobre criatura!

– Acho que não é raiva, é farinha – retrucou Cinco, o que as fez rir.

– Suas selvagens imundas – falou Elfinha. – Chistery, venha cá, desça aqui. Agora. Vocês, mulheres, merecem não se casar, para não colocar nenhuma criança selvagem pavorosa no mundo. Nunca coloquem as mãos nesse macaco, estão me ouvindo? E como ele saiu do meu quarto? Eu estava no Solar com sua irmã.

– Ah – respondeu Nor, lembrando-se –, ah, Titia, sinto muito. Fomos nós.

– Vocês? – Ela se virou e olhou para Nor como se fosse a primeira vez, e Nor não gostou muito disso. Ela se encolheu contra a porta da adega fria. – Por que estavam se esgueirando no quarto?

– Papel – disse Nor baixinho e, em uma jogada desesperada, de tudo ou nada, continuou: – Fiz umas pinturas para todo mundo, venha ver, venha.

Com Chistery nos braços, Elfaba os seguiu até o saguão gelado, onde o vento sob a porta da frente estava fazendo os papéis se agitarem contra a pedra esculpida. As irmãs também foram, a uma distância segura.

Elfinha ficou muito quieta.

– Este é o meu papel. Eu não disse que vocês podiam usar. Vejam, há palavras no verso. Você sabe o que são palavras?

– Claro que sei, acha que eu sou retardada? – respondeu Nor, petulante.

– Deixe meus papéis em paz – ordenou Elfaba. Em seguida, ela e Chistery voaram escada acima, e a porta para a torre bateu com força atrás deles.

– Quem quer ajudar a enrolar o biscoito de gengibre? – perguntou Dois, aliviada que não houve crânios quebrados. – E este saguão está muito bonito, passarinhos, tenho certeza que Preenella e Lurline ficarão impressionadas hoje à noite. – As crianças voltaram para a cozinha e fizeram biscoito de gengibre com formato de pessoas, corvos, macacos e cachorros, mas não conseguiram fazer abelhas, elas eram pequenas demais. Quando Irji e Manek chegaram, largando plantas nevadas sobre o piso de ardósia, eles também ajudaram com as formas de biscoito de gengibre, mas fizeram figuras maliciosas que não mostravam às crianças mais novas, e ficavam engolindo a massa crua e rindo disso, o que deixou todo mundo irritado.

Pela manhã, as crianças acordaram e correram para o andar de baixo para ver se Lurline e Preenella tinham estado lá. Claro que havia uma cesta de vime marrom com uma fita verde e dourada (uma cesta e uma fita que os filhos de Sarima tinham visto muitos anos seguidos), e dentro dela três caixas pequenas coloridas, cada uma com uma laranja, um marionete, um saquinho de bolas de gude e um rato de biscoito de gengibre.

– Onde está o meu? – perguntou Liir.

– Não estou vendo um com seu nome – respondeu Irji. – Veja: *Irji. Manek*.

Nor: Acho que Preenella deixou na sua casa antiga. Onde você morava antes?

– Não sei – explicou Liir e começou a chorar.

– Aqui, pode ficar com o rabo do meu rato, mas *só* com o rabo – disse *Nor* com delicadeza. – Primeiro você tem que dizer: “Posso ficar com o rabo do seu rato, por favor?”

– Posso ficar com o rabo do seu rato, por favor? – repetiu Liir, embora as palavras tenham sido ininteligíveis.

– E prometo obedecer a você.

Liir resmungou. A troca acabou sendo realizada. Por vergonha, Liir não mencionou o engano. Sarima e as irmãs nunca souberam.

Elfaba não mostrou seu rosto o dia todo, mas enviou uma mensagem dizendo que a Noite de Lurlinemas e o dia de Lurlinemas sempre a deixavam doente, que passaria alguns dias no conforto solitário e não queria ser perturbada com refeições, nem por visitantes ou barulhos de qualquer tipo.

Então, enquanto Sarima foi até sua capela particular para se lembrar do amado marido neste dia sagrado, as irmãs e as crianças cantaram músicas alegres o mais alto possível.

Poucas semanas depois, quando as crianças estavam fazendo guerra de bola de neve e Sarima confeccionava um suco medicinal na cozinha, Elfinha saiu do quarto e desceu se esgueirando pela escada e bateu à porta do salão das irmãs.

Elas não gostaram, mas se sentiram obrigadas a recebê-la bem. A bandeja prateada com garrafas de bebidas fortes, o precioso cristal carregado em lombo de burro da Casa de Dixxi em Gillikin, os carpetes nativos mais bonitos e vermelhos no chão, o luxo de lareiras nos dois lados do quarto, cada uma queimando com alegria – bem, elas teriam diminuído um pouco as coisas se tivessem recebido algum aviso. Dessa forma, Quatro escondeu nas almofadas do sofá o volume de couro do qual estava lendo em voz alta uma história estimulante de uma mulher incomodada pela abundância de belos pretendentes. Tinha sido presente de Fiyero, o melhor presente que ele enviou às irmãs – e o único.

– Você gostaria de um pouco de água de cevada com limão? – ofereceu Seis, sempre servil até o dia de sua morte, a menos que, por sorte, todas as outras morressem antes.

– Aceito – respondeu Elfaba.

– Sente-se. Este assento aqui é muito confortável.

Elfinha não parecia confortável, mas se sentou ali de qualquer maneira, rígida e incomodada naquele casulo acolchoado que era o quarto.

Ela tomou o menor gole possível da bebida, como se suspeitasse ter veneno.

– Acho que preciso me desculpar pela confusão com Chistery. Sei que sou convidada de vocês aqui em Kiamo Ko. Mas a questão escapou do meu controle.

– Bem, isso realmente aconteceu – começou Cinco, que foi interrompida pelas outras.

– Ah, não foi nada, todos temos dias como aquele, na verdade, no nosso caso, costuma acontecer no mesmo dia, tem sido assim há anos...

– É muita coisa – disse Elfinha com algum esforço. – Passei muitos anos sob um voto de silêncio, e não aprendi muito bem o... volume... que posso alcançar. Além disso, esta é uma cultura estrangeira, de certo modo.

– Nós, arjikis, sempre nos orgulhamos de conseguir dialogar com qualquer outro cidadão de Oz – afirmou Dois. – Ficamos igualmente confortáveis com o mendigo maltrapilho scrow ao sul e com a elite na Cidade das Esmeraldas a leste. – Não que algum dia elas tivessem saído dos Vinkus.

– Uma mordiscada? – perguntou Três, trazendo uma lata de frutas com marzipã.

– Não – respondeu Elfinha –, mas gostaria de saber se vocês podem me contar o motivo específico da tristeza da sua irmã.

Elas ficaram sentadas, apumadas, tentadas e suspeitas.

– Gosto das minhas conversas com ela no Solar, mas sempre que a conversa gira em torno do falecido marido, que, vocês devem saber, eu conhecia, ela não quer falar nada.

– Ah, foi muito triste – disse Dois.

– Uma tragédia – comentou Três.
– Para ela – falou Quatro.
– Para nós – complementou Cinco.
– Titia Convidada, coloque um pouco de licor de laranja na sua cevada de limão – sugeriu Seis. – É das encostas aprazíveis dos Pequenos Kells e é um deleite.

– Bem, só uma gotinha – disse Elfinha, mas não bebeu. Ela colocou os cotovelos sobre os joelhos, se inclinou para a frente e continuou: – Por favor, me digam como ela soube da morte de Fiyero.

Houve silêncio. As irmãs evitaram lançar olhares umas para as outras, ocupando-se com as pregas de suas saias. Depois de uma pausa, foi Dois que respondeu:

– Aquele dia triste. Ainda dói na memória.

As outras se ajeitaram em seus assentos, virando-se para ela. Elfaba piscou duas vezes, parecendo um de seus corvos.

Dois contou a história, sem sentimento nem drama. Um dos colegas de trabalho de Fiyero, um comerciante arjiki, tinha atravessado a passagem da montanha no primeiro degelo da primavera, nas costas de um skark. Ele pediu para se encontrar com Sarima e insistiu que as irmãs ficassem por perto para apoiá-la depois das notícias tristes. Ele contou que, no Lurlinemas, tinha recebido no clube uma mensagem anônima de que Fiyero tinha sido assassinado. Havia um endereço em uma área de má reputação – nem era um bairro residencial. Um homem da tribo contratou alguns brutamontes e derrubaram a porta do armazém. Ali dentro havia um pequeno apartamento escondido no andar de cima, um lugar de encontros amorosos, obviamente. (O homem da tribo relatou isso sem hesitar, talvez como uma manobra de interesse comercial.) Havia evidências de luta e enormes quantidades de sangue, tão grosso em alguns pontos que ainda estava pegajoso. O corpo tinha sido removido, e nunca foi recuperado.

Elfaba apenas assentiu, amarga, ao ouvir o relato.

– Por um ano – continuou Dois –, nossa querida atormentada Sarima se recusou a acreditar que ele estivesse morto de verdade. Não teríamos ficado surpresas se recebêssemos um bilhete de resgate. Mas, no Lurlinemas seguinte, quando nenhum recado sobre o assunto chegou, tivemos de aceitar o inevitável. Além disso, o clã havia prosseguido o máximo possível com uma liderança colaborativa improvisada; eles exigiam um chefe único, e um chefe foi eleito, e serviu bem. Quando Irji tiver idade suficiente, poderá reivindicar os direitos da primogenitura, se for corajoso o suficiente; ele ainda não é nem um pouco corajoso. Manek é o candidato óbvio, mas é apenas o segundo na linhagem.

– E o que Sarima acredita que aconteceu? – perguntou Elfinha. – E você? Todas vocês?

Agora que a parte mais triste da história tinha sido contada, as outras irmãs sentiram que poderiam entrar na conversa. Elas disseram que Sarima havia alguns anos suspeitava que Fiyero tinha um caso com uma velha colega de universidade chamada Glinda, uma gillikin de beleza lendária.

– Lendária? – indagou Elfinha.

– Ele disse a todas nós como ela era charmosa, discreta, quanta graça e

brilho...

– É tão provável assim que falasse sem parar sobre uma mulher com quem ele cometia adultério?

– Os homens – respondeu Dois – são, como todas sabemos, cruéis e perspicazes. Que truque melhor do que admitir fervorosamente e com frequência que ele a admirava? Sarima não tem provas para acusá-lo de dissimulação e fingimento. Ele nunca deixou de dar atenção a ela...

– Do jeito frio, moroso, afastado e amargo dele – interferiu Três.

– O tipo de coisa que se lê em romances – disse Quatro.

– Se a pessoa ler romances – comentou Cinco.

– O que nós não fazemos – completou Seis, fechando os lábios sobre uma pera de marzipã.

– Então Sarima acredita que o marido estava com essa... Essa...

– Essa mulher ofuscante – falou Dois. – Deve tê-la conhecido, você não frequentava Shiz?

– Eu a conhecia um pouco – respondeu Elfinha, se esquecendo de fechar a boca. Ela estava com dificuldades para acompanhar as diversas narradoras. – Não a vejo há anos.

– E está claro na mente de Sarima o que aconteceu – continuou Dois. – Glinda era, pelo que sabemos, ainda é, casada com um cavalheiro rico e mais velho chamado Sir Chuffrey. Ele deve ter suspeitado de alguma coisa, mandou segui-la e descobriu o que estava acontecendo. E pediu para alguns criminosos matarem o canalha. Quero dizer, o pobre Fiyero. Não faz sentido?

– É totalmente plausível – disse Elfinha devagar. – Mas há alguma prova?

– Nenhuma prova – respondeu Quatro. – Se houvesse, a honra da família exigiria em troca o assassinato de Sir Chuffrey. Mas ele ainda pode estar com uma saúde robusta. Não, é só uma teoria, mas é nisso que Sarima acredita.

– É nisso que se agarra – falou Seis.

– E por que não? – indagou Cinco.

– É a prerrogativa dela – defendeu Três.

– Tudo é prerrogativa dela – comentou Dois com tristeza. – Além do mais, pensem comigo. Se seu marido fosse assassinado, não seria mais fácil suportar se achasse que ele merecia, nem que fosse só um pouco?

– Não – respondeu Elfinha. – Acho que não.

– Nem nós – admitiu Dois –, mas achamos que é isso que ela pensa.

– E vocês? – perguntou Elfinha, estudando o padrão do carpete, os losangos em vermelho sangue, as margens com franjas, as feras e as folhas de acanto e os medalhões de rosas. – O que vocês acham?

– Não conseguimos chegar a uma opinião unânime – confessou Dois, mas continuou assim mesmo. – Parece razoável supor que, sem nosso conhecimento, Fiyero se envolveu em algum empreendimento político na Cidade das Esmeraldas.

– Uma estada que deveria durar um mês se transformou em quatro – disse Quatro.

– Ele tinha... sensibilidades políticas? – perguntou Elfaba.

– Ele era o príncipe dos arjiks – lembrou Cinco a todas. – Ele tinha

conexões... responsabilidades... fidelidades... quem poderia adivinhar? Era dever dele ter opiniões sobre coisas que não deveríamos precisar saber.

– Ele era favorável ao Mágico? – indagou Elfinha.

– Você está dizendo que ele estava envolvido em alguma daquelas campanhas? Aqueles... massacres? Primeiro os quadlings, depois os Animais? – perguntou Três. – Parece surpresa por sabermos essas coisas. Acha que estamos tão afastadas assim do resto de Oz?

– Estamos afastadas – falou Dois. – Mas ouvimos as conversas. Gostamos de alimentar os viajantes quando eles param aqui. Sabemos que a vida pode ser podre aí fora.

– O Mágico é um déspota – disse Quatro.

– Nosso lar é nosso castelo – comentou Cinco ao mesmo tempo. – Algum afastamento de tudo é saudável. Mantemos nossa fibra moral imaculada.

Todas elas deram um sorriso falso ao mesmo tempo.

– Mas vocês acham que Fiyero tinha uma opinião sobre o Mágico? – perguntou Elfaba de novo, pressionando com alguma urgência.

– Ele tinha seus segredos – soltou Dois. – Pelo amor da doce Lurline, querida Titia, ele era um príncipe e um homem! E nós não éramos nada além de suas cunhadas mais novas e dependentes! Você acha que ele confiaria em nós? Ele poderia ter sido muito amigo do Mágico, por tudo que sabemos! Ele certamente devia ter ligações com o Palácio, ele era um príncipe. Mesmo que apenas de nossa pequena tribo. O que ele fazia com essas ligações... como podemos saber? Mas não achamos que ele morreu vítima de um casamento. Talvez estejamos erradas, mas não achamos. Acreditamos que ele foi pego no fogo cruzado de alguma luta marginal. Ou foi descoberto em um ato de traição de um ou outro grupo excitável. Ele era um homem bonito e nenhuma de nós negaria isso, na época ou agora. Mas ele era intenso e reservado, e duvidamos que ele se libertasse o suficiente para ter um caso. – Por um gesto mínimo, um encolhimento do abdome e um acomodamento dos ombros, Dois entregou os fundamentos de sua posição: como ele poderia ter sucumbido ao charme dessa Glinda se tinha conseguido resistir às próprias cunhadas?

– Mas – perguntou Elfinha em uma voz baixa –, vocês acham que ele era espião de alguém?

– Por que o corpo dele nunca foi encontrado? – indagou Dois. – Se tivesse sido uma ira ciumenta, o corpo não precisaria ser removido. Talvez ele ainda não tivesse morrido. Talvez tenha sido levado para ser torturado. Não, na nossa limitada experiência, achamos que isso tem mais cara de traição política do que romântica.

– Eu... – disse Elfaba.

– Você está pálida, querida. Seis, por favor, um gole de água...

– Não – disse Elfaba. – É que... ninguém pensou na época... eu nunca. Devo dizer o pouco que sei da história? E talvez vocês possam contar a Sarima. – Ela começou a andar de um lado para o outro. – Eu vi Fiyero...

Porém, no momento mais bizarro possível, a solidariedade familiar apareceu.

– Querida Titia Convidada – começou Dois, em um tom responsável –,

estamos sob as mais restritas ordens de nossa irmã para não permitir que você se canse falando sobre Fiyero e as tristes circunstâncias de sua morte. – Claramente Dois teve de se esforçar para dizer isso, pois o interesse em ouvir o que Elfaba tinha a dizer era enorme. Os estômagos ansiavam pela história. Mas a propriedade venceu, por medo da ira de Sarima se ela descobrisse. – Não, não, temo dizer que não devemos expressar um interesse indevido. Não podemos ouvir e não contaremos a Sarima o que ouvimos.

No fim, Elfaba as deixou, desanimada.

– Outra hora – continuava dizendo –, quando vocês estiverem prontas, quando ela estiver pronta. Percebam que é essencial; há tanta tristeza da qual ela poderia se libertar, e que ela mesma poderia liberar...

– Adeus por enquanto – disseram elas, e a porta se fechou atrás dela. Os fogos nas lareiras gêmeas se mexiam para todos os lados no cômodo, e elas assumiram posições de conveniência frustrada por terem de obedecer à irmã mais velha, e a amaldiçoaram até o inferno.

Ogelo encrostava os telhados, desalojava telhas e pingava sujo nos cômodos privativos, na sala de música, nas torres. Elfaba passou a usar seu chapéu dentro de casa para evitar os dardos de gelo aleatórios em sua cabeça. Os corvos ficaram cobertos de musgo ao redor do bico e tinham algas entre as garras. As irmãs terminaram o romance e suspiravam em conjunto – pela vida, pela vida! – e começaram a ler de novo, como tinham feito nos últimos oito anos. Na corrente ascendente do vale, a neve parecia subir com a mesma frequência que descia. As crianças adoravam.

Numa tarde melancólica, Sarima se enfeitou com cobertas vermelhas de lã e, devido ao tédio, saiu andando pelos cômodos bolorentos sem uso. Ela localizou uma escada numa fossa inclinada em forma de trapézio – talvez essa alcova se inclinasse contra a lateral da cumeeira que não dava para ver; ela não era muito boa em imaginar a arquitetura em três dimensões. Ela subiu os degraus de qualquer maneira. No topo, através de uma grade tosca, ela viu uma figura na penumbra branca. Sarima tossiu para não assustá-la.

Elfaba estava encurvada, quase dobrada ao meio, sobre um enorme livro pousado sobre a bancada de trabalho de um carpinteiro. Ela se virou, surpresa mas não muito, e disse:

– Tivemos a mesma ideia, que curioso.

– Você encontrou alguns livros, eu tinha me esquecido completamente – disse Sarima. Ela agora sabia ler, mas não muito bem, e os livros a faziam se sentir inferior. – Eu não saberia lhe dizer do que eles tratam. Tantas palavras, eu não imaginaria que o mundo merecia tanto escrutínio.

– Aqui está uma geografia arcaica – falou Elfinha – e alguns registros de pactos de usufruto entre diversas famílias dos arjikis, aposto que há líderes que ficariam muito felizes de ver isso. A menos que estejam ultrapassados. Alguns textos que Fiyero tinha em Shiz, eu também os reconheço, pelo curso de ciências naturais da faculdade.

– E essa coisa grande: páginas roxas e tinta prateada, que magnífico.

– Eu o encontrei no chão deste armário. Parece ser um Grimório – comentou Elfinha –, um tipo de enciclopédia de coisas espirituais. Mágica; e o mundo dos espíritos; de coisas vistas e não vistas; e de coisas passadas e futuras. Só consigo entender umas palavras aqui ou ali. Veja como ele se mistura enquanto a gente olha. – Ela apontou para um parágrafo de texto escrito à mão. Sarima espiou. Embora suas habilidades de leitura fossem mínimas, ela engoliu em seco diante da visão. As letras fluíam e se rearrumavam na página, como se estivessem vivas. A página mudava de opinião conforme elas observavam. As letras se agrupavam em uma grande confusão, como um monte de formigas. Então Elfaba virou uma página. – Aqui, esta seção é um livro de feras. – Havia desenhos elegantes e enfraquecidos em vermelho sangue e dourado, nas elevações frontais e traseiras do que parecia um anjo, com anotações em uma letra elegante sobre os aspectos aerodinâmicos da santidade. As asas se

flexionavam para cima e para baixo, e o anjo sorria com um tipo travesso de santidade. – E uma receita nesta página. Diz: “De maçãs com casca negra e carne branca: para encher o estômago com cobiça até a Morte.”

– Agora, eu me lembro deste livro – disse Sarima. – Eu me lembro de como ele veio parar aqui, pois eu mesma o coloquei; tinha me esquecido. Bem, é muito fácil colocar livros de lado, não é?

Elfinha ergueu o olhar, os olhos se nivelando sob a sobancelha reta e dura como rocha.

– Me conte, Sarima, por favor.

A princesa Dowager de Kiamo Ko ficou perturbada. Ela foi até uma pequena janela e tentou abri-la, mas as incrustações de gelo não deixaram. Então ela se sentou em um caixote de embalagem e contou a história a Elfaba. Ela não lembrava exatamente quando, mas tinha sido há muito tempo, quando todos eram jovens e magros. O amado Fiyero ainda estava vivo, mas estava nos Pastos com a tribo. Reclamando de uma dor de cabeça, ela ficou no castelo sozinha. O sino da ponte retrátil soou e ela foi ver quem era.

– Madame Morrorosa. Uma Bruxa Kumbic ou outra.

– Não, não era uma madame. Era um ancião usando túnica e calças, com uma capa que precisava desesperadamente de uma costureira. Ele disse que era um feiticeiro, mas talvez fosse apenas louco. Pediu uma refeição e um banho, o que eu lhe dei, e depois disse que queria me pagar me dando este livro. Falei que, com um castelo para administrar, eu não tinha tempo para frivolidades, leituras e tal. Ele disse que não importava.

Sarima apertou o robe ao redor do corpo e traçou um padrão na poeira sobre a pilha próxima de códices.

– Ele me contou uma história fabulosa e me persuadiu a aceitar essa coisa dele. Disse que era um livro de conhecimento e que pertencia a outro mundo, mas não estava seguro lá. Por isso ele o trouxe para cá, onde poderia ser escondido e afastado do mal.

– Quanta bobagem! Se tivesse vindo de outro mundo, eu não seria capaz de ler nada. E consigo ler um pouco.

– Mesmo que seja tão mágico quanto ele disse? – perguntou Sarima. – Mas, sabe, eu acreditei nele. Ele disse que havia mais encontros entre os mundos do que qualquer pessoa acreditaria, que nosso mundo tem atributos do mundo dele, e o dele do nosso, um tipo de efeito de vazamento, ou talvez uma infecção. Ele tinha uma barba longa, franjada de branca e cinza, e um jeito muito delicado e abstrato. Cheirava a alho e creme de leite.

– Prova indiscutível de ser de outro mundo...

– Não zombe de mim – pediu Sarima de um jeito afável –, você me perguntou, por isso estou contando. Ele disse que era poderoso demais para ser destruído, mas ameaçador demais, para esse outro lugar, para ser preservado. Então ele fez uma viagem mágica ou algo parecido e veio até aqui.

– Kiamo Ko o chamou e ele não resistiu ao seu charme...

– Ele disse que éramos isolados, e uma fortaleza. Não pude discordar! E o que significava eu receber mais um livro? Só o guardamos aqui em cima, junto com os outros. Eu nem sei se contei a alguém sobre ele. Depois ele me abençoou

e partiu. Ele caminhou com uma bengala de carvalho pela Trilha do Membro Travado.

– Você confirma ter achado o homem que trouxe isto aqui um feiticeiro? – indagou Elfinha. – E que este livro vem... de outro mundo? Você acredita em outros mundos?

– Acho um esforço tremendo acreditar neste aqui – respondeu Sarima –, mas ele parece estar aqui, então por que eu deveria acreditar no meu ceticismo sobre outros mundos? Você não acredita?

– Eu tentei, na infância. Fiz um esforço. O nascer do sol antiquado, estúpido e indistinto do mundo da salvação, o Outro Mundo. Não conseguia entender, não conseguia me concentrar. Agora só acho que nossas próprias vidas é que estão escondidas de nós. O mistério “quem é aquela pessoa no espelho?” é chocante e insondável o suficiente para mim.

– Bem, ele era um feiticeiro muito simpático, ou louco, tanto faz.

– Talvez ele fosse algum agente fiel à Regente Ozma. Escondendo algum antigo trato lurlinista aqui. Antecipando uma revitalização da monarquia, um golpe no Palácio, preocupado com a sequestrada e encantada Ozma Tippetarius, vindo disfarçado para esconder este documento muito longe, mas ainda recuperável...

– Você é cheia de teorias da conspiração. Já notei isso em você. Era um cavalheiro velho, muito velho. E falava com sotaque. Sem dúvida, era um mágico itinerante de outro local. E ele não estava certo? A coisa ficou aqui, esquecida, pelo que, uns dez anos ou mais, até hoje.

– Posso levá-lo e dar uma olhada nele?

– Claro. Ele nunca me disse para não lê-lo – respondeu Sarima. – Na época, talvez eu nem conseguisse ler nada, me esqueço disso. Mas olhe esse lindo anjo ali! Você quer dizer que não acredita no Outro Mundo? Em uma vida após a morte?

– É tudo de que precisamos. – Elfaba bufou ao pegar o tomo. – Um Vale das Lágrimas pós-Vale das Lágrimas.

Certa manhã, depois que Seis havia mais uma vez tentado aplicar algumas lições nas crianças e desistido, Irji sugeriu um jogo de esconde-esconde dentro de casa. Eles tiraram no palitinho e Nor perdeu, então ela fechou os olhos e contou. Quando ficou cansada de esperar, gritou: “Cem!” Olhou em volta.

Ela viu Liir em primeiro lugar. Embora ele gostasse de desaparecer sozinho por horas às vezes, ele era péssimo para se esconder quando precisava. Então eles caçaram os meninos mais velhos juntos, e encontraram Irji no Solar de Sarima, agachado entre as ondulações de veludo suspensas no galho de um grifo empanado.

Mas Manek, que era melhor em se esconder, não foi encontrado. Nem na cozinha, na sala de música nem nas torres. Sem ideias, as crianças até ousaram descer até o porão embolorado.

– Há túneis aqui que vão até o inferno – disse Irji.

– Onde? Por quê? – indagou Nor, e Liir ecoou.

– Estão escondidos. Não sei onde. Mas todo mundo fala isso. Pergunte a Seis. Acho que é porque aqui costumava ser um quartel de distribuição de água. É verdade. O inferno é quente, então eles precisam de água, e os demônios fizeram túneis aqui em cima.

– Olhe, Liir, lá está o poço de peixes – apontou Nor.

No centro de um cômodo com abóboda baixa, molhado com a umidade que vinha das paredes de pedra, havia um poço baixo com uma tampa de madeira. Havia um dispositivo simples com uma corrente e uma pedra para arrastar a tampa para o lado. Era brincadeira de criança descobrir o poço.

– Lá embaixo – continuou Irji – é onde a gente pega os peixes para comer. Ninguém sabe se tem um lago inteiro lá embaixo, se é sem fundo, ou se você pode descer direto até o inferno. – Ele moveu a lanterna e um círculo de água preta refletiu a luz, em lascas e círculos de luz branca gelada.

– Seis sempre diz que tem uma carpa dourada aí dentro – contou Nor. – Ela viu uma vez. Uma coisa enorme. Ela pensou que era uma chaleira de latão flutuando até a superfície, então o bicho se virou e olhou para ela.

– Talvez fosse uma chaleira de latão – insistiu Liir.

– Chaleiras não têm olhos – argumentou Nor.

– De qualquer maneira, Manek não está aqui – disse Irji. – Está? Olá, Manek! – e o eco se levantou e se dissolveu na escuridão úmida.

– Talvez ele tenha descido até o inferno num desses túneis – supôs Liir.

Irji colocou a tampa de volta sobre o poço de peixes.

– Mas chega, Nor, não vou mais procurar aqui embaixo.

Eles ficaram com medo e correram escada acima. Quatro gritou com eles por fazerem barulho demais.

Nor encontrou Manek nas escadas perto da porta do quarto da Titia Convidada.

– Shhhh – fez ele quando os outros se aproximaram.

Nor tocou nele mesmo assim.

– Você está fora.

– Shhhh – repetiu ele, com mais urgência.

Eles se alternaram olhando pela fenda na madeira gasta da porta.

Titia estava com o dedo em um livro, murmurando coisas para si mesma, entoando de um jeito e de outro. Na cômoda perto dela Chistery estava agachado, em um silêncio desconfortável e obediente.

– O que está acontecendo? – indagou Nor.

– Ela está tentando ensiná-lo a falar – respondeu Manek

– Deixe eu ver – pediu Liir.

– Diga “espírito” – ordenou Titia em uma voz delicada. – Diga “espírito”. Espírito. Espírito.

Chistery torceu a boca para um lado, como se estivesse considerando.

– Não tem diferença – disse Titia para si mesma, ou talvez para Chistery. – Os fios são os mesmos, as meadas são as mesmas; a pedra se lembra; a água tem memória; o ar tem um passado pelo qual pode ser responsabilizado; a chama se renova como uma fênix. O que é um animal, senão feito de pedra, água, fogo e éter! Lembre-se de como falar, Chistery. Você é um animal, mas o Animal é seu primo, droga. Diga “espírito”.

Chistery pegou um piolho do peito e comeu.

– Espírito – cantou Titia –, existe espírito, eu sei. Espírito!

– Espit – disse Chistery, ou algo parecido.

Irji afastou Manek e as crianças quase atravessaram a porta tentando ver Titia rir, dançar e cantar. Ela pegou Chistery e o abraçou, dizendo:

– Espírito, espírito, Chistery! Existe espírito! Diga: “espírito”.

– Espit, espit, espit – dizia Chistery, sem se impressionar com o feito. – Espito.

Mas Mata Alegria despertou de um cochilo ao som de uma nova voz.

– Espírito – repetiu Titia.

– Espeto – replicou Chistery com paciência. – Espera. Esporo. Espora. Espelho, espelho, espelho.

– Espírito, ah, meu Chistery, ainda vamos descobrir uma ligação com o antigo trabalho do doutor Dillamond! Há um design universal entre nós, se nos aprofundarmos o suficiente para ver! Nada é em vão! Espírito, meu amigo, espírito!

– Esporte – disse Chistery.

As crianças não conseguiam parar de rir. Elas fizeram uma bagunça descendo as escadas e caíram no dormitório, rindo abafado nas cobertas.

Eles não contaram o que viram a Sarima nem às irmãs. Tiveram medo de que Titia fosse impedida de continuar, e todos eles queriam que Chistery aprendesse o suficiente da linguagem para poder brincar com eles.

Num dia sem vento, quando parecia que eles deviam sair de Kiamo Ko ou morrer de tédio, Sarima teve a ideia de irem patinar num lago próximo. As irmãs

concordaram e desencavaram os patins enferrujados que Fiyero trouxera da Cidade das Esmeraldas. As irmãs assaram doces de caramelo, prepararam garrafas de chocolate e, até mesmo, se enfeitaram com fitas verdes e douradas, como se fosse um segundo Lurlinemas. Sarima se enfeitou em um robe de veludo marrom com capa de pele, as crianças colocaram calças e túnicas extras. Até Elfaba foi junto, em uma capa grossa de brocado roxo, pesadas botas de pele de bode arjiki e luvas, carregando sua vassoura. Chistery carregava uma cesta de damascos secos. As irmãs em sobretudos masculinos sensíveis, com cintos e fechos, seguiam atrás.

Os habitantes da vila tinham limpado a neve do centro do lago. Era um piso de dança de salão de baile, encrustado com os floreios de mil arabescos, cercado de montes de almofadas e neve para oferecer um repouso seguro para os patinadores que se esquecessem de como frear ou virar. Sob a forte luz do sol, as montanhas pareciam afiadas como lâminas contra o azul; grandes garçotas nevadas e grifos de gelo voavam bem alto. O ringue de gelo já estava barulhento com crianças que gritavam e adolescentes agitados (aproveitando cada oportunidade para se esbarrarem e se amontoarem uns sobre os outros em posições sugestivas). Os mais velhos se moviam lentamente, como numa procissão, pelo gelo. A multidão ficou em silêncio quando todos de Kiamo Ko se aproximou, mas, como crianças são crianças, o silêncio não durou muito tempo.

Sarima se aventurou no gelo, as irmãs fazendo uma barreira ao redor dela com braços interligados. Sendo muito larga, Sarima tinha medo de cair, e seus tornozelos não eram muito fortes. Mas ela logo se lembrou de como as coisas funcionavam – este pé, depois aquele, passadas longas e lânguidas –, e o encontro desconfortável das classes sociais se realizou. Parecia um de seus corvos: os joelhos para a frente, os cotovelos se debatendo, os trapos voejando, as mãos enludadas buscando equilíbrio.

Depois que os adultos se divertiram o suficiente (mas as crianças estavam apenas se aquecendo), Sarima, as irmãs e Elfinha caíram sobre peles de urso que os cidadãos tinham espalhado para elas.

– No verão – disse Sarima –, fazemos uma fogueira enorme e matamos alguns porcos, antes de os homens descerem para as planícies ou os meninos subirem para as encostas para guardar as ovelhas e os bodes. Todos eles vão até o castelo para comer porco e tomar cerveja. E, é claro, sempre que aparece um leão da montanha ou um urso especialmente malvado, deixamos eles entrarem na fortaleza até que a fera seja morta ou desapareça. – Ela sorriu com a obrigação da nobreza de forma abreviada, para uma distância média, embora os locais estivessem ignorando o pessoal do castelo. – Titia querida, você estava muito bem naquele robe, apalpando essa vassoura.

– Lir diz que é uma vassoura mágica – comentou Nor, que tinha corrido até lá para jogar um punhado de flocos de neve granulares no rosto da mãe. Elfaba virou a cabeça rapidamente e subiu o colarinho para evitar a neve que se espalhou. Nor riu de maneira rude em uma bela frase como um instrumento de sopro, e fugiu correndo.

– Então, conte-nos como sua vassoura se tornou mágica – pediu Sarima.

– Eu nunca disse que era mágica. Eu a recebi de uma velha monja

chamada madre Yackle, que me acolheu sob suas asas quando ela estava alerta o suficiente, e me deu... digamos, orientações, acho que posso chamar assim.

– Orientações – repetiu Sarima.

– A velha monja disse que a vassoura seria minha ligação com o meu destino. Acho que ela queria dizer que meu destino era doméstico. Não mágico.

– Fazer parte da irmandade. – Sarima bocejou.

– Eu nunca soube se a madre Yackle era completamente louca ou uma velha galinha sábia e profética – falou Elfinha, mas as outras não estavam ouvindo, então ela mergulhou no silêncio.

Depois de um tempo, Nor veio se jogar no colo da mãe de novo.

– Me conte uma história, mamãe – pediu ela. – Esses meninos são malvados.

– Os meninos são criaturas irritantes – concordou a mãe. – Às vezes. Devo contar a história de quando você nasceu?

– Não, essa não – disse Nor, bocejando. – Uma história de verdade. Conte da Bruxa e dos filhotes de raposa de novo.

Sarima protestou, sabendo muito bem que as crianças consideravam a Titia Convidada uma bruxa. Mas Nor era teimosa e Sarima cedeu, contando a história. Elfaba ouviu. Seu pai tinha lhe ensinado seus preceitos morais, tinha feito sermões sobre responsabilidade; Babá tinha fofocado; Nessarose tinha choramingado. Mas ninguém tinha lhe contado histórias quando ela era criança. Ela se aproximou um pouco para poder ouvir, apesar do barulho da multidão.

Sarima contou a história com pouco envolvimento dramático, mas, mesmo assim, Elfaba sentiu uma pontada de dor quando ouviu a conclusão.

– E lá a velha Bruxa má ficou, por muito muito tempo.

– Algum dia ela saiu? – recitou Nor, com os olhos brilhando pela diversão do ritual.

– Ainda não – respondeu Sarima e se inclinou para a frente, fingindo morder o pescoço de Nor, que deu um grito agudo e saiu rindo, correndo para se unir de novo aos meninos.

– Acho que é vergonhoso, mesmo que seja apenas uma história, propor uma vida após a morte para o mal. Qualquer ideia de vida após a morte é uma manipulação e um suborno. É vergonhosa a maneira como os unionistas e os pagãos ficam falando do inferno para intimidar e do gracioso Outro Mundo para recompensar.

– Não fale nisso – falou Sarima. – Para começar, é lá que Fiyero está esperando por mim. E você sabe disso.

O queixo de Elfaba caiu. Quando ela menos esperava, Sarima sempre parecia pronta para um ataque surpresa.

– Na vida após a morte? – indagou Elfinha.

– Ah, o que você tem contra isso? – perguntou Sarima. – Tenho pena da comunidade da vida após a morte quando tiverem de lhe dar as boas-vindas. Você é sempre uma fruta azeda!

– Ela é louca – disse Manek cheio de certeza. – Todo mundo sabe que é impossível ensinar um animal a falar.

Eles estavam largados no estábulo abandonado de verão, pulando de um palheiro, soprando feno e neve sob a luz instável.

– Bem, o que ela está fazendo com Chistery, então? – perguntou Irji. – Se você tem tanta certeza assim?

– Ela está ensinando ele a imitar, como um papagaio – respondeu Manek.

– Acho que ela é mágica – contou Nor.

– Você acha que tudo é mágico – julgou Manek – Garota idiota.

– Bem, tudo é – retrucou Nor, rindo e se afastando dos meninos como um comentário adicional sobre o ceticismo deles.

– Acha mesmo que ela é mágica? – perguntou Manek a Liir. – Você sabe melhor que todos nós. Ela é sua mãe.

– Ela é minha Titia – falou Liir.

– Ela é nossa Titia, e sua mãe.

– Eu sei – disse Irji, fingindo mergulhar profundamente no assunto para evitar outro pulo. – Liir é irmão de Chistery. Liir é como Chistery era antes de ela ensiná-lo a falar. Você é um macaco, Liir.

– Não sou um macaco – se defendeu Liir – e não sou enfeitiçado.

– Bem, vamos perguntar a Chistery – disse Manek – É hoje que Titia tem o café com Mamãe? Vamos ver se Chistery aprendeu palavras suficientes para responder a algumas perguntas.

Eles subiram correndo a escada de pedra em espiral até o apartamento da Titia Bruxa.

Verdade, ela havia saído, e Chistery estava lá mordiscando umas cascas de nozes, e Mata Alegria cochilava perto do fogo, rosnando no sono, e as abelhas faziam seu coro incessante. As crianças não gostavam muito das abelhas, nem ligavam para Mata Alegria. Até mesmo Liir tinha perdido interesse no cachorro, pois tinha as crianças para brincar.

– Aqui, ferinha, venha para a Titia Nor.

O macaco pareceu em dúvida, mas, depois, sobre as articulações dos dedos e os pés capazes, ele se balançou pelo piso e pulou nos braços dela. Ele inspecionou as orelhas dela em busca de petiscos e olhou para os meninos por cima dos ombros de Nor.

– Diga-nos, Chistery, a Titia Bruxa é realmente mágica? – indagou Nor. – Conte-nos sobre a Titia Bruxa.

– Que Bruxa – disse Chistery, brincando com os dedos. – Qual é qual? – Eles podiam jurar que era uma pergunta, pelo jeito como ele enrugou a testa como se fosse uma sobrancelha.

– Você está sob um feitiço? – perguntou Manek.

– Feitiço feitiçeiro. Faz feitiço – respondeu Chistery. – Faz falta.

– Como fazemos o feitiço? Como transformamos você de volta em um

menino? – perguntou Irji, o mais velho mas tão envolvido quanto os outros. – Há um jeito especial?

– Especial? Espera, espora, espelho.

– Diga-nos o que fazer – pediu Nor, acariciando-o.

– Fazer, morrer – falou Chistery.

– Ótimo – comentou Irji. – Então não conseguimos desfazer o feitiço?

– Ah, ele só está tagarelando – interrompeu Elfaba da porta. – Vejam, tenho visitas que nem convidei.

– Ah, olá, Titia – disseram eles. Eles sabiam que não deviam estar ali. – Ele está falando, mais ou menos. Ele é mágico.

– Ele basicamente repete o que vocês dizem – explicou Elfaba, se aproximando. – Então, deixem-no em paz. Vocês não têm permissão para entrar aqui.

Eles pediram desculpas e saíram. De volta ao quarto dos meninos, eles caíram no colchão e rugiram até chorar de rir, e não sabiam dizer o que era tão engraçado. Talvez fosse o alívio de terem escapado ilesos dos cômodos da Bruxa, embora não tivessem nada para fazer lá. As crianças decidiram que não tinham mais medo da Titia Bruxa.

Eles estavam cansados de ficar presos em casa, mas estava chovendo em vez de nevando. Eles brincaram muito de esconde-esconde, esperando a chuva passar para eles poderem sair.

Certa manhã, o pique estava com Nor. Ela encontrava Manek com facilidade, porque Liir sempre se escondia perto dele e o entregava. Manek perdeu a paciência.

– Eu sempre sou pego porque você é um inútil. Por que não consegue se esconder direito?

– Não posso me esconder no poço – respondeu Liir, entendendo errado.

– Ah, pode, sim – disse Manek, satisfeito.

O próximo round começou, e Manek conduziu Liir pelas escadas que desciam até o porão, que estava ainda mais úmido do que o normal, com a água do solo escapando pelas pedras da fundação. Quando eles deslizaram a tampa do poço de peixes, viram que o nível da água tinha subido. Mas ainda havia uns bons três a quatro metros para baixo.

– Isso vai servir muito bem – falou Manek –, olhe, se a gente colocar essa corda nesse gancho, o balde vai ficar estável o suficiente para você subir nele. Então, quando eu girar a manivela, o balde vai deslizar devagar na lateral do poço. Vai parar antes de chegar na água, não se preocupe. Depois eu coloco a tampa e Nor vai procurar e procurar! Ela nunca vai encontrar você.

Liir espiou para dentro do poço viscoso.

– E se tiver aranhas?

– Aranhas odeiam água – argumentou Manek de um jeito autoritário. – Não se preocupe com aranhas.

– Por que não vai você? – indagou Liir.

– Você não é forte o suficiente para me descer, por isso – respondeu Manek com paciência.

– Não se esconda muito longe. Não deixe eu descer muito. Não empurre a tampa toda, não gosto de escuro.

– Você está sempre reclamando – falou Manek, lhe estendendo a mão. – É por isso que a gente não gosta de você, sabe.

– Todo mundo é mal comigo.

– Agora se agache. Segure nas cordas com as duas mãos. Se o balde se esfregar na parede um pouquinho, é só esperar seu corpo para longe. Vou descer devagar.

– Onde você vai se esconder? – perguntou Liir. – Não há nenhum outro lugar neste cômodo.

– Vou me esconder debaixo da escada. Ela nunca vai me achar nas sombras, ela odeia aranhas.

– Achei que você tinha dito que não havia aranhas!

– Ela acha que há – comentou Manek – Um, dois, três. Esta é uma ótima ideia, Liir. Você é tão corajoso.

Ele gemeu com o esforço. Liir era mais pesado no balde do que ele imaginava, e a corda se enrolou muito rápido. Ela se enroscou na junção entre o molinete e os suportes, e o balde parou e se chocou contra a parede com um barulho ecoado.

– Isso foi rápido demais – veio a voz de Liir, fantasmagórica na penumbra.

– Ah, não seja fresco. Agora cale-se, vou arrastar a tampa de volta, para ela não perceber. Não faça barulhos.

– Acho que tem peixes aqui embaixo.

– Claro que tem, é um poço de peixes.

– Bem, estou perto demais da água. Eles pulam?

– Sim, pulam, têm dentes afiados, seu bobão, e gostam de meninos gordos... É claro que eles não pulam. Você acha que eu o colocaria em perigo se eles pulassem? Honestamente, você não confia nem um pouco em mim, não é? – Ele suspirou, como se estivesse desapontado demais, e, quando a tampa deslizou por completo em vez de apenas parcialmente, ele percebeu, sem surpresa, que Liir estava magoado demais para reclamar.

Manek se escondeu sob as escadas por um tempinho. Como Nor não desceu, ele decidiu que atrás das toalhas do altar da velha capela bolorenta era um lugar ainda melhor para se esconder.

– Volto já, Liir – sibilo ele, mas, como Liir não respondeu, Manek achou que ele ainda estava nutrindo seus ressentimentos.

Sarima estava dando uma rara passada na cozinha, fazendo um cozido com vegetais frágeis da despensa. As irmãs estavam fazendo um recital de dança entre elas na sala de música acima.

– Parece uma manada de elefantes – comentou Sarima, quando Titia Convidada chegou buscando alguma coisa para beliscar.

– Eu não esperava ver você aqui. Sabe, tenho uma reclamação a fazer sobre seus filhos.

– Os doces e pequenos vândalos... O que foi agora? – indagou Sarima, mexendo a panela. – Eles colocaram aranhas nos seus lençóis de novo?

– Eu não me importo com aranhas. Pelo menos os corvos poderiam comê-las. Não, Sarima, as crianças mexem nas minhas coisas, provocam Chistery sem piedade e não obedecem quando eu falo com elas. Você não pode fazer alguma coisa?

– O que se pode fazer? Aqui, prove esta rutabaga, está estragada e deve ser dada aos cachorros?

– Nem Mata Alegria tocaria nisso. É melhor ficar só com as cenouras. Acho que as crianças são incontroláveis, Sarima. Eles não deviam ir à escola?

– Ah, sim, em uma vida melhor, eles iriam, mas como podem? – indagou a mãe com placidez. – Eu já lhe disse que eles são alvos fáceis para membros ambiciosos da tribo arjiki. É ruim demais deixá-los correr pelas encostas perto de Kiamo Ko no verão, nunca sei quando eles serão encontrados, amarrados e sangrados como porcos, depois trazidos para casa para serem enterrados. É o

custo da viuvez, Titia; precisamos fazer o melhor que podemos.

– Eu era uma criança boa. Cuidava da minha irmã mais nova, que nasceu desfigurada. Eu obedecia ao meu pai e à minha mãe até ela morrer. Eu vagava como uma criança missionária e dava testemunhos ao Deus Inominável, apesar de ser incrédula na minha essência. Eu acreditava na obediência, e não acho que isso me fez mal.

– Então, o que foi que lhe fez mal? – perguntou Sarima com sutileza.

– Você não vai ouvir, então não vou falar. Mas, por alguma razão, seus filhos são ingovernáveis. Eu desaprovo sua educação frouxa.

– Ah, as crianças têm bom coração – disse Sarima, concentrada em descascar cenouras. – Elas são inocentes e alegres. Fico contente de vê-las correndo pela casa em alguma brincadeira. Muito em breve esses dias preciosos serão passado, querida Titia, e olharemos para trás ansiando pela época em que a casa era repleta do barulho da risada infantil.

– Da risada diabólica.

– Existe algo inerentemente bom nas crianças – comentou Sarima decidida, se empolgando com o assunto. – Você conhece aquela pequena Ozma, que há tantos anos foi deposta pelo Mágico? Dizem que ela está em algum lugar, congelada numa caverna, talvez até mesmo nos Kells, pelo que sei. Ela foi preservada em sua inocência infantil porque o Mágico não teve coragem de matá-la. Um dia ela vai voltar para governar Oz, e ela será a melhor e mais sábia soberana que já tivemos, por causa da sabedoria da juventude.

– Nunca acreditei em crianças salvadoras. Pelo que sei, são as crianças que precisam de salvação.

– Você só está nervosa porque as crianças têm espíritos elevados.

– Seus filhos são espíritos malignos – falou Elfaba com raiva.

– Meus filhos não são malignos, nem eu e minhas irmãs éramos crianças malignas.

– Seus filhos não são bons.

– Bem, qual é seu julgamento em relação a Liir, então?

– Ah, Liir... – disse Elfinha.

Sarima estava prestes a insistir nisso, um assunto sobre o qual estava curiosa há muito tempo, quando Três entrou correndo na cozinha.

– As passagens sob nós devem ter derretido mais cedo que o normal – disse ela –, pois avistamos uma caravana se esforçando para subir a Trilha do Membro Travado, vinda do norte! Estará aqui amanhã!

– Ah, que alegria – disse Sarima –, e o castelo está uma bagunça! Isso sempre acontece. Por que não aprendemos? Rápido, chame as crianças e teremos que organizar uma lavagem e polimento. Nunca se sabe, Titia, pode ser um convidado honrado. Precisamos estar preparados.

Manek Nor e Irji vieram correndo da brincadeira. Três contou a novidade, e eles imediatamente tiveram que disparar até a torre mais alta para ver o que podiam através da chuva que caía e para acenar aventais e lenços. Sim, havia uma caravana, cinco ou seis skarks e uma pequena carroça, atravessando a neve e a lama, com dificuldade para atravessar o rio, parando para consertar uma roda quebrada, parando para alimentar os skarks! Era um banquete maravilhoso,

e durante todo o jantar de sopa de vegetais as crianças tagarelavam sobre as surpresas que poderiam encontrar entre os passageiros da caravana.

– Eles nunca deixaram de acreditar que o pai vai voltar – disse Sarima entredentes para Elfaba. – Essa empolgação é uma esperança por ele, embora eles não se lembrem disso.

– Onde está Liir? – perguntou Quatro – É um desperdício de boa sopa ele não estar aqui na hora. Ele não vai receber nada se vier chorando para mim mais tarde. Crianças, onde está Liir?

– Ele estava brincando com a gente mais cedo. Talvez tenha dormido – respondeu Irji.

– Vamos acender uma fogueira e fazer fumaça para dizer olá aos viajantes – sugeriu Manek, pulando da mesa.

Era hora do almoço quando os skarks e a carroça começaram a última e difícil subida pela encosta até a porta corrediça do castelo e os portões de jaspe e carvalho. O povo da aldeia saiu de suas cabanas e colocaram seu peso contra a carroça, ajudando-a a ultrapassar os sulcos de lama e gelo, até que por fim ela fez a curva e cruzou a ponte levadiça aberta. Elfaba, com a curiosidade provocada como a de todos os outros, ficou de pé com a princesa Dowager dos arjikis e suas irmãs sobre um parapeito acima da porta de entrada esculpida de forma bruta. As crianças esperavam no pátio de pedras abaixo, exceto Liir.

O líder, um jovem grisalho, fez uma mesura muito fraca para Sarima. Os skarks defecaram de forma negligente nas pedras, para delírio das crianças, que nunca tinham visto cocô de skarks antes. Então o líder foi até a cabine e abriu a porta, entrando na carroça. Eles ouviam a voz dele, alta como se estivesse falando com alguém que tinha dificuldade para ouvir.

Eles esperaram. O céu estava de um azul perfurante, quase um azul primavera, e as pontas de gelo se penduravam das calhas em forma de adagas perigosas, derretendo. As irmãs engoliram em seco, amaldiçoando o pedaço adicional de biscoito de gengibre, o creme de mel no café, desejando melhorarem. “Por favor, doce Lurlina, que seja um *homem*.”

O líder saiu outra vez e ofereceu a mão, ajudando uma figura a descer da cabine: uma figura velha e encarquilhada, usando saias escuras tristes e um chapéu repugnante e fora de moda, até mesmo do ponto de vista provinciano.

Elfaba estava inclinada para a frente, prendendo o ar com seu queixo agudo e nariz achatado, fungando como uma fera. A visitante se virou e o sol atingiu seu rosto.

– Santa glória! – respirou Elfinha. – É minha antiga Babá! – E saiu do parapeito para correr e envolver a mulher nos seus braços.

– Sentimento humano, quem diria – falou Quatro com desprezo. – Jamais imaginaria que ela era capaz. – Pois Titia Convidada estava soluçando de prazer.

O líder da caravana não quis ficar para uma refeição, mas ficou claro que Babá com suas malas e seus baús não tinha a intenção de seguir adiante. Ela se instalou em um quartinho bolorento logo abaixo do de Elfaba e levou o infinito tempo dos idosos para fazer a toalete. Quando estava pronta para ser sociável, o jantar foi servido. Uma velha galinha de caça, mais corda que carne, repousava sobre um molho ralo de pimenta em uma das bandejas mais finas. As crianças estavam vestidas com suas melhores roupas e tiveram permissão, desta vez, para jantar no salão formal. Babá chegou segurando o braço de Elfaba e sentou à sua direita. Como ela era uma visita para Elfinha, as irmãs, gentis, colocaram o assento de Elfinha na ponta da mesa, em frente a Sarima – um local normalmente deixado vazio por costume, em homenagem ao pobre falecido Fiyero. Foi um grande

erro, e elas reconheceriam isso quase de imediato, pois Elfaba nunca renunciava a seus avanços. Mas, por ora, eram apenas sorrisos e uma hospitalidade agradável. O único pequeno incômodo (além de Babá não ser um jovem príncipe disponível em busca de uma noiva) era que Liir ainda estava sumido. As crianças não sabiam onde ele estava.

Babá era uma mulher cansada e pegajosa, com a pele rachada igual a sabão seco, cabelo ralo e branco amarelado, mãos com veias proeminentes como as cordas em torno de um bom queijo de bode arjiki. Ela comunicou, de um jeito difícil, com muitas pausas para respirar e pensar, que tinha ouvido alguém chamado Croke, na Cidade das Esmeraldas, dizer que sua antiga protegida Elfaba tinha cuidado de Tibbett em seus últimos dias no convento de santa Glinda fora da Cidade das Esmeraldas. Ninguém na família ouvia falar de Elfaba há anos e anos, e Babá decidiu assumir a tarefa de encontrá-la. As monjas ficaram relutantes no início, mas Babá insistiu e depois esperou até que uma nova caravana estivesse pronta para partir. As monjas contaram sobre a missão de Elfaba em Kiamo Ko, e ela comprou passagem para a primavera seguinte.

– E o mundo lá fora? – perguntou Dois, ansiosa. As duas que conversem sobre as fofocas familiares depois.

– O que quer dizer? – indagou Babá.

– Política, ciência, moda, artes, tudo! – respondeu Dois.

– Bem, nosso respeitável Mágico coroou a si mesmo imperador – disse Babá. – Sabiam disso?

Elas não sabiam.

– Com autoridade de quem? – indagou Cinco, zombando. – E, além do mais, imperador do quê?

– Não existe ninguém com mais autoridade, ele disse – explicou Babá com calma –, e quem poderia argumentar contra isso? Ele está distribuindo honras anualmente. Ele acabou de pegar uma adicional para si mesmo. Quanto a ser imperador do quê, não sei dizer. Algumas pessoas dizem que isso implica objetivos de expansão. Mas para onde ele poderia se expandir, não sei dizer, simplesmente não sei. Além, para Quox, ou Ix, ou Fliaan?

– Ou será que ele quer um pulso mais forte sobre o terreno que ele só governou de um jeito frouxo – perguntou Elfaba –, como os Vinkus? – Ela sentiu um arrepio, como uma velha ferida profunda sob seu esterno.

– Ninguém está de fato feliz – disse Babá. – Agora há um serviço militar obrigatório. E a Força Gale ameaça superar o Exército Real. Não se sabe se pode haver uma luta interna por poder, e o Mágico está se preparando contra uma possível tentativa de tomada do poder. Como é possível ter opinião sobre essas coisas? Velhas mulheres como nós? – Ela sorriu para incluir todas elas. As irmãs e Sarima retribuíram o sorriso com o máximo de ar de juventude.

Odia seguinte mal nasceu, tão sombrio com a chuva, tão escurecido com nuvens sem graça.

No salão, esperando que Babá aparecesse e continuasse sua obrigação de distraí-las, as irmãs e Sarima discutiam quais novos fatos tinham descoberto sobre a Titia Convidada.

– Elfaba – refletiu Dois. – É um nome bem bonito. De onde vem?

– Eu me lembro – disse Cinco, que teve uma fase um pouco religiosa quando percebeu que as possibilidades de casamento estavam diminuindo. – Eu tive um *A vida dos santos*. Santa Aelfaba da Cachoeira, uma mística munchkin, seis ou sete séculos atrás. Não se lembram? Ela queria rezar, mas era de uma beleza tal que os homens do local ficavam perturbando para ter sua... atenção.

Todas elas suspiraram, em coro.

– Para preservar sua santidade, ela foi para a natureza com suas escrituras sagradas e um único cacho de uvas. Feras selvagens a ameaçaram, e homens selvagens a caçaram, e ela ficou muito angustiada. Então chegou a uma enorme cachoeira que descia de um penhasco. Ela disse “Esta é minha caverna” e tirou todas as roupas e atravessou a cortina de água que caía. Além dela havia uma caverna feita pela água respingada. Ela se sentou ali e, na luz que atravessava a cortina de água, ela lia o livro sagrado e ponderava sobre assuntos espirituais. Ela comia uma uva de tempos em tempos. Quando finalmente acabou as frutas, ela saiu da caverna. Centenas de anos tinham se passado. Havia uma vila construída às margens do rio, e até mesmo uma barragem de moinho ali perto. Os habitantes da vila se encolheram de pavor, pois seus filhos todos tinham brincado na caverna atrás da cachoeira... amantes tinham se encontrado ali... assassinos e sujeitos imundos tinham habitado ali... tesouros tinham sido enterrados ali... e ninguém jamais tinha visto santa Aelfaba em sua beleza nua. Mas tudo que santa Aelfaba teve que fazer foi abrir a boca e falar o velho discurso, e todos souberam que era ela, e construíram uma capela em sua homenagem. Ela abençoou as crianças e os idosos, ouviu as confissões das pessoas de meia-idade, curou alguns doentes e alimentou alguns famintos, esse tipo de coisa, depois desapareceu atrás da cachoeira de novo com outro cacho de uvas. Acho que era um cacho maior, desta vez. E foi a última vez que alguém a viu.

– Então é possível desaparecer e não estar morto – concluiu Sarima, olhando pela janela de um jeito sonhador, atravessando a chuva.

– Se for uma santa – apontou Dois.

– Se ao menos acreditar nisso – comentou Elfaba, que tinha entrado no salão durante o fim da história. – A santa Aelfaba ressurgindo pode ter sido uma mulher atrevida da cidade mais próxima que queria pregar uma boa peça nos camponeses crédulos.

– Isso é a sua dúvida, que arranca a esperança de tudo – disse Sarima com desprezo. – Titia, você me mata às vezes, de verdade.

– Acho que seria charmoso chamar você de Elfaba – falou Seis –, porque

essa é uma história charmosa. E é bom ouvir seu nome verdadeiro dos lábios de Babá.

– Nem tentem – respondeu Elfinha. – Se Babá não consegue se controlar, tanto faz; ela é uma anciã e é difícil de mudar. Mas vocês não.

Seis apertou os lábios como se fosse argumentar, mas bem nessa hora houve um barulho de passos correndo escada abaixo, e Nor e Irji surgiram no salão.

– Encontramos Liir! – disseram eles. – Venham, achamos que ele está morto! Ele caiu no poço de peixes!

Todos desceram apressados a escada até o porão. Foi Chistery que o encontrou. O nariz do macaco-neve tinha se encolhido quando ele e os meninos passaram pelo poço de peixes, e ele tinha resmungado, e choramingado, e batido na tampa. Nor e Irji tinham tido a ideia de descê-lo no balde, mas, quando removeram a tampa, o brilho fúnebre da luz sobre a carne humana tinha apavorado as crianças.

Manek veio correndo quando ouviu o barulho de sua mãe e dos outros exclamando diante do poço. Eles puxaram Liir para cima. A água tinha subido, com o contínuo degelo e a chuva. Liir estava como um cadáver deixado num rio, inchado.

– Ah, era aí que ele estava – falou Manek em uma voz engraçada. – Uma vez ele disse que queria descer nesse poço de peixes.

– Afastem-se, crianças, vocês não deveriam ver isto, subam! – disse Sarima, repreendendo. – Vamos, comportem-se, subam. – Eles não sabiam o que estavam vendo e tiveram medo de olhar muito de perto.

– Não consigo acreditar, isso é tão terrível – comentou Manek empolgado, e Elfaba lhe lançou um olhar penetrante de ódio.

– Obedeça à sua mãe – soltou ela, e Manek fez uma careta, mas ele, Irji e Nor subiram as escadas e se amontoaram ao redor da porta aberta no topo para ouvir e espiar.

– Ah, quem tem a arte da medicina em suas mãos, você tem, Titia? – perguntou Sarima. – Rápido, ainda pode dar tempo. Você tem as artes, não tem, estudou ciências naturais! O que pode fazer?

– Irji, vá chamar Babá, diga que é uma emergência – gritou Elfinha. – Vamos levá-lo para a cozinha, com delicadeza. Não, Sarima, eu não sei o suficiente.

– Use seus feitiços, use sua mágica! – exclamou Cinco.

– Traga-o de volta – encorajou Seis.

– Você pode fazer isso, não seja secreta e tímida sobre agora! – acrescentou Três.

– Não posso trazê-lo de volta – constatou Elfaba –, não posso! Não tenho aptidão para a feitiçaria! Nunca tive! Isso foi tudo uma campanha idiota da Madame Morrorosa, que eu rejeitei! – As seis irmãs olharam para ela com desconfiança.

Irji conduziu Babá até a cozinha, Nor trouxe a vassoura, Manek trouxe o Grimório, e as irmãs e Sarima trouxeram o corpo de Liir, pingando e inchado, e o colocaram sobre a bancada do açougue.

– Ah, mas quem é este? – refletiu Babá, mas começou a trabalhar massageando as pernas e os braços, e colocou Sarima para pressionar o abdome.

Elfaba folheou o Grimório, apertou o rosto e bateu nas próprias têmporas com os punhos, lamentando:

– Mas eu não tenho nenhuma experiência com alma... Como posso encontrar a dele se não sei como é uma alma?

– Ele está mais gordo do que nunca – comentou Irji.

– Se você espetar os olhos dele com uma palha mágica da vassoura mágica, a alma dele vai voltar – disse Manek.

– Eu me pergunto por que ele entrou no poço de peixes? – indagou Nor. – Eu jamais entraria.

– Santa Lurlina, tenha piedade de nós, piedade! – pediu Sarima, chorando, e as irmãs começaram a murmurar as preces dos mortos, homenageando o Deus Inominável pela vida que se foi.

– Babá não pode fazer tudo – soltou Babá. – Elfaba, ajude um pouco! Você é igual à sua mãe numa crise! Coloque a boca na dele e empurre o ar para os pulmões do menino! Vá!

Elfaba secou a água do rosto pastoso de Liir com a manga. O rosto ficou do jeito que ela empurrou. Ela fez uma careta e quase vomitou, e cuspiu alguma coisa em um balde, e depois afundou a boca na da criança e expeliu o ar, empurrando o próprio hálito para dentro da passagem estragada. Seus dedos ficaram tensos nas laterais da bancada, extraíndo farpas, como se estivesse no êxtase da tensão sexual. Chistery respirava junto com ela, sopro a sopro.

– Ele está com cheiro de peixe – falou Nor entre dentes.

– Se é assim que a pessoa fica quando se afoga, prefiro queimar até morrer – comentou Irji.

– Eu não vou morrer – replicou Manek –, e ninguém pode me obrigar.

O corpo de Liir começou a engasgar. No início, eles acharam que era uma reação involuntária, o ar da boca de Elfaba entrando e saindo outra vez, mas então apareceu um pequeno fluxo nojento amarelado. E os olhos de Liir se moveram, e sua mão se debateu por vontade própria.

– Ah, piedade – murmurou Sarima. – É um milagre. Obrigada, Lurlina! Abençoada seja!

– Ainda não saímos do perigo – disse Babá. – Ele ainda pode morrer pela exposição. Rápido agora, tirem as roupas dele.

As crianças observaram a indignidade tola de mulheres adultas rasgando as calças e a túnica estúpida de Liir. Elas esfregaram banha de porco nele todo. Isso provocou nas crianças uma crise de risadas, e fez Irji sentir algo estranho nas calças, pela primeira vez na vida. Então elas o envolveram em um cobertor de lã, o que provocou uma bela sujeira, e se prepararam para colocá-lo na cama.

– Onde ele dorme? – perguntou Sarima.

Todos se entreolharam. As irmãs olharam para Elfaba, e Elfaba olhou para as crianças.

– Ah, às vezes no chão do nosso quarto, às vezes no chão do quarto de Nor – respondeu Manek.

– Ele quer dormir na minha cama também, mas eu o empurro – disse Nor.

- Ele é gordo demais, não haveria espaço para mim e minhas bonecas.
- Ele não tem sequer uma cama? – perguntou friamente Sarima a Elfinha.
- Bem, não me pergunte, a casa é sua – respondeu Elfinha.
- E Liir se mexeu um pouco e disse:
- Os peixes falaram comigo. Eu falei com os peixes. O peixe dourado falou comigo. Ele disse que era...
- Shhhh, fique quieto, pequeno – pediu Babá –, teremos tempo para isso depois. – Ela fuzilou com os olhos as mulheres e as crianças na cozinha. – Bem, não deveria ser preciso Babá chegar para encontrar uma cama adequada para ele, mas, se não houver nenhuma outra, ele pode ir para o meu quarto, e eu durmo no chão!
- É claro que não, nem pensar nessa ideia – começou Sarima, se agitando adiante.
- Bárbaros, todos vocês! – soltou Babá.
- Pelo que ninguém em Kiamo Ko jamais a perdoou.

Sarima deu um sermão sério em Titia Convidada pelo que aconteceu com Liir. Elfaba tentou dizer que não era da conta dela, não era culpa dela.

– Foi alguma brincadeira de meninos, algum jogo, alguma aposta – disse Elfaba. Depois de trocarem acusações, elas conversaram sobre as diferenças entre meninos e meninas.

Sarima contou a Titia Convidada o que ela sabia sobre o rito de iniciação dos meninos na tribo.

– Eles são levados para os pastos e deixados lá sem nada além de uma tanga e um instrumento musical. Eles têm de chamar espíritos e animais da noite, conversar com eles, aprender com eles, acalmá-los se eles precisarem ser acalmados, lutar contra eles se precisarem de luta. A criança que morre à noite não tem o discernimento para decidir se sua companhia precisa de luta ou de ser acalmada. Então é correto que eles morram cedo e não sobrecarreguem a tribo com sua tolice.

– O que os meninos dizem dos espíritos que se aproximam deles? – perguntou Titia Convidada.

– Os meninos falam muito pouco, especialmente sobre o mundo dos espíritos – respondeu ela. – Apesar disso, a gente percebe algumas coisas. E acho que alguns dos espíritos são muito pacientes, muito exibidos, muito obstinados. A doutrina supõe que deve haver conflito, hostilidade, batalha, mas me pergunto se, em contato com os espíritos, os meninos precisam mesmo é de uma boa ajuda da raiva fria.

– Raiva fria?

– Ah, sim, você não conhece essa distinção? As mães da tribo sempre explicam aos filhos que há dois tipos de raiva: quente e fria. Os meninos e as meninas experimentam ambas, mas, conforme crescem, as raivas se separam de acordo com o sexo. Os meninos precisam da raiva quente para sobreviver. Eles precisam da inclinação para lutar, do impulso para enfiar a faca na carne,

da energia e da iniciativa da fúria. É uma exigência de caça, defesa, orgulho. Talvez de sexo, também.

– É, eu sei – comentou Elfaba, se lembrando.

Sarima corou e pareceu infeliz, mas continuou:

– E as meninas precisam da raiva fria. Elas precisam cozinhar em fogo brando, da inveja persistente, do talento para evitar o perdão, de escapar do compromisso. Elas precisam saber que, quando dizem algo, nunca poderão voltar atrás, jamais, jamais. É a compensação por um escopo mais limitado no mundo. Cruze com um homem e você luta, um dos dois vence, você se ajusta e continua... ou fica deitada morta. Cruze com uma mulher e o universo muda, mais uma vez, pois a raiva fria exige uma vigilância eterna de todos os assuntos de indiferença e ofensa. – Ela encarou Elfaba, espetando-a com acusações implícitas sobre Fiyero, sobre Liir.

Elfaba pensou no assunto. Pensou sobre a raiva quente e a raiva fria, e se ela se dividia de acordo com o sexo, e qual ela sentia, se é que sentia alguma em algum momento. Pensou na mãe morrendo jovem e no pai com suas obsessões. Pensou na raiva que o doutor Dillamond tinha tido – uma raiva que o levou a estudar e pesquisar. Pensou na raiva que a Madame Morrorosa mal conseguia disfarçar, enquanto tentava seduzir as meninas da faculdade para o serviço secreto do governo.

Ela se sentou e pensou no assunto na manhã seguinte, enquanto observava o sol que se fortalecia attingir os montes de neve nos telhados inclinados abaixo. Ela observou o sol sangrar água gelada das pontas de gelo. Calor e frio trabalhando juntos para fazer uma ponta de gelo. Raiva quente e fria trabalhando juntas para fazer uma fúria, uma fúria digna o suficiente para usar como arma contra as velhas coisas que ainda precisavam ser combatidas.

De certo modo – sem qualquer forma de confirmar isso, é claro –, ela sempre tinha se achado capaz de sentir raiva quente como qualquer homem. Mas, para ser bem-sucedida, a pessoa precisa ter acesso aos dois tipos...

Liir sobreviveu, mas Manek não. A ponta de gelo sobre a qual Elfaba havia treinado o olhar, pensando nas armas que eram necessárias para combater tal abuso, se quebrou como uma lança de uma calha e desceu assobiando. Ela o pegou no crânio quando ele saiu para encontrar uma nova forma de perturbar Liir.

INSURREIÇÕES

– Estão chamando você de bruxa, sabia? – perguntou Babá. – Por que isso?

– Tolice e estupidez – respondeu Elfaba. – Quando cheguei, estava distanciada do meu nome, depois de anos no monastério, onde eu era chamada de irmã santa Aelfaba. Elfaba parecia o nome de alguém de muito tempo atrás. Pedi para me chamarem de Titia. Embora eu nunca tenha me sentido Titia de ninguém, nem soubesse como era isso. Nunca tive tias nem tios.

– Bem – começou Babá –, acho que você não é muito bruxa. Sua mãe ficaria escandalizada, que Deus a tenha. Seu pai também.

Elas estavam caminhando no pomar de maçãs. Uma nuvem de flores engrossava o ar com aroma. As abelhas da Bruxa estavam passando o dia no campo, zumbindo roucamente. Mata Alegria estava sentado abanando o rabo à sombra do túmulo de Maneç, colocado perto da parede. Os corvos voavam acima de suas cabeças, afastando todos os outros pássaros, exceto as águias. Irji, Nor e Liir, por insistência de Babá, foram levados para a escola da vila. Kiamo Ko ficava alegremente silenciosa até meio-dia.

Babá tinha 78 anos. Andava com uma bengala. Não abria mão de seus pequenos esforços para ficar bonita, embora agora eles parecessem mais prejudicá-la do que dignificá-la. A base era grossa demais, o batom, borrado e descentralizado e o frágil xale de renda, inútil no vento que vinha do vale abaixo. Babá achava que Elfaba parecia doente, como se estivesse mofando de dentro para fora. Pálda. Uma desintegração sofrível. Elfaba não parecia se importar com o lindo cabelo, mantendo-o amarrado e escondido sob aquele chapéu ridículo. E a roupa preta precisava de uma boa lavada e arejada.

Elas pararam em uma parede assimétrica e se encostaram nela. As irmãs estavam colhendo flores no campo adiante, e Sarima andava como um balão junto com elas. Na roupa escura de luto, ela parecia um enorme casulo perigoso que se soltou de seu ancoradouro. Era bom ouvi-la rir outra vez, mesmo que fosse falso; a luz tinha um estranho efeito aperfeiçoador sobre todos, inclusive Elfaba.

Babá tinha contado a Elfina sobre sua família. O Eminente Thropp havia morrido. Na ausência de Elfaba e por sua hipotética morte, o manto de Eminência tinha recaído sobre Nessarose. Então, a irmã mais nova agora estava protegida em Solos de Colwen, distribuindo declarações dogmáticas sobre fé e culpa. Frex também estava lá com ela, sua carreira de ministro quase acabando. Quando ele abriu mão do esforço, sua mente começou a voltar ao equilíbrio. Casco? Ele ia e vinha. Havia muitos rumores de que ele era um agitador da separação da Munchkinlândia de Oz. Ele tinha crescido e se tornado bonito e educado, na opinião tendenciosa da Babá: ereto, com pele clara, discurso direto, corajoso. Ele agora estava com uns 20 anos.

– E o que Nessarose pensa da separação? – perguntou Elfaba. – Sua opinião sobre isso agora é importante, já que ela é a Eminente Thropp.

Babá relatou que Nessarose tinha crescido bem mais inteligente do que

qualquer um tinha previsto. Ela mantinha suas cartas perto do peito e distribuía declarações vagas sobre a causa revolucionária que poderiam ser lidas de várias maneiras, dependendo do público. Babá presumia que Nessarose tinha a intenção de estabelecer algum tipo de teocracia, incorporando às leis governantes da Munchkinlândia sua própria interpretação restritiva do unionismo.

– Seu sagrado pai Frex não sabe se isso seria uma coisa boa ou ruim, e se mantém em silêncio sobre o assunto. Ele não gosta muito de política, prefere o reino místico.

Havia, Babá observou, até mesmo algum apoio local para os planos de Nessarose. Mas, como governava bem suas declarações, as forças armadas do Mágico que ocupavam a região não encontravam desculpas para prendê-la.

– Ela é adepta disso – admitiu Babá. – Shiz a ensinou bem. Ela agora está com os dois pés firmes.

A palavra “adepta” fez Elfinha sentir arrepios. Será que Nessarose, ainda hoje, reagia a algum tipo de feitiço que a Madame Morrorosa tinha lançado sobre ela, naqueles anos confusos em Crag Hall? Será que ela de fato era um peão, uma Adepta do Mágico ou da Madame Morrorosa? Será que ela sabia por que fazia o que fazia? Aliás, será que Elfaba em si era apenas uma peça de jogo de um poder maligno maior?

A lembrança das propostas de Madame Morrorosa para suas carreiras – dela, de Nessarose e de Glinda – tinha voltado a Elfinha com um choque depois da recuperação de Liir de sua saturação e quase afogamento no último inverno. Quando ficou bom o suficiente para responder a perguntas sobre como ele tinha ido parar no poço de peixes, ele só conseguia dizer:

– A peixe falou comigo, ela me disse para descer. – Elfinha sabia que tinha sido Manek, o terrível e maligno Manek, que tinha torturado o garoto sem piedade e abertamente durante todo o inverno. Ela não se importou de Manek ter morrido, mesmo ele sendo o filho precioso de Fiyero. Qualquer torturador era um alvo legítimo de pontas de gelo como dardos. Mas ela teve de fazer uma pausa, engolindo em seco, ao ouvir o que Liir disse em seguida: – A peixe me disse que ela era mágica. Disse que Fiyero era meu pai, e que Irji, Manek e Nor são meus irmãos e minha irmã.

– Peixes dourados não falam, querido! – disse Sarima. – Você está imaginando coisas. Você ficou tempo demais lá embaixo e seu cérebro está afogado.

Elfaba tinha sentido uma compulsão estranha e infeliz com relação a Liir. Quem era esse garoto que estava em sua vida? Ah, ela sabia mais ou menos de onde ele tinha vindo, mas quem ele era? Isso pareceu fazer diferença pela primeira vez na vida dela. Ela tinha estendido a mão e a apoiado no ombro dele. Ele tinha tirado; não estava acostumado a esse tipo de gesto. E ela havia se sentido rejeitada.

– Quer ver meu rato de estimação, Liir? – perguntou Nor, que tinha sido amável com o menino durante sua convalescência. Liir sempre preferia a companhia dos amigos em vez de ser questionado pelos adultos, e foi impossível extrair mais informações dele sobre seu suplício. Ele não parecia muito mudado, exceto que, com a morte de Manek, Liir passeava por Kiamo Ko com mais

prazer e liberdade.

Sarima olhou para Elfaba, que achou que o momento de sua libertação estava chegando, enfim.

– Que garoto tolo, está delirando – falou Sarima por fim. – A ideia de Fiyero ser pai dele. Fiyero não tinha um grama de gordura no corpo, e olhe só o garoto.

Sob os termos de seu acolhimento, Elfaba não podia provocar Sarima para mudar de ideia, mas encarou sua anfitriã, desejando que ela aceitasse os fatos. Mas ela não aceitava.

– E quem poderia ser a mãe? – indagou Sarima de um jeito afável, tocando na barra da saia com suavidade. – É absurdo além das palavras.

Pela primeira vez, Elfinha desejou que Liir tivesse pelo menos um leve tom de verde na pele.

Sarima tinha saído para chorar pelo marido e pelo seu segundo filho na capela.

E os termos do cativeiro de Elfinha – como traidora relutante, como monja exilada, como mãe desafortunada, como rebelde fracassada, como uma Bruxa disfarçada – permaneceram os mesmos.

Embora a ideia de um Peixe Dourado ou uma Carpa no poço de peixes contar essas coisas para Liir – havia alguma possibilidade nisso? Ou será que a Madame Morrorosa tinha a capacidade de mudar de forma, de viver na escuridão gelada, de se esgueirar e observar o que Elfinha estava fazendo? Liir não tinha imaginação alguma, não poderia ter inventado a história sozinho. Ou poderia?

Quando ela ia olhar no poço de peixes, muitas vezes em todos os horários do dia e da noite, a velha carpa – ou Carpa – não aparecia.

– Estou feliz de saber que Nessarose está com os pés firmes – disse Elfaba finalmente, voltando ao pomar e saindo de suas reflexões. Babá estava ruminando um pedaço de bala.

– Quero dizer literalmente, sabe? – indagou Babá através da saliva. – Ela não precisa mais de cuidados. De verdade, nenhum. Consegue ficar de pé sozinha e sentar.

– Sem os braços? Não acredito.

– Acredite. Você se lembra daquele par de sapatos que Frex decorou para ela?

Claro que Elfaba se lembrava! Os lindos sapatos! O sinal de devoção de seu pai à segunda filha, seu desejo de acentuar sua beleza e afastar a atenção de sua deformidade.

– Bem, a velha Glinda dos Arduennas, se lembra dela? Casada com Sir Chuffrey e meio maltratada, na minha humilde opinião. Ela foi aos Solos de Colwen alguns anos atrás. Ela e Nessarose falaram dos velhos tempos, se lembrando dos dias na faculdade. E ela fez algum tipo de encantamento nesses sapatos. Não me pergunte. Mágica nunca foi minha praia. Os sapatos permitem que Nessarose se sente, fique de pé e ande sem nenhum apoio. Ela nunca os tira dos pés. Ela diz que eles também lhe dão virtude moral, mas ela tem muito mais disso do que precisa. Você ficaria surpresa com a maneira como os munchkins se tornaram supersticiosos ultimamente. – Babá suspirou. – Foi por isso que fiquei

livre para procurar você, querida. Os sapatos mágicos me tornaram redundante. Babá está sem emprego.

– Você está velha demais para trabalhar, sente-se e desfrute o sol. Pode ficar aqui por quanto tempo quiser.

– Você fala como se esta fosse sua casa. Como se tivesse direito a fazer esse tipo de convite.

– Até eu ter permissão para partir, esta é minha casa. Não posso fazer nada.

Os olhos da Babá se escureceram e fitaram as montanhas, que, à luz do meio-dia, pareciam chifres polidos.

– É bom demais pensar em você sendo uma Bruxa, de certa forma, e sua irmã tentando ser uma santa residente. Quem poderia imaginar, naqueles anos turbulentos nas terras ruins dos quadlings? Não acho que você seja uma Bruxa, não importa o que você diz. Mas uma coisa eu quero saber. Liir é seu filho?

Elfaba estremeceu, através de seu coração, nas profundezas do frio, irritada com uma energia quente.

– Essa é uma pergunta que não posso responder – falou com tristeza.

– Você não precisa esconder nada de mim, querida. Lembre-se: Babá também cuidou da sua mãe, e ainda estou para conhecer uma mulher mais sensual e expansiva. As convenções não a amarravam, nem na juventude nem na vida de casada.

– Acho que não quero ouvir sobre isso.

– Então vamos falar sobre Liir. O que quer dizer com não poder responder a uma pergunta simples como essa? Ou você o concebeu e pariu ou não. Pelo que eu conheço deste mundo, não há outra forma.

– O que eu quero dizer, e esta será a única observação que farei sobre o assunto, é quando cheguei pela primeira vez no monastério, sob a delicada coordenação da Madre Yackle, eu não estava em condições de saber o que estava acontecendo comigo. Passei cerca de um ano em um sono mortal. Simplesmente é possível que eu tenha gerado e dado à luz a uma criança. Depois passei outro ano me recuperando. Quando recebi tarefas pela primeira vez, eu trabalhava com os doentes e os moribundos, e também com crianças abandonadas. Eu não tinha mais contato com Liir do que com outros pirralhos. Quando saí do monastério para vir para cá, foi sob a condição de que eu trouxesse Liir comigo. Não questionei a instrução; não se questionam as ordens dos superiores. Não tenho sentimento maternal pelo menino – ela engoliu em seco, como se isso não fosse mais verdade – e não me sinto como se algum dia tivesse passado pela experiência de conceber uma criança. Na verdade, não acredito que eu seja capaz, embora esteja disposta a admitir que isso pode ser apenas ignorância e cegueira. Mas isso é tudo que eu tenho a dizer sobre o assunto. Não direi mais nada, e você também não.

– Você tem obrigação de ser maternal com ele, então, apesar do mistério?

– As únicas outras obrigações que me prendem são as que eu imponho a mim mesma. E isso, Babá, é tudo.

– Você está muito azeda, essa situação está deixando você infeliz. Mas, se acha que eu vim aqui para criar outra geração de Throppps, pode esquecer. Babá está senil agora, lembre-se, e feliz.

Mas Elfaba não pôde deixar de perceber que, nas semanas seguintes, Babá começou a atender às necessidades de Liir com mais carinho do que as necessidades de Nor e Irji. Elfaba registrou isso com vergonha, pois também percebeu a disposição com que Liir reagia à atenção da Babá.

Ao contar os feitos valentes de Casco – seu velho coração acelerado tamborilando quase visivelmente sob seu esterno –, Babá revelou detalhes das campanhas do Mágico. Isso deixou Elfaba furiosa, pois ela mantinha a esperança de perder o interesse nos caminhos dos homens malvados.

Babá tagarelou sobre o Mágico ter montado um novo tipo de acampamento juvenil, o Jardim do Imperador – um nome bonito e eufemístico. Todas as crianças munchkins de 4 a 10 anos eram obrigadas a participar, em residências de verão por um mês. As crianças juravam segredo – uma ótima brincadeira para elas, sem dúvida. Babá contou uma história cansativa, mais adequada para amigos desdentados perto de uma lareira do que para uma mesa de jantar com solteironas arjiki de direitas e reprimidas, de como Casco, o querido e estrangeiro irmão Casco, se disfarçou de entregador de batatas e entrou pelos portões. Ulalá, as muitas aventuras divertidas de um libertino! A filha casadoura do General do Acampamento desnuda, os álbis criativos de Casco, seus galanteios, suas escapadas por um triz! Quase descoberto em suas conexões – por crianças! Que travesso! Babá continuava sendo uma velha camponesa faladeira na alma, apesar de sua aparência. Elfaba pensou: “Ela mal percebe que está falando sobre doutrinação, traição, alistamento forçado de crianças para a guerra de baixo nível.” Com a recém-descoberta consciência de Elfinha sobre Liir pairando às margens de sua vida, tropeçando gentilmente por sua vida, ela achava essas histórias de crianças doutrinadas terríveis e repugnantes.

Ela foi até o Grimório, e abriu sua capa pesada – couro ornamentado com ferrolhos e pinos dourados e talhado com folhas de prata – e se aprofundou no tomo para encontrar o que torna as pessoas sedentas de tal autoridade e força. Será a mera natureza da fera interior, o animal humano dentro do Ser Humano?

Ela procurou uma receita para a queda de um governo. Descobriu muita coisa sobre poder e danos, mas pouco sobre estratégia.

O Grimório descrevia o envenenamento dos lábios de duendes, o feitiço para os degraus de uma escada ficarem tortos, agitar o cachorro favorito de um monarca para dar uma mordida fatal numa direção indesejada. Ele sugeria a inserção noturna, através de qualquer orifício conveniente, de uma invenção diabólica, um fio como uma corda de piano, parte parasita e parte fusível em chamas, para uma morte especialmente dolorosa. Tudo isso parecia prestidigitação de feira a Elfaba. O mais interessante em sua leitura foi um pequeno desenho que ela viu perto de uma seção marcada como “Especificações do Mal”. O desenho – feito, se você acreditasse na ingênua Sarima, em outro mundo que não o delas – era um esboço inteligente de uma demônia de cara larga. Escritas em letra cursiva angular com elegantes serifas ao redor de toda a ilustração as palavras YAKAL RAIVOSA. Elfaba olhou de

novo. Ela viu uma criatura parte mulher, parte chacal dos pastos, com a mandíbula aberta, a mão-pata levantada para arrancar o coração de uma teia de aranha. E a criatura se parecia com a velha Madre Yackle do monastério.

Teorias da conspiração, como Sarima dissera, pareceram confundir seus pensamentos. Ela virou a página.

Nada no Grimório sobre como depor um tirano – nada útil. Exércitos de anjos sagrados não eram uma resposta para ela. Nada ali que descrevesse por que homens e mulheres poderiam se tornar tão horríveis. Ou tão maravilhosos – se é que isso ainda acontecia.

Na verdade, a família estava inconsolável pela morte de Manek. Havia um sentimento implícito de que, de alguma forma, a vida de Liir tinha sido salva à custa da de Manek. As irmãs sofriam da mais temível das perdas: o roubo do Manek adulto de suas vidas. O fardo triste delas tinha sido suportável todos esses anos porque Manek seria o homem que Fiyero tinha sido, e talvez mais. Elas perceberam, olhando para trás, que esperavam que Manek restabelecesse as fortunas decadentes de Kiamo Ko.

O apático Irji não tinha mais senso de destino que um cachorro do mato. E Nor era uma menina, mais frívola e distraída do que nunca. Então, Sarima, por trás de seus gestos de aceitação extática da vida (suas alegrias, suas tristezas, seus mistérios, como ela gostava de elaborar), se tornou mais distante. Nunca perto das irmãs, ela começou a fazer suas refeições sozinha no Solar.

Irji e Nor, que desfrutavam uma certa aliança de tempos contra a malícia obstinada de Manek, tinham menos motivos para se unir agora. Irji começou a vagar pela antiga capela unionista, ensinando a si mesmo a ler melhor, examinando hinários e breviários embolorados. Nor não gostava da capela – ela achava que o fantasma de Manek ficava por ali, pois aquele tinha sido o último lugar em que ela vira a mortalha aberta. Então, tentava agradar a Titia Bruxa, mas sem sucesso.

– Você vai sair para fazer travessuras com Chistery – soltou Elfinha – e eu tenho trabalho a fazer. Vá perturbar outra pessoa. – Ela mirou um chute em Nor, que, chorando e gritando como se tivesse sido atingida, saiu morrendo de medo.

Nor tomou gosto por perambular – agora que o verão estava chegando, descendo até o vale alto, aquele com um riacho na parte inferior, e subindo até o outro lado, onde as ovelhas ficavam mordiscando a melhor grama que conseguiam durante o ano todo. Nos anos anteriores, ela teria ficado com os irmãos ou teria sido proibida de escalar sozinha. Este ano, ninguém estava prestando atenção suficiente para proibi-la. Não teria se importado de ser proibida, nem se importaria de ser amarrada. Estava sozinha.

Certo dia, ela foi até mais longe no vale, se deleitando com a força e a resistência de suas pernas fortes. Só tinha 10 anos, mas 10 anos maduros e firmes. Havia prendido a saia verde no cinto e, como o sol estava muito alto e forte, tirado a blusa e amarrado como uma bandana na cabeça. Mal tinha um inchaço aqui ou ali no peito para assustar as ovelhas. De qualquer maneira, ela esperava ser capaz de avistar um pastor a quilômetros de distância.

“Como no mundo eu vim parar aqui, de todos os lugares de Oz?”, ela se perguntava, pisando no mundo da reflexão. “Aqui estou eu, uma garota sobre uma montanha, nada além de vento, ovelhas e grama como um fogo de esmeraldas, verde e dourado como as decorações de Lurlinemas, sedosa na corrente de ar ascendente, áspera na corrente de ar descendente. Apenas eu e o sol e o vento. E aquele grupo de soldados saindo de trás da rocha.”

Ela se jogou de costas sobre a grama, ajeitou a blusa e se apoiou nos

cotovelos, se escondendo.

Eles não eram soldados como os que ela vira antes. Não eram homens arjiki com seus instrumentos e capacetes, com lanças e escudos. Eram homens em uniformes e capas marrons, com mosquetes ou algo parecido pendurado nos ombros. Eles usavam um tipo de bota bem alta e inadequada para andar em montanhas e, quando um deles parou e estava ocupado com um prego ou pedra na bota, seu braço desapareceu dentro dela até o cotovelo.

Havia uma faixa verde na frente dos uniformes e uma barra cruzando, e Nor sentiu frio com um sentimento desconhecido de expectativa. Ao mesmo tempo, ela queria ser vista. “O que Manek teria feito?”, perguntou-se. Irji correria, Liir ficaria confuso e trêmulo, mas e Manek? Manek teria ido até eles para descobrir o que estava acontecendo.

E ela faria o mesmo. Verificou mais uma vez se os botões estavam fechados e pisou com passos certos descendo a encosta em direção a eles. Quando conseguiu toda a atenção deles, e o homem que havia tirado a bota tinha colocado de volta, ela começou a repensar a inteligência do plano. Mas agora era tarde demais para escapar.

– Saudações – disse ela de um jeito formal, usando a linguagem do leste, e não seu próprio vernáculo arjiki. – Saudações e parem. Sou a Princesa Filha dos Arjikis, e este é meu vale sobre o qual vocês estão marchando com essas grandes botas pretas.

Era meio-dia quando ela os entregou na fortaleza do castelo de Kiamo Ko. As irmãs estavam no pátio de lavanderia do verão, batendo tapetes elas mesmas porque não confiavam nas lavadeiras locais para tratá-los com o devido respeito. O som de botas sobre pedras fez as irmãs correrem através de uma passagem em arco, todas coradas e empoeiradas, com o cabelo preso em xales de algodão. Elfaba também ouviu o barulho, abriu correndo a janela e encarou.

– Nem mais um passo até eu descer – gritou ela – ou transformo vocês todos em roedores. Nor, afaste-se deles. Vocês todos, afastem-se.

– Posso chamar a princesa Dowager – disse Dois –, se quiserem, cavalheiros.

Mas, quando Sarima chegou, sonolenta depois de um cochilo, Elfaba tinha descido, com a vassoura sobre o ombro e as sobancelhas levantadas.

– Vocês não foram convidados aqui – falou Elfinha, parecendo mais uma Bruxa do que nunca em suas saias de monja –, então como gostariam de ser bem recebidos? Quem está no comando aqui? Você? Quem é o superior que lidera essa missão?

– Por favor, madame – respondeu alguém, um homem gillikin robusto de 30 anos. – Sou o Comandante, meu nome é Cherrystone, e sigo as ordens do imperador para solicitar uma casa grande o suficiente para abrigar nosso grupo enquanto estivermos aqui neste distrito dos Kells. Estamos fazendo uma inspeção das passagens para os Pastos dos Mil Anos. – Ele tirou um documento manchado de suor de dentro da camisa.

– Eu os encontrei, Titia Bruxa – contou Nor com orgulho.

– Saia. Entre – mandou Elfaba. – Vocês, homens, não são bem-vindos aqui, e a garota não tem direito de convidá-los. Deem meia-volta e atravessem a ponte

levadiça de uma vez.

O rosto de Nor desfaleceu.

– Isso não é um pedido, é uma ordem – retrucou o comandante Cherrystone em um tom acusatório.

– Isso não é uma sugestão, é um aviso – replicou Elfaba. – Vão ou sofram as consequências.

Sarima agora já tinha entendido o suficiente para tomar a frente, as irmãs cochichando animadas ao redor.

– Titia Convidada – disse ela –, você se esquece do código das montanhas, o mesmo código pelo qual veio se hospedar aqui, e sua velha Babá depois de você. Não rejeitamos visitantes. Por favor, senhores, perdoem nossa amiga irritável. E nos perdoem. Faz algum tempo que não vemos soldados em uniformes.

As irmãs estavam se enfeitando da melhor maneira que conseguiam em tão pouco tempo.

– Não vou aceitar isso, Sarima – falou Elfaba. – Você nunca saiu daqui, não sabe quem são esses homens nem o que eles farão! Não vou aceitar, está me ouvindo?

– É o espírito elevado e a determinação que a tornam tão divertida de ter por perto – comentou Sarima com um pouco de maldade, já que, em geral, ela realmente gostava da companhia de Elfaba. Mas ela não gostava de ter sua autoridade usurpada. – Cavalheiros, por aqui, vou lhes mostrar onde podem se lavar.

Irji não sabia muito bem como tratar os militares, por isso não se aproximava muito. Não sabia dizer se estava com medo de ser alistado ou encantado. Arrastou um saco de dormir para a capela e passou a dormir ali, agora que estava quente o suficiente. Na opinião da Babá, ele estava ficando estranho.

– Acredite em mim, depois de uma vida cuidando do marido dedicado de sua querida mãe, Frex, e sua irmã em seguida, conheço um lunático religioso quando vejo um. Esse garoto devia receber umas lições de masculinidade desses homens, o que quer que esteja acontecendo aqui.

Por outro lado, Liir estava no céu. Ele seguia o comandante Cherrystone para todo lado, a menos que fosse rejeitado, e pegava água para os homens e engraxava suas botas, em um excesso de romance mal concebido. Os caminhos que eles faziam, reconhecendo os vales locais, mapeando os lugares para atravessar o rio, marcando os pontos de referência, deram a Liir mais exercício e ar fresco do que ele jamais tivera. Sua coluna, que ameaçara se tornar encurvada como o arco de uma harpa da montanha, parecia ter se endireitado. Os soldados eram indiferentes a ele, mas não eram indelicados, e Liir aceitava isso como aprovação e afeto.

As irmãs recuperaram algum sentido quando pararam para considerar que tipo de homem entrava para o exército. Mas não era fácil.

Sarima não parecia perturbada pelo distúrbio na rotina deles. Ela procurou os aldeões e cobrou favores para ajudá-la a alimentar o grupo de soldados, e,

numa mistura de ressentimento e medo, seus vizinhos lhe deram leite, ovos, queijos e vegetais. Havia peixes tirados do poço de peixes quase toda noite. E as caças de verão, claro – codornas, fênix das montanhas, filhotes de águia –, que os homens se esforçavam para levar até eles. Babá suspeitava que a equipe de reconhecimento estava ajudando Sarima com o luto, pelo menos levando-a de volta à mesa da família.

Mas Elfaba estava furiosa com todos. Ela e o comandante discutiam todo dia. Elfinha o proibiu de permitir que Liir os acompanhasse – e ela mesma proibiu Liir –, sem efeito algum. Seus primeiros sentimentos maternos eram de incompetência e de ser ignorada. Ela não conseguia entender como a raça humana jamais tinha conseguido se desenvolver além de uma geração. Ela sempre queria estrangular Liir como forma de salvá-lo dessas figuras paternas de conversa mole.

Enquanto Elfinha tentava ainda mais bisbilhotar a natureza de sua missão, a cada brincadeira o comandante Cherrystone ficava mais frio e educado. A única coisa que Elfaba nunca tinha sido capaz de administrar eram os modos de salão, e esse soldado – entre todas as pessoas – era mestre nisso. Isso a fazia se sentir como se tivesse caído entre as garotas de sociedade em Crag Hall.

– Não dê atenção a esses soldados, um dia eles vão embora – dizia Babá, que se divertia muito quando tudo estava numa crise fatal final ou era uma questão sem importância.

– Sarima diz que raramente viu as forças do Mágico nos Vinkus. Aqui sempre foi árido, sem vida, de pouco interesse para fazendeiros e mercadores do norte e do leste de Oz. As tribos têm vivido aqui há décadas, séculos talvez, sem nada além do cartógrafo ocasional de passagem e à procura de um abrigo rápido. Não acha que isso sugere algum tipo de campanha nestas partes? O que mais isso pode sugerir?

– Veja quanto tempo levou para esses jovens se recuperarem da viagem terrestre – respondeu Babá. – Certamente é uma missão de reconhecimento, como eles dizem. Eles vão pegar as informações e depois partir. Além do mais, todos me dizem que este lugar maldito fica coberto de neve ou lama por dois terços do ano. Você se preocupa demais, sempre foi assim. O modo como agarrava os quadlings que costumávamos converter, como se eles fossem suas bonecas particulares! Como falava sem parar quando eles eram realocados ou coisa parecida! Isso deixava sua mãe desesperada, acredite em mim.

– Já foi bem documentado que os quadlings estavam sendo exterminados, e nós fomos testemunhas – disse Elfaba com dureza. – Você também, Babá.

– Eu cuido dos meus jovens, não posso cuidar do mundo todo – replicou Babá, saboreando uma xícara de chá e afragando o nariz de Mata Alegria. – Cuido de Liir, e isso é mais do que você faz.

Elfaba achou que não valia a pena espancar a velha faladeira. Folheou o Grimório de novo, tentando encontrar um encanto de aprisionamento com o qual pudesse fechar os portões do castelo para os homens não voltarem. Desejou ter ao menos frequentado a aula de magia da senhorita Greyling na escola.

– É claro que sua mãe ficava preocupada com você, ela sempre ficava. Você era uma coisinha estranha. E os testes que a pobre mulher teve que fazer!

Você me lembra dela, só que você é mais rígida do que ela era. Ela realmente conseguia deixar o cabelo solto. Sabe, estava tão preocupada em fazer você ser uma menina, pois tinha certeza de que você seria um menino, que me mandou à Cidade das Esmeraldas para encontrar um elixir que assegurasse... – Mas Babá parou, confusa. – Ou era um elixir para evitar que o próximo bebê nascesse verde? É, foi isso.

– Por que ela queria que eu fosse um menino? – perguntou Elfaba. – Eu a teria forçado se tivesse voz nesse assunto. Não quero ser simplista, mas isso sempre fez eu me sentir horrível, por saber que a tinha desapontado tão cedo. Sem falar na aparência.

– Ah, não a culpe por motivos maldosos – falou Babá. Ela tirou os sapatos e esfregou as solas do pé com a bengala. – Melena odiava a vida em Solos de Colwen, sabe disso. Foi por isso que ela inventou de se apaixonar por Frex e sair de lá. O avô dela, o Eminente Thropp, tinha deixado muito claro que ela herdaria o título. O título munchkin descende pela linhagem feminina a menos que não haja filhas. A sede da família, e todas as suas responsabilidades, passariam dele para Lady Partra, para Melena e, depois, para a primeira filha que Melena tivesse. Ela esperava ter apenas filhos, para mantê-los longe daquele lugar.

– Ela sempre falava de lá com tanto carinho! – exclamou Elfaba, atônita.

– Ah, tudo é maravilhoso depois que se vai. Mas, para uma pessoa jovem, criada em toda aquela riqueza e responsabilidade... bem, ela odiava. Ela se revoltava e transava com qualquer pessoa que aceitasse, e fugiu com Frex, que foi o primeiro pretendente que a amou pelo que ela era, e não por sua posição e herança. Ela achava que uma filha dela acharia tudo igualmente mortal, por isso queria filhos.

– Mas isso não faz sentido. Se ela tivesse filhos e nenhuma filha, o filho mais velho herdaria tudo. Se eu fosse um menino sem irmãs, ainda assim estaria envolvida nessa bagunça.

– Não necessariamente – disse Babá. – Sua mãe tinha uma irmã mais velha, que nasceu com um caso crônico de nervos agitados, talvez com alguma carência no departamento do cérebro. Ela morava fora. Mas tinha idade suficiente para dar à luz e era saudável o suficiente... era quase como ter uma filha. Se ela tivesse uma filha antes, a filha dela teria herdado o título de Eminência, e a propriedade e a fortuna também.

– Então eu tenho uma tia maluca. Talvez a loucura esteja na família. Onde ela está agora?

– Morreu de gripe quando você ainda era pequena, e não deixou herdeiros. Assim as esperanças de Melena foram frustradas. Mas esse era o pensamento dela naqueles dias insolentes e corajosos de estupidez jovial.

Elfaba tinha poucas memórias da mãe, e elas eram simpáticas e às vezes duras.

– Mas que história é essa de ela tomar um remédio para evitar que Nessarose nascesse verde?

– Eu comprei umas pílulas para ela na Cidade das Esmeraldas, de uma cigana. Expliquei à criatura brutal o que tinha acontecido, quero dizer, que você tinha nascido com uma cor infeliz e aqueles dentes... Graças a Lurline seus

dentos definitivos eram mais humanos! E a cigana fez uma profecia idiota sobre duas irmãs que seriam fundamentais na história de Oz. Ela me deu umas pílulas poderosas. Sempre me perguntei se as pílulas foram a causa da aflição de Nessarose. Eu não mexi com poções ciganas de novo, acredite em mim. Não com o que sabemos hoje em dia. – Ela sorriu, tendo se perdoado há muito tempo por qualquer sentimento de culpa no assunto todo.

– A aflição de Nessarose – refletiu Elfaba. – Nossa mãe tomou um remédio cigano e teve uma segunda filha sem braços. Era uma escolha entre verde ou sem braços. Mamãe não teve muita sorte com as filhas, não é mesmo?

– No entanto, Casco é um colírio para os olhos cansados – disse Babá com otimismo. – Então, quem pode dizer que tudo foi culpa da sua mãe? Primeiro houve uma confusão sobre quem era de fato o pai de Nessarose, e depois as pílulas daquela velha pessoa Yackle, e o mau humor do seu pai...

– Pessoa Yackle? O que você quer dizer? – perguntou Elfaba, ligando os pontos. – E quem diabos era o pai de Nessarose, se não papai?

– Ulalá, sirva mais uma xícara de chá e eu lhe conto tudo. Você tem idade suficiente, e Melena morreu há muito tempo. – Ela serpenteou por uma história sobre o soprador de vidro quadling chamado Coração de Tartaruga, e a incerteza de Melena se Nessarose era filha dele ou de Frex, e a visita a Yackle, sobre a qual ela não se lembrava de nada exceto o nome, as pílulas e a profecia. Ela não mencionou (e nunca o fez) como Melena ficou deprimida quando Elfaba nasceu. Não era necessário.

Elfinha ouviu a história toda, impaciente e nervosa. Por um lado, ela queria jogar a história pela janela: o passado era irrelevante. Por outro lado, as coisas assumiram uma ordem ligeiramente diferente agora. E aquela Yackle! Será que o nome era apenas uma coincidência? Ela se sentiu tentada a mostrar à Babá a imagem da Yakal Raivosa no Grimório, mas resistiu. Não havia sentido em assustar a velha mulher nem em lhe provocar terror noturno.

Então, as duas mulheres se serviram de chá e evitaram observações dolorosas sobre o passado. Mas Elfaba começou a se preocupar com Nessarose. Talvez Nessa não quisesse a posição de Eminência e estivesse tão encarcerada quanto a irmã mais velha estava aqui. Talvez Elfaba lhe devesse a chance de ter liberdade. Mas quanto de fato se pode dever a outras pessoas? Era infinito?

Nor estava transtornada. Em pouco tempo sua vida tinha mudado completamente. O mundo estava mais mágico do que nunca, só que agora parecia alojado dentro dela, e não fora. Seu corpo estava esperando para incendiar, para florescer, e ninguém parecia se preocupar ou perceber.

Liir tinha se tornado um ajudante dos soldados expedicionários. Irji passava o tempo compondo longos libretos devocionais em homenagem à Lurlina. Em um estado de incerteza em relação aos homens que estavam na residência, as irmãs permaneciam confinadas a seus cômodos por iniciativa própria, mas agitadas de disponibilidade se as coisas mudassem. Nada poderia mudar, conforme ditavam as convenções, a menos que Sarima se casasse de novo, e elas ficariam livres para cortejar. Suas campanhas domésticas para unir o comandante Cherrystone e Sarima, no entanto, não tiveram sucesso. Elas redobram os esforços. Três até mesmo se aproximou de Titia Bruxa para pedir uma poção do amor daquela enciclopédia mágica.

– Há! Espere sentada. – E isso foi tudo.

Nor, privada de companhia, decidiu ficar perto do dormitório dos homens, tentando ajudar nas tarefas que Liir não era solicitado a fazer, com as quais os homens não se importavam muito. Ela pendurou as capas deles no sol. Poliu seus botões. Trouxe flores das montanhas. Preparou uma cesta de frutas e queijos que pareceu agradá-los, especialmente porque ela mesma os serviu. Um soldado jovem, negro e careca, com sorriso cativante, gostava que ela apertasse os gomos de laranja nos lábios dele, que sugavam o suco dos dedos dela, provocando diversão e inveja nos outros.

– Sente-se no meu colo e deixe-me alimentá-la.

Ele ofereceu um morango, mas ela não quis sentar no colo dele – e ela adorou recusar.

Certo dia, ela decidiu agradá-los com uma limpeza total do quarto. Eles tinham saído para fazer um inventário das videiras nas encostas inferiores e ficariam fora o dia todo. Nor se vestiu com trapos, se armou de baldes e, como a Titia Bruxa estava numa conversa profunda com Babá sobre Sarima, Nor pegou a vassoura de Bruxa, que tinha uma escova mais grossa e cabo mais longo. Ela se dirigiu aos alojamentos.

Ela não sabia ler muito bem, então ignorou as letras e os mapas que caíam das bolsas de couro penduradas sem cuidado nas costas de uma cadeira. Ela arrumou os baús e varreu. No esforço levantou muita poeira e sentiu calor.

Ela tirou a blusa e colocou a capa bruta de um dos homens sobre os ombros queimados de sol. A capa tinha um aroma tão pesado de masculinidade, mesmo depois de ser arejada, que ela quase desmaiou. Ela se deitou sobre o colchão de palha de um deles com a capa um pouco aberta, de modo que podia imaginar adormecer e, quando os homens retornassem, poderiam ver a bela linha de pele lisa que havia entre seus seios recentes. Ela pensou em fingir adormecer. Mas sabia que não ia fazer isso. Ela se sentou, insatisfeita com as possibilidades, e

estendeu a mão para pegar a coisa mais próxima – que por acaso era a vassoura – de modo a bater em algo com frustração.

A vassoura estava fora do alcance, mas se inclinou um pouco em direção a ela. E atravessou o piso por conta própria. Ela viu. A vassoura era mágica.

Ela tocou, quase com medo, como se adivinhasse que o objeto tinha intenções. Não parecia mais normal que uma vassoura comum. Ela mal se movia, como se fosse guiada pela mão de um espírito invisível.

– De que árvore você foi cortada, de que campo foi colhida? – perguntou à vassoura, mas não esperava uma resposta e não a obteve. A vassoura estremeceu e se elevou um pouco do chão, como se estivesse esperando.

A capa tinha um capuz, e ela o colocou sobre o rosto. Então ela ergueu a saia de verão até os joelhos e jogou uma das pernas sobre a vassoura, para cavalgá-la como uma criança cavalga um cavalo de brinquedo.

A coisa se ergueu, hesitante, para que ela pudesse manter o equilíbrio arrastando os dedos do pé no chão, corrigindo, corrigindo – o centro de gravidade mudava, e a extensão era tão curta. O topo do cabo se inclinou um pouco mais para cima, e ela deslizou por ele até ficar sobre a escova, como se fosse um tipo de sela. Ela se agarrou com força; as pernas, especialmente na parte superior da coxa, pareciam que estavam inchando para prender melhor o cabo entre elas. A janela ampla no fim do quarto se abriu, para receber ar e luz, e a vassoura se moveu alguns metros pelo chão, até chegar ao peitoril.

Então a vassoura se ergueu alguns metros e a levou através da janela. O estômago de Nor se revirou, e seus calcanhares bateram contra a parte inferior da vassoura. Felizmente ela não tinha saído no pátio do castelo, onde seria vista, e no outro lado, onde a terra não descia tanto nem tão rápido. Nor gemia suavemente devido à estranheza e ao êxtase da aventura. A capa se abriu, expondo seu peito, e como ela algum dia poderia imaginar que queria ser vista sem uma blusa?

– Oh, oh – gritou ela, mas não sabia se era para a vassoura ou para um espírito guardião. A vassoura subiu mais e mais, até chegar ao nível da janela mais alta, que era na torre da Bruxa.

A Bruxa e sua Babá ficaram observando, de boca aberta, com xicaras de chá a meio caminho dos lábios.

– Desça daí imediatamente – ordenou a Bruxa. Nor não sabia se era com ela ou com a vassoura. Ela não tinha rédeas para puxar, nenhuma palavra mágica para proferir. Mas a vassoura, aparentemente censurada, se virou, desceu e fez um pouso meio desajeitado no chão do alojamento dos homens. Nor saltou, chorando e tremendo, e se vestiu de novo. Ela não queria tocar outra vez na vassoura, mas, quando a pegou, nada aconteceu. Nor a levou até o apartamento da Bruxa esperando uma reprimenda grave.

– O que você estava fazendo com a minha vassoura? – rosnou a Bruxa.

– Eu estava limpando o alojamento dos soldados – balbuciou Nor. – Está uma bagunça, com papéis espalhados, roupas, mapas...

– Mantenha suas mãos longe das minhas coisas – ordenou a Bruxa. – Que tipo de papéis?

– Planos, mapas, cartas, não sei – respondeu Nor, recobrando sua bravura –,

vá ver com seus olhos. Não prestei atenção.

A Bruxa pegou a vassoura e pareceu pensar em bater em Nor com ela.

– Não seja tola, Nor. Fique longe desses homens – falou ela com frieza. – Fique longe deles! – Ela ergueu a vassoura como um cassetete. – Eles vão machucar você e cuspir em você. Fique longe deles, estou dizendo. E fique longe de mim!

Elfaba se lembrou de que a vassoura tinha sido dada a ela pela Madre Yackle. A jovem via a monja velha como uma inválida, senil, uma chateação, mas agora olhava para o passado e se perguntava se havia alguma coisa por trás do que se via. Será que a vassoura tinha sido enfeitiçada pela Madre Yackle, com um vestígio de algum instinto Kumbriano? Ou será que Nor estava desenvolvendo um poder, que veio à tona na vassoura inanimada? Nor parecia acreditar em mágica; talvez a vassoura estivesse esperando alguém que acreditasse. Será que ela voaria com Elfaba também?

Certa noite, quando todos tinham se recolhido, Elfaba levou a vassoura até o pátio. Ela se sentia meio tola, se agachando na vassoura como uma criança num cavalo de brinquedo.

– Vamos lá, voe, sua tola – murmurou ela. A vassoura se debateu para a frente e para trás de um jeito travesso, o suficiente para fazer marcas roxas na parte interna das coxas dela. – Não sou uma garotinha que fica corada, pare com essa palhaçada. – A vassoura se ergueu uns trinta centímetros e a jogou no chão. – Vou atear fogo em você e será o seu fim! Estou velha demais para esse tipo de indignidade.

Foram necessárias cinco ou seis noites antes que ela conseguisse flutuar a dois metros do chão. Ela era inútil na feitiçaria. Será que estava condenada a ser inútil em tudo? Era um prazer, finalmente, assustar as corujas e os morcegos do celeiro sem motivo. E era bom estar ali fora. Quando ganhou mais confiança, ela se balançou até lá embaixo no vale, até os restos da tentativa de barragem da Regente Ozma; descansou e esperou não ter de voltar a pé. Não precisou. A vassoura era resistente às suas intenções, mas ela sempre ameaçava com fogo.

Ela se sentiu como um anjo noturno.

No meio do verão, um comerciante arjiki chegou com panelas, colheres e novelos de linha, e carregava consigo algumas cartas deixadas em um posto mais ao norte. Dentre elas havia um bilhete de Frex – aparentemente, Babá tinha contado a ele suas intenções de caçar Elfaba, e ele escreveu para o monastério, que tinha reenviado a carta para Kiamo Ko nos Vinkus. Frex escreveu que Nessarose tinha organizado uma rebelião, e que a Munchkinlândia – ou a maioria dela, pelo menos – tinha se separado de Oz e se estabelecido como um estado independente.

Nessarose, como Eminente Thropp, tinha se tornado a chefe política do estado. Frex aparentemente achava que esse era um direito de nascença de Elfaba, e que ela deveria ir até os Solos de Colwen e desafiar a irmã para exercê-lo.

– Pode ser que ela não seja a mulher certa para o cargo – escreveu ele, embora Elfaba achasse a apreensão dele surpreendente. Nessarose não era a filha espiritual que Elfinha jamais poderia ser?

Elfaba não tinha sede de liderança e não queria desafiar Nessarose de jeito nenhum. Mas, agora que a vassoura parecia capaz de carregá-la por longas distâncias, ela se perguntou se poderia voar à noite até Solos de Colwen e passar uns dias visitando o pai, Nessa e Casco mais uma vez. Passaram-se doze anos desde que ela deixou Nessa em Shiz, bêbada e chorando a morte de Ama Clutch.

Para a Munchkinlândia se ver livre da mão de ferro do Mágico! Só isso já valeria a viagem. Isso fez Elfinha rir um pouco consigo mesma, sentir o velho desprezo pelo Mágico aflorar de novo. Talvez esse fosse o significado de cura, afinal.

Para estar segura, certa tarde, Elfaba vasculhou o alojamento vazio dos soldados. Ela mexeu nos papéis. Todos documentos relacionados a questões de mapeamento e investigação geológica. Nada mais. Não parecia haver uma segunda intenção de ameaça aos arjikis ou às outras tribos dos Vinkus.

Quanto mais cedo ela fosse, mais cedo retornaria. E seria melhor se ninguém soubesse. Então, ela disse a todos que ia passar por um período de isolamento na torre e não queria comida nem visitas por alguns dias. Quando deu meia-noite, ela partiu para Solos de Colwen, agora o lar de sua poderosa irmã.

Durante o dia, ela dormia nas sombras de celeiros, nos ressaltos de calhas, nas proteções de chaminés. Ela viajava à noite. Na penumbra, Oz se estendia abaixo – ela voava a cerca de vinte metros de altura, pelo que podia calcular – e o campo fazia suas transformações geográficas com a facilidade de um cenário de vaudeville sobre rodas. A passagem mais difícil foi na descida íngreme das encostas dos Grandes Kells. No entanto, depois de se livrar das montanhas, ela viu Oz se nivelar na vasta planície aluvial do rio Gillikin.

Vouou ao longo da hidrovía, sobre barcos de comércio e ilhas, até finalmente chegar a Águas Plácidas, o maior lago de Oz, que se manteve à sua margem sul. Elfaba levou uma noite inteira para atravessá-lo, pois o lago se agitava sem parar em oleosas ondas pretas de seda, se transformando em caniços e pântanos. Ela teve dificuldades para encontrar a embocadura do rio Munchkin, que escoava para Águas Plácidas vindo do leste. No entanto, quando conseguiu, foi fácil localizar a Estrada de Tijolos Amarelos. A terra cultivada adiante parecia ainda mais viçosa. Os efeitos da seca, tão drásticos na sua infância, tinham sido erradicados, e as fazendas de laticínios e as pequenas vilas pareciam prosperar, felizes como uma cidade de brinquedo de uma criança, astuciosas e aconchegantes na terra enrugada e forte de solo arável e clima receptivo.

Quanto mais ela ia para o leste, no entanto, mais a estrada se tornava rachada. Pés-de-cabra tinham arrancado tijolos, árvores foram cortadas e muros de galhos, levantados. Parecia que algumas das pequenas pontes foram dinamitadas. Uma proteção à retaliação do exército do Mágico?

Sete dias depois de deixar seus aposentos em Kiamo Ko, Elfaba chegou voando ao povoado de Solos de Colwen e dormiu sob uma árvore verde. Quando acordou, perguntou a um mercador onde ficava a casa grande, e ele, tremendo, apontou a direção, como se ela fosse um demônio. “Então, a pele verde ainda apavora os munchkins”, observou ela, e caminhou os últimos metros, chegando aos portões da frente de Solos de Colwen pouco depois do café da manhã.

Ela tinha ouvido a mãe falar de Solos de Colwen com melancolia e raiva, enquanto elas usavam botas à prova d’água para atravessar quinze centímetros de água na província de Quadling. Os anos de Elfinha na antiguidade presunçosa de Shiz e a pompa da Cidade das Esmeraldas deveriam tê-la preparado para uma mansão imponente. Mas ela ficou surpresa, até mesmo chocada, com aquela grandiosidade.

O portão era dourado, o átrio não tinha vestígio de grama e esterco, e uma orla de santos de topiaria em potes de terracota delineava a varanda sobre a enorme porta da frente. Dignitários com fitas que representavam novos postos e prestígio no Estado Livre de Munchkinlândia estavam de pé em pequenos grupos em um dos lados. Com xícaras de café nas mãos, os oficiais pareciam ter acabado de sair de uma reunião de conselho particular logo cedo. Dentro do portão, espadachins se erguiam arrumados e barravam sua passagem. Ela começou a protestar – instantaneamente marcada como uma ameaça e uma

idiota, óbvio – e estava prestes a ser expulsa quando uma figura apareceu no seu campo de visão vindo do canto de um prédio enfeitado, e gritou para que eles parassem.

– Fabala! – disse ele.

– Sim, papai, estou aqui – respondeu ela, com a educação de uma criança.

Ela se virou. Os dignitários pararam suas discussões e depois as retomaram, como se percebessem que ouvir esse encontro seria altamente rude. Os guardas desfizeram a barreira quando Frex se aproximou. O cabelo dele era ralo e longo e estava preso por um utensílio de couro cru, como sempre. A barba era cor de creme e chegava à cintura quando ele afastou as mãos.

– Esta é a irmã da Eminência do Leste – informou Frex, encarando Elfaba –, e minha filha mais velha. Deixem-na passar, homens, agora e todas as vezes que ela se aproximar. – Ele estendeu a mão, pegou a dela e virou a cabeça como um pássaro para vê-la com um olho competente. O outro olho, ela percebeu, estava morto.

– Venha, vamos nos cumprimentar em particular, longe de toda essa atenção – falou Frex. – Minha nossa, Fabala, você se tornou sua mãe nesses longos anos! – Ele prendeu o braço ao dela, e eles entraram no prédio por uma porta lateral. Encontraram um pequeno salão arrumado com seda amarela e almofadas de veludo roxo. A porta se fechou atrás deles. Frex se abaixou com cuidado até o sofá e deu um tapinha no estofado ao seu lado. Ela se sentou, esgotada, cansada, surpresa com a riqueza de seu próprio sentimento por ele. Estava com saudades. “Mas você é uma mulher adulta”, lembrou-se.

– Eu sabia que você viria se eu escrevesse. Fabala, eu sempre soube disso. – Ele a envolveu em seus braços com rigor. – Posso chorar por um minuto. – Quando ele terminou, perguntou aonde ela tinha ido e o que tinha feito, e por que ela nunca tinha voltado.

– Eu não sabia se haveria um local para o qual voltar – respondeu ela, percebendo a realidade disso ao falar. – Quando você terminava de converter uma cidade, papai, se mudava para novos campos. Seu lar era o pasto das almas; o meu nunca foi. Além do mais, eu tinha meu próprio trabalho para fazer. – Ela acrescentou, um instante depois, em voz baixa: – Ou achei que tinha.

Ela mencionou os anos na Cidade das Esmeraldas, mas não disse por quê.

– E Babá estava certa? Você era uma monja? Eu não a criei para tamanha submissão. Estou surpreso. Tal conformidade e obediência...

– Não fui uma monja mais do que fui uma unionista – repreendeu ela com delicadeza –, mas vivi com as monjas. Elas faziam um bom trabalho, independentemente dos erros ou da inspiração de suas crenças. Era a época de recuperação de uma passagem difícil. E então, no último ano, fui até os Vinkus, e acho que fiz de lá o meu lar, embora eu não saiba dizer até quando.

– E o que você faz? Está casada?

– Sou uma bruxa – respondeu ela. Ele recuou e espiou pelo olho funcional para ver se ela falava de brincadeira.

– Conte-me de Nessa antes de eu vê-la, e de Casco – pediu ela. – Sua carta dava a impressão de que você precisava de ajuda. Farei o que puder no curto tempo que posso passar aqui.

Ele contou a ela sobre a ascensão da irmã à Eminência, e a separação na última primavera.

– Sim, sim, sei de tudo, mas não sei por quê – disse ela, provocando.

Então ele descreveu o incêndio em uma granja onde estavam ocorrendo reuniões da oposição, o estupro de algumas moças munchkins depois da dança do exército do Mágico alocado perto do Armário do Dragão. Ele mencionou o Massacre em Far Applerue e os altos impostos sobre as colheitas das fazendas.

– A gota d’água, pelo que disse Nessa, pelo menos, foi o roubo inexperienced por soldados do Mágico a casas de preces simples no campo.

– Difícilmente a gota d’água. O quarto dos fundos de uma mina de carvão não é um lugar tão sagrado para rezar quanto uma casa de preces? Quero dizer, de acordo com os ensinamentos?

– Bem, ensinamentos – disse Frex. Ele deu de ombros; tais distinções agora estavam além de seu alcance. – Nessa ficou irada e comunicou sua indignação e, antes que ela percebesse, a faísca tinha sido lançada e a madeira pegou fogo. Uma semana depois de ela enviar uma carta furiosa ao Imperador Mágico – um ato perigoso e subversivo –, a febre revolucionária se reuniu ao redor dela. Aconteceu bem aqui, no átrio de Solos de Colwen. Foi magnífico, e nunca se esperaria que Nessa tinha se preparado para ser uma traidora. Ela se dirigiu aos homens mais velhos nas comunidades rurais de perto e de longe e manteve seus objetivos religiosos sob controle, acho eu. Então o apelo para ter o apoio deles foi irresistivelmente aceito. Houve uma aprovação unânime pela separação.

“Papai ficou pragmático na velhice”, percebeu Elfaba com alguma surpresa.

– Mas como você passou pelas patrulhas das fronteiras? – perguntou ele. – As coisas do jeito que estão... esquentando, como eles dizem.

– Eu simplesmente passei voando, um pássaro negro na noite – respondeu ela, sorrindo para ele e tocando em sua mão. Ela era lisa e rosa manchado, como uma lagosta fervendo. – Mas o que não sei, papai, é por que você me chamou aqui. O que espera que eu faça?

– Achei que você poderia se unir à sua irmã no trono da autoridade – explicou ele, com a esperança simples de alguém cuja família tinha ficado separada por muito tempo. – Eu sei quem você é, Fabala. Duvido que tenha mudado muito ao longo dos anos. Conheço sua perspicácia e sua convicção. Também sei que Nessa está à mercê das vozes religiosas dela, e pode deslizar e desfazer o terrível bem que está ajudando a criar logo agora, sendo uma figura central da resistência. Se isso acontecer, não vai ser bom para ela.

“Então eu devo ser um alvo fácil”, pensou Elfaba, “devo ser a primeira linha de defesa”. Seu prazer evaporou.

– E não vai ser bom para eles, os apoiadores ansiosos – disse Frex, acenando uma das mãos para indicar a maior parte da Munchkinlândia. Seu rosto sucumbiu (“seu sorriso também era um esforço”, pensou ela com calma) e seus ombros caíram. – Eles tiveram mais do que uma geração de ditadura gentil do canalha do nosso Glorioso Mágico. Ah, até eu me esqueço que agora estamos no Estado Livre da Munchkinlândia... Esses fazendeiros certamente subestimam o porte de uma eventual retaliação. Na verdade, Casco descobriu por fontes confiáveis que

os estoques de grãos na Cidade das Esmeraldas são enormes, e podemos ficar algum tempo sem precisarmos ser invadidos. Sem contar o envio de divisões de soldados para atravessar as fronteiras e a prisão de alguns arruaceiros bêbados, esta tem sido uma separação não violenta até agora. Estamos iludidos a acreditar que estamos seguros. Quero dizer, Nessa também está iludida, acho. Você, eu sempre achei, tinha uma ideia mais clara a respeito de si mesma. Pode ajudá-la a se preparar, pode oferecer o equilíbrio e o apoio.

– Eu sempre fiz isso, papai. Na infância e na faculdade. Agora ouvi dizer que ela fica de pé sozinha.

– Você ouviu falar dos meus preciosos sapatos. Eu os comprei de uma velha decrepita, e depois os reformei para Nessa com as próprias mãos, usando habilidades em vidro e metal que aprendi com Coração de Tartaruga. Eu os fiz para dar a ela uma sensação de beleza, mas não esperava que fossem encantados por outra pessoa. Não estou triste por isso. Mas Nessa agora acha que não precisa de ninguém, nem para ajudá-la a levantar nem para governar. Ela ouve menos do que nunca. De alguma forma, acho que esses sapatos são perigosos.

– Eu queria que você os tivesse feito para mim, papai – falou ela numa voz baixa.

– Você não precisava deles. Tinha sua voz, sua intensidade, até mesmo sua crueldade como armadura.

– Minha crueldade! – Ela recuou.

– Ah, você era uma coisinha diabólica, mas e daí, as crianças crescem e mudam. Você era um terror quando foi colocada pela primeira vez perto de outras crianças. Só se acalmou quando começamos a viajar e você podia segurar o bebê. Foi Nessarose que adestrou você, sabe? Deve agradecer a ela; ela foi sagrada e abençoada desde o dia em que nasceu. Mesmo na infância, ela acalmava sua selvageria com uma carência óbvia. Acho que você não se lembra disso.

Elfinha não conseguia se lembrar, não conseguia pensar em tudo aquilo. Até a ideia de ser cruel escapava dela. Em vez disso, ela estava tentando sentir ternura pelo pai, apesar da exaustão de ser confiscada para ser segunda tenente outra vez, a serviço da querida e carente Nessarose. Ela se concentrou na preocupação do pai pelos cidadãos de Munchkinlândia. Sempre uma sensibilidade pastoral. Apesar de rejeitar sua teologia, ela o adorava pelo compromisso.

– Preciso saber mais de Coração de Tartaruga um dia desses – disse ela em voz suave –, mas, agora, acho que devo cumprimentar minha irmã. E eu vou pensar no que você diz, papai. Não consigo imaginar fazer parte de um governo com você e Nessarose, ou um comitê, se Casco também estiver envolvido. Mas vou suspender meu julgamento por um tempo. E Casco, papai, como está ele?

– Atrás das linhas inimigas, é o que dizem – respondeu Frex enquanto ela se levantava para sair. – Ele é um rapaz imprudente e estará nas primeiras casualidades, quando isso começar mesmo a acontecer. Ele se parece um pouco com você.

– Ele ficou verde? – perguntou ela, se divertindo.

– Ele é teimoso como marcas de pecado – respondeu ele.

Nessarose estava reclusa em um salão no andar de cima, realizando sua meditação matinal. Frex conseguiu que Elfaba recebesse permissão para andar pela casa e pela propriedade. Afinal, em outra configuração de eventos, ela poderia ter sido (ou ainda poderia ser) a Eminente Thropp, a Eminência do Leste, a chefe nomeada do Estado Livre da Munchkinlândia. Frex observou a filha verde caminhar lentamente por corredores de mármore, arrastando sua vassoura como uma faxineira, fitando o ouro artificial, o tecido adamascado, as flores frescas, os serventes no estábulo, os retratos. Ele sentiu, como sempre, uma pontada de dor no peito pelas coisas ocultas e desconhecidas que tinha feito na criação dela. Mas ele estava feliz por ela estar aqui.

Elfaba encontrou o caminho até uma capela particular no fim de um corredor de mogno polido. Era mais barroco que antigo, e estava no meio de uma reforma. Nessarose deve ter ordenado que os afrescos fossem camuflados; talvez as imagens suculentas pudessem distrair as pessoas das tarefas de meditação. Elfinha se sentou em um banco na lateral, entre baldes de cal, pincéis e escadas. Ela não pretendia rezar, embora se sentisse muito desconfortável com essa coisa toda. Ela treinou o olhar para concentrar a mente em uma enorme seção que ainda ostentava imagens. Havia diversos anjos roliços levitando com a ajuda de asas enormes. Suas roupas tinham sido cortadas para acomodar a irregularidade anatômica, ela percebeu. Eram damas bem gordas, mas as asas não tinham artérias salientes nem estavam rasgando na ponta. O artista tinha considerado o comprimento e a envergadura das asas necessários para erguer senhoras amplas. A fórmula parecia ser que o comprimento da asa devia ter três vezes o comprimento do braço, corrigido talvez para acomodar a corpulência. “Se você pudesse voar com asas até o Outro Mundo, o que dizer de uma vassoura?”, imaginou ela. E percebeu que devia estar muito cansada; normalmente, ela cortaria qualquer especulação sem sentido sobre baboseiras unionistas como vida após a morte, um Além, um Outro Mundo.

“Eu deveria me lembrar das lições do curso de ciências naturais”, pensou. “Todas as fronteiras devastadoras de conhecimento que o doutor Dillamond estava prestes a cruzar. Eu quase entendia uma parte. Eu poderia costurar asas em Chistery. Ele poderia se unir a mim nos voos. Que travessura.”

Ela se levantou e foi procurar a irmã.

Nessarose ficou menos surpresa de ver Elfaba do que Elfinha teria imaginado. Talvez fosse porque Nessa tinha se acostumado a ser o centro das atenções. Por outro lado, ela sempre fora o centro das atenções.

– Querida Elfinha – disse ela, erguendo os olhos de um par de livros idênticos que algum criado tinha colocado, um ao lado do outro, de forma que ela pudesse ler quatro páginas sem chamar alguém para virar a página. – Dê-nos um beijo.

– Ah, aí está você – falou Elfinha, de um jeito gentil. – Como está, Nessa? Parece ótima.

Nessarose se levantou, nos belos sapatos, e sorriu com brilho.

– A graça do Deus Inominável me dá forças, como sempre.

Mas Elfaba não se irritou.

– Você está de pé, e não quero dizer apenas sobre seus pés – comentou ela.

– A história a escolheu para um papel, e você o aceitou. Estou orgulhosa de você.

– Você não precisa ficar orgulhosa. Mas obrigada, querida. Achei que viria. Papai arrastou você até aqui para cuidar de mim?

– Ninguém me arrastou até aqui, mas papai me escreveu.

– Então, todos esses anos na solidão, e a confusão política finalmente a traz de volta. Por onde andou?

– Aqui e ali.

– Sabe que pensamos que você tinha morrido – contou Nessarose. – Coloque esse xale sobre meus ombros e prenda-o com um alfinete, por favor, para eu não ter que chamar uma criada? Quero dizer, naquela época terrível, terrível que você me deixou sozinha em Shiz. Ainda estou furiosa com você por isso, acabei de me lembrar. – Ela retorceu o lábio de um jeito bonito; Elfaba ficou feliz por ela ter pelo menos um senso de humor residual.

– Éramos todos jovens, e talvez eu estivesse errada – assumiu Elfinha. – Não fiz nenhum mal duradouro a você, de qualquer maneira. Pelo menos não que eu perceba.

– Tive de aguentar a Madame Morrorosa sozinha por mais dois anos. Glinda me ajudou por um tempo, depois se formou e seguiu em frente. Babá foi minha salvação, mas ela já era velha na época. Ela está com você nos últimos tempos, não é? Bem, naquela época me senti terrivelmente sozinha. Só minha fé me suportou.

– Bem, a fé faz essas coisas, se a tiver.

– Você fala como alguém que ainda vive nas sombras da dúvida.

– Na verdade, acho que temos coisas mais importantes para discutir do que a situação da minha alma ou falta dela. Você tem uma revolução nas mãos... Desculpe, acho que me desacostumei com a situação! E é a comandante geral residente. Parabéns!

– Ah, eventos enfadonhos do mundo perturbador, sim, sim. Olhe, está lindo lá fora nos jardins. Vamos caminhar um pouco e tomar um ar. Você parece verde nas guelras...

– Está bem, eu mereci essa...

– ...e temos bastante tempo para falar dos assuntos diplomáticos. Tenho uma reunião daqui a pouco, mas tenho tempo para uma caminhada. Você precisa conhecer este lugar. Deixe-me mostrá-lo.

Elfaba só conseguia ter a atenção de Nessarose por pequenos intervalos de tempo. Por mais que fosse indiferente às demandas da liderança, Nessarose era consciente de sua agenda e passava horas se preparando para as reuniões.

E, no início, as discussões eram frívolas – memórias de família, a época da faculdade. Elfinha estava impaciente para chegar ao ponto principal da questão. Mas Nessarose não queria ser apressada. Às vezes ela deixava Elfinha participar quando recebia cidadãos para audiências. Elfinha não ficou feliz com o que viu.

Certa tarde, uma senhora de um vilarejo na Cesta de Milho entrou. Ela fez reverências de um modo muito distinto e obsequioso, e Nessarose pareceu brilhar para ela em glória. A mulher reclamou que tinha uma serviçal que, depois de se apaixonar por um lenhador, queria deixar o serviço para se casar. Mas a senhora já tinha dado três filhos para a nova milícia local para defesa, e ela e a serviçal eram toda a mão de obra disponível para fazer a colheita. Se a serviçal fugisse com o lenhador, as colheitas estragariam e ela ficaria arruinada.

– Tudo em nome da liberdade – concluiu ela de um jeito amargo.

– Bem, o que você quer que eu faça a respeito disso? – indagou a Eminência do Leste.

– Posso lhe dar duas Ovelhas e uma Vaca.

– Eu já tenho animais... – comentou Nessarose.

– Você quis dizer Ovelha? – interrompeu Elfaba. – Uma Vaca? Quer dizer Animais?

– Meus próprios Animais – retrucou a mulher com orgulho.

– Como você pode ser dona de Animais? – perguntou Elfaba, com os dentes travados. – Os Animais não passam de bens móveis agora na Munchkinlândia?

– Elfinha, por favor – falou Nessarose baixinho.

– O que falta para você libertá-los? – exigiu Elfinha com paixão.

– Eu já disse. Faça algo sobre esse lenhador.

– O que você tem em mente? – interrompeu Nessarose, irritada porque a irmã estava usurpando seu papel como intermediária da justiça.

– Eu trouxe esse machado. Achei que você poderia enfeitiçá-lo e fazê-lo matar o lenhador.

– Que vergonha! – gritou Elfaba.

– Bem, isso não seria muito agradável.

– Muito agradável? – indagou Elfinha. – Não, de fato não seria muito agradável, Nessa.

– Bem, você é a resposta jurídica por aqui – disse a senhora, decidida. – O que sugere?

– Posso enfeitiçar o machado para ele escorregar – respondeu Nessarose de um jeito ponderado –, só o suficiente, talvez, para arrancar o braço do lenhador. Sei por experiência própria que uma pessoa sem um braço não é tão desejável para o sexo oposto quanto uma com os dois braços.

– É justo – concordou a mulher –, mas se não funcionar, eu volto aqui e

você faz mais, pelo mesmo preço. Ovelhas e uma Vaca não são baratas por aqui, você sabe.

– Nessarose, você não é uma bruxa, não, eu não acredito – comentou Elfinha. – Você não faz feitiços, entre tantas coisas!

– A pessoa íntegra pode fazer milagres em reverência ao Deus Inominável – disse Nessarose com calma. – Me mostre o machado, se você o trouxe.

A senhora estendeu um machado de lenhador, e Nessarose ajoelhou na frente dele, como se estivesse rezando. Era uma coisa esquisita e assustadora ver o corpo estreito sem braços se inclinar para a frente, sem ajuda e desequilibrado, e, depois, quando o feitiço estava pronto, conseguir se levantar. “Esses sapatos são o máximo”, pensou Elfinha de um jeito sóbrio e amargo. “Glinda tem um belo poder, por todo o seu deslumbramento social, ou talvez o poder venha do amor do nosso pai por Nessa. Ou uma combinação dos dois. E, se Nessarose não está enganando essa mulher, ela também se tornou uma feiticeira, seja qual for o nome que ela queira chamar.”

– Você é uma bruxa – concluiu Elfaba; ela não conseguia evitar. Talvez isso fosse um erro, pois a senhora estava agradecendo a Nessarose pelos seus esforços.

– Vou trazer os Animais para o celeiro nos fundos. Eles estão amarrados na cidade.

– Animais! Amarrados! – exclamou Elfinha, emocionada.

– Obrigada, senhorita Eminência – falou a senhora. – A Eminência do Leste. Ou devo chamá-la de Bruxa do Leste? – Ela sorriu sem dentes, depois de conseguir o que queria, e saiu pela porta carregando o machado encantado sobre o ombro, do jeito que um jovem lenhador faria.

Elas não ficaram sozinhas por um tempo. Elfaba rondou o estábulo e os currais até encontrar um ajudante que apontasse onde estavam as duas Ovelhas e a Vaca. Eles estavam em um cercado com palha limpa, cada um encarando um canto diferente, mastigando de um jeito abstraído.

– Vocês são os novos Animais, trazidos pela velha demônia vingativa – disse Elfaba. A Vaca olhou como se não estivesse acostumada com alguém falando com ela. A Ovelha não fez sinal de ter entendido.

– Qual é a sua carne? – perguntou a Vaca, com um humor negro.

– Estou morando nos Vinkus – respondeu Elfinha. – Não há muitos Animais por lá. Já fui agitadora dos Direitos dos Animais na época da varredura dos pastos. Não sei como estão as coisas para os Animais munchkins agora. O que podem me dizer?

– Posso lhe dizer para cuidar da sua vida – respondeu a Vaca.

– E as Ovelhas?

– Essas Ovelhas não podem lhe dizer nada, elas emburreceram.

– Elas são... ovelhas? Isso é possível?

– Elas falam sobre os humanos se tornando vegetais, ou nozes, ou até mesmo frutas – respondeu a Vaca –, mas não querem dizer isso literalmente. As

Ovelhas não se tornam ovelhas, elas se tornam Ovelhas mudas. Elas não precisam ser discutidas aqui como se não estivessem escutando, por sinal.

– Claro. Minhas desculpas – falou ela para a Ovelha que piscou com raiva. Para a Vaca, ela acrescentou: – Prefiro chamá-la pelo seu nome.

– Desisti de usar meu nome em público. Não tenho o direito individual de usar um nome individual. Deixo isso para o uso particular.

– Entendo – comentou Elfaba. – Sinto-me do mesmo jeito. Agora sou apenas a Bruxa.

– A própria Eminência? – Um fio gosmento de baba pingou da boca da Vaca. – Estou lisonjeada. Eu não sabia que você se chamava Bruxa, achei que era apenas um apelido oculto maldoso. A Bruxa do Leste.

– Bem, não. Sou irmã dela. Acho que sou a Bruxa do Oeste, por assim dizer. – Ela sorriu. – Na verdade, eu não sabia que ela era tão odiada.

A Vaca cometeu um erro.

– Claro que não quero desrespeitar sua família. Devo manter minha boca fechada e me concentrar na minha ruminação. O fato é que estou chocada! Ser vendida em troca do feitiço de uma bruxa! Não há nada de errado com o lenhador, eu tenho ouvidos, sim, tenho, eles se esquecem, e a ideia de um ingênuo de bom coração como Nick Chopper ser machucado pelo feitiço de uma bruxa, e eu ser parte do escambo, bem, é difícil imaginar como uma pessoa pode se rebaixar na vida.

– Vim libertar vocês.

– Por ordem de quem? – A Vaca bufou, cheia de suspeitas.

– Eu já disse, sou irmã da Eminente Thropp, a Eminência do Leste. – E se corrigiu: – A Bruxa do Leste. É minha prerrogativa aqui.

– E estaremos livres para ir aonde? Fazer o quê? – questionou a Vaca. – Iríamos daqui até a Baixa Muckslop e seríamos amarradas de novo. Sujeitas à escravidão sob o comando do Mágico e catecismos sob a Eminente Thropp! Não conseguimos nos misturar muito bem com aqueles minúsculos humanos munchkins repulsivos.

– Você está um pouco melancólica – disse Elfaba.

– Nunca ouviu falar de uma Vaca maluca? Queridinha, minha teta está doída da extração diária. Sou ordenhada para dar leite de manhã e de noite. Nem vou falar do que é ser montada por um... bem, não importa. Mas o pior é que meus filhos foram engordados com leite e mortos para virar vitela. Eu ouvia os gritos deles no abatedouro, eles nem se incomodaram de me tirar do campo de audição! – Neste momento, ela virou a cabeça para a parede, e as Ovelhas vieram uma de cada lado dela, pressionando como um par vivo de apoios de livros contra as laterais e a barriga dela.

– Não posso ficar mais triste nem mais envergonhada – disse Elfaba. – Olhem, eu trabalhava com o doutor Dillamond em Shiz, anos atrás. Ouviram falar dele? Eu fui até o próprio Mágico para protestar contra o que estava acontecendo...

– Ah, o Mágico não aparece para seres como nós – interrompeu a Vaca, depois de se recompor. – Não quero mais falar. Todo mundo está do seu lado até querer algo de você. A Eminente Nessarose provavelmente nos trouxe para nos

colocar em alguma procissão cerimonial religiosa. Meus flancos macios enfeitados com guirlandas ou coisa parecida. E todos sabemos o que acontece depois.

– Você deve estar errada nesse ponto – disse a Bruxa. – Eu protesto. Nessarose é uma unionista rígida. Eles não fazem... sacrifícios de sangue...

– Os tempos mudam. E ela tem uma população de seguidores mal-educados e nervosos para pacificar. O que funciona melhor, me diga, do que um abate ritual?

– Mas como as coisas chegaram a isso? – questionou Elfaba. – Supondo que esteja falando a verdade? Este é um local de agricultura. Vocês deveriam estar bem estabelecidos aqui.

– Animais encurralados têm muito tempo para desenvolver teorias – respondeu a Vaca. – Já ouvi mais de uma criatura inteligente fazer uma conexão entre o crescimento do tiquetaquismo e a erosão do tradicional trabalho Animal. Não éramos feras de carga, mas éramos trabalhadores bons e confiáveis. Se ficamos redundantes na força de trabalho, era apenas questão de tempo para sermos socialmente redundantes também. De qualquer maneira, é uma teoria. Meu sentimento é que existe um mal verdadeiro espalhado pela terra. O Mágico estabelece os padrões para isso, e a sociedade segue como um bando de ovelhas. Desculpem a referência difamadora – falou, acenando com a cabeça para as companheiras de cercado. – Foi um deslize.

Elfaba abriu o portão do cercado.

– Venham, vocês estão livres. O que vão fazer com isso é problema de vocês. Se recusarem, é opção de vocês.

– É nossa opção também se sairmos. Você acha que uma Bruxa que enfeitiçaria um machado para desmembrar um ser humano deixaria passar duas Ovelhas e uma velha Vaca irritante?

– Mas essa pode ser a única chance de vocês! – gritou Elfaba.

A Vaca saiu, e as Ovelhas a seguiram.

– Vamos voltar. Esse é um exercício para o seu aprendizado, não o nosso. Guarde o que estou dizendo: meu traseiro será servido sobre seus pratos de porcelana da Casa de Dixxi antes de o ano terminar. – Ela fez uma última observação: – Espero que você se engasgue. – E, balançando o rabo para espantar as moscas, saiu.

– Uma embaixadora de Glikkus, querida – argumentou Nessarose, quando Elfaba exigiu uma reunião. – Sério, eu não posso deixar de recebê-la. Ela veio discutir pactos de defesa mútua caso Glikkus também se separe. Ela acha que há agentes rastreando a família dela e precisa partir na jornada de volta hoje à noite. Mas vamos jantar juntas, como nos velhos tempos? Eu, você e meu servo?

Elfaba não teve escolha a não ser se distrair mais uma tarde. Ela localizou Frex e o convenceu a sair para uma caminhada além dos lagos ornamentais e gramados inexplorados, onde as florestas chegavam até a fronteira dos fundos de Solos de Colwen. Ele caminhava com tanto rigor, tão devagar, que era uma tortura; ela andava a passos largos, mas se controlou.

– O que você achou da sua irmã? Depois de tantos anos? Muito mudada?

– Ela sempre foi confiante, do jeito dela – respondeu Elfinha de modo reservado.

– Eu nunca achei isso, e não sei. Mas acho que foi um bom ato e está melhorando.

– Qual a verdadeira razão de me chamar até aqui, papai? Não tenho muito tempo, sabe? Você precisa ser honesto.

– Você seria uma Eminência mais inteligente do que Nessa – respondeu ele. – É seu direito de nascença. Sim, sei que as regras rígidas da herança do título não eram importantes para a sua mãe. Só acho que o povo de Munchkinlândia ficaria melhor com você no comando. Nessa é... devota demais, se é que isso existe. Devota demais para ser uma figura central na vida pública, de qualquer maneira.

– Este pode ser o único assunto em que concordo com a minha mãe, mas um cargo herdado não me interessa, e não faz diferença eu ser a Eminência por direito. Há muito tempo abdiquei da minha posição na família em relação a isso. Nessarose tem todo o direito de abdicar do dela, e Casco pode substituí-la. Ou, melhor ainda, o costume idiota pode ser abolido, e os munchkins podem governar a si mesmos até a morte.

– Ninguém jamais sugeriu que um líder não é tão bode expiatório quanto um peão. Mesmo assim, é possível. Mas estou falando de liderança, e não de hierarquia e privilégios. Estou falando da natureza da época em que vivemos e da tarefa que precisa ser feita. Fabala, você sempre foi a irmã mais capaz. Casco é um exibicionista impulsivo, atualmente brincando de agente secreto, e Nessa é uma menininha machucada...

– Ah, por favor, já não é hora de superar isso?

– Ela não superou – disse ele, magoado. – Você a vê enroscada nos braços de um amante? Você a vê com os próprios filhos, abraçando a vida de um jeito que faça sentido? Ela se esconde atrás da devoção do mesmo modo que um terrorista se esconde atrás de seus ideais... – Ele a viu estremecer ao ouvir isso e fez uma pausa.

– Já conheci terroristas capazes de amar e boas monjas, sem maridos e sem

filhos, fazendo caridade para pessoas arrasadas.

– Você ouviu falar que Nessa teve uma ligação adulta com qualquer um que não seja o Deus Inominável?

– Você é que está falando – comentou ela. – Você teve sua esposa e seus filhos, mas eles ficavam abaixo das prioridades dos quadlings esperando para serem convertidos.

– Eu fiz o que devia ser feito – falou ele com rigidez. – Não vou levar um sermão da minha filha.

– Bem, eu não vou levar um sermão de você sobre meus deveres eternos para com Nessa. Dei a ela minha infância, cuidei dela em Shiz. Ela fez da vida o que quis, e tem a opção e o livre-arbítrio ainda hoje. E seus súditos também têm, e eles podem depô-la e cortar sua cabeça se as orações dela atrapalharem.

– Ela é uma mulher bem poderosa – constatou Frex com tristeza. Elfinha olhou de soslaio para ele e, pela primeira vez, o viu como um fraco, o tipo de velho que Irji, se sobrevivesse, seria ao crescer. Sempre à margem dos eventos, reagindo em vez de agir, lamentando o passado e rezando pelo futuro em vez de agitar o presente.

– Como ela ficou tão poderosa? – perguntou ela, tentando ser delicada. – Ela tinha dois pais bons.

Ele não respondeu.

Os dois caminharam e saíram das florestas ao longo da margem de um campo de milho. Alguns fazendeiros estavam consertando uma cerca e erguendo um espantalho.

– Tarde, irmão Frexpar – disseram eles, tirando o chapéu. Eles olharam para Elfaba com um pouco de asco.

Quando ela e o pai continuaram e saíram do campo de audição, ela disse:

– Eles estavam usando um pequeno talismã ou algo parecido nas túnicas, você viu? Parecia uma bonequinha de palha ou algo assim.

– Ah, sim, o homem espantalho. – Ele suspirou. – Outro costume pagão que quase sumiu, depois ressurgiu na Grande Seca. Trabalhadores do campo ignorantes usam um espantalho como talismã contra as pestes das colheitas: seca, corvos, insetos, apodrecimento. Houve uma época em que existia uma tradição de sacrifício humano para isso. – Ele fez uma pausa para respirar e secar o rosto. – Nosso amigo da família, Coração de Tartaruga, o quadling, foi abatido bem aqui em Solos de Colwen, no dia em que Nessarose nasceu. Um anão itinerante e um enorme relógio tiquetaqueante de diversão estavam fazendo o circuito naquele ano e fornecendo um canal para as piores inclinações humanas. Chegamos aqui bem na hora em que Coração de Tartaruga estava para ser pego de surpresa. Nunca me perdoci por não ter visto o que estava para acontecer, mas sua mãe estava em trabalho de parto, e estávamos fora da cidade. Eu não estava pensando direito em tudo.

Elfaba já tinha ouvido tudo isso antes.

– Você estava apaixonado por ele – falou ela, para facilitar.

– Nós dois estávamos, nós o compartilhávamos. Sua mãe e eu. Foi há uma vida e eu não sei mais por quê; e acho que não sabia naquela época. Não amei ninguém desde que sua mãe morreu, exceto, é claro, os meus filhos.

– Que história brutal de sacrifícios. Eu estava conversando agora mesmo com uma Vaca que espera ser uma vítima de sangue. Isso é possível?

– Quanto mais civilizados nos tornamos, mais horrendas são as nossas diversões.

– E isso nunca vai mudar, vai? Eu me lembro da etimologia da palavra Oz, pelo menos conforme proposto em uma aula da nossa diretora, a Madame Morrorosa. Ela dizia que os acadêmicos eram inclinados a localizar a raiz da palavra no cognato gillikin *oos*, que tem milhares de significados sobre crescimento, desenvolvimento, poder, geração. Mesmo *ooze*, com o substantivo distante *virus*, é considerado como pertencente à mesma família geral. Quanto mais velha eu fico, mais essa derivação me parece precisa.

– Ainda assim, o poeta das *Oziadas* a chama de “terra do abandono verde, terra em uma folha sem fim”.

– Os poetas são tão responsáveis pela construção de um império quanto qualquer outro profissional.

– Às vezes eu daria qualquer coisa para sair daqui, mas temo a ideia de uma viagem através das areias mortais.

– Isso é apenas uma lenda. Papai, você me ensinou que as areias não são mais mortais que estes campos. Isso me lembra de outra teoria, de que *Oz* está relacionado à palavra *oásis*. O que os povos nômades achavam de Gillikin, há muito tempo, quando Oz foi descoberta e populada. Olhe, papai, você não precisa ir tão longe. Os Vinkus são quase outro país. Por que não volta comigo?

– Eu adoraria, querida. Mas como posso deixar Nessarose? Eu jamais faria isso.

– Mesmo que ela seja filha de Coração de Tartaruga, e não sua? – indagou ela, provocando porque tinha sido provocada.

– Principalmente se isso for verdade – respondeu ele.

E Elfaba percebeu que, por não ter certeza se Nessarose era filha dele ou de Coração de Tartaruga, Frex decidiu de algum modo subconsciente que ela era filha dos dois. Nessarose era a prova de sua breve união – deles e, obviamente, de Melena também. Não importava quão deficiente Nessarose era; ela sempre seria mais do que Elfaba, sempre. Ela sempre significaria mais.

Elfaba estava sentada no quarto de Nessa. Uma criada servia uma sopa feita de estômago de vaca. Elfinha, que normalmente não era sensível, não conseguiu comer. A criada dava porções minúsculas na boca de Nessa com cuidado.

– Não vou dar voltas – disse Nessarose. – Eu gostaria que você se juntasse a mim como irmã de armas, para liderar meu círculo de conselheiros e administrar nas minhas ocasionais ausências.

– Não tenho amor nenhum pela Munchkinlândia, pelo que vi até agora. O povo é cruel e impressionado por mistérios, a pompa deste lugar é opressiva, e acredito que você está sentada sobre um barril de pólvora.

– Mais motivos para você ficar e me ajudar – argumentou Nessarose. – Não fomos criadas para esperar uma vida de serviço?

– Seus sapatos a tornaram forte. Eu não sabia que sapatos podiam fazer isso. Acho que não precisa de mim. Mas não perca esses sapatos. – “Seus sapatos lhe dão um equilíbrio artificial. Você parece uma serpente de pé sobre o próprio rabo”, pensou.

– Você se lembra deles antes, não é?

– Sim, mas ouvi dizer que Glinda os amplificou com um encanto mágico ou algo parecido.

– Ah, essa Glinda! Que pessoa especial. – Nessa engoliu e sorriu. – Bem, pode ficar com os sapatos, minha querida, se passar por cima do meu cadáver. Vou reescrever meu testamento e deixá-los para você. Apesar de eu não ter ideia do que eles poderiam fazer por você. Eles não fizeram meus braços crescerem. Talvez sapatos encantados não mudem a cor da sua pele, mas tornem você sedutora o suficiente para não importar.

– Já estou velha demais para ser tão sedutora.

– Você ainda está na flor da juventude, e eu também! – explicou Nessarose, rindo. – Diga que você tem um romance com um homem numa tenda, oca dos Vinkus ou como quer que eles chamem as moradias lá. Vamos lá!

– Estive me perguntando uma coisa, desde que vi você fazer aquele feitiço hoje de manhã. O feitiço do machado.

– Ah, sim. Mamão com açúcar, aquele.

– Você por acaso se lembra daquela vez em Shiz, quando Madame Morrorosa disse que ia nos colocar sob um encanto? E que não poderíamos falar umas com as outras sobre ele?

– Continue. Parece familiar. Ela era meio assustadora, não era? Uma mestre da tirania.

– Ela disse que tinha nos escolhido, eu, você e Glinda, para sermos Adeptas. Para sermos agentes de alguém no altíssimo escalão. Para sermos feiticeiras e, não sei, cúmplices secretas. Ela prometeu que teríamos altos cargos e seríamos impressionantes. Ela nos fez acreditar que jamais poderíamos conversar sobre isso umas com as outras.

– Ah, sim, isso. Eu me lembro. Ela era uma ótima bruxa.

– Bem, acha que tem alguma verdade nisso? Acha que ela tinha poder para nos calar? Para nos transformar em feiticeiras poderosas?

– Ela tinha o poder de nos assustar, mas éramos jovens e muito estúpidas, pelo que me lembro.

– Na época, tive a impressão de que ela estava em conluio com o Mágico, e que ela ordenou que sua coisa tiquetaqueante... Grommetik, o nome acabou de vir à minha memória, que coisa estranha... matasse o doutor Dillamond.

– Você via demônios com facas atrás de todas as cadeiras. Sempre foi assim. Não acredito que Madame Morrorosa tivesse algum poder de verdade. Ela era uma mulher manipuladora, mas seu poder era muito limitado, e, na nossa ingenuidade, nós a víamos como uma vilã. Ela era apenas cheia de presunção.

– Duvido. Tentei dizer alguma coisa sobre o assunto depois. Nós todas desmaiamos, não foi?

– Nós éramos inocentes e terrivelmente sugestionáveis, Elfinha.

– E Glinda foi se casar por dinheiro, como disse a Madame Morrorosa. Sir

Chuffrey ainda está vivo?

– Se é que se pode chamar de vida, sim. E Glinda é uma feiticeira, não há como questionar isso. Mas Madame Morrorosa estava apenas prevenindo coisas para nós; ela via nossos talentos, como um educador deve fazer, e nos aconselhou a tirar o máximo deles. O que há de tão surpreendente nisso?

– Ela tentou nos seduzir para um serviço secreto para um mestre desconhecido. Não estou inventando isso, Nessa.

– Ela sabia como atingir você, obviamente, apelando para seu senso de conspiração. Não me lembro de uma bobagem tão atraente.

Elfaba caiu em silêncio. Talvez Nessa estivesse certa. Mas aqui estavam elas, doze anos depois: duas Bruxas, por assim dizer. E Glinda uma feiticeira em prol do bem público. Era o suficiente para fazer Elfinha voltar a Kiamo Ko e queimar aquele Grimório e a vassoura.

– Ela sempre pareceu uma carpa para Glinda – disse Nessarose. – Você ainda tem medo de verdade de peixe, depois de tantos anos?

– Uma vez eu vi um desenho de um monstro do lago num livro, ou um monstro do mar, se você acreditar nos oceanos – falou Elfinha. – Posso não ter certeza se existem monstros, mas prefiro viver minha vida em dúvida a ser persuadida por uma experiência real com um deles.

– Você disse mais ou menos o mesmo sobre o Deus Inominável – comentou Nessarose baixinho.

– Ah, por favor, não comece com isso.

– Uma alma é valiosa demais para se ignorar, Elfinha.

– Bem, não é maravilhoso eu não ter uma, então, para não haver confusão?

– Você tem uma alma. Todo mundo tem.

– E a Vaca que você abateu para hoje, e as Ovelhas?

– Não estou falando de classes inferiores.

– Esse tipo de conversa me ofende, Nessa. Eu libertei aqueles Animais hoje, você sabe.

– Você tem alguns direitos em Solos de Colwen. Não vou sair por aí proibindo suas missões com bichos.

– Eles contaram umas coisas bem horríveis sobre como os Animais estão sendo tratados aqui. Eu achava que era apenas na Cidade das Esmeraldas e em Gillikin; de alguma forma, achei que a Munchkinlândia, por ser mais rural, teria mais bom senso.

– Sabe – começou Nessa, indicando que a criada devia limpar sua boca com um guardanapo –, uma vez conheci um soldado num serviço de oração. Ele havia perdido um membro numa campanha contra alguns quadlings incansáveis. Ele dizia que toda manhã ele batia no cotoco onde antes ficava o braço. Fazia o sangue correr e, depois de alguns minutos, sentia um formigamento. Ele desenvolveu um tipo de membro fantasma. Não de uma vez, e não de uma forma física: o que ele recuperou foi um sentimento de como era a sensação. Ele crescia até o cotovelo, e sua memória, sua memória corporal, dos membros num espaço tridimensional se estendia, por fim, até os dedos. Depois que o membro fantasma estava no local, mentalmente, quero dizer, ele conseguia enfrentar o dia como um homem aleijado. Além do mais, ele tinha um equilíbrio físico

melhor.

Elfaba, sentindo-se mais e mais como uma Bruxa de verdade, olhou para a irmã, aguardando o fechamento.

– Tentei fazer isso por um tempo. Por meses, na verdade. Eu pedia a Babá para massagear minhas saliências. Depois de muito trabalho de Babá, comecei a desenvolver apenas um leve sentimento de como seria ter braços. Isso nunca foi muito adiante, até que Glinda enfeitiçou estes sapatos. Não sei por que agora, talvez estejam muito apertados e minha circulação reclame, depois de uma hora sobre os pés, tenho braços fantasmas. Pela primeira vez na minha vida. Eu mal consigo ter a sensação dos dedos.

– Membros fantasmas. Bem, estou feliz por você.

– Sabe, se você batesse em si mesma, espiritualmente falando, poderia desenvolver uma alma fantasma ou algo que lhe desse a sensação de uma. É um bom guia interior, a alma. Acho que você pode até perceber que ela não é fantasma: é de verdade.

– Já chega, Nessa. Não quero discutir meus testes espirituais com você.

– Por que você não fica aqui comigo, faz parte da minha equipe? E poderemos batizá-la – disse Nessarose com cordialidade.

– A água é muito dolorosa para mim, como você bem sabe, e não vou discutir isso outra vez. Não posso prometer obediência a nada Inominável. É tudo fingimento.

– Você está se condenando a uma vida de tristeza.

– Bem, estou acostumada a isso, então pelo menos nada vai me surpreender.

– Elfinha jogou seu guardanapo. – Não posso ficar aqui, Nessa. Não posso ajudá-la. Tenho minhas responsabilidades nos Vinkus, que você demonstrou pouco interesse em conhecer. Ah, claro, eu sei, uma revolução aconteceu e você é a nova primeira-ministra ou algo assim, com certeza tem o direito de estar confusa, dentre todas as pessoas. Aceite o fardo da liderança ou abra mão dele, mas o que quer que escolha, garanta que seja a sua opção, e não um acidente da história, um martírio predeterminado. Eu me preocupo com você, mas não posso ficar aqui e ser sua serviçal.

– Eu fui deselegante e sincera. Não espere que eu me lembre como ser irmã em tão pouco tempo...

– Você teve Casco para praticar todos esses anos – falou Elfaba com austeridade.

– É assim, vai se levantar e vai embora? – Nessarose também se levantou, daquele jeito sinuoso e deslocado dela. – Depois de anos de separação, temos três, quatro dias de reencontro e só?

– Fique bem – disse Elfinha e beijou a irmã nas bochechas. – Sei que você será uma boa Eminência enquanto quiser.

– Vou rezar pela sua alma – prometeu Nessarose.

– Vou esperar os seus sapatos.

Ao sair, Elfinha pensou em dizer adeus ao pai, mas desistiu. Ela já tinha dito a ele

tudo que conseguia. Eles tinham conspirado contra ela, do jeito claustrofóbico e amoroso das famílias, e ela queria mais.

Tomando a rota norte sobre as Madeleines, ela percebeu que passaria pelo lago Chorge. Decidiu parar um pouco ali, a cerca de meio caminho de casa, percebeu que estava de fato feliz por voltar. Ela caminhou lentamente pela margem do lago, procurando Capricho nos Pinhais, mas não conseguiu encontrá-lo em meio a tantas vilas de veraneio que tinham surgido ali desde aquela visita na sua juventude.

Mas não era o terreno visível que ela estava vendo de fato. Era o mundo como um todo. O caráter que ele parecia ter, como parecia se referir a si mesmo. Como Nessarose podia acreditar no Deus Inominável? Por trás de todo aspecto do mundo há outro aspecto do mundo. Em certo sentido, não era isso que o doutor Dillamond estudava? Ele tinha imaginado outra fundação real do mundo, defensável por provas e experimentos; ele havia descoberto como localizá-la. Mas ela não era uma visionária. Por trás do papel marmorizado azul e branco do lago, além da seda molhada do céu, Elfaba não via nada mais profundo.

Não sobre a matéria-prima da vida: a estrutura muscular das asas de anjos, a ação capilar envolvida em focalizar uma mira. Nem sobre os seguidores pegajosos do firmamento: não sobre o bem, se o Deus Inominável fosse bom. Nem sobre o mal, tampouco.

Mas quem era escravo de quem, na verdade? E como se poderia saber isso? Cada agente trabalhando em conluio e antagonismo – como o frio e o sol criando juntos uma ponta de gelo mortal... Será que o Mágico era um charlatão, uma fraude, um déspota apenas com poder humano e fracasso? Será que ele controlava as Adeptas (Nessarose e Glinda e uma terceira desconhecida, pois certamente não era Elfinha) ou Madame Morrorosa simplesmente atribuiu isso a ele para satisfazer seu ego evidente, seu apetite pela simulação de poder?

E a Madame Morrorosa? E Yackle? Será que havia uma conexão? Será que elas eram a mesma pessoa? Será que eram divindades cruéis, avatares de um poder das trevas? Será que eram lascas venenosas do corpo maligno da Bruxa Kumbria? Ou eram – sozinhas ou juntas – a velha Kumbria em si, ou algo que poderia ter sobrevivido desde a era heroica da mitologia até a época moderna amarga e limitada? Será que comandavam o Mágico, o sacudiam como uma marionete?

Quem é escravo de quem?

E, enquanto espera para aprender, a ponta de gelo mortal, formada por forças opostas, cai e enfia seu prego gelado na carne penetrável.

Ela deixou as margens cheias de pinheiros do lago Chorge em um estado de grande frustração e energia. Sem ter confiança para tomar decisões nos assuntos da hierarquia política ou teológica, ela sentiu um impulso de escavar as velhas anotações que tinha coletado do estúdio do doutor Dillamond no dia em que ele foi assassinado. Algo concreto sob seus dedos. Uma lente de aumento, uma faca cirúrgica, uma sonda esterilizada. Talvez agora ela tivesse idade suficiente para entender o que ele estava descobrindo. Ele era um essencialista unionista; ela era

uma atea principiante. Mas ela ainda poderia lucrar com o trabalho dele, depois de tanto tempo.

Os ventos a acompanharam até as encostas inferiores dos Grandes Kells. A partir dali, ela teve mais dificuldades, tanto para encontrar o caminho quanto para se manter sentada. Inúmeras vezes ela teve de descer, desmontar da vassoura e andar. Felizmente não estava muito frio, e ela encontrou pequenos grupos de nômades nos valões protegidos que a conduziam na direção certa. Ainda assim, levou duas semanas para voltar, mesmo com a ajuda da vassoura.

No fim da tarde, com o sol ainda quente e alto em comparação a seus hábitos de inverno, ela se esforçou para subir as últimas encostas, com Kiamo Ko erguendo seu negro perfil estreito sobre ela. Ela se sentiu como uma criança olhando para o chapéu de um cavaleiro muito alto. Para evitar a formalidade e a confusão, deu a volta na vila. Sem voar, isso seria quase impossível. A vassoura parecia estar sentindo o esforço. Ela parou no pomar, se encaminhou para a porta dos fundos e a encontrou aberta, o que significava que as irmãs estavam fora, colhendo flores ou alguma bobagem assim.

O local estava quieto. Ela pegou uma maçã madura do aparador e subiu os degraus da sua torre sem encontrar ninguém. Quando passou pelo quarto de Babá, mexeu na maçaneta e chamou:

– Babá?

– Ah – ouviu um gritinho –, você me assustou!

– Posso entrar?

– Só um minuto. – Ela ouviu o som de móveis sendo arrastados para longe da porta. – Bem, que gracinha, senhorita Elfaba! Saiu e nos deixou para sermos assassinados nas nossas camas, ou quase isso!

– Do que está falando? Deixe-me entrar.

– E sem dizer uma palavra. Você nos deixou apavorados de preocupação...

– O último móvel arranhou o chão, e Babá abriu a porta. – Sua ingrata e abominável! – Ela caiu pesada nos braços de Elfaba e começou a chorar.

– Por favor, já tive drama suficiente pelo resto da minha vida. Do que você está falando?

Levou um tempo para Babá se acalmar. Ela vasculhou a bolsa em busca de uns sais aromáticos, tirando frascos e sachês suficientes para abrir a própria farmácia. Havia frascos de vidro azul, caixas de pílulas claras, envelopes de pele de cobra com pós e pílulas e uma linda garrafa de vidro verde, com um rótulo velho e rasgado que dizia: ELIXIR MILAGR...

Ela tomou agentes calmantes e conseguiu respirar de novo.

– Bem, você sabe... minha querida... você percebeu, acho eu, que todo mundo desapareceu?

Elfaba fez uma careta, confusa. E com um medo súbito e crescente.

Babá respirou fundo.

– Não fique com raiva de Babá. Não é culpa de Babá. Aqueles soldados de repente decidiram que seus exercícios tinham terminado. Eu não sei, talvez Nor

tenha dito a eles que você foi embora? Ela nos disse; estava bisbilhotando, procurando a sua vassoura, e falou que você não estava aqui. Então ela deve ter falado com eles. Você sabe como eles eram bonzinhos com ela, como a adoravam. Os soldados vieram até a porta da frente e disseram que precisavam acompanhar a família toda, Sarima, as irmãs, Nor e Irji, até o acampamento deles, onde quer que seja isso. Eles não me quiseram e isso foi um insulto de fato. Falei isso para eles. Sarima perguntou por que, e o simpático comandante Cherrystone disse que era para a proteção deles. “No caso de um batalhão de guerra aparecer, não seria bom ter algum membro da família ainda governando por aqui, ou poderia haver um incidente sangrento”, falou ele.

– Aparecer? Um batalhão? Quando? – Elfinha bateu no peitoril da janela com a palma da mão.

– Estou tentando lhe dizer. Não era tão cedo, disseram; apenas um planejamento. Eles ficaram insistentes. Aqueles soldados dispersaram os camponeses da vila. Acho que não houve mortes, tudo pareceu muito humano, exceto pelas correntes. Só eu fui deixada para trás, por ser velha demais para marchar descendo uma montanha, e sem nenhuma relação com o povo daqui. Além disso, deixaram Liir, já que ele não era uma ameaça, e acho que eles passaram a gostar dele. Mas alguns dias depois Liir também desapareceu. Tenho certeza de que ele estava se sentindo solitário, e deve tê-los seguido até o acampamento.

– E ninguém protestou? – gritou Elfinha.

– Não grite comigo. É claro que eles protestaram. Bem, Sarima caiu sobre uma pilha, fingindo morrer, e Irji e Nor cuidaram dela. Mas as irmãs, aquele bando insípido, fizeram uma barricada na sala de jantar e atearam fogo na ala da capela, tentando chamar atenção, e Três amassou a mão do comandante Cherrystone com uma pedra de amolar. Aposto que quebrou todos os ossos do pulso dele. Cinco e Seis tocaram o sino, mas os pastores estão longe demais, e tudo aconteceu muito rápido. Dois escreveu mensagens e tentou amarrá-las aos pés dos seus corvos, mas eles não estavam livres, e ficaram bicando o peitoril outra vez, coisas inúteis. Quatro teve a ótima ideia de ferver óleo, mas não conseguiu fazer um fogo alto o suficiente. Ah, foi uma perseguição divertida aqui por um dia ou dois, mas é claro que os soldados venceram. Os homens sempre vencem.

Babá continuou com petulância:

– E todos achávamos que eles emboscariam você primeiro, para tirá-la do caminho. Você é a única eficiente aqui, todo mundo sabe disso. Todos pensam que você é uma Bruxa. Os aldeões me disseram que, se voltasse, você poderia entrar em contato com o vilarejo de Moinho Vermelho abaixo da barreira. Eles parecem achar que você pode resgatar a família real. Eu disse a eles que isso era uma ideia inapropriada, que você não se interessaria, mas prometi lhe dar a mensagem.

Elfaba andava a passos largos de um lado para o outro. Soltou o coque costureiro e sacudiu o cabelo, como se quisesse sacudir e afastar o que estava ouvindo.

– E Chistery? – perguntou ela por fim.

– Acovardado atrás do piano na sala de música, sem dúvida.

– Bem, isso é uma complicação.

Ela andou, sentou, coçou o queixo, chutou o pote da Babá e o quebrou.

– O que eu tenho? – murmurou ela. – Tenho a vassoura, as abelhas, o macaco e Mata Alegria. Ah! Eles machucaram Mata Alegria? Tenho Mata Alegria, os corvos, Babá, os aldeões, se não estiverem machucados. Tenho o Grimório questionável. Não é muita coisa.

– Não mesmo – concordou Babá, suspirando. – Destino, destino, eu digo.

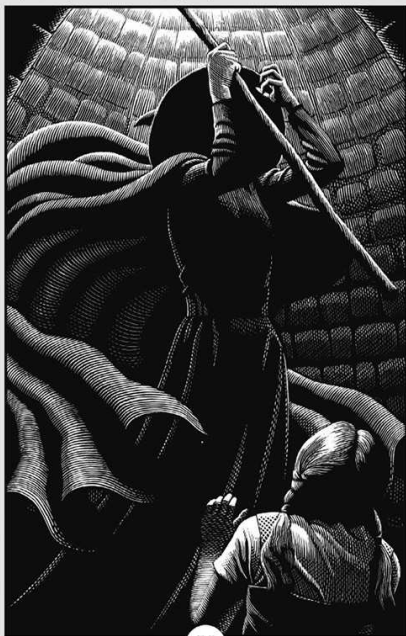
– Podemos trazê-los de volta. Vamos trazê-los.

– Conte com Babá, embora eu nunca tenha gostado daquelas irmãs, devo dizer.

Elfinha fechou os punhos e tentou se impedir de bater em si mesma.

– Liir também se foi. Vim aqui para pedir desculpas a Sarima e perdi Liir nessa história. Será que não presto para nada nesta vida?

Kiamo Ko estava mortalmente parado, exceto pela difícil respiração da velha Babá enquanto ela cochilava na cadeira de balanço. Mata Alegria batia o rabo no chão, feliz por ver sua dona. O céu estava amplo e incorrigível além das janelas. Elfaba também estava cansada, mas não conseguia dormir. Pois, de tempos em tempos, ela imaginava ouvir o som de água batendo nas laterais do poço de peixes, como se o lendário lago do subsolo estivesse se elevando para afogar todo mundo.



V

O assassinato e a vida após a morte

Em seguida, houve uma grande discussão sobre o que as pessoas achavam que era. O barulho parecia vir de todos os cantos do céu ao mesmo tempo.

Jornalistas, armados com a enciclopédia e as escrituras apocalípticas, folheavam tudo e eram derrotados. “Uma liquefação de ar desordenada e canalizada...”, “Um vulcão do invisível, construído nas trevas...”.

Para a alegria dos padres com afeições tiquetaqueantes, era o som de mecanismos de relógios desenrolando suas molas e girando a uma velocidade terrível. Era a liberação de uma energia de vingança.

Para os essencialistas, parecia que, de repente, o mundo tinha se tornado apinhado demais de vida, com células se dividindo aos bilhões, moléculas se desaparelhando até a aniquilação, átomos estremecendo e se destruindo em seus invólucros.

Para os supersticiosos, era o colapso do tempo. Era o escape dos males do mundo em um músculo crepuscular, com a intenção de golpear o mundo até sua essência de uma vez por todas.

Para os mais tradicionalmente religiosos, era o ataque relâmpago de exércitos de anjos vingadores, o terrível nome do Deus Inominável soando por fim – *surpresa* – e a evaporação de todas as esperanças de piedade.

Uma ou duas pessoas fingiram pensar que eram esquadrões de dragões voadores acima de suas cabeças, treinados para atacar, rompendo o céu de seus ancoradouros pela agitação de asas tripartidas.

No rastro de destruição que causava, ninguém tinha confiança nem coragem (ou a experiência anterior) para se deitar e reconhecer o ato de terror pelo que era: um vento retorcido em uma trança em redemoinho.

Em resumo: um tornado.

As vidas de muitos munchkins foram perdidas – junto com quilômetros quadrados de solo com centenas de anos de cultivo. As margens deslocadas de areia no deserto a leste cobriram diversas vilas sem deixar rastro, e não houve sobrevivente para contar a história de sofrimento. Girando como algo saído de um pesadelo, o funil de vento entrou em Oz a cinquenta quilômetros ao norte do Cume de Stonespar e contornou delicadamente ao redor de Solos de Colwen, levando cada pétala de rosa e deixando espinhos em seu lugar. O tornado fatiou a Cesta de Milho, destruindo a base da economia da nação renegada, e se exauriu, como se fosse projetado para isso, não apenas na ponta leste da praticamente extinta Estrada de Tijolos Amarelos, mas também no ponto exato – o vilarejo Centro de Munch – onde, do lado de fora de uma capela local, Nessarose estava distribuindo prêmios por comparecimento perfeito às aulas de educação religiosa. A tempestade derrubou uma casa na sua cabeça.

Todas as crianças sobreviveram para rezar pela alma de Nessarose no

funeral. O comparecimento perfeito nunca foi tão perfeito.

Naturalmente, surgiram muitas piadas sobre o desastre.

– Não se pode fugir do destino – disseram alguns –, aquela casa tinha o nome dela escrito.

– Essa Nessarose, ela estava fazendo um discurso tão bom sobre as lições religiosas que acabou derrubando a casa!

– Todo mundo precisa crescer e deixar a casa às vezes, mas às vezes A CASA NÃO GOSTA DISSO.

– Qual é a diferença entre uma estrela cadente e uma casa em queda?

– Aquele que é propício garante desejos deliciosos, aquele que é cruel amassa bruxas.

– O que é o que é: grande, grosso, faz a terra se mover e quer alguma coisa com você?

– Não sei, mas pode me apresentar?

Um redemoinho desses nunca tinha sido visto em Oz. Diversos grupos terroristas assumiram a realização, especialmente quando a notícia se espalhou dizendo que a Bruxa Má do Leste – também conhecida como Eminente Thropp, dependendo de sua orientação política – tinha sido destruída. No início, não foi compreendido que a casa tinha passageiros. A mera presença de uma casa com projeto exótico, que desceu quase intacta sobre a plataforma erguida para os dignitários visitantes, já era um exagero de credulidade. Aquelas criaturas terem sobrevivido a essa queda era inacreditável ou uma clara indicação da mão do Deus Inominável no assunto. Previsivelmente, houve algumas pessoas cegas que gritaram “Eu posso ver!”, um Porco aleijado que se levantou e dançou uma giga, só para ser conduzido – esse tipo de coisas. A garota alienígena, Dorothy, foi, por virtude de sua sobrevivência, elevada à santidade em vida. O cachorro era apenas incômodo.

Quando a notícia da morte prematura de Nessarose chegou a Kiamo Ko pelo pombo-correio, a Bruxa estava mergulhada em uma operação, costurando as asas de uma águia macho de crista branca nos músculos das costas de sua criação atual de macacos da neve. Ela tinha meio que aperfeiçoado o procedimento, depois de anos de fracassos danificados e abomináveis, quando a morte por piedade parecia a única coisa justa a fazer com o sujeito sofredor. Os velhos livros de escola de Fiyero sobre ciências naturais, do curso do doutor Nikidik, deram algumas dicas. O Grimório também ajudou, se é que ela estava lendo corretamente, pois havia encontrado feitiços para convencer os nervos axiais a pensarem em direção ao céu, em vez de em direção às árvores. E, depois que ela acertou, os macacos alados pareciam felizes o suficiente com seu grupo. Ela ainda não tinha visto uma fêmea da população gerar um bebê alado, mas estava ansiosa por isso.

Eles certamente eram melhores em voar do que na linguagem. Chistery, agora um patriarca no zoológico do castelo, tinha dominado as palavras de uma sílaba e ainda não parecia ter a menor ideia do que estava dizendo.

Na verdade, foi Chistery quem trouxe a carta do pombo para o salão de operações de Elfaba. A Bruxa o fez segurar o corte da fâscia enquanto ela desdobrava o papel. A breve mensagem de Casco contava do tornado e informava sobre o funeral, que estava marcado para várias semanas depois, na esperança de que ela recebesse a mensagem a tempo de comparecer.

Ela largou a mensagem e voltou a trabalhar, afastando o luto e o arrependimento. Era um negócio complicado, costurar asas, e o sedativo que ela havia administrado ao macaco não duraria a manhã toda.

– Chistery, é hora de ajudar Babá a descer, e encontre Liir se conseguir. Diga que eu quero falar com ele no almoço – falou ela, através dos dentes cerrados, olhando de novo os diagramas para ter certeza de que a sobreposição dos grupos musculares estava na ordem correta: da frente para trás.

Era uma conquista Babá conseguir chegar à sala de jantar uma vez por dia.

– Esse é o meu trabalho, esse e dormir, e Babá faz as duas coisas muito bem – dizia ela todo dia ao meio-dia, quando chegava, faminta por causa dos exercícios na escada. Liir colocava o queijo, o pão e a ocasional carne assada fria, que os três cortavam e mordiscavam, normalmente de um jeito nada social, antes de partirem para suas tarefas da tarde.

Liir estava com 14 anos e insistia em acompanhar a Bruxa até Solos de Colwen.

– Eu nunca fui a lugar nenhum, exceto naquela vez com os soldados – reclamou ele. – Você nunca me deixa fazer nada.

– Alguém tem que ficar e cuidar de Babá – repreendeu a Bruxa. – Não faz

sentido argumentar sobre isso.

– Chistery pode cuidar dela.

– Não, ele não pode. Ele está ficando esquecido, e ele e Babá ateariam fogo ao local. Não, chega de discussão sobre o assunto, Liir; você não vai. Além do mais, terei que viajar na minha vassoura, acho, para chegar lá a tempo.

– Você nunca me deixa fazer nada.

– Pode fazer a faxina.

– Você entendeu o que eu quero dizer.

– Sobre o que ele está discutindo agora, queridinha? – perguntou Babá em voz muito alta.

– Nada – respondeu a Bruxa.

– O que foi que você disse?

– Nada.

– Você não vai contar a ela? Ela ajudou a criar Nessarose, não foi?

– Ela está velha demais, não precisa saber. Ela tem 85 anos, isso só vai perturbá-la.

– Babá, Nessa está morta.

– Shhhh, seu garoto inútil, antes que eu arranque seus testículos com o meu pé.

– Nessa fez o quê? – grunhiu Babá, olhando para os dois.

– Morreu morta morrida.

– Fez o quê?

– Nessa MORREU – enfatizou Liir.

Babá começou a chorar ao pensar na ideia antes mesmo de confirmar.

– Isso é verdade, Elfinha? Sua irmã está morta?

– Liir, você vai me pagar por isso. Sim, Babá, não posso mentir para você.

Houve uma tempestade e um prédio caiu. Ela morreu em paz, é o que dizem.

– Ela foi direto para o seio de Lurlina – disse Babá, soluçando. – A carruagem de ouro de Lurlina veio levá-la para casa. – Ela deu tapinhas no pedaço de queijo no prato. Depois passou manteiga num guardanapo e deu uma mordida. – Quando partimos para o funeral?

– Você está velha demais para viajar, querida. Vou daqui a uns dias. Liir vai ficar e cuidar de você.

– Não vou – disse Liir.

– Ele é um bom garoto, mas não tão bom quanto Nessarose. Ah, que dia triste! Liir, vou levar meu chá para o quarto, não posso ficar sentada e conversar com vocês como se nada tivesse acontecido. – Ela se ergueu e ficou de pé, recostando na cabeça de Chistery. (Chistery era muito dedicado a ela.) – Você sabe, querida, acho que o menino não tem idade suficiente para cuidar de mim. E se o castelo for atacado de novo? Lembre-se do que aconteceu na última vez em que você partiu. – Ela fez uma leve careta acusadora.

– Babá, a milícia arjiki protege este lugar dia e noite. O exército do Mágico está bem guardado na cidade de Moinho Vermelho lá embaixo. Eles não têm intenção de sair daquele porto seguro e arriscar a dizimação nessas passagens das montanhas, não depois do que eles fizeram. Aquela era a luta deles, aquela era a campanha deles. Agora eles são apenas cães de guarda. Eles ocupam o posto

avancado para relatar sinais de uma invasão ou confusão nos clãs da montanha. Sabe disso. Você não tem nada a temer.

– Estou velha demais para ser levada em correntes como a pobre Sarima e sua família. E como você poderia me resgatar, se não consegue trazê-los de volta?

– Estou me preparando para isso – disse a Bruxa na orelha esquerda da Babá.

– Sete anos. Você é muito teimosa. Minha opinião é que eles estão todos morrendo numa cova comum, nesses longos sete anos. Liir, você deve agradecer a Lurlina por não estar com eles.

– Eu tentei resgatá-los – disse Liir com teimosia, que tinha reescrito a escapada na própria mente para dar a si mesmo um papel mais heroico. Ele não queria a companhia dos soldados, disse ele a si mesmo, era um esforço corajoso para salvar a família! Na verdade, o comandante Cherrystone, por amizade, tinha amarrado Liir e o deixado em um saco no celeiro de alguém, para evitar ter de encarcerá-lo com os outros. O comandante não tinha percebido que Liir era um filho bastardo de Fiyero, pois Liir também não sabia.

– Bem, você é um bom garoto. – Babá agora estava distraída das notícias ruins, voltando à tragédia da qual ela se lembrava mais visceralmente. – Claro que fiz tudo que podia, mas Babá era uma velha já naquela época. Elfinha, você acha que eles estão mortos?

– Não consegui descobrir nada – respondeu a Bruxa pela milésima vez. – Se eles foram levados para a Cidade das Esmeraldas ou se foram assassinados, não sei dizer. Você sabe disso, Babá. Subornei pessoas. Espionei por aí. Contratei agentes para seguir todas as pistas. Escrevi para a princesa Nastoya dos scrows para receber conselhos. Passei um ano seguindo todas as pistas inúteis. Você sabe disso. Não me torture com a lembrança do meu fracasso.

– Foi meu fracasso, tenho certeza – disse Babá em paz; todos eles sabiam que ela não achava isso nem por um minuto. – Eu devia ser mais jovem e mais vigorosa. Eu teria dado uma lição naquele comandante Cherrystone! E agora Sarima se foi, e suas irmãs também. Acho que não é culpa de ninguém, na verdade – concluiu ela de um jeito dissimulado, olhando de cara feia para a Bruxa. – Você tinha um lugar para ir, e foi; quem pode criticá-la por isso?

Mas a imagem de Sarima acorrentada, como um cadáver em decomposição, ainda recusando à Bruxa o perdão pela morte de Fiyero, provocou-lhe dor como a água.

– Desista, sua megera velha, será que meu próprio lar vai me castigar? Vá beber seu chá, sua demônia.

A Bruxa se sentou por fim, pensou em Nessarose e no que estava por vir. Tinha tentado ficar longe dos assuntos no mundo político, mas sabia que uma mudança na liderança de Munchkinlândia poderia desequilibrar as coisas – talvez com um efeito positivo. Ela sentiu uma alegria culpada pela morte da irmã.

Fez uma lista das coisas que deveria levar para o funeral. O principal era uma página do Grimório. Em seus aposentos, ela se aprofundou no enorme tomo embolorado e arrancou uma página enigmática. Suas letras ainda continuavam se embolando sob seus olhos, às vezes se misturando e desmisturando enquanto

ela olhava, como se fossem formadas por uma colônia de formigas. Sempre que ela olhava o livro, o significado podia surgir de uma página que um dia antes era apenas marcas de pés de galinha ilegíveis; e o significado às vezes desaparecia enquanto ela olhava. Ela pediria ao pai, que, com olhos sagrados, veria melhor a verdade.

Solos de Colwen estava embalada em cortinas pretas e galhardetes roxos. Quando a Bruxa chegou, foi recebida por um comitê de um homem nada acolhedor, um munchkin barbado chamado Nipp, que parecia ser porteiro, zelador e agia como primeiro-ministro.

– Sua linhagem não lhe permite mais liberdades especiais em Munchkinlândia – disseram a ela. – Com a morte de Nessarose, o título de honra de Eminência finalmente foi abolido.

A Bruxa não se importava, mas não iria aceitar um pronunciamento unilateral sem retrucar.

– Será abolido quando eu aceitar que foi abolido.

Não que o título de honra tivesse sido muito usado nos últimos anos; de acordo com a carta irregular ocasional de Frex, Nessarose começou a ficar encantada com a expressão “Bruxa Má do Leste” e considerava uma penitência pública digna de uma pessoa com tamanha posição moral. Ela até passou a se chamar dessa forma.

Nipp a conduziu até o quarto.

– Não preciso de muita coisa – disse a Bruxa Má do Oeste (como, em contraste, ela se permitia ser chamada, no mínimo pelos novos ricos munchkins). – Uma cama para alguns dias, e eu gostaria de ver meu pai e comparecer ao funeral. Vou pegar algumas coisas e partir em breve. Agora, você sabe se nosso irmão, Casco, estará aqui?

– Casco desapareceu de novo – respondeu Nipp. – Ele deixou seus sentimentos. Está participando de uma missão no Glikkus, que não pode esperar. Alguns de nós acham que ele está desertando, preocupado com uma mudança no governo aqui, agora que a tirana está morta. Assim como ele pode estar – acrescentou com frieza. – Você tem toalhas limpas?

– Não uso toalhas, está tudo bem. Agora, saia. – Ela estava muito cansada e triste.

Aos 63 anos, Frex estava ainda mais careca, e sua barba mais branca, do que da última vez. Os ombros estavam encurvados, como se quisessem encontrar um ao outro, a cabeça afundou em uma cavidade natural formada pela coluna e o pescoço deteriorados. Ele estava sentado coberto por um lençol na varanda.

– E quem é você? – indagou quando a Bruxa se aproximou e se sentou perto dele. Ela percebeu que a visão dele tinha quase sumido de vez.

– Sou sua outra filha, papai, a que sobrou.

– Fabala – cumprimentou ele –, o que farei sem minha linda Nessarose? Como vou viver sem minha bichinha?

Ela segurou a mão do pai até ele dormir, e secou suas lágrimas, embora elas lhe queimassem a mão.

Os munchkins livres estavam destruindo a casa. A Bruxa não tinha utilidade para a ostentação, mas parecia uma pena desperdiçar uma propriedade dessa maneira. A profanação era tão tacanha; será que eles não sabiam que, como quer que eles escolhessem viver, Solos de Colwen poderia ser o prédio de seu parlamento?

Ela passava um tempo com o pai, mas eles não conversavam muito. Certa manhã, quando ele estava mais alerta e disposto do que o normal, perguntou se ela realmente era uma bruxa.

– Bem, o que é uma bruxa? Quem jamais confiou na linguagem nesta família? – retrucou ela. – Pai, você pode olhar uma coisa para mim? E pode me dizer o que está vendo?

Ela tirou de um bolso interno a página do Grimório e a desdobrou como um grande guardanapo sobre o colo dele. Ele passou as mãos, como se conseguisse entender o significado na ponta dos dedos, e depois a segurou mais perto, espiando e forçando a visão.

– O que você vê? – indagou ela. – Pode me dizer a natureza dessa escrita? É para o bem ou para o mal?

– As marcas são bem nítidas e grandes. Devo ser capaz de entender. – Ele virou de cabeça para baixo. – Mas, pequena Fabala, não consigo ler este alfabeto. É um idioma estrangeiro. Você consegue?

– Bem, às vezes eu pareço conseguir, mas o talento é fugaz. Não sei se são meus olhos ou se é o manuscrito que está sendo ardiloso.

– Você sempre teve olhos fortes – disse o pai. – Ainda bebê você via coisas que ninguém mais via.

– Há – disse ela. – Não sei o que quer dizer.

– Você tinha um espelho que o doce Coração de Tartaruga fez pra você, e às vezes olhava para ele como se conseguisse ver outros mundos.

– Eu devia olhar para mim mesma.

Mas ambos sabiam que não era verdade, e Frex, pela primeira vez, falou no assunto.

– Você não olhava para si mesma, odiava isso. Odiava sua pele, suas feições angulosas, seus olhos estranhos.

– Onde foi que eu aprendi esse ódio?

– Você nasceu com ele. Era uma maldição. Você nasceu para amaldiçoar a minha vida. – Ele deu um tapinha na mão dela com afeto, como se não quisesse dizer muita coisa com isso. – Quando você perdeu seus dentes de leite esquisitos, e seus dentes definitivos nasceram normais, todos relaxamos um pouco. Mas nos primeiros dois anos, até Nessarose nascer, você era uma pequena besta. Só quando a santificada Nessarose nos foi entregue, ainda mais marcada, é que você se acalmou como uma criança normal.

– Por que eu fui amaldiçoada para ser diferente? Você é um homem religioso, deve saber.

– Você é culpa minha – respondeu ele. Apesar de suas palavras, ele de

alguma forma estava jogando a culpa nela e não em si mesmo, embora ela ainda não fosse esperta o suficiente para saber como isso era feito. – Como fracassei no que devia fazer, você nasceu para me importunar. Mas não se preocupe com isso agora, isso já faz muito tempo.

– E Nessarose? – perguntou ela. – De que maneira os pesos e as balanças da vergonha e da culpa são calculados para ela?

– Ela é um retrato da moral frouxa da sua mãe – disse Frex com calma.

– E era por isso que você a amava tanto – comentou a Bruxa. – Porque a fragilidade humana dela não era sua culpa.

– Não se irrite tanto, você sempre se irritou. E agora ela está morta, então o que importa?

– Minha vida ainda continua.

– Mas a minha está terminando – respondeu ele com tristeza.

Então ela soltou a mão dele e o beijou com carinho, dobrando a página do Grimório e colocando-a no bolso. Depois ela se virou para cumprimentar a pessoa que se aproximava deles atravessando o gramado. Ela achava que era alguém com chá (Frex ainda tinha o privilégio de ser servido, devido à idade e à delicadeza – e, ela supôs, à sua vocação), mas ela se levantou e abaixou a frente da saia preta simples quando viu quem era.

– Senhorita Glinda dos Arduennas – falou Elfaba, o coração vibrando.

– Ah, você veio, eu sabia que você viria – disse Glinda. – Senhorita Elfaba, a última verdadeira Eminente Thropp, não importa o que digam!

Glinda se aproximou devagar, por causa da idade ou da timidez, ou porque seu vestido ridículo pesava tanto que era difícil ela conseguir energia para caminhar. Ela parecia um enorme arbusto de Glindaberry, era tudo que a Bruxa conseguia pensar; sob aquela saia devia haver uma anquinha do tamanho do domo de São Florix. Havia lantejoulas e adereços e um tipo de História de Oz, parecia, costurados em seis ou sete painéis ovoides ao redor da saia toda. Mas seu rosto, por baixo da pele cheia de pó, as rugas nas pálpebras e na boca, era o rosto da menina tímida de Colinas de Perth.

– Você não mudou nada – comentou Glinda. – É o seu pai?

A Bruxa fez que sim com a cabeça, mas pediu para ela se calar; Frex havia dormido de novo.

– Venha, vamos caminhar nos jardins antes que eles arranquem as rosas por alguma tentativa de erradicar a injustiça. – A Bruxa pegou o braço de Glinda. – Glinda, você está horrível nessa roupa. Achei que você teria desenvolvido um bom senso, a esta altura.

– Quando se está na província, é importante mostrar a eles um pouco de estilo. Não acho que seja tão feio. Ou os sinos de cetim nos ombros estão um pouco demais?

– Excessivos. Alguém, por favor, pegue uma tesoura; isso é um desastre.

Elas riram.

– Minha querida, o que eles fizeram com este maravilhoso local antigo? – indagou Glinda. – Olhe, aqueles frontões são para apoiar urnas de sepultamento, e aqueles slogans revolucionários estão pintados por todo aquele belvedere refinado. Espero que você faça alguma coisa, Elfinha. Não existe um belvedere

como esse fora da capital.

– Eu nunca tive o amor que você tem pela arquitetura, Glinda. Acabei de ler o slogan “Ela pisou em todos nós”. Por que eles não deveriam pintar todo o belvedere dela? Se ela de fato pisou em todos eles?

– Tiranos vão e vêm, belvederes são eternos – explicou Glinda. – Posso recomendar restauradores de primeira linha no instante em que quiser.

– Ouvi dizer que você foi a primeira a aparecer na cena – disse a Bruxa –, quando Nessarose morreu. Como isso aconteceu?

– Sir Chuffrey, meu maridinho, tem uns investimentos em ações futuras de carne de porco, sabe, e a Munchkinlândia está tentando diversificar sua base econômica para não ficar à mercê dos bancos gillikins e da Bolsa de Milho da Cidade das Esmeraldas. Nunca se sabe que relacionamento pode se desenvolver entre a Munchkinlândia e o resto de Oz, então é melhor estar preparado. Portanto, nos lugares em que Sir Chuffrey faz negócios, eu faço o bem. É uma parceria criada no céu. Você sabe que tenho mais dinheiro do que posso dar? – Ela deu um risinho e apertou o braço da Bruxa. – Eu nunca imaginei que fazer caridade pública provocasse uma empolgação tão grande.

– Então você estava em Munchkinlândia...?

– Sim, eu estive em um orfanato nas margens de Mossmere, e por uma travessura eu queria ir ao parque de jogos, porque agora eles têm dragões lá, e nunca vi um dragão, e então eu estava a uns vinte quilômetros de distância quando a tempestade chegou. Houve ventos terríveis; não consigo imaginar como uma cerimônia podia estar acontecendo no Centro de Munch. Em Mossmere, seções inteiras do parque ficaram fechadas para visitantes por medo de árvores caírem e Animais se soltarem...

– Ah, então eles chamam de parque de jogos, com Animais? – indagou a Bruxa.

– Você precisar ir lá, querida, é uma diversão. Bem, como eu estava dizendo, a casa veio do nada, e suponho que, se eles percebessem uma tempestade tão forte, teriam cancelado o evento e corrido para se abrigar. De qualquer maneira, o sistema de notícias está muito avançado hoje em dia em partes da Munchkinlândia; a própria Nessarose supervisionou um sistema de faróis e sinais de código tiquetaqueantes para alertar sobre invasões do Mágico e em pontos do oeste. Então era uma questão de minutos até a notícia chegar por todos os lados. Eu sequestrei uma Fênix Madura e pedi a ela que me levasse ao Centro de Munch, e cheguei antes que a maioria dos locais sequer tivesse percebido o que os atingiu.

– Nem me fale – disse a Bruxa.

– Você vai ficar feliz de saber que não houve sangue. Ouso dizer que houve enormes feridas internas, mas não sangue. É claro que os últimos poucos seguidores devotos de Nessarose acharam que isso significava que o espírito dela foi levado intacto, e que ela sofreu pouco. Não imagino que ela tenha sofrido muito, não com aquele tipo de golpe na cabeça. Seus seguidores mais infelizes, que eram em maior número, acharam que era um ato ridículo de Lurlina, libertando-os do tipo específico de ligação fundamentalista de Nessarose. Houve uma farra quando eu cheguei, e uma grande festa para a garota engraçada e o

cachorro que pareciam viver na casa.

– Ah, quem são esses? – indagou a Bruxa, que não sabia dessa parte.

– Bem, você sabe como os munchkins fazem reverência por mais que tenham inclinações democráticas. Assim que eu cheguei eles fizeram uma reverência para mim, me apresentando como uma bruxa. Tentei corrigi-los, pois uma feiteira é de fato muito mais capaz, mas não importa. Certamente foi a roupa que os intimidou. Eu estava usando uma fantasia rosa-salmão naquele dia, e me caía muito bem.

– Continue – pediu a Bruxa, que nunca gostava de falar sobre roupas.

– Bem, a menina se apresentou: Dorothy do Kansas. Eu não conhecia o lugar, e disse isso. Ela parecia muito mais surpresa do que todo mundo com o que tinha acontecido, e tinha um cachorrinho irritante aos seus pés. Tatá ou Totó ou algo assim. Totó. Então essa Dorothy estava meio que em estado de choque, posso lhe dizer. Uma garotinha simples com pouco senso de moda, mas acho que isso só aparece mais tarde na vida de algumas pessoas. – Ela olhou de soslaio para a Bruxa. – Muito mais tarde, em alguns casos. – E as duas deram risadinhas. – Dorothy achou que deveria tentar voltar para casa, mas, como ela não se lembrava de ter estudado nada sobre Oz na escola, nem eu me lembrava de um lugar chamado Kansas, decidimos que ela deveria buscar ajuda em outro lugar. Os munchkins volúveis pareciam prontos para nomeá-la como sucessora de Nessa, o que teria irritado Nipp e todos aqueles ministros em Solos de Colwen, que passaram suas carreiras disputando o cargo quando e se Nessarose resolvesse morrer. Além do mais, pode haver outras tramas em ação. Dorothy pode ter atrapalhado.

– Um olhar para os assuntos públicos, bem, de alguma forma, não estou surpresa – disse a Bruxa, na verdade quase feliz – Eu sempre soube que você estava aí dentro em algum lugar, Glinda.

– Bem, achei que a melhor solução era tirar Dorothy da Munchkinlândia antes que uma guerra civil destruísse este lugar ainda mais. Existem facções, você sabe, que apoiam a reincorporação da Munchkinlândia a Oz. Não faria nenhum bem à menina ser pega no fogo cruzado de interesses opostos.

– Ah, então ela não está aqui – comentou a Bruxa. – Achei que ia conhecê-la.

– Dorothy? Você não vai atacá-la, vai? – indagou Glinda. – É uma criança, de verdade. Grande pelos padrões munchkins, claro, mas uma coisinha esquelética mesmo assim. Ela é inocente, Elfinha; posso ver pelo brilho nos seus olhos que você está com a velha paranoia outra vez. Ela não estava pilotando aquela casa, sabe, ela estava presa nela. Essa é uma luta que você deveria deixar de lado.

A Bruxa suspirou.

– Você pode estar certa. Sabe, estou me acostumando com músculos rígidos de manhã. Às vezes eu acho que a vingança também forma hábitos. Uma rigidez na atitude. Fico desejando que o Mágico seja destronado durante a minha vida, e essa meta parece estar em conflito com a felicidade. Acho que não posso vingar a morte de uma irmã com quem eu nem me dava tão bem assim.

– Especialmente se a morte foi um acidente.

– Glinda, sei que você deve se lembrar de Fiyero, e soube da morte dele.

Quinze anos atrás.

– Claro – respondeu ela. – Bem, eu ouvi dizer que ele tinha morrido em circunstâncias misteriosas.

– Conheci a esposa e as cunhadas dele. Certa vez me sugeriram que ele teve um caso com você na Cidade das Esmeraldas.

Glinda ficou rosa-amarelo.

– Minha querida, eu adorava Fiyero, ele era um bom homem e um ótimo líder. Mas, entre outras coisas, você se lembra que ele tinha a pele escura. Mesmo que eu fosse de namoricos, uma inclinação que eu acredito raramente beneficiar alguém, você mais uma vez está sendo desconfiada e maldosa de suspeitar de mim e Fiyero! Que ideia!

E a Bruxa percebeu, afundando, que isso era verdade, claro; a horrível habilidade de esnobar tinha voltado a Glinda na meia-idade.

Mas, por seu lado, Glinda não teve uma pista real de que a Bruxa estava envolvendo como amante de Fiyero. Glinda estava confusa demais para ouvir com tanta precisão. A Bruxa, na verdade, a assustou um pouco. Não era apenas a novidade de vê-la outra vez, mas o estranho carisma que Elfaba tinha, que sempre colocava Glinda nas sombras. Também havia a empolgação, com base indeterminada, que tornava Glinda tímida, a fazia acelerar as palavras e falar em um falsete como uma adolescente. Ah, a rapidez com que se podia ser jogado de volta para a terrível incerteza da juventude!

Pois, quando ela decidia se lembrar da juventude, mal conseguia desencavar um grama de lembrança sobre aquela reunião ousada com o Mágico. Ela se lembrava com muito mais clareza de como ela e Elfina tinham compartilhado uma cama na estrada para a Cidade das Esmeraldas. Como isso a fez se sentir corajosa, e também muito vulnerável.

Elas caminharam por uma trilha em um silêncio inquieto.

– As coisas podem começar a melhorar agora – disse a Bruxa depois de um tempo. – Quero dizer, a Munchkinlândia vai ficar uma bagunça por um tempo. Um tirano é algo terrível, mas pelo menos impõe a ordem. A anarquia que se segue à deposição de um tirano pode ser mais sangrenta do que antes. Ainda assim, as coisas podem correr bem. Papai sempre disse que, sem comando, os munchkins tinham muito bom senso. E Nessa era, para todos os propósitos práticos, uma estrangeira. Ela foi criada na província de Quadling e pode ter sido metade quadling, o que descobri faz pouco tempo. Ela era uma rainha estrangeira neste solo, apesar de seu título herdado. Com o sumiço dela, os munchkins podem simplesmente se acertar.

– Abençoada seja a alma dela. Ou você ainda não acredita em alma?

– Não posso fazer comentários sobre as almas dos outros.

Elas caminharam um pouco mais. Aqui e ali a Bruxa viu, como antes, o talismã de espantinho preso às túnicas e erguido como efígies nos cantos dos campos.

– Mais uma coisa que eu quero lhe perguntar; perguntei isso a Nessa uma vez. Você se lembra de Madame Morrorosa nos encurralando na sala dela e propondo que nos tornássemos três Adeptas, três altas bruxas de Oz? Um tipo de sacerdotisa local secreta, moldando a política pública por baixo dos panos,

contribuindo para a estabilidade, ou instabilidade, de Oz conforme solicitado por uma autoridade superior inominada?

– Ah, essa farsa, esse melodrama, como eu poderia me esquecer?

– Será que fomos enfeitadas naquele dia? Você se lembra de ela dizer que não podíamos falar sobre o assunto, e parecia mesmo que não conseguíamos?

– Bem, estamos falando sobre o assunto agora, então, se havia alguma verdade nisso, o que eu duvido, certamente já se esgotou.

– Mas olhe o que aconteceu conosco. Nessarose era a Bruxa Má do Leste, você sabe que a chamavam assim, não finja estar tão chocada. E eu tenho uma fortaleza no Oeste, e pareço ter reunido os arjiks ao meu redor, devido à ausência da família governante. E aí está você, sentada linda no Norte com suas contas bancárias e suas habilidades lendárias de feitiçaria.

– Lendárias nada; só me faço ser admirada nos círculos certos. Agora, minha memória é tão boa quanto a sua. E Madame Morrorosa propôs que eu fosse uma Adepta de Gillikin, mas que você fosse uma Adepta de Munchkinlândia e Nessa fosse uma Adepta da província de Quadling. Ela não se preocupou com os Vinkus. Se ela estava vendo o futuro, entendeu errado. Ela errou muito com as previsões para você e Nessa.

– Esqueça os detalhes – disse a Bruxa com sarcasmo. – Quero dizer, Glinda, é possível que estejamos vivendo todas as nossas vidas adultas sob o encanto de alguém? Como podemos saber se somos peões do jogo mais secreto de alguém? Eu sei, eu sei, estou vendo no seu rosto: “Elfinha, você está inventando teorias da conspiração de novo. Mas você estava lá.” Você ouviu o mesmo que eu. Como você sabe que sua vida não é controlada pelos cabos de uma magia maligna?

– Bem, eu rezo muito, não é terrivelmente genuíno, admito, mas eu tento. Acho que o Deus Inominável teria piedade de mim e me daria o benefício da dúvida, e me libertaria de um encanto se eu acidentalmente ficasse sob um. Não acha? Ou você ainda é muito atea?

– Eu sempre me senti um peão. A cor da minha pele é uma maldição, meus pais missionários me fizeram sóbria e intensa, minha época na faculdade me fez lutar contra os crimes políticos contra os Animais, minha vida amorosa implodiu e meu amante morreu e, se tive alguma realização de vida minha, ainda não a descobri, exceto na criação de animais, se é que se pode chamar assim.

– Eu não sou um peão. Aceito todo o crédito no mundo pela minha própria tolice. Minha nossa, querida, tudo na vida é um encanto. Você sabe disso. Mas tem alguma escolha.

– Bem, eu duvido.

Elas continuaram caminhando. Havia grafites nas laterais das bases de granito das estátuas: AGORA O SAPATO ESTÁ NO OUTRO PÉ. Glinda soltou um muxoxo.

– Criação de animais? – indagou.

Elas cruzaram uma pequena ponte. Pássaros azuis cantarolavam acima delas como uma diversão sentimental.

– Eu enviei essa Dorothy, essa menina, para a Cidade das Esmeraldas. Disse a ela que eu nunca tinha visto o Mágico... bem, tive que mentir, não me olhe assim; se eu dissesse a verdade sobre ele, ela nunca teria saído daqui. Falei para

ela pedir a ele para enviá-la para casa. Com esses espíões de reconhecimento em Oz e sem dúvida em outros lugares, ele já ouviu falar do Kansas, tenho certeza. Ninguém mais ouviu.

– Isso foi uma coisa cruel – comentou a Bruxa.

– Ela é uma menina tão inofensiva, ninguém vai levá-la a sério – disse Glinda negligente. – Se os munchkins começassem a se reunir ao redor dela, a reunificação poderia ser um assunto muito mais sangrento do que queremos que seja.

– Então você deseja a reunificação? – resmungou a Bruxa, enojada. – Você a apoia?

– Além do mais – continuou Glinda alegremente –, tendo um instinto maternal em algum lugar desse meu seio exagerado, eu dei a ela os sapatos de Nessa como um tipo de proteção.

– Você o quê? – A Bruxa girou e encarou Glinda. Por um instante, ela ficou muda de raiva, mas só por um instante. – Ela não apenas vem voando do céu e joga sua casa desajeitada sobre minha irmã, como também fica com os sapatos dela? Glinda, aqueles sapatos não eram seus para você dar a alguém! Meu pai os fez para ela! E, além disso, Nessa prometeu que eu poderia ficar com eles quando ela morresse!

– Ah, sim – disse Glinda com uma falsa calma, avaliando a Bruxa de cima a baixo –, e eles seriam o acessório perfeito para essa roupinha fora de moda que você está usando. Vamos lá, Elfinha, desde quando se importa com sapatos, entre todas as coisas? Olhe para esses coturnos de exército que você está usando!

– Se eu vou usá-los não é da sua conta. Você não pode sair dando os pertences de uma pessoa assim, que direito você tinha? Papai reformou aqueles sapatos com habilidades que ele aprendeu com Coração de Tartaruga. Você enfiou sua varinha mágica onde não era solicitada!

– Devo lhe lembrar – comentou Glinda – que aqueles sapatos estavam desmanchando até eu mandar recolocar as solas, e eu os envolvi com um encanto de aprisionamento meu. Nem seu pai nem você fez tanto por ela. Elfinha, fiquei ao lado dela quando você a abandonou em Shiz. Assim como você me abandonou. Você fez isso, não negue, pare de lançar esses olhares de raio contra mim, não vou aceitar isso. Eu me tornei a irmã substituta dela. E, como velha amiga, dei a ela o poder de ficar de pé sozinha com aqueles sapatos, e se cometi um erro, sinto muito, Elfinha, mas ainda sinto que eles eram mais meus do que seus.

– Bem, eu os quero de volta.

– Ah, esqueça isso, são apenas sapatos, você está se comportando como se fossem relíquias sagradas. Eram apenas sapatos, e um pouco fora de moda, para dizer a verdade. Deixe a garota ficar com eles. Ela não tem mais nada.

– Olhe o que as pessoas aqui pensavam deles. – Ela apontou para um estábulo no qual estava rabiscado, em grandes letras vermelhas: *PISE EM VOCÊ, SUA BRUXA VELHA*.

– Por favor, dê um descanso a essa história – pediu Glinda –, sinto que estou ficando com dor de cabeça.

– Onde ela está? – indagou a Bruxa. – Se você não vai recuperá-los, eu pego

sozinha.

– Se soubesse que você os queria – disse Glinda, tentando acertar as coisas –, eu os teria guardado para você. Mas tem que entender, Elfinha, que os sapatos não podiam ficar aqui. Os munchkins pagãos ignorantes, lurlinistas, todos eles, se esfregarmos a superfície, tinham dado crédito demais àqueles sapatos idiotas. Quero dizer, eu poderia entender se fosse uma espada mágica, mas sapatos? Por favor. Eu tinha que tirá-los daqui.

– Você está trabalhando em conluio com o Mágico para deixar a Munchkinlândia pronta para a incorporação. Você não tem intenção de fazer caridade, Glinda. Pelo menos não engane a si mesma. Ou está mesmo sob um encanto enferrujado da Madame Morrorosa, depois de todo esse tempo?

– Não vou aceitar você me alfinetando. A garota partiu, ela está na estrada há uma semana, ela foi para o oeste. Devo lhe dizer que ela é apenas uma menina tímida e não deseja mal nenhum. Ela ficaria agoniada se soubesse que pegou algo que você queria. Não há poder neles para você, Elfinha.

– Glinda, se aqueles sapatos caírem nas mãos do Mágico, ele vai usá-los em alguma manobra para reincorporar a Munchkinlândia. No momento, eles têm significado demais para os munchkins. O Mágico não pode pegar esses sapatos!

Glinda estendeu a mão e tocou no cotovelo da Bruxa.

– Eles não vão fazer seu pai amar você.

A Bruxa se afastou. As duas ficaram se encarando. Elas tinham história demais em comum para se afastarem por causa de um par de sapatos, mas eles foram postos entre elas, um ícone grotesco de suas diferenças. Nenhuma das duas recuava nem ia em frente. Era tolice, elas estavam presas e alguém precisava quebrar o encanto. Mas tudo que a Bruxa conseguiu fazer foi insistir:

– Eu quero aqueles sapatos.

No funeral, Glinda e Sir Chuffrey estavam no balcão reservado para dignitários e embaixadores. O Mágico enviou um representante, resplandecente em suas roupas vermelhas com os quadrantes marcando a cruz de esmeralda no peito, um grupo de guarda-costas atento ao redor dele. A Bruxa se sentou abaixo e não fitou os olhos de Glinda. Frex chorou até ter um ataque de asma, e a Bruxa o ajudou a sair por uma porta lateral, onde ele conseguiu recuperar o fôlego.

Depois do funeral, o emissário do Mágico se aproximou da Bruxa.

– Você foi convidada para uma audiência com o Mágico. Ele está viajando com imunidade diplomática especial, em uma Fênix, para oferecer suas condolências à família hoje à noite. Você deve se preparar para encontrá-lo em Solos de Colwen esta noite.

– Ele não pode vir aqui! – exclamou a Bruxa. – Ele não ousaria!

– Aqueles que agora tomam as decisões pensam diferente – disse o emissário. – De qualquer maneira, ele vem sob o manto da escuridão e apenas para falar com você e sua família.

– Meu pai não está pronto para receber o Mágico. Não vou aceitar isso.

– Ele insiste. Tem questões de natureza diplomática para tratar com você. Mas você não deve tornar essa visita pública, ou isso pode afetar muito seriamente seu pai e seu irmão. E você também – acrescentou ele, como se isso já não estivesse claro.

Ela considerou como poderia usar essa audiência obrigatória para obter vantagens próprias: Sarima, a segurança de Frex, o destino de Fiyero.

– Concordo – concluiu ela. – Vou me encontrar com ele. – E, apesar de tudo, ficou feliz por um instante que os sapatos mágicos de Nessarose estivessem em segurança, fora da vizinhança.

Quando os sinos vespertinos tocaram, a Bruxa foi chamada em seu quarto por uma criada munchkin.

– Você terá que ser revistada – informou o emissário do Mágico, encontrando-a em uma antecâmara. – Precisa entender o protocolo aqui.

Ela se concentrou em sua fúria enquanto era sondada e vasculhada pelos oficiais que cercavam a área de espera.

– O que é isto? – perguntaram eles quando encontraram a página do Grímório no bolso dela.

– Ah, isso – disse ela, pensando rápido. – Vossa Alteza vai querer ver.

– Você não pode levar nada consigo – disseram a ela e tomaram a página.

– Pelo meu sangue, eu posso reinstalar o cargo de Eminent Thropp hoje à noite e mandar prender seu líder – alegou ela. – Não me digam o que eu posso e o que não posso fazer nesta casa.

Eles não deram atenção a ela e a colocaram em uma pequena câmara,

vazia exceto por algumas cadeiras estofadas sobre um tapete florido. Ao longo da base, montes de poeira rolavam ao vento.

– Vossa Alteza, o Imperador Mágico de Oz – anunciou um ajudante e saiu. Por um minuto, a Bruxa ficou sozinha. Depois o Mágico entrou na sala.

Ele estava sem disfarces, um homem simples, mais velho, usando uma camisa de gola alta e um sobretudo, com um relógio e uma correntinha pendurada de um bolso do colete. A cabeça dele era rosa e manchada, e tufo de cabelo apareciam sobre as orelhas. Ele alisou a sobrancelha com um lenço e se sentou, fazendo sinal para a Bruxa se sentar também. Ela não se sentou.

– Como vai? – perguntou ele.

– O que você quer comigo? – respondeu ela.

– Duas coisas. Uma é o que eu vim lhe dizer, e a outra é o assunto que você traz à minha atenção.

– Fale comigo, pois não tenho nada a lhe dizer.

– Não há motivo para dar voltas. Eu gostaria de saber suas intenções sobre a posição como a última Eminência.

– Se eu tivesse alguma intenção, não seria do seu interesse.

– Ah, infelizmente, é do meu interesse, pois a reunificação está a caminho, enquanto nos falamos. Soubes que Lady Glinda, abençoada seja sua tolice com boas intenções, sensivelmente afastou a menina infeliz e os sapatos simbólicos do distrito, o que torna a incorporação menos complicada. Eu gostaria de ter a posse desses sapatos, para evitar que ela tenha ideias. Então, como pode ver, preciso saber quais são suas intenções nesse assunto. Eu já soube que você não era muito simpática ao estilo de tirania religiosa da sua irmã, mas espero que não pretenda se estabelecer aqui. Se pretender, devemos fazer uma pequena barganha, algo que eu nunca consegui com sua irmã.

– Não há muita coisa aqui para mim e não sou adequada para governar ninguém, nem sequer a mim mesma, ao que parece.

– Além do mais, há a pequena questão do exército em... Moinho Vermelho, não é? Abaixo de Kiamo Ko.

– Então é por isso que eles estão lá há tantos anos.

– Para manter você sob controle. Uma despesa, mas aqui está você.

– Para irritá-lo, eu deveria recuperar o título de Eminência. Mas me importo pouco com essas pessoas tolas. O que os munchkins fazem agora não me interessa. Desde que meu pai não seja machucado. Se isso é tudo...

– Há o outro assunto – lembrou ele. Seus modos se tornaram mais animados. – Você trouxe uma página consigo. Onde conseguiu?

– Ela é minha, e seu povo não tem direito a ela.

– O que eu quero é saber onde a conseguiu e onde posso encontrar o resto.

– O que vai me dar se eu contar?

– O que você poderia querer de mim?

Foi por isso que ela concordou em vê-lo. Ela respirou fundo.

– Saber se Sarima, a princesa Dowager dos arjikis, ainda está viva. E onde posso encontrá-la e como negociar sua liberdade.

O Mágico sorriu.

– As coisas funcionam em conjunto. Não é interessante eu ter adivinhado

sua preocupação? – Ele acenou uma das mãos. Ajudantes invisíveis do lado de fora da porta aberta conduziram um anão de calças e túnica brancas.

Não, não era um anão, ela percebeu; era uma jovem mulher agachada. Correntes costuradas no colarinho da túnica passavam por dentro da roupa até os tornozelos, mantendo-a encurvada; as correntes tinham cerca de um metro. A Bruxa teve de olhar bem para ter certeza de que era Nor. Ela deveria ter uns 16 ou 17 anos agora. A idade que Elfinha tinha quando foi enviada para Crag Hall em Shiz.

– Nor, você está bem?

Os joelhos de Nor estavam imundos, e os dedos dela, enroscados ao redor da corrente. O cabelo estava curto, e marcas de golpes podiam ser vistas sob os cachos desiguais.

– Nor, é a Titia Bruxa. Vim negociar sua libertação, finalmente – avisou a Bruxa, improvisando.

Mas o Mágico acenou, e os ajudantes invisíveis conduziram Nor para longe da visão.

– Temo que isso não seja possível. Ela é minha proteção contra você, sabe?

– E os outros? – indagou a Bruxa. – Eu preciso saber.

– Nada está documentado, mas acredito que Sarima e suas irmãs estejam todas mortas.

A Bruxa parou de respirar por um momento. As últimas esperanças de perdão tinham sumido! Mas o Mágico continuou:

– Talvez algum subalterno sem autoridade no assunto tenha tido apetite para um banho de sangue. É tão difícil conseguir ajuda confiável nas forças armadas.

– E Irji? – perguntou a Bruxa.

– Ah, ele teve que morrer. Ele era o próximo na linhagem para ser príncipe, não era?

– Diga que não foi brutal, por favor!

– O Colar de Parafina – admitiu o Mágico. – Bem, era uma questão pública. Uma declaração que precisava ser feita. Agora, contra meus melhores julgamentos, eu já lhe disse o que você queria saber. Sua vez. Onde posso encontrar o livro de onde saiu a página? – O Mágico pegou o papel do bolso e o pressionou contra o colo. Suas mãos estavam tremendo. Ele olhou para a página.

– Um encanto para a Administração de Dragões – disse ele, admirado.

– É isso? – perguntou ela, surpresa. – Eu não tinha certeza.

– Claro. Você deve ter tido dificuldade. Sabe, isso não é deste mundo. É do meu mundo.

Ele era louco, obcecado com outros mundos. Como o pai dela.

– Você não está dizendo a verdade – argumentou a Bruxa, esperando estar certa.

– Ah, eu não ligo para a verdade, mas estou falando a verdade, por acaso.

– Por que você ia querer isso? – indagou a Bruxa, tentando ganhar tempo, tentando descobrir como poderia negociar a vida de Nor. – Eu nem sei o que é. E acredito que você também não saiba.

– Eu sei. Este é um antigo manuscrito de magia, gerado em um mundo bem longe deste aqui. Há muito tempo achava-se que era apenas uma lenda ou

que fora destruído nos misteriosos ataques dos invasores do norte. Foi removido do nosso mundo por segurança, por um mágico mais capacitado do que eu. Foi por isso que eu vim para Oz – ele quase falava consigo mesmo, como os velhos costumam fazer. – Madame Blavatsky o localizou em uma bola de cristal, e eu fiz os sacrifícios apropriados, e também esquemas, para viajar até aqui quarenta anos atrás. Eu era jovem, cheio de ardor e fracasso. Eu não tinha a intenção de governar um país aqui, mas apenas encontrar esse documento, retorná-lo ao seu próprio mundo e estudar seus segredos lá.

– Que tipo de sacrifícios? Você não poupou assassinatos aqui.

– Assassinato é uma palavra usada pelos hipócritas. É uma expressão expediente com a qual eles condenam qualquer ação corajosa além de seu conhecimento. O que fiz, o que faço, não pode ser assassinato. Pois, tendo vindo de outro mundo, não posso ser responsabilizado pelas convenções idiotas de uma civilização ingênua. Estou além desse recital infantil de certos e errados. – Seus olhos não queimaram enquanto ele falava; eles estavam afundados atrás dos véus da indiferença azul e fria.

– Se eu lhe der o Grimório, você vai embora? Me dará Nor, levará sua maldade e nos deixará em paz finalmente?

– Estou velho demais para viajar agora. E por que eu abriria mão de algo pelo qual trabalhei por tantos anos?

– Porque eu vou usar esse livro para destruir você, se não fizer isso.

– Você não consegue lê-lo. Você é de Oz e não consegue fazer isso.

– Consigo ler mais do que você pode imaginar. Não sei o que tudo significa. Vi páginas sobre liberar as energias ocultas da matéria. Vi páginas sobre alterar o fluxo ordenado do tempo. Vi dissertações sobre armas desprezíveis demais para serem usadas, como envenenar água, como criar uma população mais dócil. Existem diagramas de armas de tortura. Embora os desenhos e as palavras pareçam nebulosos aos meus olhos, consigo aprender. Eu não sou velha demais.

– Essas ideias são de grande interesse para a nossa época – disse ele, embora parecesse surpreso de ela ter entendido tanto.

– Não para mim. Você já fez o suficiente. Se eu lhe der o livro, me entrega Nor?

– Você não deve confiar nas minhas promessas – falou ele, suspirando. – De verdade, minha criança. – Mas ele continuou a encarar a página que ela tinha lhe dado. – Alguém pode aprender a subjugar um dragão para seus próprios objetivos. – Ele meditou e virou a página para ver o que estava no verso.

– Por favor, acho que nunca implorei por nada na minha vida. Mas imploro. Não é certo você estar aqui. Supondo, por um instante, que você às vezes pode dizer a verdade, volte para o outro mundo, vá para qualquer lugar, apenas deixe o trono. Deixe-nos em paz. Leve o livro com você, faça o que quiser com ele. Deixe-me conquistar pelo menos isso na minha vida.

– Em troca de eu lhe contar sobre os parentes de seu amado Fiyero, você vai me dizer onde está o livro.

– Bem, não vou – respondeu ela. – Acabei de rever minha oferta. Dê-me Nor e eu lhe dou o Grimório. O livro já está escondido tão fundo que você nunca vai encontrar. Não tem a habilidade. – Ela esperava estar sendo persuasiva.

Ele se levantou e guardou a página no bolso.

– Não pedirei sua execução. Pelo menos, não nesta audiência. Eu vou ter esse livro, de um jeito ou de outro. Você não pode me prender a uma promessa, estou além de ser preso por palavras. Vou pensar no que pediu. Mas, enquanto isso, vou manter minha jovem escrava ao meu lado. Pois ela é minha defesa contra sua raiva.

– Me dê ela! Agora, agora, agora: aja como um homem, não como um charlatão! Me dê ela e eu lhe envio o livro!

– São os outros que barganham – comentou o Mágico. Em vez de soar ofendido, ele parecia apenas deprimido, como se estivesse falando consigo mesmo, e não com ela. – Não faço barganhas. Mas eu penso. Vou aguardar para ver como vai a reunificação com a Munchkinlândia e, se você não interferir, posso pensar no que você disse. Mas não faço barganhas.

A Bruxa respirou fundo.

– Eu já o encontrei antes. Você me concedeu uma entrevista na Sala dos Tronos, quando eu era uma estudante em Shiz.

– É mesmo? Ah, é claro. Você deve ter sido uma das queridinhas da Madame Morrorosa. Aquela maravilhosa ajudante e companheira. Está senil agora, mas, no seu auge, ela me ensinou muito sobre como quebrar os espíritos de jovens voluntárias! Sem dúvida, como as outras, você foi com ela?

– Ela tentou me recrutar para servir a um mestre. Era você?

– Quem sabe. Estávamos sempre bolando um plano ou outro. Ela era muito divertida. Nunca seria tão rude quanto aquela – ele apontou para a porta aberta através da qual Nor, encolhida, ainda podia ser vista, sussurrando para si mesma –, ela conseguia lidar com as estudantes com muito mais fineza! – Ele estava prestes a deixar a sala, mas virou ao chegar à porta. – Sabe, agora estou me lembrando. Foi ela que me alertou quanto a você. Ela me disse que você a traiu, que rejeitou as ofertas dela. Foi ela que me avisou para observá-la. Foi por causa dela que descobrimos seu romancezinho com o príncipe da pele de diamantes.

– Não!

– Então, você me encontrou antes. Eu tinha me esquecido. Em que forma eu apareci?

Ela teve que se controlar para não vomitar.

– Você era um esqueleto com ossos iluminados, dançando em uma tempestade.

– Ah, sim... Isso foi muito inteligente. Ficou impressionada?

– Senhor, acho que é um péssimo mágico.

– E você – respondeu ele, magoado – é apenas uma caricatura de bruxa.

– Espere – chamou ela quando ele passou pela porta –, espere, por favor. Como vou receber sua resposta?

– Enviarei um mensageiro antes de o ano terminar. O painel bateu com força atrás dele.

Ela caiu de joelhos, a cabeça caindo quase até o chão. Seus punhos se fecharam. Ela não tinha intenção alguma de entregar o Grimório para esse monstro, jamais. Se fosse necessário, ela morreria para mantê-lo longe das mãos dele. Mas será que ela conseguiria arrumar uma farsa para resgatar Nor antes?

Ela partiu alguns dias depois, primeiro assegurando que seu pai não seria retirado de seu quarto em Solos de Colwen. Ele não quis se unir a ela nos Vinkus; ele era velho demais para a viagem. Além do mais, ele achava que Casco voltaria mais cedo ou mais tarde procurando por ele. A Bruxa sabia que Frex não viveria por muito mais tempo, tamanho era o luto por Nessarose. Ela tentou deixar de lado que sentia raiva dele quando se despediu pelo que achava ser a última vez.

Enquanto caminhava pelo átrio de Solos de Colwen, ela cruzou de novo com Glinda. Mas as duas mulheres evitaram os olhares e aceleraram o passo em direções opostas. Para a Bruxa, o céu era uma enorme pedra a pressionando. Para Glinda, era mais ou menos o mesmo. Mas Glinda se virou e gritou:

– Ah, Elfinha!

A Bruxa não se virou. Elas nunca mais se viram.

Ela sabia que não podia se dar ao luxo de gastar seu tempo montando uma perseguição completa a tal Dorothy. Glinda deveria contratar ajudantes para rastrear os sapatos; era o mínimo que ela podia fazer, com seu dinheiro e suas conexões. Ainda assim, a Bruxa parou aqui e ali ao longo da Estrada de Tijolos Amarelos e perguntou aos que estavam tomando uma bebida vespertina em um pub à beira da estrada se eles tinham visto uma garota estrangeira com roupa xadrez azul e branca, caminhando com um cachorrinho. Houve uma discussão animada enquanto os clientes do pub lutavam para decidir se a Bruxa verde tinha intenção de fazer mal à criança – que, aparentemente, tinha a habilidade rara de encantar estranhos –, mas, quando chegaram à conclusão de que não era provável que ela a machucasse, responderam. Dorothy passou ali uns dias atrás e disseram que havia passado a noite com alguém, dois ou três quilômetros abaixo na estrada, antes de continuar.

– A casa bem guardada com o telhado amarelo em forma de domo – disseram eles – e a chaminé de minarete. Impossível não encontrar.

A Bruxa encontrou a casa e Boq, no pátio, acaalentando um bebê no joelho.

– Você! Eu sei por que você está aqui! Milla, olhe quem está aqui, venha rápido! É a senhorita Elfaba, de Crag Hall! Em carne e osso!

Milla veio, com algumas crianças nuas agarrando seu avental. Corada por lavar roupas, ela tirou o cabelo desarrumado dos olhos.

– Oh, e nos esquecemos de vestir nossas melhores roupas hoje. Veja quem veio rir de nós no nosso estado rústico.

– Ela não é uma coisa? – indagou Boq, com afeto.

Milla continuava igual, embora houvesse quatro ou cinco filhos à vista, e sem dúvida outros fora de vista. Boq tinha engordado como um barril, e seu belo cabelo pontiagudo estava prematuramente grisalho, dando a ele uma dignidade que nunca teve na faculdade.

– Soubemos da morte de sua irmã, Elfinha – disse ele –, e enviamos nossas condolências ao seu pai. Não sabíamos que você estava aqui. Ouvimos dizer que você esteve aqui pouco depois da ascensão de Nessa a governadora de Munchkinlândia, mas não sabíamos para onde tinha voltado quando partiu. É bom vê-la de novo.

A amargura que ela havia sentido com a traição de Glinda foi aliviada pela cortesia do discurso direto de Boq. Ela sempre gostou dele, por sua paixão e seu bom senso.

– Rikla, saia desse banco e deixe nossa convidada sentar – disse Milla para uma das crianças. – E Yellowgaze, vá correndo até o seu tio e peça um pouco de arroz, cebolas e iogurte. Ande logo, para eu poder fazer uma refeição.

– Não vou ficar, Milla, estou com pressa – falou a Bruxa. – Yellowgaze, não se preocupe. Eu adoraria passar um tempo aqui e saber de todas as histórias, mas estou tentando localizar uma menina estrangeira que passou por aqui, me disseram, e ficou por uma noite ou duas.

Boq enfiou as mãos nos bolsos.

– Bem, ela fez isso, Elfinha. O que você quer com ela?

– Quero os sapatos da minha irmã. Eles pertencem a mim.

Boq pareceu tão surpreso quanto Glinda.

– Você nunca gostou de enfeites como sapatos sociais – comentou ele.

– Sim, bem, talvez eu esteja prestes a fazer meu *début* atrasado na sociedade da Cidade das Esmeraldas e tenha um baile de apresentação. – Mas ela estava sendo cínica com Boq, e não queria isso. – É uma questão pessoal, Boq; eu quero os sapatos. Meu pai os fez e agora eles são meus, e Glinda os deu a essa garota sem minha permissão. E a tragédia vai acometer a Munchkinlândia se eles caírem nas mãos no Mágico. Como ela é, essa Dorothy?

– Nós a adoramos – respondeu ele. – Simples e direta como uma semente de mostarda. Ela não deve ter problemas, embora seja uma longa caminhada para uma criança, daqui até a Cidade das Esmeraldas. Mas todos que a veem querem ajudá-la, eu diria. Ficamos sentados até a lua nascer, conversando sobre a casa dela e sobre Oz, e o que ela poderia encontrar na estrada. Ela nunca viajou para tão longe.

– Que encantador. Quanta novidade para ela.

– Você está tramando alguma de suas campanhas? – indagou Milla de repente, com astúcia. – Sabe, Elfinha, quando você não voltou da Cidade das Esmeraldas com Glinda naquela vez, todos disseram que você tinha enlouquecido e se tornado uma assassina.

– As pessoas sempre gostaram de falar, não é? É por isso que agora eu me chamo de Bruxa: a Bruxa Má do Oeste, se quiser a glória completa. Já que as pessoas vão me chamar de lunática mesmo, por que não me beneficiar disso? Fico livre das convenções.

– Você não é malvada – replicou Boq.

– Como você sabe? Já se passou tanto tempo – respondeu a Bruxa, mas sorriu para ele.

Boq retribuiu o sorriso com afeto.

– Glinda usava suas contas de purpurina, e você usava sua aparência exótica e sua história, mas vocês não estavam fazendo a mesma coisa, tentando maximizar o que tinham para conseguir o que queriam? As pessoas que se dizem más normalmente não são piores do que o resto de nós. – Ele suspirou. – É com as pessoas que dizem que são boas ou melhores do que o resto de nós que devemos nos preocupar.

– Como Nessarose – completou Milla com maldade, mas estava dizendo a verdade também, e todos concordaram.

A Bruxa pegou uma das crianças de Boq no colo e cacarejou com ela sem prestar muita atenção. Ela nunca gostou de crianças, mas os anos lidando com os macacos tinham lhe dado um insight sobre a mentalidade infantil que ela jamais tivera. O bebê arrulhou e se molhou de prazer. A Bruxa o devolveu rapidamente, antes que o molhado ensopasse sua saia.

– Independentemente dos sapatos, você acha que uma criança como essa deveria ser enviada diretamente para as garras do Mágico? Alguém avisou a ela que ele é um monstro?

Boq pareceu desconfortável.

– Bem, Elfinha, eu não gosto de falar mal do Mágico. Tenho medo de haver muitas criaturas com ouvidos grandes nesta comunidade, e você nunca sabe quem está em qual lado. Cá entre nós, espero que a morte de Nessa resulte em algum tipo de governo sensível, mas, se formos tomados por um exército invasor daqui a dois meses, eu não gostaria que eles soubessem que falei mal dos invasores. E há rumores sobre a reunificação.

– Ah, não me diga que vocês estão esperando isso – comentou ela –, não vocês dois.

– Não estou esperando nada, exceto paz e tranquilidade – falou ele. – Tenho problemas suficientes só para levar as colheitas por esses campos rochosos. Foi para aprender isso que fui a Shiz, você se lembra? Agricultura. Coloquei o melhor dos meus esforços nas nossas pequenas propriedades, e só conseguimos ganhar a vida com dificuldade.

Mas ele parecia bem orgulhoso disso, e Milla também.

– E acredito que você deve ter algumas Vacas no seu celeiro – disse a Bruxa.

– Ah, você está mal-humorada. É claro que não. Acha que eu poderia me esquecer daquilo pelo que trabalhamos? Foi o ponto alto de uma vida muito tranquila.

– Você não precisava ter uma vida tranquila – retrucou a Bruxa.

– Não seja superior. Eu não disse que estava triste por isso, nem pela empolgação de uma campanha justa nem pelo alívio de uma família e uma fazenda. Fizemos alguma coisa boa naquela época?

– No mínimo, ajudamos o doutor Dillamond. Ele era muito solitário em seu trabalho, você sabe. E a base filosófica da resistência saiu de suas hipóteses pioneiras. Suas descobertas sobreviveram; ainda vivem. – Ela não mencionou as próprias experiências com os macacos alados. Suas aplicações práticas eram diretamente derivadas das teorias do doutor Dillamond.

– Não tínhamos ideia de que estávamos no fim de uma era de ouro – disse Boq, suspirando. – Quando foi a última vez que você viu um Animal nas profissões?

– Ah, não comece. – A Bruxa não conseguia ficar sentada.

– Você se lembra de ter acumulado as anotações do Dillamond? Nunca me deixou saber do que se tratavam. Fez algum uso delas?

– Apreendi o suficiente com as pesquisas dele para continuar questionando – respondeu a Bruxa, mas se sentia bombástica e queria parar de falar.

Isso fez ela se sentir muito triste, muito desesperada. Milla percebeu isso e, com uma caridade brusca, declarou:

– Aquela época passou, e já foi tarde também. Éramos irremediavelmente animados. Agora somos a geração com cintura larga, arrastando nossas crianças atrás de nós e carregando nossos pais nas costas. E estamos no comando, enquanto as figuras que costumavam comandar nosso respeito estão se dissipando.

– O Mágico não está – comentou a Bruxa.

– Bem, Madame Morrorosa está – disse Milla. – Ou pelo menos foi o que

Shenshen me disse na última carta.

– É mesmo? – indagou a Bruxa.

– Sim, é verdade – confirmou Boq. – Embora, em seu leito de dor, Madame Morrorosa continue a aconselhar nosso Imperador Mágico em assuntos políticos sobre educação. Estou surpreso de Glinda não ter enviado Dorothy a Shiz para estudar com ela. Em vez disso, ela a encaminhou para a Cidade das Esmeraldas.

A Bruxa não conseguia imaginar Dorothy, mas por um instante ela viu a figura recurvada de Nor. Viu uma multidão de garotas como Nor, em correntes e escravizadas, se arrastando ao redor de Madame Morrorosa como aquelas alunas faziam há tantos anos.

– Elfinha, sente-se de novo, você não parece muito bem – sugeriu Boq. – Este é um momento difícil para você. Você não se dava bem com Nessarose, pelo que me lembro.

Mas a Bruxa não queria pensar na irmã.

– Dorothy é um nome horrível – comentou ela. – Vocês não acham? – Ela se sentou pesada, e Boq relaxou em um banquinho a poucos centímetros de distância.

– Não sei – respondeu Boq. – Na verdade, tivemos uma conversa sobre ele. Ela disse que o rei de sua terra natal era um homem chamado Theodore. A professora dela explicou que o nome significava Presente de Deus, e que isso era um sinal de que ele seria nomeado rei ou primeiro-ministro. Dorothy observou que seu nome era parecido com o de Theodore ao contrário, mas a professora procurou e disse que não, Dorothy significava Deusa dos Presentes.

– Bem, eu sei o que ela pode me dar: meus sapatos. Você está dizendo que acha que ela foi um presente de Deus ou que ela é algum tipo de rainha ou deusa? Boq, você não era dado à superstição.

– Não estou dizendo nada desse tipo. Falei sobre derivações de palavras – respondeu ele calmamente. – Que outros mais iluminados do que eu descubram os significados ocultos da vida. Mas eu acho interessante que o nome dela se pareça tanto com o nome de seu rei.

– Bem – começou Milla –, acho que ela é uma garotinha sagrada, comum e santificada como qualquer criança, nem mais nem menos. Yellowgaze, tire suas patas dessa torta de limão, estou te vendo daqui, ou vou bater em você até a eternidade. A garota Dorothy me lembrou de como poderia ter sido Ozma, ou ainda pode ser, se ela algum dia sair do sono profundo em que supostamente foi encantada.

– Ela parece uma coisinha medonha – disse a Bruxa. – Ozma, Dorothy... toda essa conversa sobre crianças salvadoras. Sempre detestei isso.

– Sabe o que é? – perguntou Boq, pensando com cuidado. – Como estamos falando dos velhos tempos, eu me lembrei... você se recorda daquela pintura medieval que eu encontrei na biblioteca em Três Rainhas? Aquela com a figura feminina embalando uma fera? Havia um tipo de ternura e espanto naquela pintura. Bem, há algo em Dorothy que me lembra aquela figura sem nome. Pode-se até chamá-la de Deusa Inominável... Isso é um sacrilégio? Dorothy tem uma caridade suave em relação ao cachorro, uma bela ferinha ameaçadora. Você não acreditaria como é repugnante. Uma vez ela colocou o cachorro nos

braços e se dobrou sobre ele, cantando, exatamente na mesma pose que aquela figura medieval. Dorothy é uma criança, mas tem um peso nas atitudes que parece um adulto, e uma gravidade que não se encontra com frequência nos jovens. É muito apropriado, Elfinha. Fiquei encantado por ela, para dizer a verdade. – Ele quebrou algumas nozes e macarândias do leste e passou adiante. – Tenho certeza de que você também ficará.

– Eu gostaria de evitá-la a todo custo – disse a Bruxa. – A última coisa que desejo nos últimos dias é ser encantada pela pureza juvenil. Mas insisto em recuperar minha propriedade.

– Os sapatos são muito mágicos? – indagou Milla. – Ou são apenas simbólicos?

– Como posso saber? – explicou a Bruxa. – Eu nunca os calcei. Mas, se eu conseguisse pegá-los e eles pudessem me tirar dessa vida perigosa, eu não ficaria triste.

– De qualquer maneira, todo mundo culpava os sapatos pela tirania de Nessa. Acho que foi bom Glinda tê-los tirado da Munchkinlândia. A criança está levando eles para longe sem saber.

– Glinda enviou a garota para a Cidade das Esmeraldas – falou a Bruxa claramente. – Se o Mágico os pegar, terá uma licença para marchar até a Munchkinlândia. E vocês são tolos de sentarem na cerca como se não fizesse diferença ele vir ou não.

– Você vai ficar para alguma coisa, pelo menos um chá? – quis saber Milla em tom reconfortante. – Olhe, pedi a Clarinda para fazer um bule fresco, e temos creme de açafrão. Lembra-se da festa de creme de açafrão depois do funeral de Ama Clutch?

A Bruxa respirou pesado por um instante; sentia uma dor no esôfago. Ela não gostava de se lembrar dessa época difícil. E Glinda sabia muito bem que Madame Morrorosa estava por trás da morte de Ama Clutch. Agora, como Lady Glinda, ela era parte da mesma classe dominante. Era nojento. E Dorothy, não importam suas origens, era apenas uma criança, e eles a estavam usando para ajudar a livrar a Munchkinlândia daqueles malditos sapatos simbólicos. Ou para levar os sapatos até o Mágico. Assim como Madame Morrorosa tinha usado suas alunas como Adeptas.

– Não posso ficar parada aqui conversando como uma idiota – gritou ela, assustando-os e derrubando o pote de nozes no chão. – Não desperdiçamos tempo suficiente na faculdade falando até a morte? – Ela agarrou sua vassoura e seu chapéu.

Boq pareceu estarelecido e quase caiu para trás no assento.

– Bem, Elfinha, por que você está se ofendendo...?

Ela estava além da resposta. Girou em um pequeno ciclone de saia e cachecol pretos e correu para a estrada.

Ela acelerou a pé pela Estrada de Tijolos Amarelos, mal percebendo que um plano estava se formando na sua mente. Mas ela estava pensando tanto que por um tempo se esqueceu completamente de que estava carregando a vassoura, e só se lembrou quando parou para descansar e se recostou nela.

Boq, Glinda, até mesmo o pai dela, Frex: como eles agora pareciam

decepcionantes. Será que eles tinham se deteriorado em virtude desde a juventude ou ela era muito ingênua na época para ver como eles realmente eram? Ela se sentia indignada com as pessoas, e queria ir para casa. Estava chateada demais para buscar alojamento em uma estalagem ou taberna. Estava quente o suficiente para ficar do lado de fora e descansar.

Ela ficou deitada, acordada, às margens de um campo de cevada. A lua nasceu, enorme como às vezes aparece inicialmente no horizonte. Ela iluminou uma estaca com uma barra cruzada, erguida como se esperasse um corpo para crucificar ou um espantalho para pendurar.

Por que ela não tinha unido forças com Nessarose e formado exércitos contra o Mágico? Os velhos ressentimentos familiares tinham atrapalhado.

Nessarose pedira ajuda para governar a Munchkinlândia, e a Bruxa negou seu pedido. Em vez disso, ela voltou para Kiamo Ko durante sete anos. Ela desperdiçou a chance de unir forças com a irmã.

Praticamente todas as campanhas que ela tinha criado por si terminaram em fracasso.

Ela se encolheu à luz da lua e, à meia-noite, torturada pelos pensamentos da morte de Nessa – o fato físico de ela ter sido esmagada como um inseto finalmente tomando uma forma imaginativa nas fantasias da Bruxa –, levantou-se e tomou um novo rumo. Dorothy sem dúvida seguiria a Estrada de Tijolos Amarelos até a Cidade das Esmeraldas, e alguém exótico como ela poderia ser facilmente localizada em qualquer ponto do caminho. A Bruxa tentaria realizar a tarefa estabelecida para si mesma quinze anos antes. Madame Morrorosa ainda esperava para ser morta.

Shiz agora era uma fábrica de dinheiro. As faculdades, ocupando um distrito histórico, permaneciam praticamente iguais, exceto por alguns dormitórios contemporâneos e prédios atléticos reluzentes. Fora do distrito universitário, no entanto, Shiz tinha florescido com a economia de alerta de guerra. Um enorme monumento em latão e mármore, “O espírito do Império”, dominava o que havia restado da Praça da Ferrovia, o ar e a luz ao redor dela eram cortados por enormes prédios industriais, soltando colunas negras de sujeira no ar. O arenito azul agora era arenito sujo. O ar em si parecia quente e fofoso – as dez mil exalações de uma cidade arquejando a cada segundo para aumentar sua riqueza. As árvores estavam murchas e cinza. E nenhum Animal à vista.

Crage Hall parecia absurdamente mais antigo e mais novo ao mesmo tempo. A Bruxa preferiu não incomodar o porteiro e voou por sobre os muros até o jardim da cozinha, onde uma vez Boq caiu de um telhado adjacente, quase no colo dela. O gramado dos fundos atrás do pomar tinha sumido e em seu lugar havia uma estrutura de pedra, sobre cujas portas de poxite reluzente estava esculpido: CONSERVATÓRIO DE MÚSICA E ARTES TEATRAIS DE SIR CHUFFREY E LADY GLINDA.

Três meninas vieram correndo pelo caminho, conversando, abraçando os livros, elas provocaram um sobressalto na Bruxa, como se fossem os fantasmas de Nessarose, Glinda e ela mesma. Ela teve que se segurar na vassoura e se firmar. Não tinha percebido quanto tinha mudado, e envelhecido.

– Preciso ver a diretora – falou ela, assustando as três.

Mas uma delas recuperou a autoconfiança juvenil e apontou o caminho. O escritório da diretora ainda era no Saguão Principal.

– Você vai encontrá-la – disseram elas. – Ela está sempre lá a esta hora da manhã, tomando chá sozinha ou com contribuintes.

“A segurança deve estar muito relaxada se nenhuma delas questionou minha presença no jardim da cozinha”, pensou a Bruxa. “Melhor assim; posso até escapar despercebida.”

A diretora agora tinha um secretário, um cavalheiro rude mais velho com cavanhaque.

– Ela não está esperando você? – indagou ele. – Vou ver se ela está livre. – Ele retornou e disse: – A Madame diretora pode vê-la agora. Gostaria de deixar sua vassoura no pote de guarda-chuvas?

– Que gentil. Não, obrigada – falou a Bruxa e entrou.

A diretora se levantou de uma poltrona de couro. Não era mais a Madame Morrorosa; era uma mulherzinha branca rosada com cachos cor de cobre e modos enérgicos.

– Não entendi seu nome... – disse ela com delicadeza. – Você é uma menina velha, mas eu sou uma nova – ela riu do próprio gracejo, mas a Bruxa não – e temo não ter entendido muito bem a verdade: dezenas de meninas velhas vêm aqui todo mês para reviver os momentos agradáveis de seu crescimento aqui.

Por favor, me fale seu nome e eu peço um pouco de chá.

Com algum esforço, a Bruxa disse:

– Eu me chamava senhorita Elfaba quando estava aqui, há mais anos do que percebi ser possível. Na verdade, não vou tomar chá, não posso me demorar. Eu estava desinformada. Esperava encontrar a Madame Morrorosa. Sabe por onde ela anda?

– Bem, isso é sorte ou azar? – indagou a atual diretora. – Até muito recentemente, ela passava parte de todos os semestres na Cidade das Esmeraldas, aconselhando Vossa Alteza sobre políticas educacionais no Fiel Oz. Mas ela recentemente retornou ao seu apartamento de aposentadoria em Doddery... Sinto muito, é uma piada que as meninas fazem e eu deixei escapar. É chamado de Prédio das Filhas, na verdade, porque foi financiado pelas generosas filhas de Crage Hall, nossas ex-alunas. Sabe, a saúde dela deteriorou e, embora eu deteste ser mensageira de más notícias, acho que ela está muito perto do fim.

– Eu adoraria passar por lá e dizer oi – explicou a Bruxa. Fingimento nunca tinha sido seu forte, e ela só conseguiu escapar porque a nova diretora era muito jovem, muito tola, uma menina. – Eu sempre gostei muito dela, sabe; seria uma ótima surpresa.

– Vou chamar Grommetik para levar você até lá – disse a diretora. – Mas antes vou perguntar à enfermeira da Madame Morrorosa se ela está preparada para uma visita.

– Não chame Grommetik, eu encontro o caminho. Vou falar com a enfermeira e só vou entrar por um instante. E volto aqui depois que sair de lá, prometo, e talvez possa dar uma contribuição para o fundo anual ou alguma doação que vocês estejam arrecadando no momento.

Em suas melhores lembranças, ela nunca tinha mentido na vida.

O Doddery era uma ampla torre redonda, como um silo achatado, ao lado da capela onde o doutor Dillamond tinha sido elogiado. Um trabalhador, passando por perto com baldes e vassouras, informou que Madame Morrorosa estava um andar acima, atrás da porta com o estandarte do Mágico.

Um minuto depois, a Bruxa estava olhando para o estandarte do Mágico. Um balão com uma cesta sob ele, comemorando sua espetacular chegada à Cidade das Esmeraldas, e espadas cruzadas abaixo. De alguns metros de distância, parecia uma enorme caveira, e a cesta uma mandíbula atravessada e as espadas cruzadas um X de proibição. A maçaneta girou com seu puxão, e ela entrou no apartamento.

Havia diversos cômodos, todos cheios de lembranças da escola e símbolos de estima de várias instituições da Cidade das Esmeraldas, incluindo o Palácio do Imperador. A Bruxa passou por um tipo de salão, com uma lareira acesa apesar do calor da estação, e uma área de copa-cozinha. De um lado havia um banheiro, e a Bruxa ouviu o barulho de alguém gemendo lá dentro e o assoar de um nariz. Ela empurrou uma cômoda contra a porta e continuou até o quarto de dormir.

Madame Morrorosa estava escorada, meio sentada, em uma enorme cama com forma de fênix. Um pescoço e uma cabeça de fênix esculpidos em ouro surgiam na cabeceira, e as laterais da cama simulavam as asas do pássaro. Os pés se uniam na parte inferior da cama. A ideia de suas penas do rabo aparentemente tinha destruído a engenhosidade do marceneiro, pois elas não existiam. Era um pássaro em uma posição estranha, na verdade, como se estivesse sendo jogado para trás por um tiro de revólver ou como se estivesse se esforçando de um jeito humano para suportar a grande massa de carne sobre seu estômago e reclinada contra seu peito.

No chão havia uma pilha de papéis financeiros e um par antiquado de óculos sobre eles. Mas a época de ler era no passado.

Madame Morrorosa repousava em um monte cinza, as mãos cruzadas sobre a barriga, e os olhos abertos e superficiais, sem movimento. Ela ainda se parecia com uma Carpa gigante, em tudo menos no cheiro de peixe – uma vela tinha sido acendida há tão pouco tempo que o cheiro do enxofre do fósforo ainda estava no quarto.

A Bruxa puxou a vassoura. Do outro cômodo veio um barulho de murro na porta do banheiro.

– Você achou que sempre estaria segura se escondendo atrás de crianças? – indagou a Bruxa, fora de si, sem se importar, e levantou a vassoura. Mas a Madame Morrorosa era um cadáver preguiçoso e indiferente.

A Bruxa bateu na Madame Morrorosa com as cerdas da vassoura, na lateral da cabeça e no rosto. Não deixou marcas. Então buscou no consolo da lareira o troféu de agradecimento com a maior base de mármore e bateu no crânio da Madame Morrorosa com ele, provocando um som parecido com o de lenha rachando.

Ela o deixou nos braços da velha. Sua declaração podia ser lida por todos, exceto a fênix esculpida, que estava olhando para ele de cabeça para baixo. “Em agradecimento por tudo o que você fez”, dizia.

ABruxa tinha esperado quinze anos, mas o momento tinha durado cinco minutos. Então, a tentação de voltar e desmembrar Grommetik era grande. Mas ela resistiu. Não se importava se fosse julgada e executada por espancar o cadáver da Madame Morrorosa, mas não queria ser pega pela vingança contra uma máquina.

Ela fez uma refeição numa cafeteria e deu uma olhada nos tabloides. Depois passeou no distrito de compras. Nunca chegada à ostentação, ela estava intensamente entediada, mas queria ouvir as pessoas falando da morte da Madame Morrorosa. Estava aguardando as críticas, na verdade. E jamais retornaria a Shiz, suspeitava ela, nem a nenhuma outra cidade. Esta era a última chance de ver o Fiel Oz em ação.

No entanto, conforme a tarde passava, ela começou a se preocupar. E se a história fosse encoberta? E se a atual diretora, para evitar escândalos, ocultasse a notícia do ataque? Especialmente um crime contra alguém tão próximo do Imperador? A Bruxa começou a ficar irritada porque lhe negariam os créditos pelo seu feito. Ela vasculhou o cérebro procurando alguém a quem confessar, alguém que correria para as autoridades. Croke, Shenshen, ou Pfanne? Ou, por falar nisso, o Marquês de Dez Prados, o indecente Avaric?

A casa urbana do marquês era localizada no parque de cervos na fronteira de Shiz. Era fim de tarde quando ela chegou ao Campo do Imperador, como agora era chamado. As residências particulares salpicavam o espaço, cada uma protegida pela própria força de segurança, muros altos cobertos com garrafas de vidro quebradas, cachorros ferozes. A Bruxa tinha jeito com os cachorros, e muros altos não a preocupavam. Ela entrou sobre um muro chegando a um terraço, onde uma empregada que cuidava de um canteiro de flores de flox teve um acesso de raiva e se demitiu bem ali. A Bruxa encontrou Avaric em seu estúdio, assinando alguns documentos com uma enorme caneta emplumada e bebericando um uísque cor-de-mel em um copo de cristal.

– Eu já disse que não vou sair para tomar coquetéis, você vai sozinha, não ouviu? – começou ele, mas então viu quem era. – Como você entrou aqui sem ser anunciada? Eu conheço você, não conheço?

– Claro que conhece, Avaric. Sou a garota verde de Crage Hall.

– Ah, sim, qual era o seu nome?

– Meu nome era Elfaba.

Ele acendeu uma luminária – a tarde estava escurecendo, ou talvez ficando enevoadas – e os dois se olharam.

– Sente-se, então. Acho que, se a sociedade força a entrada na porta do estúdio de alguém, não se tem o direito de negar. Um drinque?

– Um pequeno.

Totalmente sozinho, ele, que era bonito demais para acreditar, tinha ficado ainda mais bonito. Usava o cabelo penteado para trás; era farto e cheio, da cor de níquel polido, e ele claramente tinha tido o benefício de uma vida de exercícios e

repouso, pois seu corpo era forte e magro, sua postura ereta, sua cor boa. Aqueles que nascem com vantagens sabem capitalizar sobre elas, observou a Bruxa, depois do primeiro gole.

– A que devo essa honra? – perguntou ele, se sentando em frente a ela com um drinque renovado nas próprias mãos. – Ou será que o mundo todo está tocando reprises hoje?

– O que quer dizer com isso?

– Fiz uma caminhada ao meio-dia no parque, com meus guarda-costas, como sempre. E esbarrei em um carnaval armado ali. Abre amanhã, acho, e o parque ficará lotado de alunos inteligentes, serviçais dos lares e trabalhadores de fábricas, com famílias barulhentas e asquerosas de Glikkus. Havia o usual conjunto de crianças atraídas pela sedução de um bom ato circense, principalmente garotos adolescentes ajudando, sem dúvida tendo fugido de famílias cansadas e pequenas cidades provincianas. Mas o cara responsável era um anãozinho sangrento.

– Sangrento? O que quer dizer? – perguntou a Bruxa.

– Quero dizer ofensivo, desculpe a gíria. Todos já vimos anões antes, não é essa a questão. É só que eu já vi esse anão antes. Eu o reconheci de muitos anos atrás.

– Que coisa.

– Bem, eu não teria pensado mais a respeito, mas então você aparece nesta tarde mais ou menos da mesma zona de memória. Você não estava lá? Não foi conosco ao Clube de Filosofia naquela noite, ficamos tão bêbados, e eles tinham aquela coisa de sexo encantado, e o efeminado Tibbett ficou tão louco que perdeu a cabeça e quase tudo quando aquele Tigre...? Você estava lá, com certeza.

– Acho que eu não estava.

– Não estava? Boq estava, o pequeno e mirrado Boq, e Pfannee, Fiyero, acho, e alguns outros. Você não se lembra? Havia aquela velha malvada chamada Yackle, e o anão, e eles nos deixaram entrar... eram muito sinistros. De qualquer maneira, não importa... é só que...

– Não pode ser Yackle – disse a Bruxa. Ela derrubou o drinque. – Isso é insanidade, meus ouvidos estão delirando. Todo mundo está certo, estou paranoica. Não, Avaric, me recuso a admitir que você se lembraria do nome de alguém assim por vinte anos.

– Ela era uma cigana careca com peruca, e uns olhos cor de amêndoa, unida a esse anão. Eu não sei como ele se chamava. Por que eu não me lembraria?

– Você não se lembrava do *meu* nome.

– Você não me assustava nem metade do que eles me assustavam. Na verdade, você nunca me assustou. – Ele riu. – Eu provavelmente fui muito mal com você. Eu era um babaca na época.

– Você ainda é.

– Bem, a prática leva à perfeição, e mais de uma vez eu fui chamado de perfeito babaca.

– Eu vim aqui para lhe dizer que matei a Madame Morrorosa hoje. – Ela

estava tão orgulhosa da frase; parecia menos falsa quando dita em voz alta. Talvez fosse verdade. – Eu a matei. Eu queria que alguém confiável soubesse.

– Ah, por que você fez isso?

– Você sabe, as razões simplesmente se rearrumam em padrões diferentes toda vez que eu penso no assunto. – Ela se endireitou na cadeira. – Porque ela mereceu.

– O Anjo Vingador da Justiça agora é verde?

– Um belo disfarce, não acha?

Os dois sorriram.

– Então, sobre essa Madame Morrorosa, que você alega ter matado. Sabia que ela reuniu seus amigos e associados e nos deu um sermão depois que você fugiu?

– Você nunca foi meu amigo.

– Eu estava perto demais para escapar. Eu me lembro da situação. Nessarose estava mortificada e abalada pela coisa toda. Madame Morrorosa pegou seus registros e nos leu um perfil da sua personalidade conforme avaliação de vários professores seus. Fomos alertados da sua irritabilidade, da sua marginalidade, quais foram as palavras que ela usou? Não me lembro, não eram palavras memoráveis. Mas nos disseram que você poderia tentar nos recrutar para algum tipo de tentativa juvenil de incitar algum tipo de revolta estudantil. Deveria ser evitada a todo custo.

– E Nessarose estava mortificada, bem, dá para imaginar.

– Glinda também. Ela caiu em um precipício, como o que ela caiu depois que o doutor Dillamond caiu em suas lentes de aumento...

– Ah, por favor, essa mentira velha ainda está circulando?

– ... ah, claro, “foi brutalmente assassinado por bandidos desconhecidos”, falando do seu jeito. Bandidos na forma da Madame Morrorosa, é isso que você quer que eu suponha. Por que você fez isso, realmente?

– Madame Morrorosa teve uma escolha. Ninguém era mais bem posicionado do que ela para garantir que os alunos tivessem uma educação, e não uma lavagem cerebral. Ao se aliar à Cidade das Esmeraldas, ela vendeu todos os alunos que acreditavam que uma educação liberal significava aprender a pensar por si mesmo. Além do mais, era uma demônia desprezível, e conspirou para assassinar o doutor Dillamond. Não importa o que você diga.

Mas a Bruxa se interrompeu, ao ouvir suas palavras sobre Madame Morrorosa – ela teve uma escolha –, um eco do que a princesa Elefante Nastoya tinha lhe dito uma vez: ninguém controla o seu destino. Mesmo nos piores momentos – sempre há uma escolha.

Avaric continuou tagarelando:

– E você a matou. Duas coisas erradas não fazem uma certa, como nós, garotos, costumávamos cantar no playground, quando estávamos no chão com o joelho de alguém na nossa virilha. Por que você não fica para uma refeição? Temos convidados, um grupo interessante.

– Para que você possa chamar a polícia? Não, obrigada.

– Não vou chamar a polícia. Você e eu, nós estamos acima de uma justiça petulante como essa.

A Bruxa acreditou nele.

– Está bem – disse ela. – Com quem você se casou, afinal? Com Pfannee ou Shenshen ou outra pessoa? Não me lembro.

– O que importa? – indagou Avaric, despejando outra dose de uísque. – Não consigo guardar pequenos detalhes na minha mente, nunca consegui.

A despesa do Marquês era abundante, o cozinheiro era um gênio e sua adega não tinha paralelos. Os convidados mergulharam em lesmas e alho, crista de galo de fallowhen com coentro e chutney de tangerina, e a Bruxa se permitiu um pedaço suntuoso de torta de limão com creme de açafrão. As taças de cristal nunca ficavam vazias. A conversa era exaltada e confusa, e, quando o Marquês os levou para as cadeiras confortáveis na sala de visitas, o aplique de gesso no teto parecia girar como a fumaça dos cigarros.

– Nossa, você está corada – disse Avaric. – Você deve ter sido uma beberona a vida toda, Elfaba.

– Não tenho certeza se o vinho tinto concorda comigo – falou ela.

– Você não está em condições de ir a lugar nenhum. A criada vai arrumar um dos quartos do canto para você. É adorável, tem vista direta para o pagode na ilha.

– Não me importo com vistas preparadas.

– Você não quer aguardar os jornais matinais e ver se eles entenderam a situação? Se eles entenderam tudo?

– Eu peço para você me enviar um. Não, preciso ir, sinto a necessidade de ar fresco. Avaric... Madame... amigos... tem sido uma surpresa e, acho, um prazer. – Mas ela se sentiu rancorosa ao dizer.

– Um prazer para alguns – replicou a Marquesa, que não tinha aprovado a conversa. – Acho que é impróprio falar do mal durante uma refeição. Estraga a digestão.

– Ah, vamos lá – perguntou a Bruxa –, só na juventude é que podemos ter coragem para nos fazermos perguntas tão sérias?

– Bem, eu mantenho minha sugestão – disse Avaric. – O mal não é fazer coisas ruins, é sentir-se mal depois delas. Não há valor absoluto no comportamento. Em primeiro lugar...

– Inércia institucional – declarou a Bruxa. – Mas o que tem mais atração do que o poder absoluto?

– É por isso que eu digo que é apenas uma aflição da psique, como a vaidade ou a ganância – começou um magnata do cobre. – E todos sabemos que a vaidade e a ganância podem gerar resultados muito surpreendentes nas questões humanas, nem todos compreensíveis.

– É a ausência do bem, só isso – opinou sua amante, uma colunista de conselhos do *Informante* de Shiz. – A natureza do mundo é ser calmo, melhorar e apoiar a vida, e o mal é a ausência de inclinação da matéria para estar em paz.

– Conversa fiada – disse Avaric. – O mal é um estágio inicial ou primitivo do desenvolvimento moral. Todas as crianças são demônios por natureza. Os

criminosos entre nós são apenas aqueles que não progrediram...

– Acho que é uma presença, e não uma ausência – falou um artista. – O mal é uma personalidade encarnada, um incubus ou um succubus. É um outro. Não somos nós.

– Nem mesmo eu? – indagou a Bruxa, fazendo o papel com mais vigor do que ela esperava. – Uma assassina confessa?

– Ah, vamos lá – disse o artista –, todos nós nos mostramos sob nosso melhor ângulo. Isso é apenas uma vaidade normal.

– O mal não é uma coisa, não é uma pessoa, é um atributo como a beleza...

– É um poder, como o vento...

– É uma infecção...

– É metafísico, essencialmente: a degeneração da criação...

– Então coloque a culpa no Deus Inominável.

– Mas o Deus Inominável criou o mal intencionalmente ou foi apenas um engano na criação?

– O mal não é feito de ar e eternidade; é feito da terra; é físico, uma desconexão entre nossos corpos e nossas almas. O mal é insensatamente corpóreo, seres humanos provocando dor uns nos outros, nem mais nem menos...

– Eu gosto da dor, se eu estiver usando roupas de couro de bezerro e com as mãos amarradas nas costas...

– Não, vocês todos estão errados, nossa religião infantil está certa: o mal é a moral em sua essência, a escolha do vício sobre a virtude. Você pode fingir que não sabe, pode racionalizar, mas sabe, na sua consciência...

– O mal é um ato, não um apetite. Quantos não quiseram cortar a garganta de um grosseirão do outro lado da mesa de jantar? Tirando as companhias presentes, é claro. Todo mundo tem essa vontade. Se você ceder a ela, esse ato é maligno. A vontade é normal.

– Ah, não, o mal é reprimir essa vontade. Eu nunca reprimo minhas vontades.

– Não quero essa conversa na minha sala de visitas – pediu a Marquesa, quase chorando. – Você está se comportando a noite toda como se uma velha não tivesse sido assassinada em seus lençóis. Ela também não tinha mãe? Ela não tinha alma?

Avaric bocejou.

– Você é tão meiga e ingênua. Quando não é vergonhoso, é até charmoso.

A Bruxa se levantou, se sentou rapidamente e se levantou de novo, com auxílio da vassoura.

– Por que você fez isso? – perguntou a anfitriã com coragem.

A Bruxa deu de ombros.

– Por diversão? Talvez o mal seja uma forma de arte.

Mas, ao ir em direção à porta, completou:

– Sabe, vocês todos são um bando de tolos. Deviam ter me entregado em vez de me divertir a noite toda.

– Você nos divertiu – disse Avaric como um nobre. – Este acabará sendo o melhor jantar da estação. Ainda que você estivesse mentindo a noite toda sobre ter matado essa velha diretora de escola. Que delícia. – Os convidados do jantar

a aplaudiram com graça.

– O fato sobre o mal – falou a Bruxa na porta – não é nada do que vocês disseram. Você entende um lado dele, o lado humano, digamos, e o lado eterno fica nas sombras. Ou vice-versa. É como o velho ditado: como é um dragão dentro da casca? Bem, ninguém jamais saberá, pois, assim que você quebra a casca para ver, o dragão não está mais dentro dela. O verdadeiro desastre dessa investigação é que a natureza do mal é ser secreto.

Alua estava alta outra vez, um pouco menos acesa do que na noite anterior. A Bruxa não confiou em si mesma para voar na vassoura, então serpenteou por um caminho em ziguezague através do gramado. Ela encontraria um lugar para cochilar fora da claustrofobia de um covil da sociedade.

Ela chegou à construção da qual Avaric tinha falado. Era uma coisa velha, do início do tiquetaque, um tipo de estupa portátil feito de madeira esculpida e estatuetas, variadas e numerosas demais para a Bruxa entender hoje à noite. Talvez houvesse uma plataforma sob a qual ela pudesse descansar, elevada apenas alguns centímetros do solo úmido. Ela olhou e foi em frente.

– E aonde você pensa que vai?

Um munchkin, não, um anão, estava na frente dela. Ele tinha um porrete em uma das mãos e estava batendo com ele na palma curtida e grossa da outra mão.

– Indo dormir, quando eu puder – respondeu ela. – Então você é o anão, e esta é a coisa da qual Avaric falou.

– O Relógio do Dragão do Tempo, aberto ao público amanhã à noite, e não antes.

– Estarei morta e longe amanhã à noite.

– Não estará.

– Bem, longe, de qualquer maneira. – Ela olhou para ele e se endireitou, depois teve uma ideia. – Queria saber se você conhecia Yackle.

– Ah, Yackle – disse ele. – Quem não conhece Yackle? Não é uma surpresa.

– Ela foi morta hoje? Por acaso?

– Sem chance – respondeu ele.

– Quem é você? – Ela sentiu medo, de repente, depois de toda essa impetuosidade de tristeza e violência.

– Ah, sou o mais insignificante de todos.

– Para quem você trabalha?

– Para quem não trabalhei? O diabo é um anjo muito grande, mas um homem muito pequeno. Mas eu não tenho nome neste mundo, então não se preocupe comigo.

– Estou bêbada e desordenada, não consigo mais entender charadas. Eu matei uma pessoa hoje, posso matar você também.

– Você não a matou, ela já estava morta. E você não pode me matar, pois sou imortal. Mas você se esforça muito na vida, então vou lhe dizer o seguinte. Sou o guardião do livro e fui trazido para esta terra pavorosa e renegada para acompanhar a história dele, para evitar que ele volte para o local de onde veio. Não sou bom, não sou mal; mas estou trancado aqui, condenado a uma vida sem morte para guardar o livro. Não me importa o que acontece com você nem ninguém mais, só protejo o livro: esse é o meu fardo.

– O livro? – Ela estava lutando para entender; ela se sentia mais bêbada quando mais ouvia.

– O que você chama de Grimório. Ele tem outros nomes... não importa.

– Então, por que você não o pega, por que não o leva?

– Eu não trabalho desse jeito. Sou o parceiro silencioso. Trabalho através de eventos, vivo às margens, me envolvo em causas e efeitos, observo como as criaturas bastardas deste mundo vivem suas vidas. Só interfiro para manter o livro em segurança. Até certo ponto, eu posso ver o que vai acontecer e, até esse ponto, eu me intrometo nos assuntos de homens e feras. – Ele saltou como um diabinho. – Você me vê aqui, me vê ali. Ter intuição é uma grande vantagem no negócio de segurança.

– Você trabalha com Yackle.

– Às vezes temos as mesmas intenções, e às vezes não. Os interesses dela parecem ser diferentes dos meus.

– Quem é ela? Qual é o interesse dela? Por que você vive às margens da minha vida?

– No mundo de onde eu venho, existem anjos da guarda, mas, pelo que entendi, ela é um número inverso, e a preocupação dela é você.

– Por que eu mereço tal demônia? Por que minha vida é tão atormentada? Quem a posicionou para influenciar a minha vida?

– Existem coisas que eu não sei e coisas que eu sei. A quem Yackle responde, se é alguém, se é alguma coisa, está além do meu reino de conhecimento ou interesse. Mas por que você? Você deve saber disso. Porque você – o anão falava em um tom claro e despreocupado – não é isso nem aquilo... ou devo dizer que você é isso e aquilo ao mesmo tempo? Você é de Oz e do outro mundo. Seu velho Frex estava errado; você nunca foi uma punição pelos crimes dele. Você é uma mestiça, uma nova raça, um membro enxertado, uma anomalia perigosa. Você sempre foi atraída pelas criaturas combinadas, as quebradas e remontadas, pois é isso que você é. É tão estúpida que não percebeu isso?

– Mostre-me alguma coisa. Eu não sei o que você quer dizer. Mostre-me algo que o mundo ainda não me mostrou.

– Para você, um prazer. – Ele desapareceu, e houve o som de peças mecânicas sendo giradas, se movendo umas contra as outras, o esfregar de engrenagens lubrificadas, o bater de correias de couro, o barulho de pêndulos balançando. – Uma audiência particular com o próprio Dragão do Tempo.

No topo, uma fera rondava, flexionando as asas em uma dança de gestos, dando boas-vindas e acuada ao mesmo tempo. A Bruxa a encarou.

Uma pequena área a meio caminho foi iluminada.

– Uma peça em três atos – veio a voz do anão, das profundezas. – Primeiro ato: O Nascimento da Santidade.

Mais tarde, ela não poderia dizer como sabia o que era aquilo, mas o que ela viu, em uma mímica resumida, era a vida de santa Aelfaba. A boa mulher, a mística e reclusa, que desapareceu para rezar atrás de uma cachoeira. A Bruxa se encolheu ao ver a santa andar através da cachoeira (um jorro sobre a cabeça derramava água de verdade em uma bandeja escondida abaixo). Ela aguardou a santa tiquetaqueante sair, mas ela não saiu, e as luzes acabaram se apagando.

– Segundo ato: O Nascimento do Mal.

– Espere, a santa não emergiu como dizem as lendas! Quero o valor do meu dinheiro ou nada, por favor.

– Segundo ato: O Nascimento do Mal.

As luzes se acenderam em outro pequeno palco. Havia uma semelhança verossímil com Solos de Colwen pintados em um fundo de papelão atrás. Uma estatueta que representava Melena se despediu dos pais com beijos e saiu com Frex, uma marionete bonita com uma barba preta curta e andar elegante. Eles pararam em uma pequena cabana, e Frex a beijou e continuou a rezar. Durante todo o resto da cena, ele ficou de lado, gritando para camponeses que estavam ocupados fazendo sexo uns com os outros no solo em frente a ele, cortando uns aos outros em pedaços e comendo suas partes sexuais com um molho de verdade; dava para sentir o cheiro de alho e cogumelos sautés. Melena, em casa, bocejava e esperava, e mexia no belo cabelo. Apareceu um homem que a Bruxa não conseguiu identificar no início. Ele trazia uma sacola preta e dali tirou uma garrafa de vidro verde. Ele a deu para Melena beber e, quando ela fez isso, caiu nos braços dele, embasbacada e bêbada como a Bruxa estava hoje à noite. Não estava claro. O viajante e Melena fizeram amor no mesmo ritmo animado que os paroquianos de Frex, que começou a dançar no mesmo ritmo. Então, quando o ato de amor terminou, o viajante saiu de dentro de Melena. Ele estalou os dedos e um balão com um cesto embaixo desceu do espaço acima. O viajante entrou. Era o Mágico.

– Ah, que bobagem. Isso é pura conversa fiada.

As luzes diminuíram. A voz do anão veio de dentro do instrumento.

– Terceiro ato: O Casamento do Sagrado e do Maligno.

Ela esperou, mas nenhuma área foi iluminada, nenhuma marionete se mexeu.

– E? – indagou ela.

– E o quê?

– Onde está o fim da peça?

Ele colocou a cabeça para fora de um alçapão e piscou para ela.

– Quem disse que o final estava escrito? – respondeu ele e bateu a porta.

Outra porta se abriu, bem perto da mão da Bruxa, e uma bandeja deslizou dali. Sobre ela havia um espelho oval, rachado em um dos lados, arranhado na superfície. Parecia com o espelho que ela tinha desde a infância, aquele em que ela imaginava ver o Outro Mundo, quando acreditava nisso. A última coisa de que ela se lembrava do espelho oval era em seu esconderijo na Cidade das Esmeraldas. Dentro do espelho viviam reflexos de um jovem e belo Fiyero, e uma jovem e apaixonada Fae. A Bruxa pegou o espelho e o escondeu em seu avental, saindo em seguida.

Não houve nada nos jornais matinais sobre a morte de Madame Morrorosa. A Bruxa, com uma dor de cabeça traiçoeira, decidiu que não podia mais esperar. Ou Avaric e seus companheiros idiotas espalhariam a notícia ou não. Não havia nada a fazer.

“Mas deixe a história chegar aos ouvidos do Mágico”, disse a Bruxa para si mesma. “Eu gostaria de ser uma mosca na parede do refúgio dele quando isso acontecer. Deixe ele pensar que eu a matei. Deixe que a notícia seja essa.”

Ela voltou à Munchkinlândia em uma jornada punitiva, exaurindo a si mesma. Ela dormira muito pouco, e a cabeça ainda pulsava. Mas estava orgulhosa de si mesma. Ela chegou ao pátio da frente da cabana de Boq e chamou a família para vir.

Boq estava fora, no campo, e um de seus filhos teve de ser despachado para trazê-lo. Quando ele veio correndo, tinha um enxó na mão.

– Eu não estava esperando você, precisei de um minuto – disse ele, ofegando.

– Você teria vindo mais rápido se tivesse deixado a lâmina para trás – observou ela.

Mas ele não a largou.

– Elfinha, por que você voltou?

– Para lhe contar o que eu fiz. Achei que você ia gostar de saber. Eu matei Madame Morrorosa, e ela não pode mais fazer mal a ninguém.

Mas Boq não pareceu feliz.

– Você atacou a velha mulher? Ela não conseguia machucar ninguém agora.

– Você cometeu o erro que todos cometem – disse a Bruxa, cruelmente desapontada. – Não sabe que isso não existe?

– Você trabalhava para proteger os Animais. Mas não tinha a intenção de descer ao nível daqueles que os brutalizavam.

– Eu combati fogo com fogo e deveria ter feito isso antes! Boq, você se tornou um tolo equivocados.

– Crianças, corram para dentro e fiquem com sua mãe.

Ele estava com medo dela.

– Você está sentado na cerca, esperando. Sua preciosa Munchkinlândia vai ser sugada de volta para a Oz Real, sob o comando de Vossa Alteza o Imperador Mágico. E você está vendo o que Glinda quer, e despachou aquela garota com os sapatos que me pertencem. Você assumiu uma posição quando era jovem, Boq! Como pode ter... se estragado assim?

– Elfinha, olhe para mim. Você está fora de si. Andou bebendo? Dorothy é apenas uma criança. Você não deve recontar essa história para fazê-la parecer um tipo de demônio!

Milla, alertada para a tensão no pátio da frente, saiu e ficou atrás de Boq. Ela carregava uma faca de cozinha. Sussurrando alto, as crianças observavam da janela.

– Vocês não podem se defender com facas e enxós – falou a Bruxa com frieza. – Achei que vocês gostariam de saber sobre Madame Morrorosa.

– Você está tremendo. Olhe, vou largar essa coisa. Você está alterada. A morte de Nessa foi difícil para você. Mas precisa se controlar, Elfinha. Não fique contra Dorothy. Ela é uma criatura inocente e está sozinha. Eu imploro.

– Ah, não implore, não implore – disse a Bruxa –, eu não aguento súplicas,

de você, entre todas as pessoas! – Ela cerrou os dentes e fechou os punhos. – Não prometo nada a você, Boq!

E desta vez ela pegou a vassoura e saiu voando. De um jeito imprudente, ela montou as laterais das correntes de ar, até o solo abaixo ter perdido qualquer detalhe nítido o suficiente para lhe causar dor.

Ela estava começando a se sentir longe de Kiamo Ko por tempo demais. Liir era um idiota, teimoso e covarde, e Babá às vezes se esquecia onde estava. A Bruxa não queria pensar no dia anterior, na morte de Madame Morrorosa, nas acusações feitas pela peça de marionetes. Ela mal conseguia ser mais avessa ao Mágico do que já era; se houvesse uma lasca de possibilidade quanto à ideia de ele ser pai dela, isso só a fazia odiá-lo ainda mais. Ela perguntaria à Babá sobre isso quando voltasse para casa.

Quando voltasse para casa. Ela tinha 38 anos e estava acabando de perceber como era ter um sentimento de lar. “Por isso, Sarima, obrigada”, pensou ela. “Talvez a definição de lar seja o local onde você nunca é perdoado, então você sempre vai se encaixar lá, presa pela culpa. E talvez o custo de pertencer a algum lugar valha a pena.”

Mas ela decidiu ir em direção a Kiamo Ko seguindo a Estrada de Tijolos Amarelos. Ela faria uma última tentativa de recuperar os sapatos. Não tinha mais nada a perder. Se caíssem nas mãos do Mágico, ele os usaria para reforçar sua reivindicação à Munchkinlândia. Talvez, se ela tentasse, conseguiria dar de ombros e deixar a Munchkinlândia à própria sorte – mas, que diabos, os sapatos eram dela.

A Bruxa finalmente encontrou um vendedor ambulante que tinha visto Dorothy. Ele parou ao lado de sua carroça e esfregou as orelhas de seu burro enquanto discutia com ela.

– Ela passou por aqui algumas horas atrás – falou ele, mastigando uma cenoura e compartilhando-a com o burro. – Não, ela não estava sozinha. Tinha um grupo de amigos largados com ela. Guarda-costas, eu suspeito.

– Ah, pobre coisinha assustada... Quem? Garotos musculosos munchkins?

– Não exatamente. Havia um espantalho, um homem de lata e um felino enorme que se escondeu nos arbustos quando eu passei. Um leopardo, talvez, ou um puma.

– Um espantalho? Ela está despertando as figuras do mito, elas os está trazendo à vida? Essa deve ser uma garota interessante. Você reparou nos sapatos dela?

– Eu quis comprá-los.

– Sim! Você fez isso?

– Não estavam à venda. Ela parecia muito ligada a eles. Foram dados a ela

por uma Bruxa boa.

– Conversa fiada que foram!

– De qualquer maneira, não é da minha conta. Tem interesse em alguma coisa?

– Um guarda-chuva. Saí sem o meu, e o tempo parece ruim.

– Eu me lembro dos bons tempos da seca – disse o vendedor ambulante, garimpando um guarda-chuva meio gasto. – Ah, aqui está a sombrinha. É sua por um centavo de florim.

– É minha de graça. Você não negaria algo a uma pobre velhinha necessitada, não é, meu amigo?

– Não se quisesse viver para contar a história, pelo que percebo – respondeu ele e seguiu sem receber recompensa.

Mas, quando a carroça passou, a Bruxa ouviu outra voz:

– É claro, ninguém pergunta nada a uma fera, mas minha opinião é que ela é Ozma saída do quarto do sono profundo e marchando sobre Oz para recuperar o trono.

– Odeio monarquistas – falou o vendedor ambulante e bateu com o chicote.

– Odeio Animais com atitude.

Mas a Bruxa não podia parar para interferir. Até ali, ela não tinha conseguido salvar Nor, tinha sido incompetente em negociar com o Mágico. Chegou tarde demais para assassinar Madame Morrorosa – ou será que tinha chegado na hora? De qualquer maneira, ela não deveria tentar o que estava claramente além dela.

ABruxa estremeceu em uma corrente de ar ascendente. Ela havia levado a vassoura mais alto do que nunca; estava eufórica e em pânico. Será que deveria perseguir Dorothy, será que deveria arrancar aqueles sapatos – e quais eram seus motivos reais? Mantê-los longe das mãos do Mágico, da mesma forma que Glinda os queria longe das mãos dos munchkins sedentos de poder? Ou era atrair uma pequena lasca da atenção de Frex, quer ela merecesse ou não?

Sob a vassoura, nuvens começaram a enevoar a visão das montanhas salpicadas de rocha e dos campos desenhados de melão e milho. As finas espirais de vapor pareciam as marcas de apagar feitas pela borracha de uma criança na escola, marcando de branco o desenho colorido de uma paisagem. E se ela continuasse em frente, subindo cada vez mais com a vassoura, puxando-a para cima? Será que ela se estilhaçaria quando se chocasse contra os céus?

Ela podia desistir desses esforços. Podia esquecer Nor. Podia libertar Liir. Podia abandonar Babá. Podia renunciar a Dorothy. Podia abrir mão dos sapatos.

Mas um vento veio, um ombro de ar forte se recostando no lado esquerdo dela. Ela não conseguia forçar a vassoura contra ele. Foi jogada para o lado e para baixo, até que a Estrada de Tijolos Amarelos mais uma vez entalhou um fio dourado entre florestas e campos. Havia uma tempestade no horizonte, barras encaixadas de chuva marrom entre nuvens cinza-lavanda e campos verde-cinza. Ela não tinha muito tempo.

Então, achou que os tinha visto lá embaixo e mergulhou para ver. Eles estavam parando para descansar sob um salgueiro negro? Se estivessem, ela poderia acabar com tudo agora.

Quando a tempestade subiu – e a Bruxa despertou do que agora identificava como uma terrível ressaca –, ela não tinha certeza se era o mesmo dia. Não tinha nem certeza se tinha se aproximado deles – será que os havia deixado escapar assim? Mas, qualquer que fosse o caso, delírio ou memória enevoada, não ousou segui-los até dentro da Cidade das Esmeraldas. Madame Morrorosa tinha muitos amigos nesse governo podre e as notícias já deviam ter se espalhado a esta altura. Poderia até haver grupos de busca procurando por ela.

Embora isso a atormentasse, por enquanto ela tinha que abrir mão da ideia de recuperar os sapatos de Nessa. Ela mal descansou durante a viagem toda de volta a Kiamo Ko, exceto parando para pegar umas frutinhas e morder umas nozes e raízes para manter suas forças.

O castelo não tinha sido queimado. O exército de reconhecimento do Mágico ainda estava acampado no posto avançado perto do Moinho Vermelho em um estado de prontidão entediada. Babá estava ocupada fazendo uma bela capa de caixão de crochê para seu próprio funeral e listas de convidados. A maioria dos convidados já estava no Outro Mundo, supondo que para Babá existia um Outro Mundo.

– Como seria bom ver Ama Clutch de novo! – gritou a Bruxa, dando um aperto nos ombros da Babá. – Sempre gostei dela. Ela tinha mais caráter do que aquela Glinda afetada.

– Você gostava de Glinda, gostava. Todo mundo sabia.

– Bem, não gosto mais. Traidora.

– Você está com cheiro de sangue, vá se lavar – disse Babá. – É sua vez?

– Eu nunca me lavo, você sabe disso. Onde está Liir?

– Quem?

– Liir.

– Ah, por aí em algum lugar. – Ela sorriu. – Procure no poço de peixes!

Isso agora era uma velha piada da família.

– Que bobagem nova é essa? – indagou a Bruxa, encontrando Liir na sala de música.

– Eles estavam certos o tempo todo. Olhe o que eu finalmente pesquei, depois de todos esses anos.

Era a carpa dourada que há muito tempo assombrava o poço de peixes.

– Ah, admito que ela estava morta e eu a trouxe para cima com o balde, não um gancho nem uma rede. Mesmo assim. Você acha que algum dia vamos poder dizer a eles que finalmente a pegamos?

Nos últimos meses, ele tinha começado a falar de Sarima e da família como se eles fossem fantasmas, se escondendo na curva da escada em espiral da torre, disfarçando risinhos o tempo todo, um longo jogo de esconde-esconde.

– Só podemos ter esperança – respondeu ela. E se perguntou, fraca, se era imoral criar crianças com o hábito da esperança. No fim, não seria mais difícil para eles se adaptarem à realidade de como o mundo funcionava? – Ficou tudo

bem enquanto estive fora?

– Tudo ótimo – disse ele. – Mas estou feliz de você ter voltado.

Ela rosnou e foi cumprimentar Chistery e os filhotes tagarelas.

Em seu quarto, ela pendurou o velho espelho com uma corda e um prego e evitou olhá-lo. Ela tinha a terrível sensação de que veria Dorothy, e não queria isso. A criança a lembrava de alguém. Era aquela objetividade sem questionamentos, aquele olhar que não piscava de vergonha. Ela era natural como um guaxinim... ou uma samambaia... ou um cometa. A Bruxa pensou: será que é Nor? Será que Dorothy me lembra de como Nor era nessa idade?

Mas na época a Bruxa não se importava com Nor, não de verdade, mesmo que seu rosto fosse uma réplica pequena e suave do rosto de Fiyero. Exceto por Nessarose e Casco, a Bruxa nunca tinha se entusiasmado com a promessa reluzente das crianças. Ela sempre se sentia mais sozinha sobre esse assunto do que sobre a sua cor.

Não... e agora seu olhar encontrou o velho espelho cansado, apesar de suas intenções. Ela pensou: a Bruxa com seu espelho. Quem vemos senão a nós mesmos, essa é a maldição – Dorothy se parece comigo mesma, naquela idade, qualquer que seja...

“A época em Ovvels. Lá está a garota verde, tímida, desajeitada e humilhada. Para evitar a dor dos pés molhados, respingando em viscosas meias compridas feitas de pele de bezerro e botas à prova d’água. Mamãe, grávida de Casco, enorme como uma barca. Mamãe rezando por meses a fio para finalmente trazer uma criança saudável ao mundo. Mamãe derramando as garrafas de bebida e as folhas de pinlobble na lama.

“Babá cuidando da pequena Nessa, seguindo-a por toda parte em sua caçada diária de peixes, flores e pés de feijão. Nessa pode ver, mas não pode tocar: que maldição para uma criança! (Não é de surpreender que ela acreditasse em coisas que não podia ver – nada é comprovável pelo toque.) Para expiação dele, papai leva a menina verde com ele em uma expedição até os parentes de Coração de Tartaruga, uma família com muitos ramos que vive em um ninho de cabanas e passagens suspensas em um bosque de amplas árvores de borracha. Os quadlings, que ficam mais confortáveis em seus arcos, abaixam a cabeça. O cheiro de peixe cru em suas casas, em suas peles. Eles têm medo do ministro unionista que os encontrou no vilarejo esqualido. Não tenho memória firme dos indivíduos, mas de uma velha matriarca, sem dentes e orgulhosa.

“Os quadlings aparecem, depois de um período de timidez, não para o ministro, mas para mim, a menina verde. Ela não sou mais eu, ela é de muito tempo atrás, ela é apenas ela, impenetravelmente misteriosa e densa – a menina fica de pé como Dorothy, com uma coragem nata tornando sua coluna ereta, os

olhos sem piscar. Os ombros para trás, as mãos na lateral. Submissa ao toque dos dedos deles em seu rosto. Inflexível na causa do trabalho missionário.

“Papai pede perdão pela morte de Coração de Tartaruga, talvez uns cinco anos antes. Diz que foi culpa dele. Ele e a esposa tinham, os dois, se apaixonado pelo soprador de vidro quadling. ‘O que eu posso lhes dar para compensar?’, pergunta ele. Elfaba, a garota, pensa que ele é louco, ela pensa que eles não estão ouvindo, pois estão encantados com sua estranheza. ‘Por favor, me desculpem’, diz ele.

“Apenas a matriarca responde a essas palavras; talvez ela seja a única que de fato se lembra de Coração de Tartaruga. Ela tem um olhar de quem foi pego se escondendo sob uma rocha. Bem, em um povo onde o código moral é tão liberal, tão pouco é errado. Para ela, esse encontro é uma transação misteriosa e complicada.

“Ela diz algo como ‘Não perdoamos, não perdoamos, e não por Coração de Tartaruga, não’, e bate no rosto de papai com um junco, cortando-o em listras finas. Eu fui apenas uma testemunha, eu não estava de fato viva na época, mas vi: foi aí que papai começou a perder o controle, nesse açoitamento.

“Eu o vi em choque: na concepção de vida moral dele, não ocorre que alguns pecados sejam imperdoáveis. Ele fica branco, branco como uma cebola atrás das perfurações com pérolas de sangue provocadas pelo ataque da mulher. Talvez ela tenha todo o direito de fazer o que fez, mas na vida de papai ela se tornou a velha Kumbricia.

“Eu a vejo, determinada, orgulhosa: o sistema moral dela não permite o perdão, e ela está tão encarcerada quanto ele, mas não sabe. Ela sorri, toda cheia de gengiva e ameaça, e repousa o junco em sua clavícula, onde a ponta flexível cai como um colar no seu pescoço.

“Ele aponta para mim e diz – não para mim, mas para todos eles: ‘Isso não é punição suficiente?’”

“Elfaba, a garota, não sabe como ver o pai no papel de um homem arruinado. Tudo que ela sabe é que ele passa sua ruína para ela. Diariamente, os hábitos dele de ódio e autorrepugnância a aleijam. Diariamente, ela o ama de volta porque não conhece outra forma.

“Eu me vejo ali: a testemunha criança, com olhos arregalados como Dorothy. Encarando um mundo tão horrível para compreender, acreditando – por ignorância ou inocência – que por trás desse contrato indestrutível de culpa e censura sempre há um contrato mais antigo que pode obrigar e desobrigar de um jeito mais saudável. Um precedente mais antigo de resgate, que nem sempre precisamos ser atormentados pela nossa vergonha. Nem Dorothy nem a jovem Elfaba podem falar sobre isso, mas a crença está no rosto de nós duas...”

A Bruxa tinha pegado a garrafa de vidro verde, cujo rótulo dizia ELIXIR MILAGR... e a colocado na mesa de cabeceira. Ela tomou uma colher do elixir antes de dormir, esperando um milagre, buscando uma versão do fabuloso álibi que Dorothy estava desatando, de que ela tinha vindo de outro país, de alguma

forma – não dos estados reais do outro lado do deserto, mas uma existência geofísica totalmente separada. Até mesmo metafísica. O Mágico tinha dito isso de si mesmo e, se o anão estivesse certo, a Bruxa também tinha suas ancestralidades. À noite, ela tentou treinar a si mesma para olhar a periferia dos seus sonhos, perceber os detalhes. Era meio como tentar ver ao redor das margens de um espelho, mas, descobriu ela, mais recompensador.

Mas o que ela conseguiu? Tudo tremulava, como uma vela derretendo só que com mais crueldade, mais estridente. As pessoas se mexiam em movimentos curtos e irregulares. Elas não tinham cor, eram insípidas, drogadas, maníacas. Os prédios eram altos e cruéis. Os ventos eram fortes. O Mágico entrava e saía dessas imagens, um homem com aparência muito humilde nesse contexto. Em uma janela, em uma loja da qual o Mágico estava saindo com um certo desânimo, pensou ela, a Bruxa captou algumas palavras e desejou com muita força acordar para escrevê-las. Mas as palavras não faziam sentido para ela. “Nenhum irlandês precisa se candidatar.”

Então, certa noite ela teve um pesadelo. De novo começou com o Mágico. Ele andava por alguns montes de areia, com gramas altas e cinza assobiando em uma ventania feroz – milhares e milhares de gramas como o junco áspero com o qual a velha matriarca quadling tinha batido em Frex – e parou ao longo de um trecho amplo e plano. Ele tirou as roupas e olhou para um relógio nas mãos, como se quisesse memorizar um instante histórico. Então andou para a frente, nu e arruinado. Quando a Bruxa percebeu que ele estava se aproximando, tentou sair do sonho com um uivo, mas não conseguiu se desligar. Era o mítico oceano, e o Mágico entrou na água até os joelhos, as coxas, a cintura; ele parou, estremeceu e jogou água sobre si mesmo como um tipo de penitência. Ele continuou a andar e desapareceu totalmente no mar, como a santa Aelfaba da Cachoeira tinha desaparecido atrás do véu de água. O mar se balançava como um terremoto, vomitando na costa de areia, golpeando como uma comoção de tambor. Não havia Outro Lado. Ele jogou o Mágico de volta, de novo e de novo, embora de novo e de novo ele forçasse a entrada, cada vez mais exausto. O estoicismo, a determinação: não era de surpreender que ele tivesse conseguido dominar uma nação. O sonho terminou com ele devolvido à costa mais uma vez, chorando de frustração.

Ela acordou, engasgada, apavorada além do possível, com sal nas narinas. Depois disso, evitou o elixir milagroso. Em vez disso, fez uma poção derivada do livro de receitas da Babá e da marginália do Grimório para ficar acordada. Se dormisse de novo, seria presa daquela visão de destruição terrena, e ela preferia morrer.

Babá não tinha muito a dizer sobre pesadelos.

– Sua mãe também os tinha – observou por fim. – Ela costumava dizer que via a cidade desconhecida da raiva nos sonhos. Ficou tão irritada com o que você se tornou, sabe? Quero dizer, fisicamente, querida, não olhe assim para mim: uma menina verde não é fácil de uma mãe explicar. Ela ingeria aquelas pílulas como balas quando estava esperando Nessarose. Se Nessarose ainda estivesse por aqui para demonstrar rancor, ela poderia culpar você, de certo modo, pelo que aconteceu a ela.

– Mas onde você conseguiu essa garrafa verde? – indagou a Bruxa dentro do ouvido bom da Babá. – Olhe para ela, Babá querida, e tente se lembrar.

– Acho que comprei em uma liquidação. Eu fazia o dinheiro render, acredite.

“Você poderia fazer render a verdade ainda mais”, pensou a Bruxa. Ela reprimiu o desejo de quebrar a garrafa verde. “Como estamos todos presos pelas cordas da raiva familiar”, pensou a Bruxa. “Nenhum de nós consegue se libertar.”

Em uma tarde, algumas semanas depois, Liir voltou de um passeio todo quente e chateado. A Bruxa detestava ouvir que ele estava se entendendo de novo com os soldados do Mágico em Moinho Vermelho.

– Eles tinham novidades, um despacho da Cidade das Esmeraldas – disse ele. – Uma delegação de estrangeiros chegou para ver o Mágico. E era apenas uma menina! Dorothy, dizem, uma menina do Outro Mundo. E alguns amigos. O Mágico não concede uma audiência com seus súditos há anos... Ele trabalha através dos ministros, é o que dizem. Muitos soldados acham que ele morreu há muito tempo, e que é uma trama do Palácio para manter a paz. Mas Dorothy e seus amigos entraram, o viram e contaram a todo mundo como era!

– Bem, imagine só. Toda Oz, Fiel e Infel, está falando sobre essa Dorothy. O que os tolos disseram em seguida?

– O soldado do despacho falou que os convidados pediram ao Mágico para lhes conceder alguns desejos. O Espantalho pediu um cérebro, o Homem de Lata pediu um coração e o Leão Covarde pediu coragem.

– E suponho que Dorothy tenha pedido uma calçadeira?

– Dorothy pediu para ser levada para casa.

– Espero que ela consiga esse desejo. E?

Mas Liir ficou reservado.

– Ah, vamos lá, sou velha demais para perder o jantar por causa de fofoca – soltou ela.

Liir pareceu corado com um prazer culpado.

– Os soldados disseram que o Mágico recusou os pedidos esquisitos.

– E você está muito surpreso?

– O Mágico disse a Dorothy que concederia seus pedidos... quando eles... quando eles...

– Você não gagueja há anos. Não comece outra vez, ou vou bater em você.

– Dorothy e seus amigos têm de vir aqui e matar você – terminou ele. – Os soldados contaram que é porque você matou uma velha em Shiz, uma velha famosa, e que é uma assassina. Além disso, você é doida, eles dizem.

– Sou mais assassina do que esses vagabundos incompetentes poderiam ser. Ele estava apenas tentando se livrar deles. Provavelmente instruiu os próprios soldados da Força Gale a cortar a garganta da garota assim que ela estivesse fora dos holofotes. – E sem dúvida o Mágico tinha confiscado os sapatos. Isso a irritou. Mas ela se sentiu feliz porque as notícias de seu ataque foram espalhadas. Agora ela tinha certeza de que matou Madame Morrorosa. Fazia sentido que ela tivesse matado.

Mas Liir balançou a cabeça.

– O engraçado é que Dorothy se chama Dorothy Gale. Os soldados em Moinho Vermelho dizem que os da Força Gale não querem tocar nela porque são muito supersticiosos.

– O que esses soldados sabem sobre intriga, parados lá à margem da lua?

Liir deu de ombros.

– Você não está impressionada com o fato de o Mágico de Oz sequer saber quem você é? Você é uma assassina?

– Ah, Liir, você vai entender quando for mais velho. Ou não entender será secundário e não vai importar. Eu não machucaria você, se é isso que quer saber. Mas você parece muito surpreso de eu ser conhecida na Cidade das Esmeraldas. Só porque me desobedece e me trata como lixo, acha que o mundo inteiro faz o mesmo? – Mas ela estava feliz. – Mas, sabe, Liir, se houver a menor chance de esses rumores serem verdadeiros, é melhor ficar longe de Moinho Vermelho por um tempo. Eles podem sequestrar você e pedir resgate até eu me entregar a essa garota e seus companheiros carentes.

– Eu quero conhecer Dorothy – disse ele.

– Você ainda não tem essa idade. Por favor, nos poupe. Eu sempre tive a intenção de conservar você antes que entrasse na puberdade.

– Bem, eu não vou ser sequestrado, então não se preocupe. Além do mais, quero estar aqui quando eles chegarem.

– Preocupar-me será a última coisa que eu farei se você for sequestrado. Será sua culpa, e um grande alívio para mim ter uma boca a menos para alimentar.

– Ah, é, e quem vai carregar a lenha por todos esses degraus todo inverno?

– Eu contrato o tal de Nick Chopper. O machado dele parece bem afiado.

– Você o viu? – A boca de Liir despencou. – Não, é mentira!

– Eu vi, na verdade. Quem disse que eu não passeio pelos melhores círculos?

– Como ela é? – indagou ele, com o rosto ansioso e iluminado. – Você também deve ter visto Dorothy. Como ela é, Titia Bruxa?

– Não me chame de Titia, você sabe que isso me deixa doente.

Ele a perturbou sem parar até que ela cedeu.

– Ela é uma bela tolinha que acredita em tudo que lhe dizem! E, se ela chegar aqui e você disser que a ama, é provável que ela acredite! Agora saia daqui, tenho trabalho a fazer!

Ele ficou parado na porta.

– O Leão quer coragem, o Homem de Lata quer um coração e o Espantalho quer um cérebro. Dorothy quer ir para casa. O que você quer?

– Um pouco de paz e silêncio.

– Não, de verdade.

Ela não conseguiu dizer perdão, não a Liir. Ela começou a dizer “um soldado”, para fazer piada com os afetos sonhadores dele em relação aos caras de uniforme. Mas, ao perceber, enquanto falava, que ele ficaria chateado, ela parou e, no fim, o que saiu de sua boca surpreendeu os dois.

– Uma alma...

Ele piscou para ela.

– E você? – perguntou ela em uma voz mais baixa. – O que você quer, Liir, se o Mágico pudesse lhe dar qualquer coisa?

– Um pai.

Ela se perguntou, por um instante, se estava enlouquecendo. Naquela noite, se sentou em uma cadeira e pensou no que havia dito.

Uma pessoa que não acredita no Deus Inominável, nem nada parecido, não pode acreditar em alma.

Se fosse possível tirar os espetos da religião, aqueles que perfuram sua forma, tornam você consciente toda vez que se move – se fosse possível tirar as cimitarras da religião de seus sistemas mentais e morais –, seria possível ficar de pé? Ou precisamos da religião como os hipopótamos nos pastos precisam dos pequenos parasitas venenosos dentro deles, para ajudá-los a digerir as fibras e as polpas? A história de povos que expulsaram a religião não é um argumento persuasivo para viver sem ela. Será que a religião em si – aquela frase desgastada e irônica – é o mal necessário?

A ideia de religião funcionava para Nessarose, funcionava para Frex. Pode não haver uma cidade de verdade nas nuvens, mas sonhar com isso pode elevar o espírito.

Talvez, na tentativa generosa do unionismo da nossa época, permitindo que todos os desejos devocionais vivessem e respirassem sob a cobertura do Deus Inominável, talvez tenhamos selado nosso destino. Talvez seja hora de nomear o Deus Inominável, mesmo que de um jeito frágil e à nossa própria imagem malvada, que possamos pelo menos sobreviver sob a ilusão de uma autoridade que poderia se importar conosco.

Pois, se afastarmos do Deus Inominável qualquer coisa que se pareça com caráter, o que temos? Um grande vento inexpressivo. E o vento pode ter a força da ventania, mas pode não ter força moral; e uma voz em um redemoinho é um truque de pregoeiro de feira.

Mais interessantes – ela agora percebia, pela primeira vez – eram as ideias antigas de paganismo. Lurlina em sua carruagem de fada, pairando sobre as nuvens, pronta para descer em um milênio ou outro e nos lembrar quem somos. O Deus Inominável, pela virtude de seu anonimato, jamais pode nos surpreender com uma visita.

E será que reconheceríamos o Deus Inominável se ele batesse às nossas portas?

Às vezes ela cochilava, contra a própria vontade, o queixo afundando no peito, às vezes caindo sobre a mesa, arranhando os dentes, batendo a mandíbula e acordando de susto.

Ela tinha criado o hábito de ficar de pé na janela, olhando para o vale abaixo. Levaria semanas para Dorothy e seu bando chegarem, se eles ainda não tivessem sido mortos e seus cadáveres, queimados, assim como o de Sarima deve ter sido.

Certa noite, Liir voltou de uma visita ao alojamento. Ele estava choroso e inarticulado, e ela tentou não se importar, mas ficou curiosa demais para deixar passar. Ele lhe contou. Um dos soldados tinha proposto aos colegas que, quando Dorothy e os amigos chegassem, os amigos seriam mortos e Dorothy seria amarrada para proporcionar uma pequena diversão para os homens solitários e cheios de desejo.

– Ah, os homens têm fantasias... – comentou a Bruxa, mas ficou preocupada.

O que fez Liir chorar foi que seus amigos tinham relatado as observações dos soldados a seu superior. O soldado tinha sido desnudado, castrado e pregado ao moinho. Seu corpo girava em círculos enquanto os abutres vinham e tentavam bicar suas entranhas. Ele nem estava morto.

– Não é difícil encontrar o mal neste mundo – explicou a Bruxa. – O mal é sempre imaginado com mais facilidade do que o bem, de alguma forma. – Mas ela ficou chocada com a veemência da resposta do comandante contra seus soldados. Então Dorothy ainda poderia muito bem estar viva, e aparentemente estava sob ordens de proteção dos quartéis militares mais altos da região.

Liir colocou Chistery no colo e soluçou. Chistery disse:

– Shhh, chorar chorando chama – e chorou junto com Liir.

– Eles não fazem um par bonito? – observou Babá. – Não daria uma bela pintura?

Sob o manto da escuridão, a Bruxa escapou em sua vassoura e deu um jeito de o soldado sofredor morrer de uma vez.

Certa tarde, ela pensou, inexplicavelmente, no filhote de leão tirado de sua mãe e colocado para servir no laboratório do doutor Nikidik em Shiz. Ela se lembrou de como ele se encolheu de medo, da confusão que fez a respeito. Ou ela estava apenas se glorificando ao olhar para o passado?

Se fosse o mesmo Leão, que cresceu tímido e anormal, ele não deveria ter contas a acertar com ela. Ela o salvou quando ele era jovem. Não foi?

Eles a confundiam, esse bando de Anormais da Estrada de Tijolos Amarelos. O Homem de Lata era oco, uma nulidade tiquetaqueante ou um humano eviscerado sob um feitiço. O Leão era uma perversão dos próprios

instintos naturais. Ela conseguia lidar com relógios tiquetaqueantes, conseguia lidar com Animais. Mas ela temia o Espantalho. Era um feitiço? Era uma máscara? Será que havia apenas um dançarino esperto dentro dele? Todos os três eram castrados de alguma forma, iludidos sob o feitiço da inocência da menina.

Ela poderia dar uma história ao Leão e pensar nele como aquele filhote maltratado em um salão de ciências de Shiz. Ela suspeitava que o tal Nick Chopper era a vítima da maldade e da mágica de sua própria irmã, casualidade do machado encantado. Mas ela não tinha onde colocar o Espantalho.

Ela começou a pensar que, por trás do saco de farinha de milho pintado como um rosto, havia um rosto que ela deveria conhecer, um rosto pelo qual ela estava esperando.

Ela acendeu uma vela e disse as palavras em voz alta, como se realmente conseguisse fazer feitiços. As palavras afastaram para o lado a faixa estreita de fumaça acinzentada que subia da parafina gordurosa. Se elas teriam qualquer outro efeito no mundo além desse, ela ainda não sabia.

– Fiyero não morreu. Ele esteve aprisionado e escapou. Está voltando para casa em Kiamo Ko, está voltando para mim, e está disfarçado de espantalho porque ainda não sabe o que vai encontrar.

Era necessário ter cérebro para pensar assim.

Ela pegou uma velha túnica de Fiyero. Chamou Mata Alegria, já velhinho, e pediu que ele cheirasse bem e o enviava todo dia até o vale, para que, se os viajantes aparecessem, Mata Alegria pudesse encontrá-los e levá-los para casa alegres.

E, embora tentasse não dormir, ocasionalmente ela não conseguia evitar; seus sonhos traziam Fiyero mais e mais para perto de casa.

Houve um dia, nas primeiras brisas do outono, que as bandeiras e os estandartes do acampamento abaixo mudaram de lugar e cornetas soaram metálicas subindo as encostas até o castelo. Por isso, a Bruxa adivinhou que a trupe havia chegado a Moinho Vermelho e estavam recebendo uma acolhida real.

– Eles chegaram tão longe, não vão esperar agora – falou ela. – Vá, Mata Alegria, vá encontrá-los e mostre o caminho mais rápido até aqui.

Ela soltou o cachorro velhinho, e as incitações eram tão fortes que todos os parentes dele foram correndo junto, latindo com alegria e frenéticos por fazerem seu trabalho.

– Babá – gritou a Bruxa –, coloque uma anágua limpa e troque seu avental, teremos companhia até o anoitecer!

Mas os cachorros não voltaram até o anoitecer e a Bruxa pôde ver por quê. Com um olho telescópico em uma caixa cilíndrica – inventado pela Bruxa seguindo as linhas da descoberta do doutor Dillamond sobre lentes opostas –, ela seguiu um choque de carnificina. Dorothy e o Leão tremiam com o Espantalho enquanto o Homem de Lata arrancava as cabeças de suas feras uma após a outra com o machado. Mata Alegria e seus parentes lobos estavam deitados, espalhados como soldados mortos em um campo de refúgio.

A Bruxa dançou de raiva e chamou Liir.

– Seu cachorro está morto, veja o que eles fizeram! – gritou ela. – Olhe e tenha certeza de que eu não imaginei isso!

– Bem, eu já não gostava muito daquele cachorro. Ele teve uma vida longa e boa, de qualquer maneira. – Ele concordou, tremendo, mas depois virou a lente para a encosta outra vez.

– Seu tolo, essa Dorothy não é para brincar! – gritou ela, arrancando o instrumento da mão dele.

– Você está muito irritada para alguém que está prestes a receber companhia – disse ele com tristeza.

– Eles supostamente estão vindo me matar, se não se lembra – falou ela, embora já tivesse esquecido isso, assim como esquecera o desejo pelos sapatos até vê-los de novo na lente. O Mágico não os tinha tirado de Dorothy! Por que não? Que campanha nova de intriga era essa?

Ela girou pelo quarto, virando as páginas do Grimório para um lado e para o outro. Recitou um feitiço, fez errado, fez de novo e depois virou e tentou aplicá-lo aos corvos. Embora os três corvos originais já tivessem caído duros do alto da porta, ainda havia muitos outros na residência, nascidos ali mesmo, tolos, mas sugestionáveis de um jeito estúpido e agrupado.

– Vão – disse ela. – Vejam com seus olhos mais perto do que eu consigo, tirem a máscara do Espantalho para podermos saber quem é ele. Peguem-nos para mim. Biquem os olhos de Dorothy e do Leão. E três de vocês sigam até a velha princesa Nastoya, nos Pastos de Mil Anos, pois está chegando o momento em que vamos nos reunir, todos nós. Com a ajuda do Grimório, o Mágico pode

finalmente cair!

– Eu nunca sei sobre o que você está falando, ultimamente – disse Liir. – Você não pode cegá-los!

– Ah, espere para ver – resmungou a Bruxa. Os corvos saíram voando em uma nuvem negra e mergulharam como munição de espingarda pelo céu, descendo os precipícios irregulares, até chegarem aos viajantes.

– Um belo pôr do sol, é? – perguntou Babá, subindo até o quarto da Bruxa em um de seus raros ataques, e Chistery, como sempre, ajudando.

– Ela enviou corvos para cegar os convidados que vêm para o jantar!

– O quê?

– Ela vai cegar os convidados que vêm para o jantar!

– Bem, esse é um jeito de evitar a necessidade de tirar o pó, acho eu.

– Vocês, lunáticos, podem calar a boca? – A Bruxa estava se debatendo como se estivesse tendo um ataque nervoso; seus cotovelos se debatiam, como se ela mesma fosse um corvo. Ela deu um longo uivo quando os encontrou na lente.

– O que, o que, deixe-me ver – pediu Liir, agarrando a coisa. Ele explicou a Babá, porque a Bruxa estava quase sem fala, agora. – Bem, acho que o Espantalho sabe como espantar corvos muito bem.

– Por que, o que ele fez?

– Eles estão voltando, é tudo que vou dizer – respondeu Liir, olhando para a Bruxa.

– Ainda pode ser ele – disse ela por fim, respirando pesado. – Você ainda pode conseguir o seu desejo, Liir.

– Meu desejo? – Ele não se lembrava de ter pedido um pai, e ela não se preocupou em recordar. Nada ainda tinha sugerido que o Espantalho não era um homem disfarçado. Ela não precisaria de perdão se Fyero não tivesse morrido!

A luz estava falhando, e o estranho bando de amigos estava subindo o morro. Eles vinham sem uma escolta de soldados, talvez porque os soldados acreditassem que Kiamo Ko era administrada por uma Bruxa Má.

– Vamos lá, abelhas – disse a Bruxa –, trabalhem comigo. Todas juntas nessa, queridas. Precisamos de uma ferroadinha, precisamos de um zumbidinho, queremos um pouco de maldade, vocês podem nos dar uma picadinha? Não, não em nós, ouçam quando eu falo com vocês, suas bobocas! A garota no morro lá embaixo. Ela está atrás da Abelha Rainha de vocês! Quando terminarem seu trabalho, vou descer e pegar aqueles sapatos.

– O que essa bruxa malvada está tagarelando, agora? – perguntou Babá a Liir.

As abelhas estavam alertas ao tom de voz da Bruxa, e se levantaram para sair como um enxame pela janela.

– Veja, Babá, eu não consigo olhar – disse a Bruxa.

– A lua está parecendo um belo pêssego surgindo sobre as montanhas – comentou Babá com o telescópio no olho com catarata. – Por que não plantamos alguns pessegueiros em vez de todas aquelas macieiras infernais nos fundos?

– As abelhas, Babá... Liir, pegue isso dela e me diga o que está acontecendo. Liir fez um relato passo a passo.

– Elas estão descendo, parecem um gênio ou coisa assim, todas voando em

um grupo enorme com um rabo desordenado. Os viajantes estão vendo elas chegando. Isso! Isso! O Espantalho está tirando palha de seu peito e das pernas e cobrindo o Leão e Dorothy, e tem um cachorrinho também. Então as abelhas não conseguem atravessar a palha, e o Espantalho está todo despedaçado pelo chão.

Não podia ser verdade. A Bruxa pegou o telescópio.

– Liir, você é um mentiroso imundo! – gritou ela. Seu coração rugia como um vento.

Mas era verdade. Não havia nada além de palha e ar dentro das roupas do Espantalho. Nenhum amante escondido retornando, nenhuma última esperança de salvação.

E as abelhas, sem nada para atacar a não ser o Homem de Lata, voaram contra ele e caíram em montes pretos pelo chão, como sombras carbonizadas, com os ferrões presos na traseira.

– Você precisa dar crédito à ingenuidade dos nossos convidados – falou Liir.

– Quer calar a boca antes que eu amarre sua língua com um nó? – indagou a Bruxa.

– Acho que devo descer e fazer uns aperitivos, eles estarão famintos depois de todas essas provas que você enviou até eles – comentou Babá. – Você prefere queijo e biscoitos ou vegetais frescos com molho de pimenta?

– Eu diria queijo – respondeu Liir.

– Elfaba? Qual é sua opinião?

Mas ela estava ocupada demais fazendo pesquisas no Grimório.

– Eu que vou decidir, como sempre acontece – concluiu Babá. – Eu faço todo o trabalho. Eu deveria estar chorando de alegria, na minha idade. Deveria estar descansando meus pés pela primeira vez, mas não. Sempre a madrinha, nunca a noiva.

– Sempre o padrinho, nunca o pai – falou Liir.

– Vocês dois querem ter piedade de mim! Agora vá, Babá, se é que você vai! – Babá saiu pela porta o mais rápido que seus membros velhos conseguiram carregá-la. – Chistery, deixe ela ir sozinha, preciso de você aqui.

– Claro, deixe-me tropeçar até a morte, deleitada por ser útil! – gritou Babá. – Aliás, vai ser queijo.

A Bruxa explicou a Chistery o que ela queria.

– Isso é tolice. Logo ficará escuro, e eles vão tropeçar sobre algum morro e morrer. Os pobres coitados, eu preferia que não. Quero dizer, o Homem de Lata e o Espantalho, eles podem tropeçar o quanto quiserem e não se machucarão muito, imagino. Um bom funileiro pode consertar um dorso amassado. Mas me traga Dorothy e o Leão. Dorothy está com os meus sapatos, e eu tenho uma conversa para ter com o Leão. Somos velhos amigos. Pode fazer isso?

Chistery olhou de soslaio, fez um sinal com a cabeça, deu de ombros, cuspiu.

– Bem, tente, de que você me vale se não tentar – disse ela. – Saia daqui e leve seus colegas junto.

Ela se virou para Liir.

– Pronto, está satisfeito? Eu não pedi que eles sejam mortos. Eles serão escutados até aqui como nossos convidados. Vou pegar os sapatos e deixá-los

partir. E depois vou carregar este Grimório até as montanhas e viver em uma caverna. Você tem idade suficiente para cuidar de si mesmo. Um bom destino para uma bobagem ruim. Quem precisa de perdão agora? Hein?

– Eles estão vindo para matá-la – disse ele.

– Sim, e você mal se aguenta de expectativa por isso!

– Vou proteger você... – Ele parecia desconfortável, e depois acrescentou: – Mas não se tiver que machucar Dorothy.

– Ah, vá arrumar a mesa, e diga à Babá para esquecer o queijo com biscoitos e servir os vegetais. – Ela sacudiu a vassoura para ele. – Vá, estou mandando, agora!

Quando ficou sozinha, ela afundou em uma pilha. Ou os viajantes tinham uma sorte fenomenal ou suficiente coragem, cérebro e coração entre eles para se saírem tão bem. Ela estava usando a abordagem errada, claro. Deveria receber a menina, explicar a situação com educação e pegar os malditos sapatos enquanto podia. Com os sapatos, com a ajuda da princesa Nastoya, talvez ainda houvesse uma vingança contra o Mágico. De qualquer maneira, o Grimório seria escondido. De um jeito ou de outro. E os sapatos tirados do alcance do Mágico.

Mas o choque da morte de seus familiares fazia o sangue dela correr friamente no corpo. Ela sentia os pensamentos e as intenções tropeçando uns nos outros várias vezes. E não tinha muita certeza do que faria quando estivesse cara a cara com Dorothy.

Liir e Babá estavam de pé um em cada lado da porta, sorrindo, quando Chistery e seus companheiros desceram fazendo um barulho estranho, jogando os passageiros sobre as pedrinhas do pátio interno. O Leão gemeu de dor e chorou de vertigem. Dorothy se sentou, abraçando o cachorrinho, e disse:

– E onde estamos agora?

– Bem-vindos – disse Babá, dobrando os joelhos.

– Olá – falou Liir, girando um pé ao redor do outro e caindo sobre um balde de água.

– Vocês devem estar cansados depois da longa viagem – comentou Babá. – Querem se refrescar um pouco antes de fazermos uma refeição leve? Nada sofisticado, sabem, estamos muito distantes de tudo.

– Aqui é Kiamo Ko – explicou Liir, vermelho como beterraba e ficando de pé outra vez. – A fortaleza da tribo arjiki.

– Aqui ainda é território winkie? – indagou a menina, ansiosa.

– O que ela disse, a pequena, mande ela falar alto – pediu Babá.

– Chama-se Vinkus – respondeu Liir. – “Winkie” é meio que um insulto.

– Ah, senhor, eu não queria ofender ninguém! Perdão.

– Você é uma menininha linda, com braços e pernas no lugar certo e uma pele inofensiva, sensível e delicada – disse Babá, sorrindo.

– Sou Liir e eu vivo aqui. Este é o meu castelo.

– Sou Dorothy e estou muito preocupada com os meus amigos... o Homem de Lata e o Espantalho. Ah, por favor, alguém pode fazer alguma coisa por eles? Está escuro, e eles vão se perder!

– Eles não vão se machucar. Vou resgatá-los amanhã, à luz do dia – prometeu Liir. – Juro. Faço qualquer coisa. De verdade, qualquer coisa.

– Você é tão gentil, como todo mundo aqui – constatou Dorothy. – Ah, Leão, você está bem? Foi muito terrível?

– Se o Deus Inominável quisesse que os Leões voassem, teriam lhes dado balões de ar quente – respondeu o Leão. – Acho que perdi meu almoço em algum ponto sobre a ravina.

– Sejam muito bem-vindos – gorjeou Babá. – Estávamos esperando vocês. Eu me cansei demais preparando uma coisinha. Não é muito, mas tudo que temos é de vocês. Esse é o nosso lema aqui nas montanhas. O viajante é sempre bem-vindo. Agora vamos encontrar uma água quente e sabão na bomba e depois entramos.

– Vocês são muito gentis... mas preciso encontrar a Bruxa Má do Oeste. Eu disse a Bruxa Má do Oeste – repetiu Dorothy, para Babá ouvir. – Sinto muito em perturbá-los. Parece um castelo perfeitamente maravilhoso. Talvez na volta, se minha viagem me trouxer por esse caminho.

– Bem, ela mora aqui também. Comigo. Não se preocupe, ela está aqui.

Dorothy pareceu um pouco pálida.

– Ela está?

A Bruxa apareceu na porta.

– Sim, estou. – A Bruxa desceu os degraus rapidamente, as saias rodando, a vassoura correndo para acompanhar. – Bem, Chistery, você fez um bom trabalho! Estou feliz de ver que todos os meus esforços não foram em vão. Você, Dorothy, Dorothy Gale, aquela cuja casa teve a coragem de cair sobre a minha irmã!

– Bem, não era minha casa, em um sentido jurídico, falando a rigor, e, na verdade, ela mal pertencia à Tia Em e ao Tio Henry, exceto, talvez, por algumas janelas e a chaminé. Quero dizer que o Primeiro Banco Estadual de Mecânicos e Fazendeiros de Wichita tem a hipoteca, então eles são as partes responsáveis. Quero dizer, se você precisar fazer contato com alguém. É o banco que cuida.

A Bruxa se sentiu súbita e estranhamente calma.

– Não me importa quem é o dono da casa. O fato é que a minha irmã estava viva antes de você chegar, e agora ela está morta.

– Ah, e eu sinto muito por isso – disse Dorothy, nervosa. – De verdade. Eu não fiz nada para evitar isso. Sei como eu me sentiria mal se uma casa caísse sobre a Tia Em. Uma vez, uma tábua do telhado da varanda caiu sobre ela. Ela ganhou um galo enorme na testa e cantou hinos a tarde toda, mas à noite ela já tinha voltado a ser mal-humorada como sempre.

Dorothy colocou o cachorrinho sob o braço, se aproximou e pegou as mãos da Bruxa.

– De verdade, eu sinto muito – insistiu ela. – É terrível perder alguém. Perdi meus pais quando era pequena, e eu me lembro.

– Me largue, eu odeio sentimentos falsos. Faz minha pele se enrugam.

Mas a menina continuou segurando, com um tipo de intimidade irritante, e não disse nada, só esperou.

– Me solte, me solte.

– Você era próxima da sua irmã?

– Isso não vem ao caso.

– Porque eu era muito próxima da minha Mamãe, e quando ela e o papai se perderam no mar, mal consegui aguentar.

– Perdidos no mar, o que quer dizer? – indagou a Bruxa, se soltando do aperto da menina.

– Eles estavam a caminho de visitar minha avó no velho continente, porque ela estava morrendo, e uma tempestade veio. O navio deles virou, quebrou ao meio e mergulhou no fundo do mar. E eles se afogaram, como todas as almas a bordo.

– Ah, então eles tinham almas – falou a Bruxa, com a mente recuando ao pensar na imagem de um navio com toda aquela água.

– E ainda têm. É tudo que lhes restou, eu suspeito.

– Por favor, não me agarre. E entrem para comer alguma coisa.

– Venha, você também – disse a menina para o Leão, e ele rolou de mau humor em suas grandes patas acolchoadas e a seguiu.

“Então agora nos tornamos um restaurante”, pensou a Bruxa, amarga. “Devo enviar um macaco voador até Moinho Vermelho para chamar um violinista para tocar uma música ambiente? Que assassina peculiar ela está se

tornando.”

A Bruxa começou a pensar em como poderia desarmar a menina. Era difícil dizer quais eram as armas dela, exceto aquele tipo de bom senso inútil e hostilidade emocional.

Durante o jantar, Dorothy começou a chorar.

– O que foi? Ela preferia o queijo em vez dos vegetais? – indagou Babá.

Mas a menina não respondia. Ela colocou as duas mãos sobre a mesa de carvalho e chorava. Liir quis se levantar e abraçá-la. A Bruxa acenou para ele com a cabeça de um jeito amargo, mandando ele ficar no lugar. Ele bateu a xícara de leite com força sobre a mesa, chateado.

– É tudo muito bonito – disse Dorothy por fim, fungando –, mas estou muito preocupada com o tio Henry e a tia Em. Ele se preocupa quando me atraso só um pouquinho ao sair da escola, e a tia Em... bem, ela pode ficar muito zangada quando fica irritada!

– Todas as tias são zangadas – disse Liir.

– Coma, pois você não sabe quando será sua próxima refeição – falou a Bruxa.

A menina tentou comer, mas continuava se dissolvendo em lágrimas. Em certo momento, Liir também começou a chorar. O cachorrinho, Totó, implorava por migalhas, o que fez a Bruxa pensar nas próprias perdas. Mata Alegria, que estava com ela havia oito anos, um cadáver cheio de moscas endurecendo na montanha entre toda a sua prole. Ela se importava menos com as abelhas e os corvos, mas Mata Alegria era seu animal de estimação especial.

– Bem, que bela festa – comentou Babá. – Eu me pergunto se devia ter embelezado as coisas com uma vela.

– Vela boba – disse Chistery.

Babá acendeu uma vela e cantou “Parabéns pra você” para fazer Dorothy se sentir melhor, mas ninguém a acompanhou.

Então o silêncio caiu. Apenas Babá continuava a comer, terminando com o queijo. A cor do rosto de Liir alternava entre branco e rosa, e Dorothy tinha começado a fitar sem expressão um nó na madeira polida da mesa. A Bruxa coçava os dedos com a faca e passava a lâmina pelo dedo indicador, como se ela fosse uma pena de fênix.

– O que vai acontecer comigo? – indagou Dorothy, caindo na monotonia. – Eu não devia ter vindo aqui.

– Babá, Liir, vão para a cozinha. Levem o Leão com vocês.

– Esse saco velho está falando comigo? – perguntou Babá a Liir. – Por que a garotinha está chorando? Nossa comida não é boa o suficiente para ela?

– Não vou sair do lado de Dorothy! – gritou o Leão.

– Eu o conheço? – perguntou a Bruxa com uma voz baixa e calma. – Você era o filhote com quem eles faziam experimentos no laboratório de ciências de Shiz há muito tempo. Você estava apavorado na época e eu o defendi. Vou salvá-lo de novo se você se comportar.

– Eu não quero ser salvo – respondeu o Leão, petulante.

– Conheça esse sentimento – disse a Bruxa. – Mas você pode me ensinar alguma coisa sobre os Animais na vida selvagem. Se eles regridem, ou quanto.

Acho que você foi criado na vida selvagem. Pode ser útil. Pode me proteger quando eu sair daqui com meu Grimório, meu livro de mágicas, meu *Malleus Maleficarum*, meu incunábulo hipnotizante, meu códice de escaravelho, suástica e cruz gamada, meu texto de magia.

O Leão rugiu tão de repente que todos pularam na cadeira, até Dorothy.

– Trovão à noite, delírio do diabo – observou Babá, olhando pela janela. – É melhor eu recolher as roupas.

– Sou maior do que você – ameaçou o Leão – e não vou deixar Dorothy sozinha com você.

A Bruxa se abaixou de repente e pegou o cachorrinho em seus braços.

– Chistery, vá jogar esta coisa no poço de peixes. – Chistery pareceu em dúvida, mas fugiu com Totó nos braços como um pão peludo que late.

– Ah, não, alguém o salve! – pediu Dorothy. A Bruxa agarrou a mão dela e a prendeu à mesa, mas o Leão tinha sido catapultado para a cozinha atrás do macaco da neve e de Totó.

– Liir, tranque a porta da cozinha – gritou a Bruxa. – Faça uma barreira para eles não poderem voltar.

– Não, não – gritou Dorothy –, eu vou com você, mas não machuque o Totó! Ele não lhe fez nada! – Ela se virou para Liir e disse: – Por favor, não deixe aquele macaco machucar meu Totó. O Leão é inútil, não confio nele para salvar meu cachorrinho!

– Vamos comer o pudim em frente à lareira? – indagou Babá, parecendo animada. – A cobertura é de caramelo.

A Bruxa pegou a mão de Dorothy e começou a afastá-la dali. Liir subitamente pulou e pegou a outra mão de Dorothy.

– Sua velha malvada, deixe-a em paz – gritou ele.

– Liir, de verdade, você escolhe os piores momentos para ter caráter – falou a Bruxa cansada e em voz baixa. – Não se envergonhe nem a mim com essa falsa coragem.

– Eu ficarei bem... apenas cuide do Totó – pediu Dorothy. – Ah, Liir, tome conta do Totó, não importa o que aconteça... por favor. Ele precisa de um lar.

Liir se inclinou e beijou Dorothy, que ficou surpresa.

– Me poupe... – resmungou a Bruxa. – Quaisquer que sejam os meus erros, eu não merecia ter visto isso.

Ela empurrou Dorothy à frente até o quarto da torre e trancou a porta. O longo período de privação de sono estava fazendo sua cabeça girar.

– O que veio fazer aqui? – indagou à menina. – Eu sei por que veio de tão longe, da Cidade das Esmeraldas... mas continue, fale na minha cara! Você veio para me matar, como dizem os rumores... ou trouxe uma mensagem do Mágico? Ele agora está disposto a negociar o livro em troca de Nor? A mágica pela criança? Fale! Ou... ele a instruiu para roubar o meu livro! É isso!

Mas a menina só recuou, olhando para a direita e para a esquerda, procurando um escape. Não havia saída exceto pela janela, e era uma queda fatal.

– Me diga – mandou a Bruxa.

– Estou totalmente sozinha em uma terra estranha, não me faça fazer isso – disse a menina.

– Você veio me matar e roubar o Grimório!

– Eu não sei do que você está falando!

– Primeiro, me dê os sapatos. Eles são meus. Depois conversamos.

– Eu não posso, eles não saem dos meus pés – explicou a menina. – Acho que aquela Glinda colocou um feitiço neles. Há dias que eu venho tentando tirá-los. Minhas meias estão muito suadas, é inacreditável.

– Me dê eles! – reclamou a Bruxa. – Se você voltar para o Mágico com eles, irão cair nas mãos dele!

– Não, olhe, eles estão presos! – gritou a menina. Ela chutou um calcanhar com o dedão do outro pé. – Veja, estou tentando, estou tentando, eles não saem, é verdade, eu juro! Eu tentei dá-los ao Mágico quando ele os exigiu, mas eles não saíam! Há algo errado com eles, estão muito apertados ou coisa parecida! Ou talvez eu esteja crescendo.

– Você não tem direito a esses sapatos – falou a Bruxa. Ela circulou a menina, que recuou, tropeçando nos móveis, derrubando a colmeia e pisando na abelha rainha, que tinha saído dos fragmentos.

– Tudo que eu tenho, cada coisinha que eu tenho, morre quando você aparece. Liir está lá embaixo, pronto para me rejeitar por causa de um único beijo. Minhas feras estão mortas, minha irmã está morta, você espalhou a morte pelo seu caminho, e é apenas uma menina! Você me lembra Nor! Ela achava que o mundo era mágico, e olhe o que aconteceu com ela!

– O que, o que aconteceu? – perguntou Dorothy, tentando ganhar tempo.

– Ela descobriu exatamente como ele era mágico: foi sequestrada e vive uma vida miserável como prisioneira política!

– Mas você também me sequestrou, e eu não pedi nada disso, nada. Você precisa ter piedade.

A Bruxa se aproximou e agarrou a menina pelo pulso.

– Por que você quer me matar? – indagou ela. – Realmente acredita que o Mágico vai fazer o que prometeu? Ele não sabe o que é verdade, então ele nem

sabe o quanto mente! E eu não a sequestrei, sua tola! Você veio aqui com as próprias pernas, para me matar!

– Eu não vim matar ninguém. – A menina se encolheu.

– Você é a Adepta? – perguntou a Bruxa de repente. – Ahá! Você é a Terceira Adepta? É isso? Nessarose, Glinda e você? Madame Morrorosa recrutou você para servir ao poder oculto? Vocês trabalham em conluio: os sapatos da minha irmã, o charme da minha amiga e sua força inocente. Admita, admita que você é a Adepta! Admita!

– Não sou adepta, sou adotada – disse a menina. – Com certeza não sou adepta de nada, não consegue ver isso?

– Você é minha alma que veio me resgatar, posso sentir. Eu não aceito, eu não aceito. Não quero ter uma alma; a alma faz tudo ser eterno, e a vida já me torturou o suficiente.

A Bruxa puxou Dorothy para o corredor e ateou fogo na ponta da vassoura, transformando-a em uma tocha. Babá estava mancando escada acima encostada em Chistery, que carregava alguns pratos de pudim em uma bandeja.

– Eu tranquei todos eles na cozinha até eles pararem de fazer algazarra – resmungou Babá. – Esse tumulto, essa barulheira, essa briga selvagem, Babá não aceita, Babá está velha demais. Eles todos são feras.

Abaixo, nos recantos empoeirados de Kiamo Ko, o cachorro latiu uma ou duas vezes, o Leão rugia e batia na porta da cozinha, e Liir gritava:

– Dorothy, estamos chegando!

Mas a Bruxa virou e deu um chute, derrubando Babá. A velha rolou e escorregou, girando e girando, descendo as escadas, com Chistery correndo atrás dela consternado. A porta da cozinha tinha rompido as dobradiças, o Leão e Liir saíram tropeçando, caindo sobre a grande pilha de Babá no pé da escada.

– Levantem, levantem – gritou a Bruxa –, vou acabar com vocês antes que acabem comigo!

Dorothy tinha conseguido se libertar e subiu correndo os degraus em espiral da torre à frente da Bruxa. Só havia uma saída, e era pelo parapeito. A Bruxa seguia em boa velocidade, pois precisava terminar a tarefa antes que o Leão e Liir chegassem. Ela pegaria os sapatos e o Grimório, abandonaria Liir e Nor e desapareceria na natureza selvagem. Ela queimaria o livro e os sapatos e depois enterraria a si mesma.

Dorothy era uma figura escura, agachada, forçando vômito nas pedras.

– Você não respondeu à minha pergunta – falou a Bruxa, erguendo a tocha no alto, libertando espectros e fantasmas entre as sombras do castelo. – Você veio me caçar, e eu quero saber. Por que quer me matar?

A Bruxa bateu a porta atrás dela e a trancou. Tanto melhor.

A garota só conseguiu ofegar.

– Acha que não estão contando histórias sobre você em toda Oz? Acha que eu não sei que o Mágico a enviou aqui para levar provas de que eu estava morta?

– Ah, isso, isso é verdade, mas não foi por isso que eu vim!

– Não é possível que você seja uma mentirosa competente, não com essa cara! – A Bruxa ergueu a vassoura formando um ângulo. – Diga-me a verdade e, quando terminar, vou matar você, pois em épocas como esta, minha pequena, é

necessário matar antes de ser morta.

– Eu não conseguiria matar você. – A menina chorava. – Fiquei horrorizada por ter matado a sua irmã. Como eu poderia matar você também?

– Muito encantadora, muito simpática, muito tocante. Então, por que veio aqui?

– Sim, o Mágico me mandou matar você, mas eu nunca tive a intenção, não foi por isso que eu vim!

A Bruxa ergueu a vassoura ainda mais alto e mais perto, para olhar o rosto da menina.

– Quando eles disseram... quando eles disseram que era sua irmã, e que tínhamos de vir até aqui... era como uma sentença de prisão, e eu nunca quis... mas eu pensei, bem, eu vou até lá, e meus amigos vão comigo para me ajudar... e eu viria... e eu diria...

– Diria o quê? – indagou a Bruxa, incisiva.

– Eu diria – continuou a menina, se endireitando, cerrando os dentes – a você: será que você é capaz de me perdoar por aquele acidente, pela morte da sua irmã; algum dia vai me perdoar, pois eu jamais poderei me perdoar!

A Bruxa soltou um grito agudo, descrente. Mesmo agora o mundo virava ao avesso, ofendendo-a mais uma vez: Elfaba, que tinha sofrido com a recusa de perdão por parte de Sarima, agora ouvia uma criança gaguejando, implorando pela mesma piedade que sempre lhe fora negada? Como era possível tirar e dar tal coisa de seu próprio vazio?

Ela ficou presa, girando, tentando, cheia de vontade, mas de quê? Um fragmento das cerdas da vassoura escapou e grudou na sua saia, e houve um incêndio no seu colo, se espalhando pela parte mais seca dos Vinkus.

– Ah, esse pesadelo nunca vai acabar – gritou Dorothy, e pegou um balde com água de chuva que, na luz súbita das chamas, tinha aparecido. E disse: – Vou salvar você! – e jogou a água na Bruxa.

Um instante de dor aguda antes do entorpecimento. O mundo era uma enchente acima e fogo abaixo. Se havia alma, a alma tinha apostado em um tipo de batismo, e tinha vencido?

O corpo pede perdão à alma pelos seus erros, e a alma pede perdão por entrar no corpo sem ser convidada.

Um círculo de rostos em expectativa antes de a luz se apagar. Eles se movem nas sombras como fantasmas. Lá está mamãe, brincando com o cabelo; lá está Nessarose, carrancuda e desbotada como madeira ao sol. Lá está papai, perdido em suas reflexões, buscando a si mesmo nos rostos cruéis e suspeitos. Lá está Casco, sem ser ele mesmo apesar da aparente integridade.

Eles se transformam em outros; se tornam Babá em sua juventude, azeda e impertinente; e Ama Clutch e Ama Vimp e as outras Amas, agrupadas agora em uma mancha maternal. Elas se tornam Boq, doce e ágil e sincero, e sem se deixar abater; Croke e Tibbett em sua ansiedade divertida e extravagante para serem amados; Avaric em sua superioridade; e Glinda em seus vestidos,

esperando para ser boa o suficiente para merecer o que tem.

E aqueles cujas histórias terminaram: Manek, Madame Morrorosa, o doutor Dillamond e, principalmente, Fiyero, cujos diamantes azuis são os azuis da água e do fogo sulfuroso ao mesmo tempo. E aqueles cujas histórias são curiosamente sem fim – era para ser assim? – a princesa Nastoya dos scrows, cuja ajuda não chegou a tempo; e Liir, o misterioso menino abandonado, saindo do casulo. Sarima, que em sua acolhida e irmandade amorosas não perdoou, e as irmãs de Sarima e os filhos e o futuro e o passado...

E aqueles que sucumbiram ao Mágico, incluindo Mata Alegria e as outras criaturas residentes; e atrás deles o próprio Mágico, um fracasso até ele se exilar de sua própria terra; e atrás dele Yackle, quem quer que ela fosse, se é que era alguém, e as anônimas Adeptas, se é que existiam, e o anão, que não tinha nome para compartilhar.

E as criaturas de vidas transitórias, os agrupados, os caçados e os maltratados: o Leão, o Espantalho, o Homem de Lata mutilado. Saindo das sombras por um instante, aparecendo na luz; e depois voltando.

A Deusa dos Presentes por fim, estendendo os braços entre as chamas e a água, acalentando-a, cantando alguma coisa, mas as palavras não eram claras.

Oz se estendia a partir de Kiamo Ko umas boas centenas de quilômetros para o oeste e o norte, e ainda mais para o leste e o sul. Na noite em que a Bruxa Má do Oeste morreu, qualquer pessoa com olhos para ver tão bem poderia ter olhado pelo parapeito. A oeste, a lua estava nascendo sobre os Pastos de Mil Anos. Embora os pacíficos yunamatas se recusassem a se unir a eles, os clãs arjiki e os scrows iam se reunir para considerar um pacto de aliança, pois os exércitos do Mágico estavam se acumulando na Passagem de Kumbricia. O chefe arjiki e a princesa Nastoya concordaram em enviar uma delegação para a Bruxa do Oeste e pedir orientação e apoio. Enquanto eles brindavam a ela e lhe desejavam bem, nem uma hora depois de sua morte, os corvos mensageiros que Elfaba tinha despachado para pedir ajuda foram atacados por águias noturnas e devorados.

A lua estava dourada nas laterais dos Grandes Kells, e sombras prateadas se acomodavam nos vales dos Pequenos Kells. Os escorpiões das Areias Azedas saíram para picar, os skarks do Deserto de Thursk acasalavam em seus ninhos. No Altar de Kvon, praticantes de uma seita tão obscura que não tinha nome faziam suas oblações para as almas dos mortos, supondo, como a maioria, que os mortos tinham almas.

A província de Quadling, uma terra desolada de lama e sapos, apodreceu silenciosamente durante toda a noite, exceto por um incidente em Qhoyre. Um Crocodilo entrou em uma maternidade e mastigou um bebezinho. O Animal foi destruído, e ambos os corpos foram cremados, com muito pranto e raiva.

Em Gillikin, os bancos revolveram o dinheiro para mantê-lo fresco e vibrante, as fábricas giraram os estoques, os comerciantes trocaram as esposas, os alunos de Shiz recusaram propostas intelectuais, e a força de trabalho tiquetaque se encontrou secretamente, no local que costumava se chamar Clube de Filosofia, para ouvir o libertado e triste Grommetik falar de revolução das classes. Lady Glinda teve uma noite ruim, uma noite de abalos, arrependimentos e dor; achou que eram os sinais iniciais de gota por causa de sua dieta rica. Mas ela se sentou durante metade da noite e acendeu uma vela na janela, por razões que ela não conseguia articular. A lua passou por cima de sua cabeça vindo dos Vinkus, ela sentiu um holofote acusatório e se afastou das janelas altas.

Do outro lado da cadeia baixa de montanhas conhecidas como as Madeleines, entrando no Cesto de Milho, entrando pelas janelas de Solos de Colwen, a lua continuava sua jornada. Frex estava dormindo, sonhando com Coração de Tartaruga e, sim, com Melena, sua bela Melena, fazendo café da manhã para ele no dia em que ele foi pregar contra o relógio maligno. Melena era uma onda de beleza, enorme como o mundo, lhe dando coragem, ousadia, amor. Frex mal se mexeu quando Casco entrou na ponta dos pés, voltando de algum ponto de encontro clandestino, e se sentou na lateral de sua cama. Ele não tinha certeza se o pai havia notado, se de fato acordou.

– O que eu nunca consegui entender eram os dentes – murmurou Frex –, por que aqueles dentes?

– Quem sabe? – comentou Casco com carinho, sem entender o murmúrio sonhador.

A lua sobre a Cidade das Esmeraldas? Não dava para ver; as luzes eram muito claras, a energia, muito alta, os espíritos, muito agitados. Ninguém a procurava. Em um quarto, surpreendentemente vazio e simples para alguém tão poderoso e elevado, o insone Mágico de Oz esfregou a sobancelha e se perguntou por quanto tempo sua sorte permaneceria. Ele se perguntava a mesma coisa havia quarenta anos e tinha esperado que a sorte começasse a parecer habitual, merecida. Mas ele ouvia os ratos roendo nas fundações do Palácio. A chegada da tal Dorothy Gale, do Kansas, era um aviso, ele sabia; ele soube no instante em que viu seu rosto. Não havia mais sentido em buscar o Grimório. Seu anjo vingador tinha vindo chamá-lo para casa. Um suicídio o aguardava na volta ao seu mundo, e agora ele já devia ter aprendido como realizá-lo com sucesso.

Ele tinha enviado Dorothy, presa àqueles sapatos como ela estava, para matar a Bruxa. Enviou uma menina para fazer o trabalho de um homem. Se a Bruxa vencesse – bem, a garota problemática estaria fora do caminho. Perversamente, no entanto, de um jeito paternal, ele meio que esperava que Dorothy conseguisse passar bem pelos testes.

A morte da Bruxa Má do Oeste se tornou um evento comemorativo. Foi classificado como assassinato político ou morte rentável. A descrição de Dorothy do que aconteceu foi considerada autoengano, na melhor hipótese, ou uma mentira descarada. Assassinato ou morte por piedade ou por acidente, de um jeito indireto, ajudou a livrar o país de seu ditador.

Dorothy, mais impressionada do que nunca, voltou à Cidade das Esmeraldas com o Leão, o Homem de Lata, o Espantalho e Liir. Lá, ela teve sua segunda famosa audiência com o Mágico. Talvez ele tenha tentado tirar os sapatos dela outra vez para seus objetivos próprios, e talvez Dorothy tenha passado a perna nele, instigada pelos avisos da Bruxa. De qualquer maneira, ela apresentou a ele algo da casa da Bruxa para provar que tinha estado lá. A vassoura tinha queimado e estava irreconhecível, e o Grimório parecia inconveniente demais para carregar, então ela levou a garrafa de vidro verde que dizia ELIXIR MILAGR... no papel colado à frente.

Pode ter sido apenas duvidoso que, quando o Mágico viu a garrafa de vidro, ele ofegou e agarrou o coração. A história é contada de muitas maneiras, dependendo de quem está contando e do que precisa ser ouvido na época. É uma questão de história, no entanto, que pouco tempo depois, o Mágico fugiu do Palácio. Ele saiu do mesmo jeito que tinha chegado – em um balão de ar quente – apenas poucas horas antes de ministros subversivos estarem prestes a liderar uma revolta no Palácio e promover uma execução sem julgamento.

Muita bobagem circulou sobre como Dorothy saiu de Oz. Alguns dizem que ela nunca saiu; dizem, como falavam antes sobre Ozma, que ela estava escondida, disfarçada, paciente como uma donzela, esperando para voltar e aparecer outra vez. Outros insistiam que ela havia voado para o céu como uma

santa ascendendo para o Outro Mundo, acenando seu avental com vertigem e agarrando o maldito cachorro idiota.

Liir desapareceu no mar de humanidade da Cidade das Esmeraldas, para caçar sua meia-irmã, Nor. Não se ouviu falar dele por um tempo.

O que quer que tenha acontecido com os sapatos originais, todos se lembravam deles como sendo lindos, até mesmo maravilhosos. Imitações bem-feitas de marcas estavam sempre disponíveis e se mantiveram na moda por muito tempo. Os sapatos ou suas réplicas, com a sugestão de mágica residual, apareceram em tantas cerimônias públicas que, como as relíquias dos santos, começaram a se multiplicar para atender às necessidades.

E a Bruxa? Na vida de uma Bruxa, não existe depois, no sempre de uma Bruxa, não existe felicidade; na história de uma Bruxa, não há posfácio. Dessa parte que vai além da história de vida, além da história da vida, não há – felizmente – o que contar. Ela estava morta, morta e desaparecida, e tudo que restou dela foi o casco de sua reputação de maldade.

– E lá a velha Bruxa má ficou por um bom tempo.

– E algum dia ela saiu de lá?

– Ainda não.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que leram este livro no início: Moses Cardona, Rafique Keshavjee, Betty Levin e William Reiss. Suas opiniões sempre foram de grande auxílio. Todas as imperfeições que permaneceram no livro são culpa minha.

Gostaria de agradecer também a Judith Regan, Matt Roshkow, David Groff e Pamela Goddard pela recepção calorosa a *Wicked*.

Por fim, algumas palavras de gratidão aos amigos com quem conversei a respeito do mal nos últimos anos: são muito numerosos para listar todos eles, mas incluem Linda Cavanagh, Debbie Kirsch, Roger e Martha Mock, Katie O'Brien e Maureen Vecchione; a turma de Edgartown, Massachusetts; e meu irmão, Joseph Maguire, de quem peguei emprestadas algumas ideias. Por favor, não me processe.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

PRÓLOGO

I – Munchkins

A RAIZ DO MAL

O RELÓGIO DO DRAGÃO DO TEMPO

O NASCIMENTO DE UMA BRUXA

MOLÉSTIAS E REMÉDIOS

O SOPRADOR DE VIDRO DE QUADLING

GEOGRAFIA DO VISÍVEL E DO INVISÍVEL

BRINCADEIRA DE CRIANÇA

ESCURIDÃO À FRENTE

II – Gillikins

GALINDA

BOQ

O CÍRCULO ENCANTADO

III – Cidade das Esmeraldas

IV – Nos Vinkus

A VIAGEM DE PARTIDA

OS PORTÕES DE JASPE DE KIAMO KO

INSURREIÇÕES

V – O assassinato e a vida após a morte

AGRADECIMENTOS